

CONGREGAÇÃO DOS POBRES SERVOS DA DIVINA PROVIDÊNCIA –
VERONA

HISTÓRIA DA OBRA PE. CALÁBRIA

EDIÇÕES CCSC

Verona - 2012

PAOLA DAL TOSO

**A CONGREGAÇÃO DAS POBRES SERVAS DA DIVINA
PROVIDÊNCIA**

1910-1954

III

EDIÇÕES CCSC

Verona - 2012

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO PRIMEIRO	
O CONTEXTO SOCIOCULTURAL	29
Premissa	29
A concepção social da mulher	29
A educação religiosa feminina	31
A instrução escolar	35
O trabalho em casa, nos campos e nas primeiras fábricas	41
Novas congregações religiosas femininas	47
Tímidos sinais inovadores	52
CAPÍTULO SEGUNDO	
ÀS ORIGENS	57
Primeiros apoios no cuidado de crianças e jovens	57
A ajuda das Irmãs da Misericórdia	63
“Assim nasceram as Irmãs dos Pobres Servos”	69
CAPÍTULO TERCEIRO	
A PRIMEIRA DÉCADA	73
Na casinha Giusti – “Piccolissima Casa di Nazareth”	73
As primeiras Irmãs (período 1911-1914)	75
No estilo da Casa de Nazaré	85
A ação formativa do Pe. Calábria	88
Na Casa San Benedetto (7 de dezembro de 1914-1920)	94
As acolhidas	102

A vida comunitária	108
A assistência espiritual do Pe. Giambattista Battisti	113
Os primeiros lutos	115
<i>Sede perfectos</i> , antologia de escritos espirituais da Irmã Maria Galbusera	119

CAPÍTULO QUARTO

REGRAS DE VIDA E VOTO DE ABANDONO 123

As Regras de 1915	123
Nas mãos da divina Providência	124
O voto de abandono	126
Os três votos e a caridade: segredo de toda a vida religiosa	127
Os encargos	130

CAPÍTULO QUINTO

ESTE: A DIFÍCIL GESTAÇÃO DO RAMO FEMININO DA OBRA 133

A “Casa del Santissimo Redentore”	133
A adoração eucarística	138
As condições de vida	143
A vestição das “Servas dos Pobres”	156
O pomo da discórdia	164
As <i>Constituições</i> redigidas pelo Pe. Battisti	169
As acolhidas que ingressaram em Este	173
Os horários do dia	174
O fechamento do setor “Irmãs” da Casa de Este	175
A mudança de gestão	183

CAPÍTULO SEXTO

A PRESENÇA EM COSTOZZA 191

A chegada das Irmãs	191
A fadiga do trabalho	198

A clausura e a colaboração entre Irmãos e Irmãs	204
A Superiora da Casa e sua submissão direta ao Pe. Calábria	210
CAPÍTULO SÉTIMO	
1924-1928: O PERÍODO DA SISTEMATIZAÇÃO	215
A diáspora	215
Em San Zeno in Monte	216
No bispado	218
Na casa de saúde da Rua Pilastroni, em Brescia	221
“Madonna di Campagna”	236
Instituto feminino “Nostra Signora di Lourdes”	241
CAPÍTULO OITAVO	
RUMO A UM DESENVOLVIMENTO DO RAMO DAS IRMÃS	243
Uma importante “reunião extraordinária”	243
O pensamento do Pe. Battisti referente à Casa-Mãe	245
Ainda sobre a questão do hábito...	250
Outras decisões referentes às Irmãs	252
Irmã Imelda – Maria Fannio, Superiora geral	255
A “virada” de setembro de 1926	261
Pe. Albano Bussinello, novo assistente eclesiástico	262
O renascimento	264
CAPÍTULO NONO	
OS “CADERNOS” DAS REGRAS E O REGULAMENTO DE 1928	269
Os “Cadernos” das <i>Regras</i> redigidas pela Irmã Imelda – Maria Fannio	269
Alguns aspectos dignos de nota	272
O <i>Regulamento de 1928</i>	275
Das <i>Regras</i> à vida	280

CAPÍTULO DÉCIMO

AS IRMÃS ESCREVEM AO PAI NOS ANOS VINTE 283

Premissa 283

O espírito de família 285

Proximidade espiritual na oração 292

Com olhos de fé 298

Quando sou frágil então é que sou forte! 304

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

O REGULAMENTO DE 1935 309

Premissa 309

As principais características 310

CAPÍTULO DÉCIMO SEGUNDO

A “VOZ” DAS IRMÃS NAS CARTAS DOS ANOS TRINTA 315

Premissa 315

Modalidades respeitosas e afetuosas de se dirigir ao Pai 315

Com simplicidade 318

O desejo filial de encontro 319

A lembrança recíproca na oração 321

O abandono confiante 325

Promessas de empenho 326

O reconhecimento 327

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

OS ANOS TRINTA-QUARENTA 329

À direção das Irmãs 329

A Casa-Mãe Santa Toscana 336

“Os móveis” 344

O noviciado	345
A obra do Abade Caronti em favor das Irmãs	351
O nascimento do conselho	358
Os bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial	362
O parecer solicitado ao Cardeal Piazza	365
O esboço das <i>Constituições</i> redigidas pelo Pe. Pedrollo	368
A presença do Pe. Calábria	372

CAPÍTULO DÉCIMO QUARTO

AS ABERTURAS 375

Premissa	375
Gargagnago e Sant' Ambrogio di Valpolicella	376
Casa Nazareth	378
Castelcerino di Soave	379
Casa “Santo Curato d’Ars”	382
San Filippo Neri alla Pinetta Sacchetti (Roma)	387
San Pancrazio	391
Maguzzano	395
Villa Garda	396
Roncà (Vicenza)	396
Costozza (Vicenza)	398
Casa San Pio V – Primavalle (Roma)	400
Ronco all’ Adige	402
Roverchiaretta	404
Casa San Benedetto	411
Borgata Gordiani (Roma)	412
San Mattia	414
Casa Santa Toscana	417

CAPÍTULO DÉCIMO QUINTO

O RECONHECIMENTO DIOCESANO 421

Fase preparatória da aprovação canônica	421
Irmã Inês Cogo, Superiora geral	424
Aperfeiçoamento do texto das <i>Constituições</i>	427
Revisões do Pe. Calábria	432
Ereção do Instituto e aprovação das <i>Constituições</i>	435
O texto das <i>Constituições</i> aprovadas	439
O respeito dos espaços reservados	442
Esclarecimentos jurídicos e primeiras profissões religiosas	444

CAPÍTULO DÉCIMO SEXTO

UMA EXPERIÊNCIA NOVA NO CAMPO EDUCACIONAL 447

O Instituto “Pie Fanciulle”	447
A possibilidade de começar uma atividade própria	453
O difícil serviço educativo	459
Algumas recordações	462

CAPÍTULO DÉCIMO SÉTIMO

PRIMEIROS PASSOS APÓS A APROVAÇÃO 309

Novas aberturas e atividades	465
A direção do Pe. Luiz Pedrollo	469
Um nome todo para ser vivido	471
Quanto à relação com os Irmãos	476
“L’Amico” recorda as Irmãs	483
Voar alto	488

APÊNDICES

APÊNDICE I

PERFIS BIOGRÁFICOS	493
---------------------------	-----

Premissa	493
1.1 Perfis das primeiras Irmãs	495
- Angelina De Battisti – Irmã Vincenzina de Jesus (1861-1929)	495
- Lavinia Julia Maria Perez (1863-1918)	504
- Adele Carli – Irmã Serafina de Jesus (1891-1965)	523
- Laura Fossati – Irmã Tarcisia de Jesus (1874-1958)	526
- Angelina Dresda (1885-1919)	529
- Ida Maria Meneghetti – Irmã Gertrude de Jesus (1891-1981)	532
- Maria Olian Fannio – Irmã Imelda de Jesus (1863-1939)	534
- Natália Fainelli – Irmã Maria de Jesus (1892-1953)	542
- Maria Galbusera (1874-1917)	550
1.2 Perfis de outras Irmãs	560
1.3 Perfis das Irmãs falecidas em Este	573
1.4 Perfis das Irmãs que entraram em Este	578

APÊNDICE II

AS PRIMEIRAS IRMÃS (QUE ENTRARAM ENTRE 1910 E 1921)	587
---	-----

APÊNDICE III

ELENCO DAS POBRES SERVAS DA DIVINA PROVIDÊNCIA FALECIDAS	591
--	-----

APÊNDICE IV

CRONOLOGIA DAS MADRES GERAIS, ASSISTENTES ESPIRITUAIS E CASANTES	
--	--

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria e reconhecimento ao Senhor que, depois de ter celebrado o nosso primeiro centenário de fundação, disponho-me a apresentar o *III Volume da História da Obra Pe. Calábria: a Congregação das Pobres Servas da Divina Providência*, redigido pela Dra. Paola Dal Toso (Universidade de Verona), a qual, como instrumento da Providência, pôs à disposição tempo, competência e paixão para trazer à luz fatos e eventos da nossa história.

A autora, por ser ótima pesquisadora histórica, conseguiu recolher a partir de diversas fontes um rico material, que lhe permitiu descobrir e seguir o fio condutor que determinou o início e o desenvolvimento da Família Religiosa das Pobres Servas da Divina Providência. Através destas páginas, apesar de não ter a autora a intenção de elaborar uma obra espiritual, nem a de avaliar os fatos à luz do carisma, pode-se compreender como a Providência guiou São João Calábria e mais tarde as Irmãs a tecer uma história que não é feita apenas pelos homens, mas querida e conduzida por Deus.

Refazer hoje esta história faz-nos entender como o projeto de Deus tenha estado presente desde as origens. A Obra de Deus, com efeito, jamais é algo de ocasional, que cresce e se desenvolve improvisamente, mas uma realidade que abraça toda a existência e que contém, desde os albores do seu nascimento, aqueles elementos característicos próprios que aos poucos se desenvolverão no futuro. Trata-se, com certeza, de uma semente escondida, mas nela podemos já reconhecer, para além das aparências dos acontecimentos e dos fatos que a compõem, a manifestação de Deus, um Deus que é Pai, cuja presença amorosa pode-se entrever nitidamente ao longo do difícil parto que foi o nascimento e o desenvolvimento inicial da nossa Obra.

*A Obra das Irmãs foi o Senhor quem a quis... O próprio São João Calábria, mais tarde, contou às Irmãs que aquele início não havia sido propriamente um projeto dele, mas um desígnio do Senhor. Assim escrevia: “Foi o Senhor, sem que isso me passasse pela cabeça, que por meio de várias circunstâncias me impeliu, eu quase diria, que docemente me obrigou, a reunir piedosas mulheres que se dispusessem a coadjuvar os Irmãos nas tarefas mais apropriadas ao sexo feminino, para o bem das pobres criaturas abandonadas, recolhidas nos pavilhões da divina Providência”.*¹

¹ CALABRIA, G. *Lettere alle Sorelle*, ottobre 1946, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01942.

São João Calábria, sempre muito atento à vontade de Deus, foi gradualmente compreendendo o projeto que o Senhor tinha acerca das Irmãs: se no começo ele tinha sentido a exigência de contar com a presença da mulher naquelas tarefas que são mais adequadas ao seu papel feminino, com o passar do tempo e através dos muitos acontecimentos difíceis e sofridos ele mesmo chegou a compreender que, ao lado dos Pobres Servos, o Senhor desde sempre havia pensado também nas Irmãs, para que juntos, na complementaridade e na alteridade, pudessem manifestar o coração de Deus “*que é Pai e Mãe, tudo*”. Por isso a Obra está representada por homens e mulheres (religiosos/as – sacerdotes – leigos) como ramos de um mesmo tronco, no qual um não pode viver sem o outro, pois se complementam mutuamente e refletem as duas dimensões do mesmo Deus que é Pai e Mãe.

A autora evidenciou muito bem como o caminho de santidade que caracterizou a vida das nossas primeiras Irmãs não se concretizou através de fatos clamorosos ou prestigiosos aos olhos do mundo, mas se desenvolveu nas condições mais humildes e ordinárias da vida quotidiana, no silêncio e no maior escondimento. As Irmãs, através da ação do Espírito Santo, souberam colher, mesmo nos mais ínfimos fragmentos da vida, a silenciosa presença de Deus; tudo dEle provinha como dom e tudo a Ele retornava como oferta. Souberam viver cada situação num constante *abandono*, cheio de confiança, nas ternas e amorosas mãos da divina Providência.

Sobretudo nas páginas mais escuras da história, durante o período da diáspora pós-Este, diante das contradições que humanamente pareciam pôr na penumbra o rosto paterno de Deus, estas Irmãs souberam colher e reconhecer a Sua presença de Pai também quando Ele se revelava na forma mais desconcertante, que é a da ausência. Deus nos fala sempre, mesmo no silêncio, mesmo quando a sua voz não é mais audível, porque para nós é sempre Pai.

Estas páginas, além disso, revelam como as Irmãs souberam não só amar, mas também educar ao amor muitas crianças e jovens, aos quais diariamente elas serviam nas tarefas que lhes eram confiadas. Totalmente esquecidas de si, jamais se preocuparam em oferecer apenas serviços ou simplesmente preparar coisas, mas em ser para eles fonte secreta de luz e de consolação. Quanto mais as Irmãs ficavam escondidas, mesmo atrás de uma roda, mais conseguiam entrar no coração daqueles que, ainda que fugazmente, se aproximavam, comunicando-lhes através de simples gestos de cada dia a presença de Deus mesmo.

Dos textos destas Irmãs, trazidos à luz neste precioso trabalho, transparece que desde o começo as Irmãs não só tinham consciência de serem “*Irmãs dos Irmãos Pobres Servos*”, chamadas assim a dar completude ao carisma, mas progressivamente amadureciam a escolha de doar a sua vida pela Igreja e pelos seus ministros, os Sacerdotes, partilhando com o Pe. Calábria a sua oferta e a Missão Reparadora, pela Obra, pela Igreja e por toda a humanidade.

Por isso Pe. Calábria, em muitíssimos dos seus textos, recomendou-nos não apenas lembrar, mas também estudar e aprofundar o exemplo de vida que estas primeiras Irmãs nos deixaram. Em várias ocasiões ele as definiu “*todas santas*”,² “*verdadeiras santas*”,³ “*fundamento da Obra*”,⁴ “*autênticas Pobres Servas*”.⁵

Embora a elaboração do texto tenha seguido critérios históricos e científicos – trata-se, efetivamente, de um trabalho apaixonado de pesquisa entregue à responsabilidade da autora – creio que a sua publicação seja indubitavelmente de grande valor, não só para nós Pobres Servas, mas para todos os componentes da Obra. Os acontecimentos nele descritos representam hoje um forte “sinal de contradição” em relação à mentalidade corrente, um contraste que, se por um lado questiona e inquieta os ânimos, por outro os atrai, porque o Amor, o autêntico Amor, seduz e conquista.

Através dos acontecimentos apresentados podemos, além disso, descobrir novos aspectos da grande santidade do Pe. Calábria e, com a dele, também a de tantas nossas Irmãs, que souberam afrontar a dureza inicial com uma fé heróica e com grande caridade e humildade.

Para concluir eu gostaria de expressar um agradecimento especial àqueles que, nestes anos, através de um trabalho precioso e escondido, dedicaram-se a trazer à luz esta história cuja reconstrução não foi fácil.

Hoje, através da ajuda preciosa da Dra. Paola Dal Toso e do Prof. José Perazzolo, que com grande competência e generosidade dedicaram forças e energias à pesquisa e ao estudo, podemos lembrar esta singular história de Deus.

Publicar este livro em concomitância com a abertura do Ano da Fé, convocado pelo Papa Bento XVI, assim como, na Obra, através da Carta do Casante, com o

² Ibid.

³ CALABRIA, G. *Pro memoria delle Sorelle*, non datato, AHPSDP, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 36, b. 05914. Este documento presumivelmente remonta a 22 de junho de 1944, conforme anotação feita pelo arquivista.

⁴ CALABRIA, G. *Lettere alle Sorelle*, 20 aprile 1947, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01984.

⁵ Num texto em que o Pe. Pedrollo faz referência às origens das Irmãs, afirma-se: “*O Pai nomeia algumas Santas autênticas, e não as nomeia todas*”.

aprofundamento do tema da Reparação, não é uma simples coincidência, mas um sinal a mais de bênção e de graça, que a Providência concede a nós como Congregação, para que através desse texto possamos abraçar, com grande empenho, aquele caminho de fé e de santidade que São João Calábria e os nossos primeiros Irmãos e Irmãs nos testemunharam.

A esperança, aquela que nos projeta com confiança para o futuro, encontra sempre as suas raízes mais profundas na memória daquilo que passou, daquilo que experimentamos e vivemos. É justamente partindo da recordação, mantendo vivo no nosso coração tudo aquilo que Deus realizou ao longo destes cem anos de vida da nossa Família Religiosa, que nós todas, Irmãs, jovens e menos jovens, de diferentes culturas, raças e continentes, podemos olhar para o futuro, não tanto tendo por base um projeto nosso, mas abandonando-nos com fé e confiança no caminho que Deus já preparou para nós.

8 de outubro de 2012.

Festa litúrgica de São João Calábria

MADRE MARIA CHIARA GRIGOLINI

INTRODUÇÃO

A importância de voltar às raízes

A reconstrução do desenvolvimento histórico de uma família religiosa tem como primeiro objetivo redesenhar o caminho percorrido para poder preservar a sua memória, lembrando aquilo que o Senhor cumpriu e a missão confiada na Igreja. O contributo na reconstrução do desenvolvimento de uma congregação religiosa ao longo do tempo e da sua difusão no âmbito de um território implica não apenas reevocar suas etapas mais salientes, mas também voltar às raízes originárias, o que contribui para tomar maior consciência da própria identidade. Isso leva também a manifestar o reconhecimento profundo por aquelas Irmãs que, com grande generosidade e esquecimento de si, colocaram à disposição forças, energias e sacrifícios para dar continuidade à tradução concreta de um carisma específico e caracterizador do Instituto no qual se consagraram.

As pesquisas de história da religiosidade e da espiritualidade evidenciam a inadequação de textos de tipo hagiográfico e a necessidade de elaborar contributos com critérios científicos. Contextualizar o período inicial, os primeiros passos, o desenvolvimento posterior de uma experiência de qualquer tipo num determinado ambiente, descrevendo seus traços característicos do ponto de vista sociocultural, econômico, político e religioso permite compreender a dimensão espiritual de forma ainda mais profunda e colher mais apropriadamente a sua relevância e incisividade.

É esta tentativa que se buscou fazer delineando o lento e difícil itinerário evolutivo das Pobres Servas da Divina Providência, que certamente não pode ser confrontado com outras instituições religiosas cujo florescimento é observado desde o momento em que surgiram. Em número mais reduzido se comparadas com outras congregações, as Irmãs sempre se deixaram guiar pela fé, pela confiança e pelo completo abandono à divina Providência durante os seus mais de cem anos de história. Se estes podem parecer poucos, reler o percurso feito neste período de tempo implica compreender melhor o hoje e projetar o futuro na fidelidade à inspiração originária.

O ramo feminino da obra tem seu impulso inicial no período imediatamente precedente ao começo da Primeira Guerra Mundial, certamente um período difícil do ponto de vista socioeconômico. É evidente que naquele momento inicial o Pe. Calábria

não tinha um projeto claro em sua mente; o que ele tinha era uma intuição, que progressivamente foi se desenvolvendo ao longo dos primeiros quarenta anos até chegar ao reconhecimento diocesano. Assim, a identidade e o fim específico das Pobres Servas delinearão-se de forma lenta, embora progressiva, mesmo em meio a numerosas dificuldades e várias tentativas de identificar o seu preciso campo de ação pastoral e de serviço na Igreja.

Retornar, portanto, à inspiração originária do Pe. Calábria e reler os primeiros anos de história das Irmãs, permite-nos voltar às raízes para evidenciar a sua especificidade, para assim poder confrontar as linhas de desenvolvimento projetivo e de compromisso futuro.

As perspectivas de futuro

Para quem não conhece as Pobres Servas da Divina Providência, este texto pode dar uma ideia da evolução do seu desenvolvimento. Emerge um caminho no qual é possível colher traços peculiares, especificidades e intuições que se configuram como novidades em relação à realidade sociocultural do momento histórico, que hoje, com a distância de tempo que nos separa, é possível reler descobrindo também significados implícitos que talvez na época as Irmãs não compreendessem plenamente, empenhadas como estavam no serviço, mas dos quais certamente intuía toda a sua dimensão.

Este trabalho não quer ser um manual de história, nem uma coletânea de narrações para eventualmente lembrar com saudades dos “bons tempos passados”, embora para as Irmãs mais idosas talvez possa ser prazeroso reencontrar descritos fatos e acontecimentos vividos em primeira pessoa, lembrados e guardados até agora apenas no coração.

Para as Irmãs mais jovens, mas não só para elas, será interessante conhecer as experiências passadas que constituem a história e a tradição e dar-se conta dos esforços feitos para continuar a viver concretamente a espiritualidade específica. Examinando com atenção o percurso cumprido emergem valores ainda vivos hoje, que constituem recursos para afrontar os desafios do tempo presente. A releitura da extraordinária herança das Pobres Servas da Divina Providência permite reencontrar as fontes da melhor tradição, identificar o carisma do Instituto, esclarecer e rever os termos ideais e operativos do projeto educativo para o hoje, repensar as linhas de força para traduzi-las em novas iniciativas: as marcas do passado contêm as sementes do futuro. Voltar às

origens para tomar consciência das próprias raízes significa favorecer uma projeção sempre mais fiel à intuição originária e ajuda também a assumir com maior consciência e intencionalidade a responsabilidade de testemunhar e traduzir de modo ativo o carisma.

A exemplaridade

Os perfis das Irmãs apresentados no Apêndice são propostos como exemplos de itinerários que levam a amadurecer a decisão definitiva e irrevogável de consagrar-se ao Senhor, numa união íntima, de abandono confiante nEle. Pode-se constatar como a intensa vida espiritual e a experiência contemplativa são conjugadas com uma grande carga de trabalho que recai sobre cada Irmã. O reduzido contingente obriga a uma intensa atividade de serviço que parece requerer forças sobre-humanas, que só pode ser desenvolvida graças a uma profunda vida interior. A Pobre Serva poderia ser definida quase uma “mística do trabalho”, uma mulher que sabe estar profunda e intimamente ligada ao seu Senhor, mesmo envolvida em mil afazeres.

Não há dúvida que o Pe. João Calábria tinha grande estima pelas Irmãs. Numa carta escrita por ocasião dos exercícios espirituais realizados em outubro de 1946 ele recomenda a fidelidade às finalidades e ao espírito originário pelo qual nasceram as Pobres Servas da Divina Providência: *“Irmã Angelina De Battisti, Maria Galbusera, Lavinia Perez, Imelda Fannio e as outras, cujos exemplos vocês devem seguir e ter sempre presente na mente e no coração, se quiserem corresponder às grandes graças que o Senhor lhes fez e tornar-se dignas de graças sempre maiores”*.¹

Numa outra carta, escrita em 20 de abril de 1947, Pe. Calábria repete: *“Recomendo-lhes que imitem e estudem o exemplo das primeiras Irmãs, fundamento da Obra: Irmã Angelina, Galbusera, Fannio, Lavinia Perez etc.”*.² Referindo-se às origens, numa anotação não datada, acrescenta no final: *“P.S.: Seria muito bom, como exemplo, falar da vida das primeiras Irmãs: Angelina, Perez, Fannio, Galbusera, e algumas outras, verdadeiras santas”*.³

¹ CALABRIA, G. *Lettere alle Sorelle*, ottobre 1946, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01942.

² CALABRIA, G. *Lettere alle Sorelle*, 20 aprile 1947, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01984.

³ CALABRIA, G. *Pro memoria delle Sorelle*, non datato, AHPSaDP, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 36, b. 05914. Este documento presumivelmente remonta a 22 de junho de 1944, conforme anotação encontrada sobre o documento feita pelo arquivista (cf. n. 43, c. 2).

Em várias mensagens o Pai recorda algumas Irmãs que viveram de modo realmente exemplar, conseqüentemente propondo-as como referências a serem seguidas. Por exemplo: “*Santamente anteontem à noite expirou a Irmã Imelda Fannio, uma das primeiras*”.⁴ Em várias outras ocasiões refere-se às primeiras nove Irmãs definindo-as “colunas”.

Foram levadas em consideração as primeiras Irmãs, as que entraram até o final dos anos 20. Das primeiras nove, foram reproduzidos todos os escritos, sobretudo para dar a possibilidade de poder facilmente ter acesso à espiritualidade que caracterizou as origens. Quanto aos textos escritos por Maria Olian Fannio – Irmã Imelda, limitamo-nos a uma significativa seleção. No que se refere à Irmã Maria Galbusera, remetemos à leitura dos textos editados, embora outros merecessem atenção, como indicaremos mais adiante. O mesmo diga-se a respeito dos manuscritos da Irmã Maria – Natália Fainelli.

Outras possíveis pistas de pesquisa

Com a intenção de tentar preencher alguns “vazios” históricos, o presente texto quis ser um primeiro contributo, ao qual, se espera, possam seguir-se outros. Trata-se, portanto, de uma primeira base, para sucessivos posteriores estudos que poderiam estar voltados ao desenvolvimento de temas específicos. Dentre estes o mais relevante é indubitavelmente representado pela espiritualidade, que apresenta traços totalmente singulares, por exemplo, na vasta produção escrita pela Irmã Maria – Natália Fainelli, particularmente atenta à oração pelas vocações sacerdotais, bem como à sua santificação.

Devem ser estudadas com atenção também as inúmeras cartas de Maria Galbusera, cuja grafia não é de fácil leitura, pois a sua presença na Obra, apesar de ter sido breve, influenciou muito o grupo das primeiras Irmãs.

Outro tema que merece aprofundamento, embora não tão simples assim, é a pesquisa sobre quanto, no interior do contexto histórico cultural do tempo, o percurso histórico das Pobres Servas da Divina Providência apresente traços de originalidade em relação ao ser não só consagrada, mas antes ainda mulher. Deste ponto de vista o conteúdo dos diários espirituais, das cartas e dos escritos é caracterizado pela escolha consciente de buscar viver a humildade, o abandono e o cancelamento de si, juntamente

⁴ CALABRIA, G. *Diario VI Quaderno “Mio Diario”* [1935-1939], 14 febbraio 1939, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 6, b. N 02611.

com a centralidade de categorias religiosas tais como a penitência, o sacrifício e a obediência. Uma análise apressada e superficial levar ao risco de uma leitura e de uma interpretação que acabem sendo um simples reflexo do modo de ser mulher no ambiente social vêneto. Um exame mais aprofundado poderia interessar-se a descobrir como, na consagração e na relação pessoal com o Outro, a Pobre Serva exprime não apenas a sua própria escolha de vida, mas toda si mesma, a sua feminilidade, o seu mundo interior.

Motivadas pela escolha de consagrar a Deus a existência – uma decisão, em alguns casos, amadurecida já em idade adulta – e cultivando uma relação espiritual pessoal e vital, nele souberam encontrar energias para gastar a sua própria vida a serviço dos outros, na consciência de que não há amor maior do que dedicar-se aos irmãos. A profunda ligação, a união íntima com o Outro e o abandono total e confiante nEle continuamente renovado levam as Irmãs a saber conjugar a dimensão espiritual, por vezes também com traços de contemplação mística, com o compromisso ativo, com a grande carga de trabalho, tão pesado que em alguns casos acaba por esgotar todas as forças físicas. Foi assim que, na ordinariedade de cada dia, certamente não apenas em palavras, com coragem souberam testemunhar a sua fé cultivada no interior de um Instituto ainda não reconhecido em nível eclesial e com uma configuração ainda não precisamente delineada. Além do mais, em não poucos casos renunciaram, com uma certa dose de risco, a outras possibilidades de realização pessoal que surgiam no âmbito social ao qual pertenciam.

Enfim, mereceriam ser examinadas as modalidades com as quais as Irmãs souberam estabelecer relações interpessoais particularmente com os menores cujo cuidado assumiram, oferecendo-lhes uma contribuição educativa de grande significado para o seu crescimento, como se pode ver em alguns testemunhos prestados. Tal intencionalidade educativa representa também um aporte específico à história não só eclesial, mas também civil. Atuando no escondimento, sem ter seus nomes aparecendo nas colunas sociais, sem glamour, as Irmãs foram ativas na quotidianidade concreta do dia após dia nos contextos locais onde se fizeram presentes, desempenhando um serviço com generosidade e paixão, com entusiasmo e fidelidade.

As dificuldades de reconstruir uma história

A pesquisa para chegar à elaboração da reconstrução histórica dos primeiros cem anos de vida das Pobres Servas da Divina Providência não foi simples, tanto que as

dificuldades comportaram tempos de trabalho mais longos do que os inicialmente previstos.

Acima de tudo é preciso lembrar que o espírito que desde o começo animou as Irmãs, isto é, viver no escondimento, leva também a acolher aquele estilo típico provavelmente da vida religiosa daquela época, ou seja, não deixar qualquer marca de si e, por consequência, eliminar, destruir e queimar todo e qualquer eventual traço pessoal, mais ainda se for escrito. E se a Irmã não conseguisse fazer isso pessoalmente ela o manifestava como vontade a ser seguida, no final de sua existência. Não deve causar estranheza que ainda nas *Regras de vida* escritas em 1915 esteja dito que “*sem permissão não se pode [...] manter manuscritos, mesmo que sejam espirituais*”.

A este fato acrescente-se que não só não há nenhuma ação específica voltada à coleta de documentação útil do ponto de vista histórico, mas havia uma preocupação diária que era de outro tipo: a vida de oração e o serviço absorviam todas as energias físicas das Irmãs, de tal modo que, dentre outras coisas, em alguns momentos encontravam-se passando por condições de vida no limite da sobrevivência. Esta última consideração é suficiente por si só para justificar a carência de documentação relativa ao desenvolvimento do ramo feminino da Obra.

Para tentar preencher algumas lacunas e deixar um mínimo de recordações do passado foram elaborados uma crônica e um diário, escritos posteriormente aos fatos acontecidos, tendo por base aquilo que havia sido anotado pelas Irmãs, em particular, nas primeiras décadas, pela Irmã Maria – Natália Fainelli – e depois pela Irmã Dolores Vacca, as quais provavelmente o fizeram por obediência, ou seja, por ordem da Irmã Superiora. É evidente que as várias transcrições apresentam aqui e acolá algumas imprecisões, incertezas ou também algum erro.

Deve-se esclarecer também que o arquivo das Pobres Servas foi reconstruído parcialmente graças à sensibilidade de Sua Excelência Dom Adélio Tomasin, que a partir da segunda metade dos anos setenta do século passado solicitou à Madre Geral, Irmã Gemma Tibaldo, que iniciasse a coleta de documentos, recuperando, pelo menos em parte, através da reprodução, os que se referiam às Irmãs. Constituiu-se assim um arquivo que progressivamente foi incrementado certamente com cuidado, mas também com escassos meios à disposição se comparados aos que seriam necessários para a custódia que permita e facilite a consulta e a utilização do material depositado.

Uma primeira sistematização dos dados, visando a montagem de uma história da congregação, levou à elaboração da tese das Irmãs Anamaria Cantieri e Luisa Campi.

Trata-se de trabalhos que, embora parciais, constituem as primeiras e fundamentais contribuições à reconstrução dos acontecimentos históricos.

As fontes utilizadas

Para desenvolver o trabalho de reconstrução dos acontecimentos vividos pelas Pobres Servas da Divina Providência ao longo dos primeiros cinquenta anos, ou seja, desde o nascimento até o reconhecimento diocesano e alguns anos depois, até a morte do Fundador, foram examinadas numerosas fontes.

Além do material organizado de forma ordenada para a elaboração de uma história das Irmãs, foram objeto de estudo as fichas pessoais, disponíveis em relação às Irmãs que entraram até o final dos anos vinte, as atas das reuniões do Conselho elaboradas a partir de 1948, as cartas enviadas pelo Pe. Calábria para cada uma das Irmãs ou comunitariamente, ou seja, cartas a cada uma das Casas.

Foram estudadas as trocas de correspondência entre Pe. Calábria, Pe. Battisti e Pe. Pedrollo, bem como aquilo que foi conservado nas fichas pessoais destes dois últimos sacerdotes junto ao Arquivo Histórico dos Pobres Servos da Divina Providência, desde diários até anotações de todo tipo, como também as cartas pessoais por eles enviadas a algumas Irmãs.

Em busca de registros referentes à presença das Irmãs nas várias Casas da Obra foram consultados todos os materiais relativos à própria Casa e ao seu respectivo Diretor, depositados no Arquivo Histórico dos Pobres Servos da Divina Providência.

Foram examinadas também as atas das reuniões de Conselho dos Irmãos nos pontos referentes às Irmãs e os artigos sobre as Irmãs publicados nas várias edições da revista da Obra, “L’Amico”.

O cruzamento destes materiais permitiu chegar a uma reconstrução histórica que busca levar em conta vários pontos de vista, com destaque para os testemunhos gravados e transcritos pelo Ir. Elviro Dall’Ora, bem como os prestados por algumas Irmãs anciãs.

O presente texto baseia-se sobre a análise e utilização de todas estas fontes e foi progressivamente complementado nas avaliações de possíveis aspectos que emergiam por ocasião dos numerosos momentos formativos propostos nos últimos cinco anos, ao longo dos quais foram apresentados os resultados parciais: as assembleias, as reuniões das delegadas, o ciclo de aulas sobre a história da congregação para as noviças e

noviços e demais interessados na releitura da história, em particular aos participantes dos cursos para “sabáticos”.

Advertências

A estrutura do texto é cronológica e a articulação em parágrafos está concentrada ao redor de temas caracterizadores do período histórico. Para valorizar a documentação disponível e sobretudo para favorecer a sua leitura direta, foram reproduzidos textos que à luz de outras escolhas editoriais teriam podido ser mais breves citando-se apenas as partes essenciais, que seriam complementadas posteriormente com resumos ou mesmo sintetizados e reproduzidos em nota ou num apêndice.

As citações foram transcritas da forma mais fiel possível à versão original, sem qualquer tipo alteração de texto dos documentos em questão. Em relação ao frequente uso típico do tempo, textos em caixa alta, foram eliminadas as maiúsculas, até para não incomodar demais o olho na leitura. Na maioria dos casos estas foram mantidas nas formas de respeito obsequioso com o qual as Irmãs se dirigiam ao Pai Pe. Calábria, aos Superiores ou às respectivas Superiores. Além disso, foram reduzidas as maiúsculas também em muitos termos da linguagem religiosa. Em alguns casos foram feitas correções a erros de ortografia ou de pontuação, normalmente devidos ao modesto nível feminino de alfabetização típico da época e talvez à pressa na elaboração dos textos, o que provavelmente não permitia a releitura.

O aparato de notas tem a intenção não apenas de fornecer indicações úteis a todos aqueles que desejarem estudar e aprofundar temas específicos reportando-se aos documentos utilizados, ou mesmo sugerir indicações bibliográficas consideradas úteis, mas também a de delinear, na medida do possível, os traços biográficos essenciais de figuras referidas no texto.

Prevendo a tradução para as línguas portuguesa e inglesa, procurou-se enriquecer o texto com notas onde se fazia necessário um esclarecimento para permitir a compreensão de expressões que não estão em uso na língua falada atual ou por serem formas dialetais.

Para facilitar a leitura e evitar equívocos na compreensão do significado foram descritas todas as siglas ou abreviações usadas.

Em vista da brevidade no texto as Irmãs são chamadas da mesma forma como são conhecidas no interior do Instituto. Por exemplo, Maria Olian Fannio – Irmã Imelda de Jesus é nomeada simplesmente apenas pelo nome ou sobrenome, ou então com ambos.

ABREVIACÕES

AHPSaDP	= Arquivo Histórico das Pobres Servas da Divina Providência
AHPSDP	= Arquivo Histórico dos Pobres Servos da Divina Providência
BCCEP	= Biblioteca Capitular da Cúria Episcopal de Pádua
f.	= “fondo” (setor) ⁵
fld.	= “faldone” (dossiê)
c.	= “cartella” (ficha)
b.	= “busta” (envelope)
m.	= manuscrito

⁵ “Fondo”, “faldone”, “cartella” e “busta” são indicadores da localização dos documentos nos Arquivos Históricos dos Pobres Servos da Divina Providência e das Pobres Servas da Divina Providência, cujas abreviações serão mantidas na tradução para facilitar uma eventual consulta pelo interessado (N.d.T.).

CAPÍTULO PRIMEIRO

O CONTEXTO SOCIOCULTURAL

Premissa

A tentativa de delinear, ainda que sumariamente, uma análise da situação socioeducacional das mulheres italianas entre os séculos XIX e XX torna-se deveras importante para fins de uma pesquisa direcionada a uma melhor compreensão do contexto no qual surge e se desenvolve a Congregação das Pobres Servas da Divina Providência. O que propomos a seguir certamente representa um quadro simplificado, que apenas em parte reproduz a complexidade da situação da mulher no final do séc. XIX. Esta breve síntese, portanto, tem como objetivo retomar algumas questões fundamentais para melhor emoldurar a experiência nascida da decisão tomada em 1910 por Angelina De Battisti de colocar-se à disposição para auxiliar o Pe. Calábria. Dentro do contexto histórico-cultural daquele tempo podem-se melhor colher aqueles aspectos de originalidade que perfazem este modelo de vida religiosa. Torna-se por isso oportuno acenar em particular ao papel da mulher na sociedade e à educação que ela recebe, bem como às instituições que se ocupam da instrução escolar que vai gradualmente se difundindo.

A concepção social da mulher

O período histórico ao qual fazemos referência, a exemplo do que ocorria nos séculos precedentes, continua socialmente alimentando preconceitos em relação à mulher, partilhando a visão tradicional da natural e presumível inferioridade feminina. Conseqüentemente vê a mulher inserida numa sociedade patriarcal, com papéis funcionais num contexto cultural dominado pelo homem, à sombra do qual ela é obrigada a viver. Cabe a ele ajudá-la a se adequar às tarefas a cumprir: *“Enaltecer a mulher, fazer com que ela sinta a sua missão, torná-la capaz de cumpri-la adequadamente, eis o papel do homem e da sociedade moderna. A educação, portanto, que proporciona ordem e sabedoria, forma a felicidade do homem e, por isso mesmo, a*

da nação”.¹ No Vêneto, região que constitui um baluarte na luta antimodernista, é difundida a concepção segundo a qual tendencialmente uma mulher deve ser subalterna, submissa à vontade do homem, ou até mesmo um verdadeiro objeto de propriedade masculina. Desde criança está tão acostumada a tal dependência no âmbito da família que dificilmente, ao se tornar adulta, conseguirá desvencilhar-se dessa visão, o que a exclui de qualquer acesso a outros papéis na vida social e política.

Todo o doutrinamento do séc. XIX sobre a mulher é perpassado pelo tema da educação feminina à “vida de família” que se baseia sobre os valores do matrimônio e da maternidade, qual vocação natural, como também da oblatividade, da compaixão e da disponibilidade para o sacrifício. Quer o destino que ela seja mãe até mesmo muito cedo, assim que se tornar fértil, em muitos casos gerando um grande número de filhos. A camponesa vêneta mediana dá à luz em média de 7-8 a 10-12 filhos, que podem acabar morrendo ao nascer ou durante a primeira infância; ela os amamenta até os 18-20 meses, na esperança de conseguir evitar novas gestações.

Além disso, a mulher carrega sobre si pesadas regras da tradição, tais como a proibição de sair sozinha, o costume de desempenhar um papel passivo em qualquer tipo de decisão, inclusive a matrimonial, e a impossibilidade de poder administrar os seus ganhos autonomamente. Não pode participar de qualquer atividade externa da casa onde mora com a família. Tem apenas uma escolha a fazer: casar e gerar filhos ou consagrar-se ao Senhor numa ordem religiosa.

A educação religiosa feminina

Para se ter uma ideia dos valores religiosos transmitidos às jovens, pode ser interessante considerar o caso exemplar de Dom Andrea Scotton,² que escreve um livro

¹ MASSARI, C. MENEGLIA. *La Donna e la sua educazione*. s. l.: 1874. p. 15. Sobre a educação feminina em relação ao contexto veronês vejam-se as contribuições de M. GECHELE. *L'educandato Agli Angeli nella storia dell'educazione a Verona*. Verona: Cierre edizioni, 2006, em particular o capítulo sobre *Modelli educativi femminili fra emancipazione e assoggettamento*, pp. 107-132, e *L'evoluzione dell'educazione femminile nella Verona dell'Ottocento*. In: POLENGHI, S.; GUIZZONI, C. (Org.). *L'altra metà della scuola*. Educazione e lavoro delle donne tra Otto e Novecento. Torino: SEI, 2008. pp. 33-69. Os ensinamentos dados no educandário “Agli Angeli” referem-se a piano, harpa, desenho, dança, italiano, francês e, às vezes, um pouco de inglês e alemão. Juntamente com os princípios da religião e da moral são ensinados elementos de aritmética, geografia e história; além dessas disciplinas, também ensina-se bordado e algumas noções de economia doméstica. No interior do recinto vive-se num clima de disciplina e controle severo, com abundantes práticas religiosas.

² Sobre a figura de Andrea Scotton e os irmãos Jacopo e Gottardo, pode-se ver: LANARO, S. *Società e ideologie nel Veneto rurale (1866-1868)*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1976. pp. 200-269, e o mais recente estudo de G. AZZOLIN. *Gli Scotton*. Prediche battagli imboscate. Vicenza: La

dirigido à mulher, através do qual se propõe a busca do seguinte objetivo educativo: “Certamente, para revigorar a juventude e mantê-la firme nos princípios religiosos, a Igreja e a sociedade precisam, mais do que qualquer outra coisa, do magistério da mulher, porque o marido e os filhos serão tal como os quer a esposa e a mãe e por isso serão tal como os quer a mulher, cidadãos e fiéis”.³ E especifica a intencionalidade que o anima: “Este livrinho foi feito para as mulheres; e nem tenho necessidade de provas para persuadi-la, pois por aquele vínculo estreitíssimo pelo qual estão ligados a mulher e a família, a família e a sociedade e a sociedade e a religião, naquilo que se refere ao âmbito familiar social e religioso, tudo ou quase depende delas”.⁴ É evidente que Dom Andrea Scotton está considerando a mulher apenas em referência à ação que ela pode desempenhar em favor da Igreja:⁵ “Se é verdade que a mulher precisa agora mais do que nunca da Igreja para não se atolar no barro, sem dúvida para a Igreja a sua ação será extremamente valiosa para salvar a sociedade dos perigos que a ameaçam”.⁶ E prossegue: “Se a mulher quer realmente o triunfo da Igreja e a salvação da Itália não

Serenissima, 1998. Além disso, destaque: REATO, E. *Scotton Jacopo, Andrea e Gottardo*. In: *Dizionario Storico del movimento cattolico in Italia 1860-1980*. v. II, I protagonisti. Torino: Marietti, 1982. pp. 591-593; MELLINATO, G. *La preghiera a Breganze nel secondo Ottocento*. In: *Ricerche di storia sociale e religiosa*. n. 14, pp. 241-287, 1978; RUMOR, S. *Gli Scrittori vicentini dei secoli decimottavo e decimonono*. v. III, S-Z, com apêndice de acréscimos e correções; Veneza: Tip. Emiliana, 1908. pp. 101-106; e sobre a Breganze scottoniana cf. G. B. ZILIO. *Un condottiero d'anime: mons. Ferdinando Rodolfi, vescovo di Vicenza*. Vicenza: Tip. S. Giuseppe di G. Rumor, 1959. pp. 81-102.

Andrea Scotton nasce em 02/03/1838 em Bassano (Vicenza). Acompanha o irmão Jacopo no seminário episcopal de Vicenza. No dia 22/09/1860 é ordenado sacerdote e é chamado a ocupar o lugar de professor de religião no ensino de segundo grau no colégio de Vicenza. Não podendo trair a verdade em favor das ideias recorrentes, depois de apenas três anos abandona aquele delicado ofício. Dedicar-se à pregação, efetuada em várias cidades italianas, obtendo grande sucesso mas, ao mesmo tempo, criando numerosos inimigos ao seu redor. Em 1869, com apenas 30 anos, o Papa Pio IX o designa capelão de honra. Depois de 15 anos de pregação, de 1881 a 1915, é convidado pelo Bispo Dom João Antonio Farina como pastor em Breganze. De um modo muito cuidadoso e ativo, consegue dedicar-se à publicação de várias obras, dentre as quais *Il catechismo*, em quatro volumes, bem como vários opúsculos sobre argumentos de atualidade. Em 1889 o Pontífice, Leão XIII, seguindo sugestões e instâncias de Giambattista Paoluzzi, ordena-lhe que funde, juntamente com os seus irmãos, o jornal “La Riscossa”. Nesse jornal, do qual se torna o responsável, escreve os artigos mais batalhadores e comprometidos usando o pseudônimo “Miles Christi”. Expira depois de uma doença no dia 27/11/1915, provado por dores morais causadas pela reprovação da autoridade religiosa e pela internação do seu irmão Gottardo em Oropa.

³ SCOTTON, A. *Alla donna italiana attorno le cose d'Italia*. Osservazioni. Venezia: Tipografia G. B. Merlo, 1863. p. 58. Na transcrição, tanto a presente quanto as sucessivas, foi reproduzido fielmente o texto, que precisa de sinais de pontuação.

⁴ *Ibid.*, p. 6.

⁵ É interessante constatar como neste livro, dirigido à mulher, Scotton faça tão poucas referências precisas a respeito do seu papel. Pelo contrário, ele sublinha repetidamente as questões referentes à religião e à sociedade, reafirmando a obediência ao Papa da qual depende a soberania, inclusive temporal.

⁶ SCOTTON, op. cit., p. 7.

deve se envergonhar de ser católica; paciência, afabilidade, pudor, fé e oração: eis as suas armas".⁷

No final do séc. XIX o tradicional ensinamento da Igreja é confirmado pelo magistério do Papa Leão XIII que afirma o princípio da autoridade do marido em relação à mulher, embora amenizado pela afirmação de que esta deve ser respeitada: "*O marido é o príncipe da família e o chefe da mulher; a qual, entretanto, dado que é carne da sua carne e osso dos seus ossos, deve ser submissa e obediente ao marido não como uma escrava, mas como companheira; ou seja, de tal modo que a sujeição que ela lhe presta não seja separada do decoro, nem da dignidade*".⁸

O mesmo Pontífice reafirma, na *Rerum Novarum* de 1891, que está na família a tarefa da mulher, "*feita por natureza para os trabalhos domésticos, os quais protegem grandemente a honestidade no sexo frágil e têm natural correspondência com a educação dos filhos e com o bem-estar da casa*".⁹

O comportamento da mulher vêneta é o de uma boa devota católica, respeitosa e cumpridora das normas previstas pela religião católica. Entre os séculos XIX e XX, na educação religiosa tradicional, tende-se a dar maior atenção à prática litúrgica e devocional. Os conteúdos baseiam-se sobre as leituras da vida dos santos e da *Imitação de Cristo*, sobre a frequência da Confissão e da Eucaristia e sobre o culto da Virgem e do Sagrado Coração.¹⁰

Em particular deve-se lembrar que, nos primeiros anos do séc. XX, a Igreja foca sobre o mundo feminino, tentando fazer alianças.

⁷ Ibid., p. 58.

⁸ Leão XIII, Encíclica *Arcanum divinae* (10 de fevereiro de 1880).

⁹ Leão XIII, Encíclica *Rerum Novarum*, 33 (15 de maio de 1891). Na realidade o Santo Padre não está preocupado apenas com o fato de que o trabalho externo possa se constituir uma ocasião de perdição para a mulher, mas também um desvio da sua tarefa principal de mulher-mãe. Leão XIII denuncia, de fato, a injusta exploração na qual incorrem as mulheres juntamente com os menores no processo de inserção na indústria nascente.

¹⁰ A devoção ao Sagrado Coração consiste na consciente e total renúncia ao pecado, às seduções do mal e ao espírito maligno, e na entrega irrevogável ao Coração de Jesus como resposta ao seu amor. Com essa consagração o cristão renova e aprofunda de modo mais consciente a sua própria dedicação a Deus, ocorrida no batismo. Em 1856 o Papa Pio IX encoraja a devoção estendendo a festa do Sagrado Coração à Igreja universal e beatificando em 1864 Margarida Maria Alacoque (1647-1690). A ela, segundo a tradição, Jesus Cristo aparece prometendo uma bênção especial àqueles que praticam a devoção ao Sagrado Coração. Com a Encíclica *Annun sacram*, de 25 de maio de 1899, Papa Leão XIII ordena a Consagração da humanidade ao Coração de Jesus. A consagração da família ao Sagrado Coração e o rito de entronização é introduzido e difundido na Itália pelo sacerdote peruano Matheo Crawley Boevey (18 de novembro de 1875 – 04 de maio de 1960). Para aprofundamentos, veja-se a contribuição de C. DAU NOVELLI. *Società chiesa e associazionismo femminile*. L'unione fra le donne cattoliche d'Italia (1909-1919). Roma: AVE, 1988. pp. 235-244.

Dá-se ênfase à figura da Mãe de Deus e a alguns modelos de santidade feminina que contribuem para fazer com que a ideia de mulher, consagrada natural e exclusivamente à maternidade, se mova rumo à progressiva dimensão social, caridosa e assistencial. A pastoral tende a exaltar como específicos das mulheres valores tais como o silêncio, a doçura, a obediência, a fidelidade, a dedicação, a generosidade. Propõe-se para elas, como figura exemplar e modelo de vida, Santa Rita de Cássia,¹¹ vivida no séc. XV e canonizada em 1900; na primeira parte de sua vida ela é mulher obediente a um marido violento e infiel e mãe aflita de filhos que não a compreendem. A sua imagem, em doloroso êxtase diante do crucifixo, difunde-se rapidamente em numerosas igrejas a ela dedicadas.

De fato, porém, a observância escrupulosa das datas rituais estabelecidas, o costume de organizar a vida quotidiana em base às práticas de piedade, que em alguns casos representam uma tradição familiar, bem como o frio e opressivo formalismo acabam reduzindo a religiosidade feminina a devocionismo passivo e mecânico, deixando na ignorância do significado dos sacramentos e dos ritos uma mulher que, por exemplo, repete mecanicamente orações recitadas em latim sem nem compreender o seu sentido. Poda-se qualquer ímpeto ou desejo pessoal que poderia levá-la a mover-se para além das paredes domésticas. Na prática de cada dia à jovem mulher ensinam-se o silêncio, a resignação, o submeter-se sem reclamar. Enquanto esposa, às vezes lhe cabe não tanto contrastar os costumes do marido que blasfema ou bate, mas salvar a sua alma

¹¹ Seus pais, Antônio Lottius e Amata Ferri, casam-se já em idade madura, e só depois de doze anos, após várias tentativas, acolhida como um dom da Providência, nasce Rita em torno do ano 1381 em Roccaporena, um vilarejo montanhês no município de Cascia (Perugia). Narra a tradição que a mãe, muito devota, recebe a visão de um anjo que lhe anuncia a gravidez tardia, o nascimento de uma filha e que ela deveria se chamar Rita. Ainda nos primeiros anos da adolescência ela manifesta abertamente a sua vocação a uma vida religiosa: sempre que pode se retira no seu pequeno oratório, construído com o consentimento dos seus pais, ou então corre para o Mosteiro de Santa Maria Madalena, localizado perto de Cascia. Aos treze anos os seus pais a prometem em casamento ao oficial que dirige a guarnição de Collegiacone, Paulo Maldini, um jovem daquela localidade, conhecido pelo seu caráter forte, impetuoso, até mesmo, segundo alguns estudiosos, brutal e violento. Rita suporta com paciência ser maltratada, sem jamais lamentar-se, pedindo-lhe inclusive a permissão para ir à igreja. Com o nascimento de dois gêmeos, Giangiacomo Antônio e Paolo Maria, bem como a sua perseverança em responder com doçura à violência, consegue transformar, com o tempo, o caráter do marido, a ponto de torná-lo mais dócil e convertê-lo. Logo depois ele é assassinado por vingança, numa emboscada, numa noite em que ele estava voltando para casa, e os seus filhos juram vingá-lo. Não conseguindo dissuadi-los, Rita ora a Deus pedindo-lhe que os retome de volta, desde que, por sua vez, eles não se manchem pela vingança e pelo homicídio. Quando isso se verifica, ela se retira para o mosteiro local, pertencente às Agostinianas de Santa Maria Madalena, onde leva uma vida santa com uma particular espiritualidade que privilegia a Paixão de Cristo. Durante um êxtase, recebe um estigma especial sobre a fronte, que nela permanece até sua morte, ocorrida no dia 22 de maio de 1447. Sua existência de mulher e de mãe cristã, marcada pela dor e pelas misérias humanas, ainda hoje é um exemplo, a ponto de ser uma das santas mais veneradas na Itália e no mundo. Foi beatificada em 1627, 180 anos após sua morte, e proclamada santa no dia 24 de maio de 1900, 453 anos depois do seu falecimento. Na devoção popular é denominada “santa dos impossíveis” pela potencialidade taumatúrgica.

através de devoções, recitação de orações e rosários e participação a santas missas. Assim se consolida a imagem tradicional da mulher devota que, também no âmbito religioso, acaba por ser conduzida a uma espécie de conformação, mais do que encorajada a uma busca pessoal.

De resto, “*as mulheres estão se tornando um lugar estratégico da defesa da fé e dos direitos da Igreja [...]; são as mulheres que ainda enchem as igrejas, que garantem a educação religiosa e frequentemente o acesso aos sacramentos dos filhos, que tornam ainda um fato visível exteriormente o caráter cristão das nossas sociedades*”.¹²

A instrução escolar

A educação das jovens das classes privilegiadas acontece no âmbito privado, em casa, eventualmente com a ajuda de um preceptor ou de uma instrutora, normalmente estrangeira, ou então nos internatos ou educandários.¹³ Em geral, junto com as tradicionais disciplinas literárias, tais como italiano, francês, história e matemática, inclui também desenho, pintura, trabalhos de bordado, música e dança. Esse tipo de educação feminina é desenvolvido por instituições dirigidas em sua maioria por ordens e congregações religiosas, que se orgulham de uma fama antiga e consolidada. Por um preço módico garante-se a continuidade do ensinamento dos 6-7 aos 18 anos e são tratadas aquelas “disciplinas comportamentais” que as famílias mais gostam.¹⁴ O modelo de referência traduz-se, na prática, a uma “educação para senhoritas”, visando a levar as jovens a desempenhar um papel de destaque nas recepções sociais.¹⁵

Os internatos ou educandários anexos aos conventos, distribuídos capilarmente por todo o território nacional, dotados em muitos casos de patrimônios ingentes e liberados da remuneração do pessoal interno, são institutos dirigidos por religiosas e oblatas e tradicionalmente gozam de boa consideração. Nos pequenos lugarejos

¹² BIASE, P. GAIOTTI DE. *Da una cittadinanza all'altra*. Il duplice protagonismo delle donne cattoliche. In: BONACCHI, G.; GROPPI, A. (Org.). *Il dilemma della cittadinanza*. Roma-Bari: Laterza, 1993. p. 133.

¹³ Sobre os duzentos anos de vida do educandário veronês, cf. o livro M. GECHELE, *L'educandato Agli Angeli nella storia dell'educazione a Verona*. Op. cit.

¹⁴ FRANCHINI, S. *Gli educandati nell'Italia postunitaria*. In: SOLDANI, S. (Org.). *L'Educazione delle donne*. Scuole e modelli di vita femminile nell'Italia dell'Ottocento. Milano: Franco Angeli, 1989. p. 76.

¹⁵ “*Os estudos das ricas senhoritas e as suas ocupações reduzem-se [...] a bem pouca coisa; de escolas um pouco mais severas e de boa educação não se fala; a totalidade da arte pedagógica consiste em fazê-las rabiscar algumas letras, arranhar um pouco de piano, aprender a repetir como papagaios, com instrutoras estrangeiras, vocábulos de várias línguas, ao passo que elas talvez sequer saibam falar a sua própria língua*” (Ibid., p. 332).

distantes do centro da cidade os colégios femininos em geral também disponibilizam vagas para alunas externas, ao passo que o educandário de elite da grande cidade atrai a clientela da classe social mais abastada e ao mesmo tempo mais distante. É um local separado da família e da sociedade: o fechamento à intervenção de fatores externos constitui a garantia da total confiabilidade e do êxito de uma educação “completa”; além disso, a ausência de alunas externas contribui para garantir um perfeito isolamento de perigosas interferências provenientes de classes sociais distintas e inferiores.

Embora com variantes e distintos enfoques, ainda assim reconhecível pela homogeneidade das suas características fundamentais, esse modelo educativo, que no século XIX tornou-se um destacado indicador de *status* social, goza de ampla difusão, tendo como potenciais destinatárias todas as meninas e adolescentes que não são obrigadas a se submeterem a uma atividade laboral devido às condições econômicas desfavoráveis em que vivem.

Não se pode descuidar da quase total exclusão da alfabetização das pessoas que vivem em áreas agrícolas, particularmente das meninas pertencentes às classes populares, já que se considera que lhe sejam suficientes qualquer rudimentar lição de catecismo e a aquisição das artes domésticas. Em geral não frequenta a escola, ou apenas as séries iniciais, porque a família considera a instrução não apenas inútil, mas também perigosa para a sua moralidade. Para a escola, além disso, a criança não tem tempo, pois precisa ser direcionada ao campo ou às fábricas.¹⁶ Aprende por imitação aquilo que é necessário para a sua condição, seguindo o exemplo e as ordens da mãe, com a qual colabora nas tarefas domésticas;¹⁷ depois dos 12 ou 13 anos se torna, para todos os efeitos, uma mulher que se prepara para casar-se o quanto antes.

¹⁶ “A infância das meninas dos vilarejos e das camponesas tinha características de exploração e de violência. [...] Numa economia preponderantemente rural, baseada sobre sistemas arcaicos de produção, as famílias, que frequentemente se mantinham no limite da subsistência, não podiam ou não sabiam renunciar aos benefícios do trabalho dos menores, tanto masculino quanto feminino. Na campanha, as meninas ocupavam-se do cuidado dos animais, [...] cooperavam com os trabalhos agrícolas e domésticos e, sobretudo, cuidavam dos irmãos menores ou dos sobrinhos em famílias grandes. As meninas [...], ainda na idade de quatro ou cinco anos, aprendiam a limpar a lã, a enlaçar a palha e fazer ‘tranças’ para os cabelos, a escolher sementes, a cultivar o bicho-da-seda, ou iam para as fábricas de fiação para dar assistência às suas próprias mães no trabalho com as máquinas, fazendo com as suas ágeis e pequenas mãos o trabalho de ‘amarra-fios’. Entre os sete e os onze anos as meninas já apresentavam um desgaste físico marcante devido ao horário prolongado de trabalho [...]. Seu crescimento era irregular, várias as enfermidades adquiridas e numerosas as mortes precoces [...]. Estas menores jamais frequentavam a escola [...]; algumas seguiam apenas alguns cursos dominicais ‘para meninas’, onde aprendiam no máximo a assinar o seu próprio nome” (Ibid., pp. 38-39).

¹⁷ “Ela observa sua mãe cozinhar, sendo-lhe permitido preparar alguns doces. No tanque, vê como se despacha a roupa; aprende o que significa roupa suja de sangue: uma moça ou uma mulher que tem suas menstruações; compreende (talvez com a ajuda de uma irmã mais velha ou de uma amiga) que quando a roupa não está mais manchada é porque a mulher está grávida. Sem que lhe seja dito ela sabe

Ao longo do séc. XIX, no contexto da luta contra o analfabetismo, fenômeno muito difuso na população italiana, começa a se destacar uma certa preocupação com a exigência da alfabetização do gênero feminino. A emergência de uma progressiva atenção dada à instrução popular por parte das instituições públicas representa uma verdadeira subversão da ordem social, na qual historicamente a formação estava completamente sob a responsabilidade da família. Não se deve esquecer que durante todo o séc. XIX obras piedosas e institutos caritativos e religiosos de vários tipos desempenham uma função essencial continuando a educar as meninas do povo à oração e ao trabalho; os modelos educativos seguem mantendo-se ancorados à concepção da mulher entregue ao sacrifício, dedicada à família e submissa ao chefe de família.

Por consequência, ao lado da tradicional educação doméstica, surge um interesse sempre maior pela alfabetização e pela instrução, pelo menos num nível básico, no qual não podem certamente faltar as disciplinas especificamente femininas, as “artes mulheris”, ligadas ao saber costurar, remendar, bordar, cozinhar, artes estas consideradas pelas famílias como sendo mais importantes para uma educação das meninas do que saber ler, ou até escrever. Portanto, os objetivos principais da educação feminina continuam ligados à formação de uma boa mãe de família, dedicada por toda a sua vida a cuidar do seu marido, dos filhos e da casa, sem descuidar da religião. A aquisição da capacidade de operar uma boa administração da família, de fato, é acompanhada por valores morais tais como a fidelidade, a laboriosidade e a religiosidade, dos quais a mulher é considerada a guardiã no interior da família. Resumindo, toma corpo progressivamente a ideia de oferecer-lhe uma instrução que tenha por meta o conhecimento de tudo aquilo que, em casa e na vida de relações, serve para promover a felicidade, o bem-estar e o bom nome da família, deixando em último lugar o seu ser mulher em vista dos seus deveres e da sua missão.

Na difusão e transmissão desse modelo feminino a escola desempenha um papel fundamental, sobretudo a elementar e popular, a qual, ao lado dos ensinamentos voltados a ler, escrever e “fazer contas”, coloca a transmissão de modelos específicos de

que essas coisas vão acontecer também com ela. Ela não é distanciada de animais que se acoplam... No campo, quando a vaca dá à luz, os menores são chamados para que vejam o que é um nascimento. A educação sexual é totalmente empírica. O restante da educação é proporcional... Em companhia de uma jovem de mais idade ou de uma avó, cada uma aprende a conhecer as plantas e os animais, os confins dos lotes, o nome e a história da localidade. Aprende, assim, a se comportar; é-lhe proibido correr pelos campos ou subir nas árvores como os meninos; deve ficar sentada, com um trabalho de bordado, de costura, ou remendando. A modéstia tranquila e o trabalho assíduo são adequados às jovens” (In: KNIBIEHLER, Y. et al. *De la pulcelle a la minette*. Paris: Temps Actuels, 1983. Apud GENOVESI, G. *L'educazione dei figli – L'Ottocento*. Firenze: La Nuova Italia, 1999. pp. 58-59.

comportamento e determinados hábitos morais e civis.¹⁸ Por isso, “*na instrução da mulher é preciso equilíbrio, nivelado às condições da mulher, bem como aos fins que ela pretenda alcançar. [...] Além disso, a instrução da mulher não deve distanciá-la da sua tarefa principal, à qual é destinada por natureza; e isso é evidente, porque ir contra a natureza é como bater a cabeça contra um muro [...]; da mesma forma é evidente que a mulher, antes de instruída e douta, deve ser filha obediente, afetuosa esposa e terna mãe. Se a escola impedir à menina de adquirir as virtudes da mulher torna-se, com isso, um antro de corrupção*”.¹⁹

O lento processo de secularização feminino faz a educação da mulher passar de uma condição fechada num âmbito familiar e de transmissão por parte de figuras presentes na família, tais como a mãe, a avó, a tia etc., para uma realidade mais institucionalizada e externa ao ambiente doméstico, chegando, portanto, ao ambiente escolar. Apesar disso, “*a mulher do povo considera a escola nada mais do que aquele lugar onde são ensinados, com o maior interesse, o trabalho e as práticas religiosas, pouco importando o estudo, que tão erroneamente ela considera algo de supérfluo e quase uma perda de tempo*”.²⁰

A Lei Casati, promulgada em 1859 e estendida mais tarde a todas as regiões do Reino da Itália, prevê a instrução elementar obrigatória para pessoas do gênero masculino e feminino nas primeiras duas séries, sancionando assim uma escolarização de massa e uma formal paridade na instrução elementar para ambos os sexos. As normas previstas pela Lei Casati, mais tarde detalhadas pela Lei Coppino, de 1877, representam a largada para a lenta superação do preconceito segundo o qual o alfabeto é “*considerado perigoso para o povo e para as mulheres, não só nos ambientes eclesiásticos, mas também em setores do mundo laical*”.²¹

O Art. 315 da Lei Casati faz referência ao ensinamento dos assim chamados “trabalhos domésticos” nas escolas femininas, que consistem em “*consertar a roupa, costurar um remendo, bordar um lenço, fazer um vestidinho*”.²² Indubitavelmente aprender artes deste tipo significa favorecer todas aquelas meninas pertencentes às

¹⁸ Cf. D. BERTONI JOVINE. *Funzione emancipatrice della scuola e contributo della donna all'attività educativa*. In: *Società umanitaria*. L'emancipazione femminile in Italia. Un secolo di discussioni (1861-1916). Firenze: La Nuova Italia, 1963. pp. 223-269.

¹⁹ PUCCINI, R. *L'educazione della donna ai tempi nostri ne' popoli più civili*. Milano: L. F. Cogliati, 1904. pp. 377-378.

²⁰ *Ibid.*, p. 42.

²¹ COVATO, C. *Educata ad educare: ruolo materno e itinerari formativi*. In: SOLDANI, S. (Org.). *L'educazione delle donne*. Scuole e modelli di vita femminile nell'Italia dell'Ottocento, op. cit., pp. 136.

²² Cf. PUCCINI, R. *L'educazione della donna ai tempi nostri ne' popoli più civili*, op.cit., p. 390.

classes menos favorecidas que, uma vez “instruídas”, têm a possibilidade de contribuir para a economia familiar através de um trabalho que corresponde exatamente ao seu destino de mulher – mãe de família.

A escola representa também o símbolo de uma possível emancipação cultural para centenas de milhares de meninas que têm a possibilidade de frequentá-la sendo capacitadas a ler, escrever e fazer de contas. Infelizmente, mais do que sobre estas competências, ao lado da instrução religiosa a bagagem cultural delas baseia-se sobre os denominados “trabalhos femininos”, como se pode perceber nas orientações dadas aos professores das séries iniciais: *“Para a maioria das mulheres a cultura intelectual deve ter, quase que como fim único, a vida doméstica e a aquisição daqueles conhecimentos requeridos para bem gerir a família, da qual devem ser o auxílio e o ornamento”*.²³

Nos programas das matérias de ensino, nas normas disciplinares de comportamento, nos livros de texto ou nos discursos das autoridades proferidos por ocasião das cerimônias comemorativas no final do ano escolar frequentemente retornam temas e acenos a uma prática educativa escolar que não renuncia a atribuir à menina o papel de “simples, modesta e afetuosa” futura mãe de família. Aliás, este parece ser o objetivo primário, ainda que se perceba a necessidade de fornecer-lhe, ao mesmo tempo, uma bagagem de conhecimentos “úteis à vida”, superando assim a contraposição entre os “benefícios da educação” e os “riscos da instrução”. Na realidade, porém, a possibilidade de instrução para a mulher é reconhecida com moderação, ou seja, naquela medida apenas suficiente para que ela possa manter o passo como companheira do homem, portanto, educada ao papel de mulher e de mãe e instruída naquelas competências familiares ligadas ao saber afrontar as necessidades da vida de cada dia. Este modelo tradicional custa a ser superado, particularmente na periferia do Reino italiano, seja pelo forte enraizamento dos institutos religiosos, seja pela objetiva inadimplência do Estado no desempenho do seu papel na educação pública. A perspectiva de dona de casa para a mulher do séc. XIX, em síntese, permanece sendo considerada a única tanto pelos setores mais tradicionais da sociedade quanto pelos mais progressistas e laicais.

²³ MAMIANI, T.; FAVA, F. *Istruzioni ai maestri delle scuole primarie sul modo di svolgere i programmi approvati com R. D. 15 settembre 1860*. Apud MARCHESINI, D. *L'analfabetismo femminile nell'Italia dell'Ottocento: caratteristiche e dinamiche*. In: SOLDANI, S. (Org.). *L'educazione delle donne. Scuole e modelli di vita femminile nell'Italia dell'Ottocento*, op. cit., p. 45.

O trabalho em casa, nos campos e nas primeiras fábricas

Sobrevivem, radicados há séculos, estereótipos e preconceitos baseados na convicção de que o destino da mulher, que é o de ser inferior ao homem, prevê o tornar-se mulher e o ocupar-se da casa e dos filhos, obrigando-a a se manter exclusivamente no âmbito circunscrito da família e a desempenhar as tarefas domésticas.²⁴ Os seus espaços de ação privilegiada, por conseguinte, são a família e o trabalho nos campos.

À mulher que vive no Vêneto, terra preponderantemente agrícola, compete uma ampla gama de trabalho que, no âmbito da família com estrutura patriarcal, compreende a preparação das refeições, o cuidado dos filhos e a limpeza da casa; a criação e o cuidado dos animais domésticos, das galinhas e demais aves e dos suínos, bem como o cultivo da horta; nos campos, por sua vez, a colheita dos frutos, revirar e ancinhar o feno, colher e moer o grão, vindimar, lavrar, capinar e podar as vinhas, e tudo o mais que for necessário. Durante as noites, transcorridas na estrebaria para poder se aquecer, ou durante os filós, enquanto os homens conversam, cantam e jogam baralho, a mulher costura, desfia o tecido, o linho e a lã, faz camisas, remenda, borda os lençóis. É adestrada para uma existência caracterizada por um conjunto de dificuldades de todo tipo, para suportar esforços excepcionais, para trabalhar sem dúvida nenhuma mais do que um homem. A enorme quantidade de atividades a serem desenvolvidas, que limita a vida aos estreitos confins da família e do trabalho nos campos, acaba com as energias físicas femininas inclusive nas jovens, cuja saúde é posta duramente à prova até mesmo pelo esforço diário pela sobrevivência e pela luta contra a penúria dos recursos materiais. É assim que a casa e o campo acabam por se tornar dois lugares nos quais subsiste a estrita relação de dependência do pai e do marido, o que consolida formas de subordinação feminina.

Experiência comum de muitas meninas do interior é a de serem convidadas “a serviço” na casa dos patrões ou de senhores na cidade, isto é, a ser “serviçais”, diríamos hoje, empregadas domésticas. Quando se casam, o matrimônio marca a passagem para um período de maior trabalho; depois do enlace, a transferência para outra casa, normalmente numa outra comunidade, representa um divisor de águas de sua vida, determinando-lhe um novo curso.

²⁴ Interessante sobre o tema a contribuição de L. SCARAFFIA. *Essere uomo, essere donna*. In: BRAVO, A.; PELAJA, M.; PESCAROLO, A.; SCARAFFIA, L. *Storia sociale delle donne nell'Italia contemporanea*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2001. pp. 3-76.

No último quinquênio do séc. XIX, começa a instalar-se na Itália, sobretudo na parte setentrional, o processo de industrialização. A difusão da indústria da seda e mais tarde da lã garante a sobrevivência material das famílias dos camponeses-operários.²⁵ Verifica-se um expressivo emprego da mão-de-obra feminina a baixo custo: a mulher empregada na indústria é capaz de suportar horários massacrantes sem protestar e recebe um salário inferior ao percebido pelo homem, em alguns casos inclusive abaixo de um valor considerado o mínimo para sobreviver, pois o trabalho desenvolvido por uma mulher é tido como de escasso valor e, conseqüentemente, mal remunerado. Assim, no interior do núcleo camponês, vai afirmando-se sempre mais a complementaridade entre o trabalho nos campos e o trabalho nas indústrias têxteis, cuja atividade é adequada ao andamento dos ciclos produtivos da agricultura.

É evidente, todavia, que a mulher continua a permanecer numa situação caracterizada por sofrimentos, miséria e acentuada exploração: com frequência desenvolve uma atividade laboral subremunerada, às vezes desonrosa à sua própria dignidade, sendo também em alguns casos maltratada ou molestada pelo marido violento ou que encontra-se sob os efeitos do álcool. Além disso, na qualidade de filha deve submeter-se “à autoridade paterna e, enquanto mulher, respeitar a autoridade do marido e a da sogra”.²⁶ Indiscutível é a autoridade do chefe de família, muitas vezes exercida com a força, à qual estão subordinados tanto a mulher quanto os filhos. Deve-se especificar que, na estendida família camponesa, a figura de maior autoridade é a sogra, que detém em suas mãos parte da organização familiar, administrando o andamento da casa e coordenando os afazeres domésticos. Gerencia um caixa próprio, constituído pela venda ao mercado de produtos coloniais, tais como ovos, queijo, verduras e frutas, o que lhe permite efetuar pequenas compras dos vendedores ambulantes. Além disso, a ela compete toda e qualquer decisão relativa à vida das mulheres presentes na casa, tomando decisões que dizem respeito ao destino das filhas

²⁵ Cf. LANARO, S. *Società e ideologia nel Veneto rurale (1866-1868)*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1976. p. 46; e, além disso: CHILESE, L. *Aspetti e problemi dell'economia industriale nel Vicentino di fine '800: occupazioni, scioperi e salari*. In: FRANZINA, E. (Org.). *La classe, gli uomini e i partiti: storia del movimento operaio e socialista in una provincia bianca: il Vicentino: 1873-1948*. Vicenza: Odeonlibri, 1982. pp. 247-271; MAGLIARETTA, L. *Economia e società nel periodo giolittiano (II parte)*. In: FRANZINA, op. cit., pp. 435-465. Em 1902 a Lei Carcano limita a 12 horas a jornada laboral das mulheres e das crianças; em 1910 a Lei sobre a Caixa da Maternidade sanciona na indústria (necessitada de mão de obra feminina subassalariada) o direito a uma retribuição no mês seguinte ao parto.

²⁶ MENEGHINI, L. *La condizione femminile nel Vicentino tra Ottocento e Novecento*. In: CENTRO DOCUMENTAZIONE E STUDI “PRESENZA DONNA”. *Un'epoca, un ambiente, una donna Giovanna Meneghini: fondatrice nella Breganze degli Scotton*. Atti del convegno. Vicenza: Edizioni Gestioni Grafiche Stocchiero, 1992. p. 77.

não casadas e das noras. A relação com a sogra frequentemente é uma relação conflitante, gerando na maioria das vezes tensões, brigas e dissabores. De fato, para a mulher, a submissão e o duro trabalho, tanto em casa como nos campos, representam praticamente um destino inelutável, conatural ao seu ser feminina. Por isso mesmo é reduzida ao papel de mãe, de “anjo do lar”, devendo ficar na família e em casa, sacrificando-se em silêncio, pois mulher virtuosa é aquela que se encarrega de todas as incumbências.

O modelo que é transmitido pela tradição propõe a seguinte idealidade: a mulher é feita ou para a família, ou para o convento. Eco desta concepção pode ser encontrado nos ditos típicos sobre as mulheres referentes à cultura e à vida no campo, que em geral reforçam vícios, defeitos e qualidades negativas atribuídas tradicionalmente à mulher. Um dos provérbios mais conhecidos delinea a figura ideal da mulher nos seguintes termos: “*Che la piassa, che la tasa, che la staga in casa*”.²⁷ A situação, na região do Vêneto, é eficazmente refletida nestes versos: “*A mulher nada mais faz do que se matar de cansaço;/ faz a comida, lava, remenda,/ cria os filhos, bate as folhas,/ capina, debulha, cuida das porcas,/ e quando serram, vai com o ancinho;/ no inverno tricota para este, para aquele,/ controla as crianças, aleita, vigia,/ e tudo aquilo que recolhe o coloca em família./ E dizer que do homem é a namorada!*”²⁸

Outra interessante confirmação da dura vida cotidiana é dada por este testemunho: “*A mulher do camponês [...] está sempre nos campos trabalhando. Trabalha mais que um animal, da manhã à noite, e quando volta para casa a criança pequena no berço está até com as orelhas cheias de lágrimas de tanto chorar [...]. Nas famílias camponesas a mulher tratava por ‘senhor’ o seu marido [...], chamava de ‘senhor pai’ o seu sogro e de ‘senhora mãe’ a sua sogra [...]. Os outros, no entanto, a tratavam por “tu” [...]; ‘Tu mulher’, diziam-lhe [...]. E na hora do almoço os homens ficavam à mesa, de chapéu, enquanto as mulheres, de avental e com as crianças no*

²⁷ O provérbio sugere que a mulher ideal é aquela que agrada, que fica quieta, isto é, que não fica tagarelando, e enfim que se fecha em casa: “Que agrade, que cale, que fique em casa”.

²⁸ PITTARINI, D.; BANDINI, F. (Org.). *La politica dei villani*. Scene rustiche in due atti in versi. Venezia: Neri Pozza Editore, 1960. p. 65. Domenico Pittarini (28/08/1829-1902) é um poeta vicentino que escreve em dialeto rústico, falado pelos camponeses da região compreendida entre Marostica, Sandrigo e Breganze. Na primeira edição (PITTARINI, D. *La politica dei villani*. Commedia in versi rustici vicentini. Vicenza: Tipografia Gir. Burato, 1870. p. 9) lê-se, em dialeto vicentino: “*La femena solo la xè la strusciona/ La fa da magnare, la lava e tacona/ I fiuli l’arleva, la pela la fogia,/ la zapa, la spigola, la tende la rogia,/ E cando che i sega la và co’ rastrelo,/ L’invarno la fila par chesto per chelo,/ Cien tusi a belire, la lata, la veglia,/ E zìò che l’arbina la mete in famegia./ E dir che del’uomo la mussa la xè*”. Esses versos são praticamente idênticos aos citados no texto, diferindo-se apenas pela forma dialetal.

colo, ficavam do lado de fora da casa, na entrada, ou sentadas nas escadas que davam para os quartos”.²⁹

Impossível qualquer tipo de mudança desta situação; pelo contrário, tudo se voltava para a sua inalterada manutenção. A título de exemplo, eis o que prega o cônego vicentino, Andrea Scotton: “*Vocês entenderam, mulheres? Vocês entenderam, homens? Não é o homem que vem da mulher, mas a mulher que vem do homem [...]. Portanto, o homem como chefe: e não se altere a ordem estabelecida por Deus. O homem como chefe: e sejam banidas para sempre as modernas teorias da emancipação da mulher e do amor livre. O homem como chefe: e não se contraste, com inúteis lamúrias, a sua vida pública: Caput mulieris vir (1Cor 11,3)*”.³⁰

E a posição do Papa Pio X não é muito diferente. Sobre o reconhecimento do direito ao voto feminino ele se manifesta contrariamente, reafirmando: “*O ambiente da mulher é a família e a sua missão é influenciar sobre o homem [...]. E aquilo que precisa é que a mulher seja sempre submissa, que não se dê ares*”.³¹ De resto, a carga

²⁹ BRUNELLO, P. *Contadini e “repetini”*. Modelli di stratificazione. In: *Storia d’Italia*. Le regioni dall’Unità ad oggi. In: LANARO, S. (Org.). *Il Veneto*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1984, p. 875. O pensamento acima referido é assim expresso em sua forma dialetal: “*La donna del contadin [...] è sempre fuori pei campi a lavorare. Lavora peggio di una bestia dalla mattina alla sera, e quando torna a casa, il bambino piccolo a letto ha perfino le orecchie piene di lacrime a forza di piangere [...]. Nelle famiglie contadine la fèmena dava del vu all’òn, al marito [...] diceva sìòr pare al missier, al suocero e dònna mare alla madòna, alla suocera [...]. Però gli altri rjspandevan col ti [...]. ‘Ti fèmena’, le dicevano [...]. E all’ora di pranzo, gli uomini a tavola col cappello in testa e le donne con la travèssa [o aventa] e i bambini in braccio fuori sotto il porticato o sedute sulle scale che portavano alle stanze da letto*”.

³⁰ AZZOLIN, G., op. cit., pp. 171-172. O autor reproduz este eficaz parágrafo extraído de A. SCOTTON, *Corso completo di catechismo*, parte seconda, I, Sacramenti. Breganze (Vicenza): Tipografia Scotton. p. 539.

³¹ PERSICO, E. DA; MAZZUCONI, D. (Org.). *Diario*. Milano: Glossa, 1993. p. 161. A citação refere-se ao colóquio, em dialeto vêneto, mantido no dia 2 de maio de 1906 entre Elena Da Persico e o Santo Padre, o Papa Pio X, no qual ela, com insistência, manifesta as razões favoráveis ao voto feminino. O Papa está convencido de que “*El campo de la dona l’è la famiglia e la so mission l’è d’influir su l’omo [...]. E quello que è necessario l’è che la dona la resta sempre sottomessa, no la meta su arie*”.

Elena Da Persico, condessa de Verona, nascida em 17 de julho de 1869, professora diplomada, ensinava francês. Dedicou-se ao jornalismo, o que mais condizia com o seu estilo, a partir de 1895, quando começa a colaborar com revistas com artigos e traduções do francês, mas também do alemão e do inglês, e em particular com “L’Azione Muliebre” desde 1901, tornando-se diretora de 1904 até 1948. Através da sua atividade de escritora teve ocasião para cultivar a inata paixão social. De 1918 até 1930 dirige, além disso, o jornal “L’Amica della contadina”, voltado às mulheres camponesas. Graças aos seus artigos e à sua atividade de conferencista, ela acaba se tornando progressivamente um dos nomes mais em vista do movimento feminino católico não só veronês, mas também italiano. É indicada por Giuseppe Toniolo, que a encontrou durante a Semana Social dos Católicos realizada em 1907 e do qual se torna estreita colaboradora, como uma das figuras centrais para a fundação do movimento da Ação Católica Feminina. Ainda, como primeira presidente da União das Mulheres Católicas da Itália em 1909 deu-se preferência à princesa Giustiniani Bandini. É também promotora de várias iniciativas no campo social, tais como a Sociedade Católica de Mútuo Socorro feminino em 1909; é patrona da Obra para a proteção da Jovem e da Sociedade Nacional de Patronato e Mútuo Socorro; em 1919 torna-se artífice da União Profissional Feminina da Agulha. Em 1946 é eleita conselheira municipal de Affi, seu município de origem. Em 1921 funda as Filhas da Rainha dos Apóstolos (FRA), instituto secular feminino reconhecido pela Igreja em 1948. Faleceu naquele mesmo ano, no dia 28 de junho. Ressalto, em particular: BUTTURINI, E. *Elena Da*

de compromissos dela exigidos nas tarefas a ela atribuídas tradicionalmente na casa e no trabalho não lhe permite lutar pelo reconhecimento de qualquer espécie de direito; pelo contrário, mais do que qualquer outra coisa, exige uma obrigação moral e um estilo de vida que devem se constituir um exemplo de costumes sóbrios e cristãos, tanto no interior da família quando no mundo profissional.³²

“Toda esta insistência sobre o papel materno da mulher tinha como efeito primeiramente fixar o seu encargo no seio da família (num momento em que já se encontrava muito adiantada a passagem da família tradicional, com a presença de três gerações, para o núcleo unifamiliar, conseqüentemente não havendo outras pessoas na família a quem pudessem ser confiadas as crianças e o cuidado da casa) e, em segundo lugar, considerar derrotada aquela mulher que não conseguisse se casar”,³³ seu único destino justo e natural. Precisamente por causa desta comum convicção é que a presença feminina permanece ligada de modo preferencial ao contexto doméstico. A situação laboral da mulher no final do séc. XIX está limitada ao ensino, na escola ou no colégio,³⁴ ou então cuidando das pessoas, atividade desenvolvida fora de casa: enfermeira, parteira, cuidadora de mulheres e de crianças. São estes os únicos âmbitos profissionais permitidos pelo fato de serem estritamente ligados ao inato senso materno e de cuidado, pois no imaginário coletivo ainda estão fortemente radicados aqueles estereótipos que impedem uma efetiva autonomia laboral feminina.

Novas congregações religiosas femininas

Em 1855 foi aprovada, no Reino da Sardenha, a lei de supressão das ordens religiosas que entre 1866 e 1873 foi estendida a todo o Reino da Itália: foram fechadas

Persico e la Chiesa veronese nei primi decenni del secolo. In: VV. AA. *Elena Da Persico: una vita, un impegno.* Roma: Ave, 1999. pp. 23-59.

³² Cf. MENEGHINI, op. cit., p. 80.

³³ ROCCA, G. *Donne Religiose.* Contributo a una storia della condizione femminile in Italia nei secoli XIX-XX. Roma: Claretianum, 1992. p. 201.

³⁴ Os estereótipos culturais ligados ao gênero feminino são reproduzidos, difundidos e consolidados também através do âmbito profissional das mulheres, e de modo particular com o trabalho das professoras, para as quais, dado o exíguo número existente no período posterior à unificação, são instituídas escolas de magistério que fornecem um atestado autorizando-as provisoriamente ao exercício da profissão. Na realidade, as professoras acabam tendo que enfrentar dificuldades de todos os tipos, começando, por exemplo, com o pagamento em atraso. Sofrem, não raramente, com a solidão, pois as escolas em que ensinam encontram-se em locais muito isolados e sem estrutura, distantes das suas famílias e das suas relações afetivas, pressionadas pela luta quotidiana pela manutenção da sua própria reputação e da moralidade, obrigadas a escolher a condição de núbeis, porque, segundo o pensamento da época, não podiam conjugar a maternidade com o fato de serem professoras, muito menos ter comportamentos sedutores em relação ao outro sexo.

527 casas femininas, quase todas mosteiros de clausura.³⁵ Com sucesso crescente vão se afirmando as novas instituições, as congregações, mais de 120 dedicadas preponderantemente à educação, difundindo-se sobretudo entre a região Lombardo-Vêneta e o Reino Sabauo. Florescem numerosas iniciativas de vida consagrada em particular entre a segunda metade do séc. XIX e o começo do séc. XX. Justamente pelo número de institutos ali iniciados a cidade de Verona representa um caso singular.³⁶ Constatase, sobretudo, a difusão de congregações femininas para a promoção da educação das meninas e das jovens mulheres.

Trata-se de um fenômeno amplo, no qual um grande número de mulheres dedica-se à abertura de novas formas de vida religiosa tomando-se como parâmetro as tradicionais. O novo modelo³⁷ é caracterizado pelo fim da clausura, pela temporaneidade dos votos a serem renovados periodicamente, de praxe a cada ano, pela atividade de apostolado social, pela supressão da obrigação do dote e das hierarquias internas, com a distinção entre coristas (com dote) e conversas (sem dote). Além disso, o governo da instituição é fortemente centralizado, o que lhes assegura autonomia, inclusive econômica, em relação a outras instituições centrais e locais da Igreja, bem como o fato de poder redigir as suas próprias constituições, a mobilidade das religiosas e a possibilidade de se dedicar a múltiplas atividades sociais, que podem mudar dependendo das necessidades.

Na maioria dos casos as novas instituições se ocupam do ensino e da assistência aos pobres e doentes, órfãos e viúvas de guerra, e da recuperação das “mulheres perdidas”, desenvolvendo um apostolado social que de fato garante a muitas religiosas uma nova identidade feminina destinada a realizar-se não mais apenas no interior do próprio convento, hospital ou asilo. A atividade de ensino, dirigida tradicionalmente às crianças do sexo feminino, agora tende a se abrir também às do sexo masculino até os dez anos de idade, representando a introdução da ginástica como matéria obrigatória e impondo a necessidade de uma preparação profissional adequada fornecida por escolas leigas, ou pelo menos a obtenção do diploma de professora. No atendimento na área de

³⁵ Sobre esse tema remetemo-nos sobretudo aos resultados dos estudos sobre as ordens religiosas conduzidos por Giancarlo Rocca, que quantifica tal consistência também em termos numéricos a partir do século XVI.

³⁶ Para uma panorâmica sobre o caso de Verona, veja-se E. BUTTURINI, *Istituzioni educative a Verona tra '800 e '900*. Verona: Mazziana, 2002.

³⁷ A este propósito, veja-se a contribuição de L. SCARAFFIA, *Il Cristianesimo l'ha fatta libera, collocandola nella famiglia accanto all'uomo (Dal 1850 alla "Mulieris dignitatem")*. In: SCARAFFIA, L.; ZARRI, G. (Org.). *Donne e fede*. Santità e vita religiosa in Italia. Roma-Bari: Editori Laterza, 1994, em particular pp. 456-467.

enfermagem é considerado particularmente perigoso o contato dos cuidadores com os corpos.

Outra presença social é representada pela assistência às trabalhadoras, exercida nas indústrias por irmãs operárias ou por irmãs que foram chamadas a trabalhar no interior das atividades manufatureiras e industriais, a fim de dirigir e vigiar as trabalhadoras, depois que estas conseguiram organizar formas de protesto espontâneo contra as condições de tratamento decididas pelos proprietários. Além disso, as religiosas gerenciam dormitórios ou albergues onde se hospedam jovens provenientes de regiões montanhosas ou de áreas mais pobres, obrigadas a viver longe das famílias para trabalhar no estabelecimento. A distância da própria casa e a falta de controle por parte da família pode representar um risco para a integridade moral e física da jovem.

Com o objetivo de melhorar a função feminina de “anjo do lar”, algumas congregações religiosas organizam internatos e promovem oficinas de trabalho para meninas, não só com a preocupação de oferecer-lhes uma formação educativa e moral, mas também para ensinar-lhes, por exemplo, a costurar e a bordar, de modo a poderem eventualmente desempenhar um trabalho na sua própria casa, o que lhes permite também continuar marcando presença na família.

Uma novidade absoluta no âmbito da organização eclesial feminina é constituída pelo progressivo afirmar-se do perfil da superiora geral,³⁸ que constitui a autoridade interna de todas as casas da congregação; além disso, a administração econômica fica subordinada diretamente a ela. Na prática, desta forma os institutos femininos são subtraídos à autoridade de direção dos bispos locais, garantindo a autonomia da fundação confiada a uma mulher só, não tendo mais a tutela masculina de um superior eclesial. Em pouco tempo, paralelamente à evidente mutação que estava acontecendo na época em relação aos papéis femininos, caem por terra as dificuldades suscitadas por amplos setores da Igreja, preocupados com o medo de que a instituição da nova figura da superiora geral pudesse entrar em conflito com os representantes da Igreja local, com a consideração de que seria indecoroso para uma mulher viajar e com a necessidade de se deslocar de uma casa para outra.

No âmbito eclesial, olha-se com suspeição para o aumento das tarefas de apostolado confiadas às religiosas. Estas novidades todas, que levam a um crescente

³⁸ Segundo a historiadora Paola De Biase Gaiotti, a progressiva aceitação e reconhecimento do papel da Superiora constitui uma primeira mutação da cidadania feminina na Igreja. Cf. BIASE, P. GAIOTTI DE. *Da una cittadinanza all'altra. Il duplice protagonismo delle donne cattoliche*. In: BONACCHI, G.; GROPPA, A. (Org), op. cit., pp. 139-140.

protagonismo feminino, além do mais, começam a suscitar perplexidade e temor. Nas últimas décadas do séc. XIX o ímpeto inovador das novas instituições começa a ser contida através de uma lenta mas constante obra de redimensionamento exercida pela Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, no momento em que são apresentadas as constituições para a obtenção da aprovação eclesiástica. Com a Constituição *Conditae*, de 1900, e o Código de Direito Canônico de 1917 a temporaneidade dos votos é abolida e a liberdade limitada.

Digna de registro é a rápida expansão da Companhia de Santa Úrsula, que recebeu uma grande contribuição do “*Breve Apostólico*”³⁹ emanado em 12 de julho de 1901 pelo Papa Leão XIII, um texto que ilustra as atividades às quais se dedicam todas as religiosas que fazem parte da Companhia. Esta nova presença de consagração feminina a Deus no mundo poderia ser entendida como fruto de uma certa insatisfação em relação ao compromisso apostólico-social da mulher religiosa, que ao entrar num convento se distanciaria quase totalmente do mundo.⁴⁰

É evidente a profunda mudança de perfil na figura da religiosa. “*As novas fundações religiosas criam, com efeito, uma nova figura de ‘irmã’ que por um lado se adapta às exigências internas do mundo católico, voltadas a fazer frente à mutação dos tempos com uma presença mais viva e incisiva na vida social. Por outro lado, trata-se também de uma resposta às pressões provenientes do exterior e à desconfiança dos governos seculares em relação às ordens claustrais e contemplativas, culminando na supressão de conventos ordenada pelos soberanos reformadores do séc. XVIII e que prosseguiram na época revolucionária e napoleônica. Por consequência, as novas fundações [...] acentuam a função e o compromisso sociais, que as tornava aceitáveis e até mesmo necessárias, permitindo-lhes a sobrevivência*”.⁴¹ Parece, portanto, que as novas congregações religiosas representem uma reviravolta em termos de autonomia, de autoridade e de emancipação do ser consagrada, comprometida em atividades no âmbito social, no ensino, na saúde e nas atividades caritativas e benéficas, como também na educação das jovens, futuras mães de família.

³⁹ O texto é reproduzido integralmente sob o título *Breve Pontificio di encomio e di conferma della Compagnia di S. Orsola secondo la primitiva istituzione dato il 12 luglio 1901*, na Regra da *Compagnia di S. Orsola dettata da S. Ángela Merici*. Brescia: Scuola Tipografica Figlie di Maria Immacolata, 1921.

⁴⁰ Cf. SARTOREL, S. *Il farsi storia di una vocazione Giovanna Meneghini fondatrice delle Suore Orsoline del Sacro Cuore di Maria*. (Tese de Láurea, Instituto de Teologia da Vida Religiosa da Pontifícia Universidade Lateranense). Roma: Claretianum, 1989. p. 22.

⁴¹ CAFFIERO, M. *Dall'esplosione mistica tardo-barocca all'apostolato sociale (1650-1850)*. In: SCARAFFIA, L.; ZARRI, G. (Org), op. cit., pp. 366-367.

Deve-se enfim ressaltar que a partir da primeira metade do séc. XIX começam a se difundir capilarmente não só na península italiana, mas também no Vêneto, associações de mães cristãs, Companhias e a Pia União das Filhas de Maria⁴² ou congregações intituladas ao Coração Imaculado de Maria. Trata-se de formas de agregação católica, difundidas preponderantemente nas pequenas comunidades, onde acabam se tornando o único pólo de agregação social. Promovem o incremento de culto e de devoção, mas também obras de assistência e socorro mútuo.⁴³ *“Impelidas por uma forte exigência comunitária e solidária e unidas à prática coletiva de orações e devoções, tais redes comunitárias são ativas também no campo da intervenção social, especialmente nos setores assistenciais e de instrução das meninas pobres”*.⁴⁴ Além disso, possuem uma finalidade prioritariamente moral e educativa, voltada a divulgar a tradicional necessidade do ser feminina. Para as jovens constituem lugares “protegidos”, pois representam um prolongamento do ambiente doméstico, do qual lhes é permitido sair para frequentá-los no âmbito paroquial.

Tímidos sinais inovadores

Os primeiros vinte anos do séc. XX são caracterizados por um fenômeno de emancipações em progressivo crescimento. Na Europa operam movimentos femininos organizados que se empenham na reivindicação de direitos iguais para as mulheres – a

⁴² A Pia União das Filhas de Maria foi fundada pelo Pe. Alberto Passeri, canônico lateranense, Pároco de Santa Inês, na Via Nomentana, em Roma, no ano de 1864, com a colaboração da Marquesa Costanza Lepori, colocando-a sob a proteção da Virgem Imaculada e de Santa Inês, Virgem e Mártir. Cf. GRECO, T. DA TORRE DEL. *Dizionario di Teologia Pastorale*. I. Roma: Edizioni Paoline, 1962. p. 740.

Por exemplo, a Pia União, constituída em Vicenza em torno do ano 1876 por obra do jesuíta Pietro Colbacchini, existe em quase todas as paróquias da Diocese, mas não é animada por aquele espírito batalhador que lhe permite ter influência sobre a sociedade, e isso sobretudo devido ao baixo conceito que se mantém por longo tempo, em certos ambientes católicos, sobre a mulher. O único auxílio que a jovem, de acordo com a concepção daquela época, pode dar à sociedade é o exemplo de vida honesta, além da contribuição espiritual. Não vai além das tradicionais devoções em honra da Virgem e inculca a submissão da mulher. É recomendada pela Obra dos Congressos como meio para revigorar o espírito dos católicos e a piedade cristã. Cf. G. DE ROSA. *Storia del Movimento cattolico in Italia*. v. I. Dalla restaurazione all'età giolittiana. Bari: Laterza, 1966. pp. 135-136. Sobre a Pia União, Dom Andrea Scotton escreve *La Piccola Filotea delle Figlie di Maria*. In: “La Riscossa”, 9 agosto 1913, p. 256. Trata-se de um opúsculo em uso desde 1915 entre as inscritas de Breganze e arredores. Das trinta e duas páginas, metade é ocupada pelas descrições dos exercícios de piedade e das indulgências concedidas à associação; as demais contêm normas muito detalhadas às quais deve se conformar o comportamento das Filhas de Maria na Igreja, em casa e fora, de modo a serem e se mostrarem dignas deste nome. Transparece grande quantidade de bom senso popular e moralismo, mais do que motivações teológicas ou de compromisso popular.

⁴³ Cf. BORZOMATI, P. *Confraternite e Terzi Ordini*. In: *Dizionario Storico del movimento cattolico in Italia 1860-1980*. v. I, 2, I fatti e le idee, op. cit. pp. 229-231.

⁴⁴ CAFFIERO, M. *Dall'esplosione mistica tardo-barocca all'apostolato sociale (1650-1850)*. In: SCARAFFIA, L.; ZARRI, G. (Org), op. cit., pp. 366-367.

começar pelo direito ao voto – e na luta contra as condições de desigualdade e discriminação social, cultural e política.

A participação das mulheres na vida pública, como eleitoras e potenciais eleitas, é considerada uma ameaça ao destino natural de mãe e de alma do lar doméstico, um perigo para a própria família e para os fundamentos da sociedade machista e patriarcal, baseados precisamente sobre a inferioridade feminina e sua submissão, sobre o silêncio e sobre a sua invisibilidade pública. Entretanto as mulheres vão progressivamente descobrindo a importância do associativismo e deste participam dedicando-se principalmente à filantropia e ao assistencialismo. Além disso, começam a se preocupar em lutar para ocupar um lugar, inclusive em nível social, não mais passivo e submisso ao querer masculino.

A Primeira Guerra Mundial leva as mulheres a sair, ainda que forçosamente, de âmbitos a elas designados desde sempre, para desempenhar, embora por necessidade, papéis sociais considerados masculinos. Acabam substituindo em vários âmbitos profissionais aqueles que são chamados a combater no front e levam adiante a economia trabalhando nos bastidores para afrontar a difícil situação que se criou a partir da entrada em guerra da Itália.

Também em nível eclesial não faltam sinais de novidade, dentre os quais a difusão progressiva do feminismo. Na realidade, no âmbito católico, trata-se de um fenômeno que diz respeito principalmente a elites culturais, já que, em relação à mulher, o pensamento da Igreja permanece firme nas suas posições tradicionais. A este propósito é explícita a denúncia da representante vicentina do feminismo cristão, Elisa Salerno,⁴⁵ para quem também a instituição eclesiástica contribui para consolidar o

⁴⁵ Elisa Salerno (1873-1957) é uma feminista vicentina *ante litteram*. Sexta de nove filhos de uma família de comerciantes, não completou os estudos regulares. Animada por um profundo desejo de conhecer, apesar dos problemas de saúde, afronta disciplinas tais como a filosofia e a teologia, às quais, no seu tempo, as mulheres não tinham acesso, além de estudar como autodidata as línguas latina, francesa e alemã.

Opta pelo compromisso de ser jornalista e escritora, vivido pessoalmente com o espírito de “operária da caneta”, a arma através da qual, com uma autêntica e impressionante paixão, ela exprime o seu compromisso moral, social e civil. Colabora com as publicações vicentinas “Il vessillo bianco”, “Il Berico”, bem como com “Pensiero e azione”, da Coari. Em 1909 funda o seu próprio jornal, “La donna e il lavoro”, do qual é incansável animadora. Em 1919 esse jornal muda o nome para “Problemi femminili”, pois pretende voltar-se a todas as mulheres, não apenas às trabalhadoras.

Dedica a sua vida com corajoso empenho à “causa santa da mulher”, sua batalha pessoal, que sabe combater com antecipação em relação ao seu tempo, mas sempre incansavelmente com todas as armas à sua disposição, sobretudo com a caneta, isto é, escrevendo e publicando numerosos artigos, jornais, livros e romances (*Un Piccolo mondo cattolico* e *Al bivio*), inclusive pagando do seu próprio bolso, a tal ponto que, tendo gasto todas as suas economias para difundir os seus trabalhos, acaba os seus dias na extrema pobreza.

estado de submissão da mulher, tornando-a ainda mais passiva quanto à vontade e “inerte na mente, incapaz de juízo e de qualquer iniciativa, sendo tão desatinada a ponto de fazê-la experimentar os desprezos, os danos e as injustiças sofridas pelo sexo feminino”.⁴⁶ Certamente a ótica na qual a Igreja daquele tempo se move e age é motivada por temores nutridos em relação aos efeitos desestabilizadores que um papel distinto da mulher comportaria no interior da família.⁴⁷

Ainda que lentamente, assiste-se à difusão de uma cidadania das mulheres no interior da sociedade e da Igreja, um novo protagonismo feminino laical: em número crescente as mulheres de fé descobrem a si mesmas e o seu papel e sentem a exigência de se tornarem ativas. No início do século percebem a necessidade de responder a um chamado, o dever de intervir enquanto católicas, dando a sua contribuição pessoal à situação sociocultural que vai se descristianizando sempre mais, distanciando-se de Deus e da Igreja. Notam a urgência de uma ação, de um apostolado que elas mesmas podem desenvolver, a partir da família, pedra angular sobre a qual apoiar a reconstrução da ordem social que vai se desmontando. Através da educação dos filhos para os valores religiosos e éticos que estão desaparecendo, elas encontram um âmbito para cooperar ativamente com a obra da Igreja, voltada a reconduzir o mundo a Cristo.

Essa vontade de iniciativa, sinal de um emergente subjetivismo feminino mas também de uma renovação da experiência religiosa, encontra-se com a necessidade da Igreja de poder contar de modo explícito com a contribuição feminina. É neste contexto que tem início, graças à iniciativa de Armida Barelli,⁴⁸ a Juventude Feminina, uma

Em sua valorosa batalha em defesa dos direitos da mulher ela ataca a exegese tradicional de algumas passagens da Bíblia e do magistério da Igreja – à qual permanece sendo fiel –, acusando-a de antifeminismo, o que lhe provoca censuras eclesiais.

Dentre suas obras, podem ser consultadas as seguintes reimpressões: FIOCCHI, S. (ORG.). *Un piccolo mondo cattolico, ossia episodi e critiche pro democrazia e femminismo*. Mirano-Venezia: Eidos, 1996; CENTRO DOCUMENTAZIONE E STUDI “PRESENZA DONNA”. (Org.). *Al bivio*. Elisa Salerno oltre il bivio: tra giornalismo e romanzo. Vicenza: Cooperativa Tipografica Operai, 1998; CENTRO DOCUMENTAZIONE E STUDI “PRESENZA DONNA”. (Org.). *Una penna inquieta*. Lettere scelte di Elisa Salerno. Padova: Edizioni Messaggero, 2002. Para o estudo do pensamento e da obra, vejam-se: VICENTINI, E. *Una chiesa per le donne*. Napoli: D’Auria, 1995; e CISOTTO, G. *Elisa Salerno e la promozione della donna*. Roma: Studium, 1996.

⁴⁶ SALERNO, E. *Tre libri: I. Due sorelle, due nature. Due sistemi. II. Dottrina cristina sulla donna. III. Il neo-antifemminismo / Maria Pasini*. Vicenza: Tip. Arti Grafiche Delle Tre Venezie, 1948.

⁴⁷ Cf. MENEGHINI, L. *La condizione femminile nel Vicentino tra Ottocento e Novecento*. In: CENTRO DOCUMENTAZIONE E STUDI “PRESENZA DONNA”. *Un’epoca, un ambiente, una donna Giovanna Meneghini: fondatrice nella Breganze degli Scotton*, op. cit., p. 81.

⁴⁸ Nascida no dia 1º de dezembro de 1882 numa família da burguesia milanesa, entre 1895 e 1890 estuda num colégio suíço. Em 1910 encontra-se com o Pe. Agostinho Gemelli. Em 1918 é nomeada administradora única da editora “Vita e Pensiero”. No dia 17 de fevereiro de 1918, por vontade do Card. Ferrari, dá início à Juventude Feminina Católica de Milão, tornando-se presidenta. No dia 28 de setembro do mesmo ano é nomeada pelo Papa Bento XV presidente nacional da Juventude Feminina para a

organização feminina católica de massa, sustentada por uma eficiente estrutura associativa que favorece uma presença difusa sobre o território. Às jovens permite romper o tradicional circuito casa-Igreja, participando de iniciativas e assumindo responsabilidades de norte a sul da nação para encontros de grupo.

expansão da Associação do Instituto Giuseppe Toniolo e do Comitê Promotor para a fundação da Universidade Católica, inaugurada oficialmente pelo Card. Achille Ratti no dia 7 de dezembro de 1921. Em 1919 institui, juntamente com o Pe. Gemelli, uma agregação de leigas consagradas a Deus. De 1927 a 1929 organiza a Obra da Realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a difusão da vida litúrgica e da espiritualidade cristocêntrica. Em 1946 o Papa Pio XII a nomeia vice-presidente geral da Ação Católica por um triênio. De 1920 até 1950 percorre várias vezes a Itália para difundir a Juventude Feminina (que conta com um milhão e meio de inscrições); organiza assembleias e congressos nacionais e internacionais, semanas sociais, peregrinações, como também inumeráveis cursos culturais e formativos. Dá um grande impulso à atividade católica feminina nas Ligas Internacionais. Vive a sua doença, que se iniciara no outono de 1949, numa fé puríssima, em espírito de penitência, oração e oferta do sofrimento, em particular pela futura Faculdade romana de Medicina e pelo Policlínico Gemelli. Morre em Marzio (Varese) no dia 15 de agosto de 1952, festa da Assunção de Nossa Senhora. Para um aprofundamento inicial, veja-se: Vv. AA. *L'opera di Armida Barelli nella Chiesa e nella società del suo tempo*. Atti dell'incontro di studio dell'Istituto Paolo VI. Roma: Ave, 1983.

CAPÍTULO SEGUNDO

ÀS ORIGENS

Primeiros apoios no cuidado de crianças e jovens

Para compreender como começa, por iniciativa do Pe. João Calábria, a Congregação das Pobres Servas da Divina Providência é preciso fazer referência ao seu ministério pastoral de vigário paroquial na Paróquia Santo Estêvão, localizada num bairro popular de Verona. Ele chega em 24 de setembro de 1901, e desde então, com muita frequência, depara-se com jovens necessitados,¹ material e moralmente abandonados.

Com efeito, nas primeiras décadas do séc. XIX registra-se um “*aumento vertiginoso de filhos ilegítimos, que de algum modo eram abandonados ou expostos nas cidades da região lombardo-vêneta, onde um nascido em cada dois era confiado à caridade pública*”.²

A cidade de Verona, em particular no século passado,³ tornou-se acima de tudo uma fortaleza militar, com uma presença maciça de tropas em quartéis localizados dentro dos muros da cidade, o que contribuiu para aumentar os problemas de ordem social e civil. Um destes problemas, em particular, é constituído pela prostituição, expressão de um costume deletério para a vida familiar e para a moralidade pública. Numa lista de locais de meretrício no ano de 1892 são enumeradas nada menos do que 22 casas, tendo umas 70 mulheres dedicadas à prostituição.⁴ Fenômenos sociais de notável dimensão, tais como a impressionante taxa de emigração sazonal ou permanente, as graves situações de movimento demográfico e de desemprego, a alta mortalidade por pelagra, tuberculose, varíola e cólera⁵ representam certamente outras tantas causas que representam uma situação de emergência quando se trata da

¹ Trata-se, na maioria dos casos, de limpa-chaminés, que durante os seis meses de inverno descem das montanhas e por alguns trocados se dispõem a fazer a limpeza anual dos tubos condutores de fumaça. O Pe. Calábria se preocupa em encontrar-lhes um abrigo e um ponto de referência.

² BUTTURINI, E. *Le iniziative educative della Chiesa a Verona*. In: PAZZAGLIA, L. (Org.). *Chiesa e prospettive educative in Italia tra restaurazione e Unificazione*. Brescia: La Scuola, 1994. p. 446.

³ Para um aprofundamento, cf. G. MURARO. *Verona fine ottocento*. Verona: Edizioni di “Vita Veronese”, 1967. pp. 15-21; BATTIZOCCO, L. *Verona militare*: studio. Brescia: Munster, 1876.

⁴ Sobre a situação de Verona, veja-se S. JOPPI. *Luccirole a Verona*: Prostitute e polizia nell’Ottocento. Verona: Bonato & Castagna, 1996. p. 129.

⁵ Destacam-se os seguintes estudos: ZALIN, G. *La Società Agraria Veneta del secondo Ottocento*: possidenti e contadini nel sottosviluppo regionale. Padova: Cedam, 1978. pp. 72-112; e FRANZINA, E. *Storia dell’emigrazione veneta*. Dall’Unità al Fascismo. Verona: Cierre, 1991. pp. 170.

assistência de crianças e jovens. Resumindo, no final do séc. XIX não se consegue encontrar uma solução para o problema dos menores abandonados. E a situação se repete nos primeiros anos do século seguinte.

Institutos masculinos e femininos de administração civil ou religiosa não faltam, mas são insuficientes para atender às necessidades, tanto que o Prefeito de Verona, Luis Sormani Moretti,⁶ cria mais um instituto de assistência além dos outros quatro já em operação, a fim de resolver essa situação emergencial, provocada pelas ondas de jovens que correm pela cidade e perturbam a ordem pública.

Também o Pe. Calábria acaba se encontrando, de certa forma involuntariamente, diante da necessidade de ter que dar uma resposta concreta ao problema da infância abandonada ou em dificuldades: *“Desde a minha juventude eu sempre me senti chamado a fazer algo de especial pelo bem das almas por meio da caridade. Minha inclinação me levava para a assistência aos doentes, e eu pensava que este teria sido o meu campo de trabalho; tanto isso é verdade que, quando comecei a trabalhar na Paróquia Santo Estêvão como vigário paroquial juntamente com o Pe. Bovo, ele encarregado dos doentes e eu dos jovens, acabamos trocando de encargo. A divina Providência, no entanto, com traços e sinais particulares, conduziu-me a me dedicar também à juventude pobre e abandonada, primeiro na minha casa, sozinho, e depois, de uma forma mais sistemática, na Casa Buoni Fanciulli”*.⁷

E assim ele começa a recolher jovens desde o ano de 1906, consciente de que tais situações problemáticas não se resolvem apenas com uma esmola, por mais generosa que seja. Compreende que é preciso se preocupar em garantir-lhes aquela assistência contínua e aquela educação da qual eles tanto precisam. A busca por uma colocação destes jovens nos diversos colégios presentes na cidade ou na região, infelizmente, revela-se uma meta não tão simples assim. Aguardando e esperando poder finalmente colocar algum daqueles jovens numa das instituições por ele contatadas ele acaba tendo que acolhê-los, às vezes por alguns dias, mas em alguns casos até por semanas ou meses. Ele os hospeda na sua casa,⁸ um apartamento no segundo andar da

⁶ Cf. MORETTI, L. SORMANI. *La provincia di Verona: monografia statistica, economica, amministrativa*. Firenze: Leo S. Olschki ed., 1904.

⁷ CALABRIA, G. *Note per l'abate Dom Emanuele Caronti*, marzo 1935, AHPSDP, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 33, b. N 02728.

⁸ Sobre o serviço desenvolvido pelo Pe. Calábria entre 1901 e 1907 em favor dos meninos e sobre as origens da Obra, veja-se o artigo de M. GECHELE. *La Casa Buoni Fanciulli di San Zeno in Monte (1908-1932)*. In: BUTTURINI, E.; CONA, R.; GECHELE, M. *Il contesto storico e le case di San Zeno in Monte, Costozza ed Este (1907-1932)*. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità Calabrian, 2007. Vol I/1. pp. 93-315.

Rua Fontanelle, onde vive a sua mãe, Dona Ângela,⁹ mas também a amiga dela, Margarida Masina,¹⁰ e ainda a irmã dele, Teresa,¹¹ que havia ficado sozinha com a sua filhinha, Marcelina.

Foi assim que, na realidade, o Pe. Calábria começou a projetar um serviço em favor dos menores abandonados desde 1905; disso podemos encontrar alguns resquícios numa carta enviada ao secretário particular do Papa Pio X, datada de 24 de outubro. Ele escreve que, pelas duas razões que passava a elencar: “*vendo continuamente quantas*

⁹ Ângela Foschio nasceu em Verona no dia 7 de agosto de 1831, filha de Paolo Foschio, de Spilimbergo (Pordenone), e de Giovanna Tosi, de Verona. Dos seis aos dezesseis anos foi educada como interna no Instituto do Pe. Nicola Mazza, fundado para atender meninas necessitadas. Aos dezesseis anos sua mãe veio a falecer, o que a obrigou a voltar para casa para cuidar da sua irmãzinha Tereza. Dois anos depois o pai se casou novamente e assim ela pôde retomar a sua formação profissional no Instituto Pe. Mazza como aluna externa, recebendo uma modesta cultura, uma boa habilitação para costura e bordado e sobretudo uma formação humana e cristã sólida. Como ela frequentava a Igreja de São Lourenço teve a oportunidade de encontrar-se com Luis Calábria, um pobre sapateiro que trabalhava em sua própria casa, com o qual se casa em 6 de abril de 1856, na Igreja dos Santos Apóstolos. Afronta a vida sustentada pelo grande dom da fé, graças à qual, com serena confiança, consegue superar a dor da morte de quatro dos sete filhos, pronta para crescer na alegria com os três remanescentes: Teresa (22/04/1864), Gaetano (19/08/1970) e João (08/10/1873). A partir do inverno de 1885 a doença do marido, seguida de sua morte, ocorrida em 28 de fevereiro de 1886, levam-na a uma consequente situação de pobreza afrontada com grande disposição, providenciando o sustento da família; foi assim que ela começou a lavar e passar roupa para famílias ricas, trabalhando também, à noite, como cuidadora de pessoas enfermas. Apesar do trabalho e do cansaço quotidiano, estava atenta a todas as necessidades dos seus filhinhos, aos quais, além do pão quotidiano, apresenta o amor que sente por Nossa Senhora das Dores, ensina as orações e a “crer”. Sabe acolher a todos: Bárbara, Masina, bem como os parentes necessitados; de todos consegue ser mãe. A espiritualidade desta mulher de grandes virtudes cristãs é caracterizada por: amor a Deus, aceitação da vontade divina, fé na divina Providência, amor pelo próximo, compreensão pelas limitações dos seus filhos, doçura, paciência e confiança ilimitada na vontade do Pai. Consegue passar essas virtudes à vida dos filhos, particularmente para João, que dela recebe o exemplo de como conformar a sua própria vida à vontade de Deus, que ele aceita inclinando-se a esta de maneira total. Além disso, sabe doar-se de forma tão natural a todos porque viu a sua mãe fazer isso tão espontaneamente. Faleceu no dia 8 de maio de 1908. Cf. CRESTANI, E. *La mamma di don Calabria fu allieva di don Mazza*. In: “*Don Mazza*. Bollettino trimestrale”. Dicembre, 1951. pp. 150-152.

¹⁰ Margarida Masina, mulher de uma certa idade, vive dignamente com o seu trabalho de costureira. É vizinha de casa dos Calábria, e com o passar do tempo se torna sempre mais íntima da família a ponto de se tornar parte dela e indo morar no Vicolo Fontanelle. Quando o Pe. Calábria não conseguia colocar os meninos em alguma instituição e acabava levando-os para a sua casa, onde muitas vezes eles acabavam ficando por dias ou até semanas, ela ajudava como podia, sempre disposta a dar tudo o que tinha. “*Um pouco resmungando, um pouco protegendo, ajudava a mamãe Ângela no cuidado e assistência dos pobres meninos; ficava muito feliz quando conseguia contribuir para matar a fome daquelas bocas nunca saciadas*” (FOFFANO, O. *Don Giovanni Calabria*. Milano: Casa Buoni Fanciulli, 1981. p. 103). É assim que Masina se torna uma das primeiras colaboradoras do Pe. João, acompanha-o a San Benedetto al Monte e lhe permanece fiel depois da morte de sua mãe, acreditando na missão confiada ao Pe. Calábria por Deus Pai e partilhando dela até o último dia de sua vida. O Pai conta que, quando foi vê-la no hospital em fim de vida, perguntou-lhe: “*Masina, ve despiase morir?*”, “*Assé, caro Gioanin*”. “*Parché, Masina? La va in paradiso!...*” “*Ma non te vedo più!...*”, responde-lhe com lágrimas nos olhos. Neste diálogo, em dialeto, Pe. Calábria pergunta: “*Masina, ter que morrer te deixa triste?*”, “*Muito, querido Joãozinho*”. “*Por que, Masina? Estás indo para o paraíso!...*”. “*Mas não vou mais te ver!...*”. O fato é narrado por O. FOFFANO, op. cit., p. 168.

¹¹ Tendo engravidado, Teresa dá à luz a Marcellina em 1887. Foi novamente acolhida em casa pela mamãe, Ângela, que não segue o costume adotado por muitos pais da época que, para tirar dos seus ombros o escândalo e a vergonha, expulsam de casa as filhas desonradas ou eliminam uma maternidade não desejada; pelo contrário, a apoia, encorajando-a e ajudando-a a reconstruir uma nova vida.

pobres almas de jovens são convencidas pelo demônio e conduzem uma vida como os animais” e “considerando as dificuldades de se conseguir alocar essas pobres almas em instituições que as recebam gratuitamente”, há tempos ele se sente impelido a iniciar “uma pequena obra in pro¹² dos jovens pobres, andarilhos, abandonados”,¹³ fundada totalmente sobre a divina Providência.

Pe. Calábria os assiste com aquela atenção afetuosa típica de uma mãe. De fato, durante o período que ele transcorreu atuando no hospital e prestando serviço militar, havia intuído que também o adulto precisa de cuidados maternos. Com este espírito ele presta seus serviços entre os militares, como escreve o seu primeiro biógrafo, Pe. Luis Adami:¹⁴ *“Assumiu com muita dedicação o cuidado dos doentes. Não era o soldado a quem foi ‘ordenado’ prestar este ou aquele serviço, mas o irmão que se curva sobre o seu irmão querido, que está doente. Era, melhor dizendo, a mãe que assiste o seu filhinho, que adivinha os seus desejos, que partilha a sua dor. Sentia, confessava-o ele próprio, que aqueles garotões de uns vinte anos e que haviam sido retirados de suas casas, na realidade eram verdadeiros crianças, embora usassem o uniforme militar; mas especialmente depois, quando adoeciam, voltavam a ser crianças, e precisavam da mamãe. E o Nosso se tornou ‘mamãe’ para cada um dos assistidos durante a sua enfermidade”.*¹⁵ *“E ele se inclinava sobre o leito deles com amor de mãe; dizia palavras de conforto que só uma mãe sabe extrair do fundo do seu coração”.*¹⁶ *“A conduta irretocável, a entrega generosa à assistência, o cuidado materno dos doentes, tudo, em síntese, fazia dele um soldado muito diferente do soldado comum. [...] O soldado Calábria representava uma categoria à parte, fora de série”.*¹⁷

Este sentimento maternal continua vivo no Pe. Calábria, que agora, ocupando-se dos menores, se dá conta de que aquela mesma carência é mais sentida ainda pelos

¹² A expressão “in pro” significa “em favor de”.

¹³ CALABRIA, G. *Lettera a mons. G. Bressan del 24 ottobre 1905*. ms. Archivio Segreto Vaticano: Arch. part. Pio X, b. 16 *Risposte, ottobre 1905*, ff. 926-929.

¹⁴ Luis Adami (17/03/1891 – 19/03/1968), tendo entrado na Casa Buoni Fanciulli no dia 2 de junho de 1908 e tendo sido ordenado sacerdote no dia 24 de agosto de 1921, é educador; foi professor no seminário episcopal de 1924 a 1952. Por muitos anos foi Conselheiro Geral da Congregação Pobres Servos da Divina Providência, sendo fundador e diretor, de 1930 até sua morte, do periódico do Instituto, “L’Amico dei Buoni Fanciulli”, do qual redige boa parte dos artigos. Publicou alguns livros hagiográficos e de catequese. É o primeiro biógrafo do Calábria. Sua biografia mais completa é a que foi preparada por G. PERAZZOLO. *Appendice profilo biografico di Don Luigi Adami P.S.D.P.* In: ADAMI, L. *Don Giovanni Calabria: Vitae editio prior, vitae editio altera*. In: *Fonti calabriane, serie seconda: Scritti editi ed inediti di Poveri Servi della Divina Provvidenza (periodo 1907-1954)*. v. II-III. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana, 2005. pp. 389-399.

¹⁵ ADAMI, *Don Giovanni Calabria: Vitae editio prior, vitae editio altera*, op. cit., p. 54.

¹⁶ *Ibid.*, p. 286.

¹⁷ *Ibid.*, p. 60.

menores andarilhos e abandonados. A lembrança da sua infância, aquecida praticamente apenas pela presença da sua mãe, torna-o ainda mais consciente da necessidade de ter aquele olhar e aquele coração materno pelos seus filhos.

Mas é evidente que tudo isto não basta: Pe. Calábria sente a necessidade de poder contar também com a mão da dona de casa, naquelas situações que são mais atinentes à missão da mãe, tais como lavar, cozinhar, costurar etc. Até porque, em torno do final do ano de 1906, a sua mãe adoece e custa a se recuperar de uma forte broncopneumonia. Sem poder contar com a sua ajuda ele não sabe como fazer para acolher outros menores e fica muito preocupado. Então ora ao Senhor pedindo que, se quiser que ele continue a se ocupar das crianças pobres, conceda saúde à sua mãe por pelo menos um ano. Contra qualquer previsão a mãe dele se recuperou quase que imediatamente e viveu ainda por mais ou menos um ano. Graças a esta cura, acolhida como sinal da divina vontade, Pe. Calábria pôde continuar a Obra iniciada.

Em 1907, ao ser nomeado Reitor de San Benedetto al Monte, em poucos meses, devido às dimensões modestas da casa canônica, ele foi obrigado a procurar uma nova sede. Graças à colaboração do amigo Francisco Maria Perez,¹⁸ do aluno externo da quinta série do seminário e organista da Igreja de San Benedetto, familiarmente chamado de “Gigio” (que mais adiante se tornará Pe. Luis Adami) e do seu penitente e vigário paroquial da Igreja de San Giovanni in Valle, Pe. Diodato Desenzani,¹⁹ no dia 26 de novembro, numa casinha da Rua Case Rotte, ele acolheu os primeiros cinco

¹⁸ Para uma primeira aproximação à figura do Conde e Advogado Francisco Maria Perez (09/07/1861 – 04/12/1937) e sobre o seu ingresso na comunidade religiosa de San Zeno in Monte no dia 20 de agosto de 1909, veja-se G. PERAZZOLO. *La Congregazione dei Poveri Servi della Divina Provvidenza (1907-1932)*. Verona: Centro di Cultura e Spiritualità Calabrianiana, 2007. v. I/2. pp. 38-39. Além disso, M. GECHELE. *La Casa Buoni Fanciulli di San Zeno in Monte (1908-1932)*. In: BUTTURINI, E.; CONA, R.; GECHELE, op. cit., pp. 267-268.

¹⁹ Pe. Diodato Desenzani (11/11/1882 – 16/06/1960), ordenado sacerdote em 1905, foi vigário cooperador na Reitoria de Santa Toscana, mais tarde em San Giovanni in Valle e, enfim, na Paróquia de San Paolo in Campo Marzio. Cooperou com o Pe. Calábria de 1907 a 1911 e entra no Instituto das Missões Externas de Milão no outono de 1913. Em 25 de agosto de 1914 parte como missionário para Hyderabad (Índia). Em 1930, na missão de Batzwada, distrito de Kistna, funda um internato masculino e um feminino aos quais deu o nome de Casa Buoni Fanciulli. Durante o período 1933-1934, tendo voltado para a Itália para matricular-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Pádua, funda a União Médico-Missionária Italiana e colabora para o envio de quatro religiosos do Pe. Calábria para a Índia. Em 1936 volta para a Itália novamente para completar os seus estudos de medicina na Universidade de Pádua, sendo hospedado em 1937-1938 pelo pároco de San Giovanni in Valle, Pe. José Bonometti. Forma-se em 1938. Voltando para a Índia, atua como missionário até sua morte. Sobre ele veja-se: VV. AA. *Padre Diodato Desenzani fondatore dell'UMMI*. Negrar (Verona): Ummi, 2000. Sobre a colaboração com o Pe. Calábria, cf. G. PERAZZOLO, op. cit., pp. 25-30; 167-170; além disso, M. GECHELE, op. cit., pp. 259-263.

“Buoni Fanciulli”²⁰. É assim que tem início a Casa Buoni Fanciulli, que desde o começo é considerada pelo Pe. Calábria não como uma casa com uma pura e simples meta de filantropia, mas que ele sente como uma Obra de Deus, um meio através do qual pode-se manifestar a fé e a confiança na divina Providência.

No dia 8 de maio de 1908 a sua mãe vem a falecer, enquanto o número de menores acolhidos aumenta rapidamente e não param de chegar pedidos de novas admissões. Faz-se necessária uma nova sede; graças a Francisco Perez é adquirido o complexo San Girolamo Emiliani, em San Zeno in Monte, para onde no dia 6 de novembro de 1908 se muda o grupo de 23 menores que chegam a 32 no final do ano. No ano seguinte, favorecidos também pelo efeito daquele ambiente mais espaçoso, o número chega a 80.²¹

A ajuda das Irmãs da Misericórdia

Pe. Calábria constata que, para dar conta das necessidades materiais do novo grupo, faz-se necessária também a contribuição de outras mulheres, sobretudo para lavar, remendar e passar a roupa. A presença feminina, além de garantir o encaminhamento dos afazeres domésticos, permite que os “seus” jovens façam a experiência do terno cuidado de um coração de mãe, que não tem meio-termo e sabe intuir precisamente as necessidades a afrontar. Lembra-se das Irmãs da Misericórdia,²² com as quais trabalhou no Hospital de Verona, onde prestava serviço militar.²³ Continua

²⁰ Os pequenos são considerados pessoas incapazes de fazer o mal e que podem ser educadas a fazer o bem. Seguindo a sugestão do Pe. Diodato, o Pe. Calábria a chama de “Casa Buoni Fanciulli” (Casa “Bons Meninos”).

²¹ Estes dados são fornecidos por M. GECHELE, op. cit., pp. 176-177.

²² O Instituto das Irmãs da Misericórdia foi fundado em Verona pelo Pe. Carlos Steeb (18/12/1773 – 15/12/1856), um ex-luterano de Tübingen, que, tendo chegado aos dezoito anos na cidade de Verona em 1791 para aprender a língua italiana e para obter alguma experiência no comércio de fição, acaba encontrando a luz da verdadeira fé e o caminho do sacerdócio. Filho espiritual do Pe. Pedro Leonardi, por sua vez tem Luisa Poloni como sua filha espiritual, mulher forte, sua cooperadora, e que ele indica como fundadora do Instituto Irmãs da Misericórdia, aprovado pelo governo austríaco no dia 28 de dezembro de 1847 e erigido canonicamente no dia 10 de setembro de 1848. O Instituto adota as *Regras* da Congregação das Irmãs da Misericórdia de Viena, já aprovada pelo Papa Gregório XVI em 15 de setembro de 1835, que haviam sido elaboradas pelo Pe. Carlos Steeb. As Irmãs da Misericórdia moram em Sant’Antonio del Corso e prestam serviços de enfermagem no Hospital, no abrigo, no Instituto degli Esposti, no manicômio de San Giacomo Extra, no Hospital Militar Santo Spirito e no Asilo della Mendicità.

²³ As Irmãs da Misericórdia, mulheres de temperamento excepcional, consagradas a Deus a serviço do próximo sofredor, sabem harmonizar a serenidade e a competência profissional com a bondade materna. Pe. Calábria nutre por elas estima e veneração, sempre manifestando-lhes muita gratidão. Esta é a sua lembrança da Superiora, Irmã Bernardina (Margarida Dall’Arche) –, nascida em Miane, Treviso, em 26/11/1880 e falecida no dia 20/08/1970, de caráter firme e maternal: “*Era muito virtuosa e cheia de*

a encontrá-las nos sanatórios e hospitais da cidade, onde prestam seu serviço a doentes e anciãos com espírito de grande dedicação. Na época em que ele pensava em recorrer a elas para o auxílio de que necessitava para os seus Buoni Fanciulli²⁴ as Irmãs da Misericórdia já estavam bem encaminhadas: nascido em Verona, o Instituto tinha quase 70 anos de existência e várias casas espalhadas pela Itália. A Superiora Geral era a Madre Lavinia Mondin, mulher de bom coração, que conhecia o Pe. Calábria desde pequeno. O fechamento de uma creche, o “Asilo Inabili”, provocou o retorno das irmãs que lá trabalhavam para a sede, o que acabou se tornando uma ocasião propícia para pedir a colaboração delas para a Obra Buoni Fanciulli. Madre Lavinia, no começo, estava um tanto titubeante com o pedido; só que quando falou do desejo do Pe. Calábria às suas irmãs ela viu que várias delas queriam se oferecer para fazer parte de uma obra que beirava o heroísmo, tanto pelo trabalho opressivo quanto pela dedicação total exigida; então a Madre viu ali a vontade de Deus, e aceitou. Assim, determinou que a Irmã Pellegrina²⁵ e a Irmã Lisetta²⁶ o ajudassem na questão das roupas a serem lavadas: toda segunda-feira iam recolher a roupa e a devolviam no sábado. A retirada e a entrega era feita por Santo Bastian, encarregado dos cavalos na casa dos Condes Perez, com um carrinho de mão, auxiliado por alguns jovens.

Para cuidar da rouparia dos Buoni Fanciulli, que cresce dia após dia, foi necessário aumentar para quatro o número de irmãs; deste modo, no dia 10 de janeiro de 1910 acabou se formando uma pequena comunidade guiada pela Superiora, Irmã Firmina Motta,²⁷ e composta por Irmã Flaminia,²⁸ cozinheira, Irmã Romualda²⁹ e Irmã

caridade para com todos. [...] Era toda oração e trabalho; não conseguia entender como alguém pudesse passar algum momento no ócio, já que não se podia jamais esquecer que estamos sempre na presença de Deus”. Causa admiração, pela sua seriedade e prudência, a Irmã Celestina (Donnina Marani Celestina Murari, nascida em Verona no dia 16/06/1859 e falecida em 18/12/1947), enfermeira de vigilância noturna, “modelo e protetora dos vigilantes, a qual, por mais de cinquenta anos, prestou seus serviços no Hospital Militar de Verona. Quando era o meu turno de trabalho à noite, ela me chamava, me dava instruções sobre aquilo que eu deveria fazer e me deixava alguma coisa para ir comendo durante a noite. Com os doentes ela tinha muita caridade, como uma mãe. Via neles Jesus Cristo sofredor; era imparcial, tratando a todos com bondade e doçura” (GADILI, M. San Giovanni Calabria. 2. ed. Cinisello Balsamo (Milano): Edizioni San Paolo, 1999. p. 59.

²⁴ Provavelmente as Irmãs da Misericórdia ajudam os Buoni Fanciulli também fornecendo-lhes o pão que sobrava no Asilo Inabili (antigo abrigo), como o comprova o testemunho dado pelo IRMÃO L. BORGO (III Testemunha). In: *Positio super virtutibus Servi Dei Ioannis Calabria*. Roma, 1984. p. 38.

²⁵ Irmã Pellegrina Viacelli (29/04/1860 – 21/02/1928).

²⁶ Irmã Lisetta Contessa (28/03/1881 – 16/05/1958).

²⁷ No registro Maria Motta (27/04/1842 – 05/08/1913), Irmã Firmina tem quase setenta anos e está doente; mesmo assim, jamais se lamenta pelas dificuldades enfrentadas, pela falta de qualquer tipo de comodidade, pelo alimento que lhe chega sem horário regular. Trabalha com muita vigor, reza, mantém alto o astral das irmãs com a sua costumeira hilaridade. Afronta com calma, paciência admirável e uniformidade à vontade de Deus o longo período de enfermidade que a leva à morte aos 71 anos. Sobre o

Lisetta, encarregadas da rouparia. Estas Irmãs da Misericórdia, com a permissão do seu Superior eclesiástico, Dom José Ciccarelli,³⁰ prudentemente providenciada com antecedência pelo Pe. Calábria, transferiram-se por alguns meses do seu Instituto para a casinha de propriedade dos Condes Giusti, que fica aos pés de San Zeno in Monte, na frente do jardim, na Rua Scala Santa. Como a casa ficou liberada após a morte do locatário, Sr. Weinchell, o Pe. Calábria a alugou por 30 liras por mês, pela simples razão de que ficava bem perto da Casa Buoni Fanciulli, o que facilitava a vida de todos.

Falando desta colaboração muitos anos depois, no Natal de 1949, o Pe. Calábria lembrou assim daquele seu pedido: *“Ainda está vivo na minha mente a lembrança das primeiras Irmãs da Misericórdia, que vieram para ajudar esta humilde Obra do Senhor, da qual eu nada mais sou do que um pobre Casante. Quando eu pedi à Reverendíssima Madre Geral, Irmã Lavinia Mondin, se ela podia me mandar algumas das suas irmãs para me ajudar, ela inicialmente ficou um pouco em dúvida, porque nada aparecia ainda da Obra; quando, todavia, fez a proposta às suas filhas, viu que muitas se ofereciam e estavam dispostas a enfrentar qualquer sacrifício; a Madre viu nisso um sinal da vontade de Deus e escolheu algumas, cujos atos e exemplos de generosidade e espírito de sacrifício eram para todos de grande edificação”*.³¹

Eis a lembrança de uma daquele grupo de Irmãs da Misericórdia que foi dar uma mão ao Pe. Calábria, a Irmã Lisetta: *“A acolhida foi realmente festiva: missa do Pe. Calábria, discurso e o canto do Te Deum. Tínhamos a sensação de estar no paraíso ajudando aquele sacerdote. Para poder trocar a roupa daqueles espertinhos*

seu perfil, veja-se *Storia dell'istituto “Sorelle della Misericordia” di Verona*. v. III, Parte prima, 1894-1914. Verona, 1952, pp. 128-133.

²⁸ Irmã Flaminia Zimbelli (01/02/1872; saída do Instituto em 29/11/1921).

²⁹ Irmã Romualda Sturaro (05/02/1885 – 19/04/1928).

³⁰ José Ciccarelli nasce em 28 de julho de 1844 em Ca' di David, filho de Luis e Ana Cipriani. Em novembro de 1858 entra no Instituto Pe. Nicola Mazza, enquanto ainda vivia o seu fundador, onde frequenta a última série do ensino fundamental e todo o ensino médio. A seguir, ingressa no seminário episcopal. É ordenado sacerdote no dia 16 de março de 1867 e enviado para a Paróquia de Sommacampagna. Quando surgiu vaga na Paróquia San Giovanni Lupatoto, devido à promoção do Pároco Pe. Lourenço Brazzoli para Reitor do Seminário, Pe. Ciccarelli é chamado a cuidar da paróquia interinamente, sendo nomeado pároco em 1875. Nesta paróquia organiza várias obras de caridade, uma das quais subsiste até hoje: a Pia Obra Cicarelli de San Giovanni Lupatoto (Verona). Em 1902 torna-se cônego com o título de vigário da catedral e recebe também o encargo de Superior das Irmãs da Misericórdia, cargo por ele exercido por dezessete anos. Veio a falecer no dia 12 de fevereiro de 1919, aos 75 anos de idade. Seus restos mortais foram transportados em julho de 1924 de Verona para San Giovanni Lupatoto, tendo sido acompanhado e sepultado no cemitério local com todas as honras.

³¹ *Storia dell'istituto “Sorelle della Misericordia” di Verona*, op. cit., pp. 793-794.

*trabalhávamos até à meia-noite e, na festa do bispo, Card. Bacilieri,³² o Pe. Calábria nos permitiu trabalhar também durante a festa”.*³³

O grupinho das Irmãs da Misericórdia, como todos os componentes da Obra do Pe. Calábria, vive confiado à Providência. *“Pe. Calábria nos queria abandonadas à divina Providência. Nas primeiras semanas um Irmão nos trazia diariamente a refeição. Mas uma noite, em janeiro, já eram 22h e nada da janta chegar. Irmã Romualda, então, teve a ideia de pegar o Menino Jesus que estava junto de uma estátua de Nossa Senhora que tínhamos sobre a mesa, dizendo: ‘Quando a senhora me mandar a janta, eu devolvo o Menino’. Uma hora depois chegou um Irmão trazendo uma grande sopeira com risoto de fígado, um frango e quatro pães, juntamente com um litro de vinho, doação de uma benfeitora de San Giovanni in Valle. Imediatamente recolocamos o Menino sobre os joelhos de Nossa Senhora e depois comemos com gosto”.*³⁴

As Irmãs da Misericórdia ficaram por aproximadamente dois meses na casa sobre o jardim Giusti;³⁵ depois disso, mudaram-se para uma casa pertencente à Reitoria, na Rua San Giovanni in Vale, 38, que lhes foi generosamente oferecida pelo Pe. José

³² Bartolomeu Bacilieri, nascido em Molina di Breonio (Verona) no dia 28 de março de 1842, cursa o ensino médio clássico no seminário de Verona. Recebe a vestição clerical em 8 de dezembro de 1859. Em 27 de novembro de 1862 é enviado para Roma a fim de estudar no Colégio Caprânica. Forma-se em Teologia no quadriênio 1863-1867 no dia 25 de julho de 1867, obtendo grau máximo. Enquanto isso, em 17 de dezembro de 1864, havia sido ordenado sacerdote na Basílica do Latrão, em Roma. De 1867 até 25 de março de 1878 ensina teologia dogmática no seminário de Verona, tornando-se reitor em 1878 e cônego do capítulo da catedral de Verona. Em 1º de junho de 1888 é ordenado bispo titular de Nissa di Licia e coadjutor, com direito à sucessão, do bispo de Verona. No dia 10 de junho daquele mesmo ano recebe a consagração episcopal das mãos do Card. Mariano Rampolla, tendo por Arcebispos concelebrantes Alessandro Samminiati e Vincenzo Vannutelli, na capela do Colégio Caprânica.

Sucede o Card. Luigi di Canossa como Bispo de Verona, à morte deste, ocorrida em 12 de março de 1900; no dia 15 de agosto envia a sua primeira carta pastoral e no dia 2 de setembro faz o seu ingresso solene na Diocese.

Papa Leão XIII o cria Cardeal de San Bartolomeo all’Isola no consistório de 15 de abril de 1901. Participa, como cardeal eleitor, de três conclaves: em 1903 (durante o qual foi eleito o Papa Pio X); em 1914 (quando foi eleito o Papa Bento XV) e em 1922 (na eleição do Papa Pio XI).

Morre em Verona no dia 15 de fevereiro de 1923, quarta-feira de Cinzas, com a idade de 80 anos. O funeral é celebrado no dia 17 de fevereiro de 1923, na Catedral de Verona, na presença do Card. Pietro La Fontaine, Patriarca de Veneza, e de quase todos os bispos da região do Vêneto. Encontra-se sepultado na Catedral de Verona. A seu respeito, veja-se: TRECCA, G. *Per il centenario della nascita del Cardinale Bartolomeo Bacilieri Vescovo di Verona*. Verona: La Tipografia Veronese, 1943; e VIVIANI, O. *Il Card. Bartolomeo Bacilieri Vescovo di Verona*. Verona: Tip. Ghidini e Fiorini, 1960.

³³ Cf. L. CONTESSA. *Lettera a sr. Davidica*, 10 novembre 1949, AHPSaDP, fld. Lavoro preparatorio per la stesura della storia della Congregazione 1, c. San Giovanni in Valle.

³⁴ Ibid.

³⁵ Na Casinha, que ficava no alto do jardim Giusti, em abril de 1911 o Pe. Desenzani se instala com os meninos mais insubordinados da Casa. O estatuto da “Obra da Imaculada”, comumente chamada “Casinha”, foi vistória pelo Pe. Calábria no dia 28 de agosto de 1911. Com uma carta de 19 de dezembro de 1912 o Pe. Calábria proíbe o Pe. Desenzani de acolher na Casinha os expulsos de San Zeno in Monte. Cf. G. PERAZZOLO, *La Congregazione dei Poveri Servi della Divina Provvidenza (1907-1932)*, op. cit., p. 72.

Bonometti,³⁶ Reitor daquela igreja, que ainda não era paróquia. Irmã Romualda, que todos os dias tinha um pouco de febre, foi substituída pela Irmã Salustia,³⁷ que havia acabado de voltar de Varallo. A pequena filial provisória dura pouco porque as três salas da casa canônica não são suficientes, tanto que nem um ano depois as Irmãs foram obrigadas a voltar para o seu próprio Instituto, onde continuam o trabalho com grande amor e satisfação, remendando montanhas de roupas usadas pelos jovens que as recebiam, na maior parte, de presente. Enquanto as costureiras tentavam recuperar as roupas em casa, algumas enfermeiras iam até San Zeno in Monte para cuidar dos menores necessitados. Em particular, Irmã Eustólia³⁸ e Irmã Celide³⁹ medicavam as crianças, cheias de frieiras.

Poucos meses depois do início dessa colaboração das Irmãs da Misericórdia com o Pe. Calábria o fato chegou ao conhecimento do Bispo de Verona, o Card. Bacilieri, que manifestou o seu desapontamento com o Instituto. Além disso, o delegado para as religiosas exigiu de todas as congregações que não permitissem a estadia e o pernoite de religiosos fora da casa religiosa, exceção feita apenas para comunidades formadas; não seriam admitidos, portanto, pequenos grupos de serviço extraordinário. Em vista disso o Superior, Dom Ciccarelli, repreendeu as Irmãs da Misericórdia. Irmã Lisetta continua sua recordação: *“Na oitava de Páscoa a Irmã Fulgência⁴⁰ veio dar-nos a triste notícia de que tínhamos que nos preparar para voltar para o Instituto, no qual continuaríamos a obra de caridade. De fato, no dia 27 de abril de 1910, muito tristes, voltamos para a Casa-Mãe. [...] Por um pouco de tempo éramos quatro, e a superiora, Irmã Cândida,⁴¹ frequentemente nos mandava ajuda; mas depois, uma a uma, elas foram destinadas pelas nossas superiores a outros locais, e eu fiquei sozinha. Nas segundas-feiras, com uma colega, eu ia buscar as roupas, que durante a semana eu consertava, e no sábado vinham os jovens buscá-las. [...] Continuei a prestar esse serviço até setembro de 1911”*.⁴²

³⁶ José Bonometti (01/08/1874 – 05/02/1953), ordenado sacerdote em 1897, de 1919 até sua morte inicialmente foi reitor e depois pároco da Igreja de San Giovanni in Valle, de Verona. Amigo e admirador do Pe. Calábria, a ele dirige-se para pedir seu parecer acerca da proposta que lhe havia sido feita, enquanto era encarregado da Paróquia dos Santos Apóstolos, de aceitar a Reitoria de San Giovanni in Valle. Cf. ADAMI, op. cit., pp. 360-361.

³⁷ Irmã Salustia Brunelli (02/06/1853 – 27/12/1915).

³⁸ Irmã Eustolia Piccin (17/02/1870 – 06/03/1940).

³⁹ Irmã Celide Dalla Fontana (23/11/1878 – 05/12/1969).

⁴⁰ Irmã Fulgência Fattori (02/05/1872 – 08/05/1922).

⁴¹ Irmã Cândida Penacchioni (26/11/1868 – 16/11/1917).

⁴² Cf. L. CONTESSA. *Lettera a sr. Davidica*, 10 novembre 1949, AHPSaDP, fld. Lavoro preparatorio per la stesura della storia della Congregazione 1, c. San Giovanni in Valle.

Diante das novas disposições diocesanas chegou-se a um acordo temporário, de modo a não privar o Pe. Calábria da ajuda dada pela Irmã Lisetta e uma noviça, a Irmã Gaudiosa. As Irmãs da Misericórdia, com efeito, não cessam de ajudar a Casa Buoni Fanciulli e, mesmo tendo retornado à sua sede, continuam até o final de 1912 a se ocupar das numerosas necessidades do Instituto em formação e a se prestar para múltiplos e variados trabalhos, demonstrando ainda mais a sua generosidade e a sua simpatia pela Obra. Ao recordar estas colaboradoras, sempre com gratidão e reconhecimento, Pe. Calábria as define “heróicas”.

“Assim nasceram as Irmãs dos Pobres Servos”

A história das Pobres Servas da Divina Providência tem seu início depois que o Bispo de Verona manifesta ao Pe. Calábria a sua concordância ao acolhimento de algumas mulheres que queiram se consagrar à Obra. A este propósito eis a descrição feita pelo Pe. Calábria: *“A primeira célula das Irmãs dos Pobres Servos veio das Irmãs da Misericórdia; era Superiora Geral na época a Irmã Mondin, a quem eu pedi que, em meu nome, perguntasse às suas religiosas se alguma delas gostaria de ajudar espontaneamente a nascente Obra dos Pobres Servos; muitas responderam que sim. Foram escolhidas uma ou duas, e se instalaram em San Giovanni in Valle juntamente com a Irmã De Battisti, verdadeira serva de Deus. Lá as irmãs, com a permissão do seu Superior, Dom Ciccarelli, trabalhavam em silêncio, quando, certo dia, veio a mim o próprio Dom Ciccarelli e me disse: ‘Pe. João, sinto muito em ter que dizer-lhe que o Cardeal não quer irmãs assim livres, trabalhando fora do seu lugar de origem’.*

Eu o agradei e de imediato me dirigi ao Cardeal, que me deu a mesma ordem. Obedeci, mas logo pedi à Sua Eminência: ‘E se algumas boas mulheres se unissem para trabalhar junto com os Irmãos, o senhor gostaria?’

‘Aprovo e abençoo!’, respondeu.

*E assim nasceram legitimamente, com a santa bênção do Senhor, as Irmãs dos Pobres Servos”.*⁴³

A primeira pode ser considerada Ângela De Battisti. Tendo manifestado o desejo de se consagrar totalmente à Obra, ela concretiza esta opção na idade de 49 anos,

⁴³ A descrição é reproduzida num pedaço de papel intitulado “Casa do Sagrado Coração” Negrar (Verona), senza indicazione della data. CALABRIA, G. *Pro memoria delle Sorelle*, non datato, AHPSPD, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 36, b. 05914. Este documento presumivelmente remonta a 22 de junho de 1944, devido a uma anotação feita pelo arquivista sobre o documento.

decidindo-se a fazer parte da Obra em 17 de abril de 1910. Ela se estabelece na casa que havia sido ocupada pelas Irmãs da Misericórdia, em San Giovanni in Valle, onde todas as tardes chega a sua sobrinha, que vem fazer-lhe companhia durante a noite,⁴⁴ durante alguns meses. De fato, no dia 14 de outubro de 1910 junta-se a ela Lavinia Perez,⁴⁵ de 47 anos, irmã de Francisco, aconselhada pelo seu confessor, Pe. Natal Fada;⁴⁶ vendo o estado de esgotamento no qual se encontrava, sugere-lhe que faça um período de retiro com Ângela De Battisti. Lavinia efetivamente recupera a serenidade, tanto que o Pe. Natal, em 3 de novembro de 1910, lhe escreve: “*Pois bem, depois de tantos e tão evidentes sinais manifestados por Jesus em relação ao seu futuro, creio que tenha chegado o momento propício e salutar para a sua consagração a Ele... Jesus tudo abençoe, e com um raio da sua divina graça torne eterna a sua consagração*”.⁴⁷ Assim Lavinia Perez acolhe a vontade de Deus, confessando “*nunca ter estado tão feliz e nunca ter gozado de tanta saúde como quando entrou na Casa*”.⁴⁸

Em fevereiro de 1911 a jovem Adele Carli, que ainda não tem vinte anos, pede a Ângela De Battisti e Lavinia Perez a permissão para fazer parte do grupo; o Pe. Calábria, no entanto, pede-lhe que aguarde até que a Providência disponha uma nova habitação, pois em San Giovanni in Valle “*duas podem até caber, mas mais do que isso fica difícil*”.⁴⁹

⁴⁴ Cf. R. ZABEO, *Intervista*, 19 settembre 1977, AHPSaDP, fld. Interviste.

⁴⁵ A condessa Lavinia Perez é contrária à opção feita pelo seu irmão Francisco que decidiu, em agosto de 1909, seguir o Pe. Calábria. Vai falar com ele, convicta de que ele tenha de algum modo “pilotado” a decisão feita pelo seu irmão. Pe. Calábria a ouve em silêncio, deixa-a desabafar e, ao final de um colóquio particularmente vivaz, levanta os olhos e os braços e exclama: “*Olha só o que eu estou vendo!...*”; “*E o que está vendo, Padre?*”, pergunta ela, curiosa com aquele gesto. “*Vejo... vejo a condessinha Lavinia Perez entrando na Obra, exatamente como o seu irmão Francisco!*” “*Isso jamais acontecerá!*”, disse ela, contrariada, interrompendo-o prontamente e quase indignada e despedindo-se com ar pouco gentil mas contido.

⁴⁶ Pe. Natal de Jesus (José Fada), nascido em Lavone di Pezzaze, em Val Trompia (Brescia), no dia 27 de maio de 1863, torna-se carmelita aos vinte anos, em 25 de janeiro de 1883; em 25 de janeiro de 1884 emite os votos simples e em 26 de janeiro de 1887 os votos solenes. Ordenado sacerdote em Veneza pelo Card. Agostini no dia 16 de março de 1889, em 1892 é destinado ao convento dos Carmelitas Descalços, em Verona. Em 1900 é eleito vigário da comunidade religiosa; nos vários capítulos da Ordem sempre teve um dos primeiros encargos, como definidor; no triênio 1930/33 torna-se superior provincial e no triênio seguinte presidente do vicariato de Verona. Sabe aconselhar, e a ele recorrem pessoas qualificadas de todas as proveniências sociais. É confessor entre os Carmelitas Descalços e em casas religiosas. Torna-se guia espiritual também do Pe. Calábria, que o havia encontrado durante o seu serviço militar, desde 1892 até 21 de outubro de 1941, quando vem a falecer, aos 78 anos de idade, dos quais 58 de vida religiosa. Para um perfil da sua personalidade e das suas relações com o Pe. Calábria remetemo-nos a L. ADAMI, op. cit., pp. 322-325. Veja-se também G. PESENTI. *Storia di una integrazione affettiva: Natale Fada e Giovanni Calabria*. Dolo (Venezia): Istituto Tipografico Editoriale, 1974.

⁴⁷ FADA, G. (padre Natale di Gesù). *Lettera a Lavinia Perez*, 3 novembre 1910. In: AHPSaDP, fld. Lavinia Perez.

⁴⁸ ADAMI, L., op. cit., p. 167.

⁴⁹ Testemunho do Irmão E. DALL’ORA. In: *Intervista a Sor. Regina Zabeo*, 19 settembre 1977, AHPSaDP, fld. Interviste.

CAPÍTULO TERCEIRO

A PRIMEIRA DÉCADA

Na casinha Giusti, “Piccolissima Casa di Nazareth”

No dia 22 de março de 1911 Ângela de Battisti e Lavinia Perez se transferem para uma casinha de propriedade dos condes Giusti, ocupada ao longo do ano anterior primeiro pelas Irmãs da Misericórdia e depois pelo Pe. Desenzani. Agora está liberada, e o Pe. Calábria continua a alugá-la. Foi assim que no dia 25 de março de 1911 também Adele Carli pôde entrar na nova morada, que foi chamada “Piccolissima Casa di Nazareth”.¹

Nessa casinha, que está acima dos jardins Giusti, podemos considerar que teve seu início o primeiro núcleo das futuras Pobres Servas da Divina Providência.

Aqui as Irmãs vivem acolhendo e assimilando os convites do Pai que lhes recomenda servir ao Senhor com alegria e serenidade, ser sempre boas também nos momentos difíceis, ir adiante unidas no Senhor: *“Recomendo-lhes muito de serem alegres no Senhor.*

Ó, Irmãs: sirvam o Senhor! Acham pouco? Vocês não deveriam estar sempre contentes? Sim, sim, sempre alegres e contentes, mesmo quando o mundo correr atrás de vocês e ficar zombando; quando isso acontecer, fiquem mais felizes ainda.

*Recomendo-lhes muito de serem boas, mas boas mesmo, não em palavras, mas em fatos, não apenas no tempo bom, mas também no temporal. Unidas sempre com Jesus, adiante deste modo”.*²

Mais tarde em 23 de maio de 1911, recomenda-lhes que vivam em Jesus, olhando para Ele e tendo-O como único pensamento. Abandonadas assim à Providência, poderão tornar-se santas. *“Eu gostaria de lhes dizer muitas coisas, mas vocês sabem que eu sempre fui e sou um pobrezinho, nada mais sei do que dizer ‘a, a, a’. Aquilo que eu sinto que devo dizer-lhes e que o Senhor quer que eu lhes diga é isto: sejam santas; estimem e apreciem a graça grande, aliás, grandíssima, que o bendito Jesus lhes fez.*

¹ No *Registro delle messe* (Registro das Missas) de São João Calábria encontra-se a seguinte anotação, datada de 14 de agosto de 1912: *“Pela Casa de Nazaré [localizada na parte superior do Jardim Giusti: primeira casa usada pelas nossas Irmãs]”*. Essa anotação não testemunha apenas a intenção pela qual Pe. João Calábria celebrou a missa, mas também a nova denominação dada à Casinha Giusti.

² CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 15 febbraio 1911, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 03905

Vivam mortas para tudo, vivas apenas para Jesus. Aquilo que eu digo aos Irmãos digo também a vocês: observem que Jesus olha para vocês com olhos de especial predileção, que Jesus tem grandes desígnios sobre vocês, pelo amor de Deus, cuidem para não quebrar esses desígnios.

Sejam dóceis, humildes, pacientes, cheias de caridade, e de modo especial vivam abandonadas à divina Providência; não tenham nenhum pensamento, só Jesus, e a alma de vocês.

*Cuidado que logo vem a noite e aquilo que foi feito está feito. Sempre rezo para vocês”.*³

Numa outra carta, escrita em 19 de junho de 1911, o Pe. Calábria volta a recomendar às Irmãs o total abandono nas mãos da divina Providência, na certeza de que elas pertencem a Jesus e ninguém poderá lhes fazer qualquer mal, nem mesmo o diabo: “*Eis, Irmãs, aquilo que eu quero dizer-lhes: felizes de vocês que foram chamadas a este estado que nos desígnios de Deus é destinado a coisas grandes; mas é preciso que vocês cooperem.*

Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus, estimem muito esta graça e façam de tudo para serem dignas. Aquilo que lhes recomendo é que tenham um grande amor pelos conselhos evangélicos: pureza, pobreza, obediência, caridade e, de modo especial, total abandono nas mãos da divina Providência, dispostas a tudo, a serem motivo de chacota para o mundo.

Se vocês amarem Jesus, verdadeiramente, isto tudo as deixará muito contentes. Não, não, não se perturbem com os sofrimentos, com as humilhações etc.; não se assustem com o diabo. Vocês são de Jesus, Jesus as chamou, com vocação especial, e estejam certas de que ninguém poderá prejudicá-las.

*Quando passarem por um momento triste façam assim: recolham-se em vocês mesmas, olhem um pouco para o crucifixo e meditem, e tudo irá desaparecer. Recomendo-lhes muito: deem bom exemplo umas às outras e busquem uma vida perfeita”.*⁴

Do texto destas três cartas, as primeiras que foram enviadas ao grupinho nascente das Irmãs, fica claro que o Pe. Calábria, para além da contingência de caráter prático que o impeliu a reunir ao seu redor algumas mulheres que lhe fossem de auxílio

³ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 23 maggio 1911, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 03906.

⁴ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 19 giugno 1911, AHPSaDP, fld. Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 03907.

no cuidado dos jovens abandonados, já está descobrindo outros desígnios de Deus em relação às Irmãs. Podemos considerar que a situação que acabou se criando e na qual ele intuiu a necessidade de uma ajuda feminina tenha sido a ocasião instrumental para responder progressivamente e realizar um projeto que não é seu, mas de Deus. O itinerário é semelhante ao dos Irmãos: através da acolhida e do cuidado das crianças e das jovens em dificuldade, manifestar a paternidade e a Providência de Deus. Desde aquelas primeiras cartas dirigidas às Irmãs o Pe. Calábria lhes recomenda que sirvam com alegria o Senhor, unidas a Ele, ajudando-se reciprocamente a tornarem-se santas, sem qualquer medo ou preocupação a não ser a de confiar totalmente a si mesmas à Providência. Parece quase uma profecia: só a estas condições as Irmãs podem cooperar e assim concretizar aqueles grandes desígnios que Deus lhes reservou.

As primeiras Irmãs (período 1911-1914)

Enquanto isso, aumenta o número das Irmãs: às primeiras três somam-se Laura Fossati no dia 16 de abril de 1911 e Angelina Dresda no dia 15 de outubro.

Na Casinha, no dia 8 de dezembro de 1911, nas mãos do Pe. Calábria, emitem os votos simples e privados, de pobreza, castidade, obediência e abandono, as primeiras quatro Irmãs:⁵

- 1 – Ângela De Battisti, que ingressou em 17 de abril de 1910;
- 2 – Lavinia Perez, que ingressou em 14 de outubro de 1910;
- 3 – Adele Carli, que ingressou em 25 de março de 1911; e
- 4 – Laura Fossati, que ingressou em 16 de abril de 1911.

Elas se dedicam quase totalmente à Obra, acrescentando aos três votos de pobreza, castidade e obediência o de “abandono”.

Naquela ocasião a pequena comunidade foi confiada à proteção do Bem-Aventurado Cura D’Ars.⁶

⁵ *Diario della Congregazione*, 8 dicembre 1911, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

⁶ Conhecido como Cura D’Ars, João Maria Vianney nasceu no dia 8 de maio de 1786 em Dardilly, Lion, na França, numa família de camponeses. Não tendo recebido a primeira formação, o abade Charles Balley, pároco de Ecully, em Lion, o envia para o seminário e o acolhe novamente quando é suspenso dos seus estudos. Em agosto de 1815 é ordenado sacerdote. Com o falecimento de Balley ele enviado para Ars-em-Dombes, um povoado com menos de trezentos habitantes. Dedicar-se à evangelização, através do exemplo da sua bondade e caridade. Encontra-se permanentemente atormentado pelo pensamento de não ser digno do encargo recebido. Passa os dias dedicando-se a celebrar a santa missa e a confessar, sem se poupar. Morre no dia 4 de agosto de 1859. Papa Pio X o proclama bem-aventurado no dia 8 de janeiro de 1905 e em 31 de maio de 1925 é canonizado pelo Papa

Durante o ano de 1912 passam a fazer parte do grupo Maria Meneghetti, que entrou em 25 de agosto, e, depois de um período de retiro espiritual na Casa, no dia 24 de dezembro daquele ano a nobre Maria Olian Fannio.

Cinco meses depois chega Natália Fainelli, que passa a viver na Casinha no dia 1.º de maio de 1913,⁷ festa de Pentecostes. Eis como ela própria se lembra daquele dia: *“Pela divina misericórdia e pela bondade incomparável do veneradíssimo Pai Fundador, Pe. João Calábria, entrei exultante para fazer parte dos membros desta Obra de Deus”*.⁸ Em outro texto, escrito à mão, acrescenta a seguinte descrição: *“Tive a graça de entrar para esta santa Casa do Senhor. [...]*

*As boas Irmãs da minha nova família me acolheram com santa e fraterna alegria, e todas juntas, como num só coração e num só espírito, numa só voz, cantavam uma linda canção apropriada para aquele momento, que me comoveu de alegria, até as lágrimas. Daquele coro causaram-me particular impressão estas palavras: ‘Entra, portanto, ó alma guerreira, toma a espada e combate valorosamente, não te assustes com os perigos da morte, porque ao teu lado Jesus combaterá...’*⁹.¹⁰

Para exprimir a sua intenção de entrar, Natália Fainelli, já em 1912, acompanhada pela Irmã Inês, dirigiu-se ao Pe. Calábria que lhe havia respondido: *“A senhora quer vir para esta casa?! Mas o que pretende vir fazer aqui? A gente sofre muito, sabe, aqui... É preciso estar dispostos a tudo... Há apenas quatro velhas Irmãs... Além disso, ainda não tenho certeza de que o Senhor queira as Irmãs aqui na Obra! Portanto, pense melhor... porque poderia acontecer que daqui a alguns dias elas voltem cada uma para as suas famílias...!”*¹¹ E ela: *“Pai, eu não penso em nada, apenas deixo Jesus pensar... Eu gostaria de entrar... Então ele me abençoou e nos mostrou a Casa”*.¹²

Não surpreende esta atitude de colocar panos quentes na fervura por parte do Pe. Calábria; ele normalmente repete que a Obra não precisa de almas visionárias, que

Pio XI. No centenário de sua morte, 1º de agosto de 1959, Papa João XXIII dedica-lhe uma encíclica, *Sacerdotii Nostri Primordia*, apresentando-o como modelo dos sacerdotes.

⁷ O número de sete Irmãs é encontrado com data errada tanto nas folhas lidas pelo Pai quanto no livro de O. FOFFANO. *Don Giovanni Calabria*. Milano: Casa Buoni Fanciulli, 1981, p. 168, onde se lê que *“sete Irmãs fazem os votos no dia 13 de dezembro de 1911”*.

⁸ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Diario*, 1 maggio 1913, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

⁹ Eis os versos, no original: *“Entra dunque o anima guerriera, prendi il brando e combatti da forte, non paventi i perigli di morte, che al tuo fianco Gesù pugnerà”*.

¹⁰ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Diario*, 1 maggio 1913, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

¹¹ *Ibid.*

¹² *Ibid.*

buscam a Deus nos êxtases, nos arrebatamentos, no vão misticismo, mas extraordinárias no distinguir-se pela virtude.

As irmãs vivem em harmonia alternando-se na administração da Casa.¹³ E novamente é Natália Fainelli quem descreve o transcorrer da jornada;¹⁴ ela não fornece horários, mas lendo o que ela escreve a impressão que fica é a de um ritmo de vida muito intenso ao longo do qual a oração acompanha as Irmãs a cada momento: *“De manhã, assim que era dado o sinal de despertar, fazia-se imediatamente o sinal da cruz, e uma coirmã anciã recitava o Angelus Domini etc., repetindo logo depois, em voz alta, os pontos da meditação. Com estes santos pensamentos devíamos nos despir à noite e nos vestir de manhã. A seguir, vinham as práticas de piedade: oração da manhã, santa meditação, santa missa, normalmente na igreja do instituto San Zeno in Monte. Após, a limpeza. Acabada a limpeza, vinha o café da manhã. Todas juntas, depois, no nosso lugar (que servia de refeitório, laboratório, oratório, ‘recreatório’, e, à noite, dormitório), que nós justamente chamávamos lugar ‘Ório’,¹⁵ uma Irmã anciã começava o sinal da cruz e a seguir a leitura espiritual. Durante o trabalho, sempre fazíamos uma oração oral. Durante o recreio, cantávamos. À noite, pouco antes de nos retirarmos para o repouso, recitávamos juntas as últimas orações e líamos os pontos da santa meditação da manhã seguinte. Com o pensamento fixado nestes santos pontos cada uma se dirigia à sua cama (que para algumas era uma simples cama de campanha), com uma lampadinha a óleo na mão, observando o mais estrito silêncio”*.¹⁶

Também Lavinia Perez testemunha a tensão espiritual que caracteriza a jornada: *“Somos cinco cabecinhas atentas àquilo que o Senhor diz. [...] Depois o Senhor nos prepara a graça da sua visita e, com esta, o perdão, a força para o dia todo; e passam logo aqueles momentos [...]. Começa-se o dia com boa vontade depois desta santa visita, percebendo as ocasiões de mérito; o nosso caminho especial, no qual ele quer nos fazer progredir; aquele caminho que se Jesus não quer, e não mereço ouvir, é ensinado a mim pelos meus Superiores”*.¹⁷

As Irmãs rezam muito, pode-se dizer sem parar. Além das práticas quotidianas, a vida espiritual delas compreende alguns momentos particulares, representados pela

¹³ GAGLIARDO, M. *Intervista a diverse Sorelle*, 1970, AHPSaDP, fld. Interviste.

¹⁴ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

¹⁵ O local é denominado “Ório” porque, observa Natália Fainelli, *“para nós era oratório, laboratório, refeitório, parlatório e também, em caso de necessidade, dormitório”*.

¹⁶ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

¹⁷ PEREZ, L. *Siamo alla fine dell’anno – riflessioni e propositi*, 2 gennaio senza indicazione di anno, AHPSaDP, fld. Lavinia Perez.

leitura, em certos dias da semana, de “*algumas máximas extraídas da Imitação de Cristo*”;¹⁸ seguem-se os santos retiros, pregados pelo Pe. Calábria na Igreja de San Zeno in Monte. De vez em quando, o Pe. Calábria confia às Irmãs “*algumas tarefas a fazer, tais como: ‘O testamento espiritual’ (alguns entregues nas mãos do Pai no dia 19 de março de 1914, outros no dia 25 de março do mesmo ano), cujo tema é: ‘Vim aqui, nesta Casa, para arriscar a alma?’; e enfim, escrever no mês de junho, em honra do Sagrado Coração, um ato de renúncia, o mais belo que vier a ser feito em cada dia do mês*”.¹⁹

Vivem de modo exemplar o espírito de sacrifício do qual estão imbuídas. Muitas vezes voltam de San Zeno in Monte para a Casinha tarde da noite e não conseguem dormir por causa do frio rigoroso. Pela manhã, precisam quebrar o gelo da bacia para lavar o rosto.

No dia 9 de outubro de 1913 na pequena comunidade composta por oito irmãs, entra Maria Galbusera.²⁰ O primeiro impacto que ela teve com aquela realidade foi traumático: as Irmãs moram numa casa sem qualquer comodidade. Vestem-se como as pobres mulheres do povo e levam uma vida de obscuro sacrifício, desempenhando humildes tarefas. Numa carta enviada à sua irmã, Maria confessa: “*Foi uma graça [...] que as boas Irmãs não tenham lido no meu rosto e em toda a minha pobre pessoa o sentimento de aversão e repugnância que eu tive assim que entrei na casa*”.²¹ E a uma amiga, à qual se sente ligada do ponto de vista espiritual, revela: “*Me pedes que eu fale, pelo menos desta vez, sobre a minha nova vida. Morre-se! ...E sobre esta morte, que conquista lenta mas continuamente o seu caminho, eu canto o meu pobre Magnificat amargamente gozando, amargamente exultando*”.²²

Maria Galbusera fica encantada com o espírito de família que reina entre as Irmãs e com a bondade com que a tratam. Ela as admira e chega a afirmar: “*Às vezes sinto o remorso de ficar aqui nesta nova morada, onde todas amam, sofrem, suportam pacientemente com serena alegria, com uma doce esperança, com uma fé tranqüila! Mas o que estou fazendo aqui! O que estou fazendo?*”²³ Enquanto interiormente é tomada por estas dúvidas e sofre na solidão, as Irmãs que vivem ao seu lado a veem

¹⁸ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

¹⁹ Ibid.

²⁰ A permanência de Maria Galbusera na comunidade das Irmãs dura pouco mais de três anos: no dia 1º de abril de 1917 ela faleceu por causa de uma infecção, no Hospital de Verona.

²¹ GALBUSERA, M. *Perché temere?* Verona: Opera Don Calabria, 1976. p. 22

²² Ibid., p. 23, de uma carta endereçada a uma amiga no dia 31 de dezembro de 1915.

²³ Ibid.

serena e sorridente, cheia de caridade e de compreensão, profundamente humilde com todos, alegre e desenvolta. Depois, aos poucos, consegue aceitar a vontade de Deus.

Percebendo a sua profundidade espiritual e os seus dotes humanos de mulher madura, forjada pelo sofrimento quotidiano, educadora atenta às necessidades dos últimos, mãe dotada de uma sensibilidade excepcional e de uma fé inabalável, Pe. Calábria lhe atribui a tarefa de guiar as Irmãs, como se pode ver na carta que a ela dirige em 22 de novembro de 1913: *“Para a maior glória de Deus, para o incremento da Obra e para a santificação pessoal de cada uma das Irmãs, por mérito da santa obediência creio oportuno predispor in Domino o que segue:*

Na direção dos trabalhos da rouparia e de tudo aquilo que a este se referir, esteja a Irmã Laura,²⁴ tendo todas as demais Irmãs sob a sua direção.

Na direção das práticas de piedade, da observância do horário e de tudo o que lhe disser respeito, esteja a Irmã Galbusera.

Na cozinha, as duas Irmãs, Adele e Natália, sendo que a Irmã Adele é a encarregada de cuidar das doentes.

Ecônoma e encarregada da lavanderia será a Irmã Ângela.

Na cozinha do Instituto ficará a Irmã Fannio,²⁵ tendo a Irmã Ângela como suplente.

Nas dúvidas e para qualquer orientação, por agora recorra-se à Irmã Galbusera, à qual dou o mérito de santa obediência.

Recomendo-lhes muito de ir adiante na sua própria santificação.

Trabalhem todas, um só coração e uma só alma, para a maior glória de Deus e para merecer o contínuo auxílio do Senhor.

Sejam como barro, tenham caridade mútua, tenham fé, fé e abandono nas mãos da divina Providência.

*Que Deus as abençoe e as torne todas santas”.*²⁶

A profunda estima²⁷ que o Pe. Calábria demonstra ter desde o início por Maria Galbusera o leva escolher ela, a última a chegar na comunidade, como ponto de

²⁴ Laura Fossati é professora de corte e costura e se torna a responsável pela rouparia.

²⁵ Imelda Fannio gosta muito de cozinhar e é colocada como chefe de cozinha.

²⁶ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 22 novembre 1913, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere collettive a Sorelle, fld. 1, c. 11/1, Casetta di Nazareth, b. N 03288.

²⁷ A este propósito, lê-se em L. ADAMI. *Don Giovanni Calabria: Vitae editio prior, vitae editio altera*. In: *Fonti calabriane, serie seconda: Scritti editi ed inediti di Poveri Servi della Divina Provvidenza (periodo 1907-1954)*. v. II-III. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana, 2005. p. 168: *“A figura mais representativa e mais promissora quanto ao futuro da congregação feminina era Maria Galbusera, caráter de mulher forte, de sentimento elevado, de vasta erudição;*

referência para todas as Irmãs, as quais acolhem com grande respeito as suas novas disposições, felizes em ter uma Superiora espiritual, enquanto que ela, por sua vez, escreve no dia 5 de outubro de 1915: *‘Dizem que eu sou a Superiora. Eu sorrio amargamente, pois é uma espécie de ironia: não há nada em mim que corresponda a esta missão, nada. Mas esta casa assumiu um caráter especial: tudo deve parecer irracional, ilógico, estranho, impossível, porque Deus-dono quer se servir dos meios menos adequados e mais miseráveis para cumprir a obra magnífica de uma nova redenção’*.²⁸ De sua parte, em obediência ao Pai, Maria Galbusera começa logo o diálogo espiritual com as Irmãs, preparando-lhes palestras de caráter religioso, verdadeiras aulas de vida espiritual prática, a primeira sobre a virtude da humildade, seguida de instruções catequéticas especiais sobre o creio, sobre os anjos e sobre outros temas.²⁹ Com efeito, as próprias *Regras de vida* preveem: *“Jornadas eucarísticas: em todas as maiores solenidades da Igreja e as de Nossa Senhora. As quatro têmeoras para os sacerdotes, com intenções e orações especiais nesta intenção e todas as vezes que o Superior achar oportuno para as necessidades da Casa ou pelas necessidades da Igreja e do mundo todo. Aos domingos, explicação do Santo Evangelho e bênção. Duas vezes por semana instrução religiosa, a fim de preparar as Irmãs para ensinar a doutrina cristã às crianças”*.³⁰

Pe. Calábria nunca perde a ocasião de repetir às Irmãs que sejam totalmente disponíveis à vontade de Deus e que se tornem santas. Exemplo disso é esta carta, dirigida à De Battisti: *“Irmã Ângela, primeiro de tudo trate de cuidar bem, mas muito bem mesmo, de sua saúde, para depois poder vir aqui e, como um trapo fazer tudo aquilo que a divina Providência irá lhe manifestar.*

Lembre-se sempre, Irmã, e me faça a caridade de lembrar isso também às demais Irmãs, que a Casa mais se estenderá quanto mais nós formos trapos, humildes, etc., etc. Ó, como estaremos contentes, no momento de nossa morte, se tivermos sido trapos! Almas, almas, almas. Olhe que Jesus a colocou aqui porque aqui deve se santificar. [...]

verdadeira fibra de fundadora, sobre a qual Pe. João e Pe. Battisti depositavam suas maiores esperanças”.

²⁸ GALBUSERA, op. cit., p. 35.

²⁹ Cf. FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2. Maria Galbusera dá aulas de catequese também na vizinha Reitoria de San Giovanni in Valle, aos meninos e a outras pessoas; não podendo fazê-lo em público por ser mulher, ministra-as atrás do altar, acompanhada pela Irmã Adele Carli. Cf. A. CARLI. (Sor. Serafina di Gesù). *Testimonianza*, AHPSaDP, fld. Maria Galbusera 2, c. B.

³⁰ GALBUSERA, M. *Regole di vita*, 1915, AHPSaDP, fld. Maria Galbusera 2, c. B.

*Transmita minha saudação às Irmãs, pedindo-lhes que rezem muito por mim, pela Obra, por todos; diga-lhes que abençoo a todas, que quero que todas sejam santas, santas, e santas”.*³¹

No trabalho quotidiano e no contínuo sacrifício as Irmãs são fortificadas pela participação à eucaristia, pelas numerosas adorações noturnas que se prolongam até à manhã e pelas frequentes visitas do Pai. São belas as seguintes recordações referentes à presença do Pe. Calábria na Casinha, que ele visita quase que diariamente. Revelam um relacionamento afetuoso, familiar, de grande confiança. Quando passava pela residência das Irmãs *“tocava a campainha, e nós, pelo som, entendíamos que era ele; entrava abençoando-nos e dizendo-nos sempre boas palavras. [...] O nosso venerado Pai vinha frequentemente à Casinha e nós, Irmãs, sempre adorávamos isso, porque a sua visita trazia alegria no Senhor, paz e muito vigor na prática das virtudes.*

*Quando o nosso venerado Pai vinha ver suas filhas na Casinha gostava muito de ficar para as refeições, que com tanto cuidado as Irmãs preparavam. Ele se acomodava no nosso lugar, e era servido por uma Irmã anciã; e todas nós saíamos para deixá-lo sozinho, e enquanto ele almoçava as filhas ficavam do lado de fora, no terraço. Quando o Pai acabava de almoçar, voltávamos a entrar no nosso ‘Ório’, retomando cada uma o seu trabalho, designado pela Irmã encarregada. O bom Pai dignava-se, às vezes, de permanecer com as Irmãs, recitando o ofício divino, manifestando o desejo de que cantássemos canções sacras, especialmente de Nossa Senhora, enquanto trabalhávamos. Ó, quanta alegria santa experimentávamos!”*³²

Com uma feliz intuição o Pai confia cada Irmã jovem a uma Irmã anciã, que deve se comportar como um anjo protetor. À Irmã Adele Carli, ele coloca como guia a Irmã Ângela De Battisti; à Irmã Maria Meneghetti, a Irmã Lavinia Perez; e à Irmã Natália Fainelli, a Irmã Maria Olian Fannio. *“Cada Irmã jovem tinha uma filial submissão à Irmã anciã, que era amada, respeitada e obedecida, bem longe de identificar nela defeitos; procurava-se apenas imitar as virtudes que nelas se admirava”.*³³

³¹ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Angela De Battisti*, 7 marzo 1914, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 ao 1925, b. 03908.

³² FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

³³ Ibid. Pode-se ler também esta lembrança: *“Parece-me 8 de maio de 1913: Hoje, o Reverendíssimo Pai me entregou como filha espiritual à Irmã Maria Fannio, dizendo-lhe: ‘Entrego-lhe esta filhinha; cuide bem desta menina!’ Daquele dia em diante eu a considerei minha querida Madrinha”.*

Graças a esta percepção, além do espírito de fé e de respeito recíproco, a paz, a união e a alegria reinam entre as componentes da “Piccolissima Casa”. Também o Pe. Calábria oferece a sua contribuição, como o testemunha a própria Fainelli: “*Ele gostava muito de nos manter alegres, contando-nos algumas piadinhas inocentes*”.³⁴ Simpático é o seguinte episódio: “*Num final de tarde a cozinheira tinha feito polenta para as Irmãs e, querendo esfriá-la um pouquinho, colocou-a sobre a mureta do terraço da Casinha. Algumas Irmãs estavam por lá, olhando-a, quando bem no meio da polenta viram cair do alto uma moeda, que, por óbvio, afundou. Instintivamente levantamos os olhos e vimos o bom Pai no terraço do Instituto, que ria divertidamente, dando a entender que havia sido ele a fazer aquilo*”.³⁵

O Pai põe à prova as Irmãs com os assim chamados “voletti”,³⁶ porque as quer como trapo, como argila, dispostas a tudo. Lembra Natália Fainelli: “*À Irmã Maria Galbusera o Pai ordenou: ‘Vá comprar dez centésimos de lenha e diga: Quero dez centésimos de lenha para queimar. E se o vendedor lhe der, traga-a para casa carregando-a com os braços estendidos’. De imediato a Irmã partiu, com o melhor vestido que tinha e de véu na cabeça. Fez exatamente o que lhe foi mandado, pois nós a vimos subir a Escada Santa levando a lenha nos braços, e toda feliz a levou para casa*”.³⁷

Eis como Maria Galbusera descreve a Casinha: “*Aqui, a nossa pequena e pobre Casa de Nazaré é um sublime contraste, na sua pequenez e suma pobreza, com as*

³⁴ Ibid. Eis alguns exemplos: “*‘Ouçam esta: havia uma família formada por nove irmãos, e cada irmão tinha uma irmã. De quantos irmãos aquela família era composta?’ Logo lhe responderam: ‘Ó, muito fácil! Nove irmãos e nove irmãs, ao todo dezoito irmãos’. ‘Não’, respondeu o Pai. Depois o Pai pediu a uma outra Irmã, que lhe respondeu: ‘Eu também acho que são dezoito irmãos, mas não estou entendendo!’ Daí o Pai nos explicou as coisas, dizendo-nos: ‘São dez no total, pois uma só irmã é irmã de cada um dos irmãos’.*

Outra: ‘Eu conheço uma comunidade de irmãs que no verão nunca dormem’. Unanimemente lhe respondemos: ‘Ó, Pai, mas como elas fazem?’ ‘E vocês, como conseguem dormir quando estão acordadas? É assim que elas fazem’.

Certo dia o Pai veio até nós, e com um semblante sério nos disse: ‘Vocês não estão sabendo?... Não sabem do que aconteceu ao tal sacerdote?... Vocês não ouviram falar nada?’ Todas nós o estávamos escutando com grande ansiedade, sem proferir uma palavra sequer. Então o Pai retomou: ‘Ó, vocês não sabem! Pobrezinho! Ele tirou a batina!’. ‘Ó!’, respondeu-lhe logo uma Coirmã, que conhecia aquele sacerdote. ‘Não estão seguros nem os Santos!’, complementou. ‘Pois é, justamente ontem à noite, quando foi deitar, ele tirou a batina’. Diante de tão inesperada surpresa ficamos atônitas e começamos a rir.

Certa manhã o Pai, ao encontrar a Irmã Ângela De Battisti, (me) disse: ‘A senhora sabe, Irmã Ângela, do seu Vigário?’ ‘Não, Pai!’ ‘Pois é, pobrezinho, ele sai com a cabeça!’ [Em italiano essa expressão, “va via con la testa”, pode significar “ficar louco, enlouquecer” ou, literalmente, “sair com a cabeça” – N.T.] ‘Ora, mas o que o senhor está me dizendo! Que é isso!’ ‘E a senhora, diga-me, quando sai de casa para ir fazer compras, não sai com a cabeça?’ ‘Ora, meu Pai, nessa o senhor me pegou!’”.

³⁵ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

³⁶ Pe. Calábria usa esta expressão para indicar as provações que ele propõe a quem manifesta a intenção de entrar na Obra.

³⁷ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

riquezas e as comodidades do mundo. É verdade: o mundo dá um senso profundo de melancolia; para nós, para o nosso pobre teto, eu gostaria de usar, entretanto, as mesmas palavras de São João no Apocalipse: ‘A cidade celeste não precisa nem de sol nem de lua que nela resplandeçam, porque o esplendor de Deus a ilumina, e sua lâmpada é o Cordeiro’”.³⁸

Todavia, não parece que a Casinha fosse um lugar totalmente seguro para as Irmãs, provavelmente porque por lá circulavam pessoas não propriamente recomendáveis; com efeito, naquela área, onde agora foi erguida a Casa de Santa Toscana, havia um bar onde sempre tinha alguém que bebia demais. É por isso que Natália Fainelli, quando o Pe. Calábria lhe perguntou como iam as coisas, lhe respondeu: *“Pai, eu tenho um grande medo que de noite entrem em nossa Casinha aqueles homens bêbados que a gente ouve passar por aqui, e este assustador pensamento não me deixa dormir”*.³⁹ Ao que ele respondeu: *“Não! Durma tranquilamente, pois eu lhe garanto que esta Casinha é protegida pelos anjos!”*⁴⁰

Na Casinha, a partir de julho de 1913, as Irmãs começam a cuidar de uma criança de cinco anos, de pais desconhecidos, que havia tido alta do Hospital dos Expostos.⁴¹ No verão seguinte vieram mais dois, também órfãos, de seis e cinco anos;⁴² este último havia saído do instituto assistencial para a infância abandonada. Provavelmente toda esta situação tenha sido uma iniciativa do capelão do abrigo dos Expostos ou Maternidade que, de 1912 a 1913, é o Pe. Giambattista Battisti. Destas crianças, duas são paráliticas: uma de ambas as pernas, e o outro de um braço e de uma perna.

No estilo da Casa de Nazaré

³⁸ GALBUSERA, M. *Perché temere?*, op. cit. p. 47. Este pensamento é datado de 10 de março de 1914.

³⁹ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Manoscritto*, maggio 1913, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Deve-se considerar que neste período histórico Verona é uma cidade militar devido à presença de um número muito grande de quartéis. Do ponto de vista moral a conduta dos soldados não é incensurável e contribui para fazer com que cerca de 40% dos nascituros seja ilegítimo. O instituto dos Expostos os recolhe ainda em fraldas.

⁴² Cf. R. CONA. *La Casa Buoni Fanciulli di Costozza (1919-1929) e di Este (1920-1928)*. In: BUTTURINI, E.; CONA, R.; GECHELE, M. *Il contesto storico e le case di San Zeno in Monte, Costozza ed Este (1907-1932)*. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana, 2007. Vol I/1. p. 408.

Nos escritos de Lavinia Perez encontramos a descrição da vida comunitária das Irmãs nos primeiríssimos anos. O texto pode ter sido o desenvolvimento de um dos temas que o Pe. Calábria gostava de propor para a reflexão pessoal: *“Somos as Irmãs da Pequena Casa de Nazaré. O que se fazia na Pequena Casa de Nazaré? – Pensamentos.*

Nós moramos numa Casa à qual foi dado o mesmo nome daquela casa que por tantos anos foi o santuário da Sagrada Família: Jesus, José e Maria. Lá eram exercidas todas as mais belas virtudes, pois quem as desejava era o Deus da santidade; Maria, eleita de Deus, porque cheia de santidade, e São José, o homem justo e santo. Os anjos do céu contemplavam aquele contínuo espetáculo de perfeição. E como esta santidade se manifestava aos homens? Bem poucos conseguiam entendê-la, porque ela estava escondida na maior simplicidade da vida. Lá o Dono e Senhor de todas as coisas se apresentava como um simples menino, que crescia precisando de ajuda e obedecia aos seus pais. Lá o Pai e a Mãe de Deus se escondiam sob a aparência de humildes encargos. Possuíam Deus, serviam a Deus, e embora Deus fosse o dono do universo, amavam a sua vida de pobres. Lá havia uma vida de trabalho e de oração, mas o trabalho era todo para Jesus, nada mais podiam amar a não ser Jesus. Maria, então, o amava de uma maneira que os homens não conseguem compreender. A vida de pobreza de Nazaré não era a única dificuldade para Maria; ela sabia do futuro do seu divino Filho e não podia imaginá-lo sem pensar nas dores pelas quais teria de passar.

Em Nazaré, José e Maria viveram esperando Jesus. De Nazaré tiveram que sair por ordem do Imperador, fazendo aquela viagem difícil, cheia de privações, cheia de rejeições, que deveria levá-los à gruta de Belém e, ignorados por todos, no meio das sombras da noite, receber entre eles o nascido Jesus. Depois Jesus foi levado a Nazaré. Em todas as coisas se obedece e se busca a vontade de Deus. Deus ama a obediência, e Maria e José são exemplo de obediência. Deus ama a pobreza, e em Nazaré há a pobreza; Deus busca o sacrifício, e José e Maria aceitam o sacrifício porque assim Deus o quer; não há outro caminho, nem mesmo para eles, assim tão santos! Maria conhece toda a história dos seus sacrifícios e aceita porque ama muito a Deus.

O sacrifício aumentará em mim o amor de Deus; a humildade e a obediência me farão ir adiante. Por mim mesmo eu não sei fazer nada, sequer pensar uma simples oração; mas se Jesus está comigo, se eu procurar agir com Jesus e por Jesus, os obstáculos desaparecem.

Maria e José cuidavam de Jesus como do seu grande tesouro. É preciso que eu também o guarde, depois de tê-lo recebido na Santíssima Comunhão; quando me faz

ouvir suas doces reprimendas; quando me ensina por meio dos meus Superiores. Nesta Casa à qual me chamou, Ele quer me fazer ouvir a sua voz; torna fácil para mim aquilo que eu não teria podido superar pela minha natureza; faz-me passar por dificuldades, às vezes imaginárias, para me conceder novos dons. Quando me distancio da estrada que Ele me traçou, que é a da humildade e da reta intenção, então me pica com os seus doces remorsos. Aqui deve ser Deus que trabalha na minha alma e, para tornar-me mais fácil esse trabalho, tirou de mim todo o gosto pela minha casa e pelas coisas do meu passado. Aqui o meu torpor é sacudido também pelo bom exemplo das Irmãs, que vivem temendo não servir bem ao Senhor.

Eis que a Casa de Jesus, José e Maria deve ser de exemplo para nós; vida escondida em Deus para deixar-nos trabalhar como Ele quer. Todos os dias precisamos estudar⁴³ para exercitar estas virtudes: fé, humildade, caridade; mas hoje, véspera de Natal, diante do Menino que nos traz os seus dons, e esses dons são destinados às almas, porque com o seu nascimento e com as suas dores Ele busca as almas, eu lhe apresentarei a minha; lhe pedirei que a torne humilde, que a faça amar a vida escondida, e lhe prometerei, para isso, deixar-me guiar pelos meus Superiores. Possa sempre acontecer que eles me conheçam bem, pois às vezes sei me esconder instintivamente com as desculpas do amor próprio!

*Ao senhor, Reverendo Pai, que me conheceu no mundo, onde sabe que fui muito protegida por Deus, ao senhor, a quem Deus confiou esta Casinha e as nossas almas, e que tanto deseja que estas plantinhas floresçam nas mãos de Deus, que floresçam muitas outras almas de uma outra casa e que a onipotência de Deus abra os braços para distribuir os seus dons sobre nós todas recolhidas pela Providência, que não hajam obstáculos, que não hajam culpas, ao senhor, Pai, o meu respeitoso augúrio de todas as bênçãos celestiais”.*⁴⁴

A ação formativa do Pe. Calábria

Para tornar mais completa a vida espiritual das Irmãs, O Pe. Calábria prega o santo retiro na Igreja de San Zeno in Monte. Estando todas na Igreja, “o venerado Pai, entregando o livro à Irmã Angelina De Battisti, lhe pediu que lesse até o ponto por ele

⁴³ O termo “estudar”, neste caso, significa “empenhar-se”.

⁴⁴ PEREZ, L. *Siamo le Sorelle della Piccola Casa di Nazareth*, 23 novembre – 24 dicembre senza indicazione di anno, AHPSaDP, fld. Lavinia Perez.

marcado. *Concluída a leitura espiritual o Pai se posicionou perto de Jesus sacramentado e começou a pregar*".⁴⁵

Esses retiros são, na realidade, simples homilias indispensáveis para formar comunhão entre as Irmãs que olham com atenção para o seu guia espiritual. As meditações proferidas no ano de 1913 foram recolhidas num pequeno caderno de Maria Olian Fannio. Eis um exemplo: *"Estudemos o Evangelho, coloquemos em prática as suas lições, estudemos o nosso amável Redentor em toda a sua vida, seguindo os seus exemplos.*

Vocês nunca pensaram na grande graça que Deus lhes fez chamando-as a sair do mundo e em particular chamando-as para esta Obra? Eu imagino que sim! E também o agradeceram e o agradecerão do fundo do seu coração com toda razão.

E por que Jesus escolheu vocês deixando para trás outras mais iluminadas e mais ricas de méritos e de virtudes? Sim, é porque ele é dono e pode dar os seus dons a quem quer...

A Obra à qual vocês foram chamadas é Obra de Deus, realmente dele, e se estenderá ao mundo todo; é uma Obra bem diferente das obras humanas, pois começa onde estas acabam e o seu fundamento está no céu. A sua riqueza é o abandono total em Deus, a falta de apoios humanos, a oração, a santificação própria de cada membro, e vocês foram chamadas a esta Obra para que se tornem santas e para que cooperem com os desígnios divinos misericordiosos.

E digo mais: esta Obra irá se desenvolver, e gradualmente, sim, mas se desenvolverá em proporção ao nosso progresso na virtude, na perfeição; quanto mais vocês avançarem na perfeição mais a Obra progredirá, se desenvolverá...

A caridade deve ser sempre rainha entre vocês, tenham compaixão umas pelas outras; vocês são sete, mas devem ser uma só; com a caridade não haverá disparidade de visões, de opiniões, desaparecerão os defeitos, reinará a harmonia, a paz".⁴⁶

No dia 02 de abril de 1913 o Pe. Calábria renova o motivo pelo qual as Irmãs foram escolhidas: *"O escopo da Obra de Deus pela qual Jesus tem tanta predileção é o de tornar conhecido Deus e os seus atributos por meio dos prodígios por Ele operados na Obra, bem como através da santificação dos seus membros (e portanto a nossa também) que, por sua vez, deverão revelar a santificação do próximo a Deus;*

⁴⁵ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

⁴⁶ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Quaderno delle prediche di don Calabria*, senza data, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

chamando-nos a esta Casa Ele nos deu uma graça especialíssima, porquanto poderia ter escolhido pessoas melhores do que nós, mais fervorosas, mais humildes, já que somos tão indignas... Por que, portanto, nos escolheu?...

Porque Ele é o dono... mas se Ele nos tornou tão ricas, ficamos com uma grande obrigação de corresponder; se faltarmos, teremos que fazer uma rigorosa prestação de contas na hora de nossa morte...

*Nesta Obra, Deus não quer apoios humanos, não os quer mesmo, mas quer, de algum modo, a nossa cooperação. Que condescendência!...*⁴⁷

A caridade deve ser a rainha desta Casa; Deus irá retirar as suas graças se faltar esta virtude...

*Esteja em nós o espírito de fé, que anime todas as nossas ações do dia, desde que nos levantamos até as várias ocupações diárias, tais como: trabalho, oração, recreação, inclusive o fato de se alimentar; tudo façamos com reto fim, por amor e serviço a Deus, com a máxima pontualidade e diligência. São Paulo afirma: ‘Seja que comais, seja que bebais, tudo fizeti por Ele’. Precisamos, além disso, abandonar-nos totalmente com a máxima confiança na divina Providência, dispostas a qualquer coisa que esta queira de nós”.*⁴⁸

Num outro retiro, o Pe. João Calábria recomenda às Irmãs que se mantenham fiéis ao dom recebido de Deus: *“Vocês já pensaram na graça que o Senhor lhes deu chamando-as a esta Obra? É uma graça tão grande que nem conseguimos suficientemente avaliar; convençam-se, caso não estejam ainda convencidas, desta grande riqueza, e se convençam agora; o Senhor tem, sobre vocês em geral e sobre cada uma em particular, grandes desígnios; se não conseguirem ver isso agora vocês mesmas o verão depois. Quem teria pensado, vendo o Menino na estrebaria, na missão que lhe era destinada? Mas se a graça recebida é grande, se a missão a vocês reservada é grande, vocês devem corresponder muito, vocês devem se preocupar com a sua santificação. Vocês precisam ter uma grande fé, viva, robusta, forte; Jesus e a sua santíssima Mãe são os donos desta Casa divina da Obra. São eles que a dirigem: Jesus, Ele mesmo a dirige, a administra em tudo, e por isso precisamos nos consolar e nos abandonar com toda confiança a Ele e ao que ele estabelece; a nós, ser-lhe fiéis: ‘Busquemos o reino de Deus e a sua justiça e o resto vos será dado em acréscimo’.*

⁴⁷ O termo indica algo digno de honra.

⁴⁸ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Quaderno delle prediche di don Calabria*, 2 aprile 1913, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

Vocês precisam ter fé e amor. Amem muito, muito a Jesus, amem-no verdadeiramente, pois vocês têm toda motivação e dever. Jesus não é conhecido, não é amado. 'O amor não é amado'. Ó, se conhecêssemos realmente Jesus e quanto nos amou e nos ama! Pensemos naquilo que Ele fez por nós e faz sempre!

O amor que vocês tem por ele vocês precisam prová-lo com a observância das pequenas regras que agora vocês têm e devem fazer por merecer ter outras, com a fidelidade às práticas e com a piedade, dando a estas muita importância (fazê-las com empenho e fervor), acompanhadas da obediência ao Pai espiritual e ao seu Superior, que as dirige nesta Obra".⁴⁹

Reproduzimos integralmente o texto da meditação apresentada pelo Pe. João Calábria no dia do retiro mensal de maio de 1914 porque sublinha mais uma vez como o fato de estar na Casa é uma sorte, reafirmando que Jesus quer que as Irmãs sejam dEle, que se entreguem totalmente a Ele, com o coração, com a vontade e com toda a ação. Além disso, pede que se tornem santas usando todos os meios. Com esta intencionalidade cada Irmã é chamada a gozar do paraíso e a fazer com que gozem do paraíso a sua comunidade e ela própria.

Quando uma Irmã ama muito Jesus não tem necessidade de nada, não teme nenhum obstáculo, porque o amor de Deus a impregna, a sustenta, a consola e a torna feliz em meio à falta de tudo. É como o fogo, que não se contém, mas se alastra, se difunde.

"Irmãs em Jesus Cristo, agradeçam de todo coração ao Senhor que às muitas graças que lhes deu e continuamente lhes dá acrescenta, neste momento, uma outra, especialíssima: a de chamá-las aqui, aos seus pés. Pois bem, pelo amor de Deus, estimem essa graça, apreciem-na, e logo se separem de tudo e de todos para não pensar em mais nada a não ser em Deus e na sua alma, e, no silêncio, no recolhimento, escutem, meditem e ponham em prática aquilo que eu, pobre, sim, mas mesmo assim colocado como guardião desta grande Obra da divina Providência, em nome de Deus lhes direi. Não olhem para a pessoa que lhes fala, mas para Jesus, que por meio deste pobrezinho lhes fala.

O que quer, ó Irmãs, Jesus Bendito, de vocês? Quer que vocês sejam todas dele, mas dele no verdadeiro sentido da palavra. Enquanto vocês não tiverem chegado a este ponto Jesus não estará contente com vocês, e esta grande Obra, à qual vocês, nós, por

⁴⁹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Quaderno delle prediche di don Calabria*, 21 settembre 1913, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

puro traço especial de sua bondade nos chamou, não poderá desenvolver os seus grandes desígnios que são e se resumem nisto: difundir o santo reino de Deus sobre a terra, salvar muitas, mas muitas almas, e com estas santificar e salvar as nossas almas.

Examinemo-nos um pouco, aqui, diante de Jesus Sacramentado. Pode consciência de vocês testemunhar e dizer com segurança: eu sou toda de Jesus? Desde que eu comecei a pôr os pés nesta Casa me despojei de tudo, me entreguei e ainda sou do meu Jesus? Narra Plutarco que, em Roma, quando a esposa chegava à casa do esposo devia dizer-lhe estas palavras: Ubi tu Caius, ego Caia, o que quer dizer: onde tu estiveres, meu esposo, com a tua vontade, aí estarei eu também, com a minha.

Eis aquilo que Jesus bendito quer de vocês, desde o momento em que entraram nesta santa e bendita Casa. Continuamente Jesus lhes pede o seu coração, a sua vontade, vocês mesmas totalmente; vocês deram um adeus completo ao mundo, escolheram Jesus como sua porção, como sua herança, são as esposas de Jesus; portanto, Jesus precisa ser todo de vocês, e vocês todas de Jesus.

O nosso coração não pode viver sem amar; ou ama a Deus, ou ama as criaturas; se não ama as criaturas, certamente deve amar a Deus. Lembremo-nos que enquanto o nosso coração amar a Deus terá vida, mas se colocar o seu amor em si mesmo, nas suas comodidades, nas criaturas, terá a morte. Irmãs, lembrem-se que aqui que vocês precisam se santificar; ser totalmente de Jesus, mas a condição principal para ser de Jesus é expulsar do coração tudo o que não for Deus. Ó, por que aquela Irmã comunga, faz as suas práticas de piedade, mas não vai adiante nunca no caminho da sua santificação, sempre com aquele seu temperamento, sempre com aquele amor próprio, com aquela pouca paciência, com aquelas faltas de caridade etc...? A razão, o motivo, é claro: é porque vai a Jesus, porque fica com Jesus com o coração cheio de terra, ou seja, de afetos, de estima de si mesma, de amor à sua própria vontade, de apegos às criaturas, aos parentes etc.

Irmãs em Jesus Cristo, mantenham bem em sua mente, se quiserem que Deus seja de vocês e vocês de Deus: vão a ele com o coração desapegado, vazio das coisas desta terra, e em todas as suas ações, em todo o seu agir, o seu operar, busquem apenas, unicamente, Jesus; lembrem-se que cada apego que vocês tiverem à terra, por menor que seja, é um obstáculo que as impede de ir a Jesus.

Todos os homens devem amar o Senhor, uma ordem dada pelo próprio Deus: ‘Diliges...’ Ama o Senhor...; mas lembremo-nos de que este preceito é dirigido de modo especial aos religiosos, àqueles que voluntariamente se entregaram ao seguimento de

Jesus, de modo especialíssimo foi dado para nós, que somos membros desta Casa toda de Deus, de modo especial e todo providencial. O venerado pai José da Cruz, a um dos seus frades que lhe dizia ter se tornado religioso para salvar a sua alma: ‘Não, filho – respondeu-lhe – dize, pelo contrário, que te tornaste religioso para tornar-te santo!’ Irmãs, antes de mais nada lembrem-se que vocês estão aqui para se tornarem santas, e aí de vocês se não usarem todos os meios para alcançar este fim; meditem, considerem os caminhos, os meios dos quais Jesus bendito se serviu para chamá-las a esta Casa, as graças que continuamente lhes dá e que, como um coral, lhes dizem e repetem: ‘Amem, amem Jesus: sigam-no, se tornem santas!’ Um coração que ama a Deus verdadeiramente, despreza tudo e tudo recebe com santa paz e caridade, e nas coisas que mais ferem o seu amor próprio mais bendiz a Deus, pois lhe oferecem a ocasião para mostrar, não em palavras mas com fatos, o seu amor. Quando a casa queima, diz São Francisco de Sales, jogam-se todas as coisas pela janela. O que quer dizer que quando uma alma arde do divino amor não tem necessidade de nada; o fogo do amor de Deus a sustenta, a consola, a faz feliz em meio à falta de tudo.

Mas por que, ó Irmãs, eu, nesta noite, comecei este santo retiro recomendando-lhes que sejam totalmente de Deus, que amem muito a Jesus? Ah, Irmãs, se vocês forem totalmente de Jesus serão como o fogo, que não se consegue conter, mas que se alastra, se difunde; da mesma forma vocês: impregnem do amor de Deus toda esta Obra; e quando esta Obra tiver Deus, terá tudo, e nada, nenhum obstáculo, irá temer. Irmãs, sejam totalmente de Jesus, sejamos todos de Jesus, mas para ser totalmente de Jesus é necessário, absolutamente necessário, morrer para o mundo, morrer para nós mesmos.

O mundo vocês o deixaram, lhe deram adeus, mas lembrem-se que não se morre sem sofrer por amor a Jesus. Eis que na Sagrada Escritura o reino dos céus é comparado a um tesouro que, para adquiri-lo, é preciso vender tudo; ou a uma cidade, e para entrar nela é preciso se esforçar, pois a porta é estreita; ou a um edifício, onde as pedras, que são as nossas almas, devem ser trabalhadas a golpe de cinzel; ou ainda a um banquete, no qual, para entrar, é preciso deixar todos os outros afazeres; ou então a um coroa, sendo que para obtê-la é preciso combater; numa palavra, significa que para morrer ao mundo e a nós mesmos precisamos continuamente combater o amor próprio.

Ó, certamente, Irmãs, todas as desordens, todos os entraves, toda a apatia de uma comunidade, o baixo progresso espiritual, dependem do amor próprio. Uma Irmã que ama a Jesus, que colocou todo o seu amor no seu Deus, tudo fica fácil para ela; é

paciente, é benigna, é caridosa, é obediente, é consciente da santa pobreza, da mortificação, numa palavra, desfruta do paraíso e faz com que a sua comunidade também o desfrute. O que posso fazer por você, Irmã, tenho a impressão de que Jesus esteja dizendo neste momento, o que eu poderia fazer por você que eu não tenha feito? Irmãs, reflitam, mas seriamente, naquilo que Jesus fez por vocês, e lembrem-se que amor pede amor; Jesus se entregou e nos chamou de modo especial a ele. Ó, procurem ser dele de modo todo especial, não em palavras, não em desejos, mas na prática. Observância escrupulosa e exata das suas Santas Regras, caridade mútua, recíproca, obediência a quem ocupa o lugar de Deus, total e absoluto abandono em Deus e em sua divina Providência. Dispostas a tudo; esta palavra eu tenho a consciência de tê-la dito a todas e a cada uma de vocês antes de entrarem nesta Casa e depois que entraram. Vocês disseram sim, mas este, para algumas, foi um sim de palavras, que se não for corrigido, lhes representará a eterna condenação.

Irmãs, concludo esta instrução e acabo recomendando-lhes de esculpir bem, mas muito bem, na mente, estes meios, que as farão todas de Jesus, que deve ser o fruto deste santo retiro.

I. Começando neste momento, digam e repitam frequentemente: ‘Quero me tornar santa, quero ser totalmente de Jesus’.

II. Estudem frequentemente a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e da sua Santíssima Mãe, a Virgem bendita.

III. Fugam de qualquer pecado ou defeito plenamente voluntário, mas se caírem, não fiquem agitadas, não se desencorajem, mas se humilhem, se arrependam e logo estejam em paz.

IV. Trunquem todo apego às criaturas, à sua vontade e estima própria.

V. Façam as suas práticas de piedade com a máxima perfeição.

VI. Prefiram sempre aquela ação que vocês sabem que é mais querida a Deus ou mais contrária ao amor próprio.

VII. Recebam com santa alegria e das mãos de Deus todas as contrariedades que lhes aconteçam.

*VIII. Afirmem não querer outra coisa senão o santo querer de Deus”.*⁵⁰

⁵⁰ CALABRIA, G. *Santo ritiro spirituale alle Sorelle*, maggio 1914, AHPSDP, f. Don Calabria/Quaderni, fld. 3/C, c. 77/1, b. 04170.

Na Casa de San Benedetto (7 de dezembro de 1914-1920)

Em 1914, na “Piccolissima Casa”, pelo menos em vista do espaço à disposição, há um grupo de pessoas razoavelmente numeroso de pessoas, composto pelas nove Irmãs que lá residem, mais três crianças⁵¹ e uma acolhida. Por consequência, torna-se necessário procurar um local mais idôneo.

As primeiras Irmãs “*moravam primeiro na Casinha que ficava na frente do jardim Giusti, alugada, mas a Providência preparava para elas uma habitação mais cômoda na vivenda Recchia, bem aos pés de San Zenò in Monte. Na compra, muitas dificuldades; mas Deus as fez desaparecerem todas e no dia 11 de novembro de 1914 finalmente tomávamos posse da casa dando o nome de San Benedetto àquele local*”.⁵² De fato, a Providência⁵³ oferece ao Pe. Calábria a possibilidade de “*adquirir a propriedade encostada a San Zenò in Monte, lado norte (casa e jardim), hoje chamada San Benedetto*”.⁵⁴ Assim, no dia 7 de dezembro de 1914⁵⁵ as Irmãs se transferiram da “Piccolissima Casetta di Nazareth” para a nova Casa. Lembra Natália Fainelli: “*Em torno das oito da noite, todas, cada uma levando algum objeto nas mãos e como se fosse em procissão, com uma criança na frente que levava na mão um Crucifixo, nos encaminhamos para tomar posse da nova Casa*”.⁵⁶ Num outro texto, ainda de Natália Fainelli, há mais detalhes: “*Aproximadamente às 8 horas da noite, portanto, no escuro, partimos da Casinha do seguinte modo: um menino, Carmelo, levava o santo Crucifixo diante de nós, as Irmãs o seguiam levando cada uma nas mãos ou nas costas algum objeto da Casinha, ou seja, suportes para painéis, bacias, cadeiras etc., e assim nos aproximávamos, numa espécie de procissão, para tomar posse da nova Casa*”.⁵⁷

⁵¹ Cf. A. SOSTER. (Sor. Gabriela di Gesù). *Intervista*, 8 maggio 1967, AHPSaDP, fld. Interviste.

⁵² *Cenno cronologico sulla Casa Buoni Fanciulli*. In: *Sante Regole*. Verona, 1920 (Bozze di stampa), p. V, AHPSDP, f. Congregazione/Costituzioni, fld. 1/1A [1918-1931], c. 4/1 Regole per Fratelli, 1920, b. CA 02321.

⁵³ Em 1914, enquanto o Pe. Calábria estava interessado em encontrar uma sede para o ramo feminino da Obra, surge a ocasião para adquirir a “Villa Stefani” e um horto adjacente. Provavelmente tenha sido indicação do Pe. José Bonometti, que mais uma vez o ajuda devido ao seu conhecimento daquela área. Para o conseqüente ônus financeiro o Pe. Calábria pode contar com a herança de Maria Perez, irmã de Francisco Maria e de Lavinia Perez, que veio a falecer em fevereiro de 1914, deixando-lhe em herança os seus bens em Zevio, Bosco e Santa Maria de Zevio.

⁵⁴ *Diario della Congregazione*, 11 novembre 1914, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 19 aprile 1955.

⁵⁵ Esta é a data precisa, como o testemunha N. FAINELLI (Sor. Maria di Gesù). *Manoscritto*, Vigília dell’Immacolata 1914, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2, *Diario*; quanto ao período, foi indicada a data de 8 de dezembro de 1914.

⁵⁶ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

⁵⁷ *Ibid.*

Eis o que escreve, no entanto, Maria Galbusera: *“Deixamos o primeiro ninho da Obra feminina para entrar numa nova morada: uma casa escondida e silenciosa, apoiada contra a rocha do monte, no último verde de um inverno iniciado, mas não rigoroso ainda. Entramos na noite da festa da Imaculada; doze, as doze pedras do altar do templo: três meninos, uma filhinha acolhida, princípio de desígnios ainda misteriosos, mas certamente grandes.*

Ó, o nosso Patrão de casa tem por nós uma ternura muito especial e, por ora – dada a fraqueza das nossas forças –, uma indulgência piedosa. Não pedimos nada, nunca, e nada nos falta, nunca; basta lembrá-lo da necessidade para que logo providencie.

É como uma pequena fortaleza de amor.

*Com a cabeça entre as mãos eu deveria tremer pelo lugar por mim ocupado, fazendo assim parte de uma Obra misteriosa e grande como esta”.*⁵⁸

Sobre o período transcorrido na “Casetta di Nazareth” é interessante um aceno que se lê no *Diário* do Pe. Calábria que, em 5 de maio de 1915, reproduz as palavras do bispo, que ele havia encontrado no dia anterior. Falando das Irmãs, as quais, com a sua permissão, dedicaram-se à Obra, prontas para fazer a vontade de Deus, o bispo acena ao fato de que foram abençoadas pela divina Providência que lhes deu uma casa grande, a atual San Benedetto, depois de elas terem morado *“numa Casinha pequena, pequena, por quase cinco anos”*.⁵⁹

No novo edifício, denominado San Benedetto, Maria Galbusera é confirmada Superiora, enquanto que a direção espiritual é confiada ao Pe. Giambattista Battisti, que desde o dia 10 de outubro de 1913 consagrou-se à Obra.

No dia 6 de janeiro de 1915 foi abençoada a primeira capelinha e o bispo concedeu a permissão para conservar o Santíssimo Sacramento. Lembra Natália Fainelli: *“Santa Epifania, 1915 – Hoje, pelo venerado Pai Pe. João e pelo Reverendíssimo Pe. Battisti, com vários coroinhas, foi abençoada a primeira capelinha das Irmãs, na Casa de San Benedetto, com a permissão de manter sempre Jesus Sacramentado. Que felicidade! Na sequência, o nosso diretor, Reverendíssimo Pe. Battisti, nos permitiu que fizéssemos várias noites eucarísticas com Jesus exposto. Duas Irmãs, por turno e nas horas marcadas pelos Superiores, dirigiam-se à capelinha para*

⁵⁸ GALBUSERA, M. *Perché temere?*, op. cit. p. 47. Este pensamento é datado de 31 de janeiro de 1914.

⁵⁹ CALABRIA, G. *Diario 1° Quaderno “Laus Deo”* [1911-1916], 5 maggio 1915, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 1, b. N 02606.

a adoração eucarística, que às vezes tinham a duração de duas horas”.⁶⁰ Numerosas, portanto, foram as noites que as Irmãs passaram em adoração eucarística.

Com a transferência para a nova Casa, podemos considerar que as Irmãs começam oficialmente o atendimento a crianças que estão entre os três e os oito anos de idade.⁶¹ “Aqui [em San Benedetto], impensadamente, nasceu a Obra dos meninos. No ano de 1915, durante os exercícios espirituais de Páscoa, pensou-se em deixar sob os cuidados das Irmãs alguns alunos, os mais novos, que dificilmente teriam se adaptado ao silêncio durante três dias. No final dos exercícios, alguém teve a ideia de não trazê-los de volta a San Zeno in Monte mas em continuar a deixá-los com as Irmãs, pois eram muito novos. A iniciativa deu certo, e o número cresceu tanto a ponto de chegar a 90 antes do ano 1920”.⁶²

Graças ao espaço da nova habitação de San Benedetto, no primeiro ano da Primeira Guerra Mundial as crianças necessitadas de acolhida são 10 e registra-se um aumento contínuo de pedidos por parte de órfãos de pais desconhecidos. Infelizmente, por causa da mentalidade daquele tempo, a cúria não via a atividade com bons olhos, pois “alguém tinha dito ao nosso bispo que aqui havia meninos e... meninos com as Irmãs!”⁶³ As perplexidades acerca do trabalho de Irmãs com os meninos ficam claras no seguinte colóquio reproduzido num texto de 1918 pelo diretor das Irmãs, o Pe. Battisti: “No final do mês passado fui visitar o nosso Eminentíssimo bispo, o Card. Bacilieri, que havia acabado de voltar de férias. No final da visita o Eminentíssimo saiu-se com estas palavras: ‘Sei que na Casa das Irmãs vocês mantêm meninos. Isso eu lhes digo abertamente, não gosto, não fica bem: mulheres com mulheres, homens com homens’.

‘Eminência, isso já é comum, são tantas as Religiosas que recolhem e cuidam de meninos...’

⁶⁰ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

⁶¹ É o que se deduz lendo o *Registro Ragazzi* [1913-1927], AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 4, c. 45: “Este é o primeiro registro iniciado regularmente em San Benedetto, onde as Irmãs da nossa Casa, na noite de 8 de dezembro de 1914, começaram a seção dos meninos mais novos provenientes da Casinha sobre o jardim Giusti”; cf. *La Casa Buoni Fanciulli dalle origini ai nostri giorni*. In: *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 11, pp. 214-215, 1932, número especial no XXVº aniversário de abertura da Casa Buoni Fanciulli; acenos em *Lo studentato, San Benedetto*, “La Casa Buoni Fanciulli”, número único de 26 de novembro de 1927 no XXº aniversário de abertura da Casa Buoni Fanciulli.

⁶² *Cenno cronologico sulla Casa Buoni Fanciulli*. In: *Sante Regole*. Verona, 1920 (Bozze di stampa), p. V, AHPSDP, f. Congregazione/Costituzioni, fld. 1/1A [1918-1931], c. 4/1 Regole per Fratelli, 1920, b. CA 02321; além disso, cf. G. BATTISTI. *Promemoria* [1918-1919], 8 gennaio 1919, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15.

⁶³ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 13 maggio 1919, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

‘Não é verdade. Em Verona, não, e enquanto eu estiver aqui isso jamais acontecerá. [...]’.

‘Eminência, na Casa tudo está em perfeita ordem, totalmente em ordem. Quanto ao Pe. João, Vossa Excelência sabe quanto ele é exigente. E quanto a mim, faço a minha parte, e Vossa Excelência já deve ter ouvido falar que sou rigoroso. Tenho a consciência de poder dizer: tudo foi feito da melhor forma’.

‘Eu disse a minha opinião e fiz o meu dever’.

*Depois disso, no dia 24 de dezembro de 1918, na visita natalina de Sua Excelência, na antessala, o secretário do bispo me disse que Sua Excelência tinha um menino para me recomendar”.*⁶⁴

Portanto, embora o Bispo de Verona não estivesse de acordo, algum tempo depois ele próprio recomenda um menino para que seja admitido na Casa. Sobre este fato o Pe. Battisti esclarece: *“Em dezembro de 1918, quando estive no Episcopado por outras razões, pude sentir eu mesmo a desaprovação do Ordinário, a qual, todavia, no final de nossa conversação já não era mais tão irredutível como no começo. Poucos dias depois, de fato, o Bispo me recomendou um menino para que fosse acolhido e apresentado às Irmãs devido à sua pouca idade’. Por aqueles dias Dom Giobatta Pighi,⁶⁵ vigário geral do bispado, recomendou outro menor; este também foi acolhido”.*⁶⁶

Os mal-entendidos com o Bispo ficam definitivamente esclarecidos quando, em maio de 1919, convidado para vir crismar dois meninos que estavam gravemente doentes, ele aceitou ir pessoalmente a San Benedetto, onde ele próprio se dá conta de como vão as coisas e redimensiona os boatos que circulavam a respeito. Pe. Calábria descreve assim aquele tão esperado acontecimento: *“Nesta tarde, às 6h30, veio, na seção de San Benedetto, acompanhado do seu secretário, Dom Silvio Tomba, Sua Eminência o Card. Bacilieri, que crismou dois meninos gravemente doentes, tendo depois visitado a Casa, entretendo-se com os meninos, indo ao refeito e à Igreja, onde*

⁶⁴ BATTISTI, G. *Promemoria* [1918-1919], 24 dezembro 1918, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15.

⁶⁵ Dom Giambattista Pighi, nascido em 1847, ordenado sacerdote em 1871, formou-se em Roma e foi professor de teologia moral e de história da teologia por muitos anos no seminário de Verona. É autor de um tratado de moral que tem larga difusão nos seminários italianos e foi reeditado várias vezes, três das quais na Casa Buoni Fanciulli. Para outras informações, veja-se: ADAMI, L. *Don Giovanni Calabria: Vitae editio prior, vitae editio altera*, op. cit., 297.

⁶⁶ BATTISTI, G. *Appunti Diario*, 13 maggio 1919, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

deu a bênção episcopal; a seguir, deixou a Casa agradecendo e abençoando a santa Providência. Deo Gratias – Ó, como são admiráveis os desígnios de Deus!”⁶⁷

Como as Irmãs dão assistência e tomam conta dos meninos? Interessante é o que consta nas *Regras de vida* de 1915: “A Irmã que estiver cuidando dos meninos note e não esqueça que os sinais do seu apostolado estão no ter muita paciência. Peça a Deus coração de mãe, lume intelectual cheio de caridade, para formar a mente deles e o seu coração e vigiar sobre o seu desenvolvimento físico, intelectual e moral, e sobretudo para formar e guardar para Deus a sua inocente alma. Suma atenção e suma vigilância sobre a própria conduta, porque não é possível desiludir a inconsciente mas vigilante perspicácia do menino que descobre o lado fraco do educador, mesmo que seja o único, disso tirando vantagem.

O menor mau exemplo, ou o simples exemplo não tão bom, pode ser fatal, e aí de quem scandalizar estes pequeninos! Lembremo-nos da ameaça evangélica e vigiemos com muito tremor.

É preciso armar-se de uma paciência toda maternal, de uma doçura inalterável, revestir-se de uma modéstia e de uma simplicidade evangélicas, para tornar-se pequenos como eles.

É preciso defendê-los, estes nossos infelizes, atacados com violência pelo mal, com o escudo de um coração materno, forte e ao mesmo tempo expansivo, capaz de qualquer sacrifício. Estas virtudes revestem a educadora daquele grave e sereno sinal que a eleva acima das pequenas paixões, sufocando-as, prevenindo-as.

A tarefa é muito delicada. Na falta de especialistas educadoras, ofereçam corações grandes, capazes de tudo sofrer; a ação eficaz é proporcional à virtude real e ao espírito paciente e generoso de imolação. Coloquem toda a sua confiança sempre no Senhor”⁶⁸.

Estas linhas sintetizam as características da Irmã educadora. Nelas Maria Galbusera, que as escreve a pedido do Pe. Calábria, exprime alguns princípios amadurecidos ao longo da sua experiência pessoal de professora e mais tarde no cuidado dos seus sobrinhos. São orientações muito relevantes se confrontadas com as modalidades em vigor em numerosos institutos para a infância abandonada. Maria Galbusera sublinha que a delicada tarefa da educação implica tempos longos que

⁶⁷ CALABRIA, G. *Diario 2° Quaderno “Laus Deo Deiparae”*, 3 maggio 1919 [1916-1919], AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 2, b. N 02607.

⁶⁸ GALBUSERA, M. *Regole di vita*, 1915, AHPSaDP, fld. Maria Galbusera 2, c. B.

requerem paciência e doçura, aquele afeto, aquele querer bem típico do coração e generoso de toda mãe e aquela capacidade de vigilância sobre o desenvolvimento evolutivo de todos os pontos de vista, inclusive o espiritual. Mas uma atenção particular deve ser dada ao comportamento da educadora, que deve ser exemplar aos olhos do menino. Transparece também a paixão pelos pequenos inocentes e infelizes, pelos quais a Irmã está disposta a fazer qualquer sacrifício e a passar por qualquer sofrimento, entregando-se totalmente.

Um testemunho direto da relação educativa que as Irmãs estão em condições de instaurar com os menores é oferecido pelo Pe. Luis Pedrollo, que lembra: *“De fato, no período da Primeira Guerra Mundial, quando as Irmãs começaram em San Benedetto, foram acolhidos meninos que chegaram ao número de 90, dos 3 aos 8 anos. Responsável era a Irmã Inocência,⁶⁹ que honrava o seu nome, demonstrando-se um verdadeiro anjo em meio a tantos meninos, solícita e capaz de fazer qualquer sacrifício para formá-los e para que nada lhes faltasse, mesmo em meio a uma pobreza que beirava a miséria. Mas quanta alegria ela sabia levar através dos jogos, dos cantos e das surpresas de uma excelente educadora.*

*Irmã Galbusera dava àqueles meninos um catecismo que os encantava. Eu me dirigia para lá semanalmente a fim de atender confissões. E os admitia à Primeira Eucaristia, substituindo o Pe. Battisti, que às vezes não podia ir”.*⁷⁰

E ainda: *“Nossa Superiora era a Irmã Maria Galbusera. [...] Nesta Casa foram recebidos muitos pobres meninos dos quatro aos dez anos; lembro que chegaram aos 90, dormindo no celeiro, bem espremidos. A Superiora se ocupava muito com eles: dava-lhes instrução, educação, e também frequentemente os fazia cantar, o que o Pai gostava muito, pois quando Ele vinha até nós a Superiora os fazia cantar na sua frente.*

*As Irmãs dedicavam-se totalmente aos meninos: na cozinha preparando as refeições, no laboratório e na lavanderia fazendo e lavando as roupas deles, etc.”.*⁷¹

Das anotações do Pe. Battisti pode-se perceber que algumas mulheres, cujo número não se consegue definir com precisão, entram e saem nos primeiros anos, entre 1913 e 1918. Hospedam-se com as Irmãs por algum tempo e depois saem por motivos não especificados. Pode ser que se trate de mulheres em dificuldades, acolhidas por um

⁶⁹ Pe. Luis Pedrollo está se referindo à Irmã Rosina Fornasiero.

⁷⁰ Pe. Pedrollo responde a algumas perguntas que lhe foram dirigidas pela Irmã Gemma Tibaldo, Madre Geral das Pobres Servas da Divina Providência, referentes à família religiosa. In: PEDROLLO, L. *Lettera a Sor. Gemma Tibaldo*, 21 gennaio 1976, AHPSaDP, fld. Don Luigi Pedrollo 3.

⁷¹ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

tempo relativamente curto, ou que estivessem passando por um período de busca vocacional e amadurecem a consciência de que não são chamadas para esta vida religiosa. Tais dados levam a pressupor que as Irmãs se ocupassem não apenas dos meninos, mas também de outras pessoas, ou talvez, ainda, que contassem com outras pessoas que as apoiassem, mesmo que provisoriamente, ajudando-as na assistência aos menores. A seguir apresentamos um elenco, reconstruído com base naquilo que foi registrado pelo Pe. Battisti nos seus apontamentos.⁷²

NOME SOBRENOME	IDADE	PROFISSÃO	ENTRADA	SAÍDA
1. Inês Fainelli	26	dona de casa	setembro de 1913	novembro de 1913
2. Rina (Elena) Badalati			9 de outubro de 1913	outubro de 1914
3. Angelina Nevoton	43		outubro de 1914	6 de julho de 1916
4. Cecilia Nevoton	32		outubro de 1914	6 de julho de 1916
5. Pasquina Pizzocaró			26 de dezembro de 1914	21 de março de 1915
6. Drusila			27 de dezembro de 1915 em experiência	cerca de um mês depois, em 1916
7. Maria De Rossi	23	dona de casa	25 de março de 1916	30 de março de 1916
8. Carolina Costa	56		25 de março de 1917	7 de maio de 1917
9. Adelaide			15 de agosto de 1917	16 de agosto de 1917
10. Catarina Burati	19	dona de casa	18 de março de 1918	1 de agosto de 1918
11. Angelina Soave	15		1 de abril de 1918	14 de abril de 1918
12. Domingas Vinco	26		16 de abril de 1918	1 de maio de 1918

As acolhidas

⁷² Cf. G. BATTISTI. *Appunti su persone*, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti su persone 2.

Além da assistência e do cuidado dos meninos, vai se delineando no horizonte das Irmãs um novo campo de trabalho, por intuição do Pe. Calábria. Já em 1914 na “Piccolissima Casa di Nazareth” as Irmãs oferecem hospitalidade não apenas a alguns meninos, mas acolhem também uma outra pessoa, necessitada de assistência e refúgio. Temos confirmação disso na descrição do deslocamento para a Casa de San Benedetto, realizado na noite de 7 de dezembro de 1914. Maria Galbusera, de fato, refere que, além das Irmãs, integram o grupo: “*três meninos, uma filhinha acolhida, princípio de desígnios ainda misteriosos, mas certamente grandes*”.⁷³ Em base ao que anotou o Pe. Calábria em seu *Diário*, conclui-se que essa pessoa acolhida tinha quinze anos e tenha sido subtraída do vício das ruas. Essa referência evidentemente indica que ele esteja pensando que o Senhor quer que as Irmãs se interessem por estas pessoas, ou seja, imagina que também a recuperação das prostitutas seja um novo campo de trabalho para elas.

Deve-se ressaltar que o Pe. Calábria sempre foi muito atento às inspirações interiores, colhendo nos acontecimentos e nas pessoas indicações sobre a vontade de Deus, por ele definidos “sinais”. Buscando ajuda para discerni-los normalmente ele procede da seguinte forma: aconselha-se com pessoas capacitadas e prudentes, submetendo depois, tanto as inspirações quanto os sinais, ao juízo dos seus Superiores: o diretor espiritual e o bispo.

É com o Bispo que ele vai falar a respeito deste novo campo de trabalho das Irmãs, descobrindo que ele parece já estar informado a respeito; todavia, talvez até pela mentalidade daquele tempo, o bispo se mostra totalmente contrário. Pe. Calábria obedece, mas conserva no seu coração o projeto de recuperar mulheres transviadas, que em 1918 novamente propõe ao Bispo, bem como ao seu sucessor mais adiante, nos anos trinta.

Eis o que o Pe. Calábria anota no dia 05 de maio de 1915: “*Na ordem da divina Providência este dia deve ser certamente grande, pois será o início de outras obras para a maior glória de Deus e bem das almas.*”

Ontem estive com Sua Eminência [...]; ele me falou das Irmãs que, com a sua permissão, dedicaram-se à Obra, prontas a fazer aquilo que a divina Providência dispuser. [...] Mas ontem Sua Eminência, certamente mal informado por pessoas movidas pelo ciúme ou por outra razão, me disse: ‘O que estás fazendo com as Irmãs?’

⁷³ GALBUSERA, M. *Perché temere?*, op. cit., p. 47. Este pensamento é datado de 31 de dezembro de 1914.

*Ao que eu, in Domino, respondi: 'Aquilo que a divina Providência dispuser. Atualmente estão trabalhando para a Casa; e justamente nestes dias acolheram uma pobre alma de 15 anos, tirada do vício da rua e por todos rejeitada'. Sua Eminência disse: 'Não, não, é melhor, agora que ela está recuperada, liberá-la'. Eu lhe observei que há muita necessidade de salvar estas almas. Mas ele disse: 'Não!' E eu obedeci imediatamente, persuadido de que a obediência traz alívio e que todos somos instrumentos nas mãos da divina Providência. Creio que Sua Eminência seja um meio, e que de negativo vai se transformar em positivo, sendo assim salvas muitas destas pobres almas".*⁷⁴

Ressalte-se que o Pe. Calábria se demonstra fiel ao pedido do Bispo, tanto que, um ano depois, a um religioso que se dirige a ele para indicar-lhe uma pessoa necessitada ele responde, a seu malgrado, deste modo: *"Com muita caridade em Cristo o senhor está me recomendando aquela pobre alma; eu gostaria de imediato de responder que sim, mas no momento não é possível; se fosse como Irmã seria mais fácil, mas como acolhida a questão ainda precisa amadurecer"*.⁷⁵

Embora inicialmente o Bispo não tenha acolhido o projeto das Irmãs, mesmo com o relato feito pelo Pe. Calábria que sugeria a necessidade de que as Irmãs se ocupassem dessas pessoas, *"mais tarde Ele recomendou uma... depois permitiu que a esta se somasse outra... enfim, em relação a outros casos, contentou-se em dizer: decidam vocês se é possível ou não"*.⁷⁶

Na Casa de San Benedetto, juntamente com os meninos, encontram hospitalidade também mulheres sofredoras mais ou menos jovens, denominadas acolhidas, necessitadas de ajuda, pecadoras arrependidas, isto é, prostitutas que acabaram na prisão e que querem mudar de vida. Provavelmente essas pessoas foram direcionadas às Irmãs graças às relações criadas devido ao compromisso social desempenhado pela Irmã Maria Galbusera, que antes de sua entrada na Obra frequentava as instituições "Le nostre bambine" e "Penitenti".

Num texto escrito no dia 19 de junho de 1917 o Pe. Battisti anota que a seção feminina das acolhidas começa com uma juvenzinha de quatorze anos, Adele Bragatta, apresentada pela entidade "Protezione della Giovane". O bispo de Verona concordou, desde que se tratasse de uma situação provisória. Esta moça tem tendência ao roubo,

⁷⁴ CALABRIA, G. *Diario 1° Quaderno "Laus Deo"* [1911-1916], 5 maggio 1915, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 1, b. N 0206.

⁷⁵ CALABRIA, G. *Lettera a P.T. Castagna*, 11 maggio 1916, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Religiosi, fld. 1, c. 23, b. 08100.

⁷⁶ BATTISTI, G. *Appunti Diario*, 13 maggio 1919, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

mas enquanto mora com as Irmãs não se apropria de absolutamente nada, embora caixas e armários estejam sempre abertos. Nos últimos dias de junho de 1917 ela foi presa porque precisava ainda ficar detida por mais 70 dias.

Do mesmo relato do dia 19 de junho de 1917: *“As acolhidas são três: - duas irmãs surdo-mudas que antes trabalhavam aqui como diaristas”*.⁷⁷

Forma-se um grupo heterogêneo, acompanhado pela Irmã Laura Fossati e hospedado na “Piccolissima Casetta di Nazareth”. Esta foi a solução ideal para que as acolhidas pudessem viver num ambiente separado e ser acompanhadas de forma particularmente atenta. Ficam na Casinha até o ano de 1918, quando voltam para San Benedetto, pois lá passaram a ser hospedados os estudantes.

O Bispo parece ter concedido a permissão, como se pode ver nas anotações do Pe. Battisti: *“Pentecostes de 1918 (19 de maio) [...] Com o prévio consentimento de Sua Eminência, o cardeal, bispo de Verona, hoje o venerado Superior me deu o encargo formal de receber a primeira pecadora arrependida. Ela pede para ser acolhida, tendo se retirado para dar prova de arrependimento ao seu esposo – quer recomeçar –, disposta a permanecer inclusive para sempre, se o Senhor assim dispuser.*

Para estas almas... que o Senhor nosso Jesus quer nesta sua Casa, Ele preparará um ambiente totalmente especial. Enquanto isso, hoje faremos o melhor possível, como agrada a Ele neste momento”.⁷⁸

Em outras páginas não datadas o Pe. Battisti aponta que no dia 20 de maio de 1918 as Irmãs acolhem uma adúltera, que quer dar prova de arrependimento, pelo menos enquanto a guerra perdurar, já que o esposo foi chamado às armas. O marido quer a separação e ela enlouquece no dia 4 de julho, e no dia 6 o médico é chamado com urgência e a envia para o manicômio de San Giacomo.

Ainda sobre as acolhidas, ele escreve: *“As ovelhas de Jesus, quero dizer, as arrependidas, é preciso que sejam realmente arrependidas e que sintam a necessidade da penitência no coração do Bom Pastor, Jesus nosso, e devem querer entrar na Casa. Ai de nós se for um lugar de medo, de castigo e de sofrimento! Não, não; nesta santa*

⁷⁷ BATTISTI, G. *Le Serve dei Poveri*, 19 giugno 1917, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti.

⁷⁸ BATTISTI, G. *Promemoria* [1918-1919], 19 maggio 1918, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15.

*Casa, nenhum condenado ou punido; apenas a expiação desejada e amada – só essa –, porque somente nessa encontra-se a redenção e a santificação”.*⁷⁹

Outra confirmação da hipótese de que as Irmãs podiam se ocupar das moças e senhoras em dificuldade é dada pela carta do dia 22 de maio de 1918, escrita pelo Pe. Battisti: *“Falou-se de novos dons que o Senhor nos faz: - as cretinas e as pecadoras desejosas de penitência; por conseguinte, da absoluta necessidade de adquirir um novo terreno.*

*O terreno existe, e é limítrofe ao da Casa San Benedetto; mas é preciso rapidez, pois no dia de São Pedro (29 de junho) vence o contrato de aluguel de nove anos”.*⁸⁰ Para concretizar a intenção de adquirir um novo terreno sobre o qual possa ser construída uma casa destinada a acolher pessoas necessitadas de assistência é preciso ter dinheiro à disposição, que poderia ser emprestado por alguém a quem depois o valor seria devolvido. É por esta razão que, por carta, o Pe. Battisti se dirige a Antonietta Secagno,⁸¹ propondo-lhe de falar com a sua amiga, Maria Panceri.⁸² Sobre o mesmo tema ele retorna na carta de 8 de junho de 1918, reafirmando *“com certeza que é preciso o terreno, e que o Senhor o quer”.*⁸³ A senhora Panceri, disposta a emprestar o dinheiro, visita Verona provavelmente no começo de setembro. Mas a negociação, na realidade, não progrediu.

No dia 13 de maio de 1919 o bispo de Verona visita pela primeira vez San Benedetto, onde se encontram as Irmãs, os meninos e as acolhidas. Pe. Battisti escreve nos seus apontamentos, referindo-se ao Card. Bartolomeo Bacilieri: *“Ele, que é o nosso bispo diocesano, não queria que as acolhidas estivesse lá. – Mais tarde ele me recomendou uma tal de Montresor... Depois permitiu que fosse acolhida uma outra, a senhora Dalla Riva Rosa. Enfim, para outros casos, satisfez-se em dizer: Decidam vocês, vejam vocês, se é possível”.* [...]

⁷⁹ BATTISTI, G. *Promemoria* [1918-1919], 23 maggio 1918, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15.

⁸⁰ BATTISTI, G. *Lettera a A. Secagno*, 22 maggio 1918, AHPSaDP, fld. Antonietta Secagno. Tudo claramente confirmado pelo Pe. Calábria, pois na mesma carta encontra-se uma saudação escrita por ele próprio.

⁸¹ Sobre Antonietta Secagno – Irmã Clara de Jesus – veja-se o perfil no Apêndice 1. Antonietta provavelmente manifesta o desejo de entrar na Obra, tendo sido hóspede das Irmãs, mas ainda não havia entrado.

⁸² Maria Panceri repassa à amiga Antonietta Secagno as cartas recebidas de sua professora, Maria Galbusera, que não dá mais aulas no Instituto Alessandro Manzoni, de Milão, pois transferiu-se para Verona, na casa do seu irmão.

⁸³ BATTISTI, G. *Lettera a A. Secagno*, 8 giugno 1918, AHPSaDP, fld. Antonietta Secagno.

*Naquela ocasião, ele visitou a casa toda; passou algum tempo com os meninos interrogando-os sobre o catecismo; depois entrou na capela e deu às Irmãs e aos meninos a santa bênção. Saindo da capela ele entrou no refeitório dos meninos, que lá se encontravam para jantar. Saiu da Casa satisfeito com tudo o que viu, dizendo que o lugar é magnífico, e que virá outra vez para dar um passeio”.*⁸⁴

Pe. Battisti anota novamente no dia 2 de agosto de 1919, desta vez fazendo referência às Irmãs: *“O Cardeal ainda não está muito tolerante com esta seção da Obra e se volta contra as acolhidas. Insiste para que estas subdivisões não acabem consumindo energias necessárias à primeira fundação, a Casa Buoni Fanciulli”.*⁸⁵

Pela documentação a que se tem acesso, realmente escassa, não é possível definir o número exato das acolhidas, arrependidas, as prostitutas hospedadas pelas Irmãs. Na troca de correspondências entre o Pe. Calábria, o Pe. Battisti e o Pe. Pedrollo em algumas ocasiões encontram-se referências totalmente ocasionais a algum nome, mas do qual posteriormente não se volta a falar.

No registro das acolhidas e das agregadas⁸⁶ leem-se os seguintes ingressos na Casa:

NOME E SOBRENOME	DATA DE NASCIMENTO	ENTRADA NA CASA	IDADE
Alba Segala	17 de setembro de 1895	21 de março de 1915	20
Rosa Paletto		15 de junho de 1915	
Teresa Fuccinecco	31 de março (sem indicação do ano)	19 de junho de 1917	
Luisa Fabris	1891	27 de agosto de 1917	26
Rosa Gelmini		20 de outubro de 1917	
Maria Eccheli	3 de agosto de 1845	22 de novembro de 1917	72
Ernesta Bianchini	17 de outubro de 1889	31 de dezembro de 1917	28
Virginia Zenate		10 de janeiro de 1918	
Inês Nicarsi	21 de fevereiro de 1889 (de pais desconhecidos)	17 de fevereiro de 1918	29

⁸⁴ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 13 maggio 1919, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

⁸⁵ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 2 agosto 1919, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

⁸⁶ Nos cadernos escritos pela Irmã Dolores Vacca, guardados no AHPSaDP, fld. Dolores Vacca, especifica-se que as acolhidas apresentam toda espécie de pobreza física. Trata-se de portadores de deficiências, parcialmente enfermas do ponto de vista mental, cegas, filhas de pais desconhecidos. As agregadas, ao contrário, são mulheres que desejam fazer parte da vida comunitária das Irmãs, possuem alguns bens e os entregam à Obra.

Josefina Battistella		5 de junho de 1918	
Maria Gecchele	9 de agosto de 1845	22 de novembro de 1917	72
Ildgarda Montresor	29 de dezembro de 1872	19 de fevereiro de 1918 ⁸⁷	46
Maria Panighini	17 de março de 1880	Não indicada, mas no ano de 1918	
Maria Bonuzzi ⁸⁸	8 de dezembro de 1861	2 de junho de 1919	58
Luisa Roncali		9 de julho de 1919	

A partir destes elementos emerge a intenção do Pe. Calábria de acolher não apenas meninos, mas também mulheres anciãs, surdo-mudas e cretinas, confiadas aos cuidados das Irmãs. *“Pe. Calábria esperava o final da guerra para poder realizar outras atividades em favor de pessoas necessitadas; de vez em quando ele vai relembando os grandes desígnios que Deus colocou sobre a Obra eleita. Desde já aparecem os brotos de outras árvores que um dia, se Deus quiser, se desenvolverão; as velhas, as surdo-mudas, as cretinas, os cretinos, os enfermos. Além do ramo dos meninos maiores, ou de meia idade, confiados aos Irmãos aqui em cima (mais de 100) e os meninos menores de oito anos (aproximadamente 60) confiados às Irmãs aqui na nova casa adquirida de um certo Recchia, na parte debaixo do nosso local, Pe. Calábria acaricia muito a ideia da constituição de famílias, em vista de uma mais fácil e melhor organização”*.⁸⁹

A vida comunitária

Nas *Regras de vida*, elaboradas em 1915 por Maria Galbusera a pedido do Pe. Calábria, o horário da jornada das Irmãs prevê o despertar às 4h30 no abandono nas mãos de Deus para cumprir a sua vontade, com este pensamento extraído do Livro de Isaías (26,9): *“Depois de ter-vos desejado toda a noite, eu me acordo diante de vós com a alma aberta até as suas profundidades”*.⁹⁰

Um breve cuidado com a própria pessoa é efetuado no recolhimento e no silêncio, oferecendo a Deus o dia. Segue-se a meditação, para elevar o espírito a Deus e

⁸⁷ Saiu após um mês.

⁸⁸ Agregada, trabalha na rouparia. Vive com as Irmãs até a morte, ocorrida em Santa Toscana no dia 7 de julho de 1951.

⁸⁹ FACCIOLO, A.; CALABRIA, G. *Lettera a don D. Desenzani*, 16 maggio 1918, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a don Desenzani, fld.1, c. 4, b. 6302/B.

⁹⁰ GALBUSERA, M. *Regole di vita*, 1915, AHPSaDP, fld. Maria Galbusera 2, c. B.

abri-lo com boa vontade à sua graça; depois, participa-se da Santa Missa, “*sacrifício de imolação comum com o divino Mestre: unir-se a todas as intenções do Sacrifício, que é o maior ato do culto católico, o único louvor, a única adoração digna de Deus*”.⁹¹ O significado consiste na presença real e na imolação de Jesus Cristo; a Comunhão permite a intimidade de vida com o Esposo.

O dia continua colocando-se em ordem a casa, trabalhando de modo diligente e cuidadoso, o que “*exclui qualquer momento de ócio, e ao mesmo tempo a pressa e o anseio pela delicada consideração ao Senhor, que não pede mais do que alcançam as nossas forças e que está sempre disposto a vir em nosso auxílio, bastando que nos coloquemos em comunhão com Ele*”.⁹²

Às 11h45 as Irmãs dirigem-se à igreja para recitar a coroa da Providência e o *Angelus* e fazer o exame de consciência.

Durante o almoço, que dura aproximadamente meia hora, está prevista uma leitura, por exemplo, de alguma vida de Santo; segue-se um período de recreação de meia hora, comunitário, exercício de todas as mais delicadas virtudes com alegria e liberdade de espírito. Depois de outra visita à igreja para pedir o auxílio de Maria e a proteção do Anjo da guarda desempenha-se o trabalho em silêncio, sempre com espírito de fé, na presença de Deus. Existe a possibilidade de uma meia hora de intervalo para qualquer necessidade e de uma breve visita a Jesus Sacramentado.

Na hora da adoração, no fim da tarde, encontra-se no mistério eucarístico o Amigo.

A recitação do terço honra Nossa Senhora, na qual se pode encontrar a mãe deixada ou perdida, na qual refugiar-se nos dias da tempestade ou da dor. A leitura espiritual tem por objetivo nutrir o espírito.

Durante a *Via Crucis*, nas sextas-feiras, as Irmãs são convidadas a meditar e contemplar as grandes dores da paixão de Cristo, verdadeira lição de amor.

Depois da janta, que dura uns vinte minutos, e da recreação, recita-se a oração da noite, faz-se uma prestação de contas do dia e se oferece a noite, que começa às 20h30 abandonando-se nas mãos de Deus.

Este é o horário que marca a jornada da primeira comunidade feminina que vive de modo intenso uma profunda espiritualidade, sempre conjugada ao serviço. Para se ter uma noção do clima reinante na Casa é muito ilustrativo o que escreve o Pe. Luis

⁹¹ Ibid.

⁹² Ibid.

Adami: “*Estas Irmãs, formadas na escola do Pe. Calábria, juntamente com outras que seguiram o seu exemplo, foram como que as pedras fundamentais daquela família religiosa que desempenhou uma parte tão importante na Obra.*

*Pe. Calábria, analogamente aos Irmãos, as quis sem um hábito especial, dispostas a tudo, sem votos perpétuos, em síntese, sem aquelas intrigas que exercem uma influência tão forte sobre a classe feminina. Ele as queria, por outro lado, de firme virtude, dóceis e humildes a toda prova. [...] Isso é comprovado pelo espírito de sacrifício que caracteriza as Irmãs: primeiras a se levantar, últimas a se deitar – e muito tarde – sempre ativas, sempre sacrificadas no restrito ambiente de trabalho, com uma clausura que às vezes beira – dir-se-ia humanamente – à prisão. Mas nada as impede de servir alegremente ao Senhor, e naturalmente suscitam a admiração de todos aqueles que se dão conta da sua fadiga quotidiana; de modo especial certos jovens quando saem da casa, maduros para a vida, que sentem o dever de dizer ou de escrever belas palavras de reconhecimento às Irmãs, que em alguns casos eles nem sequer conhecem, mas que apreciam pela alta virtude”.*⁹³

Conferindo desenvolvimento e estabilidade ao serviço oferecido por voluntárias, posteriormente chamadas de agregadas,⁹⁴ além de oferecer cuidados maternos aos menores dentre os hóspedes de San Zeno in Monte, as Irmãs cuidam da rouparia e da lavanderia da comunidade calabriana.

O grupo das Irmãs vai se alargando e acolhe, no ano de 1915, em 17 de abril, Rosina Fornasiero, de 37 anos; em 23 de abril, Ana Bettoni, de 72 anos; em 4 de julho, Giselda Mercoletti, de 22 anos; em 28 de agosto, Teresa Martini, de 39 anos; em 27 de dezembro, Justina Soave, de 17 anos, e Vitória Secchieri, de 53 anos.

Ao longo do ano de 1916 são acrescentadas: em 18 de maio, Josefina Anomi,⁹⁵ de 44 anos; em 28 de maio, Páscoa Brutti, de 44 anos, que ficara viúva pouco mais de um ano antes; em 30 de maio, Maria Ferrari, de 26 anos; em 15 de julho, Amália Dal Cengio, de 22 anos; em 4 de novembro, Silvia Todesco, de 25 anos.

Com base em uma anotação feita no dia 19 de junho de 1917⁹⁶ percebe-se que os encargos desempenhados pelas Irmãs têm a seguinte distribuição:

⁹³ ADAMI, L. *Don Giovanni Calabria: Vitae editio prior, vitae editio altera*, op. cit., p. 168.

⁹⁴ Pe. Battisti sugere este termo para indicar “*qualquer piedosa mulher que não seja conveniente admitir como Irmã por motivos de idade, de falta de vocação etc.*”; BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 14 marzo 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2.

⁹⁵ Em alguns documentos da congregação o sobrenome Anomi é reproduzido como Annoni.

⁹⁶ BATTISTI, G. *Le Serve dei Poveri*, 19 giugno 1917, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti. Ressalte-se que a Irmã Teresa Martini e a Irmã Josefina Anomi não fazem parte da lista, da

Ir. Maria Meneghetti	Superiora de todas e encarregada da rouparia
Ir. Maria Fannio	arquivista, sacristã e telefonista
Ir. Ângela De Battisti	recepcionista
Ir. Lavinia Perez	recepcionista suplente; vigilância no dormitório
Ir. Giselda Mercoletti	cozinheira
Ir. Adele Carli	enfermeira
Ir. Páscoa Brutti	encarregada da lavanderia e do cuidado dos animais; vigilância no dormitório
Ir. Silvia Todesco	responsável pelo laboratório
Ir. Amália Dal Cengio	laboratório
Ir. Ana Bettoni	laboratório
Ir. Angelina Dresda	laboratório
Ir. Rosina Fornasiero	responsável pela seção crianças e vigilância no dormitório
Ir. Justina Soave	assistente
Ir. Maria Ferrari	limpeza e ordem nos quartos
Ir. Vitória Secchieri	vigilância no dormitório

Os meninos de idade compreendida entre 4 e 10 anos aproximadamente são subdivididos em dois dormitórios: um para os menores, outro para os mais grandinhos.

Acrescentam-se às Irmãs em 15 de agosto de 1917, Aida Irene Soster, de 19 anos; em 18 de fevereiro de 1918, Cesira Ghira, de 31 anos; em 21 de junho de 1918, Maria Busti, de 21 anos; em 6 de dezembro de 1919, Ângela De Mori, de 30 anos.

Na Casa San Benedetto, os meninos, as Irmãs e as acolhidas, por ocasião da festa do Sagrado Coração de Jesus de 15 de junho de 1917, fazem sua consagração: *“Felizes por consolar, nesta hora de ruínas, de desastres, de morte, o coração divino amargurado no seu sumo pontífice”*.⁹⁷

No dia 6 de janeiro de 1918 as Irmãs emitem e renovam os quatro votos segundo o ritual⁹⁸ elaborado pelo Pe. Battisti, sobre o qual pela primeira vez aparece o nome *Servas dos Pobres*, provavelmente por ele mesmo atribuído. Mais tarde o rito é confirmado e se torna definitivo na versão utilizada para a ocasião no ano seguinte, no dia 6 de janeiro de 1919. Nesta circunstância o Pe. Battisti escreve que, a seu ver, “o

mesma forma que Natália Fainelli. Também Irmã Laura Fossati não aparece nesta lista, porque encontra-se na Casinha, com as acolhidas.

⁹⁷ O pensamento é reproduzido na *Immaginetta-ricordo*, 15 giugno 1917, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti.

⁹⁸ A versão manuscrita pelo Pe. Battisti em 1918 é idêntica à que foi impressa e usada em 1919.

*Senhor deverá querer, no futuro, prescrever-lhes mais claramente e mais detalhadamente o santo voto do abandono. [...] Este voto impressionou muitíssimo as Irmãs, que a partir dele compreenderam bem mais a solenidade do ato, dedicando-se com temor e tremor, mas com todo ímpeto da alma, que ao se sentir imensamente frágil se joga nos braços e no coração de Jesus num santo abandono”*⁹⁹

As folhas com as promessas escritas pelas Irmãs que renovam e pronunciam os votos são conservadas no sacrário. Eis o elenco:

1. Ir. Ângela De Battisti
2. Ir. Adele Carli
3. Ir. Laura Fossati
4. Ir. Mariazinha Meneghetti
5. Ir. Maria Fannio
6. Ir. Natália Fainelli
7. Ir. Rosina Fornasiero
8. Ir. Ana Bettoni
9. Ir. Giselda Mercoletti
10. Ir. Teresina Martini
11. Ir. Justina Soave
12. Ir. Vitória Secchieri
13. Ir. Josefina Anomi
14. Ir. Páscoa Brutti
15. Ir. Maria Ferrari
16. Ir. Amália Dal Cengio
17. Ir. Silvia Todesco
18. Ir. Aida Soster
19. Ir. Angelina Dresda ¹⁰⁰

A assistência espiritual do Pe. Giambattista Battisti

Pe. Giambattista Battisti,¹⁰¹ nascido em Verona no dia 24 de junho de 1869 e ordenado sacerdote em 13 de agosto de 1893, foi vigário paroquial em Poiano (1893-

⁹⁹ BATTISTI, G. *Promemoria* [1918-1919], 6 gennaio 1919, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15.

¹⁰⁰ Pe. Battisti anota que ela está doente, tendo sido representada pela Irmã Mariazinha, que trouxe o texto.

1897) e em Rivoltella (1897-1907), tornando-se posteriormente Reitor de Santa Toscana (1907-1912) e capelão do Hospício dos Expostos e da Casa de Maternidade da Província de Verona¹⁰² (1912-1913).

Ele conhece a Casa Buoni Fanciulli desde o começo, porque quando era Reitor de Santa Toscana pregava o retiro mensal naquele local. Em 1913 obtém a autorização eclesiástica para se transferir para San Zeno in Monte, junto do Pe. Calábria, mas ficando com o compromisso, por algum de tempo, de celebrar a missa no instituto de assistência provincial. No dia 10 de outubro de 1913 ingressa na Casa Buoni Fanciulli, sendo inicialmente incumbido da responsabilidade pela cozinha e pela rouparia. A partir de março de 1914 substitui o Irmão religioso Massimo Besozzi, que foi embora dentre outras razões por contrastes com ele na condução dos laboratórios; a seguir, assume a responsabilidade pelo economato e pela direção dos Buoni Fanciulli de San Zeno in Monte até 1919; além disso, ocupa-se da instalação de novos laboratórios e particularmente da tipografia.

Na festa da Imaculada de 1914, dia no qual é inaugurada em San Benedetto a Casa das Irmãs, ele se torna diretor daquela Casa. A partir de janeiro de 1920 é designado pelo Pe. Calábria Superior da Casa do Santíssimo Redentor em Este até dezembro de 1923, tornando-se no ano seguinte Pró-Reitor do Santuário Madonna di Campagna em San Michele Extra, onde permanece até à morte, ocorrida em 17 de dezembro de 1926.

Seus dotes são numerosos: entende de construções, de arte arquitetônica e de pintura. Sonhando imprimir edições litúrgicas e também um missal, em parceria com outras empresas,¹⁰³ promove uma reforma do laboratório de tipografia em 1915 adquirindo uma impressora, “Augusta”, bem como grande quantidade de papel especial para esse tipo de impressão.

É sinceramente um enamorado da Obra e muito devoto do Pe. Calábria. Possui um caráter forte, que às vezes se manifesta com atitudes autoritárias na condução das diversas atividades e talvez também com algum exagero na aplicação prática do espírito da Casa.

¹⁰¹ São aqui reproduzidas as informações encontradas em G. PERAZZOLO. *La Congregazione dei Poveri Servi della Divina Provvidenza (1907-1932)*. Verona: Centro di Cultura e Spiritualità Calabrian, 2007. v. I/2. pp. 103-104.

¹⁰² Para um aprofundamento, veja-se G. F. VIVIANI. *L'assistenza agli "esposti" nella provincia di Verona (1426-1969)*. Verona: Amministrazione provinciale, 1969. p. 151.

¹⁰³ O fato pode parecer menos singular se lembrarmos que já no ano anterior – a solicitação do Card. Bacilieri neste sentido remonta a janeiro de 1914 – a Tipografia Casa Buoni Fanciulli havia impresso o Boletim Eclesiástico Veronês, dirigido pelo vigário geral da Diocese, Dom Giobatta Pighi.

A inclinação que precedentemente o levou a se dedicar como capelão do Hospital dos Expostos o conduz a ambicionar uma sede mais idônea para acolher crianças necessitadas e cultivar ao mesmo tempo, como encarregado da direção espiritual, o nascente Instituto feminino.¹⁰⁴ Ele defende com particular convicção a ideia de que as Irmãs possam se ocupar de meninos. Neste sentido, de certa forma ele força o parecer pouco favorável do bispo de Verona, o Card. Bacilieri, e de algum modo as próprias prospectivas do Pe. Calábria: “*Nenhum homem havia pensado antes em colocar meninos nas mãos das Servas, e o próprio Pe. João [Calábria] era absolutamente contrário. Todavia, por ordem sua, um a um acabaram entrando todos aquele meninos que lá estão; e lá ficaram até hoje, tanto que um já passou dos onze anos*”.¹⁰⁵

Os primeiros lutos

Durante a Primeira Guerra Mundial “*frequentemente de noite, ao sinal do alarme, recolhíamos os meninos e íamos para a gruta, onde rezávamos todos juntos e, por graça do Senhor, nada aconteceu conosco. [...]*”

Nas estreitezas daquele tempo de guerra a divina Providência nos mandava macarrão e carne, vindos do refeitório dos oficiais, que nós todos da Casa comíamos com apetite”.¹⁰⁶

A alimentação certamente não era adequada, e corria-se o risco de ser atingidos por infecções ou epidemias. O primeiro a morrer foi um menino. “*Durante o período da Primeira Guerra Mundial, de 1915-1918, com a Irmã Galbusera, alma cheia de fé – fé que ela inculcava também nos meninos –, éramos como muitos Moisés orantes. Quando ouvíamos o sinal, íamos para o refúgio; várias Irmãs estavam muito impressionadas; o tempo passava rezando.*”

¹⁰⁴ Sobre a divisão entre seções masculinas e femininas da Obra, que se tornara difícil devido à escassez dos espaços disponíveis e sobre a qual o Casante era menos receoso do que o desconfiado Pe. Battisti: “*O Superior disse que as Irmãs ficam bem num lugar mais distante. Concordo; todavia, enquanto isso for impossível, façamos aquilo que se pode fazer. Os Irmãos podem ficar mais distantes ou, no mínimo, aproximar-se menos*”. Cf. G. BATTISTI. *Promemoria* [1918-1919], 1º agosto 1919, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15.

¹⁰⁵ “*O que se pretende dizer é que a situação atual é uma exceção; mas não me parece que se possa dizer isso, porque nenhuma regra começa com a exceção; esta vem depois daquela*”; e um pouco acima: “*Os meninos até os dez ou onze anos ficam bem nas mãos das Servas escolhidas para isso*”: G. BATTISTI. *Promemoria* [1918-1919], 8 gennaio 1918, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15; sobre dúvidas do bispo Bacilieri a respeito do fato de que as Irmãs se ocupem de meninos masculinos, cf. *Ibid.*, 24 dicembre 1918.

¹⁰⁶ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

Um menino, Constantino, de aproximadamente cinco anos, uma alma¹⁰⁷ privilegiada do Senhor, nos dava sem saber os sinais de alarme disparado ou de alarme cessado.

Com efeito, enquanto tudo ao redor era silêncio, ou enquanto recitávamos o terço ou outras orações, se ele começasse a dizer: ‘Maria, no perigo extremo, olha para os teus filhos; Mãe que tudo podes, tende piedade de nós’, tínhamos certeza de que o alarme iria durar muito; ao passo que se ele cantasse as ‘ladainhas de São José’, imediatamente o alarme cessava.

Algumas vezes o Reverendo Pe. Battisti, que havia sido enviado pelo venerado Pai, ou a Irmã Galbusera, diziam: ‘Constantino, não vais cantar as ladainhas de São José?’ Precisamente porque tinham experiência dos sinais do menino e desejavam um pouco de paz; ele não respondia, ou então dormia.

Constantino era um anjinho que o Senhor quis para si.

Improvisamente adoeceu de difteria. Obtivemos a permissão do Eminentíssimo Cardeal Bacilieri e assim ele pôde fazer a Primeira Eucaristia; recebeu também o sacramento do Crisma, e morreu parecendo um serafim”.¹⁰⁸

Depois de uma infecção de poucos dias, no dia 1 de abril de 1917 a Irmã Maria Galbusera veio a falecer no Hospital de Verona. Enquanto Superiora ela foi substituída pela Irmã Maria Meneghetti,¹⁰⁹ que se considerava simplesmente a Irmã mais velha da pequena comunidade.

Para as Irmãs o prematuro falecimento da Irmã Maria Galbusera foi uma grave perda. Isso é testemunhado pela comovente carta escrita pela Irmã Fannio: “*A nossa boa Irmã Maria, portanto, nos deixou para voar para junto de Deus. A sua carreira acabou, a sua coroa foi cumprida e a sua missão aqui embaixo foi terminada; assim, Jesus veio para tirá-la do exílio e levá-la para a pátria. Nós certamente não esperávamos que ela nos deixasse tão cedo; pensávamos poder desfrutar por longo tempo do dom que o Senhor nos fez. Mas não foi assim; Ele a achou madura para o céu e para lá a chamou. A sua missão entre nós, no entanto, não acabou; ela nos deixou uma herança tão grande de conselhos, admoestações e sobretudo de exemplos de tal modo que ela continua vivendo entre nós e, mais ainda, prometeu-nos que vigiaria*

¹⁰⁷ Constantino Betteghella é levado com urgência para o Hospital de Verona no dia 14 de maio de 1919, pois tinha uma doença contagiosa.

¹⁰⁸ *Diario della Congregazione*, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 19 aprile 1955.

¹⁰⁹ Maria Meneghetti – Irmã Geltrude fica Superiora até 12 de maio de 1925, quando é substituída por Maria Fannio – Irmã Imelda de Jesus.

sobre nós com cuidado materno quando estivesse no jardim do Senhor. E como percebemos que ela mantém a sua promessa! Reina em nós uma paz, quase uma alegria, que nos faz crer que ela, mesmo não deixando o seio de Deus, que já a torna bem-aventurada, está no meio das suas filhas espirituais, todas empenhadas em aproveitar dos ensinamentos dela recebidos.

O mal que a levou para o túmulo foi uma erisipela bolhosa, que começou a dar sinais numa segunda-feira e pouco depois da meia-noite de sábado a querida e venerada doente expirava. Durante o período de sua doença ela sofreu muito física e moralmente, acabando assim a sua vida totalmente com sacrifício e imolação. Ó, como o Esposo divino, que ela ardentemente amou, pelo qual não conhecia sacrifício, cuja vontade era o pão delicioso e avidamente desejado, como agora a recompensa e a torna bem-aventurada!

Gozemos do seu gáudio e agradeçamos a Deus pela glória que a ela reservou.

Se a Casa foi provada pela perda da nossa querida Irmã, foi provada também por uma outra perda particularmente sensível para o nosso Reverendíssimo Superior (Pe. Calábria), que apenas algumas horas antes da partida da nossa Irmã perdia improvisamente o seu irmão. Imagine-se a dor do Reverendíssimo Pai, da qual todos os seus filhos e filhas tomaram parte.

Nós, em geral, estamos bem; a fila dos nossos anjinhos aumenta, e Deus queira que sejamos dignas de merecer, com a nossa correspondência, que em breve duplique.

*A nossa boa Irmã nos ajude do alto para que, longe de obstaculizar os misericordiosos desígnios de Deus, apressemos o seu cumprimento”.*¹¹⁰

E como se as dificuldades já não fossem suficientes, mais uma foi acrescentada: o alastrar-se da epidemia de febre espanhola,¹¹¹ que causou mais mortes no mundo do

¹¹⁰ FANNIO, M. (Irmã Imelda de Jesus). *Lettera a A. Secagno*, 12 aprile 1917, AHPSaDP, fld. Antonietta Secagno.

¹¹¹ Em fevereiro de 1918 chega da Espanha uma estranha forma de doença de caráter epidemiológico; apresenta um decurso de três dias, caracterizado por febre muito alta, mas o êxito, pelo menos naqueles primeiros meses, é benigno. No mês de março aquele mal, encontrado também no estado de Kansas (EUA), é definitivamente batizado como “febre espanhola”. Também nos Estados Unidos, naquele primeiro estágio, tem um êxito benigno. Em abril, talvez levada por soldados americanos, a epidemia se alastra na França; militares, capturados pelos alemães, a difundem posteriormente na Alemanha e no restante do continente europeu. Com a chegada do calor, a pandemia parece dar uma trégua, mas passado o verão ela volta. No dia 8 de setembro, nos Estados Unidos, ocorrem os primeiros três óbitos oficialmente atribuídos à febre espanhola; no final daquele mês, difunde-se incontrolavelmente pela América e pela Europa. Os infectados morrem em poucos dias, sem nenhuma possibilidade de cura. Em novembro, quando acabou a Primeira Guerra Mundial, a febre espanhola atinge a fase mais aguda provocando a morte de milhões de pessoas. Nas grandes cidades as pessoas procuram defender-se do contágio usando uma máscara sobre o rosto, mas a epidemia continua a atacar.

que a própria guerra. Como toda a população, também a Casa Buoni Fanciulli foi contagiada e de modo particular a seção de San Benedetto. A comprovação nos vem do Pe. Battisti, que escreve: “No dia 8 começou a assim chamada febre espanhola, com dois casos. Os primeiros a serem atingidos foram dois meninos; mas depois deles foram atingidos todos os setenta meninos da Casa San Benedetto, bem como todas as Irmãs, menos uma, e todas as acolhidas, menos uma. A doença representou uma grande provação; na Casa morreram cinco meninos e a Irmã Lavinia Perez, e para o Hospital foram levados outros três [...], os quais morreram todos”.¹¹²

Atingida pela febre espanhola, portanto, a Irmã Lavinia Perez morreu no dia 4 de novembro de 1918, dia do armistício que pôs fim à Primeira Guerra Mundial, ao som do sino característico da região do vêneto, chamado “Rengo”. Aos pés de sua cama encontra-se também o Pe. Calábria, que assim narra o acontecido aos noviços: “Quando estava agonizando, já no final de sua vida, fui visitá-la (ela estava em San Benedetto), e quando cheguei ela já não falava mais, nem abria os olhos. Naquele momento os sinos tocavam celebrando o armistício. Eu a chamei, em vão, e depois lhe disse: ‘Em virtude da santa obediência, la verza i oci!’¹¹³ Com muito esforço ela os abriu, e logo os fechou de novo. Morria assim com um último ato de obediência”. No dia seguinte, 5 de novembro de 1918, o Pe. Calábria faz a seguinte anotação no seu registro de missas: “Pela Irmã Lavinia, que morreu ontem, às 6h30. A sua vida pode ser resumida completamente na prática da humildade e da obediência”.¹¹⁴ Por ocasião do primeiro mês de falecimento, escreve: “Pro defunta Irmã Lavinia Perez (30.º dia de sua morte), 4 de novembro de 1918. Irmã modelo. Reze. Reze. Ora pro nobis”.¹¹⁵

Na população italiana, especialmente nas classes mais humildes, particularmente enfraquecidas pela desnutrição e extenuadas pelas terríveis consequências da Primeira Guerra Mundial, a doença encontra o *húmus* ideal para atingir uma nação arrasada por aquele conflito. Em Turim, por exemplo, foram registradas até 400 mortes por dia causadas pela febre espanhola. No Vêneto Oriental contam-se, só entre os civis, 210.000 mortos. Finalmente, no decorrer do primeiro semestre de 1919, a epidemia progressivamente vai sumindo. Cf. G. PERAZZOLO. Op. cit. pp. 112-113; além disso, destacam-se as páginas seguintes, dedicadas à descrição das condições de vida da população em Verona durante a Primeira Guerra Mundial.

¹¹² BATTISTI, G. *Promemoria* [1918-1919], 22 dicembre 1918, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15.

¹¹³ A expressão dialetal italiana, “la verza i oci!”, significa “abra os olhos!” Cf. G. CALABRIA. *La Parola del Padre ai Novizi*, 23 ottobre 1940, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Novizi, fld. 1, c. N 01772, pp. 161-162.

¹¹⁴ CALABRIA, G. *Applicazioni di Sante Messe* [1912-1925], 5 novembre 1918, AHPSDP, f. Congregazione/Registri Messe, fld. 3, c. 2.

¹¹⁵ CALABRIA, G. *Applicazioni di Sante Messe* [1912-1925], 4 novembre 1948, AHPSDP, f. Congregazione/Registri Messe, fld. 3, c. 2.

Depois da perda de Maria Galbusera e de Lavinia Perez as Irmãs são provadas novamente pelo falecimento de Angelina Dresda, que morreu no dia 16 de dezembro de 1919, na Casa de San Benedetto.

Sede perfetos, antologia de escritos espirituais da Irmã Maria Galbusera

Depois da morte da Superiora das Irmãs, Maria Galbusera, em 1º de abril de 1917, em concordância com o Pe. Calábria, o Pe. Battisti ocupou-se da coletânea dos seus escritos para uma posterior publicação em breve tempo. No dia 17 de abril de 1918 a autorização para a impressão é concedida pelo censor eclesiástico para a Diocese de Verona, Prof. Pe. Giuliano Mortari, enquanto que no dia seguinte, 18 de abril, Dom Giobatta Pighi, vigário geral da diocese, concedeu o *imprimatur*¹¹⁶ ao pequeno volume¹¹⁷ que recolhe os *excerpta* (passagens escolhidas) extraídos dos manuscritos de Maria Galbusera.

A aprovação eclesiástica acima citada se refere, todavia, à “segunda edição ampliada” do livrinho “*Siate perfetti, com’è perfetto il Padre vostro ne’ cieli (San Matteo, v. 48). Dai manoscritti, di una fedele serva del Signore*”, Scuola Tipografica “Casa Buoni Fanciulli”, Verona 1918.¹¹⁸ Infelizmente, até o momento, não se conseguiu encontrar a primeira edição, que deve ter sido impressa ainda no ano de 1917.

Na capa da segunda edição não aparece o nome da autora, nem do editor, que sabemos tratar-se, entretanto, respectivamente, da Irmã Maria Galbusera e do Pe. Giambattista Battisti.

O texto foi dividido em duas partes. Na primeira, páginas 1 a 17, foram reproduzidas uma série de considerações divididas por tema (Fé, Abandono etc.); na segunda, páginas 18 a 64, foram recolhidos uma série de aforismos de caráter espiritual.

¹¹⁶ A partir de anotações feitas pelo Pe. Battisti chega-se ao conhecimento de que a cúria, depois de ter dado a permissão para a impressão, voltou atrás, a ponto de requerer, alguns dias depois, a retirada das cópias impressas do livro. Ao que parece o bispo pessoalmente falou com algum professor do seminário (Pe. Venturi), o qual lhe observou que poderia haver, no livro, traços de “misticismo” no limite da heresia. Como no livro faz-se referência ao caso do arcebispo de Cambrai, Fenelon (1651-1715), que teve algumas de suas proposições condenadas por quietismo, quando se fala de “misticismo” estaria se fazendo alusão à heresia quietista?

¹¹⁷ O censor exprime suas perplexidades sobre um parágrafo que se encontra na p. 36. Aquela frase, presente no esboço entregue para impressão, foi prontamente substituída. Uma outra (p. 54) é mudada por decisão autônoma do curador.

¹¹⁸ O pequeno livro, de 8,8x13cm, possui 64 páginas. Sua tiragem parece ter sido de 6.000 exemplares.

No outono de 1922 o Pe. Battisti pensa numa nova edição. Dirige-se, para tanto, em nome das Servas dos Pobres, a Dom Guido Bellincini, vigário geral da diocese de Pádua, ao qual envia carta em 1º de outubro de 1922 pedindo-lhe a autorização para impressão. O manuscrito enviado em anexo, submetido à apreciação de Dom Bellincini, traz um novo título: *In alto!*... e não sabemos se o texto era o mesmo publicado em 1925. De qualquer modo, em Pádua, a questão não andou.¹¹⁹

O livro, preparado em 1924,¹²⁰ vem à luz, novamente por obra da Escola Tipográfica “Casa Buoni Fanciulli” de Verona, tal como na segunda edição, em 1925.¹²¹ O volume é apresentado como a terceira edição¹²² de *Siate perfetti*, trazendo o mesmo título, mas logo se percebe que nele há algo bem diferente da publicação de 1918. Ao texto foram colocadas no começo dezesseis páginas dedicadas aos *Dados biográficos da Irmã Maria Galbusera*, enquanto que outras cinco páginas foram reservadas ao prefácio. O texto propriamente dito é dividido em duas partes. A primeira reproduz trechos “*recortados fielmente da volumosa coletânea de cartas que nos foi deixada pela piedosa autora*” e ordenados em sentido cronológico. A segunda parte reproduz “*alguns [sentimentos] que a piedosa escritora exprimiu a respeito de determinadas virtudes e que o leitor encontrará na última parte do presente volume*”; na realidade, repete-se aquilo que em 1918 se encontrava na primeira parte da publicação.

Este é um livro importante para conhecer a espiritualidade da primeira Superiora das Irmãs, Maria Galbusera. Por ocasião da celebração do vigésimo aniversário da sua morte, Pe. Albano Bussinello recorda: “*Os seus escritos, recolhidos num livro, vocês já conhecem e sabem como elevam a alma a Deus ao mesmo tempo em que favorecem o total abandono entre os braços do Pai que está nos céus. Ela ensinou com os seus*

¹¹⁹ Pe. Battisti volta-se para Pádua provavelmente porque em Verona haviam surgido algumas reservas sobre a precedente edição, mas talvez confiando no fato de que Dom Bellincini – pelo menos em base ao que se pode ler numa anotação do Pe. Battisti datada de 16 de junho de 1922 – viu “*e retocou em alguns pontos*” as *Regras* das Servas dos Pobres em vista da apresentação ao bispo, Dom Luis Pellizzo. Na realidade, este último sequer quis ler as *Regras*, porque, a seu ver, a aprovação do Instituto estava sob a competência do bispo de Verona; o Pe. Battisti, entretanto, confia na circunstância de que o vigário geral chegou a conhecer o espírito do Instituto das Servas dos Pobres.

¹²⁰ Efetivamente o texto foi aprovado pelo censor eclesiástico no dia 10 de julho de 1924 e recebeu o *imprimatur* do novo vigário geral de Verona, Dom José Manzini, no dia 3 de dezembro de 1924.

¹²¹ GALBUSERA, M. *Siate perfetti com'è perfetto il Padre vostro nei Cieli*. Verona: Scuola Tip. “Casa Buoni Fanciulli”, 1925. pp. XXX-255.

¹²² O texto encontra-se nas páginas XXX-255, no formato in-oitavo.

escritos e também na prática: ‘Como uma frágil existência humana pode consumir-se alegremente no amor e imolar-se continuamente sobre o altar da divina vontade’”.¹²³

Certamente este não é o lugar para dar conta do conteúdo do livro, mas torna-se interessante uma passagem de seu prefácio: “*Siga, portanto, o leitor, este livro de piadas sentenças e reflexões tais como as dispusemos. Encontrará tudo expresso com palavras vivazes e incisivas, com imagens graciosas e eficazes, com estilo sempre ágil e poético, derivado amplamente das Santas Escrituras e especialmente do Evangelho. Estamos certos de que aqui encontrará pastagem fértil para o seu espírito, ainda que dotado de graus especiais de comunicação com Deus*”.¹²⁴

Se por um lado a iniciativa de cuidar das três edições da coletânea dos escritos de Maria Galbusera pode ser atribuída ao Pe. Battisti, por outro pode-se pensar que o texto tenha a aprovação do Pe. Calábria que provavelmente o considera não apenas um livro de espiritualidade para uso interno, mas que pode também ser proposto para a formação de outras pessoas. Além disso, é significativo o fato, certamente não muito comum para aquele tempo, de que a autora seja uma mulher e que essas páginas representem, por muitos anos, um “clássico”,¹²⁵ dirigido a todos aqueles que se consagram à Obra.

¹²³ BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, Pasqua 1937, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

¹²⁴ GALBUSERA, M. Op. cit. p. XXIX.

¹²⁵ Depois das edições publicadas entre 1918 e 1925, em 1960 foi impressa uma quarta edição renovada e complementada com outros textos, ordenados de forma cronológica, com o título *Ho scelto il dolore. Scritti scelti*. Milano: Regnum Dei Editrice, 1960. Em torno da metade dos anos setenta os textos, reordenados novamente por argumento pelo Pe. Leão Zinaghi, saem numa nova edição intitulada *Perché temere?* Verona: Opera Don Calabria, 1976.

REGRAS DE VIDA E VOTO DE ABANDONO**As Regras de 1915**

Numa folha de papel, tendo por título “Casa del Sacro Cuore”, Negrar (Verona), no final da descrição de como o Senhor fez nascerem as Pobres Servas da Divina Providência, o Pe. Calábria anota: “*Memorial das Irmãs. As Irmãs tenham, mutatis mutandis,¹ as mesmas Regras ou Constituições dos Irmãos, o mesmo espírito de abandono, e o fim primeiro seja em tudo ajudar a Obra dos Pobres Servos e depois todas as demais obras de caridade que a Providência manifestar*”.² Embora se trate de um texto não datado e provavelmente escrito nos anos quarenta, o Pe. Calábria exprime as suas ideias originárias acerca da finalidade das Pobres Servas.

Vale lembrar que o fim do Instituto dos Irmãos foi expresso nas *Regras* de 16 de julho de 1909 que especificam a tríplice função dos Pobres Servos da Divina Providência, chamados à santificação pessoal, à assistência aos menores abandonados e à manifestação da existência e da Providência de Deus: “*IIIº para mostrar ao mundo de agora, tão ateu, tão sem Deus, totalmente imerso na lama, que Deus existe e que pensa e provê às suas criaturas*”.³

Mesmo que o fim do Instituto das Irmãs, *mutatis mutandis*, seja semelhante ao dos Irmãos, para o Pe. Calábria é indispensável “*que as Irmãs desenvolvam o seu espírito sozinhas*”.⁴ Provavelmente tenha sido essa a intenção que o levou a pedir à Irmã Maria Galbusera que elaborasse as primeiras regras para a comunidade, primeiro e fundamental passo rumo à constituição da nova família religiosa. No Arquivo Histórico das Pobres Servas encontra-se conservado o original daquele texto, escrito à mão pela

¹ A expressão latina “mutatis mutandis” indica literalmente “mudando aquilo que deve ser mudado”.

² CALABRIA, G. *Pro memoria delle Sorelle*, non datato, AHPSDP, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 36, b. 05914. Este documento presumivelmente remonta a 22 de junho de 1944, segundo anotação feita no próprio documento pelo arquivista.

³ CALABRIA, G. *Regole del 16 luglio 1909*, AHPSDP, f. Don Calabria/Quaderni, fld. 7, c. 200, b. NB 01318.

⁴ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 13 gennaio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08268.

própria Maria Galbusera em 1915.⁵ Nas *Regras de vida* descreve-se a missão específica que as Irmãs são chamadas a viver na Igreja e estabelecem-se algumas breves normas de vida. No presente capítulo reproduzimos o seu conteúdo, em parte sintetizando-o. No capítulo precedente, no parágrafo relativo à vida comunitária, foi acenado aos horários que demarcam a jornada.

Nas mãos da divina Providência

Muito interessante é a parte introdutória, resumida a seguir, que ajuda a compreender os traços típicos e caracterizadores da espiritualidade das Irmãs. De fato, tais tópicos desaparecem na versão impressa depois, isto é, o *Regulamento*, editado em 8 de dezembro de 1928.

Com uma linguagem que reflete o pensamento da época, o texto começa comparando a escolha das Irmãs de consagrar-se à Obra à escolha que Deus fez de um novo “*povo, do qual quer ser Ele apenas o dono absoluto, pois o escolheu, o faz crescer e o multiplicará como as estrelas no firmamento, caso lhe seja fiel*”. Como já havia feito com o antigo povo de Israel, Deus exprime a imensa e interminável grandeza do seu amor, de um dom de misericórdia não compreendido pelos homens, que dele se esquecem.

Esta longa premissa às *regras* de uma vida comunitária resume a especificidade original da espiritualidade das Irmãs, que foram chamadas a “*abandonar-se com plena e perfeita confiança nos seus misteriosos desígnios para cumprir um mandato: buscai o reino de Deus e a sua justiça*”, sem se preocupar com o alimento, com a bebida, com o vestuário, pois o Pai sabe bem daquilo que precisam e lhes dará em abundância. É necessário que tenham “*uma fé imperturbável no amor que Deus tem por nós. É o segredo daquela serenidade interior que liberta o coração*” de toda apreensão. “*Crer sempre, não pedindo nada, não questionando nada e ‘contentando-se, seguindo o conselho do Apóstolo, em lembrar a Deus nas orações, nas súplicas e nas ações de graças, os seus desejos’*”.

Como o “*Dono absoluto e Senhor*” quer seguidores animados por aquele amor que ele veio trazer à terra, “*estas almas devem deixar-se docilmente plasmar,*

⁵ GALBUSERA, M. *Regole di vita*, 1915, AHPSaDP, fld. Maria Galbusera 2, c. B. Deste texto, constituído por um caderninho, foram extraídas todas as citações reproduzidas neste parágrafo, bem como nos seguintes.

abandonando-se a um trabalho misterioso e divino de consumação! E Deus lhes prometeu grandes coisas”, envolvendo na comum missão apostólica “a criatura frágil, enferma, mas sua, toda e só sua”. Eis, então, o convite que Maria Galbusera dirige às Irmãs: “Almas eleitas para esta Obra; invejadas, invejadas pelos anjos, abracemos avidamente estes eternos conselhos divinos que dispuseram de nós com tanta misericórdia; lancemo-nos na torrente inebriante da sua vontade, abandonemo-nos nela perdidamente, com uma confiança inquebrantável, despojadas de tudo, privadas de tudo”. Ao mesmo tempo ela adverte cada uma das Irmãs: “Esteja, portanto, preparada para uma vida de sacrifício, escondida, humilde, silenciosa, talvez para sempre ignorada por todos, como as estrelas na profundidade dos céus, como as flores do deserto, mas no escondimento, na humildade, no silêncio, gozaremos os esplendores da paz”. Depositando toda a confiança em Deus e com fé inabalável no seu amor, deixando livre o campo para a ação da Providência divina, permitirá aos pobres, aos pequenos e aos humildes “ver com clareza o seu Senhor, sempre e em todas as coisas”.

Para buscar o reino de Deus *“é preciso que a alma se abandone plenamente ao espírito, à vontade, à ação do próprio Deus, abandono que é [...] o supremo grau do amor e, ao mesmo tempo, a mais perfeita cooperação à ação de Jesus Cristo, que a liberta do pecado, das criaturas, a despoja [...] de si mesma, a expropria⁶ do seu ser e a reduz a uma espécie de sacramental, frágil, pequena, pobre, obscura, sem dúvida, mas cheia de Deus”.*

O voto de abandono

Embora no texto das primeiras *Regras* de 1915 não se faça menção específica à fórmula do voto de abandono, sabemos que as Irmãs provavelmente já em 1911 estão prontas para viver o *“total abandono na mão da divina Providência”*⁷ com o voto de “abandono”. Certamente em dezembro de 1912 elas o emitiram nas mãos do Superior Pe. Calábria, na Casinha.⁸ Assim o prometeram, como se encontra relatado também nas folhas individuais escritas pelas Irmãs, conservadas no sacrário até o ano seguinte.

Este voto é renovado a cada ano, pois em dezembro de 1916 as Irmãs que entraram na Obra antes de 1915 (Ângela De Battisti, Lavinia Perez, Adele Carli, Laura

⁶ O termo usado no original, “spropria”, reforça a ideia de despojamento de si.

⁷ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 19 giugno 1911, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 ao 1925, b. 3907.

⁸ BATTISTI, G. *Documento olografo*, non datato, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti.

Fossati, Angelina Dresda, Maria Meneghetti, Maria Fannio, Natália Fainelli e Maria Galbusera) emitem o voto de abandono junto com os votos de pobreza, castidade e obediência nas mãos do assistente, Pe. Giambattista Battisti.⁹ As Irmãs que entram depois de 1915, entretanto, emitem todos os quatro votos depois de dois anos, renovando-os posteriormente a cada ano.

Em 6 de janeiro de 1918 a cerimônia dos votos segue o ritual¹⁰ elaborado pelo Pe. Battisti, confirmado e tornado definitivo na versão utilizada por ocasião do ano seguinte, no dia 6 de janeiro de 1919. O rito prevê que o sacerdote interroge cada uma delas, que singularmente responde “*Sim, Pai, eu lhe prometo*” às seguintes perguntas: “*Promete ao Senhor de servi-lo por (mais) um ano na perfeita castidade de alma e de corpo – e na total pobreza que renuncia a todas as coisas, até mesmo com o pensamento; – e na obediência absoluta que submete a vontade e o intelecto às nossas santas Regras e Àquele que governa esta Casa no nome e por conta do seu Senhor, Jesus Cristo; – e no abandono absoluto, constante, filial em Deus e na sua adorável Providência, convicta de que tudo é ordenado com sumo amor por Ele, o qual permitiu pensar ao que é preciso para aqueles que buscam apenas o seu reino e a sua justiça*”.¹¹

Esta fórmula dos quatro votos permanece assim até 1924,¹² pois no período de transição posterior a Este as Irmãs renovam a sua consagração ao Senhor¹³ a cada ano no dia 6 de janeiro, nas comunidades em que vivem. Até 1924, portanto, as Irmãs se consagram a Deus com os quatro votos de pobreza, castidade, obediência e abandono; a seguir, no entanto, com o novo *Regulamento* de 1928, em conformidade com aquilo que foi introduzido pelo direito eclesiástico, emitem só os três votos de pobreza, castidade e obediência, embora esteja estabelecido que “*a noviça, durante o noviciado, se exercitará também na virtude do abandono à divina Providência*”¹⁴ para reafirmar que tal entrega continua sendo sempre a luz que ilumina a vida da Irmã.

Os três votos e a caridade: segredo de toda a vida religiosa

⁹ Ibid.

¹⁰ A versão manuscrita pelo Pe. Battisti em 1918 é idêntica à impressa em 1919, cf. *Rituali*, non datati, AHPSaDP, fld. Don Battisti 2, c. Scritti riguardo l’Opera delle Sorelle 1.

¹¹ *Rituale per la emissione e rinnovazione dei Santi voti ad uso delle Serve dei Poveri*, testo sampato in proprio, AHPSaDP, fld. Don Battisti 2, c. Scritti riguardo l’Opera delle Sorelle 1.

¹² Ibid.

¹³ Cf. M. FANNIO. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 13 gennaio 1926, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

¹⁴ *Regolamento*, 1928, AHPSaDP, fld. Costituzioni 2.

Irmã Maria Galbusera, na *Regra*, propõe uma reflexão para cada um dos votos interpretando-os à luz do abandono confiante na divina Providência.

A obediência “*deve ser pronta, serena, dócil, vigilante*”¹⁵ de modo a demonstrar a alegria de servir ao Senhor “*no perfeito abandono à vontade do Dono*”, seguindo o exemplar modelo de Cristo, que afirma: “*Meu alimento é a vontade, do meu Pai!*” Portanto, as Irmãs são “*instrumentos nas mãos do Superior para cumprir não esta ou aquela obra, não para este ou para aquele uso, mas unicamente a sua vontade [...]. Se Cristo vive em nós, nenhuma obediência é impossível: Ele pode tudo [...]. Ele obedeceu até à morte, e morte de cruz. Sofrer longamente, ser privados de tudo, ser rejeitados, morrer, por ter obedecido, é colocar os nossos pés sobre as suas pegadas, ao longo do caminho do Calvário, e então alcançá-lo, prosseguir e depois ressurgir com Ele!*”

As Regras prosseguem com uma inédita definição da pobreza, que consiste no “*abandono de tudo aquilo que lhes diz respeito, nas mãos de Deus*”. As Irmãs são convidadas a despojar-se “*até mesmo do mais fugaz pensamento de propriedade, por menor que seja, para revestir-se daquele uniforme próprio do Instituto, invisível aos olhos do mundo, mas real, que é o desapego de todas as coisas e de nós mesmos. [...] Aceitamos incondicionadamente tudo aquilo que a Providência nos predispõe, seja quanto à comida como quanto ao vestuário, sem lamentos, satisfeitas com aquilo que nos é dado, sem escolher, sem querer ser servidas por ninguém, pedindo com humildade, não nos lamentando por ter que voltar de mãos vazias, nem pelas demoras; adequando-nos aos conselhos e às maneiras de quem se aproxima de nós, gentis e gratas pelas pessoas que têm a bondade de se preocupar conosco e suportando em paz o calor, o frio e as intempéries das estações*”.

Esse espírito verdadeiro de mortificação aproxima de Jesus Cristo e do pobre, permitindo exclamar: “*Não tenho nada, e tudo possuo; aprendi a ter fome e a estar saciado, a sofrer carências e a ter em abundância*”. Maria Galbusera especifica que se por acaso vier a faltar alimento ou roupa é preciso procurar a razão disso na causa que bloqueia a mão da Providência ou no desleixo na busca da glória de Deus. Poderia ocorrer também que dor, privação e sofrimentos se tornem uma prova de amor que contribui para o aniquilamento e para o despojamento interior do eu, que busca liberdade, independência.

¹⁵ GALBUSERA, M. *Regole di vita*, 1915, AHPSaDP, fld. Maria Galbusera 2, c. B.

As Regras afrontam o tema da castidade, “*olhar da alma que busca o olhar de Deus*”, o que comporta uma mente que não tem mais preocupações nem com o passado, nem com o futuro, considerando Deus o princípio e o fim da sua ação. A pureza do coração leva a não procurar nenhum amor fora de Cristo; consequência disso é o desapego dos parentes, entregues nas mãos de Deus, que sobre eles vigia em proporção à fidelidade da Irmã ao seu serviço. Deus é tremendamente ciumento e “*quer para si até o mais fugitivo suspiro, o pulsar mais leve! Tudo dele, sempre e somente dele!*” A castidade, enfim, comporta que “*a pureza de costumes é o porte digno, sereno, tranquilo; o passo franco, a pessoa reta, o olhar límpido mas recolhido e pensativo do grande pensamento de Deus.*”

Rir ou falar forte demais, permitir-se uma postura menos contida, em qualquer lugar em que nos encontremos, seja na recreação, à mesa ou repousando, demonstra claramente que esquecemos não só a presença de Deus, que é dever de todo bom cristão, mas a Casa onde estamos, o respeito e os direitos do Dono e da Dona. A Irmã, portanto, vive continuamente, em todo instante, na presença do seu Senhor.

“*A mortificação, para nós, fica restrita exteriormente aos simples jejuns da Igreja; interiormente abraça todo o campo espiritual*”. Ressaltando que “*não há mortificação que valha tanto quanto o cumprimento exato, cuidadoso, paciente e sereno do próprio dever*”, as Regras fazem referência também à aceitação de observações humilhantes sem justificar-se e à mortificação do corpo, que consiste na moderação ao se alimentar, na aceitação dócil e paciente da doença.

Caridade significa amar os outros segundo o exemplo de Jesus, que deu a sua vida, bem como dos primeiros apóstolos, que formavam um só coração e uma só alma e partilhavam tudo aquilo que possuíam. “*Tudo aquilo, portanto, em termos de tempo, de paciência, de sacrifício, de fadiga e até mesmo de dor que for empregado em prol da caridade, pelas Irmãs, nada mais é do que o mais elementar dever do amor. Tudo sofrer e nada fazer sofrer é a marca dos Santos. A compaixão mútua exclui, por conseguinte, toda observação, toda crítica, todo ato, todo imperceptível sorriso que possa ofender, e tenhamos muito cuidado sobretudo com as murmurações*”.

Eis, em síntese, o perfil da Irmã, para a qual o amor “*somente é o segredo da obediência perfeita, da pobreza interior e exterior; o segredo da castidade; da mortificação; o segredo de toda a vida religiosa. A alma que ama, a esposa apaixonada pelo Esposo, o busca, o chama, o encontra por todo lugar. Cada dever, cada alegria,*

cada cruz, cada dom, cada privação, cada luz, cada sombra, tudo, para ela, é o seu Deus, e repousa sobre o coração do Dileto [...]”.

Abandonada perdidamente nEle, que se encarrega de nutri-la, de iluminá-la, de torná-la digna de ser plasmada e de modelá-la, segundo os desígnios do seu coração; ela lhe permite fazer o que quiser, não distinguindo mais entre o sofrimento e o gozo qual lhe dá maior alegria, não compreendendo nada mais do que uma só coisa: Ele só, Ele sempre. E na obediência, na pobreza, na pureza e no amor passando a vida, espera pelo último e solene chamado para o reino do amor!”

Consequência disso é o convite, que propõe um programa de vida cotidiano e que caracteriza de modo original a própria espiritualidade: *“Aprofundemo-nos dia após dia no abismo das nossas fraquezas e a partir daí ergamos, na medida do possível, o olhar da nossa alma para as exterminadas profundidades das grandezas, dos atributos de Deus! Depois, humildemente coloquemo-nos ao reparo sob as grandes asas da misericórdia, a fim de curar as feridas do nosso orgulho com a confiança e com o amor. A humildade é o fundamento, a pedra angular do edifício espiritual; aceitemos, portanto, generosamente as humilhações pequenas e grandes que nos conduzem por esta estrada dolorosa, mas segura. É preciso mais coragem do que tempo para tornar-se santos; mas a coragem quantas vezes não é mais necessária para as pequenas humilhações do que para as grandes dores?”*

Mergulhemos no coração humilde e puro do divino Mestre e assim também nós aprenderemos esta virtude indispensável, sem a qual todas as outras não são nada: humildes e puros de coração!”

Os encargos

À Superiora, que tem a responsabilidade pelas Irmãs diante de Deus e diante do Superior, é confiado em primeiro lugar a tarefa de perseguir a finalidade teológica do Instituto nascente: testemunhar a paternidade de Deus mediante o abandono à divina Providência também no que diz respeito aos meios materiais necessários para a vida. Para tanto, deve ter o conhecimento e estar a par de tudo, vigiando atentamente com amor e constância para que seja observada a regra em todos os detalhes, tanto do ponto de vista material quanto espiritual.

A administração da Casa deve ser muito simples. *“Qualquer que seja a necessidade em que se esteja, jamais se peça algo a alguém; apenas se redobre a fé e se creia que o Dono da Casa providenciará.*

À medida que a Providência vai enviando meios sejam saldadas as contas abertas na proporção da necessidade dos fornecedores; ou forneçam-se cheques, não mantendo em caixa fundos que ultrapassem as mais estritas necessidades semanais. Quanto ao mais, pobreza em todos os sentidos”.

A encarregada da rouparia tem sob sua guarda a roupa da Casa fornecida de mão em mão pela Providência. *“Não se façam despesas mais do que as urgentes e de extrema necessidade; é quase sempre possível se manter com aquilo que, no tempo certo, a Providência manda, com cuidado, com ordem, e com a limpeza – remendando, consertando e gloriando-se, todas, do mais pobre e limpo em Casa e do mais modesto fora de Casa”.* As roupas sejam usadas *“até o impossível, com a máxima pobreza, digna sempre da Providência, ou seja, sem desonrá-la de nenhuma forma”.*

A sacristã se preocupa do cuidado e da limpeza da igreja e dos enfeites, bem como do horário do sino.

Como o leito de uma enferma é um altar onde se imola uma vítima, recomenda-se que a enfermeira tenha cuidados maternos, sofrendo com a enferma, sendo paciente esperando, consolando, oferecendo-lhe tudo o que puder ser de alívio, com solicitude e prontidão. A assistência pode contribuir para fazer com que a enferma possa ficar feliz com a sua própria enfermidade e encontrar a força e o amor para conformar-se às dores do Crucificado.

“Para o bem-estar físico e moral da comunidade, a cozinheira cuida da melhor forma dos alimentos, preparando-os de modo simples, frugal, mas limpo, cuidadoso e no horário”.

A recepcionista, que com mais frequência e mais facilmente entra em contato com o mundo externo, é convidada a ter *“um porte sereno, franco, grave, cortês sempre e em cada encontro; paciente com aqueles que abusam, mas evite cuidadosamente qualquer discurso, pergunta ou resposta que possa degenerar em falatórios vãos ou em fofocas. [...]*

Tanto esta quanto outras Irmãs que por outras razões entram em contato com o mundo exterior não tragam nunca para a comunidade ditos, fatos ou notícias de fora, divagações inúteis e danosas ao espírito que deve ser sempre constantemente recolhido em Deus.

As Irmãs que saem da Casa, por razões de despesa ou de solicitações, ou mesmo de caridade, mantenham lá fora o silêncio, não rigoroso, a cabeça erguida, o olhar que vê, mas que não observa, o rosto sereno e composto com aquela gravidade que lembra a presença de Deus em todo lugar e no serviço que prestamos”.

Para todos os encargos vale esta recomendação: *“Nenhuma desculpa servirá para justificar aquelas negligências que demonstram claramente o nosso amor próprio, a pouca fé e amor tão escasso ao divino Dono e, de todo modo, qualquer encargo é uma vontade de Deus; qualquer lugar, o templo e o altar. [...]*

Sejamos humildes, tornemo-nos pequenos, pequenos e dóceis, nesta Casa tão grande, nesta Obra tão magnífica! Os pequenos, que se preocupam em amar, e não raciocinam, deixando livre o campo para a sua ação, Ele não manda embora; os chama para Si, os coloca em segurança na sombra de suas asas, os carrega como uma mãe, nos seus braços, os guarda no seu sacrário, faz a vontade deles, coloca à sua disposição o seu coração onipotente; e estes, ovelhas do seu rebanho, conhecem a sua voz e são a sua doce família”.

ESTE: A DIFÍCIL GESTAÇÃO DO RAMO FEMININO DA OBRA

A “Casa del Santissimo Redentore”

No final de 1917 o Pe. Ângelo Pelá, sacerdote de Este, constitui Pe. Calábria seu herdeiro universal de “*terrenos, medindo mais de três hectares, de dois prédios, com um conjunto de 33 áreas comuns, e do usufruto de um terreno de propriedade do poder público. O prédio principal havia sido erguido com a ajuda dos cidadãos ‘estenses’, para que pudesse servir de patronato-internato para a juventude masculina de Este*”.¹ Em outros termos, esse conjunto de obras é um bem pertencente tanto ao Pe. Pelá quanto aos seus paroquianos.

Para assegurar-se da legitimidade da herança, o Pe. Calábria pediu um parecer aos bispos de Verona e de Pádua, aos parentes do defunto e a outras pessoas; todos os interpelados aconselharam a aceitação da referida oferta.

A propriedade poderia permitir novos espaços indispensáveis para acolher crianças e jovens, que nos últimos meses de 1919 chegavam a noventa e “*dormiam inclusive em celeiros e muito apertados*”.² A falta de alternativas obrigava a manter na Casa de San Benedetto meninos de 1 ano ao lado de outros com 10, embora desde novembro de 1919 a ativação da Casa de Costozza tenha permitido uma divisão mais apropriada entre aqueles que superam os 8 anos de idade. Além disso, as Irmãs já são 22, enquanto que de 1915 a 1920 a estas são acrescentadas dezesseis assistidas; o espaço, assim, torna-se reduzido, exigindo uma reestruturação.

Vai se delineando a perspectiva da abertura de uma segunda filial em Este, para onde o Pe. Calábria tem a intenção de transferir Irmãs, meninos, acolhidas e agregadas. No dia 8 de dezembro de 1919 o Pe. Battisti anota: “*Parece que o Superior tenha decidido abrir uma nova filial em Este enviando para lá as Irmãs com os meninos, ou seja, seria transportada para Este aquela que hoje é a seção de San Benedetto*”.³ Uma semana depois: “*Em 16 de dezembro será fixada a mudança da atual seção de San*

¹ FOFFANO, O. *Don Giovanni Calabria*. Milano: Casa Buoni Fanciulli, 1981. p. 183.

² FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

³ BATTISTI, G. *Promemoria* [1918-1919], 8 dicembre 1919, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15.

Benedetto, composta por Irmãs, acolhidas e meninos. Será realizada após a festa da próxima Epifania de nosso Senhor".⁴

Pe. Battisti começa assim o Diário relativo à Casa de Este: "*Nesta manhã, 2 de janeiro de 1920 – cumpri o mandado de anunciar o projeto da nova filial da casa Buoni Fanciulli em Este ao Eminentíssimo Card. Bartolomeo Bacilieri, bispo diocesano de Verona. Disse a ele que, depois da Epifania de nosso Senhor Jesus Cristo, algumas das nossas partirão – se ele abençoar – para Este, a fim de recolher naquela Casa do Santíssimo Redentor meninos dos 2 aos 8 anos, órfãos de guerra, filhos da guerra.*

O Eminentíssimo ficou surpreso que para Este sejam enviadas as Irmãs e não os Irmãos. Acrescentou que, quando pensa em nós, mais de uma vez fica em dúvida se não estamos querendo nos expandir demais; teme que a abertura de novas filiais acabe prejudicando e enfraquecendo a Casa matriz".⁵ Em todo caso, o bispo de Verona não se recusa a unir a sua bênção com a do bispo de Pádua, mesmo com alguma perplexidade, como o próprio Pe. Battisti relata: "*Mas não lhes escondo, aliás, manifesto-lhes claramente, os meus temores*".⁶

No dia 4 de janeiro de 1920 envia uma carta para comunicar ao vigário abade de Este a iminente abertura da filial no ex-patronato do Santíssimo Redentor: "*Segunda-feira após a Epifania [...] virei a Este com algumas Irmãs, a fim de preparar da melhor forma o local para todos os demais, que logo virão também*".⁷ Pediu-lhe a caridade de preparar o indispensável para o primeiro pernoite. "*Acima de tudo, porém, esperamos encontrar à disposição tudo aquilo que faz parte da igreja: altares, vasos sagrados, imagens, adornos, bancos etc. Esperamos poder celebrar logo na Casa; e de poder preparar primeiramente, portanto, a morada de nosso Senhor*".⁸

No dia 6 de janeiro de 1920, depois da renovação dos votos, o Pe. Calábria, que acompanhado do Pe. Battisti fica para almoçar com as Irmãs, comunica-lhes a transferência para Este, onde um sacerdote daquele local, Pe. Ângelo Pelá, deixou-lhe em herança uma casa utilizada como patronato juvenil,⁹ posteriormente requisitada pela

⁴ BATTISTI, G. *Promemoria* [1918-1919], 16 dicembre 1919, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/15.

⁵ BATTISTI, G. *Diario dalla fondazione* [1920], 2 gennaio 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 27 Diário, com data retroativa, pois a elaboração foi iniciada e suspensa no dia 15 de janeiro, já que depois desta data temos apenas folhas esparsas, de rascunho.

⁶ Ibid.

⁷ BATTISTI, G. *Lettera a Mons. Dalla Valle*, 4 gennaio 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 1/B, c. 10/2 corrispondenza di don Battisti a Mons. Dalla Valle.

⁸ Ibid.

⁹ A respeito deste fato vejamos: PERAZZOLO, G. *La Congregazione dei Poveri Servi della Divina Provvidenza (1907-1932)*. Verona: Centro di Cultura e Spiritualità Calabrianiana, 2007. v. I/2. pp.

autoridade militar que a transformou em hospital durante a Primeira Guerra Mundial até o final de 1918. A orientação da nova fundação é assistencial: “*Pe. Calábria pretendia dar nova vida ao patronato, até para continuar a obra do testador; neste ínterim, no entanto, as duas paróquias daquela cidade haviam erguido os seus próprios patronatos; por conseguinte, tornava-se supérfluo e inoportuno um terceiro patronato, nos moldes do que havia antes da guerra*”.¹⁰ Assim que o edifício foi liberado, Pe. Calábria transformou-o em filial da Casa Buoni Fanciulli, destinando para lá a centena de meninos com menos de 8 anos que se encontrava em San Benedetto, assistidos por umas vinte Irmãs, que assim puderam dispor de uma sede autônoma e estável.

Antes de partir, Pe. Calábria dirige as seguintes palavras: “*Esta plantinha ainda é frágil, e transplantá-la pode ser perigoso; se o jardineiro tiver muito cuidado, ela tomará vida e crescerá linda e vigorosa; mas se for desleixada, murchará e morrerá*”.¹¹

No dia 12 de janeiro de 1920 começam a se transferir para lá uns meninos, com algumas das Irmãs. Com eles também seguem parte das acolhidas. No dia 11 de janeiro, véspera da viagem, recebem a bênção em San Benedetto as primeiras quatro Irmãs, destinadas a preparar a nova sede de Este: Maria Meneghetti, Teresa Martini, Maria Brutti e a aspirante Ângela De Mori.

Elas encontram o edifício do patronato nas condições em que o deixaram os militares quando foram embora. “*No jardim, os bancos da igreja recém trazidos da igreja dos Zoccoli. Já estavam lá os duzentos leitos comprados para a Casa por Dom Dalla Valle; aliás, são 196, pois quatro foram cedidos a outras pessoas pelo próprio bispo. Nada mais*”.¹² À tarde chegaram de Verona, num caminhão, graças à generosidade do Panifício Cazzola, de Arzignano, gêneros de primeira necessidade juntamente com três meninos, Luis Zamboni, Nazzareno De Vecchi e Bruno Mariani, acompanhados pela Irmã Aida Soster. Chegaram também, “*em carroças, alguns colchões que, somados aos que foram encontrados num quarto, são suficientes para o*

183-185. Uma detalhada reconstrução histórica da presença calabriana em Este é amplamente documentada em R. CONA. *La Casa Buoni Fanciulli di Costozza (1919-1929) e di Este (1920-1928)*. In: BUTTURINI, E.; CONA, R.; GECHELE, M. *Il contesto storico e le case di San Zeno in Monte, Costozza ed Este (1907-1932)*. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana, 2007. Vol I/1. pp. 327-364; 407-440; 461-485; 527-584.

¹⁰ ADAMI, L. *Don Giovanni Calabria: Vitae editio prior, vitae editio altera*. In: *Fonti calabriane, serie seconda: Scritti editi ed inediti di Poveri Servi della Divina Provvidenza (periodo 1907-1954)*. v. II-III. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana, 2005. pp. 180.

¹¹ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

¹² BATTISTI, G. *Diario dalla fondazione* [1920], 12 gennaio 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 27 Diario.

repouso de todos; estes últimos estão na situação em que foram entregues pelo depósito militar, ou seja, não lavados, mas apenas desinfetados.

A casa tem um sistema de distribuição de água, mas a bomba não funciona; tem energia elétrica, mas não há sequer uma lâmpada que forneça esta bendita luz. Em nenhum canto se encontra uma cadeira [...]. Na igreja, desolação total, e um altar de madeira instalado só pela metade; nenhuma imagem sacra. Na capela [...] um pobre altar, quatro candelabros, alguns bancos e, no muro, três apoios para sentar. Na cozinha, como em todo lugar, um verdadeiro pós-guerra. Já que não convinha ficar circulando, paramos na cozinha para encaminhar algo para jantar. A fumaceira que sai faz todos chorar. Mas choramos e rimos ao mesmo tempo.

Sim, sim, é preciso dizê-lo, e seja isso dito pela glória de Deus: é vida, grande vida espiritual, o que se vê nestas cinco Irmãs, colocadas, por primeiro, à prova; privações de toda espécie foram suportadas muito bem, com aquela severa e santa hilaridade própria de quem sabe servir o Redentor Crucificado. É belo vê-las sentadas, quase acocoradas, cansadas, ao longo da parede da cozinha, sobre um banco comprido trazido da capela, de alma feliz, lacrimejando por causa da fumaça que a cada instante fica mais densa. A janta está pronta: alguns ovos na manteiga, pão seco e alguns goles de vinho para cada uma. No final, as orações comunitárias, e para a cama. Uma cama... militar!

Este foi o primeiro dia na Casa nova de nosso Senhor, onde a suma bondade do Santíssimo Redentor nos prodigalizou ternuras e provações tão bem entrelaçadas a ponto de deixar-nos comovidas e confusas”.¹³

O primeiro mês do ano de 1920 transcorreu na preparação da nova habitação, a fim de remover os materiais remanescentes da enfermaria e retirar tudo o que havia sido amontoado no teatro, transformado em depósito militar. Pe. Battisti, que fica indo e vindo entre Este e Verona, no dia 15 de janeiro fez a seguinte anotação: “*Dou-me conta de que a divina Providência pensou no alimento*”.¹⁴ Chegam também dois caminhões “*trazendo casacões e colchões militares, mais um carro com outras roupas*”,¹⁵ o que, na realidade, acaba se tornando um chamariz modesto, mas de qualquer forma interessante para os ladrões que, ao tentarem fazer a limpa nos quartos já prontos, são

¹³ Ibid.

¹⁴ BATTISTI, G. *Diario dalla fondazione* [1920], 15 gennaio 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 27 Diario.

¹⁵ BATTISTI, G. *Appunti sparsi di Diario*, 19 gennaio 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 27 Diario.

surpreendidos pelo próprio Pe. Battisti, que não conseguia dormir por causa de uma dor de dente.¹⁶

A transferência de todos os meninos assistidos até então em San Benedetto juntamente com a maior parte das Irmãs é completada no dia 9 de fevereiro de 1920, como o próprio Pe. Calábria lembra: “*Ontem ocorreu o êxodo das Irmãs e dos meninos; estamos praticamente no deserto, aqui. O que quer o Dono? Certamente é Ele quem limpa o seu palácio*”.¹⁷

Pe. Calábria designa Pe. Giambattista Battisti como diretor da Casa de Este, que toma o nome de “Casa del Santissimo Redentore” (Casa do Santíssimo Redentor).

Emblemáticas são estas linhas endereças a Natália Fainelli pelo Pe. Calábria, que parece intuir de modo profético as iminentes dificuldades: “*Irmã em Jesus Cristo, enquanto a Providência não dispuser de outra forma aconselho-a, se crê, a colocar-se sob a direção do Pe. Battisti. A ele obedeça em tudo, mesmo que isso lhe custasse a vida*”.

Ore muito por mim e pela Obra, que sinto deverá passar por provações terríveis. Mas essas provações nos conduzirão ao porto, se suportadas com grande fé e verdadeira resignação”.¹⁸

Pode-se considerar Este a sede na qual se desenvolve de um modo particular o ramo feminino da Obra. Quanto ao Pe. Battisti, ele tomará algumas iniciativas, a começar, por exemplo, com a vestição das Irmãs no dia 6 de janeiro de 1921, sem a prévia permissão das autoridades eclesiais diocesanas, o que acabará causando muitas dificuldades.

¹⁶ Cf. G. BATTISTI. *Appunti sparsi di Diario*, 26 gennaio 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 27 Diario. Surge também o irmão dos sacerdotes Pelà para anunciar a morte de uma pessoa que com testamento de 1912 havia destinado 3.000 de liras ao patronato, enquanto o vigário paroquial pede ao Pe. Battisti que substitua o capelão das Filhas do Sagrado Coração; por sua vez, o vigário se preocupa em obter a autorização da cúria diocesana para a celebração da missa; sobre a visita de ladrões volta-se a falar também a seguir: “*Agora as Irmãs vão perdendo o medo, pois já passaram por várias situações difíceis*”: BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 20 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920]; “*os ladrões comparecem quase todas as noites na propriedade dos camponeses chegando ao cúmulo de bater à porta*”: BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 6 settembre 1920/B, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

¹⁷ CALABRIA, G. *Diario 3° Quaderno “Dopo la mia morte”* [1919-1923], 10 febbraio 1920, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 3, b. N 02608; e cf. G. CALABRIA. *Lettera a don Pedrollo*, 10 febbraio 1920, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a don Pedrollo, fld. 1, c. 3, b. 00008.

¹⁸ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Fainelli*, 15 maggio 1920, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Sorelle, fld. 2, c. 16 b. 3908/D.

A adoração eucarística

O Pe. Battisti dá tanta importância à adoração eucarística que, pouco mais de uma semana depois da chegada em Este, no dia 18 de janeiro de 1920, ele mesmo lembra: “*Nesta manhã, celebrando na capela provisória, consagro para a bênção com o Santíssimo Sacramento a ser dada nas primeiras horas da tarde às Irmãs e aos três meninos presentes. É o primeiro dia de presença eucarística na Casa do Santíssimo Redentor*”.¹⁹

Na Casa, a vida espiritual é alimentada também pela catequese confiada ao Pe. Luis Perazzini, enviado a Este para ajudar o Pe. Battisti. Por um acordo feito com o Abade da Catedral e o Pároco de Santa Maria das Graças, começa a preparação daqueles que podem ser admitidos para a Primeira Eucaristia e para o sacramento da Crisma. No dia 15 de julho de 1920 foram crismados 78 meninos;²⁰ além dos Buoni Fanciulli, moradores da Casa, faziam parte do grupo outros quarenta catequizandos, provenientes das paróquias da Catedral e de Santa Maria das Graças. Naquela mesma ocasião o Pe. Battisti expôs ao bispo de Pádua o desejo de instituir a adoração eucarística perpétua na igreja interna da Casa, o que ele formalizaria num requerimento apresentado no dia 15 de agosto seguinte.²¹ Note-se que a adoração de Jesus no sacramento em espírito de reparação, em particular para a santificação do clero, desde o começo anima toda a espiritualidade do Pe. Calábria.²² A oportunidade de poder dispor de uma comunidade de Irmãs favorece a instituição de uma associação de adoração perpétua. Ao bispo a proposta agrada, e depois de interpelar os párocos da Catedral e de Santa Maria das Graças, ele concede a permissão com relativa facilidade no dia 27 de agosto de 1920. De fato, a abertura da Casa do Santíssimo Redentor é bem vista pela cúria de Pádua, e no começo as relações com as autoridades religiosas são

¹⁹ BATTISTI, G. *Diario dalla fondazione* [1920], 18 gennaio 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 27 Diario.

²⁰ Cf. o manuscrito elaborado pelo Irmão E. DALL'ORA, *L'opera di don Calabria in Este, 1918-1928. Una presenza di fede e di carità eroica*, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 5, c. 49 Storia. As mesmas informações podem ser encontradas nas anotações do Pe. Battisti: BATTISTI, G. *Appunti sparsi di Diario*, 15 luglio 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 27 Diario.

²¹ BATTISTI, G. *Lettera alla Curia Vescovile di Padova*, 15 agosto 1920, BCCE, Archivio del Vic. Gen. per le Religiose Mons. G. Padovan, c. Autorità Civili e Opere Assistenziali, Istituto Don Calabria – Este.

²² Um dos objetivos da vida sacerdotal do Pe. Calábria é a promoção da vida eucarística para a santificação do clero e da sociedade. Para isso constitui um pequeno cenáculo eucarístico, onde sacerdotes comparecem semanalmente; a eles se unem, dependendo do tempo livre de compromissos de plantões nos setores da Saúde do Hospital Militar de Verona, clérigos e sacerdotes que prestam serviço militar ou são reservistas convocados.

decisivamente boas. Assim o Pe. Battisti dá o anúncio: *“Temos o decreto da adoração perpétua. O Excelentíssimo bispo de Pádua erige e constitui canonicamente no oratório da Casa do Santíssimo Redentor em Este a Pia Associação Perpétua de Jesus Sacramentado, à qual poderão inscrever-se todos os fiéis de ambos os sexos, salvo sempre os direitos paroquiais e reservando-se ele de visitar e reservar a mesma norma das canônicas e sinodais constituições.*

*Não é aquilo que eu pedi e, à primeira vista, considero-a uma concessão não muito adequada à nossa Casa. Todavia, esta poderá ser plasmada em conformidade com o nosso espírito, me parece”.*²³

Nos dias seguintes o Pe. Battisti confirma: *“Tenho o sínodo da Diocese de Pádua [...]. Com este, por enquanto, estamos protegidos. Depois disso nosso Senhor irá aplinar tudo. Bispo: falei claro, e me garante que depois ele vai se preocupar em organizar e providenciar”.*²⁴

Pe. Battisti preferiria que a concessão fosse mais específica, mais reservada, que exaltasse mais o espírito de intercessão e de reparação para a santificação do clero que caracteriza a adoração dos Buoni Fanciulli.

Sobre as modalidades de inscrição e de participação por ocasião da inauguração ele conta com a colaboração do vigário Dalla Valle, com o qual decide sobre o cerimonial na iminência da festa. Assim ele escreve ao Pe. Calábria: *“Eu gostaria que o Senhor me fosse [...] trazido aqui onde será elevado sempre processionalmente. O pensamento agrada e se espera a sua concordância.*

*A sua concordância, entretanto, nesta ocasião, será a mínima coisa! Considero que não dirá que não desta vez a nosso Senhor e no nome do Senhor ousou escrever-lhe. Para aquela ocasião eu espero que o senhor queira vir pessoalmente com uma representação da Casa de Verona, a Casa-Mãe, que será colocada por primeiro aos pés de nosso Senhor”.*²⁵

²³ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 1 settembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920]; il decreto: L. PELLIZZO, Vescovo di Padova, *Decreto n. 4955*, 27 agosto 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 5, c. 52 varie.

²⁴ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 15 settembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

²⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 6 settembre 1920/B, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

Pe. Battisti conta também com a presença da uma delegação de Costozza, considerando que “*não deve ser a festa nossa, mas a festa de todos os prediletos do Senhor*”.²⁶

É este o espírito com o qual no dia 10 de outubro é celebrada, com a máxima solenidade, a tão esperada inauguração.²⁷ Pe. Calábria guia a procissão da Catedral até à capela da casa do Santíssimo Redentor, pelas ruas da cidade, sob uma chuva torrencial, com grande participação do clero local e do povo, sinal este que demonstra como tenha tido aprovação tal iniciativa. Além disso, a cúria episcopal de Pádua designa como confessor de todos os componentes da Casa o Pe. José Faccioli, capelão da paróquia de Santa Maria das Graças.²⁸

Dois anos depois Pe. Battisti lembra: “*No próximo dia 10 (hoje é 8) celebra-se o aniversário (o segundo) da adoração perpétua. Bendigamos juntos e agradeçamos a nosso Senhor que teve compaixão da nossa pobreza e porque quis ficar no meio de nós.*

Além deste, são mais dois aniversários: no dia 9 de outubro de 1913 entrava na Casa a Irmã Maria Galbusera e, no mesmo dia do mesmo ano, entrava também este pobre escritor”.²⁹

O novo vigário abade da catedral de Este, Dom Evaristo Sartori, que sucedeu Dom Dalla Valle, falecido no dia 11 de junho de 1921, em vista do afluxo de fiéis à igreja do patronato por causa da adoração perpétua, temendo que esta desvie os fiéis das sacras funções paroquiais,³⁰ começa a vê-la com certa desconfiança. Nasce, assim, as primeiras tensões, sendo nisso envolvida também a cúria de Pádua, que contesta a legitimidade da herança deixada no testamento do Pe. Pelá. Em resumo, “*o motivo-base da dificuldade estava praticamente no seguinte: Pe. Pelá, para financiar o seu benéfico empreendimento, não havia contado apenas com os seus próprios recursos, mas havia recorrido [...] a uma verba pública. É bem verdade que a soma recolhida através daquela iniciativa representava uma parte exígua do todo, mas aquela quantia bastava para dar crédito à objeção de que o Pe. Pelá tivesse ido além do seu direito quando, no testamento, havia tomado decisões sobre o patronato como se este fosse patrimônio*

²⁶ Ibid.

²⁷ A respeito deste dia um relatório detalhado pode ser encontrado em Irmão E. DALL'ORA, *L'opera di don Calabria in Este, 1918-1928. Una presenza di fede e di carità eroica*, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 5, c. 49 Storia.

²⁸ Cf. G. BATTISTI, *Appunti sparsi*, 16 febbraio 1920, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

²⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 3 ottobre 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924].

³⁰ Cf. O. FOFFANO, op. cit., p. 184.

particular”.³¹ Aos poucos a situação se tornou sempre mais insustentável e, ao longo do ano de 1923, o Pe. Calábria foi obrigado a escrever ao Pe. Battisti: “*Não sei se não seria o caso de suspender, pelo menos de nossa parte, por algum tempo, a adoração, antes de sermos surpreendidos por uma proibição total*”.³² Algum tempo depois o próprio Pe. Calábria narra: “*Tive que fazer coisas dolorosas: temporariamente foi suspensa a adoração eucarística*”.³³ E ainda: “*Tendo surgido dificuldades referentes à administração interna, à organização interna e à sistematização religiosa segundo os cânones, referente às Irmãs, tomei a decisão de dissolver o grupo feminino, tornando a Casa completamente masculina*”.³⁴ A questão foi levada a Roma, onde “*a Sagrada Congregação do Concílio, declarando inválido o testamento do Pe. Pelá, ordenou inesperadamente ao Pai que ‘restituisse’ tudo ao bispo de Pádua, considerado legítimo proprietário da entidade e dos anexos*”.³⁵ Tudo foi efetivamente restituído no dia 28 de janeiro de 1928.³⁶

As condições de vida

Pe. Calábria lembra que “*a Obra foi iniciada com cem meninos. ou quase cem, e algumas Irmãs, que eram umas quarenta ou mais*”.³⁷

Na Casa Santíssimo Redentor, em 31 de dezembro de 1920, metade dos meninos presentes, isto é, 32, provinham de Este;³⁸ os demais, de outras regiões. Todos eram acolhidos gratuitamente, já que a administração dos municípios de proveniência dos meninos, inclusive a de Este, não dava qualquer tipo de contribuição, nem mesmo através de convênios com as entidades assistenciais, que se ocupavam de menores

³¹ Ibid.

³² CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 7 ottobre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Cartoline a Confratelli, fld. 1, c. 4 b. 08279.

³³ Pe. Calábria estabelece a suspensão temporária da adoração eucarística na Casa do Santíssimo Redentor a partir do dia 10 de março de 1924, como anota o Pe. Battisti. Cf. G. BATTISTI. *Cronaca*, 10 marzo 1924, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/13A. Além disso, veja-se G. CALABRIA. *Diario 4º Quaderno “Personale e segreti”* [1924-1930], 12 marzo 1924, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 4, b. N 02609.

³⁴ CALABRIA, G. *Promemoria*, 14 gennaio 1928, AHPSDP, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 36, b. 8311, cópia com assinatura holográfica do Calábria.

³⁵ FOFFANO, O. Op. cit., p. 186.

³⁶ Cf. G. CALABRIA. *Diario 4º Quaderno “Personale e segreti”* [1924-1930], 28 gennaio 1928, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 4, b. N 02609.

³⁷ CALABRIA, G. *Promemoria*, senza data, AHPSDP, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 35, b. 2553/A (anotações feitas após 31 de outubro de 1927, transcrição de um texto atribuído ao Pe. Calábria).

³⁸ Foi o que indicou o Irmão E. DALL’ORA. *L’opera di don Calabria in Este, 1918-1928. Una presenza di fede e di carità eroica*, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 5, c. 49 Storia.

abandonados. E isso aplicava-se também para os aproximadamente vinte órfãos de guerra e prófugos, que não recebiam aquilo que estava previsto na legislação.

De janeiro a dezembro do ano de 1921 foram acolhidos outros 11 meninos, todos na faixa etária de 1 a 8 anos, pois os que superavam os 8 anos e não retornavam para suas famílias eram transferidos para Costozza. A capacidade da filial de Este atingiu o seu limite de atendimento chegando a 93 meninos no final de dezembro de 1920 e a 85 um ano depois.³⁹

Além da manutenção da Casa, Pe. Battisti precisava ocupar-se também da direção das Irmãs, às quais eram confiadas a vigilância e a assistência dos menores. Em Este, no setor da rouparia, com a ajuda de agregadas e de um número menor de acolhidas, as Irmãs eram responsáveis pelo provisão do vestuário dos Buoni Fanciulli das filiais de Este, Costozza e Verona. As forças à disposição nunca bastavam para responder de modo adequado às necessidades que as Irmãs precisavam afrontar. Encontramos frequentes exemplos disso na intensa correspondência epistolar que o Pe. Battisti mantém com o Pe. Calábria e com o Pe. Pedrollo, diretor da Casa de Costozza, o qual apresenta ao Pe. Battisti pedidos de auxílio difíceis de atender ou de resolver imediatamente: *“Ele precisaria de outras Irmãs para a Casa-Mãe e outras ainda para a filial de Costozza. Imagine se eu não lhe mandaria todas as que ele precisasse caso eu tivesse sobrando.”*⁴⁰

Aqui no setor da rouparia são somente duas as Irmãs que trabalham para todos: para Verona, para Costozza e para esta Casa. Não temos máquinas, é verdade, mas mesmo que as tivéssemos em nosso laboratório, fazendo bem as contas talvez pudéssemos acrescentar outras duas Irmãs, no máximo, ainda assim com intervalos. Temos as acolhidas, mas efetivamente não dá para contar com elas: uma está mal, a outra impotente, a terceira não consegue trabalhar porque não pode usar um braço e... por aí vai, até passarmos todas ou quase. [...]

*Esteja certo, caríssimo Pe. Calábria, de que as Irmãs não podem se responsabilizar pela ordem dos guarda-roupas nos dormitórios, e por isso não se atinge os objetivos almejados”.*⁴¹

³⁹ O dado é proposto por R. CONA. *La Casa Buoni Fanciulli di Costozza (1919-1929) e di Este (1920-1928)*. In: BUTTURINI, E.; CONA, R.; GECHELE, M. Op. cit., 416.

⁴⁰ Pe. Battisti alude ao fato de que não há Irmãs em grande número.

⁴¹ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 14 marzo 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

Algumas semanas depois o Pe. Battisti volta à carga: “*A cozinha e a rouparia fazem realmente perder a paciência. São dois ambientes nos quais é preciso manter os nervos sob controle o tempo inteiro; agora, no entanto, é preciso fazer isso mais ainda. Esperamos poder ajudar as Irmãs que trabalham na rouparia. Agora as Irmãs estão fazendo camisas para Costozza; são duas trabalhando, mas não conseguem fazer muita coisa, até porque uma delas está novamente de cama, a Irmã Natália*”.⁴² E ao Pe. Pedrollo, o Pe. Battisti responde: “*A assistência para a cozinha e para a rouparia o senhor terá. Aguardo, para tanto, uma determinação do venerado Superior, determinação referente a esta Casa, para assim poder definir a minha opção. Estou pensando em enviá-las no dia 4; mas, como eu disse, estou esperando, estou aguardando, para então escolher e também fixar o dia*”.⁴³

Quantas são as Irmãs? Não temos informações precisas acerca deste número. Um dado interessante encontra-se no seguinte apontamento feito pelo Pe. Calábria que, referindo-se à abertura da Casa do Santíssimo Redentor, especifica ter transferido “*para Este, em 1919, um setor com mais de cem meninos, acompanhados de umas vinte Irmãs*”. [...]

O número de meninos oscilava entre 90 e 130,⁴⁴ primeiramente abaixo dos 8 anos; depois foram reduzidos em número, e a idade passou a ser entre os sete e os doze anos. O número das Irmãs nos primeiros quatro anos não ultrapassou, pelo que eu me lembro, trinta; certamente um número não exorbitante, se pensarmos nas múltiplas necessidades materiais de tantos meninos. Estava sendo iniciada também uma escola de bordado, entre as irmãs, para o conserto e preparação dos adornos para o altar, o que pode ser comprovado por alguns trabalhos feitos para as igrejas de Este e pelo testemunho de pessoas confiáveis”.⁴⁵

⁴² BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 5 aprile 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁴³ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 24 novembre 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/8 corrispondenza a don Pedrollo.

⁴⁴ Os números são discordantes em relação ao que foi precedentemente afirmado pelo Pe. Battisti; é possível que isso se deva a prováveis saídas e novos ingressos ou eventualmente à dificuldade de manter uma lista atualizada.

⁴⁵ CALABRIA, G. *Promemoria*, 14 gennaio 1928, AHPSDP, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 30, b. 8311, cópia com assinatura holográfica do Pe. Calábria. Pelo contrário, na exposição apresentada pelo bispo Dalla Costa ao Prefeito da Congregação do Concílio, Donato Sbarretti, lê-se: “*Houve acolhidas e mantidas [...] cerca de 40 pessoas (sobretudo religiosas), que posteriormente tiveram que ser dispensadas por ordem da Autoridade Eclesiástica*”. O texto é reproduzido em R. CONA. *La Casa Buoni Fanciulli di Costozza (1919-1929) e di Este (1920-1928)*. In: BUTTURINI, E.; CONA, R.; GECHELE, M. Op. cit., p. 661.

Para os meninos em idade escolar foram abertas três séries do ensino fundamental.

Pe. Battisti se esforça por encontrar a mais adequada colocação para cada Irmã no interior da Casa. Em base ao que ele escreve ao Pe. Calábria pode-se entender que a preocupação maior é com relação à cozinha e à rouparia, onde ele gostaria de colocar uma com a função de Superiora e, por conseguinte, como ponto de referência, enquanto que as demais poderiam mudar frequentemente de lugar, desempenhando vários serviços por turno. Ele percebe a necessidade de uma maior ordem no trabalho, para não desorientar sobretudo as mais jovens. *“Além disso, se não me engano, me parece de ver aqui que o Senhor não quer que as acolhidas e as agregadas estejam junto com as Servas no trabalho da rouparia e da cozinha”*.⁴⁶ Pe. Battisti escreve ao Pe. Pedrollo: *“Recomendo-lhe que as acolhidas sejam sempre acolhidas...”*.⁴⁷ Portanto, às dificuldades derivadas da insuficiência do número de Irmãs e dos instrumentos para poder trabalhar da melhor forma, acrescentam-se os problemas relativos às acolhidas. Nas cartas que o Pe. Battisti envia ao Pe. Calábria, sempre ricas de atualizações e de relatórios sobre cada uma das acolhidas e agregadas, às vezes ele deixa escapar também o sofrimento nos não fáceis relacionamentos interpessoais, que para ele são uma fonte de dor. *“A tempestade nas agregadas continua. Será que o Senhor não está querendo Irmãs e acolhidas sem níveis intermediários?”*⁴⁸ *“Quanto ao setor das agregadas, veremos nos próximos dias o que poderá acontecer; por agora está tudo temporariamente suspenso”*.⁴⁹ Em alguns momentos tem-se a impressão de que o Pe. Battisti não esteja mais aguentando a situação e sinta a necessidade de contar com novas energias: *“São grandes as necessidades de novas operárias nesta pequena vinha, de modo especial para a vigilância e assistência dos queridos meninos, e esperamos, aliás,*

⁴⁶ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 6 settembre 1920/B, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920]. As Irmãs recebem um pedido da Condessa Fracanzani. Itália Fantato – Irmã Adélia, na entrevista concedida em 14 de julho de 1960, lembra ter confeccionado uma cobertura de berço empregando 516 horas, trabalhando num salão frio por não poder permanecer no laboratório, já que a luz provinha de uma porta só e não era suficiente para bordar. As demais Irmãs confeccionam toalhas e guardanapos com pontos difíceis, arredondados, compostos pela Irmã Clara, que encoraja as demais. Cf. I. FANTATO, (Sorella Adelia), *Intervista a diverse Sorelle*, 14 luglio 1960, AHPSaDP, fld. Interviste. Do bordado são encarregadas Itália Fantato – Irmã Adélia, Silvia Todesco – Irmã Carmela de Jesus, e Anita, sobre a qual não se encontrou qualquer documentação.

⁴⁷ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 12 novembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

⁴⁸ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 1 settembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁴⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 4 settembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

*temos certeza, que a bondade de nosso Senhor, sem olhar para os nossos deméritos, logo providenciará”.*⁵⁰

Podemos perceber que as Irmãs em Este encontram-se sobrecarregadas de trabalho porque esta Casa é ponto de referência para as demais. Em 1922, “*entre Irmãs e noviças, são 34. Destas, retirem-se as que estão na cozinha, na lavanderia e na recepção. Coloquem-se sempre duas na adoração e uma na sacristia; acrescentem-se aquelas que são encarregadas de cuidar dos meninos pequenos e grandes, e aquela que faz a guarda das acolhidas... O restante seja colocado no laboratório; mas se exclua a Superiora e a enfermeira. Agora faça-se a soma, sem esquecer que as demais devem trabalhar para esta Casa, para Verona, para Costozza e também para Feltre...*”⁵¹”⁵²

Além disso, é preciso levar em conta que o trabalho das Irmãs diz respeito também ao acompanhamento dos meninos bem novinhos, o que implica: dar de comer, dar banho, vesti-los e levá-los ao banheiro várias vezes ao longo da noite. Portanto, trabalham sem trégua o dia todo. Podemos dizer que este ritmo muito intenso concede raros momentos de pausa às Irmãs e talvez, também por esta razão, o horário do dia é novamente revisado em janeiro de 1922:

“Despertar às 5h15 – orações particulares e limpeza

Santa Missa – 6h

Depois da Santa Missa, 30 minutos de santa meditação

Café da manhã – 8h

Das 8h às 12h15 – trabalho e recitação do santo rosário

(silêncio) – 12h15 – Angelus – exame de consciência

12h30 – almoço

Das 13h às 14h – repouso

Das 14h às 17h15 – trabalho em silêncio

Às 17h15 – leitura – visita – exame

Das 17h45 – na capela – livres

Às 19h – janta

⁵⁰ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 3 maggio 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁵¹ O começo do Estudantado Teológico da Obra em Feltre, ocorrido no dia 24 de setembro de 1921, certamente incrementa o trabalho das Irmãs, pois o Pe. Battisti, em carta, escreve: “*Acabou de chegar o tecido para vestir os de Feltre*”, cf. G. BATTISTI. *Lettera a don Pedrollo*, 26 maggio 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/8 corrispondenza a don Pedrollo [1922].

⁵² BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 10 febbraio 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/8 corrispondenza a don Pedrollo [1922].

21h – repouso”.⁵³

Além da carência de braços para garantir respostas adequadas a todas as necessidades, começa a faltar também o alimento, como o denuncia o Pe. Battisti: *“Aqui as coisas não vão bem. [...] Quanto à Providência, absolutamente nada, até ontem nem um centavo ou uma ponta de agulha. Ontem, um pouco de doces, um cestinho de salada e 25 liras. [...] Aqui, em termos de víveres, estamos muito mal: dá para contar uma medida e meia de farinha amarela por pessoa, e o pão e a massa são escassos. A propósito, gostaria de pedir a caridade de que nos trouxessem farinha amarela, pode ser quando vierem de carro na próxima semana: um saco de farinha poderia servir de acento para alguém e seria uma grande vantagem para nós. Já escrevi, quanto à farinha para polenta, ao prefeito”*.⁵⁴ Mas no fim das contas o Pe. Battisti acaba tendo que pedir farinha diretamente ao Pe. Calábria, que tinha uma viagem de carro prevista para Este: *“Na próxima vinda para cá eu gostaria de pedir-lhe uma grande caridade: farinha para polenta, polenta, polenta. Tinham nos prometido e depois nos deram metade da quantidade, imagine só! Com estas bocas! De Providência, sempre a zero”*.⁵⁵ Alguns meses depois o Pe. Battisti precisa outra vez esmolar pelos meninos e pelas Irmãs: *“De Providência, abaixo de zero. Fui até a administração municipal e eles... fizeram a parte que lhes competia: indicaram-me quem poderia me fornecer grãos de trigo e farinha para a polenta; só que... pagando”*.⁵⁶ E novamente: *“Aqui, de Providência, nada mais do que cinquenta liras, além de outras quinze, e mais uma cestinha de peras derrubadas pelo vento; também o vento, às vezes, faz a caridade!... e só”*.⁵⁷

Ao mesmo tempo, as bocas a serem alimentadas aumentam: *“Aqui a família do Santíssimo Redentor cresce. Viva Jesus bendito, que nos manda tantos meninos. E faz milagres com a Providência. Dia após dia, o necessário. Ontem faltava sal, além de outras coisas, e eu não tinha um centavo. Chegaram dois novos meninos com algum*

⁵³ *Diario della Congregazione*, 11 novembre 1914, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

⁵⁴ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 5 aprile 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁵⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 3 maggio 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁵⁶ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 4 settembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁵⁷ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 9 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

dinheiro. [...] Teve o suficiente, e ainda sobrou".⁵⁸ Pe. Battisti é desta opinião: *"Sabemos que jovens mais grandinhos deveríamos aceitar poucos ou raramente; mas se o Senhor os quer, que venham, que venham"*.⁵⁹

Também as Irmãs confirmam a escassez de comida, como testemunha a Irmã Adélia (Itália) Fantato; ela acabou de chegar, e se lamenta pelo fato de que no refeitório as Irmãs a observam temendo que um físico tão frágil não pudesse resistir ao tipo de vida que elas levam. *"Diziam-me: 'Como você faz para suportar estes sacrifícios sem comer?' Quando a Irmã Clara estava em nosso meio comíamos dezessete feijões às 17h30 e eu não conseguia engolir a polenta recém feita; então a Irmã Clara me chamava para perto de si e me dizia: 'Você precisa se esforçar para engolir em pequenas quantidades, um pouco de cada vez!' Eu dizia: 'Não consigo, Irmã!'"*⁶⁰

A alimentação escassa e as condições de vida provavelmente no limite da sobrevivência são a causa de um estado físico geral particularmente preocupante. Eis o que o Pe. Battisti refere: *"Aqui a saúde não vai nada bem. Irmã Cecília⁶¹ continua o seu caminho normal. Irmã Gaetanina não sentiu mais o seu distúrbio. Mas se o senhor tivesse visto a fila das Irmãs e noviças que hoje se apresentaram ao médico!... Este teme sobretudo pela Irmã Domingas, achando que ela tem câncer. Ela, ainda, precisa suportar um corte no joelho; enfim... 'e po' de so fradei el più san son mi'!!!..."*⁶²

Pois é, eu estou bem o quanto basta; sim... alguns achaques! Mas coisa pouca, e de noite, um discreto cansaço".⁶³ Alguns dias depois, uma atualização: *"Aqui se começou com uma cirurgia na Casa. Foi operada no joelho, com um corte muito longo, a Irmã Domingas, e uma noviça sob a axila. Teria sido bom mandá-las para o hospital. Além disso, quanto à Irmã Domingas, há algo mais em consequência de uma cirurgia feita no inverno passado... Vamos acompanhar"*.⁶⁴ Quase acostumado a longos boletins

⁵⁸ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 20 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁵⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 7 maggio 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁶⁰ FANTATO, I. (Sor. Adelia), *Intervista a diverse Sorelle*, 14 luglio 1960, AHPSaDP, fld. Interviste.

⁶¹ Irmã Cecília (Maria Germin) antes havia adoecido de tuberculose, como se pode deduzir de uma anotação feita pelo Pe. Battisti, datada de 31 de maio de 1922, cf. G. BATTISTI, *Appunti sparsi*, 31 maggio 1922, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

⁶² A expressão dialetal *"e po' de so fradei el più san son mi!"* quer dizer "enfim, dos seus irmãos o mais saudável sou eu".

⁶³ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 3 ottobre 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924].

⁶⁴ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 12 ottobre 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924].

médicos, o Pe. Battisti, quando é obrigado a dar notícias de forma sintética, se exprime assim: “*Quanto às Irmãs doentes, como de costume*”.⁶⁵

Em relação aos meninos, devido às dificuldades econômicas e às escassas condições sanitárias da época, registram-se também algumas mortes: Domingos Lorenzi, de 8 anos, morre no dia 8 de fevereiro de 1921, e Otello Bragagnoli, de 9 anos, no dia 24 de fevereiro de 1923.⁶⁶ Isso foi suficiente para dar lugar a comentários externos, com o Pe. Battisti se apressando em dar uma resposta: “*Corre um boato sobre a saúde dos meninos, os quais, diz-se, passam fome. Por causa disso, a partir de hoje, deverão sair para passear toda quinta-feira*”.⁶⁷

Sabe-se que meninos e Irmãs vivem em locais úmidos⁶⁸ e que a Casa do Santíssimo Redentor devia ser realmente pobre, sem o mínimo necessário para viver; é o que se pode deduzir na troca de correspondências entre o Pe. Battisti e o diretor da Casa de Costozza, Pe. Pedrollo: “*Aquilo que vocês nos pediram emprestado e que não lhes doamos, não é difícil imaginar a razão. [...]*

Que a Irmã Giselda traga de volta os talheres que emprestamos, pois estamos precisando. Estão todos marcados com um ponto atrás do cabo”.⁶⁹

Eis como ele responde a um pedido feito pela Casa de Costozza: “*Quanto aos desejos expressos pela Irmã Fannio, não podem ser acolhidos, ainda mais que não pode esta filial dispor de um número maior de camas*”.⁷⁰ E noutra oportunidade: “*Quanto às camas, sinto muito, mas não pode ceder mais nenhuma. Estou esperando novas almas, pequenas e grandes.*

E de algumas camas em uso sou obrigado a substituir a rede, enferrujada pelos incontinentes”.⁷¹

⁶⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 24 novembre 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/8 corrispondenza a don Pedrollo.

⁶⁶ É o que se encontra no *Libro dei morti dal 1917 al 1941*, Arquivo da Paróquia Santa Tecla, Este.

⁶⁷ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 23 aprile 1921, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 26 Cronistoria; sobre a abundância de leite da qual dispõe a filial diante da carestia do mesmo produto existente na cidade: BATTISTI, G. *Appunti sparsi di Diario*, 15 e 16 novembre 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 27 Diario.

⁶⁸ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 2 maggio 1924, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924]. Informado pelas Irmãs sobre o deslocamento para o primeiro andar da Casa do Santíssimo Redentor, Pe. Battisti afronta a questão com o Pe. Calábria explicando-lhe as razões da inoportunidade daquela escolha.

⁶⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 6 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

⁷⁰ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 8 gennaio 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

⁷¹ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 4 marzo 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

O vestuário também parece ser insuficiente, como se pode observar na manifestação explícita do Pe. Battisti: “*Nós também temos os nossos meninos rasgados, esfarrapados,*⁷² *e nos sentimos no dever de pensar neles. De modo que Costozza, assim, verá sacrificados os seus desejos*”.⁷³ E novamente: “*A Irmã Fannio será atendida naquilo que nos for possível. Os nossos meninos não trocam de roupa há um mês por falta de... roupa. Zero a zero: estamos empatados!*”⁷⁴

As condições são mesmo de pobreza extrema se o Pe. Battisti chega a pedir ao Pe. Calábria que lhe seja enviado o que sobra em San Benedetto, quem sabe conseguindo um transporte para Este de graça. Exemplo disso é este longo pedido: “*Ao senhor, e somente ao senhor, dirijo minha súplica para conseguir, no caso, cadeiras. [...] Aqui somos obrigados a carregar as cadeiras para onde vamos. Do contrário, precisaríamos pedir às Irmãs que se acomodassem em bancos, no refeitório. Francamente, eu faria isso, mas diante do Senhor não fico tranquilo se eu não ouvir a sua palavra, a sua confirmação, pois acho que as mulheres têm mais necessidade do que os homens de apoiar as costas.*

Outra solução conveniente seria dar às Irmãs e às acolhidas um apoio para a bacia por razões de modéstia de compostura quando vão se lavar. Não se poderia trazer um de San Benedetto?

Escrevo-lhe estas coisas e sinto muito, muito mesmo, por várias razões, a primeira delas por causa da sua saúde e pelo desgosto que, tenho certeza, estou lhe causando; todavia, como o senhor dispôs que tudo aquilo de que precisamos podemos trazer conosco, achamos que os bons Irmãos, na sua inexperiência e na sua caridade pelos mais próximos, não devem se sobrecarregar com as necessidades deste ambiente. [...]

Isso para que o senhor tenha conhecimento de tudo, garantindo-lhe que, da minha parte, procuro estar unido o mais possível ao senhor, posto como responsável por esta Casa da misericórdia que Deus, nosso Senhor, tem por nós. Disponha como achar no Senhor, seja de coisas, seja de pessoas, e mais do que todos, de mim. E caso eu não corresponda, pode me retirar daqui, sem nenhuma consideração para com a

⁷² Com o termo “sbrindati”, usado no texto original, o Pe. Battisti tem a intenção de evidenciar que as roupas dos meninos estão em péssimo estado, amarrotadas, remendadas.

⁷³ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 9 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁷⁴ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 12 novembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

minha pessoa, porque não devo estar eu no governo desta Casa, que é do Santíssimo Redentor.

Não, não, caríssimo Pe. João, nenhuma misericórdia para comigo, nunca, nem agora, nem no futuro, nem se preocupe com as minhas penas físicas, morais e espirituais; rogo-lhe, pois preciso fazer penitência, preciso me mortificar, preciso ser mortificado nas minhas ideias, nos meus pensamentos, em tudo, em tudo, desnecessário que eu lhe diga, pois o senhor já sabe.

Na sua caridade, ousou manifestar-lhe aquilo que é a necessidade desta Casa e das pessoas que nela vivem. Permita que eu não pense demais em mim mesmo, pois penso sempre mais do que o necessário; permita que deste, de mim, eu me cale; as necessidades que não me dizem respeito, destas sim eu lhe falo, se puder; eu as manifesto e, se me for permitido, vou expô-las como o fiz no passado naquilo que era necessário, na minha opinião, seja quanto aos nossos inocentes, seja quanto às Irmãs. Assim que tiver lhe manifestado tudo, terei cumprido o meu dever: o sacrifício deles, se for preciso, a sua necessidade, não dependerá mais de mim, mas de Jesus bendito, e então tudo irá bem, aliás, de qualquer forma melhor.

Ao senhor peço a compaixão pela minha aspereza, a da minha pena, a qual é uma emanção da outra imensa, que está no meu intelecto e no meu coração.

E se compadeça de mim também quando parece que eu não me preocupo com o senhor e com a sua saúde, com o seu sofrer. Rude e grosseiro, de poucas palavras e de nenhuma expressão; todavia, eu sinto”.⁷⁵

Estas linhas testemunham também que, mesmo sob uma casca às vezes dura, no fundo do coração o Pe. Battisti está atento às necessidades das Irmãs e se encarrega de dirigir a solicitação ao Pe. Calábria por elas, comunicando-lhe. De qualquer modo demonstra também estar consciente de que o seu caráter não é fácil e se preocupa em não se tornar causa de qualquer prejuízo que possa vir a causar problemas graves. Eis um exemplo dessa sincera consciência: “*Meu amadíssimo Superior, coloque-me com muita, mas muita força nas mãos do nosso bom Jesus para que eu não falte com os meus deveres, para que não venha a reduzir ou a arruinar a Obra daquele mesmo Senhor nosso*”.⁷⁶ E numa outra carta, escreve: “*Não se preocupe com o meu modo de*

⁷⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 5 aprile 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁷⁶ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 4 settembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

dizer as coisas. Trata-se do rude Pe. Battisti que, todavia, sabe que está na vontade e no desejo divinos através do seu Superior, sempre, sempre".⁷⁷

Por sua vez, com uma sensibilidade excepcional, o Pe. Calábria demonstra saber tomar pelo lado certo o Pe. Battisti, ainda que de vez em quando não lhe poupe algumas observações com uma carga de ironia, embora confirmando-lhe, ao mesmo tempo, a simpatia e a estima pela sua preciosa colaboração no acompanhamento da Casa de Este e das Irmãs. Vejamos alguns exemplos: *"Procure estar bem, e que a 'battistina' vá morar na cantina; que tudo seja para a maior glória de Deus. E mesmo que tudo venha a ser destruído, se isso fizer parte dos desígnios de Deus, nós ficaremos em paz e tranquilos"*.⁷⁸ Alguns meses depois: *"Do meu caro Pe. Battisti, com exceção da 'battistina' que agora me parece ter melhorado muito, estou muito contente, e siga em frente, sempre adiante, dispostos a tudo, pois este é o nosso fim"*.⁷⁹ E ainda, em referência à prevista mudança da Casa para Madonna di Campagna: *"Sabe-se lá o que o diabo vai tentar; todavia, temos muita sorte porque, além do divino Dono, lá está também uma sentinela especial, a qual, apesar de ser atacado pela 'battistina' de vez em quando, no fundo no fundo é um dócil instrumento nas mãos de Deus, pelo amor do qual sacrifica a si mesmo. Feliz do senhor, e com a graça de Deus continue e não duvide um instante do auxílio e da proteção especial do Senhor"*.⁸⁰

O distanciamento de Verona e sobretudo do Pe. Calábria é sentido por toda a comunidade das Irmãs, às quais o Pe. Battisti empresta sua voz nesta carta: *"E, além disso, permita-me dizer-lhe que as nossas boas Irmãs, da última vez, tiveram um doce lamento: o nosso Superior não se aproxima mais de nós como antes; começou a deixar-nos de lado em San Benedetto e continua sempre, sempre mais. Se o lamento se justifica não cabe a mim afirmá-lo; eu responderia que sim, caso o senhor me perguntasse, ainda mais neste caso."*

⁷⁷ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 14 marzo 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁷⁸ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisiti*, 14 gennaio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08269.

⁷⁹ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisiti*, 26 agosto 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08291.

⁸⁰ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisiti*, 26 novembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08301.

Seja nosso, Pe. João, seja também nosso pelo menos de vez em quando. Além do mais, há dois meses o senhor não vem nos visitar. Venha, venha partilhar da nossa rudeza e dar-nos da sua caridade”.⁸¹

Deve-se ressaltar, enfim, que o Pe. Battisti tem a intenção de ampliar a capacidade da Casa e aumentar o limite de idade dos meninos a serem acolhidos. *“Sabe em que eu pensei? Em acabar quanto antes a construção do teatro e fazer um dormitório para acomodar todos os meninos que nosso Senhor permitir que sejam propostos para serem acolhidos [...]. O senhor pode imaginar, caríssimo Pe. João, que grande bênção e quanta Providência?!... Quarenta almas inocentes [de um a quatro anos de idade] que retirarão dos olhos muito amados de Jesus a minha miséria, de modo que eu não seja obstáculo aos desígnios onipotentes de nosso Senhor nesta Casa”*.⁸²

Não faltam pressões para que sejam acolhidas também meninas⁸³ como se pode ver nesta carta, na qual o Pe. Battisti se dirige ao Pe. Calábria propondo-lhe o seguinte caso: *“Volto a fazer-lhe uma proposta, a partir de um caso concreto: é a segunda vez, em poucos dias, que estão vindo pedir em favor de duas meninas, duas irmãs, uma de 10 anos e outra de 9, as quais estão correndo um grave perigo moral; elas têm pais, mas seria melhor que não os tivessem, pelo que se diz, e moram aqui em Este.*

Como não são órfãs, não podem ser acolhidas no orfanato; além disso, o orfanato é só para as séries iniciais etc. Recorreu-se a pessoas caridosas, inclusive ao Pe. Andrea Pelá, procurando alguma solução em Pádua... Também em Veneza tentou-se, mas foi tudo em vão. Pe. Pelá manda as pessoas aqui me procurar dizendo que em outros lugares nós acolhemos também meninas em nossas Casas.

Estaria nosso Senhor, com este fato, dando-nos um sinal? Pense bem!

Com certeza, neste caso específico, tudo será feito da melhor forma.

Caso não seja vontade do Senhor que elas permaneçam aqui peço-lhe, na sua caridade, que encontre um lugar para essas pequeninas. [...]

Aguardo uma resposta solícita a respeito dessas duas pequeninas.

⁸¹ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 20 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁸² BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 7 maggio 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁸³ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 12 aprile 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

No dia em que celebrávamos o aniversário da adoração recebemos uma imprevista e discreta Providência, que efetivamente era muito necessária para as nossas grandes carências. Imagine, com tantas doentes, a quantidade de despesas!

*Quanto aos meninos, pelos menos os seis ou oito maiores, se puder transferi-los... seria muito conveniente”.*⁸⁴

Poderiam ser vislumbradas também outras possibilidades de serviço e de assistência para as Irmãs durante o período transcorrido em Este. Além de abrir as portas para as meninas, de fato, solicitou-se ao Pe. Battisti também a permissão para que as Irmãs acolhessem outras pessoas em dificuldade. Novamente ele se dirige ao Pe. Calábria propondo algumas soluções logísticas referentes a espaços sobre os quais, todavia, não cabia a ele decidir: *“Recebi uma carta da vigária das Canossianas de Santo Estêvão sobre três portadoras de deficiência daquela paróquia, só que ela não mencionou a idade daquelas coitadinhas. O meu pobre parecer, neste campo feminino, seria ainda o de acolher meninas; ainda mais com o ambiente local e moral desta pequena seção feminina, que é o nosso caso. Acolher portadoras de deficiência seria ótimo, mas num ambiente em separado, pois numa seção mista como a atual seria uma tribulação sem fim. Ainda mais que aqui os meninos estão separados, é verdade, mas não numa distância conveniente. Orei e oro muito a nosso Senhor por este ambiente, para que ele tire da minha cabeça aquilo que representa minha opinião pessoal, bem como maneiras de ver com a prudência e com a sabedoria humanas; o pensamento que continua em mim, todavia, é aquele que eu já expus”.*⁸⁵

A vestição das “Servas dos Pobres”

O hábito religioso nos Institutos de perfeição é um sinal externo da consagração religiosa⁸⁶ e ao mesmo tempo é um elemento distintivo do Instituto diante dos demais, podendo contribuir para favorecer o sentido de pertença e identidade.

Pe. Calábria não queria um hábito especial para os seus religiosos, que algumas vezes ele chama de “Freis do século vinte”: *“Os componentes da Casa sejam seculares,*

⁸⁴ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 12 ottobre 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924].

⁸⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 15 aprile 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁸⁶ O cân. 669, § 1, do Direito Canônico (1983) prescreve: *“Os religiosos, em sinal da sua consagração e em testemunho de pobreza, vistam o hábito do instituto, confeccionado segundo o direito próprio”.*

não usem nenhuma veste religiosa, mas tenham a virtude do apóstolo".⁸⁷ Confirma-o também o Pe. Adami, que escreve: "Ao longo do tempo, por outro lado, amadureceu o desígnio claro e preciso de novos religiosos, 'freis do século vinte', sem veste especial, sem acessórios externos etc., mas, em compensação, de uma religiosidade interior mais intensa caso isso seja possível, para compensar a falta do hábito especial".⁸⁸

É evidente que, desde o início, também as Irmãs não vestiam qualquer divisa, sempre com as mesmas motivações e em analogia àquilo que o Pe. Calábria se sentia inspirado a fazer em relação aos Irmãos.⁸⁹ Talvez, tendo em vista as futuras atividades apostólicas que as Irmãs poderiam desenvolver, ele considerasse oportuno que elas não usassem hábito. Certamente o Pe. Calábria estava mais preocupado com que seus religiosos amadurecessem uma escolha radical de vida, do que com a manifestação externa desta escolha através de sinais particulares, seguindo o costume da época. Em sintonia com tais finalidades a Irmã Maria Galbusera, nas *Regras de vida* de 1915, assim estabelece: "Quanto à veste, a regra e o espírito da Obra, que busca no escondimento a glória de Deus, requer a roupa secular que passa inadvertida junto a todas as misérias humanas e torna mais fácil aproximar-se delas. Seja modesta, limpa, ordenada e conveniente, ao tempo e ao local. Tudo aquilo que a Irmã veste ou que lhe é confiado nada mais é do que um empréstimo, do qual deve servir-se com cuidado e depois prestar contas ao Dono da Casa, que, pedindo-lhe de volta por meio do Superior, encontre-o gasto pelo uso, jamais pela desordem ou pelo desleixo".⁹⁰

Enquanto o Pe. Calábria prevê para as Irmãs, tal como para os Irmãos, que elas "vistam como as pessoas de civil condição",⁹¹ a ideia de fazer com que as Irmãs usem um hábito religioso vai amadurecendo na cabeça do Pe. Battisti, a quem foi confiada a direção espiritual das Irmãs. Desde os primeiros meses transcorridos em Este ele começa a pensar que é oportuno que elas vistam um uniforme, um sinal distintivo do seu ser religiosas, até para evitar o possível equívoco de que sejam consideradas consagradas algumas agregadas e acolhidas, que estão hospedadas na Casa a título de

⁸⁷ CALABRIA, G. *Regole del 16 luglio 1909*, AHPSDP, f. Don Calabria/Quaderni, fld. 7, c. 200, b. NB 01318. Essa vontade do Pe. Calábria logo se torna normativa para o Instituto Casa Buoni Fanciulli; posteriormente é codificada no art. 12 das *Constituições da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência*, aprovadas canonicamente pelo bispo de Verona em 1932.

⁸⁸ ADAMI, L. *Don Giovanni Calabria*: Vitae editio prior, vitae editio altera. Op. cit., p. 110.

⁸⁹ PERAZZOLO, G. *Una vocazione propria dei tempi attuali*. Il Fratello Povero Servo della Divina Provvidenza origine ed evoluzione. In: *Studi Calabriani* 9. Verona: Edizioni CCSC, 2009. pp. 47-51.

⁹⁰ GALBUSERA, M. *Regole di vita*, 1915, AHPSaDP, fld. Maria Galbusera 2, c. B.

⁹¹ CALABRIA, G. *Principi fondamentali per l'Opera delle Sorelle*, 11 febbraio 1945, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01941.

caridade.⁹² Ele apresenta o problema ao Pe. Calábria em carta enviada em agosto de 1920, que começa assim: *“Uma questão enorme, agora, mas não problemática: parece-me que está se impondo a necessidade de algo que distinga as Servas dos Pobres das agregadas e das acolhidas, a fim de evitar equívocos pouco convenientes numa instituição como a nossa, que está apenas surgindo. [...] Já aconteceu várias vezes que alguém tenha perguntado: Aquelas mulheres são mães de algum menino?... Na Casa masculina a idade é um distintivo; já aqui... não há nada que estabeleça a diferença entre um ramo e outro. Pense nisso na sua caridade”*.⁹³ Nos primeiros dias de setembro, atualizando as informações sobre a adoração do Santíssimo na Casa de Este e sobre a cerimônia de inauguração, ele acrescenta: *“Naquela ocasião, se me for permitido, eu gostaria também de inaugurar a veste que identifica as Servas dos Pobres.*

Um vestido cinza escuro, severo, aliás, muito severo, na saia rude uma espécie de pequena túnica que cobre a forma feminina, e sobre o peito não um crucifixo, não uma medalha, mas uma cruz muito simples, azul, pequena, menor do que a palma da mão.

A primeira prova da roupa foi feita hoje, e se o senhor me disser que a ideia não é má logo a submeterei à sua aprovação ou desaprovação enviando-lhe uma Serva”.⁹⁴ Portanto, a iniciativa de fazer com que as Irmãs usassem um hábito religioso foi tomada concretamente pelo Pe. Battisti, que logo o manda confeccionar, mesmo que, na realidade, tudo ainda permaneça suspenso. Depois da inauguração da adoração perpétua assim ele se dirige ao Pe. Pedrollo: *“Como o senhor sabe as Irmãs vestirão um hábito, logo; talvez em janeiro já tenhamos a veste costurada. Reze por elas, por todas elas”*.⁹⁵

⁹² O testemunho da Irmã Regina Zabeo (na entrevista concedida em 8 de maio de 1967), que havia entrado poucos meses antes na Obra (2 julho de 1920), ajuda a compreender o motivo pelo qual Pe. Battisti amadurece a escolha de que as Irmãs usem um hábito. Por ocasião do início da adoração eucarística o Pe. Calábria foi para Este levando consigo todos os meninos de San Zeno. *“Nós, Irmãs, levamos para o teatro todos os colchões que estavam no celeiro para acomodar os meninos. Passei com um colchão nas costas e um monsenhor comentou com outro senhor: ‘Olhe só, ‘esta’ está aqui com o seu filho’. Pe. Calábria está aceitando ‘estas’, com os seus filhos. Eu me virei, o encarei, e fui até o Pe. Battisti dizendo-lhe: ‘As Irmãs que estão aqui são todas pessoas que erraram? Até para que eu saiba direitinho onde me encontro!’ Eu tinha apenas 18 anos. Não, me disse o Pe. Battisti; aquelas se chamam agregadas. Eram poucas, no máximo umas 6. (Estavam divididas entre acolhidas e agregadas). E então foi colocado um sinal. A vestição teve esta motivação”* (ZABEO, R. *Entrevista*, 8 maggio 1967, AHPSaDP, fld. Interviste).

⁹³ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 20 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁹⁴ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 6 settembre 1920/B, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1895-1920].

⁹⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 12 novembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

E novamente nas anotações de 28 de outubro de 1920: “*A vestição das Irmãs está marcada para o dia 6 de fevereiro*”⁹⁶ vindouro”.⁹⁷ No dia 25 de novembro chega a primeira peça de tecido para a confecção dos hábitos.

Outro aceno explícito ao projeto de fazer com que as Irmãs vistam um hábito foi manifestado pelo Pe. Battisti que, preocupado com a participação delas aos exercícios espirituais programados para os dias 2 a 6 de janeiro de 1921 na Casa do Santíssimo Redentor, em Este, escreve pedindo um reforço para manter em funcionamento as atividades: “*E o Irmão Alessandro, quando o terei de volta? Esperamos por ele mais do que nunca, o que será uma caridade para conosco. No final do mês começam os santos exercícios para as Irmãs. Se o Alessandro estiver aqui ele poderá, juntamente com o Pe. Perazzani, cuidar dos meninos enquanto eu faço a pregação, de modo que as Irmãs responsáveis pelos meninos poderiam assim participar de toda a programação. E quanto às Irmãs que estão aí, o senhor conseguirá enviar todas? Seria ótimo. Para a vestição, com certeza, todas deverão estar presentes*”.⁹⁸

É evidente que, mesmo com as melhores intenções de fazer com que as Irmãs usassem um hábito para se distinguir das agregadas e das acolhidas, Pe. Battisti se deixou levar pelo entusiasmo. O resultado final acabou se tornando “*um verdadeiro hábito monacal: de cor cinzenta, com uma túnica até os joelhos e um símbolo vistoso: uma cruz impressa sobre o peito da túnica, vermelha com raios brancos, e um véu de lã preto, pendurado à touca com três botõezinhos*”.⁹⁹ Mais precisamente o hábito é composto de uma saia toda de pregas e de uma túnica que cobre a forma feminina, dotada de mangas longas das quais se pode tirar a parte inferior para poder trabalhar; na frente foram bordados uma partícula e uma cruz vermelha, sobre um fundo branco com raios.¹⁰⁰

O coroamento das expectativas foi concretizado no dia 6 de janeiro de 1921, festa da Epifania, quando o Pe. Battisti se sente particularmente orgulhoso de poder

⁹⁶ É interessante o fato de que o Pe. Battisti marque uma data para a cerimônia da vestição. Ao mesmo tempo é evidente que ele esteja fazendo alusão ao dia 6 de janeiro, festa da Epifania, data costumeira da renovação dos votos; poderia também tratar-se de uma distração no momento de elaborar o texto a ser enviado para o Pe. Pedrollo.

⁹⁷ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 28 ottobre 1920, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti di cronaca 2.

⁹⁸ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 5 dicembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo.

⁹⁹ *Diario della Congregazione*, Epifania 1921, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

¹⁰⁰ Segundo a Irmã Maria Gagliardo, o bordado é obra de Antonieta Secagno (Irmã Clara de Jesus), pintora e bordadeira. Cf. M. GAGLIARDO. *Intervista a diverse Sorelle*, 14 luglio 1960, AHPSaDP, fld. Interviste.

realizar, na presença do Pe. Calábria, a função para a qual vinha se preparando ardentemente há muito tempo: a vestição das Irmãs. Da cerimônia, na qual estão reunidas todas as Irmãs espalhadas pelas várias comunidades, participam também o então Irmão Luis Adami, que durante a cerimônia toca órgão, e o estudante Estanislau Pellizer.

Pe. João acaba se encontrando diante de um fato consumado e, mesmo partilhando da alegria das Irmãs, fica muito surpreso com as novidades introduzidas: a imposição de um hábito bastante original em sua forma e um novo nome, que para cada uma das Irmãs foi sorteado aos pés de Jesus Eucarístico. Naquela cerimônia, aproximadamente vinte Irmãs emitiram os seus primeiros votos. No final da vestição, na sacristia, apresentam-se ao Pe. Calábria para receber a bênção, o qual exclama com um sorriso paterno: “São as Irmãs, estas?!... Ora, eu ainda não me entendi bem com o Senhor!”¹⁰¹ Depois disso ele chamou uma por uma as Irmãs pelo nome novo, fazendo-lhes também algumas perguntas.

Vestem o hábito “as Irmãs que entraram em San Benedetto”,¹⁰² às quais o Pe. Battisti já havia dado o nome de Servas dos Pobres. Mais especificamente, são as seguintes:

NOME	DATA DE NASCIMENTO	NOVO NOME
1. Ângela De Battisti	17/04/1910	Vincenzina de Jesus
2. Adele Carli	25/03/1911	Serafina de Jesus
3. Laura Fossati	16/04/1911	Tarcisia de Jesus
4. Maria Meneghetti	25/08/1912	Gertrude de Jesus
5. Maria Fannio	24/12/1912	Imelda de Jesus
6. Natália Fainelli	01/05/1913	Maria de Jesus
7. Rosina Fornasiero	17/04/1915	Inocência de Jesus
8. Ana Bettoni	23/04/1915	Angélica de Jesus
9. Giselda Mercoletti	04/07/1915	Madalena de Jesus
10. Teresa Martini	28/08/1915	Domingas de Jesus
11. Justina Soave	27/12/1915	Rosália de Jesus
12. Vitória Secchieri	27/12/1915	- ¹⁰³

¹⁰¹ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

¹⁰² SOSTER, A. (Sor. Gabriella di Gesù). *Intervista*, 8 maggio 1967, AHPSaDP, fld. Interviste.

¹⁰³ Vitória Secchieri não quis vestir o hábito nem mudar de nome; renova os votos não naquele ano, mas no seguinte. Cf. R. ZABEO. *Intervista*, 8 maggio 1967, AHPSaDP, fld. Interviste; e cf. *Formule olografe delle Professioni* [1919-1924], AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti.

13. Josefina Anomi	18/05/1916	_ ¹⁰⁴
14. Páscoa Brutti	28/05/1916	Metilde de Jesus ¹⁰⁵
15. Maria Ferrari	30/05/1916	Pia de Jesus
16. Amália Dal Cengio	15/07/1916	Gaetanina de Jesus
17. Silvia Todesco	04/11/1916	Carmela de Jesus
18. Aida Soster	15/08/1917	Gabriela de Jesus
19. Cesira Ghira	18/02/1918	Melânia de Jesus
20. Maria Busti	21/06/1918	Irene de Jesus
21. Ângela De Mori	06/12/1919	Beatriz de Jesus
22. Maria Germin	-/02/1920	Cecília de Jesus
23. Antonieta Secagno	19/04/1920	Clara de Jesus

Terminada a celebração, Pe. Calábria manifesta ao Pe. Battisti todo o seu desapontamento e, ao saber que fez todas essas mudanças sem interpelar a autoridade eclesiástica, muito amargurado, ordena que ele se dirija quanto antes ao bispo, na cúria de Pádua, para referir-lhe todo o ocorrido, o que ele faz no dia seguinte.

Fica da mesma forma evidente que o Pe. Battisti, aproveitando do abandono do Pe. Calábria aos desígnios da Providência, força a mão, como se pode ver nas seguintes linhas escritas em seu diário espiritual, anotados logo depois daquela cerimônia: *“Hoje viajei de trem para dirigir-me à Casa filial de Este. O Senhor me ajudou de modo todo particular. Lá foi realizada a vestição das Irmãs da Casa. O Senhor, aqui, faz tudo mesmo; eu não queria que as Irmãs tivessem um hábito. No entanto, Ele predispôs tudo de outra maneira. Fiat, fiat, fiat. Fiquei contente e agradei ao grande Dono”*.¹⁰⁶

Mas o Pe. Battisti se preocupa muito com o hábito das Irmãs, por ele idealizado e continuamente aperfeiçoado; tanto que ele acaba vetando o retorno imediato das Irmãs para a Casa de Costozza e justifica esse atraso ao Pe. Pedrollo desculpando-se porque foram necessários ajustes ao novo vestido, que, esclarece, sem o seu consentimento, elas não poderão mais mudar depois: *“Enquanto isso queira perdoar-nos se as nossas Irmãs*

¹⁰⁴ Josefina Anomi *“nunca usou o hábito das Servas dos Pobres: 1- porque na época da vestição ela estava na Casa de Verona; 2- porque filha de pais ignorados; 3- porque pequena e muito disforme”*; de qualquer modo, tinha professado os votos anteriormente, em San Benedetto, no dia 6 de janeiro de 1917 (Cf. G. BATTISTI. *Appunti su persone*, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti su persone 1 e 2).

¹⁰⁵ Páscoa Brutti fez um noviciado mais longo comparado ao das demais Irmãs, emitindo os votos pela primeira vez em 1922 (cf. *Formule olografe delle Professioni* [1919-1924], AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti); deixa de vestir o hábito poucos meses depois da vestição para substituí-lo por outro, mais adequado ao seu papel de “mamãe” dos pequenos.

¹⁰⁶ CALABRIA, G. *Diario 3º Quaderno “Dopo la mia morte”* [1919-1923], 6 gennaio 1921, AHPSaDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 3, b. N 02608.

*estão chegando com um dia de atraso: foi necessário fazer uma modificação no vestido, que não havia como deixar de fazer. E já que estamos falando do hábito delas, parece-me conveniente partilhar também com o senhor que não é permitida nenhuma modificação, por menor que seja, sem a minha licença. Por enquanto me reservei e me reserve o direito de fazer eu mesmo qualquer modificação, ainda que necessária, a fim de excluir todo sentimento individual”.*¹⁰⁷

Outra confirmação do fato de que o Pe. Calábria, no final das contas, é estranho às decisões tomadas pelo Pe. Battisti, que goza de sua plena confiança, é expressa pela sua resposta ao pedido de esclarecimento dirigido pela Senhora Angelina Baldin Secagno, mãe de Antonietta – Irmã Clara, acerca dos votos, do hábito e das *Regras*. Com efeito, ele especifica: *“A Casa de Este está a cargo do seu Superior, o Reverendo sacerdote Pe. Battisti. Ele poderá lhe dar aquelas explicações que a senhora quer sobre o hábito das Irmãs; portanto, eu não saberia como descrevê-lo, já que o vi apenas no dia da vestição. Quanto aos santos votos, além dos três votos, temos o nosso voto especial de total abandono em Deus e na sua Providência; todavia, como lhe disse, a senhora pode se dirigir ao Pe. Battisti, que tem as mais amplas faculdades; ele pode ser considerado o fundador da Casa de Este, agindo e se responsabilizando tanto sobre as Irmãs, quanto sobre os meninos e tudo aquilo que ele achar oportuno fazer no Senhor, para consolidar e estabelecer esta Obra, para a sua maior glória e para o bem da alma”.*¹⁰⁸

Outro elemento que confirma que o Pe. Battisti pretende desenvolver de modo autônomo o ramo das Irmãs é constituído pela escolha do nome, que não parece ter sido feita pelo Pe. Calábria. Pe. Battisti, nos seus escritos, já desde 19 de junho de 1917,¹⁰⁹ começa a usar o nome “*Servas dos Pobres*”, que aparece também no santinho impresso por ocasião da primeira vestição com a renovação dos votos e repetido no ritual para a profissão e renovação dos santos votos,¹¹⁰ seguido desde o dia 6 de janeiro de 1919¹¹¹ e

¹⁰⁷ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 8 gennaio 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

¹⁰⁸ CALABRIA, G. *Lettera a A. Baldin in Secagno*, 28 febbraio 1921, AHPSaDP, fld. Antonietta Secagno.

¹⁰⁹ Cf. G. BATTISTI. *Le Serve dei Poveri*, 17 giugno 1917, AHPSDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti.

¹¹⁰ Esse documento encontra-se no AHPSDP, f. Congregazione/Regligiose, fld. 11, c. 120 Povere Serve, Immagini ricordo/1.

¹¹¹ Testemunho holográfico do Pe. Battisti, escrito no “*Rituale per la emissione e rinnovazione dei Santi voti ad uso delle Serve dei Poveri*”: “*Esse ritualzinho foi usado pela primeira vez pelas Servas dos Pobres em San Benedetto, no dia 6 de janeiro de 1919*” (In: AHPSaDP, fld. Don Battisti 2, c. Scritti riguardo l’Opera delle Sorelle 1).

sem dúvida nenhuma aceito pelo Pe. Calábria. Nos anos seguintes, entretanto, tal denominação não é mais encontrada.

Para reavivar o compromisso de cada uma das Irmãs como adoradora eucarística, o Pe. Battisti sugere que cada uma repita individualmente esta oração: *“Eu, Irmã NN, na presença de Jesus no Santíssimo Sacramento, Esposo da minha alma e meu soberano Senhor, para a glória de Deus e em honra da Imaculada Virgem Mãe de Deus, Maria Santíssima, dos Santos Patronos do nosso Instituto e dos Santos meus Advogados, renovo o voto de pobreza, de obediência e de castidade por mais um ano. Proponho-me viver abandonada com toda tranquilidade à divina Providência, também quanto ao necessário para a vida. E dedico-me à adoração do Santíssimo Sacramento e a toda ação de caridade, segundo as Regras deste santo Instituto”*.¹¹²

Apesar da sobrecarga de trabalho, as Irmãs conseguem encontrar tempo para dedicar à adoração eucarística, pois consideram esse encontro com o Senhor um momento vital do dia, como o testemunha uma delas: *“O grande tesouro e a grande alegria da alma, mesmo sem saber dizer-lhe nada! Ir para lá cansadas, sem conseguir sustentar a cabeça... e sentir o seu grande amor... e desfrutar o fato de tê-lo presente e vizinho”*.¹¹³

Observe-se que, neste mesmo período, o Pe. Calábria está empenhado em elaborar e posteriormente requerer a aprovação das *Constituições* dos Irmãos ao bispo, o Card. Bartolomeu Bacilieri, o qual, embora acompanhe de perto a Obra, não considera que tenha chegado o tempo oportuno. No ano seguinte, exprime o desejo de ver reconhecida canonicamente a Obra ao novo bispo, Dom Jerônimo Cardinale.

O pomo da discórdia

Dentre as dificuldades que surgem no relacionamento com a cúria de Pádua e que progressivamente se tornam mais ásperas não está apenas a questão da herança da Casa de Este,¹¹⁴ mas também a nascente comunidade das Irmãs.

¹¹² *Formula privada*, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti. É repetida nas *Costituzioni delle Serve dei Poveri*, elaboradas pelo Pe. Battisti.

¹¹³ SECAGNO, A. (Sorella Chiara di Gesù). *Lettera a Sor. Meneghetti*, 10 luglio 1924, AHPSaDP, fld. Antonietta Secagno.

¹¹⁴ Sobre essa complicada questão veja-se R. CONA. *La Casa Buoni Fanciulli di Costozza (1919-1929) e di Este (1920-1928)*. In: BUTTURINI, E.; CONA, R.; GECHELE, M. Op. cit., especialmente pp. 461-485.

Sem sombra de dúvida o Pe. Battisti procedeu muito apressadamente à vestição religiosa. Mais tarde o Pe. Calábria lhe escreverá: “*Aquele bendito vestido foi o pomo, o sinal da luta*”.¹¹⁵ E a vestição das Irmãs, de fato, parece ter rompido a relação com a cúria, uma relação que até então era substancialmente positiva. Depois de alguns meses o Pe. Battisti escreveu: “*Estou voltando de Pádua, para onde fui chamado por Dom Todeschini. Esse bispo, que é o vigário geral do bispado para as religiosas, encontra tanta irregularidade nas Irmãs que se deveria impor-lhes imediatamente que parem de usar o hábito enquanto não tenham sido aprovadas, enquanto não vier de Roma o nada obsta para o ato de reconhecimento episcopal...*”.¹¹⁶

A questão começa alguns meses depois da chegada das Irmãs a Este, na Casa do Santíssimo Redentor. A respeito da presença destas o próprio Pe. Battisti faz referência quando, no pedido apresentado à cúria de Pádua para solicitar a permissão de realizar a adoração perpétua à Santíssima Eucaristia, comunica que a adoração “*já foi iniciada pelas piedosas mulheres que estão aqui, consagradas ao Senhor na vida mista e na vida contemplativa*”; também os meninos “*já estão indo, por turnos, nas horas de cada dia, para adorar, para orar a Jesus*”.¹¹⁷

Através de uma carta de 27 de janeiro de 1921 o vigário para as religiosas da diocese de Pádua, Dom Agostinho Todeschini, pede que sejam expostas claramente, por meio de um relatório escrito, as intenções referentes ao Instituto que está sendo formado, qual é o seu objetivo, quem assumirá a responsabilidade pelo mesmo, qual o teor de vida destas que, pelo que lhe foi referido, já assumiram uma forma de hábito comum religioso. O pedido é motivado pelo fato de que, “*pelos votos emitidos e pelo hábito assumido, compreende-se que se trata de uma congregação religiosa*”.¹¹⁸ De fato, segundo as disposições do Direito Canônico, uma casa religiosa não pode ser fundada sem o consentimento da Sé Apostólica e do bispado local, que no caso específico é o da diocese de Pádua. Por conseguinte, o Ordinário local não pode considerar-se estranho ao fato de que, no âmbito da sua diocese, surja uma filial do Instituto e se estabeleça na forma de comunidade religiosa. Retornando posteriormente

¹¹⁵ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 26 agosto 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08291.

¹¹⁶ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 26 settembre 1921, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti di cronaca 2.

¹¹⁷ BATTISTI, G. *Lettera alla Curia Vescovile di Padova*, 15 agosto 1920, BCCE, Archivio del Vic. Gen. per le Religiose Mons. G. Padovan, c. Autorità Civili e Opere Assistenziali, Istituto Don Calabria – Este.

¹¹⁸ TODESCHINI, A. *Lettera a don Calabria*, 27 gennaio 1921, BCCE, Archivio del Vic. Gen. per le Religiose Mons. G. Padovan, c. Autorità Civili e Opere Assistenziali, Istituto Don Calabria – Este.

sobre este tema, o bispo especifica que o Instituto em questão não foi legalmente iniciado em Verona, pois não basta o reconhecimento oral da parte do bispo local, sendo necessário o consentimento na forma prevista pelo Direito Canônico.

Enquanto isso, no dia 23 de janeiro de 1921 o Pe. Battisti dirige-se em visita ao bispo de Verona para comunicar-lhe sobre a vestição das Irmãs, anotando: “*À minha exposição [respondeu] que fizemos bem em fazê-la*”.¹¹⁹

Na carta de 27 de fevereiro de 1921 Pe. Battisti acena ao fato de que está sendo preparado um *Regulamento* para as Irmãs que ele pretende entregar ao bispo de Pádua, após submetê-lo ao Pe. Calábria. Em 1º de novembro de 1921 ele comunica que, por encargo recebido do Pe. Calábria, “*está em estudo e muito próxima a deliberação de uma reforma radical tanto para a parte masculina quanto para a parte feminina desta Obra*”.¹²⁰

No dia 16 de janeiro de 1922, acompanhado pelo Pe. Pedrollo e pelo Pe. Battisti, Pe. Calábria faz uma visita ao vigário para as religiosas, Dom Todeschini, ao qual pede que prepare as *Regras* para as Irmãs; ele, no entanto, dispõe-se apenas a revisá-las, depois que estas forem compiladas por alguém da Casa. A seguir, Pe. Calábria encontra-se com o bispo de Pádua, Dom Luis Pellizzo, e com o vigário geral, Dom Guido Bellincini.

Em 8 de março de 1922 o Pe. Battisti comunica a Dom Todeschini ter expedido para Verona, uns quinze dias antes, para revisão, a norma de vida das Servas dos Pobres, segundo as orientações da Santa Sé.¹²¹ No dia 16 de junho de 1922 Maria Meneghetti – Irmã Gertrude de Jesus, leva a Dom Paccagnella, em Pádua, as *Regras*, para que sejam entregues ao vigário geral, Dom Bellincini, que já as viu e também as retocou em alguns pontos. Este último, por sua vez, as submeteu ao Bispo, cuja aprovação considera garantida. Entretanto, é obrigado a chamar com urgência o Pe. Battisti: o bispo de Pádua não quer nem lê-las, pois a aprovação das *Regras* compete ao bispo de Verona.

No dia 18 de julho de 1922 o Pe. Battisti refere que o vigário geral de Verona, Dom Pighi, comunicou ao Pe. Calábria ter apresentado ao cardeal as *Constituições* das

¹¹⁹ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 23 gennaio 1921, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti di cronaca 2.

¹²⁰ BATTISTI, G. *Lettera alla Curia Vescovile di Padova*, 1 novembre 1921, BCCE, Archivio del Vic. Gen. per le Religiose Mons. G. Padovan, c. Autorità Civili e Opere Assistenziali, Istituto Don Calabria – Este.

¹²¹ BATTISTI, G. *Lettera a Mons. Todeschini*, 8 marzo 1922, BCCE, Archivio del Vic. Gen. per le Religiose Mons. G. Padovan, c. Autorità Civili e Opere Assistenziali, Istituto Don Calabria – Este.

Servas dos Pobres, mas que este respondeu que, não estando nos limites de sua diocese o novo Instituto, não tem nenhuma competência.¹²² Mais uma vez Dom Todeschini pede que lhe seja entregue uma cópia das *Constituições*, fornecendo “*uma informação clara e circunstanciada da natureza da instituição, do fim para o qual foi instituída, dos meios para alcançar esse fim, das diversas classes de pessoas que dela fazem parte, bem como, além disso, quantas e quais obras são por ela abrangidas, a quem ele deve referir-se como fundador, quem é o atual Superior, quem atualmente faz parte da mesma ou esteja se preparando para nesta ingressar, especificando nome e sobrenome, idade, proveniência e data de ingresso no Instituto*”.¹²³ Ademais, encontrando o Pe. Calábria em Verona, Dom Todeschini disse que “*o bispo de Pádua não irá se ocupar das Constituições das Irmãs enquanto não ficar esclarecida a questão do direito de propriedade do ex-patronato*”.¹²⁴

No relatório paroquial referente à visita pastoral feita pelo bispo de Pádua à cidade de Este, dentre as casas religiosas presentes, são indicadas também as “*Irmãs ligadas ao Instituto Buoni Fanciulli, do Pe. Calábria*”.¹²⁵ De fato, por ainda não estar estabelecido, o Instituto não foi visitado pelo bispo.¹²⁶

Às dificuldades com a cúria de Pádua acrescenta-se a questão relativa ao pedido, negado, de celebrar funerais na igreja da Casa do Santíssimo Redentor. Aos meninos falecidos,¹²⁷ Domenico Lorenzi em 8 de fevereiro de 1921 e Otello Bragagnoli em 24 de fevereiro de 1923, acrescentam-se: em 27 de fevereiro de 1922, Ana Bettoni – Irmã Angélica; em 25 de agosto do mesmo ano, Justina Soave – Irmã Rosália; em 1º de janeiro de 1923, Maria Germin – Irmã Cecília; em 5 de julho do mesmo ano, Irmã

¹²² BATTISTI, G. *Lettera a Mons. Todeschini*, 18 luglio 1922, BCCE, Archivio del Vic. Gen. per le Religiose Mons. G. Padovan, c. Autorità Civili e Opere Assistenziali, Istituto Don Calabria – Este.

¹²³ TODESCHINI, A. *Lettere a don Battisti*, Padova, 27 luglio 1922, BCCE, Archivio del Vic. Gen. per le Religiose Mons. G. Padovan, c. Autorità Civili e Opere Assistenziali, Istituto Don Calabria – Este.

¹²⁴ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 27 luglio 1922, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 26 Cronistoria; além disso, veja-se G. BATTISTI. *Appunti di cronaca*, 27 luglio 1922, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti di cronaca 2.

¹²⁵ Cf. *Relazione alla II visita pastorale*, Archivio Capitolare del Duomo Abbaziale – Parrocchia di Santa Tecla, Este, fld. Visite Pastorali 1888-1994, c. II, Visita Pastorale di Mons. Luigi Pelizzo, 12 febbraio 1922, paragrafo IV Case religiose.

¹²⁶ Cf. R. CONA. *La Casa Buoni Fanciulli di Costozza (1919-1929) e di Este (1920-1928)*. In: BUTTURINI, E.; CONA, R.; GECHELE, M. Op. cit., p. 433.

¹²⁷ Além dos nomes citados no registro dos funerais da paróquia, Pe. Battisti anota: “*23 de abril de 1921 – Hoje, à tarde, o primeiro funeralzinho. Desta casa foi levado ao cemitério o corpo do menino de sete anos Ferdinando Brugnoli. [...] 4 de abril de 1922 – Morre o menino Fiaschi*” (BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 23 aprile 1921 e 4 aprile 1922, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 26 Cronistoria).

Josefina Anomi; e, enfim, dois anos depois, em 8 de julho de 1925, Cesira Ghira – Irmã Melânia.

A questão da presença das Irmãs em Este é resumida, na perspectiva do encarregado para a vida religiosa da Diocese de Pádua, nestes termos: *“Foram reunidas no cuidado dos órfãos algumas piedosas mulheres, chamadas Irmãs. Depois de algum tempo, [...], estas Irmãs, tendo crescido em quantidade, adotam um hábito religioso e emitem, por sua própria conta, os votos. Realizada a cerimônia, pediu-se a permissão ao Bispo, o qual [...] manifesta a sua contrariedade e pede aos responsáveis que apresentem razões do fato, convidando-os a tratar regularmente o tema com a autoridade.*

Enquanto isso a Casa amplia as suas finalidades e estabelece um internato para mulheres perdidas e um abrigo para sacerdotes necessitados; após reiterados pedidos, finalmente o sacerdote preposto à Casa apresenta a este Ordinário as Constituições para a nova fundação.

*A partir do exame destas Constituições [...] nota-se que foram seguidos alguns critérios um tanto diversos dos prescritos pelo Código, bem como um conjunto de tópicos pouco regulares, razão pela qual, antes ainda de ir adiante, pareceu-me oportuno entrar em contato com o compilador, advertindo-o de que ao Ordinário bastava conhecer, por ora, a índole do Instituto, a sua finalidade, como também ser informado daquilo que se faz nesta Casa. Passaram-se alguns meses, e agora são apresentadas a este Ordinário, novamente, as Constituições, solicitando-lhe que sejam examinadas”.*¹²⁸

As Constituições redigidas pelo Pe. Battisti

Na tentativa de obter a aprovação canônica do bispo de Pádua, que possui a jurisdição sobre o território no qual está instalada a Casa Santíssimo Redentor de Este,

¹²⁸ Trata-se de uma carta, em rascunho e não datada, mas atribuível a Dom Todeschini. Provavelmente ele pretenda enviá-la à Congregação para a Vida Religiosa, já que no final suscita-se o questionamento para saber se compete ao bispo ordinário julgar uma instituição que, sem o seu conhecimento, introduziu-se na diocese, e da qual até poucos meses atrás ele ignorava inclusive a existência, as finalidades e os meios, ou se ele deveria, em vista das circunstâncias pouco garantidoras do surgimento e do desenvolvimento desse Instituto, entregar o devido relatório à Congregação, a quem compete proceder ao exame da questão, conforme normatizado pelo Código de Direito Canônico (art. 492, c. 1). Cf. *Lettera indirizzata al Reverendissimo Monsignore*, senza data, BCCE, Archivio del Vic. Gen. per le Religiose Mons. G. Padovan, c. Autorità Civili e Opere Assistenziali, Istituto Don Calabria – Este.

Pe. Battisti elabora e apresenta, provavelmente no ano de 1922, à cúria de Pádua, um texto das *Constituições* referentes às Servas dos Pobres.

Esse texto,¹²⁹ no entanto, não é levado em consideração pela cúria de Pádua como documento base para dar início ao itinerário de aprovação do Instituto feminino; aliás, para este fim, o Pe. Battisti é orientado a dirigir-se ao bispo de Verona. As razões que estão na origem desta atitude podem ser variadas, ainda que concomitantes.

Não há uma predisposição de ânimo favorável no encarregado para as religiosas pelo bispo de Pádua, tendo ele levantado algumas contestações do ponto de vista do Direito Canônico sobre a atuação do Pe. Battisti ligadas ao Instituto religioso feminino a ser erigido.

Provavelmente não são totalmente ignoradas pela cúria as primeiras críticas provenientes de setores da cidade de Este com relação à herança dos imóveis daquele patronato. A este propósito, com toda probabilidade existe a tendência de se considerar a Casa Santíssimo Redentor de Este, mesmo estando sob a direção do ramo feminino, uma simples filial da Casa Buoni Fanciulli, de Verona.

Antes de ilustrar alguns aspectos das *Constituições*, redigidas pelo Pe. Battisti, convém perguntar-se: estas, na evolução da codificação referente às Irmãs, podem ser vistas como um texto que se torna operativo, ainda que por um período limitado, e que mais tarde irá contribuir, passando por sucessivas etapas, para a definição final das *Regras/Constituições* daquela que será posteriormente a futura congregação?

A partir de uma análise mais aprofundada do *Regulamento* elaborado mais adiante, em 1928 e em 1935, temos a impressão de poder responder negativamente à questão. Entretanto, aquele texto normativo possui alguma importância na medida em que permite conhecer as ideias do Pe. Battisti referentes ao Instituto feminino da Obra e, com toda probabilidade, reflete as características e a organização que ele pretende concretizar em Este no começo da segunda década do século XX, seguindo um projeto totalmente pessoal.

O documento, claramente estruturado segundo o Código de Direito Canônico de 1917, é formado por duas partes, totalizando 350 regras. A primeira, composta de nove capítulos, contendo 187 regras, refere-se à “*natureza do Instituto, dos seus membros e*

¹²⁹ *Costituzioni delle Serve dei Poveri*, AHPSaDP, fld. *Costituzioni* 1, c. Regole “Sorelle”. O fascículo manuscrito, de 32x22cm, é composto de 121 páginas, não numeradas. Do ponto de vista ortográfico, o documento é muito bem feito. Não apresenta qualquer tipo de correção. Todas as citações feitas no presente parágrafo são extraídas desse documento.

do modo de vida". A segunda, composta de 17 capítulos com 163 regras, trata do "governo e da estrutura do Instituto".

A estruturação do presente estudo não permite abrir espaços para o comentário dos vários aspectos das *Constituições* de 1922. Mas é preciso destacar que, no primeiro capítulo, intitulado "Do fim do Instituto e dos seus celestes donos", é especificado o nome do Instituto e conseqüentemente das religiosas, que é indicado na expressão "Servas dos Pobres".

No primeiro capítulo é indicado também o fim específico do Instituto, que resulta ser dúplice:

1. A adoração perpétua, diurna e noturna, do Santíssimo Sacramento;
2. A guarda e a educação das almas ao amor de Jesus, desde a sua primeira idade.

Para atingir este segundo fim o Instituto "*não se servirá apenas de todo meio espiritual, mas, confiando sempre na Providência divina, fundará institutos, escolas, patronatos e todas aquelas obras que podem servir para alcançar o escopo pré-estabelecido*".

A quarta regra especifica que o segundo objetivo, isto é, "*A custódia e a educação das almas ao amor de Jesus*" pode atingir também pessoas adultas: "*O Instituto se ocupa também das mulheres adultas de qualquer estado e condição, que sintam a necessidade de retirar-se por algum tempo para o bem da alma*".¹³⁰

Dentre as finalidades expostas no primeiro capítulo não se encontra qualquer referência à colaboração com os Irmãos nas Casas Buoni Fanciulli, a qual representa, em ordem cronológica, uma das primeiras motivações pelas quais nasceram as Irmãs.

Enfim, a quinta regra do primeiro capítulo retoma aquilo que nas *Regras/Constituições* dos Irmãos é considerado o fim peculiar do Instituto: "*Este obriga-se a estimular em todos, com o seu exemplo, a mais viva fé na Providência divina, mediante a prática de um total abandono na mesma santíssima Providência, também no que diz respeito ao necessário para a vida, em conformidade com essas Constituições*". Também esta última regra, se considerarmos estritamente o teor das palavras, apresenta-se como uma finalidade, mas não é, na codificação do autor, "a" finalidade.

¹³⁰ Trata-se, pelo menos em referência a uma parte das "acolhidas", de uma circunlocução de caráter eufemístico, utilizada pelo redator das *Constituições* para não ser obrigado a usar um termo mais forte, como poderia ser o de "prostituta", que soaria difamador para a interessada, podendo também atrair a curiosidade e fomentar comentários maldosos nas pessoas exteriores à instituição.

No segundo capítulo encontramos, inesperadamente, uma divisão em classes, certamente estranha ao pensamento do Pe. Calábria, o qual, ao longo de sua vida, luta e sofre muito para poder obter da Igreja a paridade jurídica entre os sacerdotes e os religiosos Irmãos. Na regra 7, de fato, encontramos: “*O Instituto está dividido em duas classes de religiosas. Todavia, estas formam uma só família e não se distinguem entre elas a não ser pela diferença de ofício. As adoradoras tem a obrigação do coro; e a elas exclusivamente compete a voz ativa e passiva. As ativas são para os ofícios comuns e não têm a estrita obrigação do coro*”.

Não se concede a paridade efetiva entre as irmãs “adoradoras” e as irmãs “ativas”, pelo que se pode entender, porque, pela norma das *Constituições*, só as primeiras têm voz ativa e passiva no governo do Instituto. Isso é implicitamente reafirmado, de fato, quando, na oitava regra, estabelece-se que a passagem de uma classe à outra não é admitida após a profissão.

As regras 9 e 244 disciplinam, de uma forma que não fica muito clara, as relações entre as Servas dos Pobres e o seu Fundador, definido também como Superior geral do Instituto feminino, mas com competência jurídica restrita unicamente ao encargo de primeiro conselheiro da Superiora geral.¹³¹

É verdade que, na linguagem teológica daquele tempo, ainda não se recorria à categoria teológica de “carisma”, mas é verdade também que aqui nem se acena à necessidade da custódia do carisma, embora esta última realidade seja expressa de outra forma.

O capítulo quinto, com nada menos do que 13 disposições, fala de forma minuciosa para não dizer pedante da veste a ser usada, apresentada como uma divisa religiosa. Trata-se de uma ideia fixa do Pe. Battisti, que nesta parte das *Constituições* pode dar livre respiro à sua criatividade, não isenta de uma visão negativa da mulher, considerada nas expressões físicas da sua corporeidade como ocasião de pecado.

O capítulo oitavo diz respeito aos votos religiosos, que podem ser temporários ou perpétuos. Na regra 63 é reproduzida a fórmula da profissão religiosa; a 65 prescreve que todas as professoras, tanto de votos temporários como de votos perpétuos, devem renová-los todo ano, por devoção, com uma fórmula que é indicada, na solenidade da Epifania de Nosso Senhor ou na da Assunção de Maria Santíssima.

¹³¹ Em base ao número 148 das *Regras*, por exemplo, não são isentos do controle da priora da Casa onde as Irmãs se encontram as cartas eventualmente endereçadas ao Superior Geral da Casa Buoni Fanciulli, ao contrário do que está prescrito em relação às cartas endereçadas à Superiora geral, às Assistentes gerais e ao Ordinário ou à Santa Sé.

As acolhidas que ingressaram em Este

Com base na documentação disponível, não é possível reconstruir uma lista completa das acolhidas e das agregadas que entraram na Casa Santíssimo Redentor, de Este. As acolhidas são vigiadas a partir do dia 9 de fevereiro de 1920 pela Irmã Gabriela – Aida Soster. No grupo estão presentes muitas das que entraram entre 1914 e 1919, às quais foram acrescentados outros nomes que constam dos escritos do Pe. Battisti. Nas suas numerosas cartas e nos seus vários apontamentos ele cita muitos nomes, que frequentemente aparecem uma vez só.

É provável que também o número das acolhidas e das agregadas, da mesma forma que o das postulantes e noviças, seja decisivamente maior do que o documentado.

Acolhidas que ingressaram entre 1920 e 1924:

NOME	DATA DE NASCIMENTO	ENTRADA NA CASA	IDADE
Natalina Bendazzoli	24 de dezembro de 1882	10 de novembro de 1919	37
Luisinha Gina Menegotti	5 de fevereiro de 1916 (de pais ignorados)	24 de janeiro de 1920; em 22 de outubro de 1923 deixa a Casa e vai para a casa da senhora Bardellini	4
Cândida Calgaro	18 de abril de 1877	28 de outubro de 1920	43
Sabina Vater ¹³²	31 de agosto de 1885 (de pais ignorados)	10 de novembro de 1919	34
Maria Cornolò ¹³³	10 de junho de 1868	12 de dezembro de 1922	54
Ágata Cornolò	11 de junho de 1874	12 de dezembro de 1922	48
Luisa Zuanazzi	4 de novembro de 1866	14 de abril de 1924	58
Noemi Zuanazzi ¹³⁴	25 de maio de 1877	14 de abril de 1924	47

Outras acolhidas:

NOME	OBSERVAÇÕES
------	-------------

¹³² Acolhida, cega, que se encontra na Casa Buoni Fanciulli; presta serviço dedicando-se a trabalhar na pia, orgulhosa de nunca ter quebrado um só prato. Morre em 21 de janeiro de 1967.

¹³³ É uma acolhida, fisicamente não muito normal. Fica com as Irmãs até a morte, ocorrida em 11 de setembro de 1951.

¹³⁴ Por trinta anos trabalha na Casa Buoni Fanciulli, dedicando-se especialmente ao setor dos Estudantes; muitos sacerdotes lembram-se dela como uma mãe. Morre no dia 20 de novembro de 1954.

Alice Valente	Arrependida, tem uma filha de dez anos; de janeiro de 1921 a fevereiro de 1924 entra e sai várias vezes
Ernesta Bianchini	Foi dispensada em 20 de abril de 1920
Rina Pisanin	De Treviso, grávida, é acolhida por um mês, de 28 de abril a 31 de maio de 1920
Iolanda Toschi	Sai em 31 de julho de 1920
Teresa Stagni	Em 9 de março de 1921 se despede e sai da Casa; em 1 de junho de 1921 retorna, mas não pode permanecer porque pessoa muito perigosa
Maria Borin	Sai em 3 de abril de 1922; em 20 de junho de 1922 é novamente aceita porque estaria correndo perigo em sua casa
Carolina – Carlotta Borin	Entra em 2 de agosto de 1920; sai em 3 de abril de 1922
Elvira Teofila Andreoli	Em 22 de outubro de 1923 deixa a Casa e vai para a casa da senhora Bardellini
Rosa Francescano	Viúva. Não está claro se no dia 18 de setembro de 1923 ela vai para a Casa de San Michele ou fica com as Clarissas
Virginia Zenati	

Os horários do dia

No verão de 1921 a jornada das Irmãs é demarcada pelos seguintes horários: despertar às 4h30, meditação às 5h10; santa missa às 6h, café da manhã às 7h, visita com exame de consciência às 7h20. O trabalho começa às 7h30, com previsão de um período de meia hora para recreação às 10h. Seguem-se, às 11h45, *Angelus*, oração e exame de consciência; das 12h às 12h45, almoço. Visita e repouso até às 14h, que nos dias festivos é até às 15h. O trabalho é retomado às 14h, com um intervalo de 15min às 16h15. A seguir, janta às 18h e presença na igreja às 18h30, recreação às 19h30, últimas orações e leituras às 20h30.

No mesmo período, para as acolhidas, o despertar está fixado para as 5h10, a santa missa às 6h, a meditação às 7h, o café da manhã às 7h30 e o trabalho às 8h. Seguem-se: na igreja às 11h, almoço às 11h45, recreação às 12h30, visita às 13h30, trabalho às 14h, recreação às 16h, novamente trabalho às 16h30, janta às 17h45, na igreja às 18h, as últimas orações às 19h, recreação às 19h20 e o repouso às 20h30.

Também para os meninos o despertar está fixado para as 5h10, a santa missa às 6h, o café da manhã às 7h; depois da recreação, começam as aulas das 8h até às 10h30.

Às 11h20 vão para a igreja e almoçam às 11h30; a recreação está prevista das 12h às 14h; depois disso, retomam-se as aulas das 14h às 15h30. Seguem-se as orações às 16h30, a janta às 17h30 e o repouso às 19h30.¹³⁵

O fechamento do setor “Irmãs” da Casa de Este

Neste período a assistência de aproximadamente uma centena de meninos fica a cargo de modo particular das seguintes Irmãs: Rosina Fornasiero – Irmã Inocência, Ângela De Mori – Irmã Beatriz, Páscoa Brutti – Irmã Metilde, Cesira Ghira – Irmã Melânia. Mestra das noviças é Antonietta Secagno – Irmã Clara, que continua a formação de pelo menos uma dezena de Irmãs que entraram na Casa Santíssimo Redentor, na seguinte ordem:

NOME	ENTRADA
Josefina Teresa Nalato ¹³⁶	02/07/1920
Regina Zabeo	02/02/1920
Malvina Zamperetti	03/08/1920
Maria Bianchini	03/09/1920
Maria Gagliardo	01/10/1920
Maria Assunta Contin	20/11/1920
Josefina Centa	07/12/1920
Angelina Centa	07/12/1920
Lia Baesso	01/02/1921
Itália (Adélia) Fantato ¹³⁷	08/05/1921
Maria De Lorenzo	22/08/1921

A busca do reconhecimento diocesano das Irmãs impulsiona o Pe. Calábria a agir: “Fui a Este para organizar algumas coisas em relação às Irmãs, que não estão em dia com a cúria de Pádua. Espero, com a ajuda de Deus, obter algum resultado”.¹³⁸ Em vista de tal aprovação, o Pe. Battisti preparou as *Constituições* e as enviou ao bispo de Pádua, mas como resposta recebeu a seguinte carta: “*Reverendo Padre, sua presença*

¹³⁵ BATTISTI, G. *Orario anno 1921*, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti.

¹³⁶ Na realidade é chamada de Irmã Teresa.

¹³⁷ Este segundo nome não aparece na certidão de nascimento, mas de fato é chamada de Irmã Adélia.

¹³⁸ CALABRIA, G. *Diario 3° Quaderno “Dopo a mia morte”* [1919-1923], 20 gennaio 1922, AHPSaDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 3, b. N 02608.

*é solicitada em Pádua para tratar das Regras. Apresente-se a Dom Bellincini, vigário geral, pois há uma complicação das coisas Pádua-Verona. Venha logo... ”.*¹³⁹

Mesmo não tendo delineado claramente a finalidade das Irmãs, o Pe. Calábria vai amadurecendo a ideia de que elas tenham autonomia; neste sentido, quer que elas disponham de uma sede, como o revela esta passagem de uma das várias cartas enviadas ao Pe. Battisti: *“Espero que a Providência mande uma Casa para as Irmãs ad hoc;*¹⁴⁰ *enquanto isso, oremos e sejamos instrumentos dóceis em sua mão”.*¹⁴¹ E volta a afirmar: *“O meu pensamento seria o de ver as Irmãs em Verona ou na região, mas sozinhas e bem estabelecidas”.*¹⁴²

Tendo como pano de fundo os problemas ligados à herança recebida, a troca de correspondências entre o Pe. Calábria e o diretor das Irmãs, sobretudo desde os primeiros dias do ano de 1923 e ao longo de todo aquele ano, concentra-se quase que exclusivamente sobre a presença delas e dos meninos na Casa de Este. No Pe. Calábria começa a tomar corpo uma dúvida sobre o fato de que as Irmãs, talvez, não sejam chamadas a servir os meninos. A este propósito, eis algumas reflexões: *“É evidente que em Este são necessárias posturas mais claras, as Irmãs mais separadas, não estou certo de que o Senhor queira os meninos; é claro que eu insisto e meu parecer é positivo quanto às oficinas, bem como sobre o fato de que as Irmãs desenvolvam o seu espírito sozinhas. [...] Os meninos que vieram de Este, como já lhe disse, têm alguns problemas e pequenos vícios; são muito grandes, e as Irmãs não são adequadas”.*¹⁴³ *“Quanto a Este, sinto que o Senhor quer algo de especial, e as Irmãs, ao que me parece, devem ter uma missão que não a de cuidar dos meninos; ou então, apenas em pequena parte; continua em mim o pensamento de transplantar a planta de Este; ore, ore, ore”.*¹⁴⁴ *“Caro Pe. Battisti, adoremos em tudo e sempre os desígnios da Providência também referentes a Este. Que o Senhor está amadurecendo os seus desígnios, eu o sinto de modo todo particular; cabe a nós sermos instrumentos dóceis e humildes nas suas mãos para fazer em tudo e sempre a divina vontade e assim chegar ao santo paraíso. E o*

¹³⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Paccagnella*, 19 giugno 1922, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti.

¹⁴⁰ A expressão latina “ad hoc” significa, literalmente, “para isso”.

¹⁴¹ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 10 dicembre 1922, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08303.

¹⁴² CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 24 aprile 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08278.

¹⁴³ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 13 gennaio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08268.

¹⁴⁴ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 28 febbraio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08273.

senhor, meu caro Pe. Battisti, o que acha de Este? Quais modificações? As Irmãs sem meninos, ou com meninas? Em Este ou em Verona? Ou em outro lugar? Em Este uma pequena semente? Ore e me diga o que o Senhor lhe diz”.¹⁴⁵

Pe. Calábria dirige estas palavras dramáticas ao Pe. Battisti: *“Recomendo-lhe muito, muito mesmo, que veja o que deve ser feito e de dar os passos segundo a Providência; se for o caso, diminua o número de meninos, particularmente aqueles que não se comportam bem e que não correspondem; também eu faço assim aqui; creio que restarão poucos na Obra, mas estes se transformarão em sementes de plantas vigorosas e estáveis. Ouvei indiretamente algumas desaprovações por parte de pessoas religiosas referentes à junção meninos, Irmãos e sacerdotes; temo alguma visita imprevista das autoridades; talvez seja melhor que nos antecipemos; para isso, ore e peça orações, muitas. Da última vez fiquei muito impressionado com o triste estado de saúde de várias Irmãs; também quanto a isso procure ver se os ares nativos não seriam bons para elas”*.¹⁴⁶ Portanto, chegou aos ouvidos do Pe. Calábria alguns boatos que as más línguas começaram a fazer circular sobre a presença concomitante no interior da Casa de crianças e de adultos, e ele começa a se dar conta da necessidade de prevenir, na medida do possível, a evolução para outras acusações. E estas críticas, relevadas também na inspeção¹⁴⁷ à Casa de Este realizada em 17 de maio de 1923 pelo delegado diocesano para as religiosas, Dom Agostinho Todeschini, confirmam a inconveniência de que se dê assistência ao mesmo tempo a grandes e a pequenos.

Percebendo que a situação vai se complicando sempre mais e com muita probabilidade na tentativa de responder positivamente às reclamações da cúria de Pádua, o Pe. Calábria começa a acenar com a hipótese de um corte claro, que vai se delineando como a única solução possível à intrincada situação na qual ele acabou infelizmente se encontrando. Suas palavras são palavras sofridas; de fato, afirma: *“Nunca como agora sinto que precisamos purificar e santificar Este; são absolutamente necessários cortes, que serão dolorosos, mas é obrigatório fazê-los para salvar, se ainda tivermos tempo, a planta, e assim poupar lágrimas à Santa Mãe Igreja, dando lugar aos grandes desígnios de almas que o grande Dono quer. Poucas Irmãs,*

¹⁴⁵ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 13 marzo 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08274.

¹⁴⁶ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 18 aprile 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08276.

¹⁴⁷ Numa folha não intitulada, protocolada com o n° 2565, sem data, comunica-se sobre a realização da visita. Junto ao BCCE, “Archivio del vicario generale per le religiose mons. G. Padovan”, no envelope “Autorità Civili e Opere Assistenziali, Istituto Don Calabria – Este”, são conservadas as anotações feitas Dom Todeschini durante a referida visita.

*poucos Irmãos, talvez dois ou três, mas como os quer o Senhor; e o mesmo vale para os meninos. Já não sei bem, mas faz tempo que eu acho que os meninos devem passar para um segundo plano. O senhor, meu caro Pe. Battisti, prepare o terreno para quando eu chegar em Este; examine, observe as Irmãs que não têm o espírito da Obra, que têm uma saúde precária ou para as quais a vida comunitária não ajuda; veja também aqueles jovens que têm parentes e que eventualmente poderiam acolhê-los, bem como os que não correspondem aos desígnios de Deus. Quanto àquelas Irmãs que possuem simpatias e amizades particulares, evidentemente devem ser dispensadas; são a ruína da Obra; recomendo-lhe: seja muito rigoroso”.*¹⁴⁸ E uma semana depois, referindo-se a alguma das Irmãs que ainda não internalizou aquele espírito que ele próprio havia intuído como carisma, por meio de uma carta, transmite ao Pe. Battisti algumas determinações precisas: *“Caro Pe. Battisti, não espere para tomar as decisões adequadas; além disso, meninos só até aos 6 anos; mais do que isso, não; o senhor, com prudência, procure mandar para casa os meninos que passaram dessa idade. Quanto às Irmãs, compreendi que elas não estão imbuídas do espírito e que a aprovação será impossível se não mudarem”.* A seguir, sugerindo prudência no caso das calúnias surgidas contra as Irmãs, Pe. Calábria continua: *“Eu lhe digo aquilo que eu já disse: com prudência, procure afastar todas aquelas Irmãs, ou melhor, noviças, que podem ser afastadas; quanto às Irmãs que restarem será necessário analisar a forma de colocá-las em outra Casa ou separá-las, algumas em Costozza, outras em Verona; claro que no meio de tudo isso está aquele bendito hábito; de qualquer forma, não permita que nenhuma Irmã [...] esteja com o senhor quando estão trabalhando; foi providencial a ordem que lhe dei de não mais confessar; se não tivéssemos feito isso os problemas seriam ainda maiores. Isso, parece-me, precisamos fazer de imediato; quanto ao mais, vamos aguardar ordens. [...]*

*Na minha visão das coisas, é claro que Este deve se tornar ou totalmente masculina, com as Irmãs trocando de lugar, ou totalmente feminina, mas com critérios novos; isso para obter a aprovação, a qual, pelo que eu pude entender, ainda está longe”.*¹⁴⁹ E assim, ao contrário do que havia sido previsto inicialmente, a filial do Redentor de Este, além de reduzir o número de hóspedes, fica destinada exclusivamente àqueles mais a meninos maiores, que podem ser atendidos por um pessoal unicamente

¹⁴⁸ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 12 maggio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08280.

¹⁴⁹ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 20 maggio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08283.

masculino. De outro parecer é o Pe. Battisti, que concebe a Casa de Este destinada ao cuidado de meninos pequenos, aos quais ele próprio havia se dedicado antes mesmo de entrar na Obra.

A estas dificuldades acrescenta-se bem depressa a indiferença ou até mesmo a hostilidade em relação a uma comunidade feminina que se dedica a um número crescente de meninos. A situação precipita-se quando o Pe. Calábria é informado por Dom Todeschini dos resultados produzidos pela inspeção feita na Casa de Este; em particular são contestados os métodos educativos adotados e a situação financeira, caracterizada por substanciais dívidas contraídas, o que acaba levantando algumas suspeitas sobre a gestão econômica. Além disso, começam a serem ouvidas algumas calúnias, como observa o próprio Pe. Calábria: *“Para as Irmãs, eu creio que seja necessário mesmo um pequeno setor à parte, poucas, mas de espírito; até para acabar com uma impressão que me parece ter colhido nas palavras de Dom Todeschini, ou seja, de que todas as Irmãs são sustentadas pelos meninos; mas também neste caso é preciso orar”*.¹⁵⁰ Portanto, Pe. Calábria repete para o Pe. Battisti: *“O senhor, com a sua prudência, analise e veja todas aquelas noviças que não têm vocação ou pouca saúde, como também todos aqueles meninos acima de 6 anos que podem ser dispensados; eu sei, é bem doloroso; mas se a Providência não vier ao nosso encontro de outra forma, isso será necessário”*.¹⁵¹

Os problemas atinentes à veste usada pelas Irmãs e à herança do patronato, unidos às calúnias que circulavam localmente, acabaram criando, no relacionamento com a cúria de Pádua, uma ruptura insanável; acrescenta-se, além do mais, o caráter ríspido e pouco conciliador do Pe. Battisti, apesar dos apelos do vigário geral e administrador apostólico da diocese de Pádua, Dom Longhin. Foi por isso que, enquanto o próprio Pe. Battisti se dava conta de que poderia acabar perdendo o seu cargo,¹⁵² Pe. Calábria, com maior determinação, tomou algumas decisões: *“Caro Pe. Battisti: anteontem e hoje pela manhã chegaram as Irmãs, as quais me causaram ótima*

¹⁵⁰ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 29 maggio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08282.

¹⁵¹ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 9 giugno 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08284.

¹⁵² Cf. o que escreve a respeito G. BATTISTI, *Appunti di cronaca*, 18 giugno 1923, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 26: *“Estão pensando em me tirar daqui. Declaro-lhe, todavia, que devido à escassez da minha saúde não poderei sequer prestar-me para aquela atividade de trabalho que eu tinha na Casa Matriz no passado; [...] eu dizia que quando a Casa foi aberta havia grandes dívidas aqui num total de 90.000 liras, das quais 30.000 em questões referentes à Casa de Verona [...] e o restante devido a material militar adquirido, do qual algo (caixa de roupas) foi mandado para Verona anteriormente”*.

impressão pelo seu espírito e pelo abandono; logo foram para suas destinações, e espero que, com a ajuda de Deus, correspondam e mantenham viva a chama do setor das Irmãs, o qual, embora presentemente disperso, depois se reunirá para se tornar mais compacto e mais forte, a fim de sustentar as provações e cumprir os desígnios da Providência. [...]

*Nesta manhã recebi novamente uma carta pela qual eu entendi que as Irmãs não devem absolutamente permanecer. [...] Com prudência, envie para casa, devido à saúde, aquelas Irmãs que o médico julgar não aptas para a comunidade. As Irmãs de hábito e que correspondem devem ir para Costozza; aqui em Verona, cinco Irmãs sem hábito. Teófila e a outra companheira pode mandá-las para a senhora Bardellini. Os meninos que o senhor puder, mande-os para casa. Tudo isso com grande prudência e lentamente [...]. E o que faremos em Este, nem eu sei. Veremos que continuidade e que desígnios a Providência nos indicará; o certo é que, como lhe disse, trata-se de um terreno ingrato; mas Deus cumprirá os seus desígnios assim mesmo”.*¹⁵³ E poucos dias depois volta a repetir: *“Com prudência recomendo-lhe que dispense os meninos que não correspondem e as Irmãs de pouca saúde e de pouco espírito. Entendo a sua dor e a sua delicada posição, mas Deus o ajudará: é a sua vontade. Da mesma forma, identifique aquelas Irmãs que seriam aptas para Verona e para Costozza”.*¹⁵⁴

Não mais do que quinze dias depois segue outra carta do Pe. Calábria ao Pe. Battisti: *“Anteontem, aqui em Verona, recebi a sua carta, e entendi a impossibilidade de enviar as Irmãs com hábito para Costozza; parecia-me que esta seria uma providência para as Irmãs já que... se aproxima, a passos largos, o momento em que devo mandar um relatório a Pádua, onde percebo demandas que aguardam respostas, onde se está esperando, e onde se tem a disposição de chegar a decisões; a Providência permitiu de outra forma, e fiat. É verdade, caro Pe. Battisti, que é preciso pôr mãos à obra de uma vez por todas e agir, sobretudo quanto às Irmãs que usam hábito: ou mandá-las para qualquer outro lugar ou encontrar outra alternativa; já se sabe que Este não é um lugar adequado e que Deus não quer que lá esteja o setor das Irmãs; e nós devemos dizer: fiat, fiat. Peço-lhe encarecidamente, com toda prudência, que continue a dispensar os meninos, particularmente aqueles que têm parentes e que não*

¹⁵³ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 20 giugno 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08285.

¹⁵⁴ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 24 giugno 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08286.

correspondem, assim como as Irmãs, ou melhor, as noviças, que não têm saúde ou que não correspondem. [...]

*O que o Senhor quer em Este, veremos; poderia ser também uma Casa masculina; mas por agora, como não pude ainda ir a Brescia, recomendo-lhe aquela pequena comunidade, que eu espero que seja a grande semente; faça aquilo que pode e ouça este pobre padre; no paraíso, bendiremos eternamente a Deus”.*¹⁵⁵

O Pe. Calábria se preocupa com as Irmãs; tanto é verdade que exorta novamente o Pe. Battisti a escrever um pequeno regulamento, como se pode ver nestas linhas: *“Quanto às Irmãs, por enquanto oremos; creio que se nós seguirmos docilmente o caminho de Deus o resultado será grande glória para o próprio Senhor e grande bem às almas; é uma questão de tempo. [...] A propósito, já preparou aquele pequeno regulamento ou horário? Procure escrevê-lo, exortando-as a perseverar com fé, pois estão ligadas a elas grandes coisas”.*¹⁵⁶ É evidente que a situação criada em Este acaba também influenciando na possibilidade de obter a aprovação, na medida em que a autoridade paduana não parece disposta a reconhecer a presença das Irmãs na diocese.

Impossibilitado de ir a Este, Pe. Calábria espera que, apesar do recrudescimento da tempestade, o Senhor esteja preparando um futuro melhor para as Irmãs: *“Não creia, entretanto, que eu não lembre e não tenha em meu coração Este; pelo contrário, para mim é uma grande preocupação enquanto não a vir no lugar que o Senhor a quer e para este fim rezo e sofro. O senhor esteja bem animado e não se preocupe, [...] eu espero, aliás, tenho certeza, que o setor das Irmãs sairá muito bem, totalmente purificado, da tempestade que o Senhor permitiu. Certamente no momento é necessário dispersar para depois congregar, para depois unir onde o Senhor quiser. Aquela bendita veste foi o pomo, o sinal da luta, que todavia o bom Deus, com a sua graça, conduzirá para o bem, com toda certeza, e isso para a sua maior glória e para o bem das almas. O senhor, caro Pe. Battisti, vigie, vigie; é absolutamente necessário afastar aqueles que não correspondem; [...] de qualquer forma, vigie sempre e, na medida das suas possibilidades, limite o número de meninos, pense em Brescia, que é uma verdadeira Providência, mas tudo isso com calma, com uniformidade à vontade de Deus. Estamos em batalha, o comandante deve manter-se no seu lugar e deve trazer o triunfo, a vitória. [...] Quanto mais rezo, quanto mais penso, parece-me que seja*

¹⁵⁵ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 5 luglio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08288.

¹⁵⁶ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 10 luglio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08289.

vontade do Senhor que Este seja Casa masculina e que as Irmãs, se mantiverem o espírito, surgirão em outro lugar”.¹⁵⁷

Ao contrário, o Pe. Battisti parece estar cheio de confiança ou no mínimo contando com a possibilidade de que as Servas dos Pobres possam, de algum modo, continuar a sua obra: “*Estamos lhe esperando. Venha, e nos traga alguma boa notícia; isto é, que as Irmãs com hábito possam entrar em Verona e que possam permanecer na assistência desta Casa*”.¹⁵⁸

A mudança de gestão

A crítica feita por Dom Todeschini, sem pretender aqui entrar no mérito, confirma a inconveniência, já suscitada e partilhada, de que sejam atendidos conjuntamente meninos grandes e pequenos. Assim, sempre obediente à vontade do bispo, Pe. Calábria toma as seguintes decisões: “*Em Este, só as Irmãs necessárias, sem hábito, para ajudar no setor masculino, e estas totalmente separadas; as demais Irmãs em Verona, e as que usam hábito em Costozza, de modo que a Casa se torne masculina. A Providência, de modo tão claro, nos fala e nos mostra o caminho também com o novo chamado à cidade de Brescia; em Verona, por agora, com o ar que sopra na Casa-Mãe, nada; Deus pensará em colocá-la se nós obedecermos em tudo àquilo que Deus quer*”.¹⁵⁹ No dia 7 de setembro de 1923 “*o Superior chama todas as Irmãs com hábito e lhes anuncia a próxima reforma da Casa. Afirma que devem estar dispostas a tudo; alguma delas inclusive a deixar de usar temporariamente o hábito...*”.¹⁶⁰ Transmite-lhes a deliberação de transformar a Casa de Este em Casa masculina; por consequência, também para poder reduzir as dívidas, será necessário dispensar os meninos com idade compreendida entre os 2 e os 6 anos, enquanto que os demais não deverão superar o número de cinquenta. A este respeito, o Pe. Battisti fica muito triste em ter que mandar

¹⁵⁷ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 26 agosto 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08291.

¹⁵⁸ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 15 agosto 1923, AHPSDP, f. Religiosi Defunti, fld. 4, c. 3/3, corrispondenza a don Calabria [1922-1923].

¹⁵⁹ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 21 agosto 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08290.

¹⁶⁰ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 7 settembre 1923, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 26 Cronistoria.

para casa 38 menores ao todo; intercedendo por eles anuncia que, se eles não puderem permanecer na Casa, ele também não vai ficar.¹⁶¹

Além disso, o Pe. Calábria decide que fiquem em Este apenas as noviças necessárias para os serviços de cozinha e roupeiro, enquanto que as Irmãs sejam transferidas para outras sedes, o que foi acontecendo gradualmente ao longo da segunda metade do ano de 1923.

A propósito, escreve ao Pe. Battisti: *“Quanto a Este fica estabelecido in Domino aquilo que combinamos, ainda mais que escrevi ao bispo e também ao vigário geral que, para a festa do Santo Rosário, tudo estará pronto e Este será filial masculina; [...] e quanto mais eu penso mais vejo nisso verdadeiramente o dedo de Deus; haverá cortes, haverá dores, mas tudo isso vai trará a vida. Portanto: em Este fiquem apenas 8 Irmãs sem hábito, e estas na casinha, onde estão os Irmãos; as outras, que não têm vocação ou saúde, sejam mandadas para casa, para Verona, para Brescia e para Costozza; sejam separadas as demais, enviando para Costozza as que usam hábito. Os meninos sejam reduzidos a uma comunidade abaixo dos cinquenta; os pequenos e os restantes sejam mandados para os seus locais de origem; a seguir, veremos aquilo que o Senhor irá querer. Quanto à adoração, por enquanto, por um período de experiência, faça-se como havia sido estabelecido, pelos meninos, em turnos”*.¹⁶² A seguir, o Pe. Calábria retoma a questão das Irmãs com mais detalhes: *“Para Costozza deverão ir as Irmãs que usam hábito que, por prudência, não podem agora deixar de usá-lo, como é o caso da Irmã Vincenzina, da Irmã Clara e de algumas outras. Este é o ano da sistematização; sigamos a Deus, a sua vontade, e basta”*.¹⁶³ E acrescenta estas outras

¹⁶¹ Com data de 11 de setembro de 1923 Pe. Battisti escreve: *“Passei a noite insone e oprimido por mil pensamentos. Dispensar treze pequeninos, dos 2 aos 6 anos, me comoveu e me perturba de forma extraordinária. [...] Peço, imploro ao Superior, que tenha piedade destes pequeninos. Sugiro que não sejam eles a serem lançados ao mundo, mas, se for o caso, que seja eu. Se os meninos não podem permanecer na Casa, nem eu me sinto em condições de fazê-lo. De modo que, se para esta solenidade do Santo Rosário eles terão retornado para o seu lugar de origem, eu [...] vou me colocar à disposição do meu Ordinário, deixando a Casa. Em nota acrescento que, quando eu estiver em Verona, segunda-feira próxima, para dirigir-me a Brescia, não voltarei para cá se antes não tiver exposto ao bispo a minha provação, a minha tribulação, e vou fazer o que ele me disser”* (BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 11 setembro 1923, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 26 Cronistoria). Com data de 13 de setembro de 1923, tendo recebido uma resposta evasiva do Pe. Calábria, acrescenta: *“Volto a escrever que não posso permanecer enquanto trinta e oito, entre crianças e jovens, devem ser dispensados. [...] Pe. João, me ajude a encontrar um lugar para essas criaturas. A Casa não pode, não deve acolher essas criaturas? Então que eu vá para um outro lugar!”* (BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 13 setembro 1923, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 26 Cronistoria).

¹⁶² BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 7 setembro 1923, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 26 Cronistoria.

¹⁶³ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 12 setembro 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08293.

orientações: “*Quanto à veste das Irmãs, o senhor pode dispor como achar melhor, mas lembre-se que não deve ter nada que demonstre ser um hábito religioso. Em relação às Irmãs de Costozza, tudo somado, levando-se em conta a diversidade e o programa, creio que, enquanto não se organizem as coisas, é melhor que estejam submissas a mim*”.¹⁶⁴ E depois transmite uma nova determinação: “*Caro Pe. Battisti, para Costozza, até segunda ordem, não mande nenhuma Irmã com hábito; vamos falar antes, e juntos veremos o quid agendum*.”¹⁶⁵ [...] *Pobres filhinas! Temo que seja necessário que todas deixem de usar o hábito, pelo que andei ouvindo; assim, evitaríamos novas provações. Fique atento com aquelas Irmãs que não correspondem; devem ir embora e deixar o campo livre*”.¹⁶⁶

Da escolha feita o Pe. Calábria está cada vez mais convencido, como emerge nas seguintes linhas: “*Caro Pe. Battisti, fico feliz que esteja procedendo no Senhor naquilo que se refere à reorganização da Casa de Este, transformando-a em filial masculina; esta é mesmo a vontade do Senhor. Os sinais são evidentes e a bênção divina certamente descerá sobre todos e cada um, e assim poderemos cumprir aquilo que Deus, a seguir, se dignar nos manifestar. À sua Excelência o bispo de Pádua escrevi, dias atrás uma carta, por via expressa, em que falei da nossa visita e confirmei que dentro deste mês tudo estará no seu devido lugar; nos próximos dias irei a San Michele para ver a respeito dos pequenos e quando tudo estiver pronto faremos a mudança; o nosso bispo está contente com aquilo que estamos fazendo*”.¹⁶⁷ E numa outra carta manifesta o seguinte desejo: “*Espero que a nova orientação da Casa de Este seja agradável a Deus e aos homens; quanto ao mais, oremos, oremos muito. Em San Michele ainda não consegui ir; fala-se tanto de San Michele, de Madonna di Campagna; veremos o que o Senhor quer*”.¹⁶⁸

Enquanto o Pe. Calábria espera fechar logo a questão de Este com a reorganização da Casa do Santíssimo Redentor, além da nova instalação em Madonna di Campagna, surgem novas possibilidades para as Irmãs que vão tomando forma no final de 1923. Eis alguns acenos nas cartas enviadas pelo Pe. Calábria ao Pe. Battisti: “*Ontem*

¹⁶⁴ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 2 ottobre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08295.

¹⁶⁵ A expressão latina “quid agendum” significa “o que fazer?”

¹⁶⁶ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 3 ottobre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08296.

¹⁶⁷ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 6 novembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08299.

¹⁶⁸ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 18 dicembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08306.

esteve aqui um sacerdote de Bondeno [...] pedindo 4 Irmãs para o hospital. Ó, desígnios de Deus!”¹⁶⁹ “Muito provavelmente serão necessárias duas Irmãs ad hoc¹⁷⁰ para o Bispo! Ore por mim, que abençoo a todos”.¹⁷¹

“Recebi uma carta oficial do vigário geral Dom Todeschini solicitando-me um relatório sobre como foi feita a mudança radical de Este e ainda hoje lhe responderei que tudo foi bem feito e que de Irmãs não se fala mais, nem de crianças. [...] Neste momento, 5h30, chegam de Brescia quatro Irmãs, uma [...], a Malvina, e as grandes. Eu, se até agora não perdi totalmente a cabeça, acho que tudo é bondade do Senhor, mas em meio a tantas mulheres, basta, veremos; eu espero e rezo para que se construa logo a Casa-Mãe. [...] Última hora: o bispo pede as duas Irmãs; mas como fazer? Uma ou três Irmãs, me diga o senhor, e me responda logo”.¹⁷²

No final de 1923, depois da passagem da Casa de Este de uma gestão feminina para uma masculina, as Irmãs são distribuídas em várias comunidades, inclusive distantes geograficamente. Ao sair, a Irmã Serafina Carli chora; os meninos se agarram na saia dela e não a deixam sair; um deles senta nos degraus e diz: “Daqui não sairemos”.¹⁷³ Algumas, dentre as quais a Irmã Maria – Natália Fainelli, são enviadas, nos primeiros dias de setembro, para a Casa de Costozza; outras, para Verona. Na manhã de Natal cantam na igreja pela última vez; no dia 28 de dezembro de 1923 um grupinho vai para Brescia, para a “Villa Pilastroni”, um hospital mantido pelos Fatebenefratelli. As que partem depõem o hábito e vestem-se com uma roupa mais simples: um vestido inteiro, de tecido preto, com uma touca de formato diferente da anterior; para sair, um manto comprido da mesma cor e um véu, também de lã preta, mais longo do que o primeiro, uma espécie de cachecol.

As Irmãs viveram, na época, um momento muito difícil, sobretudo por não haver clareza quanto às perspectivas de serviço. Tal situação é confirmada pelo fato de que, por exemplo, tendo ouvido dizer que o grupo das Irmãs poderia vir a ser dissolvido,

¹⁶⁹ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 19 novembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08300.

¹⁷⁰ A expressão latina “ad hoc” significa, literalmente, “para isso”.

¹⁷¹ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 18 dicembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08307.

¹⁷² CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 28 dicembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08308.

¹⁷³ Cf. o testemunho da Irmã Beatriz em: MORI, A. DE (Sor. Beatrice di Gesù). *Intervista a Sor. Beatrice*, senza data, AHPSaDP, fld. Interviste.

duas irmãs de um Instituto veronês foram enviadas pela Madre geral para dizer-lhes que todas poderiam ser acolhidas na congregação delas caso não tivessem para onde ir.¹⁷⁴

Eis como Pe. Augusto Cogo descreve este difícil período: *“Em dezembro de 1923 a Casa de Este passou de feminina para masculina, e as Irmãs foram enviadas às várias Casas então existentes e as demais para Brescia, ao hospital dos Fatebenefratelli.*

*Ficaram em Este os meninos mais grandinhos; os menores, cerca de 20, foram para uma casinha alugada em Madonna di Campagna; na quarta-feira de Cinzas, 4 de março de 1924, foi assumido também o Santuário como uma reitoria independente, por desejo de Sua Excelência; ele, de fato, tinha como alternativas entregá-lo aos Conventuais, neste caso abdicando da gestão, transformá-lo em paróquia ou então oferecê-lo ao Pe. Calábria. E escolheu esta última opção”.*¹⁷⁵

Pe. Calábria busca uma mediação com a cúria de Pádua, sem êxito, como ele mesmo o afirma: *“Ausentei-me por três dias; fui para Este, onde tive que fazer coisas dolorosas. Temporariamente foi suspensa a adoração eucarística. Dirigi-me ao bispo de Pádua para manifestar-lhe toda a minha dor por causa da guerra que está sendo travada naquela filial”.*¹⁷⁶

Em fins de abril de 1925 nota-se que, na filial masculina de Este, ainda encontra-se presente alguma Irmã, todavia não se conseguindo estabelecer com precisão quantas fossem; o Pe. Calábria, de fato, havia estabelecido que restasse apenas o número mínimo necessário; devem ter ficado só as noviças para trabalhar na cozinha e na rouparia.¹⁷⁷ Uma referência ao fato de que as Irmãs permanecem ainda mais alguns meses encontra-se numa carta do Pe. Albano Bussinello que no dia 9 de janeiro de 1926 escreve ao Pe. Calábria: *“Como me pediu o Reverendo Pe. Battisti, mandei logo a Irmã*

¹⁷⁴ Veja-se, a propósito, o que foi referido pela Irmã Maria Gagliardo que, na entrevista concedida em 14 de julho de 1960, afirma: *“Quando nós estávamos em Brescia (eu fiquei em torno de dois anos e meio) vieram duas irmãs [...] mandadas pela Madre Geral porque tinham ouvido dizer que o Pe. Calábria iria dissolver o grupo das Irmãs. Elas tinham ouvido falar disso e acharam por bem vir em nosso auxílio. Se tudo fosse dissolvido, elas nos abririam as portas indistintamente. A Superiora (Irmã Gertrude) referiu o acontecido ao Pai, que ficou muito triste e amargurado em saber que haviam tais boatos em circulação”* (GAGLIARDO, M. *Intervista a diverse Sorelle*, 14 luglio 1960, AHPSaDP, fld. Interviste).

¹⁷⁵ [COGO, AUGUSTO]. *Appunti e Memorie Don Giovanni Calabria – Casa dei Buoni Fanciulli – Congregazione dei Poveri Servi della Divina Provvidenza*, AHPSDP, f. Casa di San Benedetto, fld. 1 [1916-1930], c. 4. A data de 4 de março indicada por Cogo é inexata, pois no calendário do ano de 1924 a quarta-feira de Cinzas ocorreu em 5 de março.

¹⁷⁶ CALABRIA, G. *Diario 4° Quaderno “Personale e segreti”* [1924-1930], 12 marzo 1924, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 4, b. N 02609.

¹⁷⁷ É o que se deduz da entrevista concedida pela Irmã Regina Zabeo: *“Ficamos só nós, as noviças, e era preciso manter a adoração, limpar os quartos, cuidar da lavanderia e preparar a comida”* (ZABEO, R. *Intervista*, 8 maggio 1967, AHPSaDP, fld. Interviste).

*Vincenzina para San Michele; é claro, porém, que eu aqui fiquei sem nenhuma que saiba remendar; se pelo menos uma pudesse vir por algum tempo...”.¹⁷⁸ Por alguns anos o Pe. Calábria continua a refletir sobre o papel da Casa do Santíssimo Redentor, intuindo que “*Este está destinada a acabar; assim quer o Senhor, e nós devemos dizer: Sit nomem Domini benedictum. [...] Quanto mais vou adiante mais firmemente sinto que a vontade de Deus é que nos concentremos em Verona, centro dos segredos de Deus; de lá, no tempo oportuno, alçaremos voo*”.¹⁷⁹ Concluindo a reconstrução do ponto de vista histórico da presença das Irmãs na Casa Santíssimo Redentor de Este tornam-se as proféticas as seguintes palavras do Pe. Calábria, dirigidas ao Pe. Battisti: “*Certamente o sacrifício generoso das Irmãs trará grande proveito à Obra em geral e à das Irmãs de modo particular, enviando logo uma Casa onde possam recolher-se e de lá, posteriormente, se espalhar por todo lugar*”.¹⁸⁰*

E que as Irmãs realmente viveram o sacrifício está bem testemunhado por aquilo que a Irmã Adélia Fantato afirma, ela que entrou em 1921 com 28 anos de idade, referindo-se precisamente ao período transcorrido em Este: “*A caridade alcançava tudo. Quanta caridade elas tinham. [...] Todos têm os seus defeitos (o Senhor os permitiu); todavia, a caridade que as Irmãs têm ninguém pode apagar. [...] A compaixão, a meu ver, era algo que brotava do completo desapego de si. Porque, por exemplo, elas, a Irmã Carmela e a Irmã Serafina, ficavam cuidando todas as noites. Sempre tinha um morto, um doente, um menino..., mas elas nunca se queixavam de nada. E é claro que estavam realmente cansadas! Eu as admirava. [...] As Irmãs eram heroínas, eram muito boas. Todas, todas as Irmãs anciãs me serviram de exemplo*”.¹⁸¹

¹⁷⁸ BUSSINELLO, A. *Lettera a don Calabria*, 9 gennaio 1926, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 1/B, c. 22 corrispondenza di Poveri Servi.

¹⁷⁹ CALABRIA, G. *Lettera a don Bussinello*, 3 giugno 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 2, c. 27, b. 03774.

¹⁸⁰ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 12 dicembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08305.

¹⁸¹ FANTATO, I. (Sor. Adelia). *Intervista a diverse Sorelle*, 14 luglio 1960, AHPSaDP, fld. Interviste.

A PRESENÇA EM COSTOZZA

A chegada das Irmãs

A primeira “Casa dei Buoni Fanciulli”, fundada fora da Diocese de Verona, localiza-se em Costozza,¹ no município de Longare, província de Vicenza. O início propriamente dito foi no dia 20 de novembro de 1919, com a entrada do primeiro grupo de seis jovens, aos quais foram acrescentados outros, tanto que ao longo do ano de 1920 atingiu-se ao número de 90.

No início de abril o fato de existir na Casa alguns setores desocupados favorece o surgimento de novas perspectivas. Um tanto titubeante, Pe. Pedrollo pergunta ao Pe. Calábria: “*Os locais vagos permanecem não preenchidos. Não seria o caso de solicitar a vinda de alguma Irmã para cuidar da rouparia? Inclusive para cuidar da nossa roupa, algo de que precisaríamos muito?*”² E como Costozza recebeu em doação algumas de dezenas de metros de tecido que poderia ser utilizado para fazer uniformes para os meninos da filial, Pe. Pedrollo acrescenta: “*A cor talvez não seja a ideal, pois é um tecido de algodão amarelado (mas tecido tramado). Entretanto, foi o que a Providência nos enviou*”.³ É evidente que se estivesse aqui nesta Casa uma Irmã que entende de corte de roupas poderíamos ter um produto final mais elaborado, economizando-se muito em viagens.⁴

Pe. Pedrollo fala sobre isso com o Pe. Battisti, diretor espiritual das Irmãs, acrescentando também a dificuldade de administrar a cozinha, mas “*me mandou dizer – teria sido esta a sua resposta – que dificilmente conseguirá Irmãs para a cozinha. Eu,*

¹ Sobre o projeto de uma Casa Buoni Fanciulli em Vicenza e especificamente sobre a Casa de Costozza, veja-se G. PERAZZOLO. *La Congregazione dei Poveri Servi della Divina Provvidenza (1907-1932)*. Verona: Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana, 2007. v. I/2. pp. 164-167; 179-182; 343-346. Mais detalhadamente a história da presença calabriana em Costozza é amplamente documentada em R. CONA. *La Casa Buoni Fanciulli di Costozza (1919-1929) e di Este (1920-1928)*. In: BUTTURINI, E.; CONA, R.; GECHELE, M. *Il contesto storico e le case di San Zeno in Monte, Costozza ed Este (1907-1932)*. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana, 2007. Vol I/1. pp. 319-327; 364-406; 343-346; 441-459; 487-526; 585-634.

² PEDROLLO, L. *Lettera a don Calabria*, 6 aprile 1920, AHPSDP, f. Pedrollo/Corrispondenza a don Calabria, fld. 1, c. 2 corrispondenza a Don Calabria [1914-1920].

³ Ibid.

⁴ O texto prossegue com o seguinte esclarecimento: “*Há ainda outro motivo, apresentado pelo Irmão Máximo: como seria oportuno variar a forma do uniforme, dada a qualidade do tecido e o lugar campestre em que nos encontramos, poderiam assim ser evitadas dissensões. Creio, aliás, que essa seja a razão principal*”.

todavia, espero que sim".⁵ O Pe. Luis conta com a contribuição das Irmãs para uma melhor distribuição dos encargos e não lhe resta outra alternativa a não ser interpellar diretamente o Pe. Calábria por carta, através da qual ele informa sobre a organização do internato, que contempla Irmãos encarregados da rouparia e da cozinha; entretanto, com o crescimento da família, um deles terá necessariamente que se dedicar às compras, outro, à cozinha, e um terceiro, que dificilmente dará conta, à limpeza. Considerando-se as três escolas, a oficina e outros trabalhos, os Irmãos, que não são muitos, praticamente não terão tempo livre, o que também é necessário. Eis como o Pe. Pedrollo conclui o seu pedido: *"Se houvessem Irmãs não precisaríamos mais nos envolver com a cozinha, e isso seria muito benéfico para o espírito religioso que nós também precisamos ter. Que lhe parece, Pe. João?"*⁶ Mesmo contando com o fato de que tal transferência eventualmente possa se dar em tempos breves, já em maio, na realidade o Pe. Pedrollo sabe que precisa se esforçar muito para convencer o Pe. Battisti, razão pela qual ilustra-lhe as dificuldades organizativas da Casa de Costozza: *"Grande dificuldade para lavar a roupa com tantos saindo, seja para as compras, seja porque nossos trapos precisavam ser lavados no tanque comunitário do 'Vulto', na cidade. Para remendar, não se conseguiu encontrar alguém que o fizesse. Assim, podemos dizer que desde o início até hoje tivemos que ir adiante sem pessoal adequado. Ao mesmo tempo, porém, é preciso agradecer a divina Providência porque estamos conseguindo atender às necessidades principais"*.⁷

A vinda das Irmãs à Casa de Costozza, sempre considerada iminente, continuou sendo aguardada durante todo o mês de junho, tendo se concretizado efetivamente apenas em 17 de julho de 1920. Desde o começo o Pe. Battisti assegura ao Pe. Pedrollo o auxílio recíproco: *"Quanto às Irmãs, a desculpa clássica: eu tinha marcado definitivamente a partida delas para segunda-feira, ontem. Mas quando fui informado pelo Adami que a greve dos ferroviários continua, tive que suspender."*

O senhor me faça a caridade de me avisar assim que a greve acabar, que logo eu as enviarei.

O senhor as terá! Exatamente como são, por aquilo que valem, por aquilo que podem fazer com a pouca saúde que têm, isto é, a saúde de que coincidentemente

⁵ PEDROLLO, L. *Lettera a don Calabria*, 6 aprile 1920, AHPSDP, f. Pedrollo/Corrispondenza a don Calabria, fld. 1, c. 2 corrispondenza a Don Calabria [1914-1920].

⁶ Ibid.

⁷ PEDROLLO, L. *Appunti cronistorici*, 5 giugno 1920, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Costozza, fld. 3, c. 36 Cronaca 1920; naquele momento, devido a uma epidemia febril reinante em Costozza, Pedrollo teve que se contentar com o envio provisório de apenas dois Irmãos provenientes de Verona.

gozam no presente momento, de modo particular as duas que aqui são encarregadas da cozinha.

De qualquer forma, não cessaremos de nos ajudar e, quando vier o nosso amado Superior, lhe pedirei licença para eventualmente fazermos alguma permuta, dependendo das necessidades de ambas as partes e em base à saúde e à capacidade de cada uma delas.

*A Irmã Giselda, que eu espero possa ser-lhe enviada apesar de alguns problemas de saúde, espero da mesma forma que o senhor me faça a caridade de permitir o seu retorno até o dia 15 de julho porque, ao cedê-la, estou cedendo tudo aquilo que eu tenho, razão pela qual precisaremos preparar uma nova cozinheira”.*⁸

Comunicando ao Pe. Pedrollo a chegada das Irmãs o Pe. Battisti as apresenta a ele singularmente, atribuindo a cada uma a tarefa a ser desenvolvida por elas na Casa de Costozza. Do grupo, Maria Fannio – Irmã Imelda, é a Superiora; as demais Irmãs são Giselda Mercoletti – Irmã Madalena, e Josefina Anoni; a elas acrescentam-se, no dia 31 de julho, Amália Dal Cengio – Irmã Gaetanina, e Maria Busti – Irmã Irene. Além disso, o Pe. Battisti não deixa de transmitir também ao Pe. Pedrollo uma série de minuciosas disposições: *“Eis, finalmente, as Servas dos Pobres nesta filial. Sit nomen Domini benedictum, por elas, ex hoc nunc et usque in saecula.*⁹

Como o senhor mesmo pode ver, três ao invés de quatro, porque uma adoeceu; esta virá assim que puder retomar as suas atividades. O senhor mesmo verá que as que chegaram são pouca coisa; mas lembre-se que a bondade de nosso Senhor escolhe os mínimos meios para fazer as grandes ações.

Irmã Maria Fannio está marcada como a primeira; portanto, a ela cabe manter zelosamente e aumentar o espírito que deve ser próprio desta comunidade feminina. A ela devem submeter-se as demais e, na medida do possível, dela e por meio dela as outras têm conhecimento das ordens e disposições provenientes do exterior do pequeno setor designado às Servas.

Irmã Busti, adoentada, será a encarregada da cozinha; Irmã Giselda [Mercoletti], por enquanto, vai substituí-la. Em todo caso, embora eu a cedesse com prazer mesmo sendo ela a melhor cozinheira, todavia sinto-me obrigado a reduzir sua

⁸ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 29 giugno 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

⁹ A expressão latina significa: “Seja bendito o nome do Senhor, *por elas*, desde agora e para sempre nos séculos”.

presença ao tempo mínimo necessário. Posteriormente ela poderá retornar em ocasiões especiais, tais como São Caetano etc.

Irmã Josefina [Anomi] é muito boa em lavar, remendar, limpar.

Para a rouparia, faça-me a caridade de servir-se da Irmã Fannio.

Com o nosso venerado Superior, quando eu puder encontrá-lo, vou conversar sobre a quarta Serva”.¹⁰

A tarefa delas é cuidar dos trabalhos referentes à cozinha e à rouparia; entretanto, quando um planejamento de trabalho foi estabelecido, qualquer mudança gera contratemplos com o Pe. Battisti, pois ele reafirma claramente que a Casa do Santíssimo Redentor de Este deve ser considerada a Casa-Mãe, à qual devem submeter-se as demais filiais: *“As Irmãs, com efeito, estão ali apenas para as coisas do momento, as mínimas coisas; o restante, as outras coisas, são feitas aqui. Este programa não pode ser mudado, por ora”*.¹¹

Poucos dias depois da chegada das Irmãs em Costozza veio também o Pe. Battisti, a fim de avaliar a nova sistematização; e assim ele se dá conta de que as Irmãs *“estão contentes, e o Reverendo reitor da Casa e os Irmãos estão mais contentes ainda. Eles percebem a grande economia feita na cozinha, acompanhada do cuidado em atender às exigências tanto dos Irmãos quanto dos meninos. O mesmo benefício nota-se também na rouparia”*.¹²

As forças à disposição nunca são suficientes para cobrir todas as necessidades da Casa de Costozza, para a qual sucessivamente são enviadas outras Irmãs que *“aumentam de uma para a rouparia. Fazemos aquilo que é possível; quando tiver máquinas de costura e quando tivermos, além destas, Irmãs à disposição, com prazer faremos mais do que estamos fazendo. [...]*

À Irmã Fannio passo instruções especiais, encarregando-a de referi-las também ao senhor. Esta Irmã exerce a função de vigilância, tanto no espírito quanto na parte material.

A Irmã encarregada da cozinha fique na cozinha e a da rouparia, na rouparia, sem ficar mudando de ocupação.

¹⁰ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 16 luglio 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

¹¹ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 3 ottobre 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/7 corrispondenza a don Pedrollo [1921/2].

¹² BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 27 luglio 1920, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

Irmã Amália e Laura em paridade, de modo que uma não é Superiora da outra; no balcão da rouparia, sempre a mais velha.

Irmã Laura é provisória, como também a Irmã Busti. Daqui para frente serão alternadas de tempos em tempos as Irmãs, com exceção da Irmã Amália.

*As acolhidas não façam ação comum com as Irmãs, a não ser por necessidade. A Irmã Fannio tem as instruções”.*¹³

“Se o senhor precisar de ajuda para a rouparia poderemos providenciar, provisoriamente, uma aspirante, por um mês, mas antes convém se preocupar com a máquina de costura e com o ambiente.

*Passado este mês, espero que se possa continuar com mais um turno por pelo menos mais um mês. Mas não lhe garanto nada, pois sei que na Casa de Verona há no mínimo a mesma necessidade sentida por esta Casa”.*¹⁴

Embora possa parecer que ele esteja querendo ser o único ponto de referência, emerge também um sentimento afetoso da parte do Pe. Battisti: *“Estas Irmãs me são caras por dever, tanto quanto as que estão perto de mim; muito embora não se possa dizer de cada uma delas que se mantenha unida a mim como estas e como convém.*

*Estou enviando o auxílio provisório, destinado às que o senhor pediu: para a rouparia”.*¹⁵

Irmã Imelda – Maria Fannio, dirigindo-se ao Pe. Calábria, observa: *“Continuamos sempre à espera de Irmãs, que aqui seriam muito necessárias. Quanta necessidade de trabalho temos aqui! Reverendo Pai, o senhor deveria ver com os seus olhos! Aqui seriam necessárias pessoas hábeis para o trabalho, em capacidade e forças, ao passo que, pelo contrário, são destinadas duas, que não têm estes pré-requisitos; uma, aliás, em condições de saúde que requerem cuidado e assistência”.*¹⁶ Pe. Battisti escreve ao Pe. Pedrollo: *“Eis, finalmente, as duas Irmãs e a acolhida, que o nosso venerado Superior designou para esta Casa. Estão chegando com as melhores disposições possíveis e espero que, com a ajuda de nosso Senhor, correspondam.*

¹³ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 8 gennaio 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

¹⁴ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 20 gennaio 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

¹⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 9 agosto 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/7 corrispondenza a don Pedrollo [1921/2].

¹⁶ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 2 ottobre 1923, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

Cabe ao senhor, agora, mandar buscar aquilo que pertence a estas Irmãs e também às que partiram anteriormente".¹⁷

Na qualidade de diretor, Pe. Battisti parece reservar-se, de todo modo, o direito de poder dispor das Irmãs como achar mais oportuno; entretanto, mesmo em alguns casos especificando inclusive o período de permanência na Casa de Costozza, ao mesmo tempo estabelece papéis e tarefas que parecem levar em conta as capacidades de cada uma. Este é um modo encontrado por ele para valorizar cada uma das Irmãs não atribuindo-lhe tarefas para as quais não esteja à altura ou sobrecarregando-a além de suas forças. Às vezes o Pe. Battisti parece querer ter tudo sob o seu controle, tentando projetar antecipadamente os movimentos e as transferências, em vista de um melhor funcionamento das Casas. Desde o primeiro momento da chegada das Irmãs em Costozza ele não deixa de definir uma série de minuciosas disposições, transmitidas ao Pe. Pedrollo: *"Como eu já lhe disse, as Servas estão submissas ao reitor naquilo que diz respeito ao dever local, no encargo que lhes foi determinado. Não pode, o reitor de uma filial, dispor como bem entende das Servas, trocando esta ou aquela de encargo; para isso é conveniente que ele recorra à Casa-Mãe das Servas.*

Sobre a conduta das Servas em geral e de cada uma em particular apresente ele um relatório mensal à Casa nomeada e não deixe, na caridade, de expor, nestes relatórios, sua opinião sobre o espírito, em conformidade com a nossa santa vocação. Recomendo-lhe a boa, a santa palavra a elas. Vigie sobre as práticas de piedade; para tanto, que sigam o método da sua comunidade; o horário das mesmas seja fixado de acordo com a primeira¹⁸ e me informe. A escolha dos livros de meditação e de santas leituras seja conforme a esta Casa; se o senhor conhecer outros bons e ótimos, tenha para conosco a caridade de indicá-los. [...]

A Casa-Mãe feminina dá assistência às Servas quanto ao vestuário e às demais roupas, de modo que a filial masculina não precisa se preocupar com isso, a não ser com algum uniforme externo de trabalho.

A Casa fornece às Servas também livros de piedade, de meditação e de leitura espiritual. Faça o senhor a caridade de se preocupar em providenciar-lhes algum livro bom, quando lhe for solicitado, o que posteriormente lhe reembolsaremos.

¹⁷ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 26 dicembre 1923, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/9 corrispondenza a don Pedrollo [1923/24].

¹⁸ Com o termo "primeira" o Pe. Battisti está se referindo à Superiora da Casa.

Cuide para que as Servas possam ter algum momento livre para tomar um ar, pois do contrário não aguentariam.

Quanto às cartas, já combinamos: se forem dirigidas a parentes etc., lhe serão entregues abertas para a revisão; mas quando forem dirigidas à Casa de Verona ou a esta Casa, o senhor vai recebê-las fechadas, mesmo que sejam dirigidas a alguém que não detenha o cargo de superior, já que serão lidas pelos Superiores quando chegarem ao destino. Aos seus Superiores (que palavra feia, esta, não é mesmo?) poderão escrever quando quiserem; à família, uma vez ao mês”.¹⁹

Um mês depois o Pe. Battisti volta a perguntar: *“Peço-lhe a caridade de, pelo menos uma vez ao mês, me enviar um relatório sobre a conduta delas e sobre tudo o que lhes disser respeito”*.²⁰ Em particular, o diretor das Irmãs se preocupa que possam participar dos exercícios: *“Espero pelo menos duas Irmãs para os santos exercícios que começam segunda-feira à noite e terminam sábado pela manhã. À sua caridade, se for possível enviar mais do que duas. Não deixem de vir Irmã Giselda e Irmã Amália. [...]*

Ao bom Jesus nosso Senhor e ao querido São Caetano uma oração por mim, pelas nossas boas Irmãs que não economizaram esforços para dar conta de todas as suas necessidades em razão do seu número e das suas forças”.²¹

A fadiga do trabalho

Não sabemos quais eram as condições nas quais as Irmãs se encontravam ao desenvolverem seu trabalho; mas provavelmente elas precisavam ir noite adentro se o Pe. Battisti precisou fazer a seguinte recomendação ao Pe. Pedrollo: *“As Irmãs, à noite, devem recolher-se no horário estabelecido. [...] Se houver necessidade de trabalho extraordinário e de urgência, como já aconteceu, que isso não se prolongue por mais do que dois dias e que se trabalhe no máximo até as 23h. Mas que se trate de algo estritamente extraordinário e de suma urgência”*.²²

Certamente as Irmãs não estão em condições de fazer frente a todas as exigências e de satisfazê-las, inclusive por falta de instrumentos adequados: *“Com*

¹⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 16 luglio 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

²⁰ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 19 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

²¹ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 6 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

²² BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, [senza data], AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/11 corrispondenza a don Pedrollo [non datata].

*grande desprazer devo informá-lo de que a pobreza desta Casa não permite, pelo menos momentaneamente, ter despesas com a lavagem da roupa de Costozza. É preciso que, a cada envio, com a roupa a ser lavada sejam enviados também a lixívia (de 8 quilos) e o sabão (12 pedaços, 1.80 liras cada)”.*²³ A situação se torna crítica também para as Irmãs: *“Aqui a Primeira Serva está um tanto preocupada com aquelas Irmãs que sentem muito fortemente a necessidade da substituição das roupas. Sabe que lhes falta o necessário, e por isso insiste para que se providencie.*

Será que não seria mesmo possível que elas viessem pelo menos de bicicleta?

E ainda: a mesma Irmã me apresenta o grave problema da roupa delas. Afirma que, desta vez, a despesa e o esforço foram quadruplicados, e que mesmo assim o resultado alcançado foi insignificante, tanto que as roupas estão sujas. Veja o senhor se é possível providenciar um meio para poder ajudá-las.

De minha parte, com certeza para meu descontentamento, creio ter feito o meu dever proibindo que se lave até às 10h30 da noite.

A boa vontade e o espírito de sacrifício das Irmãs lhe sirvam de prova de que não se pode fazer mais do que está sendo feito; da mesma forma que não se pode pensar em atender ao desejo delas e instalar uma lavanderia no local, dividindo as forças. (Pelo menos no passado pensavam nisso... num passado próximo).

*Acredite, Pe. Luis, que lhe convém pensar num meio de transporte; do contrário, o senhor vai ter mais despesa com as roupas e gastará o dobro para lavá-las... sem falar na mão de obra, que acabará sendo multiplicada”.*²⁴

Os problemas concretos que as Irmãs devem afrontar são numerosos. Por exemplo, em relação à roupa para lavar, mais de uma vez o Pe. Battisti lamentou-se com o Pe. Pedrollo de que os panos que chegam de Costozza para serem lavados em Este não encontram-se apenas sujos, mas também infestados de insetos, conseqüentemente contagiando também a Casa do Santíssimo Redentor: *“Não tenho nada para lhe escrever a não ser um pedido. Faça-me a caridade de mandar vigiar para que não ocorram outras invasões de insetos. O sacrifício que aquele fato causou foi indescritível, além do perigo de reduzir-nos a condições semelhantes às de vocês.*

Pode o senhor bem compreender como as da lavanderia, no mínimo elas, foram as mais sacrificadas. Quanto ao futuro, não se deverá nem mesmo esperar para juntar

²³ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 8 novembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

²⁴ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 25 gennaio 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

*tanta roupa de uma vez só. Sabem que aqui não temos espaço para depósito e sabem que temos operários; saberão também entender a nossa situação e nos avisar com antecedência a respeito da quantidade de roupa a ser enviada”.*²⁵

É sempre o Pe. Battisti a ressaltar: *“Quanto à rouparia, a Irmã Gertrude, no final de nossa conversa, referiu-me as mil coisas requeridas pelas Irmãs que atuam nesta filial. Persuadam-se todos de que mais do que fazemos não nos é possível fazer. [...]*

*Temos a roupa, mas faltam mãos, e o tempo é absorvido pelo trabalho para as demais Casas”.*²⁶

Como se pode ver, as energias nunca são suficientes para suprir as necessidades, e ao que parece o Pe. Battisti procura defender a Casa de Este das acusações de deixar de lado a Casa de Costozza, já que esta última apresenta exigências que as Irmãs não conseguem atender quanto à lavagem e confecção de uniformes, em particular camisas. Isso é confirmado pelas seguintes linhas: *“Aqui temos uma boa quantidade de roupa lavada, que no entanto precisa ser consertada, e da parte das Irmãs deparamo-nos com a absoluta impossibilidade de aprontá-la”.*

*Considero que pelo menos desta vez seja-lhe conveniente encontrar uma trabalhadora local que, na própria Casa, assumo este trabalho”.*²⁷

São muitos os pedidos, com instruções detalhadas para minimizar as dificuldades, como emerge das frases dramáticas e ao mesmo tempo apaixonadas que o Pe. Battisti dirige ao Pe. Pedrollo, sugerindo-lhe também remédios concretos para reduzir a pesada carga de trabalho existente na Casa de Este: *“As Irmãs lamentam ainda a presença frequente de insetos... e fazem novo pedido para que a roupa infectada seja separada da restante. Procure-se evitar a fadiga excessiva de tempo e de gastos.*

Um pouco de boa vontade e um pouco de sacrifício poderão liberar os meninos desta Casa da sujeira.

Sem querer dar conselhos e me meter em fatos que não me dizem respeito, mas para o bem de tantas criaturas, exponho: os meninos limpos sejam separados dos demais durante o período de recreação, no refeitório, na igreja, por todo lugar.

²⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 5 ottobre 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/7 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1]. Uma outra lamúria está contida na carta de G. BATTISTI. *Lettera a don Pedrollo*, 30 ottobre 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/7 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

²⁶ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, [senza data], AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/11 corrispondenza a don Pedrollo [non datata].

²⁷ BATTISTI, G. *Cartolina postale a don Pedrollo*, 14 febbraio 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/8 corrispondenza a don Pedrollo [1922].

Reduza-se o desastre feito pelos incontinentes. Aqui os incontinentes nos deixavam em condições impraticáveis até a semana passada: eram 20 ou 25 camas molhadas a cada dia. Dei ordem para que a Irmã encarregada da vigilância acordasse três vezes cada noite os incontinentes e os obrigasse a sair da cama. Foi feito, e os 25 incontinentes foram reduzidos ao ordinário número de zero e ao extraordinário de dois. Deste modo, saúde e limpeza saem ganhando; e ganha também a pobreza!

Finalmente, permita que eu lhe repita: a roupa suja mande-a sempre para cá; mas se... for infestada, peça-nos primeiro por carta se deve expedi-la ou não.

Quanto à costura, as Irmãs dificilmente poderão fazer tudo aquilo que é preciso, nas atuais condições precárias de saúde causadas não apenas por gripes, mas também pelos mais variados distúrbios. [...]

*Quanto à cozinha de Costozza, já que ouvimos dizer que naquele lugar a campainha toca a toda hora e por isso há uma grande dispersão de forças, eu pensei em escrever ao nosso venerado Superior pedindo-lhe permissão para que lhe mandemos a Irmã Josefina, a qual, antes contrária à ideia de ir, agora parece estar disposta, ainda mais que poderia ficar sentada para trabalhar”.*²⁸

Pe. Battisti mais uma vez procura dar a entender a dificuldade das Irmãs em fazer frente a todas as solicitações, saindo em defesa delas diante de algumas críticas que estão circulando. “*Quanto às camisas, eu não as faria, pois o tecido cedido para fazê-las é inventariado. Além disso, me permita observar-lhe que nós, aqui, não podemos dar conta de todo o trabalho que se deveria fazer em relação às roupas. Seria necessário não fazer nada mais do que isso. Imagine que, do dia 10 até hoje, foram duas expedições de roupa suja. Como se consegue fazer? Justamente agora que o venerado Superior pede e quer logo Irmãs em Verona... o senhor me entende!...*

*Eu gostaria que estivessem aqui e vissem [...] o espírito de sacrifício e o trabalho intenso das Irmãs, especialmente da adoração em diante”.*²⁹

Por sua vez, o Pe. Pedrollo também mostra-se muito sensível e atento à situação das Irmãs, que vê afadigadas e cansadas pela sobrecarga de trabalho à qual são submetidas na Casa de Costozza. Isso fica muito bem demonstrado na carta que ele

²⁸ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 10 febbraio 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/8 corrispondenza a don Pedrollo [1922]. Assegurando que na Casa de Este está se fazendo o melhor possível, Pe. Battisti, para defender as Irmãs sobrecarregadas de trabalho, exorta o Superior de Costozza a confrontar as forças presentes nas duas Casas e lhe sugere o apoio recíproco na caridade, procurando evitar reclamações e críticas expressas inclusive em voz baixa.

²⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 30 ottobre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

escreve ao Pe. Calábria quando, a uma solicitação sua de ter outras Irmãs para ajudá-lo, lhe é enviada uma doente. Assim ele se dirige ao Pe. Calábria: “*Só acho que seja meu dever acrescentar algo em confirmação daquilo que a Imelda lhe escreverá relativamente às Irmãs que virão. Se pelo menos com a enferma houvesse uma que pudesse trabalhar, seria bom. Assim, pelo contrário, as pobres Irmãs ficam sepultadas pela sobrecarga de trabalho. Escrevi ao Pe. Battisti para que lhe esclarecesse muito bem sobre as nossas necessidades e sobre as dificuldades para uma enferma que poderá vir a ter necessidade de hospital e de tratamento cirúrgico. Sinto muito em ter que perturbá-lo tratando destas coisas, mas as necessidades dos 90 jovencinhos e, mais do que isso, as necessidades dos Irmãos e de todos, erguem também a sua voz, e impõem que falemos.*

Se for necessário que venha alguma enferma, que seja uma a mais, mas que não falte a ajuda de Irmãs capazes e suficientemente saudáveis. Isso é o que se desejaria. Eu gostaria que o senhor visse a pobrezinha Irmã Imelda! Se ainda pode fazer algo por nós, ó Pai, peço-lhe que nos faça esta caridade.

*Estão vindo outras Irmãs sem o estritamente necessário ou com pouquíssimo enxoval de coisas pessoais. Além das necessidades já existentes, acrescentam-se outras, das que acabam de chegar. Aumentam, assim, as dificuldades”.*³⁰

Eis a carta escrita ao Pe. Calábria no mesmo dia pela Irmã Imelda, acerca das condições da comunidade de Costozza: “*Muito Reverendo Pai, continuamos à espera das Irmãs que aqui são muito necessárias. Quanta necessidade de trabalho temos aqui! Reverendo Pai, como seria bom que o senhor constataste isso com os seus próprios olhos! Aqui seriam necessárias pessoas habilitadas para o trabalho, em capacitação e em força, quando, na realidade, ouve-se dizer que são destinadas duas, que não têm estes requisitos, e uma, aliás, em condições de saúde que exigem cuidado e assistência. Trata-se da Irmã Pia. Eu não sei se o senhor, Reverendo Pai, tem conhecimento do real estado de saúde dela, e por isso mesmo eu tomo a liberdade de alertá-lo para que veja se ela pode ser inserida na nossa pequena comunidade e se vai se adaptar às necessidades desta Casa. Ela passa por períodos instáveis, melhorando ou piorando, frequentemente tem alguns picos, necessitando de medicação, de vez em quando precisa ser submetida a cirurgias, para as quais deve dirigir-se ao hospital, sendo posteriormente medicada na Casa; note-se o inconveniente do hospital, a falta de uma*

³⁰ PEDROLLO, L. *Lettera a don Calabria*, 2 ottobre 1923, AHPSDP, f. Pedrollo/Corrispondenza a don Calabria, fld. 1, c. 3 corrispondenza a Don Calabria [1921-1924].

enfermeira. Mas além disso, outras misérias, pelas quais ela é [...] mais de enfermaria do que de comunidade. E tudo isso numa Casa masculina e num ambiente tão restrito como o nosso, no qual não podem ser feitas aquelas separações tão necessárias para prevenir o restante da comunidade de eventuais contágios. O senhor, Reverendo Pai, leve em conta, no Senhor, se realmente é o caso, em relação àquela Irmã enferma e necessitada de cuidados, em relação à nossa comunidade, que entraria em contato perigosamente quanto à saúde, e em relação à Casa que, em lugar de ter ajuda, seria mais sobrecarregada ainda de um peso moral e material. Seja sempre vontade de Deus que esta Irmã seja acolhida aqui. O seu coração de Pai lhe fará calcular aquilo que eu Lhe expus e, depois, se achar que é vontade do Senhor que as disposições tomadas não sejam modificadas, aceitaremos esta pobre enferma das mãos de Deus, porque o senhor, Reverendo Pai, é o representante dEle diante de nós. Não gostaria de entristecê-lo com aquilo que eu escrevi; não, por caridade, não gostaria que o senhor duvidasse, Reverendo Pai, não conhecendo bem a situação e sentindo o peso de uma responsabilidade; resisti muito a escrever-lhe, protestando-me³¹ a estar pronta para tudo aquilo que nisto e em qualquer outra coisa o senhor quiser dispor, de mim e da comunidade...”.³²

Pelo ritmo de trabalho e provavelmente pelas condições de vida certamente não ideais também em Costozza a saúde das Irmãs não é particularmente feliz. O relatório do Pe. Battisti é um exemplo disso: “*Noto que a Irmã Maria de Jesus está muito magra, mas com uma cor boa; se recuperou. Irmã Beatriz de Jesus emagreceu muito, mas está bem, ao que parece. Irmã Imelda de Jesus, bem. Irmã Tarcisia de Jesus, com um problema de visão. Irmã Clara se recuperou. A acolhida Sabina se recuperou bem. Irmã Vincenzina, sempre igual*”.³³

A clausura e a colaboração entre Irmãos e Irmãs

A partir destas correspondências pode-se notar também como as Irmãs se entregam completamente ao trabalho, desgastando-se fisicamente para conseguir dar conta de todas as necessidades. Pe. Battisti, sentindo-se quase que fundador de uma

³¹ O termo “protestando-me” significa uma declaração de disponibilidade.

³² FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 2 ottobre 1923, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

³³ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 29 ottobre 1924, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

nova congregação, se preocupa tanto com as Irmãs que, mesmo acabando por ressaltar alguns pequenos incidentes, sempre sai em defesa delas.³⁴

Não deixa de recomendar à vigilância do Pe. Pedrollo que as Irmãs vivam a abnegação de si: *“O espírito, o espírito de sacrifício na exatidão e a renegação de si mesmas começando pelas mínimas coisas”*.³⁵ Volta, depois, a repetir: *“As minhas caras Irmãs? Repita-lhes, em meu nome, que procurem corresponder em generosidade às naturais delicadezas, pois os dons de Deus para elas são imensos e infinitos”*.³⁶

Pe. Pedrollo, por sua vez, demonstra particular atenção à formação espiritual das Irmãs da pequena comunidade de Costozza. Exemplo disso são as seguintes expressões: *“É preciso fazer propósitos. Virtude verdadeira, espírito de sacrifício, de abnegação. Fazer, sofrer, calar. Não escutar as vozes imperceptíveis do amor próprio. Para ele, para o bom Deus, para Jesus. Com Maria, mantenhamos a nossa conversação com os anjos do céu”*.³⁷ Acolhe a inserção na comunidade de novas Irmãs com estes sentimentos: *“As boas vindas absorvam o bom espírito das anciãs; façam como a abelha, que tudo converte em mel, qualquer coisa, mesmo amarga, que ela tenha carregado das flores. As anciãs sejam de edificação no falar, na exatidão do horário, na medida em que a saúde delas o permita, no espírito”*.³⁸

Preocupado não só com a vida espiritual das Irmãs, o Pe. Battisti se compromete em manter os contatos pessoais com elas indo visitá-las em Costozza, como se pode perceber nas seguintes passagens: *“Saúde-me muito, muito, as Irmãs. Diga a elas que quando eu vier lhes concederei no total uns 15 minutos cada uma, seria demais? Saúde-*

³⁴ Continuando a defender as Irmãs e lamentando, da parte dos Irmãos, uma certa carência de caridade, Pe. Battisti escreve o Pe. Pedrollo: *“De qualquer forma me permita uma declaração análoga: sobre o seu afeto por nós, jamais passou por mim qualquer dúvida ou preocupação até o presente momento. Pudessem eu dizer com a mesma segurança que os Irmãos daí tenham apreciado a boa vontade das nossas Irmãs, especialmente destas que estão aqui. [...] Aquilo que mais importa [é] a falta de caridade, não das Irmãs, mas dos Irmãos, próximos ou distantes; a caridade está faltando neles mais do que nas Irmãs”* (BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 29 marzo 1923, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/9 corrispondenza a don Pedrollo [1923/24]. E a seguir, novamente: *“Mas que não se lamentem demais os Irmãos de Costozza, sobre a Casa de Este. Com as escassas energias locais e as censuradas daqui, pensem bem, e olhem bem também para estes meninos, e depois deem uma olhada aos seus Irmãos e aos meninos de Verona para ver se têm a coragem de reclamar das Irmãs. E se acharem oportuno venham fazer uma visitinha aos nossos meninos, até para se convencer de que, para nós, todos são igualmente nossos. Talvez mais daquilo que pelos Irmãos de ontem e de hoje as Irmãs tenham sido consideradas realmente Irmãs”* (BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 26 settembre 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/7 corrispondenza a don Pedrollo [1921/2].

³⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 12 gennaio 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

³⁶ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 20 gennaio 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

³⁷ PEDROLLO, L. *Lettera alle Sorelle*, 12 luglio 1922, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 2

³⁸ PEDROLLO, L. *Lettera alle Sorelle*, 13 e 14 luglio 1922, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 2.

me também as acolhidas".³⁹ *"Tenho um débito para com elas: uma visita; elas estão me cobrando e eu, prometo, a farei assim que eu puder, quando eu puder. Diga às Irmãs que a minha visita, vivíssimo desejo bilateral, coloquem-na nas contas a receber"*.⁴⁰ *"De qualquer forma, pelo vínculo da caridade que deve haver entre as Casas, se for possível, o pensamento de ir não me falta e está acima de qualquer outro, inclusive do da saúde. Faça o Senhor"*.⁴¹ *"Saúde-me as Irmãs e lembre-as de que a união faz a força: compactas entre elas e unidas a esta Casa"*.⁴²

Quanto à pouca informação de que ele dispõe sobre a situação das Irmãs que se encontram na Casa de Costozza torna-se interessante esta advertência fraterna que o Pe. Battisti dirige ao Pe. Pedrollo, que mesmo tendo feito uma visita a Este não foi até ele para atualizá-lo das informações enquanto diretor das Irmãs: *"Muito Reverendo e caríssimo Pe. Pedrollo, o Senhor o recompense pela grande caridade que nos fez vindo até aqui para a nossa solenidade do Santíssimo Redentor. Mas como foi embora depressa! Eu esperava que o senhor pudesse ficar até de tarde, pois assim teríamos podido falar sobre as nossas coisas. Faça-me a caridade de me informar com precisão sobre a saúde da Irmã Gaetanina, escreva-me do que se trata, o que diz o médico e quais os cuidados que foram tomados e que estão sendo tomados a respeito. Se tiver notícias a acrescentar referentes a esta pequena comunidade feminina, faça-me a caridade de escrever também sobre isso. Certamente não poderei me preocupar com as coisas sem saber como estão. [...]*

Faz muito tempo que não sabemos nada a respeito do andamento desta família. Sim, as Irmãs, individualmente, me escreveram; mas coisas individuais; escrevem as que escrevem, e escrevem aquilo que escrevem. Posso eu acompanhá-las assim? Somos nós que nos afastamos ou são elas que se afastam?

São coisas que desta vez, com a calma de algumas horas, teríamos podido tratar juntos".⁴³

³⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 28 marzo 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

⁴⁰ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 14 giugno 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

⁴¹ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 25 luglio 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/8 corrispondenza a don Pedrollo [1922].

⁴² BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 14 ottobre 1923, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/9 corrispondenza a don Pedrollo [1923/24].

⁴³ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 21 luglio 1922, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/8 corrispondenza a don Pedrollo [1922].

Embora o teor da troca de correspondências entre o Pe. Battisti e o Pe. Pedrollo possa revelar um tom mais reservado por parte do primeiro, as cartas entre o Pe. Pedrollo e o Pe. Calábria, pelo contrário, evidenciam muito bem não só a colaboração, mas também uma grande sensibilidade tanto por parte do Superior da Casa de Costozza como do Pe. Calábria quanto à situação física e espiritual de cada Irmã. Assim escreve o Pe. Pedrollo ao Pe. Calábria, preocupado com as condições de duas Irmãs: *“Estão agora necessitando de cuidados as duas Irmãs, Maria (Fainelli) e Irene (Busti). O senhor teria algo contra ao fato de elas trocarem de ambiente por algum tempo? Sem assumir nenhum compromisso de nossa parte, elas seriam levadas para Arzignano”*.⁴⁴

Pe. Calábria responde que, *“a respeito das Irmãs, eu não tenho nada a dizer a não ser agradecer a Providência e abençoar quem as beneficia”*.⁴⁵ Enquanto as Irmãs se encontram fora da comunidade por um período, da comunidade de San Zeno in Monte lhes é cedida uma Irmã, que acaba ficando mais do que o previsto, como o atesta a carta do Pe. Pedrollo ao Pe. Calábria: *“A Irmã Maria vai se atrasar alguns dias, pois as Irmãs da cozinha precisam dela devido à ausência das outras duas, que estão em Arzignano. Assim que a Irmã Imelda não mais precisar dela, ela virá para Verona, e com certeza o senhor ficará satisfeito, porque se trata de uma boa Irmã”*.⁴⁶

Linda e significativa também a correspondência entre o Pe. Calábria e a Irmã Fannio, durante a sua permanência na comunidade de Costozza, na qual se pode colher a ligação estreita que as Irmãs sentem pelo Pai e como subsista o desejo de colaboração também em nível espiritual. *“Reverendo Pai, como é grande o nosso desejo de vê-lo! Quando virá para dar consolação às suas filhas? A comunidade caminha muito bem, estão todas cheias de boa vontade e todas trabalham para o seu próprio melhoramento espiritual; precisaríamos, todavia, de um empurrão que nos fizesse ir para frente como queremos. Quem sabe o Senhor, num momento ou noutro, no-lo dê verdadeiramente. Ele está sempre no meio de nós e nós o sentimos, sentimos que nos ajuda, nos sustenta, nos assiste de modo especial; deve ser também fruto das orações do nosso Reverendo Pai que, mesmo de longe, vigia sobre estas suas pobres filhinhas”*.⁴⁷

⁴⁴ PEDROLLO, L. *Lettera a don Calabria*, 27 maggio 1924, AHPSDP, f. Pedrollo/Corrispondenza a don Calabria, fld. 1, c. 3 corrispondenza a Don Calabria [1921-1924].

⁴⁵ CALABRIA, G. *Lettera a don Pedrollo*, 30 maggio 1924, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a don Pedrollo, fld. 1, c. 9, b. 100.

⁴⁶ PEDROLLO, L. *Lettera a don Calabria*, 10 giugno 1924, AHPSDP, f. Pedrollo/Corrispondenza a don Calabria, fld. 1, c. 3 corrispondenza a Don Calabria [1921-1924].

⁴⁷ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 29 marzo 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

Ao pedido do Pe. Calábria para que rezem por ele na novena ao Espírito Santo, eis o que a Irmã Imelda responde em nome da comunidade das Irmãs de Costozza: *“Fizemos a novena que o senhor nos pediu; rezamos muito pelo senhor, para que o Espírito Santo venha sobre a sua venerada pessoa com grande plenitude de dons, conforme o seu desejo. Esperamos ter sido atendidas e ficaremos bem felizes se tivermos essa confirmação. Nós, por outro lado, continuaremos a rezar com fervor, e o senhor, Reverendo Pai, reze por nós, obtendo-nos do divino espírito que nos transforme de uma vez. Digne-se abençoar-nos, e venha logo ao nosso meio para abençoar-nos pessoalmente”*.⁴⁸

Pe. Calábria, no dia seguinte, respondendo ao Pe. Pedrollo, assim comenta: *“Diga às Irmãs que espero que o Espírito Santo tenha vindo, mas quero ver depois; enquanto isso, que rezem e que se tornem grandes santas; o tecido existe e espero, também, o alfaiate”*.⁴⁹

Em consonância com a mentalidade comum daquela época, Pe. Battisti aponta o problema de se garantir uma clara separação entre Irmãs e Irmãos. Eis uma primeira referência à questão, expressa na carta que acompanha a chegada das primeiras Irmãs na Casa de Costozza, dirigida ao Pe. Pedrollo: *“Aquilo que eu recomendo imensamente ao senhor é que mantenha o mínimo contato possível entre as Irmãs e os Irmãos, ainda mais que esta comunidade é formada por elementos jovens, o que poderá acarretar problemas mais adiante. Faça-me a caridade, portanto, de manter o campo livre e segregado dos Irmãos, de modo que possamos colocar qualquer Serva sem medo de nenhum tipo. [...]*

Não entrem as Servas em contato com os Irmãos e não estejam submissas a nenhum deles, dependendo apenas delas mesmas. Certamente precisarão entrar em contato com alguém, mas seja zeloso quanto a isso, seja muito rigoroso.

Na cozinha, de qualquer forma, será necessária a presença de um Irmão, seja para a água, seja para a lenha, seja para fazer a polenta.

Também para as provisões será necessário um contato, mas fique claro que às Servas o senhor é quem deve dar todas as determinações”.⁵⁰ Eis um outro exemplo: *“Meu caro coirmão, recomendo-lhe muito, muito mesmo, que os Irmãos não se dirijam*

⁴⁸ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 10 giugno 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

⁴⁹ CALABRIA, G. *Lettera a don Pedrollo*, 11 giugno 1924, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a don Pedrollo, fld. 1, c. 9, b. 00102.

⁵⁰ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 16 luglio 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

demais à cozinha e que seja respeitado por eles aquele silêncio que a elas impõe o seu método de vida. Assim se dará mais glória ao Senhor.

Veja também se pode contentá-las mantendo-as mais separadas, no pequeno oratório.

*E se convença de que, durante o dia, é conveniente que a elas seja dada a possibilidade de tomar um pouco de ar, uma meia hora, pela manhã e pela tarde, que lhes serve como repouso e é quando podem falar”.*⁵¹

Começa-se a falar na hipótese de comunicação através da roda, um modo que permite reduzir ao mínimo os contatos entre as Servas e os Irmãos e garante que não haja nenhuma relação com o exterior: “*É preciso que eu lhe recomende que as relações entre as Irmãs e os Irmãos sejam reduzidas aos mínimos termos? A roda, eu a recomendo muitíssimo, tanto na cozinha quanto na rouparia.*

E na cozinha, pela conhecida provisão ou entrega, se é mesmo necessário, sim; caso contrário, não, respeitando o silêncio. [...]

*Se o senhor pudesse ceder o seu quarto e fechar com uma parede*⁵² *uma parte do salão, as Irmãs e as acolhidas teriam os quartos convenientes e a possibilidade de ter acesso à capela sem passar pelo ambiente masculino. Considere se isso não lhe seria útil.*

*Por outro lado, quando o ambiente masculino estiver liberado, parece-me que uma Serva possa andar sem estar acompanhada; o que o senhor acha?”*⁵³ Sobre esta questão ele retorna alguns meses depois com este breve aceno: “*A meia roda é uma porcaria inútil. Sim, faça-se a roda inteira, e quem sabe com o tambor de metal, não de madeira*”.⁵⁴

Pe. Battisti, que à primeira vista parece querer controlar tudo, talvez esteja querendo apenas garantir que as Irmãs possam ter o espaço necessário para viver de modo adequado o espírito religioso. A citação a seguir é uma confirmação disso: “*Quanto às Irmãs [...], façamos os cálculos: daqui a pouco o senhor terá, no setor feminino, duas Irmãs, a Pennighini, as duas acolhidas, e a senhora Libera, a qual, esta última, pelo que me parece, vem para ficar. Pergunto-lhe se não seria bom também que*

⁵¹ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 19 agosto 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 5, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

⁵² O termo usado aqui no original, “assito”, indica uma divisória de madeira.

⁵³ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 8 gennaio 1921, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/6 corrispondenza a don Pedrollo [1921/1].

⁵⁴ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 23 settembre 1920, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/5 corrispondenza a don Pedrollo [1920].

*houvesse uma noviça. Calcule o ambiente para dormir, levando em conta cada uma dessas múltiplas categorias”.*⁵⁵

⁵⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Pedrollo*, 26 settembre 1921, AHPSPD, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/7 corrispondenza a don Pedrollo [1921/2].

A Superiora da Casa e sua submissão direta ao Pe. Calábria

Irmã Imelda – Maria Fannio é designada Superiora da comunidade de Costozza pelo Pe. Calábria, que através dela mantém os contatos epistolares com as Irmãs, nunca deixando de enviar-lhes “*uma bênção especial [...] para que, com docilidade, humildade e caridade, cooperem com os desígnios de Jesus bendito e salvem as suas almas*”.⁵⁶ E novamente o Pai escreve: “*Eu, pobre padre, lembro-a e, juntamente com a senhora, toda a pequena comunidade de Costozza, lembrando e abençoando também todas as pessoas que lhe são caras*”.⁵⁷

À Irmã Fannio o Pe. Calábria comunica também transferências e deslocamentos das Irmãs, como escreve alguns meses depois de sua chegada a Costozza: “*Boa Irmã Fannio, a Providência lhe manda a Sabina e a Regina. A Regina, na realidade, deveria ficar em Verona, mas, até para evitar males maiores, pensei por enquanto em enviá-la para Costozza. Recomendo as duas à sua caridade. Quanto à Irmã Josefina, peça-lhe para vir a Verona, com a Irmã Ângela. Deus abençoe todas. Nada de medos, grande dose de amor a Deus, e adiante*”.⁵⁸

Em 18 de maio de 1922 dirige-lhe as seguintes linhas: “*Irmã Fannio, com a sua grande caridade receba a presente aspirante Irmã Mezzalira. Não tem muita saúde, mas está cheia de boa vontade; veremos o que o Senhor irá querer. A Irmã Pizzolato, que a acompanha, também é aspirante. [...] Peço-lhe que infunda nelas o espírito que Deus lhe deu. Abençoo todas as Irmãs; que todas se tornem grandes santas*”.⁵⁹

Em 27 de maio expressa-lhe este anseio: “*Irmã Imelda, [...] invoco-lhe, do fundo do coração, a abundância dos dons do Espírito Santo e, com a senhora, toda a comunidade. Ai de vocês se, com tantos auxílios e misericórdias de Deus, esta comunidade não se tornar santa e não cumprir os desígnios de Deus. [...]*

Virá a Costozza a Irmã aspirante Teresinha; também com ela use de caridade. Eu creio que, com a ajuda de Deus, ela fará muito bem e cumprirá os divinos

⁵⁶ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 18 agosto 1920, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01974/A.

⁵⁷ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Fannio*, 1 febbraio 1923, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 3908/Z/09.

⁵⁸ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Fannio*, 8 novembre 1920, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 3908/Z/05.

⁵⁹ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Fannio*, 18 maggio 1922, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 3908/Z/07.

*desígnios; quanto à senhora, infunda-lhe o seu espírito, que é o de Deus, não se ensoberbeça; também a lama se torna luminosa quando é banhada pelo sol.*⁶⁰

Fico muito preocupado com a Irmã; que Deus lhe dê, se for de sua vontade, a saúde. Quanto à Teresinha Pizzolato, veja se a senhora consegue encontrar um pequeno cantinho para que ela durma em separado. [...]

Irmã, Deus a abençoe, abençoe todas. Espero logo, se Deus quiser, poder vir, e espero respirar o ar do Céu”.

Esta última expressão usada pelo Pe. Calábria manifesta muito bem a sua estima pela comunidade de Costozza e em primeiro lugar pela própria Irmã Imelda, para junto da qual continua enviando todas as que pretendem entrar na Obra, bem como as que estão passando por algum momento de dificuldade, a fim de que recebam um apoio espiritual.

A este respeito, eis um exemplo: *“Estão chegando a Costozza em nome do Senhor duas Irmãs que a senhora e todas as demais já conhecem. Ambas têm necessidade da sua ajuda e do seu conselho espiritual, e eu lhe recomendo muito que cuide delas. Elas têm um espírito bom, são boas no trabalho, mas precisam de uma orientadora como a senhora. [...]*

Cuide para que reine sempre entre as Irmãs o bom espírito e a observância das Regras. [...]

*Faremos alguma troca, com alguma Irmã, que virá aqui para Verona”.*⁶¹

A seguir, com o agravamento da situação em Este, Pe. Calábria comunica ao diretor das Irmãs, Pe. Battisti: *“Em relação às Irmãs de Costozza, tudo somado, levando-se em conta a diversidade e o programa, creio que, enquanto não se organizem as coisas, é melhor que estejam submissas a mim”.*⁶² E disso avisa o Pe. Pedrollo nos seguintes termos: *“Ao Pe. Battisti escrevi que, por enquanto, não mande Irmãs a Costozza, particularmente de hábito, e que até nova ordem elas estejam submissas, por vários motivos, diretamente a mim”.*⁶³ Depois de ter sido tomada a decisão de confiar à componente masculina toda a direção da Casa de Este, na tentativa de dar uma resposta positiva às reclamações da cúria de Pádua, chegam a Costozza outras Irmãs.

⁶⁰ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Fannio*, 27 maggio 1922, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 3908/Z/07.

⁶¹ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Fannio*, 1 maggio 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 3908/Z/11.

⁶² CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 2 ottobre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08295.

⁶³ CALABRIA, G. *Lettera a don Pedrollo*, 3 ottobre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a don Pedrollo, fld. 1, c. 9, b. 00088.

Lembra Irmã Maria – Natália Fainelli: “*Se não me engano foi no dia 2 de setembro de 1923 que fui enviada à Casa de Costozza*”.⁶⁴ Não se tem conhecimento da data da transferência das demais Irmãs; sabe-se apenas que no dia “*26 de dezembro de 1923 a Irmã Vincenzina (Ângela De Battisti) de Jesus e a Irmã Domingas de Jesus (Teresa Martini) passam para a Casa de Costozza*”.⁶⁵ Precisamos ressaltar, a este propósito, que aproximadamente um mês depois de sua chegada à comunidade vicentina a Irmã Domingas – Teresa Martini foi transferida para Brescia no dia 30 de janeiro de 1924.⁶⁶

Em outubro de 1924 a comunidade de Costozza encontra-se formada pelas seguintes Irmãs:

1. Irmã Maria de Jesus (Natália Fainelli)
2. Irmã Irene de Jesus (Maria Busti)
3. Irmã Beatriz de Jesus (Ângela De Mori)
4. Irmã Imelda de Jesus (Maria Fannio)
5. Irmã Tarcisia de Jesus (Laura Fossati)
6. Irmã Clara de Jesus (Antonietta Secagno)
7. Irmã Vincenzina de Jesus (Ângela De Battisti)

Além destas, faz parte da comunidade também a Irmã Sabina.⁶⁷

As Irmãs se comprometem com a Casa, juntamente com os Irmãos, prontas para responder pela cozinha e pela rouparia. Uma prova disso poderia ser esta breve carta: “*Às Irmãs de Costozza. Dentre as minhas tantas dores, nas provações que são inerentes a esta grande Obra de Deus, muito me conforta pensar na Casa de Costozza. Rezo ao bendito Jesus que inflame esta comunidade do espírito de Jesus bendito, a fim de que possa cumprir os desígnios divinos, e depois, toda, um dia, no santo paraíso*”.⁶⁸

Acenando à visita que o Bispo de Vicenza tem intenção de fazer privadamente à Casa de Costozza, o Pe. Calábria, preocupado com a falta de clareza na situação jurídica das Irmãs, faz este questionamento ao Pe. Luis Pedrollo: “*As Irmãs que usam hábito, não seria o caso de que nem se apresentassem, ou talvez seria melhor dizer que estarão*

⁶⁴ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

⁶⁵ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 26 dicembre 1923, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

⁶⁶ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 30 gennaio 1924, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

⁶⁷ É o que se deduz em G. BATTISTI. *Appunti sparsi*, 29 ottobre 1924, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

⁶⁸ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle di Costozza*, 27 giugno 1922, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01974/C.

ali apenas até que o tecido estiver em condições de uso? Eu acharia melhor a primeira solução; em todo caso, veja o senhor".⁶⁹ Assim responde o Pe. Pedrollo, no dia seguinte, para tranquilizá-lo: "*Quanto às Irmãs, eu farei aquilo que o senhor achar melhor; eu acho que não é preciso esconder. Se o Bispo tiver observações a fazer, nós executaremos o que ele disser*".⁷⁰

⁶⁹ CALABRIA, G. *Lettera a don Pedrollo*, 24 gennaio 1924, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a don Pedrollo, fld. 1, c. 9, b. 00094.

⁷⁰ PEDROLLO, L. *Lettera a don Calabria*, 25 gennaio 1924, AHPSDP, f. Pedrollo/Corrispondenza a don Calabria, fld. 1, c. 3 corrispondenza a Don Calabria [1921-1924].

1924-1928: O PERÍODO DA SISTEMATIZAÇÃO**A diáspora**

Em consequência das novas determinações relativas à Casa do Santíssimo Redentor, todas as Irmãs deixam Este, onde permanecem apenas “*as noviças, necessárias para o serviço de cozinha e de rouparia*”.¹ Estas últimas vivem separadas da Casa masculina, morando numa “casinha” próxima ao patronato. Com o passar dos meses são substituídas por outras Irmãs, que continuam a garantir uma presença na cozinha e na rouparia, concluindo definitivamente a sua permanência em Este quando do fechamento da Casa.² Algumas foram enviadas para as comunidades já existentes, Costozza, San Zeno in Monte e Este, enquanto outras prestam serviço na cúria de Verona e outras ainda começam as novas comunidades de Brescia e de San Michele Extra. Quanto às Irmãs que não têm o espírito da Obra ou cuja saúde é considerada precária, bem como as que foram consideradas passíveis de serem afastadas, seguindo as orientações precedentemente comunicadas por carta pelo Pe. Calábria, foram enviadas de volta para as suas famílias.³

Algumas outras informações são fornecidas pelo Pe. Augusto Cogo: “*Assim que foram fundadas as outras Casas fora de Verona, o projeto inicial era manter os menores de 8 anos em Este, sob a vigilância das Irmãs, e os que tinham idade escolar até os 12 anos em Costozza, os quais posteriormente seriam enviados a Verona, na Casa-Mãe, para aprender uma profissão; mas depois se pensou, no entanto, devido à*

¹ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 7 settembre 1923, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Este, fld. 2, c. 26 Cronistoria.

² Durante a reunião do conselho geral da Casa Buoni Fanciulli realizada na manhã de 16 de outubro de 1924, dentre os vários argumentos, discute-se também se fechar ou não a Casa de Este por causa das dívidas. Apesar da redução dos meninos (45 haviam sido dispensados) e da diminuição do pessoal encarregado da assistência por ocasião da transformação da Casa de feminina para masculina, e mesmo com os auxílios econômicos concedidos por San Zeno in Monte, o déficit se mantém sempre ao redor de sete-oito mil liras. Os pareceres são discordantes. Cf. [G. BATTISTI] *Verbale seduta Consiglio Generale*, 16 ottobre 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b CA01074.

³ Cf. G. CALABRIA. *Lettere a don Battisti*, 12 maggio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08280 e G. CALABRIA. *Lettere a don Battisti*, 20 maggio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08283.

diversidade de disciplina, em construir as oficinas também em Costozza, inauguradas em 6 de janeiro de 1922”.⁴

Também o Pe. Battisti é removido do seu encargo, como o testemunha o Pe. Calábria: “*Cheguei à determinação de dissolver o grupamento feminino, de tornar a Casa completamente masculina, e pouco depois de substituir o próprio diretor, Pe. Giobatta Battisti*”.⁵ Ao comunicar-lhe estas decisões, ele usa a sua costumeira caridade. Para transferi-lo para San Michele, escreve deste modo: “*In Domino, levando tudo em consideração, eu tenho a impressão de que pelo menos por algum tempo seja oportuno que em Madonna di Campagna, tanto para vigiar quanto para servir de sentinela à grande Obra, seja preciso um sacerdote da Casa muito sagaz e firme, unido a uma grande santidade, e este me parece ser o Pe. Battisti. Portanto, o senhor virá à Madonna, ou seja, dormirá na Casinha, ou melhor, no quatinho da Madonna, e de lá dirigirá e protegerá as crianças até que a Providência dispuser com mais clareza; eu creio que em Este, por enquanto, podem se virar*”.⁶

Em San Zeno in Monte

Nem todas as Irmãs deixam San Benedetto; com efeito, “*quando partimos para Este algumas Irmãs ficaram aqui, em San Zeno, cuidando da cozinha*”.⁷

A comunidade que reside em Verona, no começo, é composta de poucos membros: “*Em outubro de 1920 fomos para a cozinha em San Zeno in Monte, com a Irmã Cecília cozinheira e a Irmã Vitória como chefe, e à noite íamos dormir na casinha*”.⁸

Também as Irmãs de San Zeno in Monte, da mesma forma que as de Costozza, participam dos exercícios espirituais que todo ano são realizados em Este, na Casa do Santíssimo Redentor, considerada a Casa-Mãe, como o confirma uma carta endereçada ao Pe. Pedrollo pelo Pe. Calábria em dezembro de 1921: “*Estamos em poucos; os*

⁴ [COGO, AUGUSTO]. *Appunti e Memorie Don Giovanni Calabria – Casa dei Buoni Fanciulli – Congregazione dei Poveri Servi della Divina Provvidenza*, AHPSDP, f. Casa di San Benedetto, fld. 1 [1916-1930], c. 4.

⁵ CALABRIA, G. *Promemoria*, 14 gennaio 1928, AHPSDP, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 30, b. 8311, cópia com assinatura holográfica do Calábria.

⁶ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 30 dicembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 8310.

⁷ SOSTER, A. (Sor. Gabriella di Gesù). *Intervista*, 8 maggio 1967, AHPSaDP, fld. Interviste.

⁸ MORI, A. DE (Sor. Beatrice di Gesù). *Intervista a Sor. Beatrice*, senza data, AHPSaDP, fld. Interviste.

*irmãos e os aspirantes estão na cozinha, já que as Irmãs foram para Este para os santos exercícios”.*⁹

Com o retorno das Irmãs de Este, a comunidade de Verona assume novos encargos e pode se ocupar também da rouparia.¹⁰

A seguir, em abril de 1925,¹¹ unem-se às Irmãs de San Zeno também algumas outras retiradas do Hospital Pilastroni, de Brescia, tendo a casinha por residência. Antes de sua partida para Verona, Pe. Adami lhes escreve uma carta em nome do Superior: *“Finalmente chegou o dia tão esperado. Agora o Senhor as faz retornar ao ninho primitivo, para formar de novo a santa família de almas completamente dedicadas à glória de Deus no serviço dos pobres e dos sacerdotes, aqui na Casa. Venham, portanto, com ânimo feliz, com coração generoso, para servir o grande Rei na pessoa dos pobres. Haverá pobreza, pobreza na habitação, no quarto de dormir, no alimento, no vestuário; mas qual seria a surpresa no fato de que nós, professando a pobreza, sejamos pobres, e nos faltem tantas coisas, mesmo desejáveis?! Cristo pobre, com efeito, não pode ser servido com a comodidade, com os gostos materiais, mas sim com a imitação das suas virtudes.*

*Quinta-feira, portanto, chegarão ao ninho, prontas para alçar voo para outros ninhos, se a obediência assim o dispuser. Vocês são aguardadas pelo Superior, por todos, principalmente pela Irmã Fannio que assumirá, em virtude da obediência, o ofício de dirigir o minúsculo grupo de Irmãs. O aumento das Irmãs em número aliviará o trabalho das demais, permitindo a todas atender mais tranquilamente às práticas de piedade, que logo serão organizadas da melhor forma possível, sendo estas a nossa única riqueza, riqueza, além do mais, que podemos ou devemos desejar ter, sendo o único meio para alcançar a santidade, à qual somos chamados”.*¹²

No dia 7 de dezembro de 1926 o Pe. Calábria leva pessoalmente às Irmãs da Casa de San Zeno in Monte um lindíssimo quadro de Santa Teresa do Menino Jesus, afirmando-lhes que as colocou sob a proteção especial da “Santinha”.

⁹ CALABRIA, G. *Lettera a don Pedrollo*, 29 dicembre 1921, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a don Pedrollo, fld. 1, c. 6, b. 00059.

¹⁰ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 28 dicembre 1923, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti di cronaca 2.

¹¹ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 17 aprile 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01947.

¹² ADAMI, L. *Lettera alle sorelle*, senza data, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 2.

Em abril de 1930, além dos compromissos com a cozinha e com a rouparia, foi acrescentado também o relevante serviço da lavanderia;¹³ isso porque em San Zeno acabou se concentrando toda a atividade da Obra aumentando assim o número de membros, já que para lá foram direcionados os Irmãos e os meninos transferidos da Casa de Este após o seu fechamento definitivo.

No bispado

Em dezembro de 1923 o Pe. Calábria escreveu ao Pe. Battisti: “*Provavelmente serão necessárias duas Irmãs ad hoc*¹⁴ *para o Bispo!*”¹⁵

Dom Jerônimo Cardinale,¹⁶ novo Bispo de Verona, sucessor de Dom Bacilieri, falecido em fevereiro de 1923,¹⁷ vê com bons olhos a Obra do Pe. João e tem admiração

¹³ *Diario della Congregazione*, 21 aprile 1930, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

¹⁴ A expressão latina “ad hoc” significa literalmente “para isso”.

¹⁵ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 18 dicembre 1923, AHPSaDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08306.

¹⁶ Em fevereiro de 1923 faleceu o Card. Bacilieri, que foi sucedido pelo seu Auxiliar, Giordano Corsini, até que em 25 de maio de 1923 chegou de Roma a nomeação para bispo de Verona de Jerônimo Cardinale, pertencente ao clero de Gênova e professor do seminário.

Jerônimo Ângelo Cardinale nasceu em Gênova no dia 14 de fevereiro de 1875, filho de Domingos e Ângela Traversa, família de modesta condição social. Estudou no Instituto Filhos de Maria Imaculada, do venerável Frassinetti, cursando depois Filosofia como aluno externo no seminário diocesano de Gênova. Tendo recebido a vestição clerical em 16 de dezembro de 1893, frequenta a partir de 1894 os cursos teológicos, continuando ainda a morar com os Filhos de Maria Imaculada, da Rua Ginevrina. Foi ordenado diácono no dia 10 de julho de 1898 e sacerdote no dia 24 de setembro daquele mesmo ano. Especializou-se em Direito Canônico frequentando os cursos da Pontifícia Faculdade Jurídica, autorizada a conceder os títulos acadêmicos pela Santa Congregação dos Estudos. Deixa o Instituto Filhos de Maria Imaculada quando, em 1903, este se torna congregação religiosa.

Do ponto de vista da atividade pastoral, foi designado, logo após ter sido ordenado sacerdote, à Casa Sagrada Família, de Villa Adorno, como professor do ensino médio. Mais tarde, em 1914, obteve também o título acadêmico de doutor participante do colégio teológico de São Tomás de Aquino, um instituto de estudos em nível universitário pertencente à arquidiocese de Gênova, que possuía habilitação para conferir diploma de Teologia.

Desempenha diversos encargos na arquidiocese de Gênova, tais como o ensino de Sagrada Escritura no seminário teológico e a atividade de teólogo canônico da igreja metropolitana.

No consistório secreto de 25 de maio de 1923 foi nomeado por Pio XI bispo de Verona; consagrado na catedral de Gênova pelas mãos do arcebispo, Dom Signori, fez o seu ingresso solene em Verona no dia 15 de agosto de 1923. Faleceu em 26 de dezembro de 1954, tendo sido sepultado em janeiro do ano seguinte no túmulo dos bispos veroneses da catedral de Verona. Sobre ele veja-se C. BOSCAGIN. *Mons. Girolamo Cardinale vescovo di Verona*. Verona: Ghidini e Fiorini, 1964.

Na carta que o Pe. Calábria envia ao Pe. Battisti, ele escreve: “*Ouviiu falar sobre o novo bispo? Dizem que ele é um douto, um santo; veremos, quem sabe que não me deixe um pouco em paz; estaria mais do que na hora; a Obra certamente iria não melhor, mas bem*” (CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 29 maggio 1923, AHPSaDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08282). No primeiro encontro com o Pe. João, no dia 16 de agosto, no dia seguinte ao seu ingresso em Verona, falando da Obra, “*o novo bispo – que Pe. João definirá ‘bispo da Providência’ – desde o primeiro dia demonstrou conhecer e apreciar a Obra do Pe. João*” (ADAMI, L. *Don Giovanni Calabria: Vitae editio prior, vitae editio altera*. In: *Fonti calabriane, serie seconda: Scritti editi ed inediti di Poveri Servi della Divina Provvidenza (periodo 1907-1954)*. v. II-III. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità

pelos seus membros, considerando-os religiosos de espírito apostólico totalmente a serviço do reino de Deus.

Pe. Battisti anota: “*Nesta manhã, sob mau tempo, vou ao bispado para as últimas providências referentes ao pedido feito pelo Bispo para ter, no bispado (além do cozinheiro, que é da Casa), também duas Irmãs*”.¹⁸

O bom serviço prestado pelo cozinheiro enviado pela Casa Buoni Fanciulli provocou o bispado a fazer o pedido de “*duas [Irmãs]: elas deverão também pernoitar no bispado; serão responsáveis pela limpeza da cozinha, pelo cuidado da roupa, incluindo passar ferro, pela limpeza do quarto do sacerdote secretário, bem como de tirar o pó em vários locais.*

Do quarto do Bispo ficarão encarregadas as suas irmãs, que farão também a delas. Dos pisos se encarregará o servo, o qual também preparará a comida.

As Irmãs farão todas as suas práticas de piedade, e a sua orientação espiritual ficará a cargo da Casa.

Isso foi o acordado. As Irmãs irão para lá no decorrer do próximo mês”.¹⁹

O termo foi respeitado e no dia 23 de janeiro de 1924 duas Irmãs, Margarida Bettin e Maria Assunta Contin chegam ao bispado de Verona para prestarem o seu serviço.²⁰ A presença delas naquele lugar durou apenas um ano porque “*a Irmã Margarida Bettin pretendia entrar para um mosteiro e... no dia 1 de fevereiro [1925] efetivamente foi para um convento das Salesianas, em Treviso*”.²¹ Infelizmente foi impossível substituí-la; e assim a permanência das Irmãs no bispado, tão desejada pelo Bispo, foi encerrada em fevereiro de 1925.

Na casa de saúde da Rua Pilastroni, em Brescia

Calabriana, 2005. P. 188). E alguns anos depois, em carta enviada ao bispo, Pe. Calábria dirige-se a ele com estas palavras: “*Ao senhor que, por tantos títulos, demonstrou-se o bispo da Providência para com esta Casa, tendo compreendido o seu espírito e o seu programa*” (CALABRIA, G. *Lettera a mons. Cardinale*, 30 settembre 1929, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere ad Autorità, fld. 1, c. 7, b. 03761).

¹⁷ FOFFANO, O. *Don Giovanni Calabria*. Milano: Casa Buoni Fanciulli, 1981. p. 186-187.

¹⁸ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 9 gennaio 1924, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Cronaca 1.

¹⁹ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 13 gennaio 1924, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Cronaca 1.

²⁰ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 23 gennaio 1924, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Cronaca 1.

²¹ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 23 gennaio 1925, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Cronaca 1. Pe. Battisti refere-se ao Mosteiro da Visitação de Treviso, onde residem as monjas fundadas por São Francisco de Sales. Essa é a razão pela qual ele as chama Salesianas.

Numa vivenda da Rua Pilastroni, em Brescia, está instalada uma casa de saúde administrada pelos Fatebenefratelli. É para este local que o Pe. Calábria, atendendo a um pedido daquela instituição, já que as Irmãs Camilianas haviam se retirado, envia as Irmãs na expectativa de que seja superado o pós-Este, momento no qual “*é preciso dispersar, para depois congregar, para depois unir onde o Senhor quiser...*”²²

Ele se dirige pessoalmente para lá, conhece a estrutura, avalia a situação e assim informa o Pe. Battisti: “*Fui fazer uma visita de reconhecimento em Brescia, e me parece mesmo que essa seja uma providência do tempo. Um setor à parte. Igreja e muitas outras comodidades. As Irmãs irão para lá para um período de experiência, e creio que se forem com grande fé e sacrifício manterão viva a vida da Obra de Este num outro lugar. Devem estar lá para o dia 30 de junho, mas a Superiora e a cozinheira precisam já se encontrar no local para a passagem de cargo no dia 28. Sem dúvida, o senhor escolherá as Irmãs, as sortudas Irmãs que tenham saúde e virtude; a ocupação delas será a rouparia e a cozinha; isso quer dizer que se não forem tão boas na cozinha terão que aprender. Muito cuidado na escolha; recomende a elas que estimem esta graça que a Providência lhes faz; diga-lhes que agora começam e que esta é a vontade de Deus; elabore um pequeno regulamento; se achar que alguma Irmã de hábito seja apta a ser superiora, peça-lhe para deixar de usar o hábito e a envie; estamos no abandono, e isso precisa ser demonstrado na prática. Da mesma forma, com prudência, recomendo-lhe que dispense os jovens que não correspondem e as Irmãs com pouca saúde e pouco espírito. Entendo a sua dor e a sua delicada posição, mas Deus o ajudará, é a sua vontade*”.²³ Em recompensa pela atividade desenvolvida, as Irmãs recebem 600 liras mensais.²⁴

Tendo por referência esta carta é fácil perceber que para o prazo estabelecido para a chegada à Pilastroni faltam apenas quatro dias e não é possível, em tão pouco tempo, pensar num hábito novo para as Irmãs e subtrair tantas pessoas capacitadas da casa de Este sem acabar criando grandes problemas. Para resolver esses inconvenientes pensou-se em enviar para Brescia, pelo menos por algum tempo, as noviças, pois elas estão “*vestidas como leigas*”.²⁵

²² CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 26 agosto 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 08291.

²³ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 24 giugno 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08286.

²⁴ Cf. G. BATTISTI. *Appunti sparsi*, 13 gennaio 1924, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

²⁵ *Cronistoria della Congregazione*, 28 dicembre 1923, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

Assim, no dia 28 de junho de 1923 “*partem para Verona para depois prosseguir para Brescia: Malvina Zamperetti, Ângela Centa e Lia Baesso*”,²⁶ às quais, no dia 30 de junho, juntam-se também: “*Maria Gagliardo, Maria Bianchini, Margarida Bettin, Assunta Contin, Maria Corrent...; todas já cumpriram o tempo de noviciado*”.²⁷ A superiora desta pequena comunidade é Malvina Zamperetti; como vice-superiora foi designada Maria Gagliardo.²⁸

Foi uma escolha feliz a de mandar as noviças, tanto que “*o prior dos Fatebenefratelli... afirmou estar muito contente com as Irmãs em todos os aspectos, tanto pela sua vida religiosa quanto pela irreparabilidade do serviço... O confessor das Irmãs exprimiu-se favoravelmente com estas palavras: dão lição a muitos padres e a muitos frades com a sua exatidão e ótimo espírito*”.²⁹

A vida comunitária é organizada de modo que lhes seja permitida uma vida de religiosas e seja respeitada a clausura, como requer o Pe. Battisti: “*Nós manifestamos, além disso, o vivíssimo desejo de que seja eliminado o inconveniente dos senhores e dos enfermeiros que entram na cozinha e na rouparia. [...] O nosso venerado Superior desejaria que fossem retirados da cozinha também os homens encarregados da pia e que fossem substituídos por outras Irmãs e mulheres da nossa Casa. Para a distribuição dos alimentos e das roupas achamos que se pode fazê-la facilmente por meio de pequenos orifícios dispostos em locais onde não se possa do exterior dominar o interior. As portas sejam chaveadas, de modo que apenas o senhor (prior) possa entrar. Enfim, o meu venerado Superior quer que as Irmãs tenham o santo retiro mensal, mas pregado por um sacerdote da nossa Casa. Nós, no santo retiro, costumamos fazer três pregações, uma à noite e duas na manhã seguinte. Será impossível manter também ali esse método; mas espera-se poder fazer uma pregação à noite e uma na manhã seguinte, bem cedo. O que o Senhor acha?*”³⁰

No dia 28 de dezembro de 1923 as Irmãs designadas para Brescia “*deixam de usar o hábito próprio das Servas dos Pobres, a fim de evitar questões diocesanas, e*

²⁶ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 28 giugno 1923, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

²⁷ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 30 giugno 1923, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

²⁸ Cf. G. BATTISTI. *Appunti sparsi*, 28 giugno 1923, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

²⁹ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 19 settembre 1923, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

³⁰ BATTISTI, G. *Lettera al Priore dei FBF Fr. Giusto di Villa Salute – Pilastroni*, 24 settembre 1923, com cópia no AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

passam a usar uma veste quase preta, uma capa e um véu sobre a touca. No trabalho, usam um avental branco que cobre todo o vestido e touca branca”.³¹ “Para sair, manto longo da mesma cor e véu preto, também de lã, mais longo do que o primeiro, tipo cachecol”.³² É uma veste que reflete o desejo já manifestado pelo Pai: não deve ter nada “que demonstre ser um hábito religioso”.³³

As Irmãs, prontas para substituir as noviças, no dia 29 de dezembro de 1923³⁴ partem para Brescia. São as seguintes:

1 – Irmã Gertrude de Jesus (Maria Meneghetti), Superiora;

2 – Irmã Clara de Jesus (Antonietta Secagno), que, por essa razão, deixa de ser Mestra de Noviças;

3 – Irmã Gabriela de Jesus (Aida Soster);

4 – Irmã Carmela de Jesus (Silvia Todesco);

5 – Irmã Serafina de Jesus (Adele Carli);

6 – Irmã Madalena de Jesus (Giselda Mercoletti), cozinheira”.³⁵

A estas Irmãs no dia 30 de janeiro de 1924 junta-se a Irmã Domingas – Teresa Martini,³⁶ e com sua chegada algumas noviças são chamadas de volta a Verona.

A comunidade, recém constituída na sua forma completa, logo comunica ao Pe. Calábria as suas primeiras impressões sobre a nova situação de vida, expressando-se com grande espírito de fé: “O Senhor lhe manifeste todo o nosso reconhecimento por ter encontrado para nós, no momento de uma provação de tanto abandono, esta morada, santa, porque consagrada a Deus e porque casa de dor. Estamos felizes na vontade do Senhor, embora nos pareça estar quase num deserto; sentimo-nos estrangeiros e peregrinos... temos mais facilidade de entrar em nós mesmas para querer fazer bem todas as coisas, tudo para a glória de Deus. A Ele buscamos com mais ardor, quase que para preencher o vazio que existe ao nosso redor.

Esperamos responder aos desejos do Cristo. Os seus caminhos são secretos, mas todo amor. Nós o sentimos e o vemos passo a passo.

³¹ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 28 dicembre 1923, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

³² *Cronistoria della Congregazione*, 28 dicembre 1923, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

³³ PEDROLLO, L. *Lettera a don Calabria*, 2 ottobre 1923, AHPSaDP, f. Pedrollo/Corrispondenza a don Calabria, fld. 1, c. 3 corrispondenza a don Calabria [1921-1924].

³⁴ Cf. A. SOSTER. (Sor. Gabriella di Gesù). *Intervista*, 8 maggio 1967, AHPSaDP, fld. Interviste.

³⁵ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 29 dicembre 1923, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario. Os nomes de batismo indicados entre parênteses não estão escritos sobre o documento original.

³⁶ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 30 gennaio 1924, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

Este novo ano que surge seja para a Casa Buoni Fanciulli, seja para nós, um ano de grande santificação. Nada mais pedimos. Estamos certas de que Deus, que tem seu olhar sobre nós, satisfará o seu coração e dará alegria ao nosso.

*Esperamos brevemente a sua visita, aliás, ousamos solicitá-la; mais do que antes nos sentimos suas filhinhas em Cristo”.*³⁷

Pe. Calábria se mantém próximo da nova comunidade através das cartas que lhes envia nos meses seguintes à partida delas para Brescia, manifestando o seu desejo pessoal de logo visitá-las e acolhendo assim o convite feito. *“Irmã em Jesus Cristo, quando Deus quiser, e espero seja logo, virei a Brescia. Enquanto isso, recomendo-lhe que tudo seja feito na caridade. Fale às Irmãs da grande responsabilidade que elas têm diante de Deus, como já lhes disse pessoalmente; devem ser a semente da Obra. Deus cumprirá os seus desígnios se forem fieis à sua vocação. [...]*

Sempre rezo e de coração abençoo toda a comunidade, que eu espero seja sempre segundo os desejos do Sagrado Coração de Jesus.

*Nas minhas dores me é de sumo conforto saber que a comunidade de Brescia ama e serve Jesus”.*³⁸

Amargurado o Pe. Calábria lhes comunica que infelizmente não será possível concretizar a intenção de ir visitar as Irmãs, mas espera poder fazê-lo de algum modo. Pela enésima vez repete a exortação a viver o espírito da Obra: *“Irmã em Jesus Cristo, a Providência, mãe amorosa, não dispôs que eu possa vir; digamos o nosso fiat. Agora estou melhor, mas não bem. Se Deus quiser, espero vir o quanto antes. Quanto a vocês, orem ao Senhor, mantenham sempre limpo o caminho a fim de que possa passar a Providência e cumprir os seus desígnios. Recomendo-lhes que sejam tantos trapos, sem cabeça, cheias de fé e de obediência em tudo e por tudo àquilo que o Senhor quiser; escutando este pobre padre. Somente assim nos edificamos e nos santificamos. Espero que o Pe. Battisti esteja ainda ali”.*³⁹ E o Pe. Battisti, alguns dias depois, escreve ao Pe. Calábria: *“Em Brescia nós dois somos esperados. Com certeza, se eu devo ir, é conveniente que eu vá para o santo retiro antes que o mês acabe, ou seja, nesta semana ou na oitava de Páscoa. Poderíamos ir juntos, e depois, se o Senhor achar oportuno, eu poderia ficar um dia a mais para o santo retiro das Irmãs.*

³⁷ SORELLE DEI PILASTRONI. *Lettera a don Calabria*, 31 dicembre 1923, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29.

³⁸ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 22 agosto 1923, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 10711/O.

³⁹ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 14 gennaio 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 10711/N.

De Brescia me escrevem exultantes Irmã Gertrude e Irmã Chiara, pois hoje elas têm a graça de um dia eucarístico. Deo gratias. [...]

*Estava me esquecendo de lhe dizer que em Brescia, hoje, na capelinha privada, será celebrado um dia eucarístico, das 10 da manhã até às 18h”.*⁴⁰

Mais uma vez o Pe. Calábria reconhece que não tem ideia de quando poderá ir visitar a comunidade de Brescia, mas colhe a ocasião para exprimir aqueles pensamentos que podem contribuir de qualquer modo para dar um sentido ao sofrimento provocado pelo distanciamento delas das demais Irmãs, que ficaram em Verona e Costozza. Ele procura reafirmar alguns pontos nodais do espírito da Obra: a caridade entre os membros, o espírito de abandono à divina Providência, a docilidade, a escuta do “Casante”, como ele próprio gosta de definir-se. Eis as palavras que lhes dirige: *“Recomendo a todas que mantenham, não em palavras, mas em fatos, o espírito desta grande Obra nascida do Sagrado Costado de Jesus; de modo especial, a caridade, tão desejada por Jesus bendito, o abandono total em Deus, o espírito de humildade. Vocês viram e virão coisas grandes, e virão coisas ainda maiores se forem dóceis, humildes e se escutarem, enquanto a misericórdia do Senhor me mantiver, este pobre padre.*

As Irmãs foram, neste tempo, submetidas a provações; bem-aventuradas aquelas que, sem murmurações e críticas, beijaram a mão de quem em nome de Deus rege esta Casa; estas serão as eleitas no Céu, e servirão de bem e de fundamento para a Obra de Deus na terra.

*Quando virei? Nem eu mesmo sei; sempre rezo e as abençoo”.*⁴¹

E novamente escreve: *“Que a bênção de Jesus bendito esteja sempre sobre toda a comunidade de vocês. Rezo e faço votos para que o espírito de caridade, humildade e paciência esteja sempre em vocês”.*⁴²

Depois de uma breve visita aos Pilastroni, o Pe. Calábria se dirige assim às Irmãs: *“Irmã em Jesus Cristo, escrevo à senhora por todas, dizendo que fiquei muito*

⁴⁰ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 19 aprile 1924, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924].

⁴¹ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 29 maggio 1924, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 10711/Q.

⁴² CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 31 agosto 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 02409/N.

feliz com a visita e com o bom espírito que, com a graça do Senhor, anima a comunidade. Recomendo-me às preces de vocês e invoco sobre todas todo bem".⁴³

O afeto é mais forte do que a distância, superada pelas Irmãs através do envio ao Pe. Calábria, pelo correio, de alguns dons, pelos quais ele manifesta o seu reconhecimento: *"Irmã em Jesus Cristo, neste momento recebi um pacote, e de todo coração lhes digo muito obrigado. Este dom manifesta-me a sua doçura e caridade. Agradeço também pelas belas palavras e augúrios"*.⁴⁴

A comunidade dos Pilastroni está disposta também a confeccionar uma nova batina para o Pe. Calábria, a pedido do Pe. Battisti: *"Venerado Superior, o desejo que o Senhor me manifestou de ter uma nova batina, da qual o Senhor sente tanta falta, está sendo atendido plenamente. Aquelas boas Irmãs me escrevem que já providenciaram o necessário, mas que, agora, para fazê-la, elas precisam de uma outra batina sua, velha, para servir de modelo.*

E elas têm pressa; peça, portanto, ao Irmão Antônio, que a envie o quanto antes; ou entregue a batina-modelo a uma Irmã que estiver partindo para Brescia.

Se o senhor, Pe. João, estiver precisando mais de um capote do que de uma batina, mande o capote como modelo, de verão ou de meia estação, que elas o farão para o senhor".⁴⁵

E o Pe. Calábria exprime a sua gratidão desta forma: *"Irmã em Jesus Cristo, respondo logo à sua carta para agradecê-la pela caridade da batina; o pacote eu espero receber logo, e espero que me sirva"*.⁴⁶

A comunidade de Brescia, não obstante as várias mudanças operadas pelos superiores, mantém-se composta por dez pessoas: *"Em Brescia, entre noviças e Irmãs... estamos sempre em 10: 5 na rouparia e 5 na cozinha"*.⁴⁷ Entretanto, como o demonstra a carta do Pe. Battisti ao Pe. Calábria: *"Meu venerado e amado Superior, me escreve a Irmã Gertrude, de Brescia: 'O Prior espera com solícitude a Irmã que está para chegar porque o trabalho destes dias é muito grande e não estamos conseguindo dar conta'"*.⁴⁸

⁴³ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 7 febbraio 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01946/I.

⁴⁴ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 9 aprile 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 02409/I.

⁴⁵ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/4A, corrispondenza a don Calabria [senza data].

⁴⁶ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 29 maggio 1924, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 10711/Q.

⁴⁷ GAGLIARDO, M. *Intervista a diverse Sorelle*, 14 luglio 1960, AHPSaDP, fld. Interviste.

⁴⁸ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 11 maggio 1924, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924].

Com certeza as Irmãs obedecem às recomendações do Pe. Calábria e lhe garantem o seu empenho, o que é confirmado pelo próprio Pe. Calábria numa outra carta endereçada à Irmã Gertrude: *“Fico muito feliz em saber do grande desejo de vocês de serem todas do Senhor, prontas e abandonadas a tudo. Isso é muito bom, e somente assim se cumprem os grandes desígnios de Deus. [...] A Obra dos Buoni Fanciulli é Obra de Deus; e esta Obra crescerá e se estenderá segundo o nosso abandono e a nossa constância em suportar as provações, pois são justamente estas que levam ao cumprimento os desígnios de Deus”*.⁴⁹

Pe. Calábria novamente escreve: *“A cruz, a provação, é o sinal de Deus. Esperamos que logo, por meio da dor, a Providência nos ajeite”*,⁵⁰ *“que a bênção de Jesus bendito esteja sempre sobre toda a sua comunidade. Rezo e faço votos de que o espírito de caridade, humildade e paciência esteja sempre em vocês”*.⁵¹

É inevitável que as Irmãs vivam, nos Pilastroni, uma situação muito dolorosa, pois encontram-se distantes da Casa e de todas as demais Irmãs. Apesar desta separação física, na medida do possível procura-se fazer com que elas se sintam parte da comunidade. É sobretudo o Pe. Battisti que mantém os contatos com as Irmãs: vai a Brescia todo mês para pregar o retiro, envia o comentário ao Evangelho dominical escrito especialmente para elas, manda cartas a cada uma individualmente, tendo pregado também os exercícios espirituais em janeiro de 1924. A este propósito, temos o seguinte testemunho: *“Tínhamos o Pe. Battisti, que nos mantinha unidas com os seus textos... Pe. Battisti vinha frequentemente. Vinha todo mês para pregar o retiro e depois escrevia de forma bem adaptada para nós... comentários feitos por ele, adequados ao nosso espírito, para nos apoiar, e escrevia em particular a cada uma...”*.⁵²

Neste tempo da “diáspora” foi intensa a correspondência entre as Irmãs. A Superiora da Casa de Costozza, Maria – Imelda Fannio, assim responde às Irmãs de Brescia: *“Como ficamos felizes com as cartas que vocês nos enviaram! O nosso pensamento, o nosso coração, quantas vezes vai até vocês, tão distantes! E os seus escritos de alguma forma nos reaproximam. Sim, o espaço nos divide pessoalmente, mas com a alma estamos próximas e sobretudo unidas com a oração. Ó, no divino*

⁴⁹ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 12 novembre 1924, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 2409/F.

⁵⁰ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 8 giugno 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 2409/M.

⁵¹ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 31 agosto 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 2409/N.

⁵² SOSTER, A. (Sor. Gabriella di Gesù). *Intervista*, 8 maggio 1967, AHPSaDP, fld. Interviste.

coração de Jesus, que é o nosso dulcíssimo Pai comum, e no coração da nossa muito amada Mãe celeste, estamos todas juntas, ligadas pelos vínculos da caridade, doce e misteriosa corrente que envolve tão suave e fortemente! Acreditem: assim como vocês ocupam o nosso pensamento e o nosso coração, da mesma forma são objeto das nossas conversas. [...]

*Caríssimas Irmãs, como estamos dispersas neste momento! Quase não nos parece verdade; todas, entretanto, estamos unidas num só desejo, numa só aspiração: amar o nosso amadíssimo Pai e Senhor e fazer a sua vontade, como e onde lhe aprouver. Quiçá esta vontade venha a nos reunir logo; certamente nós, conformando-nos a ela, temos a garantia de reencontrar-nos lá em cima no céu, onde não há aspirações”.*⁵³

“E nós, embora distantes, sentimos que estamos unidas, unidas com o coração, com a oração. Quantas vezes pensamos em vocês, falamos de vocês! [...]

*Caríssimas Irmãs, estejam certas da nossa fraterna dileção, das nossas orações por vocês, e vocês façam o mesmo conosco, na sua caridade”.*⁵⁴

Na qualidade de Superiora de todas as Irmãs assim ela se dirige à comunidade dos Pilastroni: *“Como estão, caras Irmãs? Muitas vezes penso em vocês, penso que são as mais distantes, e há muito tempo, da Casa do nosso celeste Pai. Ó, como ficaríamos felizes em vê-las retornar. Mas o momento ainda não chegou; qual será o obstáculo que se contrapõe aos divinos desígnios? Oremos, oremos para que esse obstáculo seja removido e os desígnios sejam cumpridos; oremos unindo à nossa oração o sacrifício, que dá valor à oração. [...]*

As Irmãs daqui mandam suas fraternas saudações a todas, que certamente lembram, e às quais estão unidas com o espírito e com o coração. Bem entendido que nos ajudamos mutuamente com a oração para as comuns e particulares necessidades, a fim de obter do divino coração de Jesus e da Virgem Santíssima que nos tornemos como o requer a nossa vocação: trapos, argila, cera macia nas mãos de Deus e de quem o representa, sem cabeça, sem raciocínios... O Senhor, então, poderá trabalhar sem

⁵³ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 4 febbraio 1924, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

⁵⁴ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 20 aprile 1924, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

*obstáculos, e os seus desígnios se desenvolverão maravilhosa e misericordiosamente, para a sua glória e para o bem das almas”.*⁵⁵

“Aquilo que lhes posso assegurar é que quero muito bem a cada uma, a todas; que as amo realmente no Senhor.

A santa dileção será o vínculo que nos manterá próximas entre nós, a santa dileção nos manterá todas agarradas ao nosso celeste Pai. Pobres ramos, iremos nos manter unidas ao divino caule, de cuja seiva divina receberemos a verdadeira vida e daremos muito fruto; será Ele a fazer-nos frutificar. Se é verdade que Ele é a vida, também é verdade que é Ele o agricultor, e por isso nos deixaremos docilmente trabalhar por Ele; nosso estudo⁵⁶ será o de nos mantermos dóceis sob a sua mão divina, sobretudo amando essa mão e beijando-a.

Sim, amemos este nosso terno Pai, este Esposo fiel, mas com um amor vivo, um amor operativo, que ama a provação, o sacrifício, e assim consolaremos o seu divino coração, por tantos tratado com indiferença e frieza. O próximo mês seja totalmente consagrado ao seu amor, vivendo uma vida de intimidade com Ele.

*Percebo que vocês estão muito ocupadas, que o trabalho é muito grande para vocês, que agora diminuíram em número. Estou me ocupando desta questão, mas tenham fé; abandonem-se com confiança em quem pode duplicar as suas forças e o trabalho em suas mãos. Rezaremos por vocês; tenham fé. O Senhor virá em sua ajuda de modo extraordinário, posso garantir-lhes por tê-lo experimentado”.*⁵⁷

*“O Senhor permite que ainda estejamos divididas, que a distância nos separe! Devemos⁵⁸ abaixar a cabeça e aceitar o sacrifício como ele se nos apresenta; aceitá-lo generosamente. A provação ainda não acabou, mas animemo-nos, dupliquemos a fidelidade com a generosidade e rezemos com fé; o divino Coração e a Santíssima Mãe não conseguirão resistir e irão satisfazer os nossos anseios; o horizonte se tornará sereno, a nossa família religiosa retomarà vida e vigor”.*⁵⁹

Depois de uma visita feita aos Pilastroni, a Irmã Imelda escreve: *“Eu trouxe de vocês, minhas caras Irmãs, uma linda recordação. Encontrei-as todas, quem mais quem*

⁵⁵ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 7 luglio 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

⁵⁶ O termo “estudo” deve ser entendido no significado de “preocupação constante”.

⁵⁷ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 28 maggio 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

⁵⁸ A expressão usada no documento original é “ci fa d’uopo”, cujo sentido pode ser traduzido com “devemos”.

⁵⁹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 11 giugno 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

menos, no sofrimento, no sacrifício, mas todas tão serenas e generosas que eu fiquei edificada, consolada! E, além disso, em tão boa harmonia entre vocês! Ó, seja agradecido o Senhor; e já que no bem não se deve nunca dizer basta, aperfeiçoem-se nesta virtude porque, além de ser proveitoso para as suas almas, assim irão consolar, irão fazer feliz, e isso é o que importa, o seu celeste Esposo e amigo fiel. [...] Tal como lhes disse à viva voz repito agora por escrito: é preciso que esta caridade reine absoluta entre nós; devemos ser um só coração, uma só alma, porque todas somos filhas de Deus, suas esposas, e a cada uma Ele ama e para cada tem predileção especial; se ousarmos entristecer uma, estaríamos entristecendo o seu terno coração quando a encontrasse; se amarmos cada uma, é como se déssemos prova de amor a Ele próprio. Devemos renunciar ao nosso eu, aos nossos gostos, às nossas ideias etc., a preço de sacrifício; mas que sacrifício haverá no consolar, no agradecer ao Senhor? E além disso, agindo deste modo, apressaremos o dia da renovação da nossa dispersa comunidade. Enquanto isso esperamos que depressa vocês possam vir para se unir a nós; isso já se faz imperiosamente necessário; esperamos que os bons Padres tenham compreendido isso e façam de tudo para encontrar alguém para substituí-las. Ó, como ficaríamos felizes com o retorno de vocês; disso se ocupará a divina Providência, a fim de dispor tudo segundo os seus amorosos desígnios, para a sua glória e para o nosso bem. Minhas queridas Irmãs, recebam as minhas mais afetuosas saudações, e lhes repito que as carregue no meu coração, uma a uma, e as apresento ao Senhor a fim de que as conforte, assista e abençoe; eu vou rezar por vocês, e vocês, rezem”.⁶⁰

Não podendo fazer mais do que isso, na qualidade de Superiora, a Irmã Imelda lhes garante a sua proximidade na oração e se dirige às Irmãs com todo o afeto que tem em seu coração por todas elas particularmente: “Eu as tenho todas presentes, uma a uma, e sinto os pesos e os sofrimentos de cada uma, admirando a sua generosidade; a sua reta e pura intenção tornará preciosa cada ação, cada ato, cada pensamento”.⁶¹

“Queridas Irmãs, como penso em vocês! Como estão? Ó, se eu pudesse aliviá-las! Mas nosso Senhor, que nos quer na provação, ele, Pai dulcíssimo e Esposo fiel, calcula tudo, até o menor suspiro, o menor ato cumprido por seu amor, e tudo saberá

⁶⁰ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 10 agosto 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

⁶¹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 20 agosto 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

recompensar ao máximo;⁶² além disso, poder provar do seu amor já não é uma grande satisfação? [...]

Gostaria de poder me alongar mais com vocês, mas a pressa não me permite isso; em compensação, rezarei por vocês; de vocês falarei a nosso Senhor, a fim de que ele as conforte, as sustente, venha em seu auxílio, daquele modo todo especial e maravilhoso que Ele normalmente usa para com as almas que lhe são caras e que lhe são fiéis.

As Irmãs de Verona me pediram de vocês e querem vê-las. As Irmãs daqui enviam as mais afetuosas saudações. Procuremos, todas, estar estreitamente unidas, embora divididas; o coração santíssimo de Jesus nos acolhe todas, para todas há lugar. A Virgem Santíssima nos cubra com seu manto.

*Uma vida intensa de fé, de amor, de generosidade, de intimidade e de abandono nos prepare e nos disponha para o dia do Senhor”.*⁶³

“Caríssimas Irmãs, a nossa vida seja toda para o Senhor; cada momento, cada suspiro, cada respiro seja só para Ele. Procuremos fazer com que a nossa vida presente seja toda interior, de uma intimidade verdadeira; se for conduzida assim, no sacrifício, será ainda mais íntima em Deus na glória e na felicidade. O espírito de recolhimento interno e de fé nos facilitará muito esta tarefa. [...]

*Caríssimas Irmãs, deixo-as mas não as deixo; o meu pensamento e o meu coração, que está entre vocês e as vê, as acompanha todas e a cada uma”.*⁶⁴

Referindo-se à presença nos Pilastroni, apenas poucos meses depois da chegada do Pe. Battisti, o prior dos Fatebenefratelli informa: *“A direção geral da Casa Buoni Fanciulli me encarrega de escrever logo ao senhor que as nossas Irmãs deverão cessar de prestar o seu serviço nesta Casa de saúde no dia primeiro de novembro do ano em curso. Esta deliberação foi tomada porque se mostra necessário que essas Irmãs passem a viver com outras em sua nova Casa, que será aberta para elas, e, por outro lado, é impossível que venham a ser substituídas”.*⁶⁵

⁶² “Recompensar ao máximo”, aqui, é tradução de “ad usura” do documento original, tendo o sentido de “até o máximo interesse”.

⁶³ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 15 settembre 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

⁶⁴ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a Sor. Gertrude*, data del timbro postale 12 ottobre 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

⁶⁵ BATTISTI, G. *Lettera al Priore di Villa Salute – Pilastroni*, 21 maggio 1924, com cópia no AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

Talvez o motivo desta decisão improvisa esteja na seguinte afirmação do Pe. Battisti: *“Com exceção de uma, todas as demais estão doentes e tão frágeis em saúde a ponto de não poderem prestar o trabalho que os senhores pretendem”*.⁶⁶

Cerca de um mês depois, Irmã Imelda – Maria Fannio escreve à comunidade de Brescia, que provavelmente havia pedido notícias sobre a data da transferência para a nova Casa-Mãe. *“É agora, não é mesmo, que nos aproximamos de vocês no papel, porque com o coração e com o pensamento sempre estivemos próximas! E ficamos felizes em repetir-lhes mais uma vez que o sentimento da fraterna dileção por vocês está sempre vivo. Essas manifestações dos nossos sentimentos nos são caras porque servem para reavivá-los, para consolidá-los em nosso ânimo e para compensar-nos pela distância que nos separa. [...]*

Nós estamos aqui no nosso ninho, tranquilas, mas na obscuridade em relação à nossa família dispersa e ao seu futuro... Será que os desígnios da divina Providência são outros?!...

Se tivéssemos qualquer coisa a censurar-nos por termos colocado qualquer empecilho, por menor que fosse, ao desenvolvimento destes misericordiosos desígnios, conseqüentemente retardando-os, deveríamos nos entristecer; do contrário, inclinemos a cabeça, e com toda a submissão e confiança digamos fiat, esperando a hora do Senhor. Essa espera irá dispor melhor os nossos ânimos. No aguardo desta hora nós rezamos, rezamos de coração, e entre nós nos apoiamos para estarmos prontas, dispostas a tudo aquilo que o Senhor quiser, mesmo que nos quisesse num deserto, mesmo que nos quisesse como e onde à natureza e à razão repugna; com a sua graça, queremos estar prontas para a palavra do nosso Pai quando ele a pronunciar, certas de que se trata da palavra de Deus e da expressão da sua vontade. Leve o Senhor em conta esta nossa predisposição, que com certeza deve ser a de todas, porque todas formamos um só coração e uma só alma. Ó, consolemos o nosso doce Pai celeste, tiremos proveito do nosso completo abandono, apressemos o cumprimento dos seus divinos desígnios”.⁶⁷

“Enquanto isso, fui informada de que o retorno está mesmo fixado para março; coloquemos isso nas mãos de Deus, para que ele tudo conduza e tudo disponha na sua sapiência e bondade; confiemo-nos a Ele, que para nós é um Pai cheio de ternura, e

⁶⁶ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 15 febbraio 1925, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

⁶⁷ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 17 marzo 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

que certamente fará aquilo que é o melhor para nós e para a sua glória. Ó, que festa será para nós!”⁶⁸

“A fraterna caridade é e deve ser a vida da nossa comunidade tão dispersa; não deve haver nenhum distanciamento que nos divida; aliás, esse distanciamento material deve consolidar a união dos ânimos, já que precisamos ser uma alma só, aliás, como diz o nosso Reverendo Pai, uma Irmã só. Por isso, um só pensamento, uma só aspiração, uma só vontade, uma só palpitação”.⁶⁹

A permanência das Irmãs em Brescia foi muito valorizada, como o testemunha a Irmã Maria Gagliardo: *“Não teriam nos deixado ir embora por todo o ouro do mundo! Gozávamos de grande estima, não sabiam mais o que fazer”*.⁷⁰ Uma confirmação disso nos vem da irmã do Pe. Pedrollo, Irmã Maria Antonietta, das Irmãs da Misericórdia, que substituiu a Irmã Domingas na rouparia. Suas palavras foram assim transcritas pelo Pe. Luis: *“Ela me referia que as nossas Irmãs deixaram nos Pilastroni saudades e exemplaridade de vida, perfume de piedade e de bondade”*.⁷¹

A data inicialmente fixada para o retorno das Irmãs⁷² foi prorrogada com o objetivo de dar a possibilidade aos Fatebenefratelli de procurar outras irmãs que substituíssem as Servas dos Pobres. Quando elas voltaram para Verona, o Pe. Calábria anotou: *“As Irmãs chegaram; e fiquei muito edificado com o espírito de humildade e de obediência; pude medir a sua dor, mas ao mesmo tempo fiquei muito contente com o sacrifício delas. Eu espero que o Senhor tenha aceito e abençoado esses sacrifícios”*.⁷³ A retirada das Irmãs dos Pilastroni ocorreu gradualmente⁷⁴ e foi concluída em 5 de maio de 1926.

⁶⁸ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 28 novembre 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

⁶⁹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle dei Pilastroni-Brescia*, 18 maggio 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

⁷⁰ GAGLIARDO, M. *Intervista a diverse Sorelle*, 14 luglio 1960, AHPSaDP, fld. Interviste.

⁷¹ PEDROLLO, L. *Lettera a Sor. Gemma Tbaldo*, 21 gennaio 1976, AHPSaDP, fld. Don Luigi Pedrollo 3.

⁷² Não se vislumbra a motivação pela qual as Irmãs foram retiradas de Brescia. Lendo o que está escrito no *Diário* do Pe. Battisti, em data de 19 de abril de 1925, parece não ter existido a preocupação de comunicar ao padre prior dos Fatebenefratelli com antecipação de pelo menos quinze dias sobre a retirada de três Irmãs das dez lá atuantes, e, além disso, as mais eficientes, deixando as outras sete, duas das quais enfermas. As anotações do Pe. Battisti relativas ao que o Pe. Calábria escreve parecem consistir numa série de observações críticas a respeito das escolhas feitas quanto às diversas transferências decididas envolvendo as Irmãs.

⁷³ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 17 aprile 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01947.

⁷⁴ GAGLIARDO, M. *Intervista a diverse Sorelle*, 14 luglio 1960, AHPSaDP, fld. Interviste.

“Madonna di Campagna”

Numa carta do Pe. Calábria enviada ao Pe. Battisti nos primeiros dias de outubro de 1920 emerge a possibilidade de colocar os meninos acolhidos em Este numa sede adjacente ao Santuário de Madonna di Campagna: *“Em San Michele está sendo preparado um belo espaço, mais especificamente uma casa bem próxima de Madonna di Campagna, para os pequenos”*.⁷⁵ Mais tarde ele volta a tratar do tema com estas breves linhas: *“O Santuário, parece-me, nos desígnios da Providência, quando chegar o momento oportuno poderá fazer um grande bem; mas deverá ser totalmente masculino, sacerdotes e outras almas; claro, se deverá estudar in Domino. Em relação aos meninos com idade mais baixa não sei se realmente a Providência os quer; mas se os frutos corresponderem, faremos isso também; é preciso primeiro orar, depois ver e decidir. Com certeza os presságios deram uma triste prova. Rezo. Este, a ser decidido; o Senhor não estaria querendo que nos retiremos só aqui?”*⁷⁶

Nas adjacências do Santuário, a casa do bairro San Michele Extra, na periferia leste de Verona,⁷⁷ é um edifício novo e modesto, colocado gratuitamente à disposição do Pe. Calábria desde o verão de 1923 por duas professoras daquele bairro, Vado e Caprara. Depois da transformação da Casa do Santíssimo Redentor de Este de feminina para masculina, a Casa em Madonna di Campagna pode se constituir numa solução à consequente dispensa de mais ou menos uma dúzia de crianças, dos 2 aos 6 anos. Assim trata do assunto o Pe. Calábria numa carta ao Pe. Battisti: *“Espero que seja concluída logo a Casa de San Michele para os pequenos; está bem próxima do Santuário Madonna di Campagna, e isto é um bom sinal, não é mesmo?”*⁷⁸ *Para mobiliá-la é preciso que nós nos encarreguemos, porque ao entrar lá encontraremos apenas paredes vazias”*.⁷⁹ O novo ambiente fica disponível em novembro de 1923. Pe. Calábria anuncia assim ao Pe. Battisti o deslocamento, que está próximo: *“A Casa de San Michele está pronta; portanto, o senhor faça a caridade de deixar pronta a roupa e*

⁷⁵ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 9 ottobre 1920, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 8266.

⁷⁶ CALABRIA, G. *Promemoria*, senza data, AHPSDP, f. Don Calabria/Documenti giuridici e storici, fld. 5, c. 30, b. 08602/E. Sobre estas anotações uma mão anônima assinalou a data: 29/02/1921.

⁷⁷ Sobre a presença calabriana em Madonna di Campagna veja-se G. PERAZZOLO. *La Congregazione dei Poveri Servi della Divina Provvidenza (1907-1932)*. Verona: Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana, 2007. v. I/2. pp. 268-272.

⁷⁸ No original, para “não é verdade”, usa-se a expressão “nevvero”.

⁷⁹ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 19 ottobre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 8297.

tudo o que for necessário para a instalação, pois em breve chegará o caminhão para o transporte. Será conveniente que, antes da chegada dos meninos, venham uma ou duas Irmãs para colocar todas as coisas no lugar e preparar tudo direitinho; assim, quando os meninos chegarem, estará tudo pronto. Espero que o Senhor abençoe e dê fecundidade a esta pequena semente, fazendo-a tornar-se uma grande árvore, para sua glória e para o bem das almas. É evidente que o diabo não ficará parado; mas, se estivermos unidos a Jesus ressuscitado, sairemos vencedores”.⁸⁰ No dia 12 de dezembro de 1923, juntamente com as três acolhidas e com a noviça Angélica Lancerotto, a Irmã Inocência – Rosina Fornasiero parte para a nova Casa de San Michele, a fim de limpá-la e torná-la acolhedora para os novos hóspedes.⁸¹ Pe. Calábria informa o Pe. Battisti que para este novo ambiente, “se Deus quiser, segunda-feira virão os Irmãos, e assim se começará a Casa de San Michele; a Irmã Lancerotto, já que está aqui, acho melhor que fique”.⁸²

Por ocasião da inauguração, o Pai dirige-lhe este convite: “Caro Pe. Battisti, peço-lhe em caridade que faça um sacrifício e procure vir, juntamente com os meninos. Iremos juntos diante de Nossa Senhora”.⁸³ E novamente, no dia seguinte: “Meu caro Pe. Battisti, aos grandes sacrifícios que faz, acrescente este: venha junto com os meninos, porque se faltar o casante, o palácio não poderá ser aberto”.⁸⁴

No dia 14 de dezembro de 1923, acompanhados pelo Pe. Battisti e pela Irmã Metilde – Páscoa Brutti,⁸⁵ chegaram dezessete meninos de Este que, devido à idade, compreendida entre os 3 e os 7 anos, não podem ser acompanhados pelos Irmãos.

Pe. João Calábria é nomeado reitor, com administração própria, da Igreja de Nossa Senhora da Paz, na Paróquia de San Michele Extra, no dia 5 de março de 1924, através do Decreto nº 637,⁸⁶ da cúria episcopal de Verona. Naquele mesmo dia, quarta-feira de cinzas, ele toma oficialmente posse da Reitoria. No entanto, prevendo não assumir pessoalmente o cuidado pastoral efetivo do Santuário, desde o dia 30 de

⁸⁰ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 26 novembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 8301.

⁸¹ Cf. G. BATTISTI. *Appunti sparsi*, 12 dicembre 1923, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

⁸² CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 3 dicembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 8302.

⁸³ CALABRIA, G. *Cartolina a don Battisti*, 11 dicembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 4, b. 8304.

⁸⁴ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 12 dicembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. 8305.

⁸⁵ SOSTER, A. (Sor. Gabriella di Gesù). *Intervista*, 8 maggio 1967, AHPSaDP, fld. Interviste.

⁸⁶ CARDINALE, G. *Nomina a Rettore*, 5 marzo 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Madonna di Campagna, fld. 1, c. 12.

dezembro de 1923 o Pe. Calábria providencia a nomeação do Pe. Battisti⁸⁷ como pró-reitor, confiando-lhe a administração do santuário.

Não sabemos de quais outras Irmãs esteja formada a pequena comunidade de San Michele. No dia 10 de março de 1924⁸⁸ o Pe. Battisti deixa definitivamente Este para transferir-se, a pedido do Pai, para San Michele, onde se torna reitor do santuário Madonna della Pace ou Madonna di Campagna;⁸⁹ mantém, além disso, seu encargo de diretor espiritual das Irmãs.

Estas, as Irmãs, imaginam que ele não tenha vindo para administrar a sua Casinha,⁹⁰ mas para se ocupar do cuidado pastoral do Santuário, que pouco tempo antes havia sido confiado pelo Bispo à Obra. Como acabaram surgindo alguns equívocos, sobretudo ligados ao fato de que o Pe. Battisti gostaria de ter sob seu controle a situação em todos os seus aspectos e determinar o seu desenvolvimento, ele mesmo se dirige ao Pe. Calábria apresentando o problema: *“Aqui na Casa dos meninos parece fazer-se necessário que a sua caridade intervenha. [...] Isso porque, meu venerado Superior, se o senhor achar oportuno, deverá dizer uma palavra explicativa de modo que acabem as dissensões”*.⁹¹

E novas crianças a serem acolhidas continuam a chegar, tanto que o Pe. Battisti não sabe mais como fazer para encontrar-lhes um lugar: *“Meu venerado e amado Superior, de volta de Brescia encontro aqui uma mulher com a presente carta. Respondo que se não houver um texto assinado pelo meu Superior não admito ninguém. E acrescento que não tem lugar.*

⁸⁷ Eis o texto a carta enviada pelo Pe. Calábria ao Pe. Battisti: *“Meu caro Pe. Battisti, o diabo trabalha de uma forma realmente satânica, e isso, coisa dolorosa, por parte de um dos nossos que o senhor já pode imaginar quem é; os nossos meninos são considerados como um escândalo e se faz de tudo para diminuir a Providência e a estima, já que o povoado está todo do lado deles. Quem sabe lá o que o Senhor irá querer fazer para a sua maior glória; o certo é que a casinha nada mais é do que uma ponte para aquelas pobres criaturas. In Domino, levando tudo em consideração, eu tenho a impressão de que pelo menos por algum tempo seja oportuno que em Madonna di Campagna, tanto para vigiar quanto para servir de sentinela à grande Obra, seja preciso um sacerdote da Casa muito sagaz e firme, unido a uma grande santidade, e este me parece ser o Pe. Battisti. Portanto, o senhor virá à Madonna, ou seja, dormirá na Casinha, ou melhor, no quatinho da Madonna, e de lá dirigirá e protegerá as crianças até que a Providência dispuser com mais clareza”* (CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 30 dicembre 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 8310).

⁸⁸ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 10 marzo 1924, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

⁸⁹ FOFFANO, O. *Don Giovanni Calabria*. Milano: Casa Buoni Fanciulli, 1981. p. 188.

⁹⁰ Numa carta enviada pelas Irmãs ao Pe. Calábria por ocasião do seu onomástico de 1924 pode-se ler que a sua nova comunidade passa a chamar-se “Casinha de Belém” (SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 giugno 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55).

⁹¹ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 13 luglio 1924, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924].

De fato, se não mandarmos para algum outro lugar os três jovens com mais idade, realmente não é possível; não temos camas e não tem lugar. Imagine que já não temos mais lugar para aquele que chegou nesta manhã; assim, ele provavelmente deverá dormir nas salas reservadas às Irmãs.

*Por caridade, veja se pode pedir aos três maiores que saiam. De qualquer forma, não seria oportuno receber mais do que dois, se mandarmos embora três justamente por causa do espaço”.*⁹²

Do começo desta experiência fala amplamente o Pe. Battisti em sua crônica de 1923 e de 1924.⁹³

No final de abril de 1925⁹⁴ as duas professoras que haviam cedido gratuitamente o edifício comunicam à direção da Casa Buoni Fanciulli a necessidade de terem de volta os locais de sua propriedade. Portanto, o conselho geral decide que os meninos sejam transferidos provisoriamente para a casa Cavalleri.⁹⁵ A disponibilização daquele local se torna uma providência no sentido propriamente dito: *“Hoje, depois das celebrações, este senhor Cavalleri falou com o Reverendo Pe. Furlani⁹⁶ e lhe disse que teria várias solicitações para aquela casa [...]. O senhor Cavalleri teria dito ao meu Superior que não está querendo cobrar aluguel, [...] mas que gostaria de pelo menos ser liberado de pagar os impostos. O Superior, a este respeito, lhe teria respondido que ele sem dúvida iria ser reembolsado, inclusive com relação a uma parte do aluguel”.*⁹⁷

Na reunião de 28 de abril o conselho geral deliberou também que fosse requerido ao município de San Michele toda a construção do ex-convento e fosse oferecida uma compensação à família Garofalo que, após ter recebido em concessão do poder municipal, havia ocupado algumas salas pertencentes à reitoria do Santuário.

⁹² BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 21 agosto 1924, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924].

⁹³ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca* [1923], AHPSDP, f. Congregazione/Casa Madonna di Campagna, fld. 1, c. 7 e G. BATTISTI. *Appunti di cronaca* [1924], AHPSDP, f. Congregazione/Casa Madonna di Campagna, fld. 1, c. 8.

⁹⁴ Cf. [G. BATTISTI] *Verbale seduta Consiglio Generale*, 28 aprile 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01075.

⁹⁵ Augusto Cavalleri é diretor da empresa têxtil de Tiberghien de San Michele Extra (Verona). Ele se dirige ao Pe. Calabria para pedir-lhe para onde pode levar a salvo a sua numerosa família, dada a importância do complexo onde reside e a proximidade da linha ferroviária, obtendo a seguinte resposta: *“Continue onde está”*. A empresa não foi atingida, apesar dos contínuos bombardeios nos arredores. Isso foi colhido no depoimento da XI Testemunha – Pe. A. Rossi (Cf. *Positio super virtutibus Servi Dei Ioannis Calabria*. Roma, 1984. p. 105).

⁹⁶ Pe. Furlani é vigário paroquial da Paróquia de San Michele.

⁹⁷ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 1 febbraio 1925, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

Evidentemente que naquele local há uma certa disponibilidade de espaço para os meninos e para as Irmãs, já que o Pe. Battisti sugere ao Pe. Calábria de transferir para lá também as Irmãs com problemas de saúde: “*Meu venerado Superior, ouvi da Reverenda Superiora geral das nossas Irmãs que algumas delas estão em péssimas condições de saúde. Depois da Irmã Maria de Jesus as que estão pior estão em Brescia, ou seja, a Irmã Alma,⁹⁸ a Irmã Gabriela [...], e depois ela me falou também da Irmã Itália.*”

Em Costozza a Irmã Carmela de Jesus estava incapacitada para qualquer trabalho. [...]

Aqui o ar é bom, não falta alimento substancioso, porque a boa mãe Providência nos fornece carne quase sempre. [...]

Em síntese, se o Senhor achar que as nossas enfermas podem se recuperar neste lugar, como eu também acho, a exemplo da Rainha, nós estamos dispostos a sacrificarmos um pouquinho em favor delas e da comunidade feminina”.⁹⁹

No dia 5 de agosto de 1925 o Pe. Battisti se transfere definitivamente para a casa canônica do Santuário, enquanto que a instalação na casa Cavalleri acaba sendo uma solução transitória, porque “*no dia 18 de fevereiro de 1926 os componentes da pequena Casa de San Michele Extra passam hoje para o prédio junto ao santuário de Nossa Senhora, de propriedade do município de Verona, erguido pelos monges camaldolenses*”.¹⁰⁰

Instituto feminino “Nostra Signora di Lourdes”

Pe. Caetano Branzo,¹⁰¹ “*pároco de San Paolo in Campo Marzio, fora em 1908 em peregrinação a Lourdes e a Ars, de lá retornara em 1912, e em 1915 fundara o*

⁹⁸ Pouquíssimas são as informações sobre Rosalma Gusella, chamada de Irmã Alma; ela faz parte do grupo de Irmãs de Este e em janeiro de 1924 é transferida para a Villa Salute – Pilastroni (Brescia). Em setembro de 1925 o Pe. Battisti anota, após um colóquio mantido com a Irmã Imelda sobre o estado de saúde de algumas Irmãs: “*Quanto à Irmã Alma, enferma, ela acha que será enviada para a sua família*” (BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 12 novembre 1925, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario).

⁹⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 14 settembre 1925, AHPSaDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/4 corrispondenza a don Calabria [1925].

¹⁰⁰ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 18 febbraio 1926, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

¹⁰¹ Pe. Caetano Branzo, nascido em Montorio em 25 de maio de 1867, ordenado sacerdote em 15 de agosto de 1891, é vigário paroquial em San Michele de 1891 até 1904 e pároco de San Paolo C. M. de 1904 até 1929. A respeito, veja-se: ADAMI, L. *Apostoli della Gioventù in Verona*. Don Gaetano Branzo. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 2, p. 24, 1933.

*Instituto Feminino Nossa Senhora de Lourdes...¹⁰² mais tarde absorvido pelas Ursulinas Filhas de Maria Imaculada”.*¹⁰³ Ele obteve o apoio do Bispo de Verona, o Card. Bacilieri, com o objetivo de salvar algumas juvenzinhas.

Pe. Pedrollo lembra: *“O pároco, na época, era o saudoso e inesquecível Pe. Caetano, que havia construído naquela igreja um grande altar em honra do Santo Cura d’Ars, do qual ele havia conseguido uma preciosa relíquia ‘ex carne’.*

Para aquela igreja e para aquele altar, por vários anos, os Buoni Fanciulli de San Zeno in Monte se dirigiam em grupo para uma celebração eucarística de penitência e reparação no último dia de carnaval, de certa forma em substituição à visita às sete igrejas promovida no mesmo dia pelos padres Filipinos, prática instituída por São Filipe Neri.

O mesmo pároco de San Paolo, seguindo o exemplo do Cura d’Ars, que havia fundado a ‘Casa da Providência’ para pobres órfãs na sua paróquia, fundou o instituto ‘Pequenas Filhas de Lourdes’, confiando-o a uma outra alma, grande educadora e santa, a senhorita Ida Malaguti.

*Ela prodigou-se com admirável dedicação, coadjuvada por boas pessoas que haviam se oferecido espontaneamente e só por amor ao bom Deus. O bem feito por este instituto é incalculável. No final, devido às dificuldades criadas pela idade e pelos achaques, rendeu-se à vontade de Deus e considerou oportuno passá-lo para outras mãos. Com apurado intuito intelectual, fez a melhor escolha possível, confiando o instituto às Irmãs Ursulinas da Rua Muro Padri, continuando e duplicando o bem feito anteriormente, podendo assim dispor de melhores meios e de pessoal mais preparado”.*¹⁰⁴

Pe. Calábria conhece e estima Pe. Branzo e o ajuda. Com esta intenção e na mesma época, em meio às dificuldades para discernir a tarefa específica das Irmãs, sabe-se que ele mandou alguma delas a fim de desenvolver uma atividade provavelmente de prestação de serviço junto ao instituto feminino Nossa Senhora de Lourdes. A este respeito não restou uma farta documentação, mas apenas simples traços que confirmam, todavia, a presença das Irmãs ao lado do fundador daquele instituto. A

¹⁰² CERVATO, D. *Diocesi di Verona*. In: *Storia religiosa del Veneto*. Padova: Libreria Gregoriana, 1999. v. 8, p. 668.

¹⁰³ Ibid., p. 563. Também: *“Em fevereiro de 1933 acolhe mais de quarenta mocinhas”* (ADAMI, L. Apostoli della Gioventù in Verona. Don Gaetano Branzo. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 3, p. 24, 1933).

¹⁰⁴ PEDROLLO, L. *La Casa del Santo Curato d’Ars*. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, pp. 14-17, 1976.

título de exemplo, no dia 8 de março de 1924 são enviadas duas noviças: Maria Bianchini e Itália (Adélia) Fantato.¹⁰⁵

¹⁰⁵ BATTISTI, G. *Appunti sparsi*, 8 marzo 1924, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti Diario.

RUMO A UM DESENVOLVIMENTO DO RAMO DAS IRMÃS

Uma importante “reunião extraordinária”

No dia 16 de outubro de 1924 tem lugar, em San Zeno in Monte, uma importante “reunião extraordinária” do conselho de família da Casa Buoni Fanciulli sobre a situação das Irmãs, presidido pelo Pe. João Calábria e com a participação do Pe. Giambattista Battisti, do Pe. Luis Adami e do Pe. Antônio Consolaro.

Da ata,¹ redigida pelo Pe. Battisti, emerge que estes dois últimos não pensam, em relação às Irmãs, numa instituição distinta da Casa Buoni Fanciulli, com a sua própria finalidade e suas próprias atividades, mas unicamente num grupo de mulheres que devem dar suporte às Casas masculinas mediante a assistência na rouparia e na cozinha. Outros, entre estes o Pe. Battisti, partilham de uma posição totalmente contrária, considerando que elas devem desenvolver uma missão totalmente própria, além da fraterna assistência às Casas. Há também quem defenda a ideia de não dar vida, no presente momento, a uma Casa-Mãe feminina, mas a um simples “viveiro” de Irmãs, que seriam depois transplantadas para o terreno masculino.

O que importa realmente é que o Pe. Calábria se manifesta de maneira formal pela estruturação das Irmãs num ramo da Obra, dotado de uma certa autonomia. Escreve o Pe. Battisti: “No final tomou a palavra o Superior para declarar que considera vontade do Senhor [que] haja a Casa-Mãe para as Irmãs e o seu noviciado”.² E a declaração do Pe. Calábria, considerando-se o ponto VII da ata, não é de forma alguma algo dito por dizer, pois ele encarrega o Pe. Battisti a se preocupar em encontrar um ambiente adequado para tornar-se a Casa-Mãe das Irmãs. Sugere, a este propósito, que ele se interesse para ver se é possível obter a casa de verão do bispado, localizada na cidade entre a Fontana del Ferro ou o Forte Bacolla ou o Castelo San Pietro; a mesma que em 1930 será sede do Estudantado da Casa Buoni Fanciulli.

O fato de que ele esteja pensando há tempos numa Casa para as Irmãs é confirmado pela referência feita em carta datada de 10 de dezembro de 1922: “*Espero*

¹ [BATTISTI, G.]. *Verbale seduta Consiglio Generale*, 16 ottobre 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01074.

² Ibid.

que a Providência mande uma Casa para as Irmãs ad hoc;³ enquanto isso, oremos e sejamos instrumentos dóceis em sua mão”.⁴ Dirigindo-se as Irmãs, escreve em 14 de abril de 1924: “Se vocês tenderem por este caminho, felizes de vocês e de toda a Casa-Mãe que o Senhor certamente enviará, mas desde que vocês sejam realmente boas”. E ainda a este respeito o Pe. Calábria acrescenta, no dia 14 de abril de 1924: “O Senhor, pouco a pouco, cumprirá os seus desígnios”. Escreve, depois, num seu caderno de anotações: “É hora de buscar, de uma forma ou de outra, uma Casa-Mãe para as Irmãs aqui, se necessário”.⁵ E à Irmã Maria – Natália Fainelli recomenda: “Reze ao Senhor para que mande uma Casa para as Irmãs”.⁶

Na reunião, o Pe. Calábria vai além, na medida em que assume pessoalmente a ideia expressa pelo Pe. Battisti segundo a qual “as Irmãs devem ter uma missão toda própria, além da fraterna assistência na Casa”⁷ e identifica um possível campo de apostolado só delas: “Diz que as Irmãs poderiam se ocupar das meninas acima dos 12 anos, para as quais em Verona não há uma instituição”.⁸ Essa hipótese confirma mais uma vez que não estão bem definidas as tarefas que as Irmãs são chamadas a desenvolver.

Na mesma reunião delibera-se sobre o fechamento da comunidade de Este. Pe. Calábria dispõe que na Casa junto ao Santuário de Madonna di Campagna sejam hospedados meninos em número considerado conveniente e que lá residam apenas as Irmãs necessárias para a gestão de tal atividade, enquanto que as demais deveriam ficar naquela que será a futura Casa-Mãe.

O pensamento do Pe. Battisti referente à Casa-Mãe

A tomada de posição do Pe. Calábria em 16 de outubro de 1924 em relação às Irmãs e uma visita dele às Irmãs que prestam serviço no Hospital Fatebenefratelli da

³ CALABRIA, G. *Lettera a don Battisti*, 10 dicembre 1922, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08303.

⁴ CALABRIA, G. *Lettera a don Battisti*, 10 dicembre 1922, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08303.

⁵ CALABRIA, G. *Appunti su Regole*, senza data, AHPSDP, f. Don Calabria/Quaderni, fld. 03/D, c. 86, b. 08602/A.

⁶ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, 24 settembre 1924, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

⁷ [BATTISTI, G.]. *Verbale seduta Consiglio Generale*, 16 ottobre 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01074.

⁸ [BATTISTI, G.]. *Verbale seduta Consiglio Generale*, 16 ottobre 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01074.

Rua Pilastroni, em Brescia, encontram grande ressonância numa carta⁹ que o Pe. Battisti envia ao seu Superior, com toda probabilidade no final de outubro de 1924.

O Pe. Battisti, sempre muito preocupado com o desenvolvimento das Irmãs, sugere muitas e variadas iniciativas em seu favor, voltadas a fazer com que elas possam se constituir, mesmo nas Casas Buoni Fanciulli, numa comunidade autônoma, com a oportunidade de ter vida comunitária e liberdade efetiva para desenvolver comunitariamente as suas práticas religiosas.

Insiste, o Pe. Battisti, sobretudo na necessidade de que elas tenham uma Casa-Mãe própria, “*sem a qual jamais poderão ser reconhecidas como uma comunidade religiosa diocesana*”.¹⁰ Reafirma a absoluta necessidade, para a vida religiosa das

⁹ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/4A corrispondenza a don Calabria [senza data]. A carta não é datada, mas há uma alusão precisa, no ponto 6, à reunião do Conselho Geral realizada no dia 16 de outubro de 1924.

¹⁰ Ei-la na forma integral: “*Fiquei muito contente que ele tenha visitado as Irmãs que estão em Brescia e que tenha feito isso acompanhado pelos meus dois ótimos Coirmãos, cheios de boa vontade mas ainda pouco experientes no campo da vida religiosa feminina. Com essa visita espero que se tenha podido constatar:*

1) - *para a vida religiosa das nossas Irmãs é absolutamente necessário um ambiente totalmente delas e que compreenda tudo aquilo que elas precisam para a sua vida espiritual e manual...*

2) - *separar as Irmãs da rouparia das Irmãs da cozinha ou fracioná-las de qualquer outra forma seria um erro do ponto de vista espiritual, porque seria tirada delas a possibilidade das práticas religiosas feitas comunitariamente obrigando-as a práticas feitas individualmente, sem método e sem exatidão. Seria um erro também do ponto de vista físico, porque algumas delas acabariam ficando sobrecarregadas de trabalho sem poder esperar nunca por uma momentânea ajuda das outras, o que afetaria, com o tempo, o sistema nervoso, provocando estresse.*

3) - *causaria gravíssimo prejuízo para a vida espiritual e para a formação, tanto da comunidade religiosa quanto de cada um dos seus membros singularmente: a) retirar das Irmãs o imediato e frequente contato com o Santíssimo Sacramento; b) obrigá-las a reduzir, adiar ou, pior ainda, a omitir a santa meditação, as santas leituras ou qualquer outro piedoso exercício da Regra, ou constrangê-las a fazer isso num estado de extremo cansaço físico.*

4) - *a mulher, por mais que esteja disposta a fazer grandes sacrifícios, sente, mais ainda do que o homem, a necessidade absoluta de uma casa, de uma família própria, onde possa encontrar um pouco de repouso espiritual, o conforto físico, o alívio, o apoio, a vida, em síntese, da própria vida. As religiosas separadas, ou privadas de uma família própria, formam-se de maneira diferente umas das outras, chegando em alguns casos até a se colocarem umas contra as outras, perdendo a uniformidade do espírito inclusive no mesmo ambiente de trabalho!*

5) - *a religiosa sente imperiosamente a necessidade de encontrar-se com as Coirmãs de vez em quando, pelo menos por algum tempo, para se manter ou para retomar, confortada e estimulada pelos exemplos das demais no verdadeiro espírito da fundação.*

6) - *é, portanto, verdade absoluta a que foi expressa pelo senhor, meu venerado Superior, e é uma verdade tal que não se pode alterar: ‘É vontade de Deus que as Irmãs tenham a sua Casa-Mãe, o seu noviciado, a sua própria ação feminina’.*

7) - *dispersar todas as Irmãs para ajudar nas Casas masculinas representa um gravíssimo prejuízo imediato para a família delas, pois assim atrofia-se a sua vida impedindo o seu desenvolvimento.*

8) - *essa dispersão acarretaria, sim, um pequeníssimo benefício imediato; entretanto, não o benefício que se espera em cada uma das Casas masculinas, sendo seguido, pouco tempo depois, de um prejuízo grave, ou seja, a privação quase absoluta do serviço ardentemente almejado; isso porque uma existência desfrutada na sua primeira idade enfraquece, definha, e pode morrer rapidamente.*

9) - *para que uma comunidade, especialmente no caso de comunidade feminina, tenha espírito forte e exuberância de vida, certamente é preciso que seja educada ao sacrifício, mas na tranquilidade e*

Irmãs, de um ambiente adequado, destinado a ser Casa-Mãe e sede do noviciado, visão compartilhada pelo próprio Pe. Calábria. É do parecer de que, faltando atualmente moradia conveniente, as Irmãs deveriam permanecer em Brescia. Propõe, eventualmente, que lhes seja cedida, mesmo que provisoriamente, no presente ou no futuro, uma casa vazia que esteja à disposição da Casa masculina.

Pe. Calábria começa a manifestar algumas dúvidas sobre a ação realizada pelo Pe. Battisti referente às Irmãs, como se pode deduzir pelo que ele escreve, no começo de dezembro, ao seu diretor espiritual, o carmelita descalço Pe. Natal de Jesus: *“Permita-me dizer-lhe uma coisa referente ao Pe. Battisti; temo faltar de caridade, mas me parece que realmente ele não seja adequado para formar este bendito setor, que o Senhor quer; seria necessário que ele fosse submisso em tudo, mas não é o que me parece estar acontecendo: pela direita ou pela esquerda ele acaba sempre fazendo aquilo que quer, o que é um grande dano para a Obra de Deus, e me parece também que divida as Irmãs, protegendo e defendendo as que estão do seu lado e que a ele são obedientes. Eu, muitas vezes, cedo pro bono pacis,¹¹ mas sinto em mim uma certa coisa, que o Senhor não me parece contente; por outro lado temo que seja o meu eu, mas isso não me parece ser, por graça de Deus.*

O que devo fazer, Reverendo Pai? Diga-me o senhor, in Domino, e a sua palavra, seja qual for o sofrimento que vier a me custar, é, para mim, a palavra de

na santa paz. Contínuas contradições e adversidades desencorajam e deprimem as almas. E seriam ainda mais graves e mais rápidas quando tais provações proviessem também de familiares, dos quais é sempre um direito esperar conforto e apoio.

10) - seria uma excepcional caridade que cada uma das Casas masculinas cooperasse, mesmo com temporário e relativo sacrifício, recolocando as Irmãs na justa posição diante da santa Igreja no mais breve tempo possível. Contemporizar sobre essa questão fundamental acabaria causando prejuízo a todos, moral e econômico.

11) - por faltar uma moradia conveniente às Irmãs não se deveria deixar de escolher, dentre as inconvenientes, a que é menos... inconveniente; ao invés de reduzir as Irmãs a uma provação maior e a uma subdivisão maior teria sido preferível deixá-las em Brescia.

12) - não deveria ser muito difícil ceder provisoriamente, hoje ou amanhã, uma habitação vazia que a Casa masculina tivesse à sua disposição.

13) - seria uma bênção para todos, também em relação à Providência, certamente com todo cuidado, sem se preocupar com um benefício particular [?], se fosse dada às Irmãs aquela posição moral que é desejada também pelos de fora; por isso mesmo é preciso dotar as Irmãs de uma Casa-Mãe, sem a qual jamais poderão ser reconhecidas como uma comunidade religiosa diocesana.

Ao que aqui expus e para uma total manifestação, eu só precisaria acrescentar outro pensamento; considero imaturo, todavia, torná-lo conhecido de todos agora; vamos esperar, portanto, deixando tudo nas mãos do Senhor. Quiçá o Senhor não se explique melhor no futuro”.

¹¹ A expressão latina “pro bono pacis” significa “pela paz”.

*Deus. Temo também por Madonna di Campagna, que não se cumpram os desígnios de Deus”.*¹²

Não se sabe o que lhe aconselhou o Pe. Natal, mas o certo é que o Pe. Battisti permaneceu nas suas funções seja em relação às Irmãs, seja como administrador do Santuário.

Em fevereiro de 1925 o Pe. Battisti escreve uma outra carta ao Pe. Calábria¹³ na qual, de uma forma ainda que esquivada e respeitosa, declara a sua adversidade ao projeto,

¹² CALABRIA, G. *Lettera a padre Natale di Gesù*, 2 dicembre 1924, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Religiosi, fld. 3, c. 64, b. 04536.

¹³ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 3 febbraio 1925, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/4 corrispondenza a don Calabria [1925-1926]. A seguir a reproduzimos integralmente: “[...] 1) - *É vontade de Deus que as Irmãs tenham quanto antes uma Casa-Mãe e uma ação feminina totalmente delas. Isso não é novidade: o senhor mesmo o declarou categoricamente, numa reunião de alguns meses atrás sobre as questões de Este. Quando a discussão caiu sobre as Irmãs, os dois meus Coirmãos, o Reverendo Pe. Adami e o Irmão Antônio, sustentavam a tese de que as Irmãs existem para a Casa Buoni Fanciulli e por isso deveriam ser distribuídas nas várias casas masculinas, tão necessitadas de mão de obra feminina.*

2) - *A posição das Irmãs, eclesiasticamente, hoje, não é regular, e por isso deve ser regularizada quanto antes. Isso também o senhor o disse e o repetiu, pelo menos para mim, em vários encontros.*

3) - *Um lugar verdadeiramente ad hoc para as Irmãs até agora, embora desejado, não tem sido criado com conveniente cuidado: hoje este lugar não existe. Entretanto, a decisão a ser presentemente tomada, apesar de provisória, deve ser a melhor, seja em respeito à vontade de Deus, seja em respeito ao próximo, isto é, às Irmãs.*

4) - *Não digo que o Senhor queira a Casa-Mãe das Irmãs junto ao nosso santuário; nem vou repetir o que eu já disse: que tal Casa poderia localizar-se em território de San Michele Extra; se nosso Senhor quiser isso, ele se dignará manifestá-lo. O que me parece é que não se deveria recusar, todavia, um lugar menos inadequado, não muito longe do santuário, para dar preferência a um lugar inadequado, insuficiente e incapaz, como é o caso da ‘pequena mas grande casinha’, ainda que com o suplemento da casa que o senhor chama pelo nome de Bonomelli.*

5) - *Na casinha, agora, encontram-se duas Irmãs de ‘outro tipo’, como o senhor as chamava no passado, e também duas acolhidas, Maria di Massa e Calgaro. Estas ficariam mesmo depois da chegada das Irmãs? Seriam elementos muito heterogêneos para misturar com as Irmãs que irão para a casinha. E se estas fossem transferidas para a casa Bonomelli a mistura seria ainda pior, porque lá estão também dois esposos que, por mais santos que sejam, nunca deveriam estar numa Casa de religiosas. O que diria o senhor bispo se viesse a sabê-lo?*

6) - *Com a deliberação tomada pelo senhor, as Irmãs não se reúnem, não, como foi dito ser vontade do Senhor; mas efetivamente se dispersam mais ainda. E se reduzirão a condições bem piores das atuais, em Brescia.*

No entanto de lá são retiradas para que tenham condições de viver uma vida religiosa mais consoante com o espírito de sua fundação.

7) - *Há também uma outra Irmã, que está doente, na qual é preciso pensar; nem se pode pensar nas Irmãs sem pensar nela. Essa Irmã sofreu suficientemente com o desleixo no qual se encontrava; ninguém de nós aceitaria sofrer como ela sofreu com a solidão e com a falta de assistência. Se as enfermas são os tesouros preciosos da Casa, não se pode descuidá-la neste momento de deliberação por um tempo indeterminado.*

8) - *O senhor me pergunta: ‘Na casinha se poderia fazer uma pequena capela. O que acha?’ Uma capelinha aonde? Se for no andar térreo, não poderá ter o Santíssimo Sacramento; se for no andar superior, onde poderia localizar-se?*

9) - *Na casinha e na casa Bonomelli as Irmãs não poderiam sair para tomar um ar sem estarem sob os olhos de pessoas estranhas que poderiam ficar observando-as na sua familiar recreação. Da mesma forma não seria conveniente mandá-las passear em locais moralmente perigosos, como as ruas da cidade.*

10) - *Quanto à casa Cavalleri não é verdade que ‘já foi devolvida’. Ainda encontra-se à nossa disposição porque o senhor, meu venerado Superior, pediu ao Cavalleri que aguardasse mais um pouco.*

que evidentemente estaria sendo sugerido naquele período, de estruturar a “Casinha” ou a Casa Bonomelli em Casa-Mãe das Irmãs. Reconhecendo a necessidade, ou até mesmo a quase urgência, de que elas possam ter uma casa própria e sobretudo que seja regularizada a sua posição eclesiástica, como já teve a oportunidade de se manifestar a respeito em precedentes encontros, ele vê como única solução adequada ao problema alugar para esta finalidade a casa Cavalleri, de San Michele. Expõe as várias motivações, sem deixar de ressaltar as condições nas quais se encontram as Irmãs das quais até aquele momento ele tem sido o diretor.¹⁴

Ainda sobre a questão do hábito...

O tema do hábito religioso parece ser um tema caro ao Pe. Battisti, tanto que é ele quem o idealiza e executa por ocasião da vestição das Irmãs, em 6 de janeiro de

Foi isso o que o próprio senhor Cavalleri me disse domingo no fim da tarde, ou seja, depois que o senhor me escreveu a este respeito. Portanto, ainda há tempo para se pensar.

11) - A casa Cavalleri 'não é ambiente e lugar oportuno', como o senhor escreveu; todavia, é mais capaz e menos inconveniente do que a casinha e do que a casa Bonomelli. Aqui as Irmãs poderiam estar em número maior do que dez, desfrutando de capelinha, refeitório e laboratório, separados um do outro, podendo inclusive ter um quarto para a Irmã enferma ou para uma enfermaria.

12) - E se a casa Cavalleri é rodeada de bares, não se poderá nunca dizer que a casa Bonomelli tenha uma vizinhança melhor; aliás, é pior.

13) - A casa Cavalleri está localizada no campo; por isso, o ar é mais salubre do que na casa Bonomelli, e as Irmãs poderiam inclusive sair de vez em quando para dar alguns passeios pelas estradas rurais, o que seria de grande proveito para a sua frágil saúde.

14) - Na casa Cavalleri as Irmãs teriam água, ao passo que na casa Bonomelli precisariam ir buscá-la numa pequena fonte, na rua; e ainda, na casa Cavalleri poderiam lavar a roupa, ao passo que isso seria impossível na casinha e na casa Bonomelli.

15) - Se as razões que dão preferência à casinha e à casa Bonomelli fossem de ordem econômica, não seriam, conseqüentemente, de grande peso; ainda mais que a assistência à Casa Buoni Fanciulli quanto à costura seria mantida caso as Irmãs fossem transferidas para a casa Cavalleri.

16) - Se, entretanto, as razões fossem de índole religiosa ou espiritual, também a este respeito se poderia organizar da mesma forma para as Irmãs na casa Cavalleri.

17) - Além daquilo que me permiti expor na presente, eu poderia acrescentar outras coisas de menor importância, mas não posso me permitir isso, pois a esta altura já o cansei demais.

Perdoe, meu venerado Superior, por todo o incômodo que esta minha carta lhe traz.

Aquilo que eu escrevi considere-o, na sua caridade, manifestação respeitosa e também humilde, bem como, ao mesmo tempo, franca. Creia que escrevi isso sob o impulso de uma fortíssima impressão tida nos momentos de oração e no tempo da santa missa, o que, se eu não o tivesse feito, me causaria remorsos.

Em todo caso lhe sou docílimo, asseguro-lhe; impulsiona-me unicamente a maior glória do Senhor e o maior bem das Irmãs.

Pobres Irmãs! Sofreram tanto até agora que me parece um dever sacrossanto para mim fazer tudo o que está ao meu alcance para que possivelmente não lhes seja causada tribulação maior do que a necessária. [...]

[Segue, à lápis]: Antes de renunciar à casa Cavalleri não poderia o senhor ver de visu todo o ambiente? Pai, o senhor Cavalleri, domingo, disse também que lhe pediu apenas ser isentado do pagamento dos impostos; essa é a única retribuição que ele pede. Tal traço da Providência deveria mesmo, enfim, não ser acolhido?"

¹⁴ Cf. *ibid.*

1921. Depois da experiência vivida nos Pilastroni, durante a qual se tornam necessárias algumas modificações, em abril de 1924 Pe. Battisti volta à questão, especificando ao Pe. Calábria mais uma vez claramente o seu parecer: “*Quanto à veste, eis o que tenho a dizer: uma veste muito castigada, séria, será sempre ou uma veste religiosa, ou então do tipo ‘mezze moneghe’,¹⁵ como diz o povo. De qualquer modo, para ter o seu juízo (que será sempre bem aceito por mim como por outros, e o quanto me custava e me custa não se pode nem imaginar), permito-me submeter-lhe quanto segue:*

1) Uma veste uniforme para mulheres piedosas faz-se necessária, e com véu, o que impedirá que uma mulher piedosa seja identificada pelos cabelos e chamada de loira, morena ou crespa. As noviças, em Brescia, eram chamadas assim, e na Casa Buoni Fanciulli (quando as Irmãs estavam em San Benedetto) era assim que elas eram diferenciadas pelos meninos e assim eram indicadas.

A veste comum das mulheres, apertada nos flancos, evidencia muito a forma do corpo feminino; prova disso são as Irmãs do Hospital de Verona. Com a túnica as mulheres são muito modestas, mas com a saia e o corpete, não. O véu usado pelas Irmãs de Brescia é usado também por muitas leigas. O manto... este sim. Mas quando o Senhor pensar no xale... em Brescia e em Pádua não faltam religiosas com o xale, e elas mantêm a aparência de religiosas aos olhos de todos. Além disso, o xale seria necessário (para serem menos religiosas) em dobro, isto é, um para o verão e outro para o inverno. [...]

Então: a veste de Brescia é mais severa do que a de Costozza (vamos diferenciá-las assim). A de Costozza é muito mais bonita, mas muito menos religiosa do que a de Brescia. A de Costozza, sem a cruz, é um hábito moderno, tanto que se o senhor o visse numa mulher de chapéu e com véu no pescoço o definiria modesto, sem dúvida, mas profano. [...]

Acrescento que o hábito das Irmãs de Brescia é muito menos religioso do que aquele que o senhor me propôs como modelo, ou seja, aquele usado por algumas religiosas de Veneza, que certo dia foram procurá-lo para falar com o senhor

Em nome do Senhor: pense bem, Pe. João, antes de mudar. Talvez o senhor irá se lembrar das Pobrezinhas de Bérgamo. Pois bem, eu as vi muitas vezes em Rivoltella, e também por isso não usam touca: circulavam livremente os apelidos ‘a loira e a morena’. [...]

¹⁵ Expressão dialetal “mezze moneghe” para indicar as irmãs.

Pe. João, perdoe a minha preocupação com mais esta prova que o senhor me faz em relação às Irmãs. Em nome do Senhor, apresente à Sua Excelência o bispo de Verona, no momento oportuno, as duas vestes, e deixe-o manifestar o desejo do Senhor quanto à reforma, caso seja necessária”.¹⁶

Em 1924, depois da transferência do Pe. Battisti de Este para o Santuário de Madonna di Campagna, Pe. Calábria aproveita a oportuna ocasião para estabelecer com paternal energia que as Irmãs deixem de usar o hábito monacal, passando a usar um mais simples e ordinário, muito mais próximo de uma veste leiga.¹⁷ Pe. Pedrollo faz o seguinte comentário: *“Pe. Battisti desenvolveu um hábito singular, de forma mais religiosa do que laical, seguindo, neste ponto, mais o seu gosto estético do que o pensamento do Pai. [...] Chegou o momento em que foi necessário deixá-lo. Eu admiro a virtude das Irmãs neste vestir-se e desvestir-se”*.¹⁸

Outras decisões referentes às Irmãs

No dia 7 de maio de 1925, em Verona, foi realizado o conselho maior da congregação Pobres Servos da Divina Providência. Estão presentes, além do Superior, Pe. Adami, Pe. Pedrollo, Pe. Battisti, Pe. Bussinello (que na reunião anterior de 28 de abril não havia sido convidado) e Irmão Antônio Consolaro. No decorrer da reunião, que se estendeu até o começo da tarde, tratou-se das Irmãs. Pela manhã haviam sido afrontados dois temas: a existência das Irmãs e o problema da veste.

Quanto à primeira questão, evidentemente a mais importante, na ata lê-se, como primeiro ponto: *“É perguntado: [...] se as Irmãs devem continuar ou se devem ser suprimidas. Por unanimidade responde-se que devem permanecer”*.¹⁹

Já alguns meses antes, o próprio Pe. Calábria havia manifestado toda a sua confiança acerca do seu futuro, na certeza de que *“as Irmãs da Casa Buoni Fanciulli não morrerão, mas ressurgirão e darão flores e frutos, e se estenderão muito e os desígnios de Deus se cumprirão... Eram muitas as Irmãs e agora vocês estão em poucas! Mas Jesus não precisa de ninguém. Ele fez como o agricultor que, quando vê a*

¹⁶ BATTISTI, G. *Lettera a don Calabria*, 30 aprile 1924, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 4, c. 3/3 corrispondenza a don Calabria [1922-1924].

¹⁷ Cf. *Diario della Congregazione*, 1924-1925, AHPSaDP, fld. Diari dall'inizio al 29 aprile 1955.

¹⁸ PEDROLLO, L. *Lettera a Sor. Gemma Tibaldo*, 21 gennaio 1976, AHPSaDP, fld. Don Luigi Pedrollo 3.

¹⁹ [BATTISTI, G.]. *Verbale seduta Consiglio Generale*, 7 maggio 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01076.

*planta amarelar, corta os ramos e deixa o tronco, para que possa dar novos frutos... Assim o Senhor fez com vocês. A planta das Irmãs já tinha os seus ramos que pareciam tão lindos e vigorosos, mas depois começaram a amarelar e muitos daquele ramos Ele os cortou; várias Irmãs saíram desta santa Casa, muitas também morreram... Vocês são o tronco, e apesar de não corresponderem à altura, o Senhor dignou-se deixá-las aqui, nesta santa vocação... Mas a esta graça, tão grande, Ele pede que vocês correspondam dignamente”.*²⁰ Pe. João se dá conta de que a poda é necessária para limpar a árvore dos galhos secos, mas esta é a única condição para que a Obra possa dar frutos. Sem dúvida, o que o Pai deseja é dar estabilidade às Irmãs como testemunha o augúrio expresso na carta à comunidade de Brescia: *“Que o ano santo seja o ano das graças e que também as Irmãs encontrem o seu terreno para se tornar uma grande árvore”.*²¹

Com referência à segunda questão, a forma do hábito, as opiniões, no interior do conselho maior, parecem discordantes, até porque não fica totalmente claro se cada um dos conselheiros está falando de hábito religioso ou simplesmente da uniformidade e da modéstia daquele hábito. De qualquer modo, parece poder afirmar-se que acaba por emergir uma diversidade de opiniões entre o Pe. Battisti e os demais membros presentes à reunião. No final, concorda-se em envolver as próprias Irmãs na solução do problema e decide-se remeter *“ao Pe. Natal a decisão referente à forma da veste a ser usada pelas Irmãs”.* Esta delegação a terceiros parece ter sido a saída encontrada pelo Pe. Calábria para superar opiniões divergentes e objeções do Pe. Battisti ou de outros.²²

No começo da tarde a reunião do conselho retoma com a seguinte decisão: *“c) – Foi deliberado que as Irmãs, no futuro, venham a ser conformadas aos sacros cânones.*

d) Deverão reger-se sozinhas; e não deverá haver nenhuma ingerência da parte da Casa masculina. O Superior mostra-se pouco persuadido por uma proposição apresentada pelo Pe. Battisti; ou seja, especificamente, que nem mesmo o Superior geral deva exercer uma ação deliberativa sobre as Irmãs pelos sacros cânones, mas que exerça apenas uma ação de conselheiro natural da Superiora geral. E diz que a

²⁰ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, 31 gennaio 1925, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

²¹ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 17 aprile 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01947.

²² Numa ata do Conselho Geral anterior ao dia 2 de abril de 1926, mas sem data, anotou-se: *“Irmãs: quanto ao modo de vestir, solicite-se a preparação de um modelo a ser proposto, para que depois seja deliberado comunitariamente”* ([ADAMI, L.]. *Verbale seduta Consiglio Generale*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01077).

proposição Pe. Battisti dissente e é mais restritiva em relação àquilo que havia sido dito no passado, em Pádua. Pe. Battisti mantém, por sua conta, a sua própria opinião”.²³

Em outros termos tudo isso implica, quanto ao futuro, preocupar-se em vista do reconhecimento jurídico em nível diocesano.

O conselho tem também o cuidado de salvaguardar uma forma de clausura das Irmãs, já que estabelece: *“Da melhor forma possível mantenha-se separação entre sacerdotes e Irmãs na casa próxima ao Santuário [de Madonna di Campagna]”*.²⁴

Em outro momento ressalta-se a contraposição entre o pensamento do Pe. Battisti e o do Pe. Calábria: *“e) – O venerado Superior pergunta ao Pe. Battisti qual seria, na sua opinião, a Irmã mais apta a assumir o cargo de Superiora geral. Pe. Battisti responde que o seu pensamento é sempre aquele manifestado privadamente ao próprio Superior: a mais apta em qualidade e virtude é a Irmã Gabriela de Jesus”*.²⁵ Na ata não se encontram outros nomes sugeridos; pelo contrário, *“sobre a eleição da Superiora foi dito que ela seja eleita pelas Irmãs. Entretanto, há quem proponha (primeiro dentre estes o Pe. Battisti) que a Superiora geral, desta vez, seja escolhida pelo Superior geral. E o Superior geral escolhe, sem dúvida, a Irmã Imelda”*.²⁶

É evidente também que, ouvidos os pareceres dos componentes do conselho, respeitados os diferentes posicionamentos e as distintas motivações, de fato, no fim das contas, é o Pe. Calábria que, em última análise, assume as decisões.

Outras decisões referentes às Irmãs são tomadas pelo conselho geral da Casa Buoni Fanciulli durante a reunião de 21 de abril de 1926. Não que a ata²⁷ seja muito clara, mas é possível entender que os problemas principais colocados são: como organizar aquela que se poderia chamar de Casa-Mãe; a questão da direção única e autônoma das Irmãs; e como resolver o problema da forma do hábito.

Com referência ao primeiro tema, não se define nada; apenas, como é dito no ponto 5, que *“a Irmã Fannio, de Costozza, passe para Verona, na Casinha, com as Irmãs, atuando como Superiora”*. Estabelece-se, no ponto 6, que deverá haver *“unicidade de orientação”* nas Irmãs, sem especificar se esta deverá ser promovida pela

²³ [BATTISTI, G.]. *Verbale seduta Consiglio Generale*, 7 maggio 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01076.

²⁴ Ibid.

²⁵ Ibid.

²⁶ Ibid.

²⁷ [ADAMI, L.]. *Verbale seduta Consiglio Generale*, 21 aprile 1926, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01077.

Superiora das Irmãs ou pelo próprio Pe. Calábria. Enfim decide-se, no ponto 7, que as acolhidas, que provavelmente encontram-se na Casinha, passem para Este, sob os cuidados da Irmã Malvina.

Na ata do dia 27 de maio de 1926 o conselho pede à Superiora, Irmã Imelda – Maria Fannio, que se mantenha “*em contato com as Irmãs*”.²⁸ Além disso, torna obrigatória aos sacerdotes das Casas a pregação do retiro mensal às Irmãs presentes nas Casas por eles administradas.

Irmã Imelda – Maria Fannio, Superiora geral

Enquanto o Pe. Battisti está firmemente convencido de que o Superior geral é um simples conselheiro natural da Superiora das Irmãs, o Pe. Calábria discorda reconhecendo-lhes uma certa liberdade; para elas, providencia uma Superiora geral que substitua no encargo a Irmã Gertrude – Maria Meneghetti, que desempenhava esse serviço desde o falecimento de Maria Galbusera, ocorrido no dia 1º de abril de 1917. Para tanto, pergunta a todos os conselheiros qual seria, na opinião deles, a Irmã mais apta para ocupar aquele encargo. Mesmo considerando a possibilidade de que as próprias Irmãs elejam a Superiora, desta vez o Pe. Calábria escolhe a Irmã Imelda – Maria Fannio, à qual escreve: “*Boa Irmã em Jesus Cristo, numa reunião feita com os sacerdotes delegados da Casa, sob a proteção de Nossa Senhora e depois de ter invocado o auxílio do Espírito Santo, foi decidido in Domino que a senhora interinamente aceite o encargo de Superiora geral de todas as Irmãs da Casa Buoni Fanciulli. Portanto, in Domino eu lhe anuncio esta decisão, e com a graça do Senhor, que certamente não lhe faltará e será abundante, a senhora pode começar a desempenhar o seu ofício; eu escreverei às Irmãs de Brescia e de Este e avisarei às de Verona. Pode contar, se achar oportuno, com o conselho do Pe. Luis.*

Bem-aventurada a senhora, que aceita; considere isso uma prova do bem que lhe tem o Senhor. Fique tranquila, seja pobre, seja humilde, porque o Senhor é quem irá agir; seja, simplesmente, um trapo”.²⁹

Logo o Pe. Calábria se preocupa em comunicar o nome da nova Superiora geral à comunidade de Brescia: “*Numa reunião de sacerdotes da Casa, sob o auxílio e a*

²⁸ [ADAMI, L.]. *Verbale seduta Consiglio Generale, 27 maggio 1926*, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01078.

²⁹ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Fannio*, senza data, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Sorelle, fld. 1, c. 16, b. 3908/Z/10.

proteção da Virgem bendita, foi eleita até nova ordem Superiora geral das Irmãs dos Buoni Fanciulli a Irmã Imelda Fannio, de Costozza.

*A ela devem recorrer em tudo e para tudo as Irmãs, e a ela devem submeter-se. Esse é um belo passo que o Senhor deu para a Obra das Irmãs. Agradecemos ao Senhor, e todas procurem ser boas, dóceis e humildes, e assim serão bem-aventuradas”.*³⁰

A notícia, em Verona, foi recebida da seguinte forma: “No dia 12 de maio de 1925, festa da Bem-aventurada Imelda, foi eleita a Superiora geral, a Irmã Imelda Olian Fannio, ex-Superiora local da Casa de Costozza. O veneradíssimo Pai disse às Irmãs presentes: ‘Hoje lhes foi dada a primeira Madre’”.³¹ Pe. Calábria exorta a comunidade de San Zeno com as seguintes palavras: “Amem muito o Senhor, façam tudo na obediência. Agora, vocês tem também a Madre! (Irmã Imelda Maria Fannio). Sejam sem cabeça; pois se forem sem cabeça, o Senhor mesmo a colocará em vocês; se vocês a tiverem, o Senhor a cortará”.³²

Encorajando-a a começar o seu serviço de Superiora, o Pai escreve à Irmã Fannio: “Quando puder, e espero que venha logo, faça uma visita a Verona e a Brescia, e no Senhor tome todas aquelas decisões que julgar oportunas para a maior glória de Deus e para o bem da grande Obra, das pobres e tão provadas Irmãs”.³³

No dia 1º de agosto de 1925 a Superiora Geral teve um encontro com o Pe. Battisti, que daquele diálogo anota algumas passagens. Em relação à experiência até então amadurecida, a Irmã Fannio evidencia os seguintes problemas: “As exigências de um trabalho excessivo; a qualidade abaixo do conveniente do alimento das Irmãs, especialmente das mais frágeis; a necessidade de uma veste uniforme para as Irmãs”.³⁴ E prossegue ressaltando que “as Irmãs dificilmente formarão, na caridade, um só coração: considera-as desagregadas. – Órfãs, o que será difícil superar enquanto não

³⁰ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 10 maggio 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 02409/L.

³¹ *Diario della Congregazione*, 12 maggio 1925, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

³² FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, 24 settembre 1924, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

³³ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Fannio*, 21 luglio 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 03908/Z/12.

³⁴ BATTISTI, G. *Appunti di cronaca*, 1 agosto 1925, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Appunti di cronaca 2.

lhes for dada uma Casa-Mãe. A Casa-Mãe é considerada por ela extremamente necessária, inclusive para as enfermas ou quase enfermas".³⁵

A recém nomeada frequentemente revela ao Pe. Calábria não sentir-se à altura da responsabilidade que lhe foi confiada: *"Não lhe falo de mim, que me acho tão miserável, tão incapaz, tão insuficiente para o lugar que ocupo, especialmente pela falta de virtude. Reverendo Pai, acompanhe-me com a sua oração, com a sua bênção, com o seu conselho. [...] Reverendo Pai, me perdoe tudo, faça de mim aquilo que julgar melhor; eu lhe professo a minha obediência porque para mim o senhor ocupa o lugar de Deus; Deus me confiou ao senhor"*.³⁶

Por ocasião do Natal de 1925 Irmã Imelda Fannio escreve também estas linhas ao Pe. Calábria, repetindo-lhe o mesmo pedido espiritual: *"O senhor, bom Pai, me ajude com as orações a ser 'qual' me quer o Senhor, e pelo tempo em que não me for retirada a missão a mim confiada; que eu possa cumpri-la de tal forma a tornar o meu Deus contente, de modo a buscar-lhe a maior glória e o maior bem das Irmãs"*.³⁷

Pe. Calábria percebe todo o sofrimento vivido pelas Irmãs, que depois dos acontecimentos de Este foram divididas entre Verona, Brescia e Costozza. Além disso, através da decisão de designar-lhes uma Superiora geral, parece dar-lhes maior autonomia, no mínimo em comparação com o período precedente. Nunca perde a ocasião de encorajar as Irmãs, como por exemplo na seguinte homilia, pronunciada no dia 21 de fevereiro de 1926 e reproduzida nos cadernos da Irmã Imelda. As suas palavras ressoam como que um prelúdio de um iminente renascimento: *"Unicamente para obedecer a um impulso interno sentido diante do sacrário, dirijo, do modo que o meu coração me sugere, uma pobre palavra às Irmãs. Primeiramente eu deveria dizer uma palavra de conforto. Mas que palavra? Uma palavra de grande conforto seria, para as Irmãs, se eu pudesse dizer-lhes: eis a serenidade, uma grande luz apareceu, o caminho está traçado para as Irmãs, levantem a cabeça curvada pela provação, pois a redenção de vocês está próxima, chegou.*

Não é esta, porque esta não pode ser a palavra de conforto. Estamos ainda na escuridão, caminhamos como se fosse noite. Não se tenha a pretensão de ver. O esposo virá, sim, virá; é o Espírito Santo quem o diz. Mesmo que ele interponha demoras, não

³⁵ Ibid.

³⁶ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 21 ottobre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

³⁷ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 20 dicembre 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

temam, esperem-no, porque virá e não tardará para sempre. Ora, Ele [...] pode vir na primeira vigília, na segunda e na terceira, e em cada uma exige que os seus servos, que as suas esposas, estejam vigilantes, que mantenham acesas as reservas de óleo, as suas lâmpadas, de modo a poderem ir ao seu encontro quando vier. Pois virá de improviso.

Pobres Irmãs! Precisam sofrer! E por quantos motivos! A comunidade de vocês não está formada...

Desejam a palavra que lhes dê luz [...], mas em vão;³⁸ nas mesmas Casas onde estão as Irmãs, umas usam um tipo de roupa, outras, outro; além disso, as mesmas Irmãs, umas vestem-se de um jeito, outras, de outro; etc. etc.?... Todavia, coragem! O Senhor vigia sobre todos aqueles que o temem, sobre aqueles que o amam, e é bom, absolutamente bom com aqueles que nele esperam!

Eis, portanto, a palavra de conforto: àqueles que amam a Deus tudo se transforma em bem.

Parece-me que, neste momento, cada Irmã não deve ficar olhando para as demais Irmãs procurando ver aí uma comunidade e, não encontrando-a, não deve aspirar vê-la, desejá-la, não se abandonem a adulações. Cada uma olhe para si mesma e faça como a abelha, que de cada flor retira elementos para fazer o mel. Quero dizer que cada uma, tomando quotidianamente dos acontecimentos diários o lado da virtude pessoal, deve fazer uma boa provisão do mel da graça. Ou seja, deve produzir o óleo para manter abastecida a sua própria lâmpada para quando o Esposo vier.

A santidade está no sofrimento. Falando da sua paixão, Jesus disse: eu me santifico para eles, isto é, vou me imolar para eles.

Se, portanto, estando onde estiverem encontram sofrimentos, se quase se enroscam nos espinhos, se com ambas as mãos precisam apertar o seu próprio coração e tomar absolutamente a decisão de não raciocinar de forma alguma, tornam-se assim o elemento mais adequado para formar a sua própria santificação.

O que nos impede de tendermos à perfeição cristã e religiosa, seja qual for o estado em que nos encontremos? É o dito do Apóstolo: O que poderá me separar da caridade de Cristo? A perseguição, a angústia, a fome, a espada, o susto etc.? Não, absolutamente: nem a vida, nem a morte, nem qualquer criatura será capaz de me separar de Cristo!...

³⁸ No documento original usa-se a palavra “indarno”, com o sentido de “em vão”.

Cuidem, portanto, de si mesmas, santifiquem a si mesmas aceitando o sofrimento tal como ele se apresenta, das mãos do bom Deus. Porque, enfim, tudo é predisposto pela Providência. No momento oportuno, ele irá intervir; se for preciso, fará milagres.

Penso que as Irmãs sejam, agora, material para construção. Algumas serão despedaçadas e lançadas nos fundamentos; outras, as aptas, as que se tornarem dignas de mérito, serão usadas como o Senhor achar melhor. Coragem, repito! Àqueles que amam a Deus tudo se transforma em bem.

Aproveitem daquela que poderíamos definir como confusão para esperar por aquilo que não pode ser ilusão: a própria santificação. Vocês têm condições de exercitar o abandono no grau mais heróico. Reconheçamos, reconheçamos Jesus em tudo.

Certa vez, à noite, remando com vento contrário, os apóstolos viram Jesus caminhando sobre as águas. Eles se assustaram e gritaram! Jesus os acalmou e lhes disse: Tende confiança, não temais, sou eu. E entrou com eles no barco, e o lago se tranquilizou.

Desde que não haja o pecado, desde que haja a virtude, em outras palavras, desde que busquemos o santo reino de Deus, é certo, é certíssimo que estas coisas não serão esquecidas, serão escritas no livro da vida, operarão a santificação de vocês.

E para que outro fim estamos aqui no nome do Senhor a não ser para santificar-nos? Podendo alcançar o fim principal não nos preocupamos com os demais, que são bens secundários e não importam tanto diante de Deus, e, por conseguinte, da mesma forma bem pouco devem contar também diante de nós.

Olhemos para Jesus, verdadeiro Esposo das almas, de todas as almas, para Ele crucificado, para Ele Sacramento, para o seu coração aceso, ardendo de bondade e de caridade para conosco.

Demos-lhe algo em troca, amemo-lo, imolemo-nos por Ele e pelas almas. Vale a pena. Imolemo-nos mesmo sem nada saborear do valor do sacrifício que porventura devêssemos cumprir.

Olhemos para a nossa Mãe celestial, a Imaculada, ponhamo-nos sob o seu manto. Ó, ela também teve momentos que eu definiria momentos de desorientação; naquelas situações ela calava, orava, sofria e oferecia ao divino Pai eterno, imolando-se à sua vontade. Ela nos dê força e graça para imitá-la.

Olhemos para São José, para os nossos Santos, recomendando-nos às almas santas do purgatório. Oremos por todos.

*Deixemo-nos guiar, ainda que praticamente tenhamos a impressão de estar atravessando brasas acesas e lâminas cortantes. A mão que nos guia é a mão paterna do bom Deus. Portanto, não temamos, confiemos. E se for difícil, oremos ao Senhor para que nos dê a graça. Coragem, pois à palavra de conforto com a qual eu queria simplesmente começar Jesus foi ocupando um grande espaço e me forneceu a ocasião de abordar vários outros pontos. Razão pela qual nada mais acrescento. O Sagrado Coração de Jesus queime aquilo que a Ele não agrada em nós e acenda o belo fogo do puro amor, que nos confirme para Ele e para as almas”.*³⁹

A “virada” de setembro de 1926

No final de setembro de 1926 a Superiora das Irmãs, Imelda – Maria Fannio, enviou às suas Irmãs a seguinte carta, aqui reproduzida integralmente, bem como o anexo: *“O Reverendo Pai voltou, e eu lhe entreguei as cartas que me foram confiadas, das quais ele ficou satisfeito. Em relação à nova sistematização das Irmãs, agora é preciso saber as intenções e disposições de cada uma e, para este fim, aquelas que quiserem deverão fazer uma declaração assinada, cujo modelo estou enviando em anexo.*

Não é algo que se deva fazer de um modo qualquer, apenas por fazer; ou, menos ainda, para aproveitar a oportunidade, ou então para um fim que não seja reto; deve ser algo realmente sentido, profundamente sincero.

Para isso, cada uma reflita no seu coração, estude, pondere seriamente diante de Deus e de si mesma, calcule as suas forças, examine as suas íntimas disposições e depois assinie ou não, conforme achar no Senhor que é o melhor, para a glória divina, para o bem da sua alma e da Obra. Não se trata de pouca coisa, mas algo da máxima importância.

É necessário, para quem dirige a Obra em nome e pela vontade de Deus, conhecer as disposições de ânimo para saber com quem e até onde pode contar.

Quem não se achar em condições de assinar essa declaração não se perturbe, nem tema, nem pelo presente, nem pelo futuro. Deus é nosso Pai, Pai de cada uma, e

³⁹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Parola del Padre alle Sorelle*, 21 febbraio 1926, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 2.

pensa em nós com terna solicitude, desde que nos confiemos a Ele e operemos retamente.

O Senhor abençoe você e as queridas Irmãs, as ilumine nesta circunstância e lhes dê a graça de serem fiéis a Ele agora e por toda a vida, para tê-lo em herança pela eternidade.

Nos Corações Santíssimos de Jesus e de Maria.

Verona, 24 de setembro de 1926. Afeioadíssima, Irmã Imelda de Jesus.

*Além da assinatura, é necessária também a data. Modelo da declaração a ser assinada pelas Irmãs: ‘Viva Jesus, Maria e José! Com a graça de Deus declaro estar pronta em tudo e por tudo às novas decisões que, em nome de Deus, serão tomadas por quem dirige esta Obra, para o bem da minha alma e para a estabilidade da própria Casa. Na fé’”.*⁴⁰

A partir desta adesão as Irmãs renascem para uma nova vida.

Pe. Albano Bussinello, novo assistente eclesiástico

Depois de uma cirurgia feita no Hospital de Verona, o Pe. Giambattista Battisti vem a falecer no dia 17 de dezembro de 1926. Algumas semanas antes o Pe. Calábria o havia substituído na direção das Irmãs pelo Pe. Albano Bussinello.

A propósito desta mudança, assim a Superiora geral comunica à Irmã Gabriela – Aida Soster: “Venho comunicar-lhe, e por seu intermédio a toda a comunidade, uma decisão tomada pelo Reverendo nosso Superior referente às Irmãs. Ele, no Senhor, elegeu como Superior das Irmãs e seu delegado o Reverendo Pe. Albano, razão pela qual agora é a ele que devemos toda a submissão e obediência, como ao Reverendo nosso Pai, a quem Ele nos representa”.⁴¹ E com esta outra carta a mesma notícia é dada às Irmãs da comunidade de Costozza pelo seu superior, Pe. Luis Pedrollo: “O nosso venerado Pai tomou no Senhor a decisão de eleger o Reverendo Pe. Albano como Superior das Irmãs e seu delegado. Peço-lhe a caridade de comunicar à Irmã Tarcisia e a toda a comunidade esta nova determinação da divina Providência a nosso respeito,

⁴⁰ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 24 settembre 1926, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1. A adesão de cada uma das Irmãs é conservada na pasta pessoal de cada uma, junto ao AHPSaDP. Irmã Imelda subscreve a sua adesão em 29 de setembro de 1926.

⁴¹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 25 novembre 1926, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

*que certamente será bem acolhida por elas e da qual podemos esperar um grande bem para a nossa família religiosa”.*⁴²

Pe. Albano Bussinello, nascido em Caldiero no dia 15 de janeiro de 1887, foi ordenado sacerdote diocesano no dia 4 de setembro de 1910 e foi capelão por treze anos em Garda. Convocado, participou da Primeira Guerra Mundial, retornando novamente para Garda.

Ecônomo espiritual em Costermano, no dia 15 de fevereiro de 1924 passou a fazer parte da Obra, no interior da qual assume vários e importantes encargos. De 1924 a 1929 dirige os Buoni Fanciulli em San Zeno in Monte, onde promove inúmeras iniciativas no campo educacional: funda a banda musical e dá início à estadia na Casa Buoni Fanciulli de Camposilvano, em Velo Veronese. Começa o setor dos aspirantes Irmãos, que fornece à Congregação preciosos membros. Assume a direção das Irmãs por muitos anos. É o primeiro secretário nacional para a Itália da Obra “Apostolato Infermi”, que envia aos seus associados uma carta mensal e cuida da correspondência epistolar aos doentes.

Depois da morte do Pe. Battisti, no final de 1926, o Pe. Calábria lhe confia por mais de vinte anos o Santuário de Nossa Senhora da Paz, dito Madonna di Campagna, ao qual dá um impulso extraordinário contribuindo para uma verdadeira renovação material e espiritual. É nomeado reitor em 17 de março de 1932 e exerce o cuidado pastoral que lhe é confiado até 10 de outubro de 1938, porque de 11 de outubro de 1938 até 10 de novembro de 1939 torna-se mestre de noviços em Roncá. Retoma o encargo de reitor do Santuário de 11 de novembro de 1939 até 22 de fevereiro de 1948, quando se torna o primeiro pároco. Desde 1932 foi também, por muitos anos, conselheiro geral da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência.

Mente poliédrica, gênio versátil, incansável no trabalho, dedica-se à reflexão sobre problemáticas relativas à educação dos jovens, pela qual demonstra particular propensão e competência. É autor dos seguintes livros: *Parole di vita: letture spirituali e brevi meditazioni sopra le vite de' santi per tutti i giorni dell'anno*. Neste livro dirigido aos jovens, são apresentados exemplos concretos de virtudes heróicas. Além disso, publicou manuais e textos de catequese, tais como: *Fortes in fide: Istruzioni catechistiche ai giovani*, Volume 1: *Credo. Comandamenti di Dio. Precetti della Chiesa*; Volume 2: *Santissimi Sacramenti. Virtù. Orazione. Novissimi*, publicado em

⁴² FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 26 novembre 1926, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

1922; *Fac bonum: precetti, santissimi sacramenti, virtù, orazione, novissimi*, publicado em 1925; *Come il maestro: brevi meditazioni sulla vita di Gesù per giovanetti e giovanette*, impresso em 1940.

Morreu improvisamente no dia 2 de setembro de 1948 em Garda (Verona), em consequência de um agravamento do problema cardíaco que há tempos abalava aquele homem de grande fibra, enquanto era hóspede de seu irmão Gustavo na clínica de Villa Garda.

O renascimento

As Irmãs que decidem permanecer na Obra, portanto, deparam-se com o novo diretor, Pe. Albano Bussinello, que a elas apresenta-se com a seguinte carta: *“Assumo in Domino o grave e delicado ofício que me foi confiado sobre vocês pelo nosso Reverendíssimo Superior. Ainda não conheço todas pessoalmente, mas fico feliz todas as noites encontrando-as no Sagrado Coração de Jesus, quando, em seu nome, lhes envio a santa bênção. A Obra de vocês, que é um acréscimo à grande Obra da Providência, ainda precisa de uma base firme; mas confiem em Deus que, chegada a Sua hora, tudo acontecerá, e mais ainda do que aquilo que nós mesquinhos possamos desejar. Eu vi o propósito que vocês escreveram de estar prontas a tudo pelo bem da Obra; isso é muito bom, e estou certo de que verei isso na prática.*

O programa da Casa vocês o conhecem, e vou resumi-lo nos dois fundamentos que constituem a nossa força e a nossa riqueza: confiança ilimitada na divina Providência e obediência absoluta, até ser sem cabeça e muitos trapos nas mãos dos Superiores, que agem em nome de Deus. Bondade, oração, sacrifício”.⁴³

1927 é o ano no qual tem início um novo período da história das Irmãs.

Pe. Albano dirige-se ao Bispo, Dom Jerônimo Cardinale, *“para falar em favor das Irmãs. Sua Excelência chegou a dizer: ‘Comecem de novo e se preocupem em formar um verdadeiro espírito religioso’. Dizendo isso, abençoava”*.⁴⁴ E comentando este fato, a Irmã Imelda Fannio escreve: *“Neste dia o horizonte das Irmãs, há longo tempo nublado, serenou, e um raio, um tênue raio de luz, apareceu. Seja, este raio, com a bênção de Deus, portador de uma luz maior para um próximo futuro.*

⁴³ BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 5 dicembre 1926, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

⁴⁴ *Cronistoria della Congregazione*, 16 febbraio 1927, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

*As Irmãs hoje recomeçam a retomar nova vida. A bênção do Excelentíssimo Bispo, dada em nome do Senhor, confirmem-nas em seus bons propósitos”.*⁴⁵

No dia seguinte a este encontro, 17 de fevereiro, como um verdadeiro pai, Pe. Bussinello chama todas as Irmãs,⁴⁶ uma de cada vez, para dar-lhes os encargos e certamente também para lhes infundir segurança e confiança no novo caminho a ser empreendido. Está sempre ao lado delas com grande respeito, e no silêncio opera, durante o período do seu encargo, para que o ramo feminino se consolide e se difunda.

No dia 23 daquele mesmo mês começam os movimentos das Irmãs pelas várias Casas.

Durante o verão, o Pe. Albano anuncia os exercícios espirituais, tradição que ele retoma depois de uma longa interrupção; devem ser, para as Irmãs, “*um novo Batismo e ao mesmo tempo um novo Pentecostes*”.⁴⁷ São realizados da noite de 25 de julho até a manhã do dia 30, pregados pelo Pe. Pedro Fritz.⁴⁸

Na reunião de 22 de setembro de 1927 o conselho geral da Casa Buoni Fanciulli estabelece que “*quanto antes seja substituída a atual Irmã Superiora, que se encarregará das noviças e das postulantes. Superiora será a Irmã que atualmente se encontra em Este*”.⁴⁹ Na ata não consta o nome da Irmã Serafina Carli, que se torna a nova Superiora geral no dia 24 de dezembro de 1927,⁵⁰ ficando no cargo até 1931.⁵¹ À ex-Superiora é confiada a responsabilidade sobre as novas levas: as aspirantes e as noviças. O noviciado e o postulado são instalados na Casinha, junto ao Instituto Buoni Fanciulli.

No dia 7 de dezembro é fechada a Casa do Santíssimo Redentor em Este, data na qual a Irmã Serafina se transfere para a Casa de San Zeno in Monte para assumir o novo encargo que lhe fora confiado.

⁴⁵ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Appunti*, 16 febbraio 1927, AHPSaDP, fld. Promemoria, vita delle Sorelle.

⁴⁶ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 16 febbraio 1927, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

⁴⁷ BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 16 luglio 1927, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

⁴⁸ Don Pedro Fritz, nascido no dia 12 de setembro de 1883 em Badia Calavena (Verona), é vigário cooperador em Ronco d’Adige e em San Zeno; desde 1921 é vigário forânico de San Giuseppe fuori mura. Morre em 6 de julho de 1946.

⁴⁹ [ADAMI, L.]. *Verbale seduta Consiglio Generale*, 22 settembre 1927, AHPSaDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 Verbali [1924-1927], b. CA01082.

⁵⁰ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 24 dicembre 1927, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

⁵¹ Cf. *Diario della Congregazione*, 2 agosto 1931, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

Consta que sejam 37 as “*Irmãs, não Irmãs trabalhadoras, acolhidas, sãs e enfermas*”.⁵² Na carta que o Pe. Albano escreve a todas elas, com o visto autografado do Pe. Calábria, estas são exortadas a manterem-se ainda atentas “*aos eventos da Providência, na perfeita submissão, não esquecendo que a provação continua*”.⁵³ Além disso, são dadas as novas disposições referentes aos encargos: “*Superiora da Casa-Mãe [San Zeno in Monte] com superioridade geral sobre as filiais, Irmã Serafina Carli; vice-superiora e mestra das aspirantes e noviças, Irmã Imelda Fannio. Superiora de Costozza, Irmã Tarcisia Fossati; vice-Superiora, Irmã Beatriz De Mori. Superiora de San Michele, Irmã Gertrude Meneghetti; vice-Superiora, Irmã [Maria] Natália Fainelli*”.⁵⁴

Finalmente, depois de oito anos de espera, as noviças que entraram na Casa de Este entre 1920 e 1921⁵⁵ podem fazer o pedido de se unirem à Obra como novas Irmãs e no dia 6 de janeiro de 1928 emitem os primeiros votos.

⁵² Esse total consta na carta enviada pelo Pe. Bussinello às Irmãs com data de 18 de dezembro de 1927. In: AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Ibid.

⁵⁵ Cf. BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 18 dicembre 1927, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

OS “CADERNOS” DAS *REGRAS* E O *REGULAMENTO* DE 1928

Os “Cadernos” das *Regras* redigidas pela Irmã Imelda – Maria Fannio

No arquivo histórico das Pobres Servas da Divina Providência são conservados três cadernos¹ manuscritos, além de algumas folhas pertencentes a dois pequenos fascículos soltos e incompletos.² O que unifica esses textos é exclusivamente o seu conteúdo: trata-se, com efeito, da codificação das *Regras* das Irmãs da Casa Buoni Fanciulli, apesar de não constar qualquer titulação a não ser a dos argumentos tratados.

Não há nenhuma referência ao autor de tais textos. Para atribuir-lhes a autoria um dos elementos a serem analisados é a grafia, que remonta a Maria Olian Fannio – Irmã Imelda. Em favor desta hipótese temos também o testemunho do Pe. Luis Pedrollo, uma certificação importante para se conseguir estabelecer a quem pertence texto examinado.

Dirigindo-se ao Irmão Elviro dall’Ora, arquivista dos Pobres Servos da Divina Providência, ao falar da Irmã Imelda assim o Pe. Pedrollo se expressa: “*São aquelas almas de exceção! Trabalhou como todas as demais, mas trabalhou para fixar o espírito da Obra das Irmãs. Elas precisavam fazer uma espécie de Regulamento; ela era a mais idosa, a mais capaz, aquela à qual o Pe. João anteriormente já tinha pedido que preparasse as Regras. Seria bom revê-las... Eu as tenho*”.³

Quando redigiu as *Regras* a Irmã Fannio,⁴ com toda probabilidade, ainda se encontrava em Costozza. Isso explicaria o fato de que ela submete o seu trabalho à análise do Pe. Pedrollo, Superior daquela Casa, e não ao Pe. Albano Bussinello, que

¹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Quaderni delle Regole*, 1927, AHPSaDP, fld. Costituzioni
2. Os três documentos são, do ponto de vista material, simples cadernos escolares, com um formato de 15x20cm, trazendo na capa fotos aéreas da cidade de Messina (dois cadernos) e de Catania (um).

² Poderia tratar-se de folhas sobre as quais a Irmã Fannio fez algumas observações depois que todo o trabalho havia sido concluído. Essa hipótese baseia-se sobre o fato de que numa dessas folhas reproduz-se um texto sobre o “abandono” que, na sua parte inicial, é literalmente copiada das anotações – sugestões dadas pelo Pe. Pedrollo à Irmã Fannio. Mas tais anotações, como se pode ver pelo teor das mesmas, foram escritas depois que o Pe. Pedrollo viu o texto elaborado pela Irmã Fannio.

³ PEDROLLO, L. *Intervista a diverse Sorelle*, 1970, AHPSaDP, fld. Interviste.

⁴ CALABRIA, G. *Quaderno IV “Mio diario”* [1935-1939], 14 febbraio 1939, AHPSaDP, f. Quad. Diario, fld. 1, c. 5, b. N 02619: “*Santamente na noite passada expirou a Irmã Imelda Fannio, uma das primeiras. Alma grande, generosa, que tudo deu ao Senhor e o serviu com uma vida de sacrifício e de espírito verdadeiramente evangélico. Do céu, tenho certeza, orará por mim, pelas Irmãs, pela Obra toda*”.

desde dezembro de 1926 é assistente eclesiástico das Irmãs, mas reside em Verona.⁵ Isso é o que se consegue deduzir a este respeito, pelo menos até o presente.

O encargo de elaborar as *Regras* das Irmãs ela o recebeu diretamente do Pe. Calábria. De fato, ela goza da estima e da confiança do Fundador, mas tal incumbência na realidade se enquadra no seu encargo de Superiora geral, ocupado pela Irmã Imelda – Maria Fannio desde 1925.

Tendo por base uma anotação do Pe. Pedrollo num pós-escrito,⁶ sem data, que diz: “*Ao Pe. Cenere não perguntei nada, porque só depois é que eu recebi a carta que a senhora me mandou*”,⁷ é possível pensar-se em 1927 como o ano mais provável da composição das *Regras* por parte da Irmã Fannio.

De fato, o encargo de mestra das noviças, que lhe foi confiado depois da decisão neste sentido tomada no conselho geral da Casa Buoni Fanciulli de 22 de setembro de 1927, faz com que ela retorne para Verona, mais precisamente para a Pequeníssima Casa de Nazaré, no tardo outono de 1927. E isso explicaria a sua carta ao Pe. Pedrollo, à qual este se refere em seu pós-escrito.⁸

No primeiro caderno, a autora trata dos seguintes argumentos: uma parte geral (práticas de piedade, veste etc.), a admissão, o postulado, o noviciado, a profissão religiosa e a renovação dos votos, o dote, os votos, a obediência, a castidade, a pobreza e o abandono.

No segundo, são tratados os temas da caridade, da humildade, da mortificação, da confissão e comunhão, das práticas de piedade e dos sufrágios, do silêncio e conversação, do refeitório, da recreação, do dormitório-despertar-reposo, do parlatório, da clausura, da saída da Casa das Irmãs e do intercâmbio epistolar delas com os estranhos.

No terceiro caderno, de caráter jurídico-administrativo, a Irmã Imelda delinea os ofícios das superiores locais, da assistente da superiora local, da sacristã, da

⁵ Num cartão postal, enviado em 6 de dezembro de 1927, Pe. Bussinello escreve ao Pe. Pedrollo que quando, no dia anterior, esteve em Costozza visitando as Irmãs, “*recebi uma doce reclamação por não ter me apresentado lá nos últimos... sete meses*”. Portanto, pode-se deduzir que o Pe. Albano não ia muito frequentemente para Costozza (BUSSINELLO, A. *Cartolina postale a don Pedrollo*, 9 dicembre 1927, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 17, c. 14/3).

⁶ PEDROLLO, L. *Buona Sorella Imelda* (Appunti), senza data, AHPSaDP, fld. Costituzioni 2, c. Quaderni delle Regole.

⁷ O jesuíta Pe. Cenere pregou os exercícios espirituais na Casa de Costozza de 16 a 20 de novembro de 1927.

⁸ No dia 24 de dezembro de 1927 o encargo de Superiora Geral foi confiado a Adele Carli (Irmã Serafina), que até 7 de dezembro de 1927 fica residindo na Casa de Este, em processo de fechamento.

receptionista, da enfermeira, da roupeira, da cozinheira, da mestra de noviças e postulantes.

Nas páginas dos fascículos soltos fala-se de obediência, de enfermaria e de enfermas, bem como de várias anotações e disposições referentes à aceitação das postulantes.

Sobre o texto original, redigido pela Irmã Imelda – Maria Fannio, foram inseridos, além disso, números progressivos, por uma mão distinta, que dividem cada um dos argumentos tratados em parágrafos/regras. Trata-se do trabalho revisional executado pelo Pe. Pedrollo, como efetivamente se pode notar a partir de uma anotação dele: *“Boa Irmã Imelda, li e achei tudo muito bom e, permita-me dizer, muito bem feito. É o Senhor quem se manifesta por seu meio. Precisa simplesmente continuar e concluir a obra começada. A senhora vai encontrar números em vermelho, com os quais minha intenção é separar em partes aquilo que foi dito. Isso fará com que o texto corresponda melhor ao estilo das Regras. Encontrará também alguns acréscimos; no entanto, como a senhora mesma pode ver, trata-se de elementos pontuais; substancialmente o texto está muito bom.*

*Eu tinha que tirar o chapéu a cada artigo. Aquilo que eu acrescento são pensamentos extraídos especialmente de São Vicente. A senhora pode usá-los como bem entender...”*⁹

O trabalho da Irmã Fannio mostra-se bem articulado e suficientemente completo. Muito provavelmente, além da sua inquestionável capacidade pessoal, ela deve ter pesquisado e se inspirado em *Regulamentos* de outras congregações femininas, que já haviam sido aprovadas pela Igreja. E com certeza recorreu ao pensamento do Pe. Calábria e às *Regras de vida* redigidas pela Irmã Maria Galbusera, da qual reproduz fielmente o espírito nas *Regras* elaboradas nos seus cadernos.

Alguns aspectos dignos de nota

Pena que a autora não tenha inserido os nomes, a apresentação dos membros e as finalidades do nascente Instituto nas suas *Regras*,¹⁰ informações que normalmente são encontradas nas diversas *Constituições* dos Institutos de perfeição.

⁹ PEDROLLO, L. *Buona Sorella Imelda* (Appunti), senza data, AHPSaDP, fld. Costituzioni 2, c. Quaderni delle Regole.

¹⁰ Desse texto é que são extraídas todas as citações reproduzidas neste parágrafo.

Tais carências, entretanto, não diminuem o valor do conjunto do trabalho desenvolvido pela Irmã Fannio, porque não inibem a possibilidade de se colher na sua codificação a identidade e a espiritualidade das Irmãs da Obra, o que, aliás, emerge claramente daqueles textos.

Deve-se ressaltar que o primeiro parágrafo daquele texto traz a seguinte afirmação: *“O Instituto se propõe honrar de modo muito particular o divino coração eucarístico de nosso Senhor Jesus Cristo e a sua Santíssima Mãe Imaculada, primeira e verdadeira filha da divina Providência, tendo ela praticado em vida o mais heróico abandono em Deus e às suas divinas disposições, e toma por particulares protetores São José e os Santos Anjos, especialmente o Arcângelo São Miguel”*.

Desde o primeiro artigo com a expressão *“verdadeira filha da divina Providência”* a Irmã Fannio quer sublinhar a centralidade do abandono em Deus e à sua Providência. Retoma o tema tratando-o de forma exaustiva no capítulo intitulado *“Abandono”*, quando escreve: *“A característica da Obra, e de quem a ele se consagra, é uma grande confiança em Deus e uma ilimitada confiança na Providência, segundo o dito do santo Evangelho: ‘Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e tereis em acréscimo tudo o mais’*.

Receber tudo nas mãos do bom Deus, o bem e o mal; não apegar-se a nenhuma coisa ou pessoa, a nenhum lugar de ofício, a nada... a fim de que, desimpedidos de qualquer obstáculo, possamos logo responder a qualquer chamado do Esposo, repetindo as palavras daquela que nos serve de modelo também nesta excelentíssima virtude: ‘Eis a serva do Senhor, faça-se de mim segundo a sua palavra!’

Esta confiança, este abandono, não nos falem nas provações e nas travessias da vida e do espírito; nesses momentos, aliás, mais ainda, fixemos o nosso olhar em Deus, de onde deverá vir o socorro no tempo oportuno”.

O coração da espiritualidade das Irmãs da Obra pode ser identificado naquilo que a Irmã Fannio afirma quando se dispõe a explicar em que consiste o abandono em Deus e na divina Providência. Escreve que este se encontra:

“1º Na amorosa aceitação de tudo aquilo que a divina Providência nos ordena fazer ou sofrer, momento por momento.

2º Na entrega absoluta de si mesmas nas mãos dos Superiores como muitos trapos; que eles disponham de nós como quiserem ou creem no Senhor.

3º Na plena e filial confiança em Deus, o qual não deixará de vir ao encontro provendo os meios materiais àqueles que, recolhidos no seu nome, de nada mais se preocupam a não ser com a glória e com a salvação das almas.

Lembre-se, aquela que se consagra a esta Obra, que Deus é nosso Pai celeste, o qual não pode ordenar senão aquilo que for bom, justo, amável, santo, e não permite o mal a não ser para dele extrair o bem. Que tem, pelos homens e por nós em particular, um cuidado todo paternal; portanto, nada mais justo do que a absoluta confiança com Ele, já que Ele certamente sabe, pode e quer vir ao encontro daqueles que nEle esperam. 'É fiel o Senhor, diz o Salmo, em todas as suas palavras, e é santo em todas as suas obras'.

É necessário que a alma se abandone plenamente ao espírito, à vontade e à ação do próprio Deus; é o supremo grau de amor e ao mesmo tempo a mais perfeita cooperação à ação de Jesus Cristo em nós (Sede Perfeitos).¹¹ Por conseguinte, a Irmã aceite com amor quando a divina Providência permite ou dispõe em relação ao seu espírito sem nenhuma preocupação, exasperação;¹² buscando, mas entregando-se a nosso Senhor com plena confiança e segurança.

Deve formar-se à vida de abandono em Deus entre os braços da divina Providência. Perguntar a Deus mais do que aos homens, segundo as palavras de São Paulo: 'Não vos preocupeis com nada, mas em tudo manifestai a Deus os vossos pedidos por meio da oração e das súplicas'.

4º Este abandono não exclui a busca ordinária dos meios de subsistência; aliás, tal busca está compreendida na economia da divina Providência desde que seja excluída toda ansiedade e toda angústia, nenhuma preocupação com os apoios humanos, nenhuma busca de proteções dos grandes. 'É muito melhor confiar no Senhor do que esperar nos príncipes'.

5º Deus poderá permitir, para provar a nossa fé, algum período mais crítico; neste caso, dupliquemos a fé, porque depois Deus se manifestará. Se o tempo da provação perdurar humilhemo-nos e façamos um sério exame de nós mesmos, com novas e firmes proposições, convictos de que, se a Providência falta, isso acontece por culpa nossa".

¹¹ A referência é ao texto que contém pensamentos de Maria Galbusera.

¹² O termo usado no documento original é "soverchia", com o sentido de "exagerada, exasperada".

São palavras que refletem e ecoam o ensinamento do Pe. Calábria. E a Irmã Imelda mostra-se particularmente alinhada com o seu pensamento também no terceiro parágrafo, quando fala da veste das Irmãs. Não deixando transparecer qualquer tipo de saudade do hábito religioso usado enquanto “*Serva dos Pobres*”, ela escreve: “*As Irmãs não usarão hábito religioso, mas apenas uma divisa simples e modesta, que não deve ter nada de religioso, porque as Irmãs devem passar inobservadas entre os homens, e a sua vestimenta deve ser totalmente interior, isto é, a das virtudes, especialmente as mais próprias do seu estado e vocação, pelas quais devem se tornar agradáveis ao Esposo divino, atraindo continuamente as suas complacências*”.¹³

O quarto parágrafo testemunha que a Irmã Fannio, ao escrever as suas *Regras*, pensa num Instituto autônomo, com sua própria organização jurídica: “*O Instituto é governado por uma Superiora geral, com o auxílio de uma assistente, de três conselheiras, de uma secretária e de uma ecônoma*”.

Também o capítulo sobre o noviciado e o outro sobre a profissão religiosa confirmam, se necessário fosse, que a Irmã tem em mente uma congregação religiosa propriamente dita, com votos simples de pobreza, castidade e obediência; estes, primeiro anuais (por um triênio), depois trienais (uma só vez) e, por fim, perpétuos.

No capítulo sobre a clausura, enfim, percebe-se nas entrelinhas um aspecto de particular interesse, perseguido também pelo próprio Pe. Calábria: a uniformidade na espiritualidade entre os religiosos e as religiosas da Obra, ou seja, a conformidade ao “espírito puro e genuíno da Obra”. Irmã Imelda, implicitamente, revela a mesma preocupação quando pede: “*A assistência espiritual nas Casas do Instituto seja feita, onde for possível, por um sacerdote escolhido ou designado pelos Superiores da Casa-Mãe da Obra, da qual as Irmãs obtiveram origem e formação espiritual*”.

O Regulamento de 1928

Em 16 de dezembro de 1928 o Pe. Albano Bussinello entrega um manuscrito de *Regras* preparado para as Irmãs, ou melhor, para a “Pobre Irmã da Providência”.¹⁴ Certamente o texto foi revisado pelo Pe. Calábria, como se pode deduzir pelas notas holográficas encontradas sobre uma das cópias. Além disso, no final do texto, ao assiná-

¹³ O texto reproduzido é o texto original, escrito à mão pela própria Irmã Imelda – Maria Fannio; não se trata, portanto, do texto que foi posteriormente corrigido por outros. O conteúdo ecoa o que já havia sido expresso nas *Regras de vida*, elaboradas pela Irmã Maria Galbusera.

¹⁴ *Regolamento*, prima stesura 1928, AHPSaDP, fld. Costituzioni 2, c. Regolamentoo 1928.

lo, por ocasião da festa da Imaculada, no dia 8 de dezembro de 1928, acrescenta: “Com todas as minhas forças, recomendo-lhes a observância dessas Regras, para o bem das suas almas e para a vida da grande Obra”.¹⁵ Além disso, o Pe. Calábria o apresenta comentando-o com estas palavras: “Hoje foi lançada a semente”.¹⁶

O Regulamento¹⁷ lembra às Irmãs que “Deus fez surgir uma Obra destinada a reavivar a fé; e nos seus misericordiosos conselhos chama para coadjuvá-lo pessoas de ambos os sexos, que lhe consagram a sua pessoa e a sua vida incondicionadamente”. Nas primeiras linhas ressalta-se que a Obra é chamada a reavivar a fé em Deus e na sua divina Providência. No segundo ponto explicita-se a referência à mulher, “favorecida e aceita no seio da Obra”. Este é um exemplo de que desde os primeiros tempos, aproximadamente dezoito anos antes do começo da congregação, “a Pobre Irmã da Providência” era considerada parte da Obra e abraçou o seu programa. “A sua vida [...] será uma vida de sacrifício, humilde, silenciosa, escondida, [...] com Cristo, em Deus. No escondimento, no silêncio, na humildade, ela santificará a si mesma e prodigalizará ao próximo os tesouros da caridade. O seu espírito, portanto, deve ser espírito de fé, de humildade, de simplicidade; de escondimento, de desapego absoluto do mundo e de si mesma; espírito de caridade, de sacrifício, de abandono total e absoluto na divina Providência.

Sendo a primeira obrigação dos membros desta Obra a sua própria santificação, o objeto principal para o qual devem manter constantemente voltado o olhar e empregar todas as suas forças é justamente essa. Devem buscá-la a qualquer custo, preferi-la a qualquer outra coisa. A santificação pessoal deve estar à frente de todos os seus pensamentos e desejos; deverão buscá-la mediante o auxílio divino evitando todo pecado venial deliberado, observando exatamente as santas Regras e cumprindo diligentemente os seus deveres”.

Da mesma forma que os demais membros desta Obra, buscará acima de tudo a sua própria santificação, para a qual deve manter constantemente dirigido o seu olhar e empregar as suas forças: “Tome [...] como exemplo, como mestre, Jesus crucificado, [...] ame e busque com todas as suas forças aquilo que o mundo rejeita, escondimento, desprezos, ofensas, sofrimentos. [...] Coloque todo seu estudo¹⁸ em buscar no Senhor a

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Cronistoria della Congregazione, 28 dicembre 1923, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹⁷ Regolamento, prima stesura 1928, AHPSaDP, fld. Costituzioni 2, c. Regolamento 1928.

¹⁸ O termo “estudo”, usado no texto original, deve ser entendido no sentido de “empenho”.

maior abnegação de si mesma e a contínua mortificação, na medida do possível, em todas as coisas”.

A Irmã é chamada a desenvolver: a humildade, a mansidão, a obediência, o espírito de sacrifício e de imolação, a contínua união com o Pai e o espírito de oração e de união com Deus, que deve ser objeto de um ininterrupto trabalho.

Pela primeira vez num texto normativo aparece uma referência precisa à espiritualidade que caracteriza a vida das Irmãs, tal como o próprio Pe. Calábria lhes propõe: *“Para corresponder à vontade de nosso Senhor Jesus Cristo, Dono absoluto desta Obra, os seus membros devem ser sem cabeça, como muitos trapos, muita argila; e estarem dispostos a mudar e a desempenhar qualquer ofício, segundo a vontade dos Superiores, representantes de Deus”.*

O que está contido neste *Regulamento* é muito importante sobretudo pela inovação introduzida acerca dos votos. Até 1924 as Irmãs renovavam os votos de pobreza, castidade, obediência e abandono; agora o novo *Regulamento* prevê só os primeiros três. Com efeito, estabelece que, *“cumprida inteiramente e sem interrupção a experiência do noviciado, as que serão dignas emitirão os votos simples de pobreza, castidade e obediência. Serão emitidos por um ano e renovados ad Annum”.* Fica mantido, entretanto, que a noviça, durante o período de formação, *“exercite-se também na virtude do abandono à divina Providência”*, que continua sendo sempre a luz que ilumina a vida da Irmã.

Pode-se notar que aquilo que fora escrito sobre o abandono nas *Regras de vida* de 1915 parece ter sofrido uma redução no *Regulamento* de 1928, de qualquer modo encontrando espaço depois da obediência, da castidade e da pobreza. A sua explicação retoma aquilo que já havia sido escrito pela Irmã Imelda – Maria Fannio nos “cadernos” das *Regras*, durante o ano anterior.

O *Regulamento* apresenta uma estruturação totalmente nova, estabelecendo as práticas de piedade a serem cumpridas, as condições de admissão e um caminho formativo articulado em postulado, noviciado, profissão e renovação dos votos de pobreza, castidade e obediência.

Seguem-se esclarecimentos sobre a obediência, reconhecendo nos Superiores, sejam quem for, o Senhor Jesus Cristo. A Irmã é chamada a obedecer *“como se fosse um corpo morto, que se deixa revirar por qualquer lado sem ressentimentos, ou seja, como um bastão, que serve a quem o tem em mãos, em todo lugar e para qualquer uso”.* Deverá se empenhar para que *“a sua obediência seja pronta, inteira e universal”.*

[...]. *Não procure curiosamente saber de tudo, nem investigue ou fale das disposições que eventualmente estejam para ser tomadas pelos Superiores, mas se deixe guiar e dirigir por eles com pleno abandono de si mesma em suas mãos, bem como nas mãos da divina Providência*”.

A seguir é desenvolvido o conceito de castidade e de pobreza, “*uma forte asa que nos faz voar para Ele. [...] A pobreza deve resplandecer em tudo, também naquilo que é necessário; ou seja, o alimento, as roupas, a cama etc. devem ser de pobres*”. A ordem e a limpeza, decoro e ornamento da pobreza, devem reinar em toda a Casa, comparada à Casinha de Nazaré.

A caridade caracteriza a vida comunitária de união e concórdia, de modo que “*As jovens considerem as anciãs como os primeiros membros do seu Instituto, amem-nas, honrem-nas e as compadeçam, tendo por elas todo respeito e serviço. As anciãs, por sua vez, amem as jovens, considerem-nas plantinhas que devem crescer vigorosas para dar, no devido tempo, abundante fruto para a glória de Deus. [...]*”

As que devem presidir disponham com doçura, caridade e humildade das Irmãs, das ocupações, dos trabalhos, e com igual caridade as admoestem quando faltarem em alguma coisa. [...] Se por acaso, devido à humana fragilidade, vier a acontecer que alguma Irmã falte de caridade com outra, no exato momento em que, com calma de espírito, tiver reconhecido a sua falta, ou pelo menos antes de se deitar, lhe pedirá sinceras desculpas, e a ofendida lhe concederá o mais cordial perdão”.

A humildade “*consiste no reconhecimento, [...] do nosso nada, da nossa miséria, reconhecendo ser proveniente de Deus aquilo que temos, aquilo que somos; a humildade verdadeira, todavia, não deve limitar-se a reconhecer o próprio nada: deve, além disso, chegar a amá-lo*”. Cada uma deve se considerar “*a ínfima dentre todas, e ver-se como tal*”.

O *Regulamento* insiste muito sobre o sentimento de humildade, sobre a humilhação a ser aceita, sobre a mortificação exterior e interior, sobre o fato de jamais lamentar-se, introduzindo a possibilidade da manifestação pública das próprias faltas com esta modalidade: “*A acusação será feita no refeitório, ou, em outra reunião comum, de joelhos, estando presente a Superiora*”.

Encontram espaço também algumas orientações sobre os sacramentos da Penitência e da Eucaristia estabelecendo que sejam designados para a comunidade um ou mais confessores, a fim de que as Irmãs possam aproximar-se habitualmente do sacramento da Penitência a cada oito dias.

Numerosos são os detalhes relativos às práticas de piedade e de sufrágio, bem como à observância do silêncio, definido com horários precisos, que dão a ideia de uma Irmã que o respeita de modo rigoroso e provavelmente fala pouco...

São introduzidas normas para os momentos no refeitório, no qual estão previstas leituras, e para a recreação, que na medida do possível terá a assistência da Superiora ou de quem a representa para que tudo proceda segundo o espírito religioso. A propósito do momento de se deitar, sugere-se que a Irmã se coloque *“naquela posição que tomaria se visse com seus próprios olhos nosso Senhor, porque realmente ele a olha nesta ação, como em qualquer outra”*.

A Irmã recebe as visitas no parlatório, onde lhe é designada uma companheira, feita exceção para quando recebe os pais e os parentes mais próximos; as visitas são concedidas uma vez por mês.

Outras orientações referem-se ao comportamento a ser adotado quando se deve sair de casa e à correspondência mantida com os externos, como também à visita do confessor, do médico, do cirurgião. Enfim, sugere-se como deve ser vivida a doença e como comportar-se quando ela se faz presente.

Em 26 de julho de 1927 as Irmãs deixam definitivamente de usar o hábito religioso para vestir um novo uniforme que o Pe. Calábria aprova no dia 15 de agosto; esta também é uma expressão da renovação. O *Regulamento* estabelece que: *“As Irmãs não usarão hábito religioso, mas apenas uma divisa simples e modesta, porque as Irmãs devem passar inobservadas entre os homens, e a sua vestimenta deve ser totalmente interior, isto é, a das virtudes, especialmente as mais próprias do seu estado e vocação”*.

Das Regras à vida

Para compreender melhor como as Irmãs viviam o espírito da Obra vale a pena examinar também as cartas que lhes eram enviadas pela Irmã Imelda – Maria Fannio, na qualidade de Superiora. Desses textos extraímos algumas passagens significativas, das quais emergem traços de profunda espiritualidade.

O espírito de abandono deve ser vivido tendo por modelo *“as crianças que não atingiram o uso da razão na vida natural. Elas confiam no seu papai, na sua mamãe, e se abandonam sem qualquer preocupação (elas ainda não têm condições de se preocupar), não precisam se importar nem com o alimento, nem com a roupa; aceitam*

*sem dificuldade aquilo que lhes é apresentado, [...] pouco se importam, pois não depende delas; aquilo que os pais fazem por elas está ótimo, adaptam-se a tudo sem reflexão, não tem condições de refletir, acreditam em tudo o que lhes é dito sem raciocínios [...]. Assim devemos fazer nós também na vida espiritual: precisamos confiar em Deus e nos nossos Superiores, que o representam; deste modo, tudo será fácil para nós, tudo será natural; às vezes a natureza vai querer se rebelar, mas a graça estará pronta para nos sustentar e irá vencer”.*¹⁹

Preparar-se para a morte implica saber separar-se daquilo que é terreno e aceitar o sofrimento: *“Destaquemo-nos realmente de todas as coisas daqui de baixo, que um dia certamente deveremos deixar, com o amor, o sacrifício, a humildade, a caridade, a obediência, e com generosa força procuremos renunciar a nós mesmos. Assim estaremos preparadas, prontas para o chamado maior e para o estado de sofrimento mais ou menos longo que o precederá.*

*Ó, o sofrimento, mesmo físico, requer uma força e um auxílio especial do Senhor para ser suportado santamente e com mérito! [...] Será útil para nós prepararmos desde já a considerar a morte presente para viver bem!”*²⁰

Para que as Irmãs se tornem santas a Irmã Imelda – Maria Fannio recomenda: *“Não é preciso fazer coisas grandes, maravilhosas, como admiramos nos Santos, mas apenas fazer bem, com fidelidade, aquilo que o Senhor nos pede dia a dia. [...]*

*Foi-nos recomendado, além disso, que pensemos em como nos convencer de que somos nada, nada, considerando-nos como o pó que não tem consistência e que se esvai a um sopro, que com um sopro parte, ora para cá, ora para lá. Assim nós precisamos nos deixar levar por nosso Senhor e pela obediência”.*²¹

Por ocasião do Advento, escreve: *“O recolhimento procuraremos fazer com que seja não apenas exterior, mas muito mais interior; aquele favorece e facilita este; ambos são necessários para a vida de união com nosso Senhor Jesus Cristo, que deve ser a nossa vida; quanto mais íntima esta for, mais consolaremos o seu divino coração e nos tornaremos mais aptas à nossa missão, ao cumprimento dos seus desígnios sobre nós. Ele quer viver em nós e nós precisamos [...] identificar-nos com Ele de modo [...] a morrer para nós mesmas, pois de nós nada mais restará do que as aparências, de forma*

¹⁹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle dei Pilastroni*, 18 maggio 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

²⁰ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle dei Pilastroni*, 7 luglio 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

²¹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle dei Pilastroni*, 18 maggio 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

que possamos nós também dizer com verdade: 'Não sou mais eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim'. Ele poderá, então, usar-nos como dóceis instrumentos, para o desenvolvimento dos seus maravilhosos desígnios sobre esta Obra que brotou do seu costado... Eu creio que o Senhor queira isso de nós; quantas vezes no-lo foi inculcado, recomendado! Repito, creio que Ele mesmo o queira e que a nossa diletta família, para retomar a tão almejada vida, tenha necessidade deste potente anseio, que talvez nem em todas seja como desejaríamos que fosse. Mas com amor constantemente generoso e fiel nós alcançaremos a meta; então os obstáculos serão abatidos e poderemos retomar o nosso caminho; assim, de entusiasmo duplicado, recuperaremos o tempo perdido. – Não desanimemos, tenhamos fé, com nosso Senhor poderemos tudo. Nós nos abandonaremos totalmente nEle, 'deixando-o agir'; Ele nos trabalhará, nos melhorará, e depois nós usará como achar melhor. Sim, temos fé e confiança; talvez a hora desejada não esteja tão longe. Estejamos prontas".²²

Eis os votos natalinos: *"É com todo o coração que venho augurar-lhes um Feliz Natal, santamente alegre, rico dos dons mais belos e santos. Já é iminente o nascimento daquele querido Menino que se doou totalmente a nós e que, com tanta insistência, pede o nosso coração, do qual é zeloso, e no-lo pede totalmente, sem a mínima reserva, e para sempre. E nós, felizes com um pedido que tanto nos honra, estamos prontas para a oferta. [...]*

Queridas Irmãs, que o Senhor as abençoe, conceda-lhes um Natal, como já falei, santamente alegre, um bom final de ano e um ano novo rico de graças e de santidade. Vocês terão a Missa à meia-noite? Assim nos manteremos unidas, e depois sempre, na gruta, aos pés de Jesus Menino e no seu coração".²³

²² FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle dei Pilastroni*, 28 novembre 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

²³ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle dei Pilastroni*, 22 dicembre 1925, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

CAPÍTULO DÉCIMO
AS IRMÃS ESCREVEM AO PAI
NOS ANOS VINTE

Premissa

Desde os primeiros anos as Irmãs vivem no total escondimento, na plena obediência à recomendação do Pai de serem “toquinha e covinha”.¹

Neste período devem ser contextualizados os escritos de Maria Galbusera, os quais, após serem recolhidos e selecionados, são publicados em 1918 no texto “*Siate perfetti*”, reeditado em 1960 com o título “*Ho scelto il dolore*” e em 1976 com o título “*Perché temere?*”

Outras Irmãs escrevem numerosas reflexões pessoais de caráter espiritual e páginas de diários que mereceriam ser analisados.

O presente capítulo toma em consideração as cartas enviadas pelas Irmãs sobretudo para o Pe. Calábria, todas conservadas no arquivo dos Pobres Servos e até o presente momento ainda inéditas. Após serem transferidas da Casa do Santíssimo Redentor de Este e distribuídas em várias sedes, as Irmãs enviam ao Pe. Calábria cartinhas, breves mensagens, bilhetinhos e cartões comemorativos por ocasião de festas litúrgicas ou dos vários aniversários que lhe dizem respeito: onomástico, aniversário, ordenação sacerdotal... Tais textos podem ser considerados os primeiros testemunhos, a voz direta das Irmãs; lendo-os é possível colher o espírito que as anima e as sustenta em anos que, para a história da congregação, certamente não foram fáceis. Dentre outras dificuldades, as Irmãs foram distribuídas em comunidades distantes entre elas, às quais se podia chegar só usando os meios de transporte público e provavelmente com pouca escolha de horários e sem possibilidade de comunicação, a não ser eventual e exclusivamente pelo correio.

Aquilo que elas escrevem revela o nível médio de cultura do tempo. Numa visão mais geral a população como um todo se ressentia de uma baixa escolarização; no caso específico, precisamos considerar que o direito à instrução para as mulheres não é ainda plenamente reconhecido. É possível que viesse a ser encarregada de escrever a Irmã

¹ No original, “buseta e taneta”, uma expressão dialetal usada pelo Pe. Calábria para indicar uma vida de escondimento.

que, no âmbito da comunidade, possuísse a grafia mais bela e quiçá também um maior nível de instrução. À primeira vista, as cartas parecem estar bem ordenadas e bem preparadas; e, se não surpreende que nelas haja algum erro ortográfico, gramatical ou de sintaxe, com certeza percebe-se que as cartas coletivas contêm não tanto os pensamentos pessoais de cada Irmã, mas da inteira comunidade, que parece reunir-se ao redor de uma folha de papel para escolher as melhores expressões para dirigir-se ao Pe. Calábria, de modo a poder mais eficazmente comunicar-lhe os seus sentimentos filiais. Este é o espírito que impele as Irmãs, as quais demonstram a consciência dos seus limites, a tomar em mãos a caneta para escrever uma carta ao Pai, em alguns casos escritas mesmo sobre um papel qualquer, sinal concreto dos meios limitados à disposição, mas também da vontade e do afetuoso desejo de estabelecer um contato com ele, de cultivar a ligação à sua pessoa, mostrando-se próximas dele nas mais variadas circunstâncias com aquela atenção tipicamente feminina.

Nas cartas nunca se encontram traços de queixas, lamúrias ou contestações por parte das Irmãs que vivem em condições de pobreza e certamente em dificuldades quanto à perspectiva de imediata solução de uma série de problemas que estão em aberto. Do ponto de vista canônico, não são ainda reconhecidas, não têm uma Casa-Mãe, viveram a “diáspora” do pós-Este e agora estão espalhadas pelas várias sedes, não tendo ainda uma identidade bem definida. Mesmo assim, sabem viver com total disponibilidade acolhendo aquilo que acontece com espírito de fé. Nisto são apoiadas pelo Pe. Calábria, que as orienta a aceitar os desígnios de Deus, que para elas permanecem misteriosos e difíceis. Um esplêndido exemplo disso está no registro feito em 1925 pela Irmã Maria Assunta Contin, que anota as palavras dirigidas ao Pai, que tinha ido visitar ela e as demais Irmãs. Para nós que as lemos hoje, parecem ter um sabor profético: *“Dignou-se de pregar-nos pessoalmente o santo retiro, no qual, dentre outras coisas, nos disse que as Irmãs da Casa Buoni Fanciulli não morrerão, mas ressurgirão e darão flores e frutos que se estenderão muito e cumprirão os ‘desígnios de Deus’.*

Disse-nos: ‘As Irmãs eram tantas, e agora vocês são tão poucas, mas o Senhor não tem necessidade de ninguém; Ele fez como o agricultor que, quando vê a planta amarelar, corta os ramos e deixa o tronco, para que possa dar novos frutos. Assim o Senhor com vocês: a planta destas Irmãs já tinha os seus ramos que pareciam tão belos, viçosos, mas depois começaram a amarelar, e muitos destes Ele os cortou, e

muitas Irmãs saíram desta santa Casa, outras morreram, e veremos, um dia, o porquê de tudo isso... ”

‘Vocês – nos disse – são o tronco; não obstante a sua má correspondência, o Senhor dignou-se deixá-las aqui, nesta santa vocação, mas esta graça tão grande exige de nós uma correspondência digna, a humildade mais profunda, a verdadeira, firme e santa caridade, uma docilidade perfeita nas mãos dos Superiores, obedecendo cega, pronta e generosamente a eles!’

*E nos disse também: ‘Vocês são responsáveis por esta pregação, porque o Senhor lhes pedirá contas destas minhas palavras’ ”.*²

O espírito de família

De várias formas percebe-se que, para as Irmãs, o distanciamento geográfico não representa um obstáculo ao sentir-se parte da família. Confirma-o uma das primeiras cartas enviadas pela comunidade de Brescia, a mais distante da sede de Verona. Em fins de janeiro de 1924, algumas semanas depois da transferência, as Irmãs sentem a necessidade de partilhar com o Pe. Calábria os primeiros momentos do seu novo serviço. Das palavras expressas transpira o clima que reina entre elas, além do forte desejo de poder rever quanto antes o Pai: *“Reverendíssimo Pai, já há algumas semanas encontramos-nos reunidas nesta Casa e bem contentes estamos em cumprir a vontade do Senhor enquanto Ele o quiser. Queira perdoar-nos se ousamos dizer-lhe que mais fortemente agora sentimos a falta do nosso venerado Superior e ficaríamos muito felizes se pelo menos por algumas horas o senhor viesse nos visitar. Nós o esperamos, Reverendíssimo Pai.*

Que lhe direi do andamento desta pequena comunidade? Presentemente reina a máxima paz e concórdia entre as Irmãs, mesmo encontrando sempre algumas pequenas cruces. Jesus nos fortifique e nos torne prontas para afrontar qualquer sacrifício, que o divino beneplácito quiser. Quanto a nós, disponha sempre como bem entender, pois nos consideraremos bem felizes em ser cegos instrumentos nas suas mãos para servir à Obra do Senhor. Agradecemos-lo pela visita que nos fez o Reverendo Pe. Battisti; percebemos nela a delicadeza da sua caridade, que sabe colher qualquer ocasião para

² CONTIN, M. A. *Parola del Padre*, 31 gennaio 1925, AHPSaDP, fld. Don Battisti 1, c. Documenti. O mesmo testemunho foi reproduzido por N. FAINELLI (Sor. Maria di Gesù). *Memorie della Casa*, 31 gennaio 1925, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

*tornar-nos contentes. Todas esperamos que, brevemente, também para o senhor se apresente a ocasião para vir até nós”.*³

Repetidamente lê-se nas cartas o desejo das Irmãs de poder se encontrar com o Pe. Calábria, convidado a visitá-las, não tanto para vê-lo, mas para ouvir uma palavra sua, receber aquele encorajamento e conforto que possa contribuir para apoiá-las. É provável que, devido à dificuldade de meios de locomoção, pelos seus compromissos ou pela sua frágil saúde, as visitas do Pe. Calábria sejam esporádicas, tanto que as Irmãs devem se “contentar” com o Pe. Battisti, que elas de qualquer forma acolhem com afeto. Mesmo assim, ousam repetir-lhe o convite, sem no entanto usar tons de insistência pedante.

A plena disponibilidade a acolher aquilo que a este respeito a Providência dispuser pode ser percebido na seguinte carta: *“Muito Reverendo Pai, como ficamos felizes com a sua visita! Sinto a necessidade de lhe dizer e de lhe manifestar o nosso reconhecimento pela bondade que teve para conosco; mas a sua vinda nos desperta no ânimo o desejo de revê-lo brevemente aqui, e esperamos que a divina Providência disponha que este anseio seja atendido”.*⁴ *“Muito Reverendo Pai, como nos consolou a sua visita; seja muito agradecido o Senhor e esperamos que [...] Ele o envie de novo em breve, por alguns dias”.*⁵

Sempre com uma grande atenção e uma sensibilidade excepcional as Irmãs se mantêm próximas ao Pai por ocasião do Natal e da Páscoa, bem como no seu onomástico, para festejá-lo e enviar-lhe os seus votos. A este propósito, são muito numerosas as cartas. Mais uma vez, o distanciamento geográfico não representa um problema: *“Venerado Superior, gostaria muito de poder vê-lo hoje e apresentar-lhe à viva voz os votos de todos os componentes da Casinha de Belém, mas Deus não o permite, e seja feita a divina vontade”.*⁶ Por sua vez, as Irmãs da comunidade de Brescia lhe dirigem estas expressões: *“Muito Reverendo Pai, estamos distantes, é verdade, mas muito próximas do senhor neste tão lindo dia do seu onomástico. O seu celeste patrono se digne acolher os votos e as orações que colocamos em suas mãos para apresentá-las a Jesus e derrame sobre a sua venerada pessoa aquilo que lhe*

³ SORELLE DEI PILASTRONI. *Lettera a don Calabria*, 24 gennaio 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29.

⁴ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 28 maggio 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

⁵ SORELLE DI ESTE. *Lettera a don Calabria*, 20 dicembre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 33.

⁶ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 giugno 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

*pedimos: que Jesus o conserve ainda por muitos e muitos anos, a fim de formar para o céu a multidão do povo de Deus confiada aos seus cuidados. Que Ele o console em todo seu sofrimento e a nós dê a graça de corresponder exatamente aos seus conselhos e de seguir o caminho que o senhor, bom Pai, paternamente nos indica, e ser no céu sua glória e sua coroa”.*⁷

Por ocasião das festividades natalinas as Irmãs fazem este augúrio: *“O pequeno Infante, que tanto o amou e o ama, acrescenta às tantas graças que lhe deu novas graças, as mais belas, aquelas que o levam à maior santidade.*

*Encha-o de milhares e milhares de bênçãos e faça com que todos aqueles que o Senhor, com tanta caridade, mantém ao seu redor, cheguem todos a corresponder plenamente para assim formar na terra e no céu a sua coroa”.*⁸ Aos votos acrescentam uma oração do Menino Jesus: *“Nosso venerado Pai, o pequeno Menino de Belém lhe traga o nosso augúrio mais fêrvido... um Menino sem palavras, ao qual nós, ó Pai, confiamos a promessa da santa pobreza de espírito... de uma profunda doçura, aquela que nós gostaríamos de lhe dar e que esperamos dar-lhe com o mais vivo desejo de bem.*

Menino dulcíssimo, é pelo nosso venerado Pai que nós te pedimos. Dize-nos Tu toda a nossa devoção, a nossa gratidão, a nossa confusão até o nada diante dEle, que sobre nós vigia, que por nós sofre.

E assim, aos pés dEle, que tudo entende, que tudo sabe, com a caridade que não tem limites.

*Assim, para o senhor, Pai, hoje. Sem pedir nada, deixamos que Jesus escolha o augúrio, que o cumpra, aniquile os nossos corações. Que os remodele, que neles coloque o fogo da caridade; assim, no silêncio de um completo abandono à sua divina vontade. Pai, que a nós não fala senão de caridade, não mostra senão a caridade, nada mais quer do que plasmar-nos na caridade. Poderíamos nós não querer entendê-la? Poderíamos nós não fazer dela a nossa vida? Custe o que custar! Quanto o desejamos!”*⁹

Em nome de todas as Irmãs e na qualidade de Superiora geral, a Irmã Serafina se dá conta do peso da pobreza e do esforço que cada uma vive no seio da Obra, e pede

⁷ SORELLE DEI PILASTRONI. *Lettera a don Calabria*, 3 giugno 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29.

⁸ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 dicembre 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

⁹ CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). *Lettera a don Calabria*, Santo Natale 1928, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 9, c. 14.

humildemente ao Pe. Calábria que se torne intercessor delas: *“E pensar naquilo que somos, nas nossas tantas misérias, praticamente sem ousar levantar o nosso olhar para aquele Jesus que, malgrado todas as nossas transgressões, no seu amor infinito ainda nos convida a Ele, e talvez invocar de novo com aquele coração tão pouco generoso até agora, com aquela vontade tão pouco constante. Pai: o Senhor, que bem nos conhece, fale de nós hoje a Jesus, peça-lhe em nosso favor todas aquelas graças que o Senhor compreende serem necessárias para nós, a fim de sermos fiéis à nossa vocação”*.¹⁰

A preocupação com o Pe. Calábria estende-se também quanto à sua saúde física; com extrema sensibilidade, as Irmãs se interessam e se preocupam, apesar do distanciamento geográfico, como se pode ver nas seguintes linhas: *“Com dor ficamos sabendo que o senhor está doente e esperamos que logo se recupere e possa retomar suas atividades com saúde”*.¹¹ Com mais solicitude filial ainda, vindo a saber do estado no qual ele se encontra, as Irmãs escrevem: *“Muito Reverendo Pai, quanto nos é doloroso saber que o senhor está sofrendo tanto! E infelizmente nós também temos parte no seu sofrimento! Quanto estamos penosamente envolvidas!... Todavia, de nossa parte, queremos aliviá-lo da sua cruz melhorando e correspondendo generosamente.*

Enquanto isso estamos rezando pelo Senhor, porque o nosso coração de filhas, por sua vez, sofre sabendo que o venerado Pai está num estado tão angustioso, e pedimos ao Senhor que alivie a sua cruz tornando-nos partícipes dela. Nesta manhã oferecemos a santa missa e a santa Comunhão pelo senhor, o que faremos também nos próximos dias; iniciaremos também uma novena ao divino coração de Jesus por intercessão de Santa Madalena Sofia, da qual tomo a liberdade de anexar-lhe a imagem e a relíquia. Esta amante discípula e ardente apóstola deste doce coração lhe impetre o conforto que lhe desejamos e nos obtenha a graça de podermos rever o nosso bom Pai reerguido, voltando a ter saúde para a glória de Deus, para o bem da Obra e para consolação dos seus devotos filhos.

Ó, como será feliz para nós este dia! Como seremos recompensadas pela tristeza passada! E então esperamos que o nosso venerado Pai venha trazer, no seu benévolo aspecto, às suas filhas, a tão desejada e suspirada palavra”.¹²

¹⁰ Ibid.

¹¹ SORELLE DEI PILASTRONI. *Lettera a don Calabria*, 3 giugno 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29.

¹² FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 26 gennaio 1926, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

A preocupação com a saúde do Pe. Calábria é acompanhada pelo desejo e pela esperança de sua pronta recuperação, a fim de que possa estar ainda mais a serviço da Obra: *“Estamos realmente aflitas em saber que o Senhor está sofrendo tanto, e fazemos votos de que muito em breve se recupere e venha nos fazer uma visitinha, daquelas que nos dão tanto alívio e encorajamento para ir adiante, sempre adiante, pelo caminho da cruz, que é o caminho do Senhor.*

Enquanto isso, apresentamos-lhe os nossos mais fervidos augúrios; que o céu lhe seja generoso com os seus dons, tão necessários para levar adiante uma Obra tão grande, que dê honra e glória só a Deus.

São João o proteja, e como ele foi o precursor de Cristo, seja Ele aquele que prepara os caminhos do Senhor nestes tristíssimos tempos de ódio à fé, ao bem, à caridade verdadeira que vem de Deus”.¹³

Mereceria também maior aprofundamento o modo pelo qual as Irmãs se referem ao Pai; dirigem-se a ele não chamando-o *“Pe. João”* ou *“Pe. Calábria”*, mas sempre, todas, com a expressão *“Pai”*, precedida por *“Reverendo”*, *“Muito Reverendo”* e *“Venerado”*. Esta modalidade não é apenas sinal de um modo educado, respeitoso e obsequioso, típico daquele tempo, mas também o reconhecimento de uma paternidade, de uma ligação espiritual e afetiva ao mesmo tempo: *“Gostaríamos de estar próximas do senhor para poder, como é nosso desejo, derramar sobre o seu coração paterno tudo aquilo que de mais belo e mais caro sabe exprimir o que sente um coração pelas pessoas mais caras; mas isso não nos é permitido, e este nosso pobre texto seja o eco daquilo que gostaríamos de lhe dizer”*.¹⁴

O nível de confidencialidade com o Pe. Calábria é tanto que, na certeza de serem acolhidas e compreendidas, as Irmãs manifestam os seus sentimentos com toda a simplicidade, tal como nascem do fundo do seu ânimo: *“Reverendíssimo Pai, [...] saem do nosso coração os votos de Santa Páscoa, e ao senhor, nosso Pai venerado, os apresentamos tal como saem espontaneamente dos nossos lábios”*.¹⁵ Lindo também este adendo: *“Reverendo Pai, perdoe o nosso desabafo: o coração tem os seus direitos”*.¹⁶

¹³ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 giugno 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

¹⁴ SORELLE DEI PIASTRONI. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29. A carta não tem indicação de data; foi escrita por ocasião da Páscoa, provavelmente no ano de 1924.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 26 gennaio 1926, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

Conscientes dos seus limites, inclusive em nível cultural, as Irmãs os reconhecem com grande transparência e simplicidade, sem dificuldade de se confrontar com tais limites para entrar em contato com o Pe. Calábria: *“Muito Reverendo Pai, a caneta não é o nosso forte, como o Senhor mesmo pode notar, mas o nosso coração tem as suas próprias exigências. Temos também nós os mesmos direitos das demais Irmãs, porque, mesmo sendo as mais mesquinhas, nos sentimos suas filhas. Aliás, acreditamos que, justamente por sermos as menores dentre todas, sobre nós repouse mais ainda o seu olhar paterno. Então, na medida das nossas possibilidades, mas com grande coração, nos permitimos de lhe apresentar os nossos votos mais ardentes”*.¹⁷ E depois de tê-los formulado, prosseguem: *“Mais do que isso não sabemos dizer; gostaríamos de acrescentar, porém, que sabemos rezar. Mas enquanto estamos escrevendo, tememos que também isso não seja verdadeiro. Temos aprendido, no entanto, que cem vezes, num simples olhar ao sacrário santo ou à imagem de Nossa Senhora Santíssima, pode estar uma grande oração, mesmo que o lábio não saiba falar. Esperamos que seja assim, e que o Senhor recolha também esta nossa muda oração que a Ele dirigimos em seu favor, a fim de que possamos tê-lo, por muitos e muitos anos ainda, como guia seguro na nossa santa vocação”*.¹⁸

As cartas representam nada mais do que um mínimo eco da relação de afeto que liga as Irmãs ao Pe. Calábria, pelo qual nutrem um sentimento de plena confiança e profunda estima, como elas mesmas admitem: *“Aquilo que nós com a caneta exprimimos nada mais é do que uma frágil partezinha daquilo que sentimos no coração. [...] Perdoe as nossas expressões áridas e frias como o gelo do inverno. Todavia, provém de corações que sentem com toda a força da sua alma que às vezes, na ênfase de um ímpeto, de uma hora para outra fica bloqueado e nada mais sabe fazer do que balbuciar. Mas Jesus só com isso fará eco ao nosso pobre sentir e o suprirá”*.¹⁹

Para as Irmãs, o Pe. Calábria não é apenas o Superior, mas o guia e o Pai, dado pelo Senhor. Elas reconhecem isso muito claramente nesta carta: *“Venerado Pai, esta solenidade se torna uma ocasião muito especial, pois é uma ocasião propícia para enviar ao nosso Superior os votos mais sinceros e a expressão vivíssima e profunda da*

¹⁷ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 dicembre 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ SORELLE DEI PILASTRONI. *Lettera a don Calabria*, 23 dicembre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29.

*nossa submissão, na medida em que no senhor identificamos e identificaremos sempre aquele que o Senhor nos deu como guia e como Pai”.*²⁰

Além disso, escrevem também para partilhar aquilo que aconteceu de bom e para participar-lhe a sua alegria. É o caso da possibilidade que se apresenta de ter um dia de adoração eucarística, que permitiria retomar a costumeira adoração diária levada adiante por anos enquanto as Irmãs se encontravam na Casa de Este, da qual as Irmãs haviam saído há apenas quatro meses: *“Reverendíssimo Pai, não podemos permanecer em silêncio e deixar de manifestar-lhe, nosso venerado Pai, o dom que Jesus nos faz de ficar um dia inteiro exposto na nossa pequena capelinha.”*²¹ *Não é verdade que Jesus nos ama, que pelos seus queridos tem predileções especiais?*

*Mais uma vez Jesus quer dar-se a nós tão intimamente e fazer-nos saborear de novo daquela alegria que um dia inundou as nossas almas aos pés do seu trono eucarístico, na igreja de Este”.*²²

Proximidade espiritual na oração

As Irmãs não deixam de reconhecer aquilo que o Pe. Calábria faz por elas e lhe retribuem empenhando-se na oração por ele: *“Veneradíssimo Pai, sinto em mim o dever de reconhecimento pelo senhor por tanto bem que me fez e ainda me faz, e não sei como exprimi-lo a não ser rezando sempre pelo senhor e especialmente amanhã, dia do Santo Natal.*

O Menino Jesus, que veio ao mundo por nós, certamente amanhã não irá recusar-me aquilo que lhe pedirei pelo senhor, e assim o encherá de paz, o confortará, e lhe dará todas as graças que deseja.

*Este é o meu augúrio, que lhe faço para quando Jesus Menino o visitar. Eu lhe agradeço muito por tudo aquilo que fez por mim e especialmente por ter-me recebido nesta santa Casa, sob as asas da divina Providência, onde se goza a paz e a felicidade”.*²³

²⁰ SORELLE DI ESTE. *Lettera a don Calabria*, 13 aprile 1927, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 33.

²¹ Também em base às anotações cronológicas feitas pelo Pe. Battisti pode-se deduzir que as Irmãs de Brescia tinham um dia de adoração eucarística.

²² SORELLE DEI PILASTRONI. *Lettera a don Calabria*, 11 aprile 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29.

²³ ORLANDI, M. *Lettera a don Calabria*, 24 dicembre 1928, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 63.

As Irmãs se sentem próximas ao Pai espiritualmente: *“Domingo, dia solene e triunfal para Jesus, o é também para nós. Vamos orar muito, muito, pelas suas intenções sobre a Obra, sobre nós, sobre todas. Nós lhe pediremos que nos faça santas realmente e uniformes em tudo aos seus desejos sobre nós. Eis o nosso único desejo”*.²⁴

Asseguram-lhe, da mesma forma, que irão orar para que *“Jesus satisfaça cada um dos seus mais ardentes desejos”*;²⁵ além disso, pedem-lhe a lembrança recíproca na oração: *“Quero esperar que a Santíssima Virgem consiga obter do seu divino Filho tudo aquilo que o senhor desejar. Quanto ao senhor, lembre-se de mim, a fim de que eu possa fazer sempre a sua santa vontade, mesmo que isso me custasse a vida”*.²⁶

São obedientes na oração, a pedido do Pe. Calábria, que solicita especialmente uma novena: *“Enquanto isso, esteja certo, rezamos pelo senhor, pelas suas intenções; o bom Deus escute as nossas preces. Acabamos a novena que o senhor nos pediu; esperamos que tenha visto o efeito”*.²⁷

Acrescentam, depois, a promessa de um maior e mais intenso empenho: *“Estes os augúrios, os votos e as nossas orações pelo senhor, por ocasião do Santo Natal e do novo ano. A isso ousamos acrescentar também as promessas de que lhe seremos sempre filhas mesquinhas, sim, mas obedientes, e esperamos, com a ajuda do Senhor, que as nossas promessas não se reduzam a promessas de pescador”*.²⁸ E ainda: *“Não é possível externar tudo aquilo que sentimos no íntimo das nossas almas; por isso gostaríamos também, junto com estes votos, de fazer-Lhe as nossas promessas; é um dever, este, de reconhecimento, pois sabemos, ó Pai, tudo quanto faz e sofre por nós. Só Jesus sabe aquilo que nós gostaríamos de fazer para aliviar os seus sofrimentos, tornando-o contente, mas o senhor também sabe que, malgrado toda a nossa boa vontade, não conseguimos fazer nada.*

Pai, na sua caridade e bondade, tenha compaixão de nós; de nossa parte, lhe prometemos que seremos melhores. Jesus ressuscitado nos convida e nos impele a

²⁴ SORELLE DEI PILASTRONI. *Lettera a don Calabria*, 11 aprile 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29.

²⁵ SORELLE DEI PILASTRONI. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29. A carta não tem indicação de data; foi escrita por ocasião da Páscoa, provavelmente no ano de 1924.

²⁶ TADDEI, R. *Lettera a don Calabria*, 14 maggio 1928, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 9, c. 93. Rosa Taddei, proveniente de Mântua, foi acolhida na Casa como agregada. Não há traços, nos registros, referentes ao seu ingresso, nem quando ela deixa a Casa. São muitas as cartas por ela enviadas ao Pe. Calábria e ao Pe. Pedrollo, guardadas no AHPSDP.

²⁷ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 28 maggio 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

²⁸ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 dicembre 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

ressurgir, e ressurgiremos sustentadas pelas suas orações e sofrimentos. Assim retomaremos novamente o caminho que o Senhor, na sua bondade, nos deu para percorrer, e que infelizmente tantas vezes foi interrompido pelos nossos deméritos.

*Abençoe, ó Pai, os nossos propósitos, as nossas promessas, os nossos augúrios, enquanto lhe pedimos a sua santa bênção”.*²⁹

Por ocasião do Natal as Irmãs enviam a seguinte mensagem: *“Estamos nos aproximando do final do Ano Santo, muito perto do Santo Natal; o que dirá ao nosso Reverendo Pai o nosso pobre coração, para consolá-lo pelas suas grandes dores e sofrimentos que há tanto tempo o afligem? Ó, o nosso querido Jesus sabe que gostaríamos de ser mais generosas, mais amorosas, abandonadas nEle, mas somos pobrezinhas e fracas; mas por isso deveríamos desanimar?!*

Ó, não, realmente; aliás, quanto aos augúrios, seja para o novo ano, seja para o Natal, seja para comprometer o bom Deus a atender os seus desejos, nós nos abandonamos ao Senhor confiando nada em nós, confiantes na sua graça, fazendo tudo aquilo que quer de nós, felizes por ele usar-nos como pedaços de pano onde e como lhe aprouver. [...]

*Nós, assim, lhe prometemos, unidas num só coração, que a nossa oração subirá de modo especial a Jesus Menino, para que o conforte e o encha de bênçãos. Imploramos a sua bênção”.*³⁰

As Irmãs sabem também oferecer o seu compromisso concreto, que apresentam assim: *“Muito Reverendo Pai, estamos já próximos da festa de Natal, dia querido e feliz para todos, mas mais ainda para nós, suas filhas, que despertando do sono no qual ficamos por dois meses exultamos de alegria em tão alegre circunstância na qual nos é dado manifestar tudo aquilo que sentimos no coração pelo nosso venerado Superior. [...]*

Sim, ó Reverendo Pai, ao senhor o nosso mais sentido augúrio e ardente voto. Jesus atenda cada um dos seus desejos, e quanto mais ousamos esperar de Jesus mais pedimos; porque, nestes santos dias que nos preparavam para o Natal, nos empenhamos,³¹ na medida do possível, no exercício das pequenas virtudes enfrentando

²⁹ SORELLE DI ESTE. *Lettera a don Calabria*, 13 aprile 1927, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 33.

³⁰ SORELLE DI ESTE. *Lettera a don Calabria*, 20 dicembre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 33.

³¹ No original, “ci siamo studiate”, mas com sentido de “nos empenhamos”.

as dificuldades encontradas ao longo do caminho.³² Neste dia oramos muito, muito, muito pelo senhor e segundo suas intenções; e vamos orar também ao celeste Menino para que nos torne conformes aos seus desejos, de modo que possamos ser a sua consolação agora e a sua coroa no céu”.³³ E ainda: “Para recompensar tantas graças procurarei corresponder através da observância das Regras e me tornar sempre melhor. São coisas que prometo sempre também ao Senhor e depois não sou capaz de cumprir; o senhor sabe muito bem disso e peço-lhe que me perdoe.

O Senhor é muito bom comigo e sinto muito não ser capaz de corresponder. Peço-lhe que me ajude com a sua oração. Peço-lhe que queira continuar me ajudando, e gostaria que me repreendesse com liberdade quando não faço o bem e não Lhe sou obediente, a fim de que possa me corrigir. Eu gostaria de conhecer bem a mim mesma; conto com sua ajuda. Perdoe-me se o incomodo por ter de ler esta minha carta. Queira, Reverendíssimo Pai, enviar-me a sua bênção”.³⁴

Além disso, as Irmãs pedem a oração e a bênção do Pai tanto em nível comunitário quanto pessoal: “Reverendo Pai, ore por nós e para mim particularmente,³⁵ pois estou precisando muito; mergulhe-nos no coração santíssimo de Jesus no qual passaremos o mês a Ele consagrado e nos obtenha de lá não sairmos nunca mais. Nós redobramos, neste santo tempo, o fervor das nossas orações pelo senhor”.³⁶ E ainda: “O senhor, Reverendo Pai, ore por nós, nos obtenha o divino espírito que nos transforme numa vez. Digne-se abençoar-nos e venha quanto antes entre nós para abençoar-nos pessoalmente”.³⁷ “Lembre-se de nós em suas orações e a sua bênção nos acompanhe em todo lugar. Não posso mais alongar-me porque já passou da hora em que devo estar na cozinha. De novo, ore por nós e nos abençoe”.³⁸ “Queira nos abençoar uma a uma”.³⁹

³² As Irmãs pretendem afirmar que se exercitaram nas virtudes afrontando as dificuldades encontradas ao longo do caminho.

³³ SORELLE DEI PILASTRONI. *Lettera a don Calabria*, 23 dicembre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 3, c. 29.

³⁴ ORLANDI, M. *Lettera a don Calabria*, 24 dicembre 1928, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 63.

³⁵ No original, “in specie”, com o significado de “especialmente”.

³⁶ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 28 maggio 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

³⁷ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 10 giugno 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

³⁸ MENEGETTI, M. (Sor. Gertrude di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 3 settembre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 10, c. 107.

³⁹ CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). *Lettera a don Calabria*, Santo Natale 1928, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 6, c. 14.

Neste outro exemplo de carta pessoal, uma Irmã exprime-lhe a garantia da lembrança na oração juntamente com o augúrio de uma vida duradoura para o Pe. Calábria, de modo que ele possa comprometer-se ainda por muito tempo com a Obra; além disso, apresenta-lhe o pedido que também o Pai faça o mesmo por ela, de modo que ela possa afrontar a provação à qual foi chamada: *“Amadíssimo Pai, permita, na caridade, que, embora pobremente, lhe envie os meus mais vivos e filiais votos e lhe peça, na caridade, a paterna bênção. Asseguro-lhe a minha contínua súplica a Jesus pelo senhor e mais ainda o farei nestes dias da renovada memória do amor de Jesus por nós.*

Almejo e faço votos de que Jesus expanda sobre o senhor as suas mais eleitas graças e dons pela renovada memória de Cristo Redentor, pelo afeto e pelo conforto dados a nós seus filhinhos por tantos anos, sobretudo a fim de trabalhar sempre mais intensamente para a salvação de tantas almas, que pela sua ajuda possam chegar a Jesus.

Recomendo-lhe que me lembre a Jesus, a fim de que a obra da redenção não permaneça inútil para mim, mas que, da provação presente, possa eu extrair ouro puro, mas realmente puro, para a vida lá de cima, único nosso pensamento e único fim.

Gostaria de lhe dizer ainda muitas coisas, mas não posso mais. Aceite estes meus pobres rabiscos escritos com o coração”.⁴⁰

Este o pedido ardente de oração dirigido pela Irmã Imelda – Maria Fannio, à qual foi confiada a responsabilidade de todas as Irmãs, embora ela não se sinta à altura: *“Reverendo Pai, me assista com a sua oração, com a sua bênção, com o seu conselho. [...] Esteja certo de que as suas filhas oram pelo senhor; eu Lhe exprimo os sentimentos de devoção e plena submissão delas, implorando para todas e para os nossos entes queridos a sua bênção. [...] Abençoe-nos de modo especial e me creia em plena observância”*.⁴¹

O pedido de bênção estende-se também aos entes queridos: *“Abençoe-nos a todas, juntamente com os nossos entes queridos”*.⁴² E ainda: *“Pedimos por nós, pelos meninos e também pelas nossas famílias a sua paterna bênção”*.⁴³

⁴⁰ LORENZO, M. DE. *Lettera a don Calabria*, 15 aprile 1927, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 10, c. 109.

⁴¹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 21 ottobre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

⁴² FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 28 maggio 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

Com olhos de fé

Uma longa carta⁴⁴ endereçada ao Pai constitui um belo exemplo da espiritualidade vivida pela Irmã Maria – Natália Fainelli, que descreve a viagem realizada no dia 5 de outubro de 1925 para ir de Costozza, na região de Feltre, para Nemezzano, cidade natal de Angelina e Josefina Centa, que a hospedam em sua casa até 28 de dezembro. A Irmã Maria manifesta a fé e a confiança na paternidade de Deus narrando como, durante o deslocamento, ela faz a experiência da presença do Senhor que quotidianamente, mesmo nos pequenos fatos, acompanha-a sem a abandonar em nenhum momento. Além disso, novamente promete a si mesma de deixar agir nela em qualquer circunstância o terno amor de Deus, a fim de que seja justamente ele a agir por meio dela.

Durante a viagem ergue o olhar para contemplar as maravilhas do Senhor na natureza, em particular as montanhas e o céu, repetindo as palavras do salmo enquanto brotam dos seus olhos lágrimas de reconhecimento. Quando se encontra imersa no silêncio a admirar a paisagem, às margens do Rio Piave, quase tem vontade de pedir permissão para ali se estabelecer, como aconteceu com Pedro no Monte Tabor, juntamente com outros discípulos, quando dirigiu este convite a Jesus: “*Senhor, é belo para nós estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas, uma para ti, uma para Moisés e uma para Elias*” (Mc 17,4).

A Irmã Maria se dá conta também de não corresponder plenamente ao chamado de ser parte da Obra, por ela reconhecida como um trem que pode levá-la diretamente para o céu. Diante dos inconvenientes com os quais se depara dirige-se afetuosamente ao seu querido Anjo da guarda, que ela vê como reflexo do rosto resplandecente de Deus, pedindo-lhe que a ajude na dificuldade imprevista que deve afrontar. E a ilimitada confiança nele é recompensada pela fiel proteção em várias circunstâncias.

Reconhecendo os numerosos gestos de amor que lhe são prodigalizados, comovida, ela quer fazer como Verônica, que com o seu pano de linho branco enxugou o suor ensanguentado de Jesus, enquanto subia para o Calvário antes de morrer pela salvação dos homens. Ela parece estar fazendo alusão às Irmãs em condições de serem

⁴³ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 dicembre 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

⁴⁴ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 19 ottobre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

elas também outras tantas Verônicas, capazes de consolar Jesus e dispostas a se dedicar à santificação dos sacerdotes. Por sua vez, ela se coloca à disposição para ser “*miserabilíssimo instrumento nas mãos do Onipotente*”.⁴⁵ Convicta de não valer nada não só do ponto de vista físico, conforme a análise de um médico, mas também espiritual, abandona-se totalmente a Deus.

Enquanto exprime pleno reconhecimento por ter experimentado tal oportunidade espiritual, a Irmã Maria aceita o fato de encontrar-se numa casinha muito pobre, de dormir por apenas cinco dias sobre um simples colchão de palha e de acolher aquele alimento que a divina Providência não lhe deixa faltar.⁴⁶

Experimenta também tanta dor a ponto de não conseguir conter o choro constatando o peso incalculável do amor de Jesus por ela, ao passo que reconhece a infidelidade pessoal, o seu não saber corresponder-lhe com amor.

Eis o texto: “*Reverendo Pai da minha alma, sinto-me fortemente impelida a manifestar-lhe detalhadamente toda a minha alma.*”

Venerado Pai! Antes da minha partida o senhor me disse que eu iria com o Senhor e voltaria com o Senhor; ó, quanto são verdadeiras as suas palavras! Ele não consegue me deixar nem por um instante, me acompanha por todo lugar sempre com o doce amor, e eu estou feliz em deixá-lo agir assim; este é o meu verdadeiro lema: Deixá-lo agir. Ó, sim, Pai meu! Eu quero procurar fazer com que Ele sempre aja em

⁴⁵ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 19 ottobre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

⁴⁶ De Nemeggio, no dia 8 de outubro de 1925 as Irmãs Maria – Natália Fainelli, Angelina e Josefina Centa escrevem à Irmã Imelda: “*A Irmã Josefina, em que condições se encontra!... Esgotada de forças, e além disso com um vestido todo rasgado, um par de sapatos esfarrapado, que mais me parece um trapo, e não tem nada para trocar de roupa, nem uma roupa mais pesada, nem uma flanela para vestir. Que impressão causou na minha pobre mãe... Assim, com filial confiança, recorro à sua maternal caridade*” (SORELLE DI NEMEGGIO. *Lettera a Sor. Fannio*, 8 ottobre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40).

Por sua vez, procurando atender ao pedido que lhe foi feito, Irmã Fannio pede à Irmã Gertrude: “*Alguns dias atrás lhe escrevi com urgência para pedir-lhe roupas de inverno para a Irmã Josefina, que está reduzida aos trapos e usando roupas de verão neste inverno tão rigoroso. [...] Eu esperava que, com toda presteza, este pacote chegasse com um conteúdo tão urgente.*”

Sobreveio-me a dúvida, no entanto, de que a carta não lhe tenha chegado, e por isso permito-me repetir-lhe aquilo que eu lhe pedia, isto é, o capote da Irmã Josefina e roupas de inverno, bem como, caso hajam, outras roupas para que ela possa usar.

Compreenderá a razoabilidade desta urgência quando lhe disse que tal Irmã encontra-se na casa da sua mãe [...]. Muito me desagrada que ela esteja nessas condições, e não por ela, mas também pelas pessoas que com ela convivem. Pena que isso não tenha sido providenciado antes, razão pela qual peço que isso seja feito o mais breve possível” (FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a Sor. Meneghetti*, 12 ottobre 1925 (data do carimbo postal), AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1).

Na carta de 21 de outubro de 1925 a Irmã Imelda – Maria Fannio acena com a partida da Irmã Maria – Natália Fainelli para Nemeggio; adiada também “*para providenciar suas roupas, que se pretendiam decorosas, embora pobres*” (FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 21 ottobre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40).

mim: na dor e na alegria; nas trevas e na luz; na aridez e na abundância; na luta e no repouso; desde que seja 'só Ele' que age em mim, eu serei feliz sempre e em todo lugar.

Fiz a viagem (5 de outubro de 1925) de Costozza para Nemeggio totalmente absorvida nEle; nada conseguiu me distrair, e levantando de vez em quando o olhar para contemplar as obras da mão do Senhor eu repetia para mim mesma, serenamente, no meu coração, aquelas palavras do salmista: os céus narram a glória de Deus e as obras da mão do Senhor as anunciam ao firmamento. Ó, quão doces lágrimas de reconhecimento brotam dos meus olhos!...

No trem, entretanto, tivemos um inconveniente: as nossas passagens não correspondiam ao trem que tínhamos tomado sem saber, pois tínhamos subido num trem direto (e naquele momento me surgiu a seguinte reflexão: que os meus méritos não correspondiam ao trem que eu havia pego, ou seja, entrar nesta Obra, pois esta é como um trem direto, sem escalas, que me conduzirá ao céu); então os encarregados tiveram do que reclamar de nós e nos disseram que deveríamos pagar a diferença; caso contrário, teríamos que ficar esperando na estação por três horas. E para nós eram difíceis as duas alternativas, não sabíamos o que decidir; e eu, entristecida com isso, me dirigi afetuosamente ao meu querido Anjo pedindo-lhe que ele mesmo tomasse a decisão; eu mal havia acabado de chamá-lo ternamente em nosso auxílio quando imediatamente se aproximou de nós um sacerdote do Senhor e se ofereceu para pagar, ele próprio, a diferença. Eu não recusei; aliás, totalmente comovida e ao mesmo tempo muito agradecida, aceitei, vendo claramente naquela severa pessoa a ajuda do meu bom Anjo da guarda; e assim, tranquilamente, conseguimos terminar a viagem chegando antes ao nosso destino. [...]

Já são quinze dias que eu me encontro nesta cara hospedaria. Tudo me fala da bondade e grandeza do nosso sumo Senhor... Tudo me conduz a Ele. Agora me encontro, na solidão, sob o céu azul; circundado pelas caríssimas montanhas e por altos cumes, aos meus pés corre tranquilamente o Rio Piave; tenho, nas minhas mãos, a Sagrada Escritura e diante dos meus olhos a amada imagem do Sagrado Coração de Jesus. Ó, como o meu espírito se sente elevado da terra! Que pastagem me encontra!... Por pouco não exclamo com São Pedro: Ó, Senhor, façamos aqui três pavilhões! Um para Ti, um para o Anjo e outro para mim!...

Sinto, meu Reverendíssimo Pai, que a paterna ternura do Sagrado Coração de Jesus quer me dar o dom das forças físicas; mas com que objetivo? Nestes dias, encontrando-me sozinha numa destas desejadas solidões, ouvi sussurrar-me ao coração

estas ternas e amorosas palavras: Diga-me, minha filha! O que eu deveria ter feito para ti que eu não fiz?... Estas palavras me comoveram até as lágrimas e lhe respondi: E o que queres que eu faça por Ti, ó Amor meu, em reconhecimento por tantas ternuras de amor que tu me prodigalizaste?... Ó, meu Deus, eu estou me sentindo consumada pelo desejo de te dar uma prova do meu amor por Ti!... e nestes minutos senti fortemente no meu coração um desejo ardente de preparar (lembrando-me do seu doloroso lamento...), ao coração afeiçoado e desconsolado do nosso querido Jesus, um lugar de delícias, de repouso de amor. Ó, Pai da minha alma! Da veemência deste desejo me parecia que o coração queria sair do meu peito! Eu gostaria de fazer como a Verônica do Evangelho, que com seu pano de linho branco enxugou o suor do aflito e ferido nosso Salvador!... Eu gostaria de preparar aqui na terra (nesta Obra), para o nosso Jesus, um novo éden, isto é, um delicioso jardim de flores perfumadas, a fim de que, nas horas de desconforto, de suor e de angústia, ele possa encontrar um lugar que logo o console, que o enxugue dos seus sangrentos suores, e retire assim, do seu aflito coração, aquelas flechas que tanto o fazem gemer, que são os ultrajes por ele recebidos especialmente dos que lhe são íntimos...

Ó, chegue logo esta hora; que o Sagrado Coração de Jesus venha a encontrar nesta sua Obra um outro destacamento de almas suas íntimas, de almas radiosas como a Verônica, que com a sua vida pura e inocente e com o coração todo ardente de amor compassivo pelo Sagrado Coração consigam de algum modo reparar e consolá-lo, fazendo-o assim esquecer aqueles incríveis ultrajes que infelizmente tanto o amarguram!!... Ó, se me fosse dado, ó meu Pai, no meu retorno, encontrar já um pouco de terreno para que, juntamente com o Jardineiro, se pudesse implantar algumas destas privilegiadas flores de almas vítimas, de holocausto para a santificação dos sacerdotes e para a propagação dos santos ministros do Senhor; consumando todas as nossas forças espirituais e corporais para o auxílio, espiritual e material, dos ministros e das Casas do nosso Deus!

Eu, enquanto isso, meu Venerado Pai, estou cavando (com a oração e o com sofrimento) e continuarei a cavar, conforme a expressão que o Senhor me disse uma vez quando eu ainda me encontrava em Este. Ó, como eu morreria feliz depois de ter trabalhado para preparar ao amadíssimo coração do nosso Salvador um delicioso jardim!...

Sinto que sou um puro e miserabilíssimo instrumento nas mãos do Onipotente. Sabe, Pai, o que eu penso e estou persuadida de mim mesma? Penso e estou convencida

de ser aquilo que um médico disse certa vez (no ano de 1914) em relação ao meu aspecto físico, dirigindo-se à minha coirmã que me acompanhou na consulta; ele lhe disse assim: Vê esta jovem? Ela tem uma aparência de ótima saúde, mas, pelo contrário, eu lhe garanto que não vale nada. Eis o que eu valho também espiritualmente: 'nada'; e justamente porque reconheço isso penso em lançar-me no abismo do coração do Tudo e assim o pobre 'nada', imerso e transformado no Tudo, não pode nem poderá temer nada, porque no 'nada' fará tudo o Tudo.

Antes da minha partida o senhor me disse de novo para rezar pelos sacerdotes; não duvide, meu bom Pai, essa é a minha sublime missão. O senhor sabe, e por isso, deste lugar de solidão, de paz e de repouso, a minha oração se eleva a Deus com mais frequência e mais firmemente, e saiba que o bom Jesus quis satisfazer-me um outro desejo, isto é, temos conseguido facilmente obter do Reverendo Pároco que exponha à nossa adoração, por uma hora, o nosso sacramentado Senhor, uma vez por semana e talvez mais. Imagine a alegria, o reconhecimento e a expansão do meu coração pelo meu amado Jesus!... Ó, quanto, na minha fragilidade, eu quereria amá-lo! Ó, como eu quereria consolá-lo! Ó, quanto anseio ver todos os corações transviados dos meus irmãos voltarem para o amor divino!

O Senhor meu me faz experimentar aqui também uma amostra daquela pobreza que eu tanto desejo! Encontro-me numa casinha muito pobre, privada de algumas coisas que na religião são consideradas necessárias; tive a sorte de dormir, por apenas cinco dias, sobre um simples colchão de palha; eu me sentia no meu tão suspirado leito; [...] Ó, quanta comoção em ver que nos são trazidos ora um pouco de queijo, ora algum vinho, ora um cacho de uva, às vezes carne, massa, farinha de milho e outras coisas do gênero! Ó, quanto vigia sobre nós o nosso Senhor com o seu paterno amor!...

Reverendíssimo Pai, vendo de um lado o peso incalculável do amor do meu Jesus por mim e do outro o moderado peso da minha infidelidade, das incorrespondências de amor, este quadro me faz sentir uma vivíssima e indizível dor, a ponto de não conseguir conter o pranto...

Ó, pudesse eu, agora, dar-Lhe uma nova prova do meu amor a Jesus!...

Meu Pai, o meu coração não gostaria nunca de parar de escrever, mas agora me dou conta de ter me alongado demais e disso eu mesmo estou maravilhada; perdoe-me; foram saindo coisas naturais do meu coração que eu não pude conter.

De qualquer modo, com filial confiança, deponho tudo e somente nas suas mãos sacerdotais; e na esperança de que o Senhor queira atender logo os meus ardentíssimos votos, peço-Lhe que me ajude, agradecendo-lhe e obsequiando-o respeitosamente com o seu caro Anjo!”⁴⁷

Em outra ocasião a Irmã Maria agradece Jesus pelo amor que lhe manifesta. Durante uma hora de adoração ela percebe que Jesus aprecia a sua oferta de imolação pelos sacerdotes e que a doença que a atingiu é “o selo garantido do amor de Jesus”.

⁴⁷ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 19 ottobre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

Fica feliz “em ceder esta frágil existência de uma mulherzinha, para dá-la a um ministro de Deus que zele pela sua glória. Muito obrigado, ó meu Jesus! Muito obrigado, ó meu Deus! Ó, sim, meu Pai, este é um agradecimento que hoje mais do que nunca, espontâneo e fêrvido, brota do fundo do meu coração, porque hoje mais do que nunca me foi dado compreender o notabilíssimo amor de Jesus por mim.

Veneradíssimo Pai: eu estava neste amabilíssimo dia fazendo uma hora de adoração ao coração eucarístico de Jesus, e enquanto eu estava expandindo o meu afeto por Ele, pedindo ao seu coração amadíssimo um amor que me devore para Ele, num instante fui invadida por uma luz e alegria interna, na qual eu tive a sensação de ouvir as seguintes amorosas palavras: Eu me comprazo muito com a tua imolação pelos meus sacerdotes! E saiba que esta doença que eu quis mandar-te é o selo garantido do meu grande amor por ti; lembra-te sempre, ó minha filha!

*Muito obrigado, ó meu Deus, eu lhe respondi, um obrigado perene por teres te dignado a voltar os teus amorosos olhares sobre esta vil criatura! Ó, sim, Amor! Conserva, pois, esta mísera vida como a Ti aprouver. Ó, como sou feliz, meu Pai, em imolar-me pelos sacerdotes! [...] Ó, a sublimidade do ministério sacerdotal! Nada há que o iguale”.*⁴⁸

Quando sou frágil então é que sou forte!

Se as Irmãs vivem sobrecarregadas de trabalho e em condições de saúde precárias, nem por isso diminuem no espírito de sacrifício, na doação total ao Senhor, no amor por Ele e na oferta de si. Mesmo quando se sentem fragilizadas pela doença, resplandece nelas fortemente a sua vocação à Obra. São estes os sentimentos que podem ser percebidos na seguinte carta enviada ao Pe. Calábria pela Irmã Irene – Maria Busti, que se dirige ao “Pai” quase como se estivesse em oração ao Senhor. Ela escreve de Arzignano, onde se encontra para um tempo de repouso e de restabelecimento na saúde: “Meu muito venerado Pai, daqui deste refúgio de paz para onde a divina Providência me chamou a fim de que eu repousasse um pouco das fadigas corporais e do enfraquecimento físico, aqui, justamente aqui, Jesus me esperava para um outro repouso, ou seja, o repouso nEle. Durante estes dias Jesus, de modo todo especial,

⁴⁸ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 7 giugno 1929, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

aproximou-se de mim e me repetiu no íntimo do meu coração aquilo que o seu divino coração quer e deseja de mim.

Pai, outras vezes eu fiz Jesus esperar. Quanto tempo faz que Jesus me pede uma total imolação ao seu divino coração, mas total mesmo, desde as mínimas coisas até as maiores, quando o seu sacratíssimo coração me falou [...] do sacrifício. Agora mais forte e mais impaciente, Jesus me repete isso com ternura e amor; ao mesmo tempo, todavia, sinto a falta; Jesus o quer absolutamente; e que eu não tema, pois a sua graça me dará toda a força para segui-lo, desde que eu permaneça nEle.

Meu venerado Pai, o senhor nos promete no Senhor, para logo, um novo edifício, onde as nossas pobres almas, depois de ter atravessado o deserto de longas provações, possam ver alcançada a terra prometida.

Pai, apesar da minha conhecida miserabilidade, espero também pertencer ao número eleito do amor paterno do Sagrado Coração de Jesus.

E como até agora não tenho sido verdadeiramente generosa, algumas vezes tendo negado Jesus e várias vezes tendo recusado o seu divino chamado de amor, nunca consegui encontrar a verdadeira paz que Jesus me promete quando eu tiver sacrificado tudo sobre o altar do meu coração num inteiro holocausto de amor. [...] Mas hoje Jesus, para minha grande surpresa, mais uma vez me repete: 'Quero que tu sejas missionária do meu coração', mas com um convite totalmente novo, isto é, missionária escondida. Missionária de oração, de sacrifício, de abnegação, de renúncia total, de uma total imolação ao seu divino coração nas mais ínfimas coisas, de chegar até ao heroísmo, ao mais doloroso martírio de amor e de dor, na alma minha, até à consumação.

Meu venerado Pai, é verdade que deixei gritar esta voz quase em vão no meu coração durante estes anos de minha vida religiosa; no entanto, foi uma continuação do primeiro instante da minha vocação até agora. [...] Meu venerado Pai, nada mais anseio, nada mais desejo, do que ser um holocausto da vontade de Deus, isto é, dos desejos do Sagrado Coração de Jesus, pondo-me novamente e para sempre como uma morta, nas suas sagradas mãos. Aquilo que para mim é luz será também a minha força. Jesus, dá-me para que eu te dê; eu me abandono totalmente em Ti!

*Pai, peço-lhe humildemente compaixão de tudo isso. Com os melhores obséquios peço, para hoje e sempre, a sua paterna bênção. Agradecendo-lhe sempre por todo o bem que nos faz”.*⁴⁹

Há muitas cartas nas quais as Superiores das comunidades mantêm o Pe. Calábria informado sobre o estado de saúde de cada uma das Irmãs, fornecendo-lhe uma minuciosa descrição. Algumas delas parecem um verdadeiro boletim médico, o que acaba se tornando um documento sobre as condições físicas pessoais:⁵⁰ as Irmãs provavelmente não podem desfrutar de uma alimentação adequada, de ambientes apropriados, de vestuários suficientes; a tudo isso, acrescenta-se também ritmos de trabalho sem trégua e, em alguns casos, o sofrimento derivado de um relacionamento com os Irmãos nem sempre fácil e marcado pela caridade. Neste exemplo, que parece um boletim de guerra, da Irmã Alma e de outras, detalha-se: “*Acrescentou-se a febre, causada por uma infecção produzida pelas injeções. Agora ela está melhor, mas a febre persiste. Eu a levei para se consultar várias vezes, mas dizem que agora não se encontra nada de sério, que se procure mudar de ares, que muito provavelmente, junto com a febre, desaparecerão também o restante dos achaques.*

Da Irmã Itália devo dizer que a sua saúde, por ora, é mais ou menos como sempre. [...] Não pára de dizer que está mal, chora; e fica no quarto, porque diz que a cabeça não a sustenta. [...]

*A Irmã Gabriela, pobrezinha, está sofrendo muito, e não consegue ficar em pé tanto quanto o requer o seu encargo, e às vezes até mesmo durante o dia precisa deixar de trabalhar para ir se deitar. Consultou-se com dois médicos, mas dizem que tudo é efeito da anemia e não falam nada mais do que isso. Ela, porém, diz que se sente muito mal, e espera dia após dia ficar de cama”.*⁵¹

E ainda: “*As condições de saúde da Irmã Maria, de algumas semanas para cá, pioraram; parece que também o outro pulmão esteja com problemas. Combinamos com o Reverendo Pe. Adami que eles teriam se ocupado [...] para fazer com que ela seja acolhida em alguma instituição de saúde; caso seja necessário para isso uma declaração médica, eu posso enviá-la, de modo que possam quanto antes se dedicar a*

⁴⁹ BUSTI, M. (Sor. Irene di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 27 giugno 1924, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 10, c. 107.

⁵⁰ Veja-se também aquilo que repetidamente o Pe. Battisti escreve a respeito ao Pe. Calábria.

⁵¹ MENEGHETTI, M. (Sor. Gertrude di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 3 settembre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 10, c. 107.

isso, já que não é o caso de se perder tempo. Não sei quanto tempo a Irmã poderá ficar lá em cima".⁵²

E que a Irmã Maria – Natália Fainelli não esteja gozando de ótima saúde fica evidente de várias formas. Diante da necessidade de que ela seja internada num hospital, ela mesma manifesta a sua disponibilidade total a acolher qualquer decisão que venha a ser tomada a seu respeito. Ela vive a provação da doença como um sinal da garantia do amor de Jesus e a oferece pelos sacerdotes, como escreve nesta carta: "*Veneradíssimo Pai da minha alma, alguns dias atrás a Reverenda Madre Serafina me disse assim: Estou preparando a documentação com o médico para colocá-la em algum hospitalzinho municipal por alguns meses e quero saber se a senhora quer ir. Meu Pai! Eu lhe respondi com serenidade: Se a senhora, Madre, diz que eu devo ir, eu vou; se a senhora me diz que eu devo ficar, eu fico; faça de mim aquilo que quiser.*

Venerado Pai, o senhor, agora, compreenderá comigo claramente como o meu Amor tenha querido amorosamente me prevenir desta amorosa e dolorosa provação, na festa do seu Sagrado Coração, dizendo-me: Saiba que esta doença que Eu quis mandar-te é o selo garantido do meu grande amor por ti; lembra-te sempre, ó minha filha!

Ó, sim! Ele estava querendo me dizer que eu devia lembrar disso também nos atuais momentos de provação!... Meu Pai! Como agora sinto fortemente em mim o amor e a graça de Jesus! E com Ele, estou esperando ansiosamente o instante em que me seja permitido aproximar os meus lábios deste cálice de novas humilhações e sofrimento, a fim de tomá-lo todo, até à última gota, pelo amor de Jesus, pelos sacerdotes e pelas almas!!...

Ó, deixemo-lo agir!... Imploro-lhe que me dê uma bênção especial, a fim de que a graça e o amor de Jesus estejam sempre comigo".⁵³

⁵² FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 21 ottobre 1925, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

⁵³ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 14 luglio 1929, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO
O REGULAMENTO DE 1935

Premissa

Está no ânimo do Pe. Calábria tentar obter o reconhecimento jurídico do Instituto feminino. Um eco disso nós o encontramos nos escritos da Irmã Maria – Natália Fainelli, quando, com data de 29 de outubro de 1935, anota que, na conclusão dos exercícios espirituais, Pe. Albano Bussinello refere que “*o Senhor quer, na sua Obra, também vocês. [...] Está na hora de pensarmos em regularizar as Irmãs dos Buoni Fanciulli*”.¹

É nesta perspectiva que deve ser vista a elaboração de um novo *Regulamento*, que o Pe. Bussinello entrega a cada uma das Irmãs, especificando que se trata de um texto para uso manuscrito e que ainda não se encontra plenamente conforme ao Código de Direito Canônico. Convida as Irmãs a observá-lo recomendando a caridade, pois se houver esta, há tudo.² Na carta enviada a todas as Irmãs em novembro de 1935 o Pe. Albano escreve: “*Foi grande graça de Deus também o Regulamento, que neste ano foi entregue a cada uma de vocês, Regulamento que é a vontade expressa do Senhor e o beneplácito da Imaculada, e tenho toda certeza de que todas vocês irão se esforçar para pô-lo em prática até nas suas mínimas particularidades*”.³

Além disso, deve-se ter presente que, por incumbência da Sagrada Congregação para os Religiosos, desde os primeiros dias de março de 1935 o Abade Emanuel Caronti, da Ordem de São Bento,⁴ começa a visita apostólica que irá se estender até a metade de março de 1948.

¹ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Manoscritti*, 9 ottobre 1935, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli.

² Cf. Ibid. e cf. *Cronistoria della Congregazione*, 29 ottobre 1935, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

³ BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 4 novembre 1935, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

⁴ Emanuel Caronti, José no registro civil, nasceu em Subiaco (Roma) aos 21 de dezembro de 1882 e entrou aos 13 anos como postulante no mosteiro beneditino de San Giuliano d’Albaro, em Gênova. Em 24 de dezembro de 1897, aos 15 anos de idade, foi admitido ao noviciado; em 9 de janeiro de 1899 emitiu os votos perpétuos simples. No dia 29 de janeiro de 1902 formou-se em filosofia. De 26 de novembro de 1902 até 15 de novembro de 1903 prestou o serviço militar obrigatório. No dia 13 de novembro de 1904, em Daila, Istria, fez a profissão religiosa perpétua solene e no dia 29 de junho de 1907 formou-se em Sagrada Teologia. De 23 de maio de 1915 a 5 de março de 1919 foi alistado no exército como tenente capelão. Em 5 de julho de 1919 foi nomeado abade da comunidade de São João Evangelista, em Parma. De 1937 a 1939 foi abade geral da ordem beneditina. Morreu no dia 22 de julho de 1966, no mosteiro de Madonna della Scala, em Noci, que ele mesmo fundara em 1930 (cf. G.

As principais características

Pela primeira vez o *Regulamento* de 1935⁵ foi impresso internamente pela Escola Tipográfica da Casa Buoni Fanciulli de Verona. O livrinho, para uso interno, como é ressaltado na capa, de pequenas dimensões, é constituído de setenta páginas.

É articulado em seis partes, que se referem respectivamente ao objetivo do Instituto, ao percurso formativo desde a aceitação até à profissão religiosa, aos votos, aos meios de santificação, à vida do Instituto e, enfim, ao espírito religioso.

À primeira vista esse texto é semelhante ao precedente, de 1928, ou pelo menos não se percebem novos e significativos conteúdos. Às vezes, por exemplo, no caso das práticas de piedade, encontram-se reunidas de modo mais ordenado orientações que no *Regulamento* de 1928 estavam dispersas.

Na primeira parte, referente à finalidade do Instituto, é definido o escopo da comunidade das Irmãs, surgida ao lado da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, composta por sacerdotes e irmãos religiosos. É especificado, pela primeira vez, que elas prestam, “*nas Casas da Obra, aquilo que compete ao trabalho feminino: cozinha, rouparia, lavanderia; podem atuar também em escola, pós-escola, creches, internatos, hospitais, centros recreativos femininos, escolas catequéticas e nas demais atividades requeridas pelas associações da Ação Católica feminina*”.⁶

No *Regulamento*, pela primeira vez as Irmãs são chamadas pelo nome de Pobres Servas da Divina Providência. De fato, se lê que “*os membros do Instituto se dizem Pobres Servas da Divina Providência e todas são chamadas com o doce nome de Irmãs*”.⁷ No *Regulamento* de 1928, no entanto, eram indicadas com o nome de Pobres Irmãs da Providência.

É reafirmado que elas não usam “*um hábito religioso propriamente dito, mas uma roupa distintiva uniforme, simples e modesta, lembrando que a sua veste deve ser a da verdadeira virtude*”.⁸

LUNARDI. *Uomo di Dio e della Chiesa*, Ab. Emmanuele Caronti. Noci: La Scala, 1982). Nomeado visitador apostólico no dia 26 de fevereiro de 1935, no dia 3 de março daquele mesmo ano começa a visita que se estendeu até 18 de março de 1948.

⁵ O texto do *Regolamento delle Povere Serve della Divina Provvidenza*, em formato 9x14,5cm, com capa dura, foi impresso em várias cópias, algumas das quais conservadas no AHPSaDP, fld. Costituzioni 2, c. Regolamento seconda stesura, 1935.

⁶ *Regolamento delle Povere Serve della Divina Provvidenza*, p. 6.

⁷ *Ibid.*, p. 7.

⁸ *Ibid.*

Na segunda parte, uma novidade referente à profissão religiosa: especifica-se que, “aos três votos, acrescenta-se um sincero propósito de viver abandonadas à divina Providência, segundo o espírito particular do Instituto”;⁹ além disso, sugere-se renovar frequentemente os votos e de modo particular no dia do retiro mensal.

Interessante é notar que, na terceira parte, relativa aos votos, o de pobreza precede os demais, sinal de uma nova ordem que poderia ser entendida como um possível reconhecimento de prioridade e/ou maior importância em relação aos outros. No *Regulamento* de 1928 a ordem é a seguinte: obediência, castidade,¹⁰ pobreza, abandono, caridade, humildade, mortificação; no *Regulamento* de 1935 a nova sucessão é pobreza, castidade, obediência, abandono, caridade, humildade.

Na quarta parte, entre os meios de santificação, o parágrafo dedicado à mortificação compreende também a penitência. É introduzida a prática da acusação “obrigatória, por turno, nas sextas-feiras do Advento e da Quaresma, a qual será feita no refeitório ou em outro encontro comunitário, de joelhos, estando presente a Superiora ou quem a representa, as quais por primeiras farão a acusação”.¹¹ Outro meio de santificação é a prática do “silêncio, que é como a alma da religiosa porque lhe dá vida, força e movimento”, ressaltando que “rir alto não convém a pessoa religiosa”. A uma primeira leitura, ainda que superficial, poderia parecer que as Irmãs não podem rir nunca. Entretanto, esta é a intencionalidade subentendida: “As Irmãs lembrem que não basta observar o silêncio materialmente, mas que devem ser penetradas pelo fim para o qual é estabelecido. Este é imposto não só para impedir os discursos vãos e inúteis, mas também para ajudar a ter a alma recolhida em Deus e excluir tudo aquilo que possa representar um obstáculo à íntima união com Ele”.¹²

Na quinta parte, referente à vida do Instituto, está previsto que durante as refeições sejam feitas as leituras estabelecidas, com a duração de cinco minutos pela manhã e dez ao meio-dia e à noite. A leitura da noite será seguida pelo martirologio romano. Além disso, o estilo de clausura de certa forma torna-se mais restrito, pois quanto à correspondência externa se recomenda: “A Irmã escreverá somente para a sua própria família e o menos possível. Em outros casos, peça o parecer da Superiora”.¹³ É

⁹ Ibid., p. 14.

¹⁰ Para viver fielmente o voto de castidade foi introduzida, no Regulamento, a norma referente à “roda”: “Também com os religiosos da Casa a comunicação seja feita somente através das rodas, e jamais se mantenham conversações estranhas ao ofício”.

¹¹ Ibid., p. 42.

¹² Ibid., p. 43-45.

¹³ Ibid., p. 58.

regulamentado também o horário de despertar e o de repousar: “De 1º de abril até 30 de setembro o horário de despertar será às 5 e o do repouso às 21h30. De 1º de outubro até 30 de março o despertar será às 5h30 e o do repouso às 21h30. Em maio, junho, julho e agosto haverá uma hora de descanso após o almoço e o repouso da noite será adiado para 10h”.¹⁴ Enfim, é introduzida uma parte referente aos sufrágios em caso de morte de uma Irmã. As orientações a respeito são particularmente detalhadas; pode-se notar que todas participam com uma intensa oração; além disso, “está previsto que os funerais das Irmãs, sem distinção de grau, serão da classe dos pobres, excluindo-se qualquer tipo de pompa”.¹⁵

A última parte, dedicada ao espírito religioso, é totalmente nova: sublinha-se a exigência de uma absoluta submissão de todas as Irmãs à sua Superiora; estabelece-se que não se devem manter fotografias a não ser a dos pais falecidos; convida-se a oferecer, todo mês, uma santa Comunhão pelo Sumo Pontífice e pela propagação do reino de Deus, e uma pelo bispo da diocese na qual a Irmã se encontra.

Enquanto o *Regulamento* de 1928 era concluído com a expressão “*Vita in Domini*”,¹⁶ este de 1935 se encerra com “*Hoc fac et vives. Faze isto e viverás*”.¹⁷

¹⁴ Ibid., p. 59.

¹⁵ Ibid., p. 64.

¹⁶ A expressão latina “*Vita in Domini*” almeja uma “*Vida no Senhor*”.

¹⁷ Ibid., p. 66.

A “VOZ” DAS IRMÃS NAS CARTAS DOS ANOS TRINTA

Premissa

Neste capítulo propomos uma seleção das cartas enviadas ao Pe. Calábria ao longo da terceira década do começo do séc. XX, os anos trinta. Trata-se de cartas enviadas por várias comunidades ou escritas pessoalmente ao Pai, conservadas no Arquivo dos Pobres Servos e até agora inéditas. Esses textos testemunham diretamente como as Irmãs afrontam a vida quotidiana, na concretude da ordinaryidade. Lendo-os, pode-se perceber o espírito que as anima e as sustenta, ao longo de anos que, por diversas razões, não têm sido fáceis; entretanto, jamais elas se lamentam, reclamam ou contestam. Em todas as cartas, mesmo nas que não foram tomadas em consideração no presente capítulo, jamais se encontra qualquer referência neste sentido, embora se perceba aqui e ali que problemas não faltam.

Apesar de se exprimirem numa linguagem simples, as Irmãs revelam uma profunda dimensão espiritual.

Modalidades respeitosas e afetuosas de se dirigir ao Pai

É interessante constatar como as Irmãs se dirigem ao Pai nas cartas que a ele enviam. As expressões mais frequentemente usadas são: “*Muito Reverendo Pai*”, “*Reverendíssimo Pai*”, “*Pai venerado*”, “*Veneradíssimo Pai*”; não falta: “*Nosso Amadíssimo Pai*”. Todas essas modalidades exprimem, no profundo respeito reservado ao Pai, também o afeto ao qual remete o uso do termo Pai. Na relação com ele não há distanciamento, mas profunda familiaridade.

É interessante prestar atenção, da mesma forma, em como as Irmãs se despedem dele e o saúdam. Nas cartas coletivas, em geral, assinam: “*As suas filhas*”, “*As suas devotíssimas filhas*”. Também nas missivas pessoais encontramos expressões filiais, como por exemplo: “*devotíssima filha*”, “*Sempre mais unida ao venerado Pai, respeitosa e obsequiando-o, assino-me filha Irmã Oliva Mascalzoni*”,¹ “*no Senhor*

¹ MASCALZONI, O. *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 56.

a sua pobre filha Irmã Zelinda”;² *“A pobre sua filha Alma”*,³ *“No Senhor humilíssima filha Irmã Beatriz”*,⁴ *“Devota e humilíssima filha Irmã Teresa Nalato”*.⁵ Maria Assunta Contin assina: *“A última das Irmãs”*,⁶ *“A sua pobre mas fiel filha no Senhor, Irmã Maria Assunta Contin”*,⁷ *“E me tenha sempre por sua pobre mas fiel filha no Senhor”*.⁸

As assinaturas são acompanhadas por expressões tais como: *“Com profundo respeito”*, *“Com respeitosos obséquios”*, *“Os meus humildes obséquios”*, *“Com humilde e devoto obséquio”*, *“No coração de Jesus humildemente obsequiando-o”*, *“Com o mais profundo obséquio as suas filhas em Jesus Cristo”*, *“Com obséquios de veneração e de reconhecimento”*, *“Obséquio-o devotíssimamente”*.

No final de cada carta sempre se pede uma bênção: *“Imploramos que nos abençoe”*,⁹ *“pedimos a sua paterna bênção”*,¹⁰ *“E agora, humilde e respeitosamente, ajoelhada aos seus pés, peço, na caridade, a santa e paterna bênção”*,¹¹ *“humildemente lhe peço a sua paterna e especial bênção”*,¹² *“Peço-lhe humildemente a sua santa bênção”*,¹³ *“E ao senhor, venerado Pai, peço a santa e paterna bênção, garantindo-lhe a minha lembrança aos pés de Jesus”*,¹⁴ *“Termino este meu pobre texto pedindo a santa e paterna bênção; além disso, estou certa de que a sua bondade irá querer enviá-la para mim todas as noites”*,¹⁵ *“Implorando do senhor uma copiosa bênção, creia-me no*

² GOLINELLI, Z. *Lettera a don Calabria*, 15 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 47.

³ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

⁴ MORI, A. DE (Sor. Beatrice di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 36.

⁵ NALATO, T. *Lettera a don Calabria*, 6 dicembre 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 61.

⁶ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 13 giugno 1931, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

⁷ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 7 gennaio 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

⁸ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 13 giugno 1931, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

⁹ SORELLE DI S. TOSCANA. *Lettera a don Calabria*, S. Pasqua 1936, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 5, c. 66.

¹⁰ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 giugno 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55, carta escrita por ocasião da solenidade de São João Batista.

¹¹ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 7 gennaio 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

¹² FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 28 agosto 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

¹³ NALATO, T. *Lettera a don Calabria*, 1 novembre 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 61.

¹⁴ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 30 maggio 1965, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

¹⁵ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 13 giugno 1931, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

coração de Jesus”,¹⁶ “Na caridade, peço-lhe a sua paterna bênção, a fim de que Jesus me dê a graça de corresponder sempre e generosamente. O Senhor o recompense por tudo”,¹⁷ “Pedindo-lhe a sua bênção para mim e para todos os meus entes queridos”,¹⁸ “Peço a sua bênção também para os meus entes queridos”,¹⁹ “Peço-lhe, na caridade, a santa bênção para os meus amados e velhos pais, juntamente com os meus irmãos”,²⁰ “Peço a caridade da sua paterna bênção e uma recordação quotidiana na santa missa”,²¹ “Na caridade, pedimos a sua paterna bênção como penhor daquela que nos dá o Senhor, a qual nos acompanhe em todos os instantes da nossa vida e nos faça ser fortes na virtude e alegres no sacrifício”.²²

Com simplicidade

A carta é o único modo para superar as distâncias geográficas, ao contrário dos meios de comunicação dos quais podemos nos servir hoje. Quando escrevem ao Pai, as Irmãs se desculparam porque têm consciência dos seus limites pessoais, também do ponto de vista cultural, mas nem por isso abandonam a ideia. Pelo contrário, não deixam de manifestar-lhe sua proximidade por ocasião das grandes festividades e do seu onomástico, com aquela confiança filial que lhes dá a certeza de serem compreendidas: “Quantas coisas quereriam dizer-lhe, nesta santa data, os nossos corações, mas a nossa ignorância coloca diante de nós grandes obstáculos”,²³ “Mais uma vez ousei chegar ao senhor com o meu pobre texto”,²⁴ “Queira perdoar-nos as nossas pobres expressões”,²⁵ “Espero que oito dias atrás o senhor tenha recebido o

¹⁶ PERTILE, T. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 73, presumivelmente, se refere aos dias entre 12 e 16 de junho de 1935.

¹⁷ CREMONESI, M. *Lettera a don Calabria*, 15 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 29.

¹⁸ GOLINELLI, Z. *Lettera a don Calabria*, 15 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 47.

¹⁹ ZANONI, C. *Lettera a don Calabria*, 16 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 10, c. 104.

²⁰ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 7 gennaio 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

²¹ MORETTO, A. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 60, carta referida aos dias 12-13-14 de junho de 1935.

²² SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 giugno 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

²³ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

²⁴ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 7 gennaio 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

²⁵ SORELLE DI NAZARETH. *Lettera a don Calabria*, 24 dicembre 1934, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 57.

meu pobre texto. [...] Enquanto isso, peço que me perdoe por tudo, inclusive pelo meu modo de me exprimir; estou certa, todavia, de que o senhor me compreende”.²⁶ “Perdoe-me por tudo, veneradíssimo Pai, também pelo meu modo de me exprimir. Um Pai, no entanto, não demora para compreender os seus filhos”.²⁷ “Perdoe-me esta carta pouco respeitosa”.²⁸ São exemplos, estes, de uma delicadeza na relação interpessoal, um estilo atento a não faltar de respeito com o destinatário da carta, para não incomodá-lo, para não fazê-lo perder tempo...

Por ocasião da Santa Páscoa de 1936, as Irmãs de Santa Toscana escrevem: “Nestes dias de luz e de graça o nosso pensamento a Jesus que ressurge glorioso é pelo senhor, nosso venerado Pai. O nosso coração gostaria de lhe dizer coisas lindas, de dar-lhe muitas consolações, mas somos tão pobres e não temos nada. Voltando, porém, com o nosso pensamento a Jesus, tomamos coragem, e com todo o coração Lhe pedimos que acolha os nossos calorosos votos de boa e santa Páscoa. Na nossa pobreza, nos esforçamos em fazer o bem para agradar a Jesus e consolar o seu coração, que paternalmente nos ama”.²⁹

O desejo filial de encontro

As Irmãs manifestam o desejo de ver o Pai, de poder encontrá-lo, embora isso não seja fácil. De fato, por exemplo: “Teria sido meu desejo vir ao seu encontro pessoalmente para receber a santa e paterna bênção, mas como cheguei em Verona muito tarde isso não foi possível”.³⁰ “É verdade que, humanamente falando, eu não teria a coragem nem de vê-lo, muito menos de me aproximar do senhor e de lhe falar, mas, olhando-o no Senhor, sinto que para mim o senhor é duplamente Pai e eu, muito embora indigna, sinto que lhe sou fidelíssima filha. E justamente por isso sinto a necessidade, depois de ter pedido perdão ao Senhor, de pedi-lo também ao senhor; sim, perdão, bom Pai, se fui ingrata com tantas graças do Senhor e a tantos seus paternos

²⁶ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 13 giugno 1931, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

²⁷ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 7 gennaio 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

²⁸ MASCALZONI, O. *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 56.

²⁹ SORELLE DI S. TOSCANA. *Lettera a don Calabria*, S. Pasqua 1936, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 5, c. 66.

³⁰ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 13 giugno 1931, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

cuidados, confesso-o. Eu mesma, se tivesse correspondido, já seria santa; no entanto... Aquilo que me conforta é que Jesus é tão bom, e o senhor também é bom, e por isso irá esquecer tudo. E eu, com a graça do Senhor, prometo-lhe mais uma vez: serei melhor no futuro.

*O senhor disse que precisamos ser Irmãos de boa vontade, e eu vou pedir isso como graça a Jesus Menino. Uma vez eu dizia: quero me tornar santa; agora não ousou mais dizê-lo, porque me sinto sempre mais pequena e miserável”.*³¹

A necessidade de encontrar o Pai é motivada também pela necessidade de poder receber dele uma palavra boa, como o confessa a Irmã Maria – Natália Fainelli: *“As suas palavras de hoje impressionaram muito a minha alma... e, enquanto lhe agradeço, prometo-lhe que as transformarei em tesouros para a vida eterna. [...] Eu ousaria suplicar-lhe uma palavra em particular, que a sua paterna caridade, eu espero, não me negará, a fim de que me reanime, me ajude na minha atual situação, como sempre o senhor fez a esta pobre alma minha, a qual foi pelo senhor, só pelo senhor, compreendida e ajudada”.*³²

Em outras linhas está subentendido um pedido de ajuda que permita à interessada, através da iluminada palavra do Pai, conseguir encontrar uma solução ao problema que ela está afrontando: *“Eu me abandono na sua paterna caridade, a qual foi sempre pródiga em relação à minha mesquinha alma; assim espero que, também hoje, o senhor se digne confortá-la, erguê-la e esclarecer a sua atual situação. Sempre rezando pelo meu venerado e bom Pai, Pe. João...”*³³

Ao pedir-lhe um conselho, eis as palavras da Irmã Teresa Nalato: *“Ponho a minha alma em suas mãos, disponha de mim como o senhor achar melhor, porque só pelo senhor, venerado Pai, poderei conhecer claramente a vontade de Deus. Certa de que uma palavra sua poderá deixar-me tranquila”.*³⁴

A lembrança recíproca na oração

³¹ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 7 gennaio 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

³² FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 28 ottobre 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

³³ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 28 agosto 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

³⁴ NALATO, T. *Lettera a don Calabria*, 1 novembre 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 61.

As Irmãs sempre ressaltam ao Pai que na oração delas ele tem um lugar privilegiado: *“Os nossos votos são para o senhor, venerado Pai, que depois de Jesus ocupa o primeiro lugar na nossa alma. Derrame Ele uma enxurrada de bênçãos e de graças sobre o senhor e sobre a sua congregação.*

Outra oração não sabemos encontrar, e que espontânea elevamos ao berço do celeste Menino: ‘Faze, ó Jesus, com que, como novas plantas de oliveira, sejamos filhos ao redor do seu Pai e realmente bem-aventurados se à sua escola seguirmos os caminhos pela Providência traçados’. Eis o nosso humilde e devoto obséquio que ao senhor fazemos nesta santa noite.

*Reze por nós, para que nos torne generosas, fortes nas provações, sem dar um passo para trás um só instante diante da sua vontade”.*³⁵

*“Fico feliz em poder dizer-lhe que rezo tanto pelo senhor; eu rezo por todos os Reverendos Superiores, mas o meu venerado Pai ocupa o primeiro lugar”.*³⁶ Isso é confirmado também pela Irmã Maria – Natália Fainelli: *“Garantindo-lhe que, na minha pobreza, sempre rezo pelo senhor de um modo todo particular nos momentos mais solenes e santos”.*³⁷

Por ocasião do onomástico, esta é a mensagem enviada: *“Sentimos muita alegria em poder enviar-Lhe os nossos pobres mas ardentes augúrios pelo seu onomástico. Na espera da sua festa temos rezado e oferecido a Jesus os nossos pequenos sacrifícios para que neste dia os transformasse numa chuva de graças. Compreendemos como continuamente o senhor empregue, para o nosso bem, mente e coração, e nós, diante de tanta bondade de sua parte, nos sentimos incapazes de lhe recompensar por aquilo que o senhor faz por nós. Conforta-nos o pensamento de que o senhor nos conhece e sabe compadecer-se de nós. Acolha, nosso Pai, unido às orações que temos feito pelo senhor, nosso afeto filial”.*³⁸

Ainda por ocasião da solenidade de São João Batista no Santuário Madonna di Campagna, as Irmãs e as noviças dirigem ao Pai estas linhas: *“No dia do seu onomástico Lhe apresentamos os nossos humildes e calorosos augúrios unidos à fêrvida oração em sinal de reconhecimento por tanto bem espiritual que o senhor faz às*

³⁵ SORELLE DI NAZARETH. *Lettera a don Calabria*, 24 dicembre 1934, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 57.

³⁶ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 7 gennaio 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

³⁷ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 28 ottobre 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

³⁸ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, 24 giugno 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

*nossas almas. Sempre, mas especialmente nesta ocasião, as suas pobres filhas espiritualmente unidas sentem o dever de manifestar ao Senhor, veneradíssimo Pai, o augúrio mais fêrvido, invocando do seu santo protetor as melhores graças para que o seu intenso trabalho seja fecundo de copiosos frutos para o bem da comunidade e para a salvação de tantos inocentes que formarão a sua glória no céu”.*³⁹

Assegura-lhe a Irmã Beatriz – Ângela De Mori, que esteve na Basílica de São Pedro: *“Rezei pelo senhor junto ao grande apóstolo a fim de que abençoe todas as suas intenções; visitamos também o túmulo de Pio X e lá também, novamente, eu me lembrei do senhor. Todavia, não apenas nestas ocasiões, mas sempre eu rezo pelo Senhor: esteja certo, especialmente na santa Comunhão, é meu dever. Quando eu penso, além disso, que o senhor sofre tanto, a oração vem espontaneamente aos meus lábios”.*⁴⁰

Numerosas são as cartas pessoais conservadas no Arquivo dos Pobres Servos, que testemunham quanto as Irmãs acolheram o convite a intensificar a oração por ocasião da visita apostólica do Abade Caronti. Na maioria dos casos se trata de longas listas nas quais cada uma das Irmãs explicita, além de todas as práticas de piedade prescritas pelo *Regulamento* e cumpridas comunitariamente, as ofertas do tríduo de orações, indicando também o número das missas, comunhões, comunhões espirituais, horas de adoração a Jesus eucarístico, visitas à igreja com orações várias e olhares a Jesus Crucificado com estas palavras: “Jesus, cuida do nosso Pai, tu vês as suas necessidades”, coroação ao Sagrado Coração de Jesus, coroação das santas Chagas, *Via Crucis*, recitação de rosários, jaculatórias, Deus seja louvado, *Miserere*, *Veni Creator*, pequenos sofrimentos físicos, pequenas mortificações, horas de sede e boas ações feitas ao longo do dia.

Depois de ter elencado ela também tudo quanto fez, a Irmã Amália Moretto prossegue assim: *“No momento solene da elevação, durante a Santa Missa, eu o recomendei e lembrei muito a Jesus, de modo especial.*

Esforcei-me para me manter mais recolhida interior e exteriormente durante a oração. Ofereci mais generosamente a fadiga feita no meu trabalho. Fiz várias mortificações, exibindo algumas repugnâncias, dificuldades e privações. Combati a preguiça mais fortemente, sobretudo na parte da manhã, levantando-me prontamente,

³⁹ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55, carta escrita por ocasião da solenidade de São João Batista, isto é, 24 de junho de 1939.

⁴⁰ MORI, A. DE (Sor. Beatrice di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 36.

mesmo cansada. Perdoe, Reverendo Pai, se fiz tão pouco; serei mais generosa no futuro. [...] O Senhor o recompense por tanto bem que faz às nossas almas. Rezo para que o Senhor o recompense por tudo”.⁴¹

Irmã Cornélia Zannoni, por sua vez, especifica: *“Para satisfazer ao seu desejo envio-Lhe, por escrito, o meu pequeno óbolo espiritual. [...] Mas acima de tudo procurei aceitar, nestes dias, com espírito de mortificação, tudo aquilo que a Providência me fez encontrar. Fiz pouco em comparação com aquilo que o senhor, Pai bom, fez e faz continuamente por mim. Esta minha insignificância eu a coloco nas mãos de Nossa Senhora, a fim de que Ela lhe dê muito valor”*.⁴²

A noviça Jacomina Pertile narra: *“Assim que a Reverendíssima Superiora nos recomendou de intensificar nestes dias as nossas orações pelo senhor logo eu comecei a recolher e oferecer tudo à querida Nossa Senhora nas suas intenções. Queira Maria Santíssima aceitá-las e fazer chover, em troca, sobre o senhor, sobre as suas intenções e sobre a Obra, todas as maiores graças.*

É muito pouco aquilo que eu posso oferecer; sou tão pobre espiritualmente, mas lhe dou tudo. [...]

Que a querida Nossa Senhora o torne, veneradíssimo Pai, centuplicado destes poucos méritos. Mas, além das graças que deseja, que Jesus bom o conforte, o sustente e o conserve por muitos anos ao nosso afeto de filhas. Em caridade, lembre-me muito ao Senhor, para que eu possa me tornar sempre melhor e menos indigna de pertencer a esta Obra”.⁴³

No final das várias listas de ofertas, aqui e acolá se lê: *“Isso é bem pouco, mas o Senhor, que vê a minha pobreza, certamente acolherá também o pouco”*;⁴⁴ *“Perdoe-me pelo pouco que fiz; da próxima vez procurarei fazer mais”*;⁴⁵ *“Fiz pouco, eu sei, não chegarei nunca a fazer o suficiente para o senhor. Tudo isso, para que o Senhor atenda os seus santos desejos”*.⁴⁶

⁴¹ MORETTO, A. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 60. Carta referida aos dias 12-13-14 de junho de 1935.

⁴² ZANONI, C. *Lettera a don Calabria*, 16 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 10, c. 104.

⁴³ PERTILE, T. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 73, presumivelmente, se refere aos dias entre 12 e 16 de junho de 1935.

⁴⁴ ROSSI, M. *Lettera a don Calabria*, 15 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 9, c. 83.

⁴⁵ GOLINELLI, Z. *Lettera a don Calabria*, 15 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 47.

⁴⁶ CREMONESI, M. *Lettera a don Calabria*, 15 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 29.

As Irmãs, por sua vez, pedem que o Pai se lembre delas: *“Eu também me recomendo às suas orações, pois preciso muito”*;⁴⁷ *“As suas filhas se recomendam às suas orações para terem luz e força e assim corresponderem ao grande dom da vocação e à Obra santa dos nossos Reverendíssimos Superiores, para a glória de Deus e para o bem da comunidade”*.⁴⁸

O abandono confiante

Referindo-se à experiência recém iniciada em Castel Cerino, Irmã Maria Assunta Contin escreve: *“Nós aqui estamos alegres e contentes, apesar de termos estado um tanto perdidas nos primeiros dias. Agora espero que o Senhor queira abençoar o meu pequeno sacrifício com abundantes frutos”*.⁴⁹

Chegando em Roma, a Irmã Beatriz – Ângela De Mori se exprime assim: *“Eu estou bem porque a obediência faz com que a gente esteja bem em todo lugar, isso eu sempre experimentei. Tenho que trabalhar, mas se o Senhor me dá um pouco de saúde trabalharei tudo pelo seu amor e pela sua glória. [...] Reze para que minha alma se salve, e não sejam os meus pecados um obstáculo aos seus desígnios. Creio que o senhor saiba que estou sofrendo muito intensamente... fiat... eu não mereço outra coisa... mas tenho necessidade de ajuda e de força...”*⁵⁰

A alegria de se preparar e de entrar na família religiosa transparece nestas breves linhas escritas pela noviça Maria Rossi, que pede para ser ajudada a se conformar sempre mais ao espírito da Obra: *“Veneradíssimo Pai, estou muito feliz por me encontrar nesta Casa, mas tenho grande necessidade da graça do Senhor para poder corresponder; portanto, permito-me pedir-Lhe uma recordação especial na santa missa, a fim de que eu possa me uniformizar ao espírito da Obra e me tornar tal como o divino Coração deseja”*.⁵¹ Seguem o mesmo tom as palavras da noviça Maria

⁴⁷ MORI, A. DE (Sor. Beatrice di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 36.

⁴⁸ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55, carta escrita por ocasião da solenidade de São João Batista, isto é, 29 de junho de 1939.

⁴⁹ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 13 giugno 1931, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

⁵⁰ MORI, A. DE (Sor. Beatrice di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 36.

⁵¹ ROSSI, M. *Lettera a don Calabria*, 15 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 9, c. 83.

Cremonesi: *“Agradeço infinitamente o bom Jesus, que sem mérito de minha parte me chamou para participar desta santa Obra”*.⁵²

Irmã de grande sensibilidade, Maria – Natália Fainelli escreve: *“Meu Pai! Eu não quero ir para o inferno, por favor! Quero, com a divina graça, fazer a vontade de Deus a qualquer custo... e quero amá-lo não em palavras, mas na obediência contínua ao senhor e aos meus Superiores, como me parece ter sempre feito, muito embora, infelizmente, de modo imperfeito.*

Peço-lhe humildemente perdão por todas as minhas faltas e lhe suplico que tenha piedade do meu amor próprio e da minha fraqueza (também física), que às vezes me torna tão sensível diante de certas provações... particularmente da incompreensão...

No entanto, parece-me poder assegurá-lo de que, mesmo a parte inferior sofrendo, a minha alma da mesma forma está contente em imolar-se por amor a Jesus Crucificado, que tanto se dignou e se digna de me amar”.⁵³

Promessas de empenho

Por ocasião da chegada do Santo Natal as Irmãs escrevem: *“Ó, como nos consideramos afortunadas em assistir à santa missa da meia-noite e fazer nascer no nosso coração Jesus Menino, que vivo e verdadeiro virá, pela mão do seu ministro, a pousar sobre o nosso coração. Quantas coisas temos para dizer-Lhe no momento em que talvez apertemos em nós aquele doce Pequenino: pode ser que, na sua vinda, ele encontre o berço do nosso coração mais pungente do que a palha de Belém; mas ele, que os santos desejos premia em virtude, esquecerá as que éramos para deliciar-se com aquilo que seremos no futuro, desejosas apenas de segui-lo para amá-lo e no nosso íntimo colóquio com Jesus Menino fazer as nossas orações, as nossas súplicas”*.⁵⁴

Numa outra carta comunitária: *“Seria também nosso vivo desejo oferecer-Lhe as nossas promessas, isto é, as de nos tornarmos melhores, e, com a ajuda do celeste Menino, no futuro corresponder à nossa santa vocação e às incontáveis graças que o Senhor nos doa continuamente! Quanto a estas promessas, no entanto, estamos mais*

⁵² CREMONESI, M. *Lettera a don Calabria*, 15 giugno 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 29.

⁵³ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 28 ottobre 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

⁵⁴ SORELLE DI NAZARETH. *Lettera a don Calabria*, 24 dicembre 1934, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 57.

enroladas do que para os votos, porque... quantas já fizemos e quão pouco as cumprimos!

Façamos o seguinte: o senhor mesmo diga ao Senhor que nos esforçaremos o mais possível; mais do que isso não ousamos dizer, nem ao senhor, nem ao bendito Menino. O senhor, além disso, use para conosco da caridade das suas orações, oferecendo a Deus, também por nós danadinhas, algum dos seus sofrimentos.

E o augúrio? Ó, que o Senhor no-lo conserve por muitos e muitos anos ainda; que lhe dê saúde quanto for necessária para nos tornar santas, e doe ao senhor, que tanto fez e faz pela glória de Deus, na terra e no céu, aquela paz que é a promessa para os homens de boa vontade”.⁵⁵

O reconhecimento

Na metade dos anos trinta do século passado os meios de transporte e de comunicação certamente não permitiam grandes deslocamentos sobre o território italiano. Quicá quantas Irmãs, como de resto quase todas as pessoas daquele tempo, viveram sem nunca terem saído do lugar em que nasceram. Enviadas para a Paróquia de São Filipe Néri, em Roma, sentem o dever de agradecer ao Pai e manifestar-lhe a alegria experimentada quando visitaram São Pedro. Assim a Irmã Beatriz manifesta o seu estupor: *“Visitamos a grandiosa Basílica. Quanto fiquei admirada não consigo descrever-lhe... eu não teria mais saído de lá, teria ficado lá para sempre...”*.⁵⁶ Também a Irmã Oliva fala ao Pe. Calábria da mesma experiência. De certa forma ela se sente uma privilegiada, e isso a leva a expressar-lhe também o seu reconhecimento: *“Quarta-feira passada fui com a Irmã Beatriz para Roma a fim comprar algumas coisas que estavam faltando no roupeiro e na cozinha (porque neste ponto os nossos bons sacerdotes deixaram tudo em Verona; por essa razão, caiu totalmente no esquecimento, de modo que eu remediei um pouco. Encontrei uma agulha, alguns carretéis de seda coloridos e uma tesoura, que serve muito bem para cortar a cabeça do peixe antes de fritá-lo). Antes, porém, de ir para outros lugares, fomos saudar o Senhor no magnífico templo, em São Pedro, e lá rezamos pelo senhor, Reverendíssimo*

⁵⁵ SORELLE DI MADONNA DI CAMPAGNA. *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 55.

⁵⁶ MORI, A. DE (Sor. Beatrice di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 36.

Pai, e por toda a Casa; também o recordamos no túmulo do caríssimo São Pio X.⁵⁷ Parecia-me impossível estar em São Pedro, que para dizer bem a verdade há dez longos anos eu alimentava o desejo ardente de rever.

Em 1925 eu vim a Roma para a canonização do Santo Cura D’Ars, e naqueles poucos dias vi algumas das muitíssimas maravilhas que se encontram aqui, e todas coisas santas, mas nenhuma me impressionou mais do que aquele santo templo. [...]

Pois bem, Reverendo Pai, preciso concluir; quanto devo agradecer ao Senhor que se dignou dar-me tantas coisas em abundância; agradeço-o novamente”.⁵⁸

⁵⁷ José Melchiorre Sarto (Riese, Treviso, 2 de junho de 1835 – Roma, 21 de agosto de 1914), que se tornou Papa com o nome de Pio X de 9 de agosto de 1903 a 20 de agosto de 1914, foi beatificado no dia 3 de junho de 1951 e proclamado santo em 29 de maio de 1954. É evidente que Irmã Oliva Mascalzoni já o considera santo.

⁵⁸ MASCALZONI, O. *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 56.

CAPÍTULO DÉCIMO TERCEIRO

OS ANOS TRINTA - QUARENTA

À direção das Irmãs

Pe. Calábria acompanhava de perto a Irmã Imelda – Maria Fannio na sua missão de Superiora Geral e, sabendo do esforço feito por ela para assumir com serenidade este grave serviço, chegou à decisão de substituí-la. Depois de ter pedido conselho ao Pe. Natal como de costume, no dia 24 de dezembro de 1927 ele nomeou a Irmã Serafina – Adele Carli como Superiora de todas as Irmãs. Ela residirá em San Zeno in Monte, enquanto que *“à Irmã Imelda, que deixa o cargo, é confiado o noviciado e postulado, instalado na casinha junto ao Instituto Buoni Fanciulli”*.¹

No início do seu primeiro mandato, que durou aproximadamente quatro anos, ao qual se seguirá em 1941 outra convocação a assumir novamente essa responsabilidade, Irmã Serafina dirige as Irmãs distribuídas nas comunidades de Costozza, San Zeno in Monte, Piccolissima Casetta di Nazareth, Madonna di Campagna e San Benedetto. Desempenha seu encargo animada pelo lema: *“A Deus a glória, às Irmãs a alegria, a mim o sacrifício!”*² Todas a apreciam pelas suas qualidades maternas e pela sensibilidade que ela demonstra por cada uma. Nas cartas que envia ao Pe. Calábria, particularmente, ela usa expressões voltadas sobretudo a externar afeto e veneração. Por exemplo, em junho de 1929, por ocasião do seu onomástico, confessa a impossibilidade das Irmãs de se expressarem através de outro dom que não seja o de uma oração incessante e devota: *“Nosso venerado Pai, permita-nos que mais uma vez Lhe apresentemos os nossos mais profundos e respeitosos votos pelo seu onomástico. Ficaríamos muito felizes em poder manifestar a excelência do nosso coração numa tão*

¹ *Cronistoria della Congregazione*, 24 dicembre 1927, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

² Irmã Serafina torna próprio o ideal de vida que Santa Bertilla Boscardin adorava repetir: *“A Deus toda a glória, às minhas Irmãs toda a alegria, e a mim todo o sacrifício”*. Provavelmente é devota dessa santa, que nasceu numa família de camponeses, em Gioia di Brendola (Vicenza), no dia 6 de outubro de 1888, tendo entrado em 1905 entre as irmãs Mestras de Santa Doroteia Filhas dos Santíssimos Corações, em Vicenza. Tornando-se enfermeira, trabalhou no Hospital de Treviso, onde dedicou-se a servir os enfermos no corpo e no espírito, incansável no auxílio às coirmãs. Atingida por um tumor com apenas 22 anos, continua com empenho o seu trabalho, que se tornara mais pesado devido às dificuldades e tensões provocadas pela Primeira Guerra Mundial. Enviada para Como, sofre muito com a incompreensão de alguns médicos e da sua própria Superiora, sem nunca lamentar-se ou reclamar. Voltando para Treviso, retoma o seu trabalho no hospital, apesar do agravamento do seu mal. Aos 34 anos morre em Treviso, no dia 20 de outubro de 1922. A sua grandeza espiritual está no buscar, na fadiga, na humildade e no silêncio, uma união com Deus sempre mais profunda.

rara ocasião com algum sinal exterior, mas o senhor, Pai, sabe da nossa impossibilidade a este respeito; por isso, queira benignamente compadecer-nos.

A oração, sim, está ao nosso alcance; hoje mais do que nunca nos serviremos dela, mais do que de costume, a fim de que o Senhor queira atender os anseios da nossa alma concedendo-Lhe, num dia tão especial como este, os seus mais amplos favores, ampla combinação de graças e confortos.

Sabemos quanto se ocupa e sofre por nós; por isso, queira aceitar toda a nossa gratidão. Não lhe fazemos muitas promessas, mas, no que depender de nós, lhe prometemos fazer o melhor possível. Enquanto isso, deixamos que uma justa e santa alegria inunde hoje os nossos corações, e ao senhor, venerado Pai, lhe repetimos os nossos mais calorosos, sinceros e respeitosos obséquios”.³

Outra carta, escrita dois anos depois, em junho de 1931, testemunha os sentimentos que as Irmãs nutrem pelo Pe. Calábria e manifestam o desejo de querer partilhar dos seus sofrimentos, na generosidade e no reconhecimento mais vivo: “Venerado Pai, para nós é sempre um momento agradável a sua querida festa, na qual podemos, com toda a alegria da alma, exprimir, ainda que por escrito, todos os nossos sentimentos pelo senhor; queira, portanto, venerado Pai, aceitá-los. Nós o recordamos, todas e sempre, embora a nossa vida transcorra distante do seu olhar; saiba, porém, ó Pai, que queremos nós também tomar parte dos seus sofrimentos sendo mais generosas, porque desejamos nós também tornar-nos como o senhor deseja e quer. Queira, ó Pai, aceitar os nossos sinceros votos de toda santa felicidade no Senhor. Queira Jesus bendito atender os votos que fazemos pelo senhor nas nossas pobres orações. Aceite, portanto, a expressão mais viva do nosso reconhecimento, nos abençoe todas, Irmãs presentes e ausentes, porque todas nos sentimos próximas do nosso Pai”.⁴

Depois dos exercícios de agosto de 1931, realizados na Casa de exercícios de Gargagnago, são emanadas novas determinações referentes às Irmãs. Assim narra Irmã Maria – Natália Fainelli, que está por receber o encargo de Superiora geral: “Hoje, último dia da estadia na Casa di Gargagnago, depois do encerramento dos santos exercícios. À tarde deste dia fui chamada à presença do meu Reverendíssimo Superior, Pe. Albano, e assim que recebi sua bênção ele me disse: ‘À senhora tenho a dizer que precisa dar um passo importante... isto é, a partir de hoje, a senhora passará a ser a

³ CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 24 giugno 1929, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 6, c. 14.

⁴ CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 24 giugno 1931, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 6, c. 14.

Superiora geral'. Eu lhe respondi, sentindo-me cheia de confusão... que é bem conhecida deles a minha insuficiência, ignorância, não tendo instrução... e não tenho aqueles dotes que são requeridos para ocupar este lugar...!?

Então o Reverendo Superior me respondeu: 'Vamos nos ajudar, atuaremos juntos'. E eu lhe suspirei: 'Eu sou a última das Irmãs; disponham de mim, os meus Reverendos Superiores, como queiram. O Senhor me ajudará a cumprir essa obediência'. O Reverendo Superior me abençoou dizendo-me: 'Aceite in Domino, e quanto antes se transfira para Verona, em San Zeno in Monte'".⁵

Em consequência dessa mudança a Irmã Serafina se torna Superiora em Costozza. O mandato da Irmã Maria – Natália Fainelli se estende pelo período compreendido entre agosto de 1931 e fevereiro de 1934, mas a ela não são suficientes as palavras do Pe. Albano para garanti-la no seu encargo: ela deseja também uma palavra confortadora do Pe. Calábria. Por isso, pede-lhe uma breve audiência quatro dias depois de ter assumido o seu novo ofício por obediência, como escreve ela própria em seu diário: *"Ao me apresentar a Ele, eu disse: 'Vim para que o senhor me dê uma bênção especial... Pai, eu estou confusa... não tenho palavras'. O meu Pai me respondeu: 'O quê?! Não se preocupe! Vá adiante assim...'. E eu, então, acrescentei: 'Assim, com simplicidade!'. 'Mas sim, sim!'. Continuei: "... Porque, Pai, eu tenho medo de estragar tudo... mas pensei em colocar tudo... nas mãos de Nossa Senhora, e eu procurarei de me deixar guiar por Ela'. 'Ó! Então as coisas certamente irão bem'. Depois me abençoou paternalmente".⁶*

Os acontecimentos relacionados à comunidade das Irmãs são sempre seguidos com atenção e proximidade pelo Pe. Calábria, que deseja poder dar-lhes uma maior estabilidade, como se pode ver pelos pensamentos que ele confia ao seu diário no dia 13 de novembro de 1931: *"Nestes dias de provações, de sofrimentos, pensei na Obra em geral, e em particular em cada um dos seus ramos, e rezei, e sofri um pouco também, pela Obra das Irmãs, que desde o início da Obra tanto trabalharam. Parece-me que logo o Senhor as queira colocar sobre o seu binário".⁷*

Na carta que o Pe. Calábria envia à Superiora, Irmã Maria – Natália Fainelli, por ocasião do Natal de 1931, reitera: *"Se Deus quiser, logo será cumprido totalmente um*

⁵ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Manoscritti*, 2 agosto 1931, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

⁶ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Manoscritti*, 8 agosto 1931, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

⁷ CALABRIA, G. *Diario V Quaderno "Rendiconto Diario"* [1930-1935], 13 novembre 1931, AHPSaDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 5, b. N 02810.

dos grandes desígnios que a Providência tem sobre as Irmãs, desígnio que dará muita glória a Deus e fará bem às almas". Todavia, de cada uma das Irmãs, "unidas à Superiora", o Senhor espera "uma contribuição, na fé, na generosidade, no pleno abandono nos braços da Providência em todas as provações, que são as verdadeiras riquezas do Senhor".⁸

E poucos dias depois da vigília da Epifania de 1932, por ocasião da renovação dos votos, o Pai escreve novamente acenando àqueles desígnios divinos que "espero amadureçam" porque "o Senhor as ama, o Senhor as distingue; ó, amadas, amem e sirvam o Senhor!"⁹ Talvez o Pe. Calábria esteja fazendo aludindo: à iminente aprovação da Congregação dos Irmãos e ao conseqüente selo do Bispo a ser colocado nas *Constituições*; provavelmente ao grande apelo proveniente de Roma para a abertura de uma comunidade de Irmãos na cidade santa; à busca sempre mais necessária de uma morada totalmente das Irmãs a ser transformada em Casa-Mãe; e, não por último, ao suspirado reconhecimento jurídico das Irmãs...

No ano de 1933, por decisão assumida pelos Superiores, as Irmãs emitem a renovação da sua profissão trienal na solenidade do dia 8 de dezembro, e não mais na festa da Epifania, data que desde o início havia caracterizado a vida da primeira comunidade.¹⁰ No mesmo dia, festa da Imaculada de 1933, outro fato importante foi anotado no diário da congregação: Irmã Gabriela Soster e outras três Irmãs, da comunidade de Madonna di Campagna, dirigem-se "à Casa Santa Toscana (atual Casa-Mãe) para lá colocar uma estátua da Imaculada de Lourdes",¹¹ a fim de implorar a sua proteção e a propriedade do que restou daquela casa, que logo será entregue em suas mãos para ser transformada na sede principal da nascente congregação religiosa.

Em fevereiro de 1934 as novas disposições dos Superiores estabelecem uma mudança na direção das Irmãs: Irmã Gabriela – Aida Soster é a nova Superiora geral, e de Madonna di Campagna ela se transfere para San Zeno in Monte, enquanto que a Irmã Maria – Natália Fainelli passa para outra comunidade, como ela mesma o refere: "9 de fevereiro de 1934, partida para a Casa de Costozza, deixando o lugar (que por

⁸ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Fainelli*, 25 dicembre 1931, AHPSaDP, fld. 2 Lettere alle Sorelle dal 1926 al 1938, b. 03908/G.

⁹ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 5 gennaio 1932, AHPSaDP, fld. 2 Lettere alle Sorelle dal 1926 al 1938, b. N 1975/A.

¹⁰ Cf. *Diario della Congregazione*, 8 dicembre 1933, AHPSaDP, fld. Diari dall'inizio al 29 aprile 1955.

¹¹ *Ibid.*

*obediência eu ocupei) à Irmã Gabriela Soster”.*¹² Pe. Albano comenta positivamente com a Superiora que está de saída esta nova situação: *“Fiquei realmente edificado com a sua conduta diante das disposições superiores, e disso louvo o Senhor. É assim que se ama a congregação na prática. Também lhe agradeço por tudo o que fez pelo bem da comunidade, e Deus a recompensará. Aceite sem pestanejar a proposta do conselho superior, pelo qual a senhora será a primeira a ser lembrada depois da Superiora”.*¹³ Pe. Albano, devido à transferência da Superiora local, Irmã Gabriela, aguarda em Madonna di Campagna a Irmã Serafina – Adele Carli, que assumirá o encargo de Superiora daquela comunidade. Irmã Maria – Natália Fainelli havia anotado alguns dias antes em seu diário: *“Santa Missa e discurso do venerado Pai Pe. João Calábria na igreja de San Zeno in Monte para as Irmãs de Verona, Nazareth, San Benedetto e Santuário Madonna di Campagna. Todas reunidas naquela igreja. Depois recebo a obediência, vinda do meu Reverendo Superior Pe. Albano Bussinello, de ir para a Casa de Costozza”.*¹⁴ A Irmã Fainelli aceita de bom ânimo e com fé a decisão tomada a seu respeito; ainda assim, buscando maior serenidade antes de partir para a nova obediência, deseja encontrar-se com o Pe. Calábria para dizer-lhe que a responsabilidade sobre as Irmãs era para ela um peso demasiadamente grave a ser suportado, e que agora se sente aliviada. Pe. Calábria lhe responde com palavras de consolo: *“Eu a aliviei, não é mesmo? Porque os encargos seriam como pesos! Entretanto, estas mudanças são provisórias, o Pe. Albano deve ter-lhe dito. E, se as Irmãs não se ajeitam agora, não sei o que será delas! [...] Por meio do seu sacrifício, aceito de bom grado, espero que o Senhor queira cumprir os seus grandes desígnios sobre as Irmãs”.*¹⁵ A Irmã Maria, consciente também dos seus limites, cumpre o gesto de se ajoelhar diante do venerado Pai para pedir-lhe perdão, mas ao invés disso recebe a bênção paterna. Eis como ela anota este fato em seu diário: *“Ajoelhei-me aos seus pés pedindo-lhe perdão de tudo, mas o Pai não aceitou e me disse: ‘Não peça perdão; não há motivo para tanto. Deus a abençoe, isso sim, largamente, e eu virei muitas vezes a Costozza’. E deu-me uma bênção especial”.*¹⁶

¹² FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Manoscritti*, 9 febbraio 1934, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

¹³ BUSSINELLO, A. *Lettera a Sor. Fainelli*, 6 febbraio 1934, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

¹⁴ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Manoscritti*, 7 febbraio 1934, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

¹⁵ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Manoscritti*, 9 febbraio 1934, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

¹⁶ *Ibid.*

Dois dias depois Irmã Maria – Natália Fainelli deixa San Zeno in Monte “*com uma coirmã*”,¹⁷ dirigindo-se para a Casa de Costozza.

Certamente essa decisão tomada pelos Superiores não fica sem comentários, na medida em que é pouco compreensível a olhos superficiais; tanto que o Pe. Luiz Pedrollo, com todo cuidado, quis enviar à Irmã Maria uma carta, pois a sua saída da comunidade ocorreu improvisamente e ele não teve tempo para saudá-la e para manifestar-lhe os seus sentimentos: “*A medida tomada não pode ocorrer sem dor e sem sacrifício; o momento nos qual somos colocados diante de um cálice de sofrimento representa particularmente a hora de Deus. Ofereça o seu sacrifício pela venerada comunidade das Irmãs, na esperança de que, nas mãos de Maria, oferecido a Jesus, venha a se tornar um ímã de graças e de bênçãos celestiais.*

A aceitação generosa de um sacrifício é aquilo que de mais e melhor podemos oferecer ao Senhor. Diante de uma amargura, todavia, somos tentados a dizer: Senhor, este cálice eu não posso bebê-lo; mas quem dá o valor também o torna tolerável e... com o conforto interno da sua graça. Tenha fé como sempre teve, e siga adiante com esse espírito de fé.

*A sua contribuição à Obra das Irmãs não foi pequena através da sua ação, mas não hesite em dizer que será ainda maior com o seu sacrifício. Diga a si mesma: Dominus est! É o Senhor! Não espere outras razões! É o Senhor que nos é Pai sempre, seja quando nos [...] eleva, seja quando nos rebaixa, se é que se pode falar em elevação e rebaixamento. A verdadeira elevação é a que é assim considerada pelo Senhor; a verdadeira elevação é quando, cumprindo atos de generosidade... nos elevamos e nos mostramos ao Senhor”.*¹⁸

Também o Pe. Natal, diretor e conselheiro espiritual, quer tranquilizar a Irmã Maria – Natália Fainelli em sua consciência. Além disso, exorta-a a favorecer entre as Irmãs a concórdia e a harmonia, no futuro, com esta carta: “*Jesus dizia aos seus apóstolos: ‘O meu alimento é fazer e cumprir a vontade do meu Pai, que está nos céus’. Este deve ser também o alimento das almas a Ele consagradas. A oferta mais agradável que uma alma pode fazer a Ele é a da sua própria vontade. Porque a vontade tem a potência que mais amamos e que nos é mais cara. Seja generosa, aceite tudo das mãos do Senhor com todas as suas forças e Ele a recompensará com grandes graças espirituais e, mais do que tudo, com a paz da consciência, que é o dom mais precioso*

¹⁷ FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Diario*, 9 febbraio 1934, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

¹⁸ PEDROLLO, L. *Lettera a Sor. Fainelli*, 11 febbraio 1934, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

que Ele pode dar à nossa alma neste vale de dor e tribulações. No que depender da senhora, conserve sempre nas coirmãs e entre vocês a concórdia, a paz e a boa harmonia, virtudes que se obtêm, com certeza, à base de sacrifício, isto é, pondo em prática aquilo que recomenda o apóstolo São Paulo: ‘Carregai uns o peso dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo’’.¹⁹

Em fevereiro de 1934 a responsabilidade pela nascente congregação passa para a ser da Irmã Gabriela – Aida Soster, que permanece neste encargo até o final de 1941, ano em que o Pe Calábria chama novamente Irmã Serafina – Adele Carli para o serviço de Superiora de todas as Irmãs.

A Casa-Mãe Santa Toscana

Desde os anos em que as Irmãs estavam em Este o Pe. Calábria já almejava que elas tivessem uma Casa só delas. Em uma carta ao Pe. Battisti, de 1932, ele faz esta referência: “Espero que a Providência mande uma casa para as Irmãs ad hoc; enquanto isso, rezemos e sejamos instrumentos dóceis na sua mão”.²⁰

A questão de dar às Irmãs uma Casa-Mãe foi discutida em janeiro de 1927 pelo conselho maior da Obra, que para elas encontra uma habitação junto ao Santuário Madonna di Campagna.²¹

No começo dos anos trinta do século passado parece realizar-se o sonho de poder adquirir a casa colonial de Santa Toscana,²² que pertence à Sociedade

¹⁹ FADA, G. (padre Natale di Gesù). *Lettera a Sor. Fainelli*, 16 marzo 1934, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

²⁰ CALABRIA, G. *Lettera a don Battisti*, 10 dicembre 1922, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08303.

²¹ É o que aparece nos escritos de N. FAINELLI (Sor. Maria di Gesù). *Diario*, 22 gennaio 1927, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

²² Sobre uma pequena colina, chamada Costiglione, bem perto de San Zeno in Monte, no começo do séc. XIV morava Toscana dei Crescenzi, juntamente com o marido Alberto dagli Occhi di Cane, nobre veronês. Ela era natural de Zevio, onde nascera em 1290.

Desde sua infância amava de modo singular a castidade; todavia, para agradar aos seus pais, casou-se com o nobre veronês, que não era rico mas, ele também, de muita virtude.

Viveu santamente o seu matrimônio dedicando-se, com o consentimento do marido, aos mais generosos exercícios de piedade e caridade; e quando, em 1318, ainda na flor da idade, perdeu o marido, consagrou-se inteiramente a Deus, mesmo permanecendo em sua casa. Mais tarde decidiu retirar-se junto ao Hospital dos “Religiosi Spedalieri”, de São João Batista, tornando-se religiosa da ordem hierosolimitana e sendo, para os doentes, “anjo de caridade”.

Pediu para ser sepultada naquele mesmo hospital, tendo morrido em 1343.

A fama de santidade que a acompanhou em vida continuou após a morte; a veneração do povo por ela crescia dia após dia e isso induziu a autoridade eclesiástica, em setembro do mesmo ano, a exumar o seu corpo e sepultá-lo na Igreja do Santo Sepulcro. Desde 1400 a liturgia da ordem hierosolimitana

Cooperativa das Casas-Albergue de Verona. Trata-se de uma construção em mau estado de conservação, transformada em taverna, tendo por anexos um jardim, uma cripta²³ e o que restou da fachada mal conservada da igrejinha, dedicada precisamente a Santa Toscana. Está localizada no Alto San Nazaro, bairro XVI de Outubro. No térreo, apenas uma sala de trabalho e uma cozinha; no andar de cima, dois quartos, em péssimo estado. Pelo que nos é dado saber o Pe. Calábria tomou posse da Casa justamente no dia da festa de Santa Toscana, 14 de julho de 1931, muito embora a escritura seja posterior, datada de 1936.²⁴ Certamente era preciso reformá-la antes de entregá-la às Irmãs.

O fato de as Irmãs poderem dispor de uma casa só delas já era uma necessidade reconhecida. De fato, o grupo das Irmãs estava em crescimento progressivo, seguindo passo a passo, pode-se dizer, os desenvolvimentos da Casa Buoni Fanciulli. O trabalho escondido e silencioso, desenvolvido com humildade, com grande espírito de abnegação e de sacrifício, vai se irradiando e conquistando o reconhecimento dos jovens alunos das Casas que, ao deixarem o Instituto, sentem a necessidade de agradecer, juntamente com os Irmãos, também as boas Irmãs. O seu número efetivo em 1931 sobe para 36, fazendo surgir a necessidade de terem uma casa própria, capaz de funcionar como centro diretivo e de formação, bem como de hospitalidade para acolhidas e agregadas.

Pe. Calábria volta a esse tema com a Superiora, Irmã Maria – Natália Fainelli. Disso encontramos pistas no diário da congregação, no qual, com data de 21 de agosto de 1931, anota-se: *“O venerado Pai manifestou à Irmã Superiora o desejo de ter uma Casa para as Irmãs, o que realmente seria necessário. Foi visitada uma casa próxima à de Nazareth, mas um pouco mais acima. Foram inclusive iniciadas as tratativas para inicialmente alugá-la e depois eventualmente comprá-la. A primeira resposta foi negativa. A seguir foram retomadas as negociações, e no dia 21 de setembro do mesmo ano novamente o venerado Pai falou da Casa com a Irmã Superiora. Estava presente o Superior, Reverendo Pe. Albano, que acrescentou: ‘Quanto dinheiro temos em caixa?’*

introduz na ordem a missa em sua honra; de 1500 em diante, aproximadamente, a Igreja do Santo Sepulcro começou a ser chamada de Santa Toscana.

Também a casa e o oratório da Santa sobre a colina Costiglione são consagrados ao culto, mas não duram muito. Ao longo dos anos trinta o Pe. Calábria tem a alegria de restaurar este lugar sagrado veronês.

²³ É o último vestígio de um pequeno oratório que segundo a tradição fora frequentado por Santa Toscana, originária de Zevio.

²⁴ A aquisição foi registrada com o ato de compra e venda no dia 28 de março de 1936, nº 8933, pelo escrivão Previtali.

À resposta da Irmã, ‘mil liras’, ele explodiu numa risada. ‘Tenhamos fé, tenhamos fé!’ E abençoou”.²⁵

Em junho de 1933 o conselho da Obra aprova e em 17 de fevereiro de 1934, depois de passar por uma reforma total para se tornar habitável, Santa Toscana se torna apta a receber algumas Irmãs. A inauguração da nova sede, que todavia ainda não é declarada como Casa-Mãe, é precedida por um primeiro retiro de todas as Irmãs presentes em Verona. E em setembro realiza-se lá o primeiro curso de exercícios espirituais, encerrados no dia 24 daquele mês com a presença do Pe. Calábria, que celebrou a Eucaristia.²⁶

Com muito esforço e sacrifício as Irmãs conseguem reformar a cripta transformando-a numa capelinha, inaugurada no dia 28 de abril de 1937 com a santa missa, celebrada pelo Pe. Calábria. A partir daquela data foi mantida de forma permanente a Eucaristia, como o testemunha o próprio Pe. Calábria em seu registro de santas missas: “*Celebrei pela minha pobre alma em Santa Toscana, onde, por graça do Senhor, hoje entrou Jesus Sacramentado*”.²⁷

Em 8 de dezembro do mesmo ano, pela primeira vez, todas as Irmãs se reuniram para renovar os santos votos na pequena capela, utilizada como igreja até 1946, quando foi construída a igreja atual.

Durante a visita apostólica do Abade beneditino Emanuel Caronti ainda pairam dúvidas sobre a sede definitiva das Irmãs. De fato, em Roncà, dia 27 de janeiro de 1938, uma quinta-feira, Pe. Caronti fala com o Pe. Calábria sobre o problema concreto de dar uma definitiva Casa-Mãe às Irmãs. Naquela ocasião, pelo menos pelo que se pode colher da narrativa histórica feita pelo Pe. Pedrollo, eles se limitam a analisar a possibilidade de transferir a sede da Casa-Mãe das Irmãs de Madonna di Campagna. Trata-se de uma hipótese que começa a tomar corpo. No dia 8 de maio seguinte, entretanto, toma-se a decisão de entregar a elas a Casa de San Pancrazio, no bairro Porto San Pancrazio, em Verona: “*Dirigimo-nos [o Pe. Abade, o Pe. Calábria e o Pe. Pedrollo] a San Pancrazio para estabelecer o quid faciendum*²⁸ e, depois de ter

²⁵ *Diario della Congregazione*, 21 agosto 1931, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

²⁶ Cf. *Registro Sante Messe*, 24 settembre 1934, AHPSDP, f. Don Calabria/Registri S. Messe, fld. 1 [1926-1944], c. 1, b. N 02057: “*Para aqueles que oram por mim. Celebrada em Santa Toscana, Irmãs*”.

²⁷ *Registro Sante Messe*, 28 aprile 1937, AHPSDP, f. Don Calabria/Registri S. Messe, fld. 1 [1926-1944], c. 1, b. N 02057.

²⁸ A expressão latina significa “aquilo que deve ser feito; o que fazer”.

*analísado tudo (na volta visitamos também Santa Toscana), decisão: San Pancrazio, Irmãs; Santa Toscana, Pensionato; e a Obra Santo Cura D'Ars...".*²⁹

Na reunião do conselho da Obra realizada no dia 16 de julho foi decidido aderir ao desejo expresso pelo Visitador Apostólico “*referente à mudança de casa das Irmãs; foi encarregado dos trabalhos de adaptação o Irmão Antonio. [...] Santa Toscana. Concorda-se que seja casa-família dos nossos benfeitores*”. Alguns meses depois, na reunião do conselho geral dos Pobres Servos realizada em 9 de dezembro de 1938, presidida pelo visitador apostólico e pelo Pe. Calábria, coerentemente com aquilo que havia sido decidido em maio, foi estabelecido o seguinte: “[ponto 9] *Discute-se a sistematização da morada das Irmãs. Concorda-se que San Pancrazio se constitua regularmente como Casa de noviciado e morada das anciãs, ... Santa Toscana concorda-se que seja casa-família dos nossos benfeitores. Ficam encarregados Pe. Rossi e Irmão Antônio [Consolaro] da elaboração de um projeto de adaptação, bem como do respectivo orçamento; projeto e orçamento deverão ser submetidos ao voto do conselho.*

[ponto 10] *Santa Toscana. Concorda-se que seja casa-família de nossos benfeitores*”.³⁰

O tema foi retomado pelo Pe. Calábria numa carta endereçada ao Pe. Bussinello nos primeiros dias do ano de 1939, almejando às Irmãs “*Que o Senhor lhes dê a Casa, tão necessária, e a formação jurídica*”.³¹

Só que um ano depois muda-se de opinião. Foi concluído o projeto de construção da nova casa de Santa Toscana; no dia 27 de agosto de 1939 o Pe. Caronti o examina, juntamente com o construtor, senhor José Adami, irmão do Pe. Luiz Adami. Na segunda-feira, 28 de agosto, toma a decisão: “*À tarde chega o Pe. Albano, que fala com o Pe. Abade primeiro, e depois com o Pe. João. O Pe. Abade resume a questão: San Pancrazio havia sido escolhida para as Irmãs (noviças e Irmãs anciãs), porque em Santa Toscana pensava-se num pensionato para pessoas benfeitoras... (Pe. João não quer que o pensionato entre no planejamento, a menos que se trate de pessoas de*

²⁹ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 6 maggio 1938, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

³⁰ *Verbali del Consiglio Generale [1932-1949]*, 9 dicembre 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 2.

³¹ CALABRIA, G. *Lettera a don Bussinello*, 14 gennaio 1939, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 2, c. 28, b. 02546.

*especiais benemerências). Em Santa Toscana há o projeto para noviças e Irmãs anciãs; faz algumas observações sobre o projeto e, com essas observações, o aprova”.*³²

Depois de várias hipóteses, finalmente chega-se à decisão favorável pela Casa-Mãe das Irmãs. O conjunto das decisões foi assumido e formalmente aprovado pelo Conselho Geral, presidido pelo Pe. Calábria e sem a presença do Abade Caronti, no dia 8 de setembro seguinte: *“Projeto da Casa a ser construída em Santa Toscana: o Reverendíssimo Padre Abade, Visitador, estabelece como finalidade exclusiva desta Casa: noviciado e casa de repouso para Irmãs anciãs. Submete-se, para conhecimento, o projeto já preparado.*

Ofertas de várias pessoas por meio do Pe. Albano garantem uma contribuição inicial de 4.000 liras.

O Conselho prevê uma despesa muito superior à prevista, de 55.000 liras.

I – Quando o projeto for aprovado pela autoridade, será iniciada a readequação da parte velha já existente. Aprovado por aclamação.

*II – No Conselho foi apresentada a seguinte proposta: antes de afrontar despesas de grande monta para uma sistematização definitiva e radical, sejam especificadas as relações entre a Congregação dos Pobres Servos e as Irmãs. Proposta colocada em votação, o resultado foi: sim, 4; não, 1; branco, 1”.*³³

Deste modo é que se providenciou também à construção da atual estrutura, com projeto do Arquiteto Francesco Banterle, executado pela empresa de construção civil de José Adami. Em 20 de novembro de 1939 começam os trabalhos da nova ala, preparada para dar hospitalidade ao número crescente de Irmãs.

Em 4 de janeiro de 1940 a Superiora geral, Irmã Gabriela – Aida Soster escreve: *“Agora, em Santa Toscana, os trabalhos foram suspensos por um breve período; o gelo não permite mais que se continue. Nós, enquanto isso, vamos recolhendo generosos contributos para que, quando os trabalhos vierem a ser retomados, não venha a faltar nada para fazer tudo e logo. Eu ficaria feliz se vocês pudessem rever agora Santa Toscana: certamente não a reconheceriam mais”.*³⁴ Por ocasião do Natal de 1940

³² PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 28 agosto 1939, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

³³ *Verbali del Consiglio Generale [1932-1949]*, 8 settembre 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 2.

³⁴ SOSTER, A. (Sor. Gabriella di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 4 gnaio 1940, AHPSaDP, fld. Lettere della Superiora generale Sor. Gabriella Soster.

comunica às Irmãs: “No dia da Imaculada fizemos uma linda festa na Casa nova. [...] Santa Toscana velha com certeza não a reconhecerão mais”.³⁵

No dia 7 de abril de 1941 a nova Casa está pronta para ser inaugurada. Na carta dirigida a todas as Irmãs o Pe. Albano Bussinello escreve: “A Providência a quis nestes tempos tão difíceis, quando parecia uma loucura começar, e a quis no lugar assinalado há muitos anos”.³⁶

Em junho de 1941, na Casa Santa Toscana, Casa-Mãe das Irmãs, foi estabelecido o noviciado; além disso, lá são acolhidas as Irmãs anciãs e necessitadas de assistência.

O contentamento do Pe. Calábria em saber que elas finalmente estão bem instaladas aparece numa carta aos seus religiosos, na qual escreve: “Mas aqui sinto o dever de acrescentar uma palavra também para as nossas boas Irmãs; elas também estão se encaminhando para uma sistematização definitiva e para a aprovação. Estou feliz pelo bom espírito pelo qual são animadas. Agora elas têm a sua Casa-Mãe, onde encontra-se também o noviciado. O Senhor vai devagar; aliás, é característico das suas obras a lentidão, mas Ele, a seu tempo, amadurece os seus desígnios. Oremos para que também para as Irmãs se cumpra a santa vontade do Senhor”.³⁷

Em junho de 1941 apresenta-se um benfeitor, o senhor Adami, que manifesta o desejo de oferecer à Casa uma lápide de mármore com a seguinte inscrição: “Cargos perpétuos da Casa de Santa Toscana

Dono Absoluto, do qual em tudo se deve depender, é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dona, a sua Santíssima Mãe – a Virgem Imaculada

Conselheiras Santa Toscana – Santa Teresa de Jesus – Santa Francisca de Chantal – Santa Teresa do Menino Jesus

Secretária – Bem-Aventurada Madalena de Canossa

Ecônomo – São José

Caixa – São Caetano

Componentes – Pobres Servas”.³⁸

³⁵ SOSTER, A. (Sor. Gabriella di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, S. Natale 1940, AHPSaDP, fld. Lettere della Superiora generale Sor. Gabriella Soster.

³⁶ BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 7 aprile 1941, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

³⁷ CALABRIA, G. *Lettera ai Religiosi*, 6 febbraio 1942, AHPSaDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 9, b. B 01703.

³⁸ *Cronistoria della Congregazione*, luglio 1941, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

Em 1943 pensa-se na edificação de uma igreja que recupere, mediante uma reconstrução, a fachada do oratório de Santa Toscana. Para continuar os trabalhos já iniciados no ano de 1943 mais uma vez recorre-se a José Adami em abril de 1946. Interpelado pela segunda vez, ele responde que certamente não fará nada, ou então será preciso esperar mais um ano, porque naquele momento ele não se acha em condições; a igreja precisa ser construída, mas isso é para depois. A pessoa que o contactou ficou muito amargurada. À Superiora geral, Irmã Serafina, depois de ter se dirigido em oração ao Pe. Leopoldo,³⁹ veio a inspiração de utilizar o material do refúgio que poderia servir pelo menos em parte. Mas no dia seguinte, bem cedo, o senhor Adami se apresentou, dizendo que era bom começar logo a igreja; isso porque ele não tinha conseguido dormir a noite toda, tal era o estado de agitação em que se encontrava, até que se deu conta de que a causa de tudo era a sua rejeição expressa a começar aos trabalhos. O Senhor, deste modo, o fez entender que não se podia mais esperar mais para começar os trabalhos.

No dia 4 de junho de 1946 começam os trabalhos da igreja; lançam mãos à obra José Adami, mestre de obras, que tem sob suas ordens um operário e a jovem Irmã Carmela Perlini. Várias Irmãs pedem para fazer uma novena ao Pe. Leopoldo para pedir que a Providência se manifeste; enquanto isso, de Antonietta Secagno, de Nápoles, chega uma oferta de 300.000 liras. Uma estátua do Coração Imaculado de Maria, em madeira e trabalhada à mão por um artista de Val Gardena, doada em 13 de novembro de 1946, foi abençoada pelo Pe. Luiz Pedrollo no dia 29 de novembro, no começo da novena da Imaculada. Ademais, foi celebrada a santa missa pela primeira vez com um altar de madeira, emprestado pela Casa de Costozza.

Domingo, 25 de janeiro de 1948, o bispo de Verona, Jerônimo Cardinale, veio pela primeira vez à Casa-Mãe. Visita os locais do andar térreo, o refeitório e a cozinha, e tomou um café, recomendando às Irmãs que se ponham sob o manto de Nossa Senhora e lhe sejam muito devotas.

Depois de várias reformas e reestruturações, o resultado foi uma construção de grande simplicidade, em dois andares em forma de “L”, com duas séries de janelas com

³⁹ Leopoldo Mandic, nascido no dia 12 de maio de 1866 em Castelnuovo di Cattaro (Croácia), na Dalmácia meridional, aos dezesseis anos entra para os capuchinhos de Veneza. Colabora na reunificação com a Igreja Ortodoxa, desejo que não se realiza, porque nos mosteiros onde ele é designado lhe são confiados outros encargos. Dedicou-se sobretudo ao ministério da Confissão e em particular a confessar outros sacerdotes. De 1906 em diante desempenha esse seu ministério em Pádua. É apreciado pela sua extraordinária piedade. Morre em Pádua, no dia 30 de julho de 1942. Beatificado em 1976, é canonizado em 1983.

moldura. Completa uma das duas alas, a que está voltada para o Norte, sobreposta à antiga cripta, a igreja em forma de cruz latina, onde, à direita da nave central, olhando para o altar, desde 1976 estão conservados os restos mortais da Irmã Maria Galbusera.

“Os móveis”

Dentre os temas a serem desenvolvidos, sugeridos pelo Pe. Calábria às Irmãs, é interessante o de 8 de dezembro de 1933, intitulado “*Nós somos os móveis da casa do bom Deus. Pensamentos e reflexões*”. Dos textos conservados, particularmente significativo é o da Irmã Inês Nazzarena Bezzan,⁴⁰ porque ilustra a posição e o estado em que se encontra a Casa de Santa Toscana, mas sobretudo oferecendo uma original leitura espiritual do acontecimento: “*A casa do bom Deus existe – afirmou o nosso veneradíssimo Pai; é verdade, existe, graças ao céu, e se encontra numa posição encantadora: ela domina a cidade! Está destruída, mas logo será refeita novamente pela caridade dos nossos bons Superiores; e felizes daquelas Irmãs que, tendo se tornado dignas, serão chamadas pela bondade divina a habitá-la!*”

Em sentido figurado elas representam os móveis que deverão adornar a casa do bom Deus.

Os móveis, escolhidos pelos Superiores para embelezar a nova morada, serão preparados da melhor forma possível, e cada um será colocado na parede mais apta a ocupá-lo. Estes, por natureza, deixam-se tratar de todos os modos: tirar o pó, limpar, envernizar e, se for preciso, também aplinar e polir. São dóceis com quem deles se aproxima; se entendem perfeitamente entre eles e estão sempre tranquilos e silenciosos. Não são melindrosos, nem se chateiam. Não têm desejos de qualquer tipo, nem tem crises. Estão sempre atentos a qualquer sinal superior, mesmo que isso prejudique a sua própria vida, desde que seja para o bem da casa do bom Deus. Deixam-se trabalhar dependendo da vontade de quem deles se ocupa diretamente. Numa palavra, não têm vontade própria, não se opõem a ordens ou sugestões de outros, vivem todos

⁴⁰ Inês Nazarena Bezzan, natural de Florença, entra na Obra em 7 de abril de 1930, emite sua primeira profissão no dia 6 de janeiro de 1932 e sai em 12 de outubro de 1938. Nesta data a Irmã Maria – Natália Fainelli escreve: “*Hoje a Irmã Nazarena Inês Bezzan deixou definitivamente a vida da nossa comunidade e, aconselhada pelo nosso venerado Pai, retornou para a sua família em Florença. O Pai lhe garantiu ser essa a vontade de Deus, à qual ela aderiu de bom grado, até porque o Pai havia acrescentado: ‘A senhora faz mais bem lá fora, no mundo, do que aqui dentro...’*” (FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Diario*, 12 ottobre 1938, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2).

do mesmo modo, colaborando assim para a boa ordem, para a regularidade, para a boa concordância, e desta forma dão glória ao bom Deus. Mas ai se forem atacados pelo cupim...! Um móvel, ao ser afetado por esse mal, deve ser jogado fora de casa; ou então deve ser vendido, por pouco dinheiro, ao primeiro varredor que passar pela rua. Enfim, se os móveis fossem dotados de pensamento, deveriam pensar que estão submissos ao espírito de sacrifício e de abandono.

Se a casa do bom Deus for assim santificada irá se tornar um paraíso na terra! Este foi, e ainda é, o sonho mais ardente de toda a minha vida; para alcançá-lo é preciso⁴¹ sofrer, e o sofrer pelo Senhor já é uma grande designação⁴²...! Só através da cruz, sobre as ruínas do próprio eu, pode-se alcançar o grande ideal cristão da perfeita caridade!”⁴³

O noviciado

O primeiro traço da existência das noviças pode ser encontrado repassando-se os acontecimentos da Casa do Santíssimo Redentor em Este, onde se nota que são numerosas: em 1922 são quinze, e sua mestra é a Irmã Clara de Jesus – Antonietta Secagno.

As escolhas envolvendo a Casa de Este representam um grande golpe para o noviciado. O próprio Pe. Calábria aconselha o Pe. Battisti, em suas cartas, a procurar “afastar todas aquelas Irmãs, ou melhor, noviças, que são afastáveis...”,⁴⁴ ou “que não têm saúde, ou que não correspondam...” ao espírito da Obra.⁴⁵ As novicias que ficam são as seguintes:

NOME	INGRESSO
1. Teresa Nalato	02/07/1920
2. Regina Zabeo	02/07/1920
3. Malvina Zamperetti	03/08/1920

⁴¹ No original usa-se a expressão “fa d’uopo” com o sentido de “é necessário”.

⁴² O termo “designação” indica “chamado”.

⁴³ BEZZAN, I. N. *Noi siamo i mobili... pensieri e riflessioni*, 8 dicembre 1933, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 15, c. 167/1.

⁴⁴ CALABRIA, G. *Lettere a don Battisti*, 20 maggio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08283.

⁴⁵ Cf. G. CALABRIA. *Lettere a don Battisti*, 5 luglio 1923, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Confratelli, fld. 1, c. 8, b. 08288.

4. Maria Bianchini	03/09/1920
5. Maria Gagliardo	01/10/1920
6. Maria Assunta Contin	20/11/1920
7. Josefina Centa	07/12/1920
8. Ângela Centa	07/12/1920
9. Lia Baesso	01/02/1921
10. Adélia Fantato	08/05/1921
11. Maria De Lorenzo	22/08/1921

Essas noviças transcorrem longos anos de espera, durante os quais vivem dispersas nas várias comunidades. A mestra delas retorna para a sua casa em dezembro de 1924 por problemas de saúde, e as noviças passam a ser acompanhadas pelas Irmãs.

Alguns anos depois o Pe. Albano Bussinello dirige a todas estas palavras: *“Vocês estão se preparando também para a renovação dos santos votos na festa da Epifania. Que o Espírito Santo lhes dê a graça de fazê-los bem, e a força de mantê-los à custa de qualquer sacrifício. A vocês outras seis noviças se unirão naquele dia, passando assim a ser Irmãs efetivas da Casa”*.⁴⁶

No dia 6 de janeiro de 1928 finalmente emitem a primeira profissão religiosa⁴⁷ as seguintes Irmãs: Malvina Zamperetti, Maria Gagliardo, Maria Assunta Contin e Josefina Centa, juntando-se a Teresa Nalato e Lia Baesso que haviam emitido os votos alguns dias antes, no dia 28 de dezembro de 1927. As demais: Regina Zabeo, Maria Bianchini, Ângela Centa e Adélia Fantato professam os votos no dia 9 de agosto de 1928,⁴⁸ enquanto que a noviça Maria De Lorenzo, que muito queria se consagrar, veio a falecer no hospital civil de Verona no dia 16 de março de 1928.

1927 se torna o ano que marca o fim de tantas incertezas, e novas jovens pedem para conhecer a Obra. Trata-se de:

⁴⁶ BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 18 dicembre 1927, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

⁴⁷ No Registro das Profissões foi erroneamente anotado o dia 6 de janeiro de 1927 como a data na qual foi realizada a primeira profissão dessas Irmãs, ao passo que a carta do Pe. Albano Bussinello de 18 de dezembro de 1927 anuncia a primeira profissão das seis noviças *“na festa da Epifania”*, isto é, 6 de janeiro de 1928 (BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 18 dicembre 1927, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle). Também o testemunho da Irmã Maria Assunta Contin o confirma: *“A primeira vez que eu fiz os santos votos juntamente com as Irmãs foi no dia 6 de janeiro de 1928, oito anos depois do meu ingresso”* (CONTIN, M. A. *Quadernetto*, senza data, AHPSaDP, fld. fascicolo personale Sorella Maria Assunta Contin).

⁴⁸ *Registro delle professioni*, AHPSaDP, fld. Registri.

NOME	INGRESSO
1. Luisa Rizzi	23/07/1927
2. Teresa Soga	24/07/1927
3. Maria Orlandi	25/07/1927
4. Inês Cogo	07/12/1927

Com elas é retomado o noviciado, que com o postulado instala-se “na Casinha, junto ao Instituto Buoni Fanciulli”,⁴⁹ ou seja, na “Pequeníssima Casinha de Nazaré”; como mestra de noviças foi designada a Irmã Imelda – Maria Fannio,⁵⁰ e é ela que acompanha também o grupinho das postulantes. Com este espírito ela se prepara para desempenhar a missão que lhe foi confiada, como o afirma na carta em resposta ao Pe. Pedrollo: “O texto que o senhor me enviou pela Inês⁵¹ me deixou realmente perplexa, tamanha a doçura e a bondade! Agradeço-lhe pela sua atenção, pelas boas palavras, pelas orações que o senhor prometeu, com as quais eu conto muito e das quais muito necessito!

*A pequena lista de aspirantes aumentou e, quanto a mim, aumentam compromissos e deveres, já que a causa delas é confiada a mim... O que me dizem é que será o Senhor a agir... Reze para que eu não incomode o seu trabalho; pelo contrário, apesar da minha miséria, que eu o facilite e que por nenhuma razão, mesmo pequena, nada seja tirado da glória que lhe é devida”.*⁵²

A formação das novas aspirantes à vida religiosa pode contar com as disposições constantes no *Regulamento* de 1928, o qual, no que se refere ao noviciado, estabelece: “Quando uma jovem se sentir chamada a entrar para as Pobres Servas da Providência [...] será admitida como postulante para um primeiro período de provação, que durará seis meses [...].

O Instituto, atendo-se ao santo respeito devido à sua própria liberdade, convida a postulante a passar esse tempo numa das suas Casas, na qual, sem compromisso ou promessa, usando veste secular que deverá ser modestíssima, nada mais tem a fazer a não ser ver e deixar-se conhecer. [...] Deve deixar-se conhecer, e para isso abrirá o coração à Superiora, a consciência ao confessor, e sobretudo a alma a Deus, com a

⁴⁹ *Cronistoria della Congregazione*, 24 dicembre 1927, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ Trata-se da postulante Inês Cogo, que entrara na Obra alguns dias antes.

⁵² FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera a don Pedrollo*, 9 dicembre 1927, AHPSaDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

*sinceridade da oração. [...] Da parte dos Superiores é dever deles observar com diligência e exatidão os dotes espirituais, morais e manuais da postulante, além da sua vocação, para saber se realmente é chamada ao Instituto ao qual aspira, se é apta a assumir o seu verdadeiro espírito e se é apta às obras por este atendidas. A postulante, durante o período de provação, será instruída e exercitada nas virtudes religiosas e no espírito do Instituto, habilitando-se naquilo que lhe poderá ser útil e nos verdadeiros ofícios e ocupações nos quais poderá ser empregada”.*⁵³

Terminado o tempo de noviciado começa o do postulado com a imposição do crucifixo, que deverá ser usado até à primeira profissão: *“O tempo do noviciado dura dois anos, durante o qual a noviça deve procurar conhecer e estudar nosso Senhor Jesus Cristo para amá-lo, as suas disposições interiores para a elas uniformizar-se, as suas virtudes para imitar e praticar, primeiro as que deverão a Ele ligá-la através dos santos votos”.*⁵⁴ *“A noviça, por isso, deve se dedicar, sob a direção da mestra, à formação do espírito, ao estudo do Regulamento, à oração, à instrução acerca dos votos e das virtudes, aos exercícios oportunos para emendar os defeitos, à repressão das paixões desordenadas, à aquisição das virtudes próprias de uma alma, que quer ser toda de Deus, como também ao conhecimento das verdades e deveres da religião, bem como a aprender e recitar com exatidão as orações da Igreja”.*⁵⁵ O noviciado é concluído com os santos votos, e mais precisamente: *“As que forem julgadas dignas emitirão os votos simples de pobreza, castidade e obediência. Serão emitidos por um ano, renováveis ad annum. [...] Aos três votos acrescenta-se um sincero propósito de viver abandonadas à divina Providência, segundo o espírito particular do Instituto”.*⁵⁶

Às Irmãs não faltam problemas, dentre os quais a saída, em março de 1929, da mestra de noviças, Irmã Imelda – Maria Fannio, substituída provisoriamente pela Irmã Gabriela – Aida Soster.⁵⁷

Em 27 de setembro de 1932 o noviciado é transferido da “Pequeníssima Casa de Nazaré” para a comunidade de Madonna di Campagna.⁵⁸

Numa carta sem data, mas que pelo seu conteúdo deduz-se ter sido escrita nesse período, a madre mestra que estava de saída, Irmã Imelda, preanuncia com delicadeza às

⁵³ *Regolamento*, prima stesura 1928, AHPSaDP, fld. Costituzioni 2, c. Regolamento 1928, pp. 9-10.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 11.

⁵⁵ *Ibid.*, p. 13.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 14.

⁵⁷ Cf. *Diario della Congregazione*, 9 gennaio 1933, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

⁵⁸ Cf. *Ibid.*, 27 settembre 1932.

Irmãs a sua transferência para aquela que em breve será a sua nova comunidade: “Boas Irmãs, a divina Providência dispõe que eu deixe a Casinha para ir a San Michele, que eu deixe estas Irmãs para estar entre elas. A vontade de Deus é sempre adorável e cara, e o será também para nós que a ela aderimos de coração. Amanhã, portanto, estarei lá; o Senhor as abençoe, e nos corações santíssimos de Jesus e de Maria me creiam”.⁵⁹

A decisão da madre mestra preocupa o Pe. Calábria, o qual, como sempre nos momentos de dificuldade, dirige-se ao seu diretor espiritual Pe. Natal em busca de conselho; este lhe responde com uma carta: “Pensei muito, no Senhor, na proposta que o senhor me fez em relação às Irmãs, ou seja, de pedir ao Instituto Ursulinas uma irmã ad hoc para formá-las no espírito da Casa e para reorganizá-las entre elas... Vou lhe dizer francamente aquilo que eu sinto no Senhor, isto é, que este meio me parece ser por demais humilhante para as Irmãs atuais e de pouca honra para a Casa e sacerdotes desta.

*Digo-lhe no Senhor que a Irmã Serafina, que conheço desde quando entrei... creio ser apta pela caridade e prudência para formar boas Irmãs segundo o espírito da Casa. Como vê, não se trata de uma ordem, mas de um conselho. Entendamo-nos bem: desde que seja livre e que não esteja de mãos atadas, ou seja, que tenha a vigilância apenas do Superior”.*⁶⁰

Não está documentado que o Pe. Calábria tenha nomeado a Irmã Serafina mestra de noviças, seguindo as indicações do Pe. Natal, mas ela pode ter desenvolvido esta função por alguns anos, no período de 1934 a 1941, durante a gestão da Irmã Gabriela como Superiora geral. Pode-se pensar que a Irmã Serafina tenha sido nomeada mestra de noviças pelo Pe. Calábria depois de 1931, acompanhando o parecer do Pe. Natal. À espera da Casa-Mãe o noviciado continua instalado na Casa Madonna di Campagna, onde permanece por nove anos, até 22 de junho de 1941, dia em que, com a conclusão dos exercícios espirituais, estabelece-se definitivamente na Casa-Mãe de Santa Toscana.⁶¹

Em setembro de 1941 foi designada a Irmã Inês Cogo como mestra de noviças, ficando no cargo até 11 de fevereiro de 1951, quando é nomeada Superiora geral das Irmãs, enquanto o encargo de formadora das novas vocações femininas na Obra passa

⁵⁹ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Lettera alle Sorelle di Madonna di Campagna*, senza data, AHPSaDP, fld. Imelda Fannio 1.

⁶⁰ FADA, G. (padre Natale di Gesù). *Lettera a don Calabria*, senza data, AHPSaDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 154, c. 555/6 corrispondenza a don Calabria [non datata].

⁶¹ *Cronistoria della Congregazione*, giugno 1941, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

para a Irmã Dolores Vacca.⁶² No dia 13 de junho de 1958, festa do Sagrado Coração, a casa de noviciado instalada junto à Casa-Mãe e abençoada pelo Pe. Luiz Pedrollo foi colocada sob a especial proteção de São José. Naquela ocasião o encargo de mestra das noviças e postulantes foi assumido novamente pela Irmã Gabriela – Aida Soster.⁶³

A obra do Abade Caronti em favor das Irmãs

O visitador apostólico, Pe. Emanuel Caronti, que acompanha a Obra no período compreendido entre 1937 e 1946, discute a situação jurídica das Irmãs com o Pe. Calábria e com o Pe. Pedrollo, não se sabe se na presença também de outros conselheiros, no dia 19 de abril de 1937.⁶⁴ Ele precisa levar o problema a Roma, junto à Sagrada Congregação dos Religiosos. Com efeito, no início de agosto de 1937 escreve uma importante carta ao Pe. Calábria na qual comunica ter recebido da Sagrada Congregação o encargo oficial de rever as *Constituições* dos Pobres Servos da Divina Providência e de ter a intenção, entregando-as revisadas, de apresentar ao mesmo tempo o pedido para obter o *Decretum laudis*; no terceiro ponto, em nada marginal, insere o tema das Irmãs.⁶⁵

Nas cartas ele identifica, aconselhado provavelmente por algum representante da Congregação dos Religiosos, um procedimento para chegar à aprovação diocesana do ramo feminina da Obra, como ele mesmo comunica ao Pe. Calábria. Eis o que ele escreve a este respeito:

“III. As Irmãs

*Esta questão é mais difícil. Canonicamente elas não estão erigidas em Instituto religioso. E tudo depende do Ordinário da diocese. Para evitar o eventual obstáculo com o qual poderemos nos deparar mais adiante sugeriram-me o seguinte modus procedendi.*⁶⁶

1) Eu serei oficialmente encarregado de estudar e tratar a questão;

⁶² *Libro dei Verballi*, 15 maggio 1952, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verballi dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958.

⁶³ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 13 giugno 1958, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1. Confirmação disso encontra-se em algumas cartas enviadas pelas noviças ao Pe. Calábria, tendo a assinatura da Irmã Gabriela por responsável.

⁶⁴ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 20 aprile 1937, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

⁶⁵ Cf. E. CARONTI. *Lettera a don Calabria*, 9 agosto 1937, AHPSDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 76, c. 197/4.

⁶⁶ A expressão latina significa “modo de proceder”.

2) *Quando eu receber esse encargo, vou me dirigir aos bispos, em cujas dioceses há Casas das nossas irmãs, para pedir se existem dificuldades, e eventualmente quais, para que as Irmãs sejam constituídas em congregação religiosa de direito diocesano;*

3) *Dependendo das respostas, veremos o que se pode fazer*".⁶⁷

O Abade tem a intenção de começar esse procedimento bem rapidamente; de fato, no dia 2 de outubro seguinte, quando encontra o Pe. Calábria ao passar por Verona a caminho da Polônia, o Pe. Pedrollo anota: "*Quanto às Irmãs afirma-se que seja necessária e urgente uma visita para interrogá-las. Voltaremos a tratar disso. O Pe. Abade diz que virá depois do dia 20 de outubro e que ficará alguns dias*".⁶⁸

No dia 8 de dezembro de 1937, na capelinha da Casa Santa Toscana, todas as Irmãs de Verona se reúnem para a renovação dos votos. Depois da celebração, o Pe. Bussinello as convida a rezar porque, tal como a congregação masculina que deu um grande passo, da mesma forma também a das Irmãs parece estar bem encaminhada. De fato, as autoridades eclesiásticas de Roma deram o encargo ao Abade Caronti, visitador apostólico, de se encontrar com as Irmãs e de interrogá-las para verificar se na nascente família existe e reina a caridade; da vida delas depende o andamento dos procedimentos em vista da aprovação da Obra. Além disso, comunica que as *Constituições* foram bem acolhidas em Roma, onde as autoridades eclesiásticas ficaram satisfeitas também com as informações recebidas. Pe. Calábria fez muito pelas Irmãs, e também os Irmãos colaboraram dando informações.

O Pe. Abade efetivamente começa a contatar as comunidades e a chamar para um colóquio em separado todas as Irmãs a partir do dia 18 de janeiro de 1938.⁶⁹

Em relação ao estatuto das Irmãs registra-se uma importante discussão entre o Pe. Bussinello, o Pe. Calábria e o Abade Caronti, que no dia 28 de agosto de 1939 "*coloca a questão nos seguintes termos: As Irmãs devem fazer parte do conjunto da Obra, devem ser uma emanação da Obra. Os Superiores da congregação devem ser os Superiores do ramo feminino. O qual, todavia, deve viver com uma certa independência*".⁷⁰

⁶⁷ Cf. E. CARONTI. *Lettera a don Calabria*, 9 agosto 1937, AHPSDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 76, c. 197/4.

⁶⁸ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 2 ottobre 1937, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

⁶⁹ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 18 gennaio 1938, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

⁷⁰ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 28 agosto 1939, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

Pe. Pedrollo volta a descrever a ação do visitador apostólico referente às Irmãs cerca de dois anos depois, quando o próprio Abade toma uma outra importante decisão atribuindo a si mesmo a tarefa de dirigir as Irmãs, depois de exonerar do encargo o Pe. Albano Bussinello. O Pe. Abade tem a sensação de que uma espécie de mal-estar circule entre as Irmãs, como escreve ao Pe. Calábria no dia 3 de maio de 1941: “*Tive a confirmação da necessidade de que a questão das nossas Irmãs seja quanto antes afrontada e resolvida. Há a Irmã [...] que [...] alguns anos atrás [...] havia me falado longamente das suas dificuldades e que estava decidida a sair da congregação, tendo em mente projetos que me parecem fruto de uma exaltação espiritual. Procurei acalmá-la da melhor forma que eu pude, mas parece que de alguns meses para cá ela não tenha mais descanso. Com palavras muito cautelosas eu lhe disse que fique calma e que espere pacientemente pelo Senhor, que haveria de remediar tudo; e com isso eu pensava nos remédios que devem ser adotados no andamento das nossas Irmãs. Ela, no entanto, a partir dessas minhas palavras, arquitetou uma ‘nova Obra’, sendo nisso apoiada pelo seu diretor. Este é um caso. Mas sabemos que outras almas ainda estão em pena.*”

*E por isso é preciso agir. A casa de Santa Toscana já deve estar pronta, e portanto não temos mais esse obstáculo”.*⁷¹

De fato, o Pe. Caronti, homem muito decidido no governo, age: chama o Pe. Albano, retira-lhe com toda cortesia o encargo, e assume pessoalmente a direção das Irmãs. Mas eis o que escreve o Pe. Pedrollo: “*30 de agosto de 1941. Descendo de Camposilvano encontro-me com o Padre Abade, que está aqui desde anteontem (28). Vou saudá-lo. As coisas a serem tratadas são: a) referente às Irmãs; b) referente às mudanças – em Nazareth – em Maguzzano. Pe. Albano vem hoje à tarde, e o Pe. Abade lhe comunica a decisão de assumir ele próprio a responsabilidade e a direção das Irmãs. Pe. Albano não apresenta nenhuma dificuldade. Deo gratias!*”⁷² Não podendo, porém, o Abade, estar fisicamente presente para gerenciar os vários aspectos exigidos pelo encargo, designa como seus delegados: *Pe. Adami: retiros e parte espiritual das Irmãs – Pe. Pedrollo, para todas as necessidades materiais*”⁷³

⁷¹ Cf. E. CARONTI. *Lettera a don Calabria*, 3 maggio 1941, AHPSDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 77, c. 197/11.

⁷² PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 2 settembre 1941, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

⁷³ *Ibid.*, 30 agosto – 1 settembre 1941.

O visitador apostólico, todavia, demonstra querer atuar em primeira pessoa no governo das Irmãs, decidindo sobre a destinação delas para as várias Casas: “31 de agosto. O Pe. Abade fala com a Superiora.⁷⁴ Ela é suficientemente preparada. Para onde deve enviá-la? Para Roma? Para Costozza? No final, o Pe. Abade a destina para Garda”.⁷⁵ No dia seguinte o Pe. Pedrollo, acompanhado do Pe. Abade, vai até Garda para pôr em prática as decisões tomadas, ou seja, retirar da Villa Garda as duas Irmãs: Serafina – Adele Carli e Inês Cogo. Ele próprio o recorda: “Fomos até o Dr. Bussinello, o qual sente muito. Sobre a Irmã Inês Cogo ele observa que ela não poderá desempenhar uma tarefa de responsabilidade. Habilmente o Padre desvia deste tema a conversação. Restam fixos os seguintes pontos: com calma retirar as Irmãs, Irmã Serafina Carli deve sair logo, Irmã Inês Cogo a seguir. Ao retornarmos, o Pe. Abade me falou da dificuldade do Pe. Calábria em estabelecer, para as Irmãs em serviço nas várias Casas, um pagamento mensal. Ele não vê outras soluções mais práticas. Deixa a nós a decisão”.⁷⁶

O Pe. Abade informa as Irmãs acerca das novas disposições enviando-lhes a seguinte carta, datada de 2 de setembro de 1941: “Disposições referentes às Irmãs:

1º - Enquanto não se estabelecer o contrário, a direção das Irmãs, em tudo o que diz respeito à disciplina geral, é atribuída a nós (Abade Caronti e Pe. Calábria).

2º - Pe. Luiz Adami foi encarregado de semanalmente proferir uma instrução na Casa de noviciado, bem como os retiros mensais em todas as casas do Vêneto.

3º - A Casa de Santa Toscana é a sede do noviciado e das Irmãs velhas e impotentes ou de algum modo necessitadas de particular assistência.

4º - Superiora geral das Irmãs será a Irmã Serafina Carli.

5º - A Superiora geral, com toda diligência, cuidará para que nas Irmãs seja conservado e desenvolvido o espírito do Fundador, espírito de simplicidade, de pobreza, de submissão e de total dedicação à Obra.

6º - Para tudo o que disser respeito à parte material, a Superiora geral terá como referência o Pe. Luiz Pedrollo, o qual, dependendo dos casos, tomará as devidas decisões”.⁷⁷

⁷⁴ A referência é à Irmã Gabriela – Aida Soster, Superiora que estava deixando o cargo.

⁷⁵ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 30 agosto 1941, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

⁷⁶ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 30 agosto e 1 settembre 1941, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

⁷⁷ *Cronistoria della Congregazione*, 2 settembre 1941, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

A carta do Abade Caronti foi acompanhada, no verso, pelo seguinte texto do Pe. Calábria: *“Ao enviar-lhes cópia das disposições emanadas pelo Reverendo Padre Visitador apostólico, nosso verdadeiro anjo, que nos foi enviado pela divina Providência para o bem de toda a Obra, exorto-as a recebê-las com grande espírito de fé, vendo nelas o Senhor.*

*A Obra das Irmãs nasceu passo a passo com a Obra dos Irmãos, deve viver com o mesmo espírito; bendigamos de coração ao Senhor porque finalmente também esta Obra, pela qual com vocês eu também tenho rezado e sofrido, está posta sobre o seu justo binário, tanto por vocês quanto por nós desejado. Cabe a vocês, agora, não deixar que ela se desvie, para que os grandes e divinos desígnios se cumpram. Mas para isso é necessário viver o primitivo espírito de humildade, de simplicidade, de submissão, de fé e de abandono, viver como trapos e como argila, nas mãos do Casante presente e futuro, que também para vocês ocupa o lugar de Deus; viver para o Senhor, trabalhar e sofrer por Ele, dispostas a tudo, solícitas em observar a grande lei da caridade e da união recíproca que in visceribus Christis⁷⁸ tanto, mas tanto eu lhes recomendo, como já lhes disse. Se eu viesse a saber que uma Irmã não tem caridade, eu gostaria de me ajoelhar diante dela e de lhe suplicar que vá embora, para que não acabe arruinando os desígnios de Deus. Mas eu espero que vocês coloquem todo empenho na Obra da sua santificação; e eu, por mais pobrezinho que seja, em nome de Jesus bendito, Dono Absoluto desta Obra, lhes prometo, da parte dele, graças e bênçãos. A Obra será também para vocês saúde e ressurreição, a divina embarcação que as levará felizmente ao porto da eterna salvação”.*⁷⁹

No que diz respeito à questão econômica das Irmãs o conselho geral, depois de ter discutido sobre o assunto em 8 de setembro, no dia 29 de novembro seguinte toma a seguinte decisão: *“Retomemos o argumento das Irmãs, já tratado na reunião do dia 8 de setembro, no número 3. Estabelecido que o Reverendo padre abade deseja que se defina logo a consistência econômica das Irmãs, e que sugere dar-lhes uma gratificação fixa pelas prestações de serviço em cada uma das Casas, decide-se, depois de madura reflexão: para cada Irmã de trabalho efetivo cada Casa contribuirá com*

⁷⁸ A expressão latina “in visceribus Christus” significa “nas vísceras de Cristo”.

⁷⁹ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 2 settembre 1941, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1939 al 1944, b. N 01949.

500 liras de oferta anual, além da alimentação. Essa determinação passará a vigorar no dia 1º de janeiro de 1942”.⁸⁰

A questão da recompensa econômica mensal das Irmãs pelo serviço prestado na cozinha, na rouparia e na lavanderia das Casas Buoni Fanciulli poderia parecer um aspecto secundário se não acabasse evidenciando uma distinção gerencial entre o ramo masculino e o ramo feminino da Obra.

É preciso observar que o abade busca a concordância do Pe. Calábria também do ponto de vista disciplinar, para proibir as Irmãs de manterem contato com uma pessoa da qual não se cita o nome. Trata-se do único caso documentado até o presente momento. Na carta dirigida ao Pe. Calábria⁸¹ foi juntado o anexo anônimo.

Não está documentado o papel desempenhado pelo visitador apostólico na questão de 1946, quando o bispo diocesano espontaneamente se ofereceu para aprovar a congregação das Irmãs. O simples aceno numa carta que lhe foi enviada pelo Pe. Calábria faz entender, de todo modo, que o seu interesse pelo ramo das Irmãs não diminuiu durante os longos anos de sua visita. Escreve o Pe. Calábria na Quaresma de 1946: *“Reverendíssimo e caro padre, quanto desejo notícias suas. Eu lhe escrevi, e o trago sempre na mente e no coração. Estou certo da caridade grande das suas orações, das quais tenho grande necessidade para fazer até o fim a divina vontade. Desejo muito também uma resposta quanto às Irmãs. As almas e as obras de Deus quanto custam! Abençoe-me, e abençoe a obra grande do Senhor”*.⁸²

⁸⁰ *Verbali del Consiglio Generale (1932-1949)*, 29 novembre 1941, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale: Verbali, fld. 1, c. 2.

⁸¹ Cf. E. CARONTI. *Lettera a don Calabria*, 9 agosto 1942, AHPSDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 77, c. 197/11. Este é o conteúdo da carta: *“Santa Maria della Scala, 9 de agosto de 1942. Reverendíssimo e caríssimo Padre... Creio que o senhor já tenha conhecimento do documento que estou lhe enviando em anexo. A pessoa em tela, como já lhe disse, dirigiu-se a mim, e eu o enviei à Vossa Paternidade, e depois disso nunca mais a vi ou lhe escrevi. O que o senhor acha? Eu seria da opinião de proibir às nossas Irmãs qualquer tipo de contato. Mas vou aguardar para ver o seu parecer a respeito”*. Eis a resposta do Pe. Calábria: *“Reverendíssimo e caro Padre [...] Recebi a sua carta, e li a carta daquela pobre alma; e senti muita pena, porque claramente esta pessoa demonstrou não ter nenhum espírito da Obra, nem mesmo como agregada. As obras o Senhor é quem as faz; nós, pelo que somos, nada mais podemos fazer a não ser arruiná-las. Há tempos ela apresentou o pedido para ser aceita entre as Irmãs e estávamos a ponto de permitir-lhe isso como hóspede; mas depois, como ela estava colocando algumas condições, julguei oportuno cortar na raiz e deixá-la livre para decidir o que bem entendesse, mas não na Obra, sob qualquer título. Como lhe disse muitas vezes, o Senhor dá lumes especiais aos seus Casantes. Portanto, creio que a proibição de contato por parte das Irmãs para com ela e dela para com as Irmãs seja muito oportuna, aliás, necessária. ‘Covinha e toquinha’, este é o nosso espírito; barro, argila, humildes; enquanto houver isso a Obra estará garantida, da mesma forma que a das Irmãs, de cujo espírito estou sempre mais contente”* (CALABRIA, G. *Lettere all’abate Caronti*, 16 agosto 1942, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Caronti, fld. 1, c. 5, b. 04890).

⁸² CALABRIA, G. *Lettere all’abate Caronti*, Quaresima 1946, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Caronti, fld. 2, c. 11, b. 04815.

O nascimento do conselho

A Superiora geral é nomeada na reunião do conselho dos Pobres Servos realizado no dia 30 de agosto de 1941 na pessoa da Irmã Serafina – Adele Carli, proveniente da comunidade instalada na Clínica Villa Garda. A ela é confiado o encargo de tomar todo cuidado para que “nas Irmãs seja conservado e desenvolvido o espírito do Fundador: espírito de simplicidade, de pobreza, de submissão e de total dedicação à Obra”.⁸³

Já que, segundo o Pe. Calábria, é oportuno que as Irmãs trabalhem como se fossem uma congregação aprovada, a partir de fevereiro de 1943 constitui-se um conselho para apoiar a Superiora geral. Tal organismo deveria ser o coração pulsante dando vida a toda a congregação, que deste modo alcança uma gestão mais participativa. Eis a sua composição: “*Superiora: Irmã Serafina Carli. Conselheiras: Irmã Gertrude; Irmã Beatriz; Irmã Gagliardo; Irmã Contin; Irmã Inês Cogo; Irmã Mascalzoni.*”

Tal conselho foi aprovado pelos Superiores maiores: o venerado Pai, Pe. João Calábria, e o Pe. Luiz Pedrollo. A data de reunião não foi fixada; à medida que forem surgindo os casos ouçam-se os membros individualmente, se não for possível reunir todos, posteriormente fazendo um relatório pelo menos uma vez por ano”.⁸⁴

Pe. João vê o conselho como um “sinal dos tempos” para a congregação das Pobres Servas e cinco anos depois o renova enviando uma carta às Irmãs, na qual motiva esta escolha e explica o papel das conselheiras. No dia 16 de maio de 1948, festa de Pentecostes, através de uma carta que o Pe. Pedrollo entrega à Superiora, Pe. Calábria comunica as “*Disposições tomadas no Senhor:*

- 1) *A Superiora seja assistida por quatro conselheiras.*
- 2) *Uma delas seja sua assistente, e a substitua se preciso for.*
- 3) *As quatro conselheiras sejam: Irmã Inês; Irmã Dolores; Irmã Beatriz; Irmã Oliva.*
- 4) *A Irmã assistente seja a Irmã Dolores.*
- 5) *Caso uma ou outra esteja impedida de participar das reuniões do conselho, seja chamada para substituí-la uma outra Irmã: Irmã suplente seja a Irmã Gertrude.*

⁸³ Cf. E. CARONTI. *Disposizioni riguardanti le Sorelle*, 2 settembre 1941, AHPSaDP, fld. 3 Lettere alle Sorelle dal 1939 al 1944, b. N 01949.

⁸⁴ *Cronistoria della Congregazione*, febbraio 1943, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

6) *O conselho seja convocado pelo menos quatro vezes ao ano, no começo das quatro estações, e toda vez que a necessidade o exigir.*

*As Irmãs conselheiras devem coadjuvar a Superiora no desempenho do seu grande e delicado ofício, para evitar abusos e tomar as providências adequadas a conservar e a crescer o espírito puro e genuíno da Obra, condição indispensável de vida e de desenvolvimento também da Obra das Irmãs... ”.*⁸⁵

Presidida pelo Pe. Luiz Pedrollo, a primeira reunião do conselho da qual possuímos documentação foi realizada na Casa-Mãe, em Santa Toscana, no dia 23 de maio de 1948, às 15h30.⁸⁶ Juntos debatem a forma de trabalho do conselho e decidem algumas transferências. Em nome delas, a Superiora manifesta ao Pe. Pedrollo o desejo de obter do Pai um texto escrito garantindo-lhes que no futuro, em qualquer circunstância, as Irmãs sempre farão parte da Obra. Pe. Pedrollo lhes assegura: certamente as Irmãs estarão sempre ao lado dos Irmãos na Obra, mas lhes observa que dirigir ao Pai um pedido desse tipo significaria causar-lhe uma grande dor. O Senhor abençoará as Irmãs desde que elas vivam o espírito da Obra.

Com data de 24 de maio a Superiora Serafina – Adele Carli envia às Casas uma carta circular, anexando “*as disposições do venerado Pai; Ele quis fazer isso para que também a nossa comunidade viva como se já tivesse sido aprovada. Insiste sobre o espírito puro e genuíno da Obra, que é espírito de fé, caridade, abandono, escondimento e sacrifício*”.

a) De fé = Agir pelo Senhor, ver em todos os acontecimentos, alegres ou dolorosos, a mão de Deus, que tudo dispõe para o bem das nossas almas. Nos Superiores e na Superiora local, saber ver o Senhor, só Ele, e não a criatura. Ter para com eles grande respeito e deferência, bem como grande confiança, não procurando em outro lugar aquilo que se pode encontrar em quem está investido de um cargo e, por isso mesmo, possui todas as graças inerentes ao mesmo.

Esquecer aquilo que é passado; todas as deficiências que em cada uma possa ter havido; não se façam comentários e se jogue sobre todas as coisas uma grande pedra, na qual se escreverá ‘Amor’.

Comece-se; como se trata de um desejo expresso do venerado Pai, comece-se uma vida nova, uma vida verdadeiramente como a viveram as nossas primeiras Irmãs.

⁸⁵ CALABRIA, G. *Disposizioni prese nel Signore*, 16 maio 1948, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01988/A.

⁸⁶ Os relatórios das reuniões do Conselho, escritos à mão, estão contidos no caderno *Verbali dal 23 maggio 1948*, conservado no AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958.

b) *Caridade = Também de nós possa comprazer-se o espírito divino e se repita o lindo elogio feito aos primeiros cristãos: 'Eram um só coração e uma só alma'. Isso ficará demonstrado através da compaixão recíproca, competindo para ajudar-se uma à outra. Não basta ouvir, ver: é preciso a ação; saibamos ser religiosas de verdadeiro espírito. Só assim o Senhor poderá abençoar-nos e tornar fecunda a nossa pobre ação.*

c) *Abandono = Esse espírito característico da nossa Obra deve ser em nós tão vivo e cheio de fé a ponto de que não duvidemos de forma nenhuma do auxílio do Senhor, inclusive no que diz respeito ao futuro.*

Tudo, tudo depende de nós e da nossa correspondência à graça.

d) *Escondimento = A nossa vida é, por si só, uma vida de segregação; mas não basta. Também nisso se busque o espírito.*

e) *Sacrifício = Não se pode esconder quão grande ele seja nas nossas casas, mas a generosidade das Irmãs, unida ao silêncio na imolação diuturna, certamente atrairá as bênçãos de Deus.*

E agora uma materna recomendação: aquilo que lhes é comunicado, como eu disse acima, o é por expressa vontade do nosso venerado Pai Fundador; por isso, se esta carta suscitar comentários ou fizer surgir ideias acerca de eventuais transferências, saibam sacrificar-se. [...]

Outro aviso: as Irmãs não viajem sozinhas, a menos que tenham uma permissão especial.

Evite-se, e isso especialmente para as encarregadas de cada setor, não excluindo as Superiores, de falar aos Irmãos a respeito do andamento interno das Irmãs e das suas necessidades pessoais.

O trabalho a ser cumprido para o incremento da comunidade e para a santificação pessoal de cada uma está em nossas mãos.

*Conto com a colaboração de todas, lembrando que, para que a harmonia seja completa, é preciso que cada uma sinta a sua própria responsabilidade”.*⁸⁷

As Irmãs conselheiras, unidas à Superiora geral, em reconhecimento ao Pe. Calábria pelas novas disposições dadas à sua família religiosa, com uma carta de 25 de maio de 1948 assim se exprimem: “*Veneradíssimo Pai, pelas disposições pelo senhor emanadas em nome do Senhor, temos justamente entendido o ofício delicado que nos incumbe. Sentimo-nos incapazes diante do encargo que nos foi confiado, aceitamos de*

⁸⁷ CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). *Lettera alle Sorelle*, 24 maggio 1948, AHPSaDP, fld. Adele Carli – Sorella Serafina.

bom grado das mãos de Deus e procuramos cumprir nosso dever com consciência e amor, sabendo que assim contribuiremos, ainda que em medida insignificante, para o incremento da nossa querida Obra”.⁸⁸

Até 10 de fevereiro de 1951 é Superiora geral a Irmã Serafina – Adele Carli, da qual, ao término do seu serviço, o Pe. Luiz Pedrollo ressalta: *“O apego de vocês à Madre Irmã Serafina é também particularmente justificado e obrigatório; basta lembrar quanto ela fez e com quanto amor, numa década de governo; tudo fala dela em Santa Toscana; e durante a guerra quanto ela se sacrificou pelas Irmãs, quanta serenidade soube infundir em todas; nada mais justo que lhe guardem perene reconhecimento, cuja melhor manifestação será o oferecimento de orações ao Senhor segundo as suas intenções; o Senhor, por sua vez, saberá largamente recompensar aquilo que ela fez, como também o presente sacrifício, aceito com tanta generosidade e espírito de fé”*.⁸⁹

Na reunião do conselho realizada no dia 11 de fevereiro de 1951 o Pe. Luiz Pedrollo evidencia o papel que deveria ser desempenhado por aquele conselho, que tem a tarefa de tornar vivo aquilo que está nas *Constituições*. Além disso, adverte: cada uma das suas componentes deve ter *“a responsabilidade sobre aquilo que diz à luz do Senhor; e mesmo que todas fossem de um parecer contrário ao nosso, deve-se expô-lo da mesma forma. É preciso tornar esse conselho ativo e construtivo”*.⁹⁰

Os bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial

A partir de 28 de janeiro de 1944 começam os bombardeios sobre Verona e em particular sobre toda a área ao redor de Santa Toscana, causando graves danos: ao hospital, ao seminário maior, ao cemitério, ao Borgo Venezia, à oficina ferroviária de Porta Vescovo, à estação de trens de Porta Nova, ao Borgo San Pancrazio.

Eis a crônica referente à dramática jornada de 13 de julho de 1944, tal como se pode ler no diário da congregação: *“Toca o alarme, descemos correndo, estamos todas*

⁸⁸ SORELLE CONSIGLIERE, *Lettera a don Calabria del primo Consiglio Generale*, 25 maggio 1948, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 5, c. 66.

⁸⁹ Texto não assinado, intitulado *Brevi parole alle Sorelle convenute a S. Toscana prima di promulgare le Cariche Maggiori*, Festa da Aparição da Imaculada em Lourdes, 11 de fevereiro de 1951, com toda probabilidade escrito pelo Pe. Pedrollo. In: AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. *Circolari ed altri carteggi riguardanti la Congregazione nel periodo in cui fu Madre generale sor Agnese Cogo*.

⁹⁰ *Libro dei Verballi*, 11 febbraio 1951, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verballi dal 23 maggio 1948 al 30 dicembre 1951.

no átrio. Começam a bombardear. É a primeira vez que se ouve um bombardeio tão forte; podemos ver os clarões. Ficamos atônitas, rezamos, invocamos o Senhor, Nossa Senhora, os anjos e os santos.

A seguir, os bombardeios se tornaram mais frequentes, íamos para o refúgio continuamente, de dia e de noite.

No dia 13 de julho de 1944, às 11h, soa o alarme, mas parecia que não havia perigo nenhum. Num instante, porém, a Superiora, por inspiração do Senhor, intimou todas a correrem rapidamente para o refúgio. Estávamos ainda na porta do refúgio quando ouvimos uma grande explosão de bombas. O deslocamento de ar nos empurrou todas para dentro; algumas Irmãs caíram, outras ficaram cambaleando.

Depois de cerca de duas horas, quando parecia que tudo havia acabado, fomos para fora; tudo, ao redor da colina, tinha sido atingido pelas bombas; as estradas estavam impraticáveis. Bombas caíram sobre a tipografia Mondadori (em linha reta menos de um metro longe de nós) e tinham causado grandes desastres.

A nossa casa, milagrosamente incólume; apenas alguns pedaços de pedra com ferros, que caíram sobre os nossos tetos, provocaram rupturas.

Foram horas de angústia; para a pobre Superiora, que via ao redor de si todas as suas filhas menos uma, uma Irmã anciã, a Irmã Vitória Secchieri, com mais de oitenta anos, foi um desespero. No começo, a procuramos por todo lugar e não a encontramos. Depois encontramos a pobrezinha na capelinha; como ela era surda, não tinha ouvido o bombardeio e não se deu conta de nada; ela estava saindo da capela quando o deslocamento de ar e o pó levaram a pobre Irmã a ter a ideia de fechar a porta segurando-a com a mão, para que o pó não acabasse sujando as toalhas do altar”.⁹¹

No dia 13 de julho de 1944 a Irmã Maria – Natália Fainelli anota: “As Irmãs e a Casa de Santa Toscana foram cercadas por bombas, a apenas alguns metros de distância. Fomos salvas todas por milagre, ao passo que muito perto de nós houve destruição e morte... Pudemos sentir visivelmente a proteção do céu, tanto que naquela mesma noite os Superiores quiseram que nós cantássemos o Te Deum em

⁹¹ *Diario della Congregazione*, 13 luglio 1944, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

agradecimento ao Senhor pela proteção paterna que quis nos fazer ver, não só a nós, mas também à Casa de San Zeno in Monte".⁹²

Em 14 de outubro de 1944 duas Irmãs anciãs, Tarcisia – Laura Fossati e Maria – Natália Fainelli, a mestra de noviças, Irmã Inês Cogo, juntamente com as duas noviças, foram levadas para Castelcerino di Soave. Àquela altura os terrores da guerra levavam essas Irmãs, um pouco mais do que as outras, a um estado físico tal que outros sustos semelhantes poderiam comprometer seriamente a sua saúde. Em Castelcerino elas se unem às Irmãs da Casa de Nazareth, que lá se encontram há aproximadamente um ano, a fim de prestar a sua obra em favor dos estudantes, dos clérigos e dos sacerdotes. Do lugar onde se encontram elas podem ver o espetáculo impressionante da passagem de numerosas formações aéreas de combate que parecem dirigir-se a Verona, onde soltam bombas, aqui e acolá. De longe observam os raios chovendo sobre a cidade, ao passo que, depois dos bombardeios, a casa na qual se encontram treme como se fosse um terremoto.⁹³ Ficam sempre muito preocupadas com as Irmãs da Casa-Mãe e das demais Casas de Verona, e não ficam tranquilas enquanto algum Irmão ou outro membro da Casa não lhes traz a notícia de que nada de grave aconteceu; muitos foram os ataques, mas as Irmãs estão todas sãs e salvas.

Durante os terríveis bombardeios normalmente as que se encontram em Santa Toscana se reúnem para rezar o Terço no pequeno refúgio, cuja sistematização interna foi assim descrita: *“No dia 28 de fevereiro de 1945 começam os trabalhos do refúgio. A saída foi aberta no dia 8 de abril; o quarto foi iniciado no dia 16 e o refúgio foi concluído no dia 24, empregando-se 17 minas para o vão do quarto e aproximadamente 30 para o corredor. Os trabalhos são levados adiante, com grande espírito de sacrifício e generosidade, pela noviça Carmela Perlini, sempre pronta quando se trata de fadigas, a única que vale por dois homens. De noite, enquanto todas as Irmãs estão no refúgio e rezam, ela prepara os buracos para a detonação das minas no dia seguinte.*

No dia 10 de março caem bombas perto de Santa Toscana e de San Zeno in Monte, e o convento das Campostrini é destruído".⁹⁴

⁹² FAINELLI, N. (Sor. Maria di Gesù). *Note intime*, 13 luglio 1944, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

⁹³ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 14 ottobre 1944, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

⁹⁴ *Diario della Congregazione*, 28 febbraio 1945, AHPSaDP, fld. Diari dall'inizio al 29 aprile 1955.

O parecer solicitado ao Cardeal Piazza

O Pe. Calábria sempre concebeu a Obra como um conjunto unitário, uma única árvore com dois ramos: Irmãos e Irmãs. Ele reivindica para si mesmo o serviço de guarda do espírito puro e genuíno da Obra, do carisma. Está convencido de que o Espírito continuará a fornecer a ele e aos seus sucessores especiais inspirações e luzes para guiar a Obra.

É nesta ótica que ele pensa também numa relação particular entre o Instituto feminino e o Casante da Obra. Temos um claro testemunho disso desde 1925. Basta ler, de fato, a ata da reunião do conselho da Casa, realizado no dia 7 de maio do mesmo ano.⁹⁵

É uma ideia que ele deve ter cultivado por décadas e, como um rio cársico, esta enfim reemerge em 1946, quando se tratou de sistematizar as *Constituições* a fim de submetê-las à autoridade eclesiástica diocesana em vista de uma eventual e próxima aprovação canônica das Irmãs por parte do bispo de Verona.

A reconstrução deste fato, isto é, do parecer solicitado ao Card. Adeodato João Piazza⁹⁶ sobre a questão da relação entre as Irmãs e o Fundador, que é também Superior

⁹⁵ ADAMI, L. *Verbale seduta Consiglio Generale*, 7 maggio 1925, AHPSDP, f. Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 1 b. CA01076: “O Superior mostra-se pouco convencido de uma proposição feita pelo Pe. Battisti; e precisamente que nem mesmo o Superior geral venha a ter ação deliberativa sobre as Irmãs pelos santíssimos cânones, mas ação apenas de conselheiro natural da Superiora geral. E diz que à proposição Pe. Battisti ele dissente e é mais restritiva daquilo que foi dito no passado, em Pádua”.

⁹⁶ O Cardeal Adeodato João Piazza, carmelita descalço, é o primeiro e único cardeal protetor da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência. Nascido em Vigo di Cadore no dia 30 de setembro de 1884, pertencia à Diocese de Belluno; entrou na ordem dos carmelitas descalços em 7 de agosto de 1907 e emitiu os votos solenes em Veneza tomando o nome de Adeodato de São José; no ano seguinte, em 19 de dezembro de 1908, recebeu das mãos do Card. Aristide Cavallari a ordenação sacerdotal. Os exercícios espirituais que precederam a sua ordenação foram pregados pelo Pe. Calábria.

Foi professor de filosofia e teologia e, durante a Primeira Guerra Mundial, capelão militar; de 1923 a 1925 foi secretário geral dos carmelitas descalços; de 1925 a 1930, procurador geral. Contemporaneamente foi consultor da Sagrada Congregação dos Religiosos.

No dia 29 de janeiro de 1930 foi eleito Arcebispo de Benevento e consagrado no dia 24 de fevereiro, na igreja de Santa Teresa al Corso d'Italia, em Roma, pelo cardeal vigário Basílio Pompili, assistido pelo Card. Carlos Rafael Rossi e pelo bispo auxiliar Pio Bagnoli. Foi promovido à sede patriarcal de Veneza no dia 16 de dezembro de 1935 e elevado à sagrada púrpura no Consistório de 13 de dezembro de 1937.

Depois de ter feito todo o possível para socorrer a população de Veneza durante o segundo conflito mundial, no dia 2 de abril de 1945, através de um enviado, fez com que se encontrassem os membros do Comitê de Libertação Nacional com o comando alemão. E foi nesse encontro que se chegou a um acordo para o abandono de Veneza por parte das tropas de ocupação.

Em 1º de outubro de 1948 o Papa Pio XII o nomeia Secretário da Sagrada Congregação Consistorial; opta pela sede pertencente à Santa Sé de Sabina e Poggio Mirteto no dia 14 de março de 1949, tornando-se cardeal bispo. De 1953 a 1954 foi presidente da Conferência Episcopal Italiana. Morre em Roma no dia 30 de novembro de 1957, aos 73 anos de idade.

geral da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, pode ser encontrada na crônica histórica da Casa elaborada pelo Pe. Pedrollo. Ele afirma ter escrito – cabe a hipótese, bastante provável, de que isso tenha sido feito a pedido do Pe. Calábria – ao padre visitador, o Abade Caronti, em março ou abril de 1946 “*para informá-lo sobre as Irmãs. Nenhuma resposta*”.⁹⁷ A seguir, o Pe. Pedrollo anota que o Pe. Calábria “*está pensando em me enviar a Veneza, para falar com o Patriarca*”.⁹⁸ Na sequência dos fatos percebe-se que essa decisão do Pe. Calábria tinha como objetivo pedir conselho sobre a possibilidade canônica, por parte do Superior geral dos Pobres Servos da Divina Providência, de poder interferir no governo do Instituto feminino.

A confirmação de que não se tratava de um pensamento fugaz, de uma veleidade, mas de uma determinação amadurecida no tempo e na oração, nós a temos no fato de que a viagem do Pe. Pedrollo foi prontamente organizada; ele fora acompanhado pelo diretor espiritual do Pe. Calábria, Pe. Cherubino, carmelita ele também tal como o patriarca de Veneza, o Card. Piazza, o qual anteriormente havia sido consultor da Sagrada Congregação dos Religiosos, portanto com grande competência para dar um conselho com conhecimento de causa.

Na crônica desse acontecimento, escrita no dia seguinte, o Pe. Pedrollo registra: “*Ontem, o Pai esteve com o Pe. Cherubino e estabeleceu-se a viagem para Veneza. À noite telefonei para Veneza para saber se o Patriarca se encontraria no dia seguinte, e a resposta foi afirmativa.*”

Sáimos com a bênção do Pe. João; a viagem foi colocada sob a proteção de Nossa Senhora das Dores (hoje, sexta-feira antes do domingo de Ramos, comemoram-se as dores de Maria e dos Anjos da Guarda).

Sáimos aproximadamente às 8h45, passando antes nos Carmelitas Descalços; há ruínas por todo lado e garrafas quebradas pelo chão, o que nos ocasionou alguns problemas; acabamos partindo apenas às 9h45, chegando em Veneza às 11h45.

Tinha muita gente querendo falar com o Patriarca, razão pela qual nos pedem para voltar mais tarde; nós voltamos depois das 13h. Ele nos acolheu familiarmente, nos pediu notícias do Pe. João; depois, expus-lhe o motivo da nossa visita.

A Providência dispôs que o bispo espontaneamente se ofereceu para ajudar e deseja aprovar as Irmãs. O conceito do Pai é que elas não fiquem totalmente

⁹⁷ Provavelmente foi informado a respeito da proposta do bispo de reconhecer canonicamente as Irmãs.

⁹⁸ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 10 aprile 1946, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2.

separadas, mas que estejam submetidas de algum modo, mesmo dispondo, para elas, de um organismo de vida próprio. E peço para que seja lido um ponto da carta que o Pe. João escreveu ao bispo para agradecê-lo pela oferta.

*O Patriarca, que foi consultor da Sagrada Congregação dos Religiosos, disse que dificilmente, aliás, sem dúvida, a seu ver, não será aprovado deste modo; irão exigir uma separação clara. E acrescenta: ‘E é bom que seja assim, é bom que seja assim’; evitando, inclusive, qualquer aparência. Poderiam colocar nas Constituições que elas devem se empenhar em servir nas Casas masculinas... mas sem nenhuma ingerência”.*⁹⁹

A resposta do Patriarca, portanto, apesar da cortesia e do ambiente familiar, foi substancialmente negativa. Do ponto de vista canônico exige-se, conseqüentemente, uma separação completa de vida e de governo entre a congregação dos Irmãos e a das Irmãs. No entanto, numa perspectiva estritamente espiritual, Pe. Calábria não se sente à vontade para abandonar aquilo que, segundo as suas inspirações interiores, lhe parece ser um encargo que lhe foi confiado pela Providência: a tutela do carisma da Obra indivisa.

Ele mesmo escreve às Irmãs por ocasião dos exercícios espirituais de outubro de 1946: *“Foi assim que a Providência mandou a primeira boa mulher, uma santa mulher, posso dizer, que se doou totalmente à Obra, nada mais pedindo do que trabalhar e se sacrificar, esquecida de si e do seu futuro, inteiramente abandonada em Deus e às suas divinas disposições. Depois dela veio a segunda, a terceira, e assim sucessivamente, até chegar a vocês; todas animadas por um só espírito, atentas a qualquer aceno da obediência e à palavra do seu Pai, com uma entrega absoluta. Deste modo formou-se o ramo das Irmãs, inserido, lembrem-no bem, no único tronco da Obra.*

Não, portanto, duas plantas, mas ramo da mesma planta, que cresce e se desenvolve no mesmo terreno, com os mesmos elementos de fecundação; estou querendo dizer com o mesmo espírito puro e genuíno, próprio da Obra, espírito de filial abandono em Deus e à sua divina Providência, espírito de humildade e de escondimento, de docilidade e obediência, espírito de sacrifício e de renúncia; ‘sem cabeça’, como frequentemente eu digo para os Irmãos; ‘toquinha e covinha’; como

⁹⁹ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 12 aprile 1946, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2.

*‘trapos e argila’. Este é o espírito que vocês devem, com todo cuidado e diligência, conservar e transmitir às que virão depois de vocês”.*¹⁰⁰

O esboço das *Constituições* redigidas pelo Pe. Pedrollo

No começo de 1945 o Pe. Calábria dá ao Pe. Luiz Pedrollo¹⁰¹ o encargo de redigir as *Constituições* das Irmãs, não se sabe se por sugestão ou, pelo menos, com a compreensão do padre visitador.

Pe. Pedrollo pôs mãos à obra quase certamente no começo de fevereiro daquele mesmo ano, guiando-se pelo critério de produzir um texto análogo ao que estava em vigor para o ramo masculino da Obra. Ele próprio anota: *“Domingo, 4 de fevereiro de 1945. Nada de particular. Estou me ocupando em preparar um esboço das Constituições para as nossas Irmãs, conforme os desejos do Pai, o qual escreveu (eu soube disso quando já tinha acabado o trabalho): ‘As Irmãs dos Pobres Servos tenham mutatis mutandis¹⁰² as mesmas Regras ou Constituições dos Irmãos, o mesmo espírito de abandono, e o fim primeiro seja ‘em tudo ajudar a Obra dos Pobres Servos’ e ‘depois todas as outras obras de caridade que a Providência manifestar’.*

*Quando fiquei sabendo, e isso me foi lido pelo próprio Pe. João, eu fiquei contente, porque esse era justamente o conceito orientador do esboço. Eu gostaria de conseguir concluí-lo para o dia 11 de fevereiro e assim dar um presente a Nossa Senhora Imaculada e ao Pe. João: Ó Maria, ajuda-me!”*¹⁰³

É preciso ressaltar um aspecto essencial presente no testemunho do Pe. Pedrollo, ou seja, a visão do Instituto das Irmãs que está no coração do Pe. Calábria: uma congregação feminina que é reflexo da masculina.¹⁰⁴

O texto do Pe. Pedrollo, de qualquer forma, ficou pronto em uns dez dias, seja pela sua reconhecida capacidade de trabalho, seja porque ele quer dar um presente ao Pe. Calábria na iminente festa, muito celebrada na Casa, da Bem-Aventurada Virgem de

¹⁰⁰ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, ottobre 1946, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01942.

¹⁰¹ Pe. Pedrollo tem uma significativa experiência no âmbito canônico, adquirida na redação primeiro das *Regras* e posteriormente das *Constituições* dos Pobres Servos da Divina Providência, que lhe foram encomendadas pelo Pe. Calábria (*Regole*, de 1918; *Regole*, de 1924; *Costituzioni*, de 1932).

¹⁰² A expressão latina “mutatis mutandis” indica, literalmente, “mudando as coisas que precisam ser mudadas”.

¹⁰³ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 4 aprile 1945, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2.

¹⁰⁴ Uma metáfora apropriada poderia ser a do homem e da mulher, do casal humano tal como é apresentado nos primeiros versículos do livro do Gênesis: uma unidade, composta por duas pessoas.

Lourdes, data que marca também o aniversário anual da aprovação canônica das *Constituições dos Pobres Servos*: “11 de fevereiro de 1945. As *Constituições* ficaram prontas ao meio dia, mas eu as entreguei ao Pe. Calábria, com uma carta, às duas e meia, antes da oração de Vésperas. Ele ficou contente. Perguntei-lhe se eu podia dar uma cópia às Irmãs, e ele ficou contente. De fato, às Irmãs eu pude levá-las à noite, depois que o Pe. Calábria tinha saído, e a Superiora ficou muito contente”.¹⁰⁵

Na mesma data o Pe. Calábria escreve ou assina, enriquecendo-o com uma nota autografada, o documento, com o qual fixa os “*Princípios fundamentais para a Obra das Irmãs*”.¹⁰⁶

Quanto ao texto das *Constituições* redigido pelo Pe. Pedrollo deve-se reconhecer que o que ele escreveu não surtiu nenhum resultado prático imediato. De fato, será preciso aguardar mais alguns anos para que ele seja retomado e sirva de base para a preparação do esboço de *Constituições* a ser submetido ao bispo de Verona em vista da aprovação diocesana.

Passou mais de um ano e então temos o anúncio daquilo que podia configurar-se, caso tivesse tido sequência, como a passagem fundamental para a estabilização do Instituto das Irmãs: a aprovação diocesana. Escreve o Pe. Pedrollo: “2 de março de 1946. Ontem (primeira sexta-feira do mês) dirigi-me ao bispo para mostrar-lhe a carta do Santo Padre. Então ele me disse: *Eu gostaria de fazer uma coisa que ainda não fiz; afinal, se eu é que devo fazê-la, não preciso esperar muito tempo: a aprovação das Irmãs. Se eu chegar a tempo, gostaria de fazê-la eu mesmo; preparem tudo e depois veremos.*

Eu lhe respondi que recebia comovido esta notícia, a qual iria encher de consolação também o Pe. Calábria, pois era seu pensamento íntimo chegar também a aprovação das Irmãs. Deo gratias!

*De fato, disse isso ao Pe. João, que sentiu muita consolação, e pediu às Irmãs que orassem a São João e ao Espírito Santo. Deo gratias!”*¹⁰⁷

Infelizmente, porém, por mais ou menos dois anos, tudo ficou no âmbito das boas intenções, porque o Bispo não encontrou, devido aos seus compromissos pastorais,

¹⁰⁵ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 11 febbraio 1945, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2. Dois dias depois o Pe. Calábria “*me manifestou a sua satisfação pelo trabalho das Regras das Irmãs. Deo gratias!*” (Ibid., 13 febbraio 1945).

¹⁰⁶ CALABRIA, G. *Principi fondamentali per l’Opera delle Sorelle*, 11 febbraio 1945, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01941.

¹⁰⁷ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 2 marzo 1946, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2.

o tempo necessário para levar adiante os procedimentos burocráticos referentes à aprovação canônica.¹⁰⁸

Na Casa, todavia, na primavera de 1946 tem-se a convicção de que o processo que deve levar à aprovação do Instituto e das suas *Constituições* esteja se mexendo, tanto é verdade que o Pe. Calábria deseja estabelecer mais precisamente, regulamentando-a, uma relação jurídica especial entre as Irmãs e o Casante da Obra. Ele, de fato, está interessado em saber se, na qualidade de “Casante” da Obra, poderá manter a direção das Irmãs do ponto de vista do carisma, mesmo depois da aprovação de Instituto próprio.

Sobre essa questão o Pe. Calábria já tinha ouvido, através do seu porta-voz Pe. Pedrollo, o parecer do Card. Piazza, que defende a necessidade de uma separação clara entre os dois Institutos, o masculino e o feminino. Na visão do Patriarca, além disso, não é permitida qualquer ingerência por parte dos Superiores do Instituto masculino no Instituto feminino. Por causa das disposições contidas no Código de Direito Canônico e da conduta adotada pela Sagrada Congregação dos Religiosos isso significa praticamente que não se pode pensar em nenhuma forma de submissão das Irmãs ao Superior geral da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência. Como este entendimento é precisamente o oposto da concepção do Pe. Calábria, que está muito preocupado, pelo contrário, com a unidade da Obra, e também está convicto do fato de que o “Casante” sempre terá lumes especiais para guiá-la, assumindo as exigências do Fundador, Pe. Pedrollo se esforça para encontrar uma terceira via que garanta igualmente o alcance do objetivo ambicionado, ou seja, que as Irmãs possam viver segundo o espírito puro e genuíno, isto é, o carisma da Obra.

Como transcreve em sua cronologia histórica, ele sugere a seguinte solução: “*Quanto às Irmãs, em vista da dificuldade de se estabelecer a submissão, foi aceita a minha ideia de colocar uma carta no começo das Constituições que deveria ser a Magna Carta das Irmãs. (Submissão ao único Casante, presente e futuro, único guardião do espírito da Obra)*”.¹⁰⁹ E o Pe. Calábria acolhe a sugestão, como efetivamente se pode ver no texto editado das *Constituições* das Pobres Servas da

¹⁰⁸ Veja-se a n. 1, do c. 15.

¹⁰⁹ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 24 aprile 1946, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2.

Divina Providência de 1952, que é precedido por um único texto escrito pelo Pe. Calábria, intitulado *Princípios fundamentais para a Obra das Irmãs*.¹¹⁰

A presença do Pe. Calábria

Domingo, 2 de maio de 1948, após ter avisado por telefone, o Pe. Calábria vai almoçar com as Irmãs. No final da visita, encontra-se escrito no caderno,¹¹¹ que está na salinha: *“O Senhor, quando quer cumprir grandes coisas, primeiro coloca as suas obras na santa humildade, na provação, exercitando as almas, em relação à fé, no pleno abandono à divina Providência.*

As Irmãs dos Pobres Servos, pelo que me parece no Senhor, devem cumprir grande desígnios de bem, primeiramente na hora atual; todavia, para cumprir esses desígnios, é preciso que se exercitem na fé, no pleno abandono em Deus, tendo como única meta a própria santificação, segundo o espírito puro e genuíno da Obra, esperando; e assim chegará o momento de ver grandes frutos”.¹¹²

Alguns dias depois, no dia 5 de maio, sobre o caderno, as Irmãs leem outras linhas, anotadas pelo Pe. Calábria: *“Irmãs dos Pobres Servos, percebo quanto Jesus bendito as distingue. O contínuo estudo¹¹³ de vocês seja conhecer e amar a sua vida, especialmente o seu escondimento durante a sua vida terrena. Asseguro-lhes que então Jesus continuamente as ajudará e as usará para a sua glória e para o bem das almas. Recomendo-lhes o espírito puro e genuíno da Obra; será a riqueza de vocês na terra e a felicidade de vocês no céu”*.¹¹⁴

Novamente no dia 11 de maio, na saída do Pai, encontra-se no caderno o seguinte pensamento, escrito por ele: *“Estamos na santa novena em preparação à grande festa de Pentecostes; parece-me estar certo de que, se todos, na pequena mas grande família dos Pobres Servos, Irmãos e Irmãs, vivermos com fé e recolhimento*

¹¹⁰ *Costituzioni della Congregazione delle Povere Serve della Divina Provvidenza*, 1952, AHPSaDP, fld. Costituzioni 3, c. Costituzioni 1952, pp. I-VIII.

¹¹¹ O Pai costumava visitar as Irmãs e deter-se na salinha da Casa-Mãe, localizada diante do escritório da Superiora geral. Nessa sala, num caderninho, antes de sair da Casa, ele anotava, em cada visita, alguns pensamentos, recomendações e exortações dirigidas às Irmãs. Pe. Calábria começa a fazer tais anotações no dia 19 de abril de 1947 e registra a sua última mensagem em 22 de novembro de 1949.

¹¹² CALABRIA, G. *Quaderno*, 2 maggio 1948, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01941.

¹¹³ O termo “estudo”, usado no texto original, deve ser entendido com o significado de “preocupação constante”.

¹¹⁴ CALABRIA, G. *Quaderno*, 5 maggio 1948, vigilia dell’Ascensione, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01941.

*estes grandes e santos dias, o Espírito Santo no seu dia, domingo, 16, nos remodelará a todos no espírito puro e genuíno da Obra, e sairemos do cenáculo como saíram os apóstolos naquele santo dia. Com todas as minhas forças lhes recomendo que vivam santamente esses dias. E rezem muito por mim”.*¹¹⁵

¹¹⁵ CALABRIA, G. *Quaderno*, 11 maggio 1948, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01987.

AS ABERTURAS

Premissa

O objetivo deste capítulo não é o de descrever os acontecimentos históricos de cada uma das Casas da Obra, mas o de reconstruir a presença das Irmãs, cujo número vai aumentando com o passar dos anos, permitindo-lhes responder às várias demandas de serviço. De fato, elas estão em atividade não apenas nas Casas localizadas nas Dioceses de Verona e de Vicenza, mas também em outras, nas quais são abertas novas comunidades. As notícias recolhidas são bastante escassas e totalmente fragmentadas, tanto que às vezes essa documentação cheia de lacunas parece quase fazer duvidar da presença das Irmãs. Por causa disso, os parágrafos que compõem o presente capítulo não são homogêneos entre si e não dão suficientemente conta da atividade desenvolvida.

Além disso, deve-se acrescentar que é possível entrever alguma tentativa de inserção em novos âmbitos de serviço, externos à Casa Buoni Fanciulli, não só para dar apoio à ação dos sacerdotes e dos Irmãos da Obra, mas também sempre mais na busca de um preciso e bem definido setor de compromisso que poderíamos denominar como “próprio” das Irmãs, caracterizador do Instituto, ainda não reconhecido em nível eclesial. De resto, à luz dos acontecimentos descritos precedentemente, fica claro que desde o início o Pe. Calábria não tem clareza sobre a finalidade específica das Irmãs, muito embora ao longo do tempo, em resposta às exigências sociais que vão emergindo, tal finalidade seja delineada sempre de novo. A sequência dos acontecimentos documenta que as escolhas são direcionadas ao incremento da formação espiritual e da competência profissional das Irmãs, prevendo sua eventual inserção no campo da saúde, ou então no campo pedagógico, no ensinamento em creches abertas junto a paróquias, não só para prestar assistência, mas também para oferecer uma educação à infância. Pouco a pouco o horizonte é ampliado, superando-se o das Dioceses de Verona e de Vicenza e alcançando outros territórios.

Gargagnago e Sant’Ambrogio di Valpolicella

Em maio de 1928 Pe. Albano Bussinello informa o Pe. Luiz Pedrollo sobre a sua decisão de atender à solicitação do Bispo por uma nova presença na Diocese: *“Por insistência do monsenhor bispo será assumida, daqui a alguns meses, a direção de uma casinha em Gargagnago com um sacerdote, um Irmão e duas Irmãs; como não consegui falar-lhe sobre isso na última reunião, achei oportuno referir-lhe agora. É uma experiência, esta também, do nosso pessoal em casa de outros, e esperamos que Deus nos abençoe”*.¹

Por este motivo, em outubro de 1929 *“duas Irmãs e uma aspirante foram enviadas para servir na Casa de Retiros Operários em Gargagnago”*.² A atividade se revela tão positiva a ponto de conduzir à decisão de se iniciar também uma escola de trabalho nos primeiros dias de dezembro. Assim o sacerdote responsável pela atividade de Gargagnago escreve ao Pe. Bussinello: *“Em resposta à sua carta, não tenho palavras para agradecê-lo pela imensa caridade usada até agora com a obra diocesana dos Retiros e promessa para o futuro.*

Gosto muito da sua proposta de abrir a escola, e nós ficamos bem felizes em conceder os locais necessários no térreo até que comecem os exercícios nesta primavera.

É doloroso, para mim, mas é necessário que eu lhe declare que o sustento das boas irmãs irá depender, durante este tempo, da escola e daqueles socorros que esperamos cheguem às irmãs por parte da divina Providência.

¹ BUSSINELLO, A. *Lettera a don Pedrollo*, 16 maggio 1928, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 17, c. 14/0.

² É o que consta no *Diario della Congregazione*, 22 ottobre 1929, AHPSaDP, fld. Diari dall'inizio al 29 aprile 1955. A Obra dos Retiros Operários surge no norte da França em 1882 por iniciativa dos Padres Jesuítas e logo se propaga pela Bélgica e pela Espanha. Na Itália começa em 1907 com o curso de exercícios espirituais aos operários dado na Villa di San Luigi di Chieri (Turim), pelo Pe. A. Stradela. A Obra foi recebida com satisfação e simpatia pelo Papa Pio X. Coroada de sucesso, nos anos seguintes difundiu-se por toda a Itália, onde nas duas primeiras décadas do séc. XX obteve um florescimento extraordinário.

Em Verona a Obra foi iniciada em 1919 por Alvisè Hinek. Num primeiro momento nela atuam alguns leigos, dentre os quais Elena da Persico, que acompanham de perto o guardião do convento de São Bernardino de Verona, Pe. Faustino Piemonte da Buia.

Nos primeiros anos do séc. XX foi adquirida a casa de campo Lebrecht, de San Floriano, no município de San Pietro in Cariano (Valpolicella), adaptada para tornar-se casa de exercícios e dedicada ao Sagrado Coração.

Em 1926 o bispo de Verona, Dom Jerônimo Cardinale, assume a direção e nomeia como secretário o pároco de Bure di Valpolicella, Pe. Vitório Bondiani; quando este vem a falecer alguns meses depois, em setembro de 1927, é nomeado Pe. Armando Giacomello, grande amigo da Casa. Sobre esse tema veja-se D. CERVATO. *L'Opera dei Ritiri ed esercizi spirituali*. In: *Diocesi di Verona* (Storia religiosa del Veneto 8). Padova, 1999. pp. 626-629. Pe. Armando Giacomello (20 de setembro de 1892 – 6 de fevereiro de 1953) foi ordenado sacerdote em 4 de julho de 1915; foi vigário cooperador em San Paolo in C. M., capelão em San Benedetto al Monte e ecônomo espiritual em Bure. Secretário da Obra dos Retiros Operários e do centro cinematográfico diocesano, foi também professor no seminário.

Perdoe-me, mas preciso lhe dizer com grande amargura que estou sem fundos e que não posso fazer aquilo que eu gostaria e que bem mereceriam os serviços prestados pelas ótimas Irmãs.

*Terei que fechar a conta com os fornecedores no domingo próximo, dia 14 (15 dias após a conclusão dos últimos exercícios), os quais serão reabertos quando forem retomados ditos cursos”.*³

No diário da congregação está sinalizado o dia 23 de março de 1931 como sendo a data em que teve início a escola de trabalho em Sant’Ambrogio di Valpolicella, com uma Irmã só, fechada no dia 10 de agosto do mesmo ano porque não havia como substituir a Irmã, que adoecera.

Não sabemos quais possam ter sido os motivos que levaram ao fechamento da atividade desenvolvida junto à Casa dos Retiros Operários de Gargagnago, mas a informação que se tem é que ela foi fechada com o retorno definitivo das Irmãs em 9 de abril de 1931.⁴ A presença das Irmãs nesta obra diocesana é breve mas significativa, pois abre novos horizontes à renascida comunidade.

Tanto no ano de 1930 (de 21 a 26 de julho) como em julho de 1931, mesmo depois de ter cessado a atividade da comunidade, as Irmãs participam, naquela Casa, de um curso de exercícios espirituais pregados respectivamente pelo Pe. Mazzoni, cônego de Lazise,⁵ e pelo Prof. Pe. Ongaro,⁶ no final dos quais os Superiores comunicam as obediências para a transferência de algumas Irmãs das várias comunidades e as novas disposições gerais, dentre as quais a nomeação da Irmã Maria – Natália Fainelli como Superiora de todas.⁷

Casa Nazareth

A Casa Nazareth foi inaugurada em 24 de dezembro de 1930 e desde aquele momento abriga uma pequena comunidade constituída por três Irmãs, cujo número

³ GIACOMELLO, A. *Lettera a don Bussinello*, 13 dicembre 1930, AHPSaDP, fld. Case, c. Gargagnago.

⁴ *Cronistoria della Congregazione*, 9 aprile 1931, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

⁵ Cf. *Diario della Congregazione*, luglio 1930, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

⁶ Cf. L. PEDROLLO. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, luglio 1931, AHPSaDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

⁷ Cf. N. FAINELLI (Sor. Maria di Gesù). *Manoscritti*, 2 agosto 1931, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 1.

posteriormente vai aumentando até chegar a seis em 1938,⁸ com o objetivo de desenvolver trabalhos especificamente femininos em favor de aproximadamente quarenta pessoas, incluindo os clérigos.

Em 4 de abril de 1932, festa da Anunciação de Maria Santíssima, na igreja da Casa, vinte, entre Irmãs e noviças, se consagram “a Maria ‘Rainha dos Corações’, como escravas de amor”.⁹

São particularmente escassas as informações sobre o desenvolvimento histórico da presença e das atividades neste local pelas Irmãs.

Dispomos de alguns dados referentes ao número de Irmãs. Em 31 de outubro de 1945 encontram-se na Casa 64 pessoas, entre estudantes, religiosos e 6 Irmãs que prestam a sua obra.¹⁰ No final de 1959 estão presentes 11 órfãos e 50 menores pobres, ou seja, 61 menores de idade, entre os 13 e os 19 anos; são acompanhados por dois religiosos que dirigem a Casa, quatro funcionários, encarregados da vigilância, um enfermeiro, um médico e cinco Irmãs, que se ocupam dos serviços gerais.¹¹

Castelcerino di Soave

Em Castelcerino, um distrito do município de Soave (Verona) que está a 347 metros de altitude dominando tanto o vale do Tramigna quanto o do Alpone, contando com 600 habitantes, é pároco desde 1915 o Pe. Antonio Poli,¹² muito ligado à Casa Buoni Fanciulli e ao Pe. Calábria. O Pe. Calábria também, pelo que se pode ver pelas anotações feitas no seu registro de missas, sente-se muito ligado a este sacerdote.¹³ Pois

⁸ Cf. N. FAINELLI (Sor. Maria di Gesù). *Diario*, 18 gennaio 1938, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

⁹ *Cronistoria della Congregazione*, 9 aprile 1931, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹⁰ *Cronistoria della Casa di Nazareth*, 31 ottobre 1945, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona Nazareth, fld. 2/1 c. 23 cronistoria [1945-1946].

¹¹ *Rilevazione statistica*, anno 1959, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona Nazareth, fd. 7, c. 64 varie.

¹² Pe. Antonio Poli (29/10/1868 – 05/10/1934), ordenado sacerdote em 6 de outubro de 1897, vigário cooperador em várias paróquias, torna-se pároco de Roncolevà em 1907 e de Castelcerino di Soave em 1915, onde permanece até à morte, ocorrida no dia 5 de outubro de 1934. No seu registro das missas, dois dias após a morte do Pe. Poli, o Pe. Calábria escreveu: “7 de outubro de 1934. *Pro defuncto Pe. Antonio Poli, pároco de Castelcerino, sacerdote realmente do Senhor, que ajudou e amou a Obra de Deus. Pax, Pax*” (*Registro Sante Messe*, 7 ottobre 1934, AHPSDP, f. Don Calabria/Registri S. Messe, fld. 1 [1926-1944], c. 1, b. N 02057).

¹³ BOZZOLA, S. Don Calabria a Castelcerino. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 6, pp. 18-19, 2007. Segundo Bozzola, a relação entre o Pe. Calábria e o Pe. Poli se instaura pelo fato de que o Pe. F. Burato, um sacerdote originário de Castelcerino, é coetâneo do Pe. Calábria, e porque um jovem da paróquia, Alfonso Burato, é enviado pelo Pe. Poli ao estudantado do Pe. Calábria.

neste livrinho está indicado que no dia 21 de abril de 1931 o Fundador da Casa Buoni Fanciulli celebra a santa missa “*Para Castelcerino e seus habitantes*”.¹⁴

Difícil afirmar se naquele dia, ou alguns dias antes, houve um encontro entre os dois os dois sacerdotes, durante o qual o Pe. Poli pediu ao Pe. Calábria que lhe mandasse algumas Irmãs para poder abrir uma creche. O fato é que uma solicitação deve ter sido feita neste sentido, pois foi-lhe dada uma resposta positiva com o envio, em 8 de junho de 1931, de algumas Irmãs, que ficaram encarregadas de dar início a uma escola maternal paroquial e a uma escola profissional.¹⁵ Eis o testemunho de uma delas, Irmã Maria Assunta Contin, que narra, numa carta ao Pe. Calábria, os acontecimentos referentes à sua “*imprevista, nova e sofrida obediência*”, bem como os primeiros passos da nova comunidade: “*Espero que oito dias atrás o senhor tenha recebido o meu pobre texto; eu tinha acabado de concluir a carta quando, improvisamente, chegou a mim a ordem de partir para Castelcerino [...]. Bom Pai, agora o Senhor me pôs em contato com as almas, e espero, com a sua graça, fazer-lhes o bem, pois estão bem dispostas e me acolheram bem [...]. Os meninos começaram a vir há quatro dias; são em torno de 40, e no próximo mês o número deverá aumentar.*

Nós, aqui, estamos alegres e felizes, embora tenhamos nos sentido um tanto perdidas nos primeiros dias. Agora espero que o Senhor queira abençoar o meu pequeno sacrifício com abundantes frutos”.¹⁶

É possível que as Irmãs tenham assumindo também atividades na paróquia, particularmente com as meninas, as quais, por exemplo, foram acompanhadas na peregrinação ao Santuário de Madonna di Campagna, realizada em 16 de setembro de 1933.¹⁷

As relações entre o Pe. Poli e a Obra são ampliadas porque o pároco projetou e, assumindo a tarefa de mestre de obras, materialmente construiu, ao lado da igreja, uma casa para os estudantes da Casa de Nazareth. Estes já começam a se hospedar em Castelcerino no final do verão de 1933, mas só no ano seguinte podem usufruir da nova casa no período de férias. Em outubro de 1934 Pe. Poli vem a falecer e é substituído

¹⁴ *Registro Sante Messe*, 21 aprile 1931, AHPSDP, f. Don Calabria/Registri S. Messe, fld. 1 [1926-1944], c. 1, b. N 02057.

¹⁵ *Cronistoria della Congregazione*, 9 aprile 1931, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1

¹⁶ CONTIN, M. A. *Lettera a don Calabria*, 13 giugno 1931, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7. c. 27.

¹⁷ *Cronistoria della Casa di Nazareth*, 16 settembre 1933, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona Nazareth, fld. 2/1, c. 19 cronistoria [1933-34].

pelo novo pároco, o Pe. Augusto Tebaldi,¹⁸ ele também favorável à Obra, tanto que “*logo se preocupou em regularizar as vontades testamentárias do seu predecessor referentes às novas construções*”.¹⁹

Numa folha mimeografada, intitulada *Memórias importantes*, não datada, mas provavelmente compilada pelo Pe. Poli, parecendo exprimir vontades testamentárias, pode-se ler: “*A construção da creche foi totalmente custeada por mim, com exceção de alguns materiais e parte das madeiras para as vigas, que foram trazidas pela população, tendo sido prometida solenemente ao Pe. Calábria como casa de saúde, com a obrigação, todavia, de que seja mantida aberta uma escolinha maternal, se houverem crianças, e que a casa seja habitada durante o ano todo.*

Não foi cumprido nenhum ato e nenhuma formalização, mas estão em andamento os procedimentos burocráticos para que tudo seja doado ao Pe. Calábria. Pe. Antônio Poli”.²⁰

No dia 18 de janeiro de 1935 a creche foi fechada e as Irmãs foram enviadas para Roma. Numa carta ao Pe. Calábria de 17 de janeiro de 1935 o Pe. Albano Bussinello refere ter estado em Castelcerino na quarta-feira, 16 de janeiro: “*E está tudo acertado: as Irmãs, próxima segunda-feira, estarão prontas para partir para Roma*”.²¹ Formalmente deixam Castelcerino no dia 18 de janeiro, mas pode-se presumir que na realidade o tenham feito no dia 21, segunda-feira.

Até o presente momento não foram encontrados documentos sobre a atividade lá desenvolvida pelas Irmãs, de modo a ficarmos sabendo em especial se tal atividade ficou limitada à assistência e educação das crianças ou se, contemporaneamente, as Irmãs se dedicaram também a dirigir de alguma forma uma escola profissional para mulheres de um outro distrito próximo, bem populoso.

A Castelcerino as Irmãs voltam durante a Segunda Guerra Mundial quando são retiradas de Verona devido aos contínuos sustos provocados pelos bombardeios sobre a cidade, o que lhes estaria comprometendo a saúde. Assim elas se unem às Irmãs da Casa Nazareth, que já estão lá há um ano aproximadamente, a fim de prestar a sua obra em

¹⁸ Pe. Augusto Tebaldi (29/05/1880 – 07/04/1952), ordenado sacerdote no dia 18 de janeiro de 1903, depois de ter sido vigário cooperador em Malcesine, é nomeado pároco de Castelcerino em 1935, onde permanece até à morte.

¹⁹ BOZZOLA, S. Don Calabria a Castelcerino. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, pp. 24-25, 2008.

²⁰ BOZZOLA, S. *Ricordi vari di don Calabria a Castelcerino*, senza data, AHPSaDP, fld. Case, c. Castelcerino.

²¹ BUSSINELLO, A. *Lettera a don Calabria*, 17 gennaio 1935, AHPSaDP, f. Religiosi defunti, fld. 17, c. 14/3.

favor dos clérigos e sacerdotes, bem como dos estudantes de Nazareth que, juntamente com os do Colégio Pe. Mazza, buscam um pouco de serenidade para prosseguir os seus estudos: ensino superior, ensino médio, teologia. Não faltam medos e temores, o que faz com que os pensamentos voem sempre para as Irmãs que estão na Casa-Mãe e nas demais Casas de Verona, sobretudo quando lá do alto elas infelizmente assistem ao espetáculo aterrorizante da cidade bombardeada e veem grandes explosões; nestes casos, mesmo abandonadas à vontade de Deus, são invadidas pelo temor de que algo de terrível esteja acontecendo. As Irmãs não ficam tranquilas enquanto não chega alguém proveniente de uma daquelas Casas para dizer que nada de grave aconteceu, narrando os sustos pelos quais todas passaram, mas afirmando que as Irmãs estão sãs e salvas e que as Casas não sofreram danos.²²

Em 7 de abril de 1945 a mestra de noviças vai até Ronco all'Adige²³ para substituir a Superiora que, depois de ter sido internada no Hospital de San Bonifacio para se tratar, está passando por um período de convalescência em Castelcerino.

Este local continua sendo frequentado pelas Irmãs, como o confirmam numerosas anotações feitas no diário: *“Em 10 de agosto de 1948 a Superiora vai até San Zeno para estabelecer a ida para a montanha; da mesma forma uma Irmã se dirige a Nazareth para concluir as tratativas a fim de enviar as Irmãs para Castelcerino. Em 13 de agosto de 1948 as Irmãs partem de Nazareth para Castelcerino”*.²⁴

Casa “Santo Curato d’Ars”

Na premissa da apresentação de *La Casa del Santo Curato d’Ars*, que o Pe. Pedrollo publica sobre o primeiro número da Revista “L’Amico dei Buoni Fanciulli” de 1976, lê-se: *“Na ‘Casa del Santo Curato d’Ars’ (‘Casa do Santo Cura d’Ars’), Ele [Pe. Calábria] tinha a intenção de oferecer um caloroso refúgio de proteção e de segurança para moças adolescentes, mais expostas aos perigos da estrada. Tudo isso se cumpriu no quinquênio 1935-1940”*.²⁵

²² *Cronistoria della Congregazione*, 14 ottobre 1944, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

²³ Na narração dos eventos históricos consta que a Irmã, na escuridão, sem ser vista por ninguém, caiu num precipício. Milagrosamente não se fez nada e foi salva porque, ao ouvir o trote de um cavalo, gritou por socorro; uma menina, que passava por lá naquele momento, chamou uma pessoa adulta que, com uma escada, conseguiu resgatar a Irmã.

²⁴ *Diario della Congregazione*, 10 e 13 agosto 1948, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

²⁵ PEDROLLO, L. *La Casa del Santo Curato d’Ars. L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, pp. 14-17, 1976.

A Casa do Santo Cura d’Ars surge na Paróquia de San Paolo Campo Marzio, atrás do Palácio Martini, cuja fachada dá para a Rua XX de setembro, bem ao lado da Igreja de São Paulo, que foi completamente destruída durante a Segunda Guerra Mundial.

Maria Martini, esposa do Dr. Tiago Martini, advogado e Irmão externo, vindo a saber das intenções do Pe. Calábria, coloca à sua disposição uma parte do Palácio que há anos encontra-se em estado de abandono e que, por isso mesmo, deverá ser readequado para o uso pretendido.

Num primeiro momento o Pe. Calábria pensa nas Irmãs para ativar este serviço. De fato, já ao longo dos anos vinte ele havia colaborado com o Instituto feminino Nossa Senhora de Lourdes partilhando do objetivo de promover a recuperação de moças em dificuldade. Diante desta nova oportunidade de compromisso, ele fala com a Superiora geral, a Irmã Gabriela – Aida Soster e com o delegado para as Irmãs, Pe. Albano Bussinello, que decidem confiar a tarefa às Irmãs Josefina Centa e Maria Assunta Contin. Elas dedicam-se *“primeiramente à limpeza: porque isso era realmente necessário. Carrinhos de lixo de todo tipo foram levados para fora, coadjuvadas neste serviço por duas jovens Irmãs: Inês Cogo e Gemma Tibaldo.*

Estas duas eram hóspedes daquela pobre casa porque estavam frequentando cursos de enfermagem, teóricos e práticos, junto às Irmãs da Misericórdia, no Hospital Civil da época, na Rua Marconi.

*Depois do trabalho, elas não ficavam pensando que teriam direito a um justo repouso: arregaçavam as mangas e os trabalhos mais duros eram delas, pois eram jovens”.*²⁶

No dia festa da Bem-Aventurada Virgem Maria Auxiliadora, 24 de maio de 1937, celebrou-se a inauguração. Pe. Calábria, em seu diário, escreve: *“Ontem, na pequena Casa do Santo Cura d’Ars (Casa do senhor Tiago Martini), foi inaugurada uma grande Obra de glória de Deus e de bem para as almas. Que o Senhor a faça crescer na santa humildade, caridade e grande escondimento”.*²⁷ E eis a crônica daquele acontecimento, escrita pelo Pe. Pedrollo: *“No dia 24 foi inaugurada a pequena Casa Santo Cura d’Ars (o nome foi dado alguns dias depois). Pe. João, tendo voltado de Terrossa com o Pe. Albano, o Pe. Franchini e o Pe. Pedrollo, em torno das 4h da*

²⁶ Ibid., p. 16.

²⁷ CALABRIA, G. *Diario VI Quaderno “Mio Diario”* [1935-1939], 24 maggio 1937, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 6, b. N 02811.

tarde, encontrava-se no local. Lá se encontravam também duas ou três Irmãs. Visitou os locais. Depois rezou três Ave-Marias à Auxiliadora e deu a ordem de preparar o terreno para acolher quanto antes a semente.

Ele achava que estivesse tudo pronto, mas na realidade faltava a luz, camas etc. Perguntou às Irmãs se elas estavam contentes. Diante da resposta um pouco embaraçosa delas, disse: 'É que se faz sempre uma grande festa quando nasce um principzinho etc. A mesma coisa quando nasce uma criatura divina. E é uma criatura divina que está nascendo; cabe a vocês acolhê-la, nutri-la etc.'

Cerimônia simples, mas muito viva; sentia-se que não era algo estéril. Deo gratias!"²⁸

No mesmo dia o Pe. Calábria escreve também uma carta de agradecimento aos Martini, na qual afirma: "Nossa Senhora, a querida Nossa Senhora Auxiliadora, neste seu lindo dia, concedeu-me de ver, de visitar a nova Pequena Casa do Santo Cura d'Ars. Agradei ao Senhor; quando eu pisava aquele terreno eu sentia que era o terreno de Deus e que, se cooperarmos com a sua divina graça, na santa humildade, caridade e pleno abandono nos braços amorosos da Providência, se cumprirão grandes coisas para a glória de Deus e para o bem das almas".²⁹

Também na crônica histórica das Irmãs lê-se: "1º de julho de 1937. As Irmãs vão para a Casa em San Paolo (casa de redenção?)"³⁰

E no dia 2 de julho o Pe. Pedrollo refere que o Pe. Calábria mudou seu pensamento a respeito do pessoal que deverá se ocupar daquela nova Obra: "Mas o Pe. João não concorda que a Obra (reabilitação de jovens arrependidas) seja confiada às Irmãs. Naqueles dias veio de Schio a senhora Ferretto,³¹ que pretende trabalhar pela Casa colocando à disposição os seus bens; ela quer pedir o que há para ser feito, se e quando vir. A inspiração era do Senhor, porque contemporaneamente o Pe. João está pensando, sim, em confiar a Obra a alguém, mas como não pode fazer isso logo, eis que ele escolhe a boa Rosina Taddei, que está aqui há alguns anos; ele contava também

²⁸ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 24 maggio 1937, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

²⁹ CALABRIA, G. *Lettera a Martini*, 24 maggio 1937, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Laici, fld. 9, c. 272, b. 01152.

³⁰ *Cronistoria della Congregazione*, 1 luglio 1937, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

³¹ Josefina Ferretto, uma idosa de Schio, de boas condições econômicas. In: PEDROLLO, L. *La Casa del Santo Curato d'Ars. L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, pp. 14-17, 1976; nesse artigo, pode-se ler: "Outra senhora anciã, Josefina Ferretto, com a qual o Pai muito contava para o incremento da Obra, não deu aquele retorno que dela se esperava. Posteriormente, tendo adoecido, retornou para Schio, onde morreu santamente".

com uma outra, que não aceitou.³² Assim, substituiu-a pela Irmã Natália Fainelli.³³ O Pe. Calábria tinha a intenção de celebrar a missa, mas não se sentiu bem. Levou para lá a sua bênção no dia seguinte.

As bases são: a) espírito de família; b) entretanto, as acolhidas vivam submissas, nada peguem sem permissão, comam separadamente; c) o dia seja ordenado por um horário fixo; d) o dia seja passado no trabalho, no recolhimento, na oração. Não criar um ambiente de educandário, mas nem de convento, e sim de família; e) as Irmãs distribuam entre si os encargos, de tal modo que cada uma tenha o seu campo de ação; f) visitas raras e, neste momento e no caso presente, só o pai da filhinha”.³⁴

O que aconteceu? Segundo o Pe. Pedrollo, o Pai, que num primeiro momento pensava nas Irmãs, chegou a amadurecer a decisão de confiar “uma obra daquele tipo a pessoas seculares, por terem maior experiência de vida e serem mais livres nos seus movimentos. Tais pessoas, de provada virtude, dotadas de saudável equilíbrio e de justo senso prático, teriam podido se tornar também mais úteis a jovens desse tipo, com os seus conselhos e exortações...

Quanto às moças, além disso, vivendo com pessoas seculares, teriam se encurtado as distâncias, elas teriam se aberto com mais facilidade para resolver os seus delicados problemas... E quando elas fossem sair da Casa tais pessoas seculares poderiam acompanhá-las com mais liberdade, ajudando-as no período de um honesto namoro, conduzindo-as quase que pela mão para formarem uma família cristã”.³⁵

O testemunho do Pe. Pedrollo sobre a mudança das intenções do Pe. Calábria tem o seu peso. No entanto, não se pode esquecer que naquele mesmo período está em andamento a visita apostólica por parte do Abade Caronti. Por essa razão seria muito interessante saber o que o visitador pensa sobre tal experiência. Poderia ele ter desempenhado algum papel na mudança de enfoque da Obra por parte do Pe. Calábria?

³² Com toda probabilidade trata-se de Maria Lunardi. Ao contrário daquilo que foi escrito na narração cronológica dos fatos em julho de 1937, Pe. Pedrollo escreve que ela aceita, como se pode ver no seu artigo: PEDROLLO, L. La Casa del Santo Curato d’Ars. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, pp. 14-17, 1976. Esse fato, caso venha a se tratar da mesma pessoa, não deveria surpreender, pois a decisão de Maria Lunardi pode ter sido amadurecida no período seguinte.

³³ Irmã Maria Fainelli permanece lá de 1º de julho de 1937 até 8 de novembro do mesmo ano. Cf. N. FAINELLI (Sor. Maria di Gesù). *Diario*, 1 luglio e 8 novembre 1937, AHPSaDP, fld. Natalia Fainelli 2.

³⁴ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 9 luglio 1937, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

³⁵ PEDROLLO, L. La Casa del Santo Curato d’Ars. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, p. 15, 1976.

E ainda, não parece justo calar sobre o fato de que não é a primeira vez que o Pe. Calábria ventila a hipótese de uma atividade desta natureza como uma missão a ser reservada às Irmãs. Ele havia inclusive solicitado à autoridade diocesana a permissão para tanto, em 1915 e em 1918, e tinha realizado, em plena Primeira Guerra Mundial, uma comunidade de acolhidas que vivia na Casinha Giusti, sob a direção de uma Irmã.

Todavia, para além de tudo isso, deve-se dar uma certa importância àquilo que o Pe. Pedrollo escreve em julho de 1937: “*Ontem o Pe. João decidiu que lá [no Palácio Martini] elas não devem ficar. Ele pensa em Santa Toscana construindo a) Casa-Mãe Irmãs – b) noviciado – c) pensionato – d) ramo das arrependidas*”.³⁶

Escreve ainda o Pe. Pedrollo: “*Olhando de fora pareceu ser uma fâsca que se acendeu num raio fugaz, que logo se apagou devido a um conjunto de circunstâncias adversas*”.³⁷

San Filippo Neri alla Pinetta Sacchetti (Roma)

Por intervenção do Pe. Júlio Bevilacqua, membro da Pontifícia Obra pela Preservação da Fé, foi requerida ao Pe. Calábria a presença dos seus religiosos a fim de que assumissem o cuidado pastoral de um importante território abandonado na periferia de Roma, precisamente a área de Primavalle e da Pinetta Sacchetti. Só depois de 11 de fevereiro de 1932, data da aprovação diocesana da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência e das *Constituições*, o Pe. Calábria estabelece que isso seja feito. Tendo partido de Verona no dia 4 de março de 1932, três sacerdotes, dois Irmãos e um aspirante dão início à nova comunidade de Roma, dirigida pelo Pe. Estanislau Pellizzer, o qual assume também o encargo de Pároco. Nos dois meses seguintes já é sentida a falta de uma presença feminina na casa e, por esta razão, no dia 5 de maio de 1932 o Pe. Estanislau, por carta, pede ao Pe. Calábria: “*Se o senhor achasse oportuno enviar-nos também uma Irmã velha, veja bem aquilo que in Domino será melhor fazer*”.³⁸ Também o Pe. Bellarini,³⁹ no dia 13 de outubro de 1932, antes de partir para a região do Abruzzo, manifesta à Superiora o pedido de algumas Irmãs para a comunidade romana.

³⁶ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 9 luglio 1937, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

³⁷ PEDROLLO, L. *La Casa del Santo Curato d’Ars. L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, pp. 14-17, 1976.

³⁸ PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, 5 maggio 1932, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 1, c. 12 corrispondenza a don Calabria [1932-1934].

³⁹ *Cronistoria della Congregazione*, 13 ottobre 1932, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

Tal é a necessidade de se ter Irmãs que menos de uma semana depois daquele pedido o Superior de Roma volta a insistir com o Pe. Calábria: *“Nosso bom Pai, esperei até hoje para responder à sua preciosa e acima de tudo querida carta para ver se era possível viabilizar alguma coisa com o Pe. Bevilacqua a respeito da proposta feita pelo Reverendíssimo Pe. Luiz Pedrollo. Falei hoje também com o Pe. Bevilacqua para ouvir o parecer deles a respeito da possibilidade de que a Casa-Mãe nos mande duas Irmãs em lugar do Irmão enfermo. Pe. Bevilacqua não é muito favorável, talvez porque saiba o que pensa disso o cardeal vigário; de qualquer forma, ele deve vir para Verona num destes dias e assim poderá lhe falar sobre a necessidade que temos de uma ou duas Irmãs, para a cozinha e para a rouparia. Caso o Pe. Bevilacqua lhe diga que não é absolutamente conveniente, então eu lhe pediria, ó nosso bom Pai, que nos mande logo um Irmão capaz de fazer qualquer coisa”*.⁴⁰ E novamente o Pe. Pellizzer escreve ao Pe. Calábria: *“Dom Ercole me pediu se o senhor pensou sobre a questão das nossas Irmãs, pois o tempo passa. Eu lhe peço, meu Pai, que as faça aprovar logo, porque com irmãs estrangeiras⁴¹ é impossível trabalhar”*.⁴²

Na verdade o próprio Pe. Calábria está fazendo de tudo para enviar as Irmãs, mas a sua prudência o impele a agir com cautela, pois fora do âmbito das Dioceses de Verona e de Vicenza as Irmãs não são conhecidas e a sua aprovação ainda está longe. O desejo de uma comunidade romana realiza-se apenas alguns anos depois, tal como o anuncia o seu Superior, Pe. Bussinello: *“Neste ano à sua piedosa comunidade abre-se também a estrada de Roma e, se Deus quiser, duas de vocês irão para a cidade eterna, perto do Vigário de Jesus Cristo, para dar apoio aos nossos Coirmãos, que há três anos trabalham naquele campo do Senhor”*.⁴³

As duas primeiras Irmãs propostas para esta missão são Beatriz – Ângela De Mori, com o encargo de Superiora, e Oliva Mascalonzi, que partem para Roma no dia 12 de março de 1935.⁴⁴

O primeiro impacto delas com a cidade de Roma foi assim descrito pela Irmã Beatriz em carta enviada ao Pe. Calábria no dia 31 de março de 1935: *“Estou em Roma, para onde a obediência, e conseqüentemente a vontade de Deus, me mandou. Eu jamais*

⁴⁰ PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, 10 maggio 1932, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 1, c. 12 corrispondenza a don Calabria [1932-1934].

⁴¹ Pe. Estanislau está se referindo a irmãs de outros Institutos religiosos.

⁴² PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, 25 agosto 1933, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 1, c. 12 corrispondenza a don Calabria [1932-1934].

⁴³ BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 1 dicembre 1934, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

⁴⁴ *Registro movimento Sorelle*, AHPSaDP, fld. Movimento Sorelle, c. 1, Registro, pp. 4 e 18.

teria pensado, tão pobrezinha, em ter tanta sorte... Roma!... Quantas coisas me diz essa palavra!... Roma, centro da cristandade, terra sagrada, porque banhada pelo sangue de tantos milhões de mártires..., sede do Santo Padre, que eu amo tanto...

*Da cozinha, onde passo meu dia, posso contemplar a cúpula de São Pedro”.*⁴⁵

Também a Irmã Oliva Mascalonzi transmite o seu entusiasmo por ter chegado a Roma e deseja manifestar o seu reconhecimento pessoal ao Pe. Calábria: *“Não posso deixar de agradecê-lo, sinto mesmo o dever de agradecê-lo. É verdade que estou aqui para cumprir o meu dever, para trabalhar pelo Senhor tanto quanto se fosse uma outra, mas não posso esconder-lhe a alegria que eu experimentei, não quando me disseram que viria para Roma, mas quando cheguei em Roma.*

*Embora eu seja muito insensível, não pude deixar de sentir um senso de devoção e de comoção vendo estes lugares, estas estradas, que são expectadoras de tantos mártires; aqui, nessas estradas, caminharam em milhares os santos mártires. Eu acho que devo ser muito reconhecida ao Senhor também por esta graça. Eu a chamo graça porque sinto que devo chamá-la assim”.*⁴⁶

Outros brevíssimos acenos à presença das Irmãs podem ser encontrados na troca de correspondências entre o Pe. Pellizer e o Pe. Calábria. Um mês depois da chegada das Irmãs, o pároco, que por alguns anos passou pelos incômodos causados pela falta de uma presença feminina na casa canônica, pode agora finalmente escrever ao Pe. Calábria: *“Os nossos meninos estão bem e fazem bem, assim como também as nossas Irmãs, que são realmente boas e nos são de grande auxílio”.*⁴⁷

Não faltam notícias referentes à saúde das Irmãs, em particular da Irmã Irene, internada no Hospital do Littorio.⁴⁸ É significativo, além disso, o fato de que, nas cartas, estejam sempre presentes referências, ainda que breves, às Irmãs, que nunca são esquecidas, justamente por causa da sua apreciada presença. Ainda o Pe. Pellizer, escrevendo aos seus Superiores de Verona: *“Graças a Deus estamos todos bem. Hoje levaram para o hospital a Irmã Irene. Ela teve uma hemoptise. É muito boa, e*

⁴⁵ MORI, A. DE (Sor. Beatrice di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 36.

⁴⁶ MASCALZONI, O. *Lettera a don Calabria*, 31 marzo 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 8, c. 56.

⁴⁷ PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, 17 aprile 1935, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 1, c. 13 corrispondenza a don Calabria [1935-1937].

⁴⁸ Cf. PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, 17 luglio 1945, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 1, c. 19 corrispondenza a don Calabria [1944-1945].

trabalhou demais. Diga ao Pe. Calábria que a abençoe".⁴⁹ "Não tivemos mais notícias da Irmã Irene. Como ela está? Quando a visitar assegure-lhe da nossa lembrança; rezo ao Senhor, e isso também em reconhecimento pelo grande bem que ela fez em Primavalle".⁵⁰ "Sinto muito pela Irmã Oliva e também pela Irmã Irene, que não estão bem; mas felizes delas, pois são santas".⁵¹ E ainda: "As Irmãs estão bem, e cumprindo o seu dever".⁵²

Justamente neste período a Superiora das Irmãs decide fazer uma visita à comunidade romana, a mais distante de Verona. Eis como ela justifica a viagem, numa carta ao Pe. Calábria: "Há muito tempo as Irmãs de Roma continuam me escrevendo porque desejam que eu vá até elas, pois sentem a necessidade da minha presença. Não sei bem do que se trata. Sei, todavia, que há uma Irmã que não está muito bem. O senhor, Pai, sabe que não sou muito propensa a viajar. É claro que serei acompanhada na viagem por uma Irmã, e ficarei pouquíssimos dias".⁵³ Antes de partir pede-lhe que abençoe a viagem e a missão: "Como o senhor sabe, amanhã estarei partindo para Roma com a Irmã. Antes, porém, peço novamente a sua paterna bênção. Pretendo voltar, se possível, sábado próximo, dia 12".⁵⁴

Ao longo dos anos vão aumentando as dificuldades e no dia 27 de junho de 1957 as Irmãs do conselho ainda tratam o argumento "muito importante"⁵⁵ das comunidades onde encontram-se apenas duas Irmãs, apresentando a proposta referente à Casa São Filipe Neri, "da qual seria preciso retirar logo as Irmãs para evitar algo de doloroso".⁵⁶ Depois de uma breve discussão, "conclui-se pela retirada provisória das Irmãs, dando um pouco de tempo; depois, se verá".⁵⁷

⁴⁹ PELLIZZER, S. *Lettera a don Pedrollo*, non datata, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 3, c. 34 corrispondenza a don Pedrollo [non datata].

⁵⁰ PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, 4 settembre 1945, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 2, c. 19 corrispondenza a don Calabria [1944-1945].

⁵¹ PELLIZZER, S. *Lettera a don Pedrollo*, 13 dicembre 1945, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 53, c. 8/1 corrispondenza a don Pedrollo [1945-1967].

⁵² PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, 13 dicembre 1945, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 39, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1944-1954].

⁵³ CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). *Lettera a don Calabria*, non datata, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 6, c. 14, corrispondenza a don Calabria [senza data].

⁵⁴ CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). *Lettera a don Calabria*, non datata, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 6, c. 14, corrispondenza a don Calabria [senza data]. Trata-se de uma outra carta, provavelmente escrita alguns dias depois daquela à qual se faz referência na nota precedente.

⁵⁵ *Libro dei Verballi*, 27 giugno 1957, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verballi dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958.

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ Ibid.

No dia seguinte a Madre geral telefona avisando o Pe. Luiz Pedrollo sobre a decisão tomada, o qual, porém, “*acha justo conceder um pouco de tempo (todo o mês de julho), já que serão realizados os exercícios, de modo que se providencie*”.⁵⁸ É reafirmada a condição provisória da decisão, enquanto não se consiga garantir a continuidade da presença das Irmãs naquela comunidade.

Alguns meses depois a reunião do conselho realizada no dia 7 de outubro começa com a comunicação de que uma Irmã ainda está presente na comunidade de São Filipe Neri; portanto, deduz-se que a comunidade ainda não tenha sido fechada.⁵⁹

Algumas cartas que o Pe. Mário Pomini enviou ao Pe. Luiz Pedrollo entre outubro e dezembro de 1960 tratam da decisão da Madre Geral de retirar definitivamente da Paróquia de São Filipe Neri as Irmãs,⁶⁰ que de lá se retiram no dia 5 de dezembro.

San Pancrazio

Na reunião realizada em 8 de setembro de 1935 o conselho da Obra decidiu que, na casa que havia sido doada no bairro San Pancrazio, na Rua XXVIII Marzo, sob a direção da Casa de Madonna di Campagna, fossem hospedados os menores dos 8 aos 12 anos, dos quais a assistência espiritual ficaria a cargo do Pe. Giacomini. Depois dos necessários trabalhos de reestruturação, a Casa foi inaugurada no dia 8 de dezembro do mesmo ano.

No encontro do conselho realizado no dia 14 de agosto de 1936 foi estabelecido que a Casa de San Pancrazio continue a ser destinada aos menores que cursam as séries iniciais.

No dia 9 de dezembro de 1938 a discussão sobre a organização da Casa-Mãe das Irmãs conduz ao acordo segundo o qual “*San Pancrazio deve se constituir regularmente em Casa de noviciado e morada das anciãs. Ficam encarregados o Pe. Rossi e o Irmão Antônio da elaboração de um plano de adaptação, bem como do*

⁵⁸ Ibid.

⁵⁹ Cf. Ibid., 7 ottobre 1957.

⁶⁰ POMINI, M. *Lettere a don Pedrollo*, 20 ottobre e 7 novembre 1960, AHPSPD, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 3, c. 35 corrispondenza a don Pedrollo [1938-1968].

respectivo orçamento; os referidos plano e orçamento serão submetidos ao voto do conselho".⁶¹

Durante a Segunda Guerra Mundial a Casa permanece fechada por prudência, já que está localizada muito perto da linha ferroviária Verona-Veneza. Algumas famílias que perderam suas casas solicitaram permissão para se abrigar na Casa de San Pancrazio, que assim se transformou num centro de acolhida e distribuição de alimento e vestuário.

Com o fim do período emergencial, começam a hospedar-se na Casa algumas pessoas anciãs solitárias. Sem um projeto bem definido, o número aumenta chegando a cinquenta pobres velhinhos. Dirigida pelo Irmão Domingos Signorini, a Casa reafirma um estilo semelhante ao de outras Casas da Obra: uma grande família, na qual cada um colabora segundo as suas próprias forças; motor e alma de tudo é a comunidade religiosa de Irmãos e Irmãs, coadjuvados por alguns voluntários e por outras pessoas.⁶²

Novamente o conselho da Obra volta a afrontar a situação desta Casa na reunião de 22 de junho de 1946. De fato, *"em obséquio ao desejo do Pai Pe. João, analisa-se a sistematização da Casa de San Pancrazio. Essa Casa, quanto à administração, ficará submetida à Casa de San Zeno in Monte e, na medida do possível, acolherá homens velhos necessitados de assistência, chamando-se 'Casa de Repouso' "*.⁶³

Assim, desde 1946 é destinada às pessoas anciãs, sem casa e sem meios, que vivem em situações de pobreza e de abandono, agravadas pelo fato de que se trata dos anos imediatamente seguintes à Segunda Guerra Mundial. Para oferecer uma hospitalidade mais adequada, a Casa foi reestruturada e ampliada várias vezes. Os hóspedes são tratados com paciência, cuidado e compreensão por parte dos Irmãos e das Irmãs, ao passo que socialmente vai se difundindo uma tendência a rejeitar a presença da pessoa idosa. Além disso, a Casa acolhe em número crescente doentes psicóticos, mesmo não idosos, que tiveram alta por terem sido considerados curados em hospitais psiquiátricos. Sempre mais frequentemente pedem assistência também ex-presos e às vezes pessoas que foram condenados à prisão perpétua, praticamente abandonados pelas suas famílias de origem, para as quais não podem mais retornar. Com a assistência

⁶¹ *Verbali del Consiglio Generale (1932-1949)*, 9 dicembre 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 2.

⁶² Cf. *Manoscritto per il 25° di Casa Perez*, 1984, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona San Pancrazio, fld. 1, c. 10 Storia/2.

⁶³ *Verbali del Consiglio Generale (1932-1949)*, 22 giugno 1946, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 2.

afetuosa dos religiosos e das religiosas, a Casa San Pancrazio constitui-se num ambiente de particular serenidade.

Sobre o início da presença das Irmãs nessa Casa encontram-se documentados apenas alguns traços: “30 de janeiro de 1936. Irmã Assunta Contin em nova Casa, San Pancrazio”;⁶⁴ com ela vai outra religiosa, a Irmã Rosa Magon.

Além disso, duas Irmãs “no dia 5 de dezembro de 1939 vão para fazer o serviço de cozinha às velhinhas acolhidas; da rouparia, San Zeno se responsabilizará”.⁶⁵ Também na carta seguinte da Superiora, Irmã Serafina – Adele Carli, dirigida ao Pe. Calábria, fala-se da vinda a San Pancrazio das Irmãs; para uma delas trata-se de um “retorno”; a outra é a Irmã Teresinha Soga. Pelo contexto a data da carta poderia referir-se ao dia 11 ou 12 de outubro de 1941.⁶⁶ Eis um trecho: “Venerado Pai, ontem a Irmã Assunta, juntamente com outra Irmã, foram para San Pancrazio a fim de assumir o encargo recebido. Estão contentes. Pedem apenas, se possível, ter como confessor o Reverendo Pe. Rossi, pois não se sentem à vontade com o capelão da Casa. Venha quando puder”.⁶⁷

No verão de 1951 surge a proposta, apresentada pelo pároco local, de confiar a gestão da creche às Irmãs. Sobre isso a Superiora geral na época, Inês Cogo, pede o parecer do Pai evidenciando-lhe a dificuldade de afrontar a situação por causa das forças reduzidas e devido a alguns problemas de saúde. Assim ela escreve: “Não lhe escondemos, todavia, um sofrimento: a escassez de Irmãs e os seus problemas de saúde não nos permitem dar conta das exigências que a ampliação da Obra comporta.

Jesus brinca e se diverte conosco. Isso me deixa feliz, mas lhe repito que se trata de maus momentos.

*Quero Lhe pedir um conselho. Nestes dias fomos solicitadas a assumir a creche em San Pancrazio. Faríamos um grande bem; atualmente encontram-se lá algumas senhoritas; o Reverendo pároco, antes de pedir a outros Institutos, dirigiu-se a nós. Pessoal nós não temos, mas se for vontade do Senhor nós logo entenderemos os seus sinais. O que o senhor acha disso, Reverendo Pai? Como devemos agir?”*⁶⁸

⁶⁴ Registro movimento Sorelle, AHPSaDP, fld. Movimento Sorelle, c. 1, Registro, pp. 8 e 35.

⁶⁵ Elenco Sorelle residenti nelle diverse Case, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Registri del superiorato di Sor. G. Soster e Sor. S. Carli.

⁶⁶ Registro movimento Sorelle, AHPSaDP, fld. Movimento Sorelle, c. 1, Registro, pp. 8 e 13.

⁶⁷ CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). Lettera a don Calabria, senza data, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 6, c. 14.

⁶⁸ COGO, A. Lettera a don Calabria, 4 agosto 1951, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 20.

Numa outra carta, de maio de 1953, a Irmã Inês informa ao Pe. Calábria que “*as Filhas de Santa Ângela foram visitar a Casa de San Pancrazio antes de se instalarem*”,⁶⁹ e que, pela escassez de membros, “*as duas Irmãs que se encontram naquela Casa foram destinadas à nova Paróquia de Roma, na qual é pároco o Reverendo Pe. Isaías*”.⁷⁰

Na Casa San Pancrazio as Irmãs dão conta dos serviços de cozinha, rouparia e lavanderia até saírem de lá no dia 15 de fevereiro de 1965;⁷¹ nos anos seguintes, mais precisamente desde 20 de novembro de 1970, a Casa de Repouso de San Pancrazio volta a contar com a presença das Irmãs.⁷²

Maguzzano

A nova comunidade da Abadia de Maguzzano, composta por três Irmãs,⁷³ começa a operar a partir do dia 14 de outubro de 1938. Pe. Calábria as avisa que “*naquela Casa há muito trabalho a ser feito; mas lembrem-se: estar lá é uma graça*”.⁷⁴ Além de ocupar-se dos trabalhos femininos elas se dedicam a outras atividades, e no dia 5 de outubro de 1941 abrem uma creche. O grupo progressivamente vai sendo ampliado e reforçado com novos membros, como ocorre, por exemplo, por ocasião da festa do pároco, quando a mestra de noviças e uma noviça chegam a Maguzzano para ajudar as Irmãs de 13 a 18 de agosto de 1948.

Uma carta da Irmã Maria – Natália Fainelli ao Pe. Luiz Pedrollo no ano de 1950 testemunha o clima da comunidade, intensamente comprometida no serviço com os sacerdotes e Irmãos da Casa no acompanhamento dos cursos de exercícios lá realizados. A seguir, um trechinho: “*Neste tempo, aqui em Maguzzano, tivemos muito trabalho, e posso dizer-lhe que todas as Irmãs trabalharam duramente e com espírito de união fraterna. Pelo que sei, os Reverendos sacerdotes, de cada um dos cursos dos santos exercícios espirituais, ficaram satisfeitos não apenas com o bom andamento, mas de tudo, e certamente ficaram muito impressionados com a Obra admirando o seu espírito*

⁶⁹ COGO, A. *Lettera a don Calabria*, 5 maggio 1953, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 20.

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ Cf. *Diario della Congregazione*, 15 febbraio 1965, AHPSaDP, fld. Diari dall'1 maggio 1955 al 31 dicembre 1970.

⁷² Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 20 novembre 1970, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 2.

⁷³ Cf. BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 21 novembre 1938, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

⁷⁴ *Cronistoria della Congregazione*, 14 ottobre 1938, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

evangélico, como alguns Reverendos o manifestaram casualmente a mim. Vieram falar com as Irmãs o Excelentíssimo bispo de Ravenna e o Excelentíssimo bispo de Chioggia para agradecer por tudo, e este último nos disse: 'Fiquei edificado... Agradeço-lhes pelo muito que fizeram; vou orar pela Superiora e por todas vocês, a fim de que a congregação aumente em número e em fervor...'. O Reverendo Pe. Giacomini contribuiu para que tudo procedesse bem e segundo o espírito da Obra".⁷⁵

⁷⁵ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Pedrollo*, 6 ottobre 1950, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 39.

Villa Garda

O irmão do Pe. Albano, o Dr. Gustavo Bussinello, é diretor de uma clínica em Garda. Lá, no dia 16 de novembro de 1938, um grupo de seis Irmãs, dentre as quais duas enfermeiras diplomadas, foram prestar os seus serviços.⁷⁶ Desde o começo o trabalho delas é muito apreciado, como se pode ver pelo que escreve o Pe. Bussinello em nota a uma carta enviada a todas as Irmãs em novembro de 1938: “*Sei, pelo meu irmão, que vocês fazem muito bem, o que me consola*”.⁷⁷

Isso é confirmado também na carta que o Dr. Gustavo envia ao Pe. Calábria: “*As Reverendas suas filhas transformaram a clínica sobretudo do ponto de vista moral*”, e é exatamente o que o próprio Pai deseja como fruto da presença das suas religiosas.⁷⁸

Na Villa Garda, as Irmãs permanecem até “*17 de outubro de 1942, dia em que são retiradas devido a urgentes necessidades da Casa-Mãe*”.⁷⁹

Roncà (Vicenza)

O conselho da Obra, em reunião realizada no dia 9 de dezembro de 1938, no ponto 6, aprova o seguinte: “*A Casa de Roncà precisa ser reforçada com um muro, bem como da preparação de um local para as Irmãs. Foram feitos orçamentos, e o valor gira ao redor de 4.000 liras. Uma piedosa senhora ofereceu-se para contribuir com aproximadamente 3.000 liras; o restante da despesa deverá ser providenciado pelo Instituto. Propõe-se ao conselho a autorização para que se proceda à reforma nas condições acima especificadas*”.⁸⁰

Foi assim que na Casa de Roncà, onde já atuam os Pobres Servos da Divina Providência, tornou-se possível a presença das Irmãs a partir do dia 2 de fevereiro de 1939.⁸¹ As primeiras a constituir a comunidade são a Irmã Luisa Rizzi e a Irmã Eleonora Massignan.⁸²

⁷⁶ BUSSINELLO, A. *Lettera alle Sorelle*, 21 novembre 1938, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Lettere alle Sorelle.

⁷⁷ Ibid.

⁷⁸ BUSSINELLO, A. *Lettera a don Calabria*, 20 dicembre 1938, AHPSaDP, fld. Don Albano Bussinello [1926-1941], c. Promemoria – Vita delle Sorelle.

⁷⁹ *Cronistoria della Congregazione*, 17 ottobre 1942, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

⁸⁰ *Verbale del Consiglio Generale (1932-1949)*, 9 dicembre 1938, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 2.

⁸¹ Essa data pode ser encontrada em *elenco Case e note*, senza data, AHPSaDP, fld. Case.

⁸² SORELLE DI RONCÀ. *Lettera a don Calabria*, 5 aprile 1939, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4/A, c. 49.

Deve-se lembrar a acolhida que o Pe. Calábria ofereceu a uma médica hebreia, Mafalda Pavia, justamente na Casa de Roncà, por dezoito meses, de dezembro de 1943 a maio de 1945. Na Casa, ela vestiu o hábito usado pelas Irmãs e foi chamada com o nome de Irmã Beatriz. Apenas o Superior da Casa conhecia a sua verdadeira identidade; nenhuma outra pessoa, nem mesmo dentre as Irmãs presentes, sabia algo a seu respeito. *“Segundo as disposições dadas pelo Pe. Calábria, ela podia mover-se com toda liberdade física e moral, não estava obrigada a se unir às Irmãs nos momentos de oração, nem a frequentar a igreja. [...] Ainda assim não demorou para se criar entre as Irmãs e a nova Irmã Beatriz um afeto particular: todas são boas e cuidadosas com ela, não lhe pedem nada, não exercem qualquer tipo de pressão”*.⁸³

Nos anos seguintes registra-se que a Casa não responde suficientemente às necessidades, tanto que no dia 13 de julho de 1954 o tema volta a ser tratado na reunião do conselho: *“Irmão Prospero expõe as tristes condições daquela Casa: às Irmãs falta o mínimo necessário para a conveniência e dignidade; a casa, uma ex-casa colonial, está quase sem fundamentos, tornando-se necessário um reforço nos alicerces. No mínimo será necessário um milhão em despesas”*.⁸⁴

Ao longo dos anos cinquenta, mais precisamente em 1955, o noviciado dos Pobres Servos da Divina Providência foi transferido para Verona e assim *“a Casa de Roncà se torna cenáculo de formação, acolhendo jovens das escolas de ensino médio. Diminuindo sempre mais o número de alunos, a Casa de Roncà foi fechada em 1969”*,⁸⁵ precisamente no dia 20 de setembro, quando as duas Irmãs Beatriz – Ângela De Mori e Regina Zabeo retornam à Casa-Mãe.⁸⁶

Costozza (Vicenza)

No relatório sobre a vida da comunidade datado de março de 1931 e redigido pelo Superior da Casa Buoni Fanciulli de Costozza, Pe. Franchini, lê-se que *“atualmente os jovens internados são 82, e com alguns outros que talvez venham se consiga chegar a não mais do que 85. Além destes, encontram-se também 13 Irmãs,*

⁸³ PIOVAN, L.; PELLOSO, M. P. (Org.). *Shalòm Beatrice*. Lettere di una “medichessa” ebrea a un Santo. Roma: Editrice Ave, 2000. pp. 45-46.

⁸⁴ *Verbali del Consiglio Generale (1949-1954)*, 13 luglio 1954, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 3.

⁸⁵ FOFFANO, O. *Don Giovanni Calabria*. Milano: Casa Buoni Fanciulli, 1981. p. 256.

⁸⁶ *Diario della Congregazione*, 20 settembre 1969, AHPSaDP, fld. Diari dall'1 maggio 1955 al 31 dicembre 1970.

dois hóspedes, o prof. [...] nós dois sacerdotes e nove Irmãos, dos quais alguns necessitados de cuidados especiais devido à fragilidade de sua saúde. No total, na Casa, chega-se a 108 pessoas".⁸⁷ Em base ao que foi acima descrito, pode-se deduzir que o trabalho das Irmãs, na Casa de Costozza, onde elas estão presentes desde julho de 1920, seja razoavelmente intenso, e assumir mais um compromisso externo significaria acrescentar mais uma tarefa às já existentes, com o conseqüente aumento de trabalho.

Para a abertura de uma escola elementar que seria confiada a elas, ideia que começa a ser ventilada, seriam necessárias Irmãs que tivessem uma qualificação profissional específica, e não são muitas as que têm formação no âmbito educacional. O projeto começa a amadurecer ao longo do ano de 1937. Confirmação disso nós a temos numa carta datada de 30 de agosto de 1937 e enviada ao vigário forâneo de Costozza, que havia solicitado a presença de algumas Irmãs que seriam encarregadas de dirigir a escolinha infantil que estava sendo instalada na paróquia. A proposta deste novo serviço pastoral é bem aceita, como se pode ver na carta: *"Devo dizer-lhe, senhor vigário, que no seu pedido, primeiramente oral e agora por escrito, eu vi um plano particular de Providência também para as nossas boas Irmãs, cuja esfera de bem a Providência parece estar querendo assim alargar e que, aliás, estabeleceu o seu início justamente em Costozza, onde se vislumbrou também um campo mais abrangente de apostolado para os nossos religiosos Irmãos*.

Portanto, ao mesmo tempo em que, com a presente, manifesto-lhe a minha concordância, sinto o dever de agradecê-lo pela preferência e pela confiança que tem tido em nós".⁸⁸

Quanto ao aspecto econômico, manifesta-se a plena disponibilidade de aceitar a proposta no espírito da Obra, que significa nada de preocupações, concluindo que: *"À sua caridade, senhor vigário, confiamos a preocupação com o espírito e com a Obra por conta das duas Irmãs que serão para lá destinadas, das quais uma é professora de ensino fundamental e a outra de ensino profissionalizante. Oportunamente o senhor nos proporá o estatuto que irá reger o funcionamento da escola e fixar as obrigações e os direitos das Irmãs detalhando suas tarefas*".⁸⁹

⁸⁷ FRANCHINI, G. *Reazione a don Calabria sulla comunità*, 17 marzo 1931, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 76, c. 57/3, lettere a don Calabria.

⁸⁸ *Lettera all'arciprete di Costozza*, 30 agosto 1937, AHPSaDP, fld. Case, c. Asilo di Costozza. A carta não está assinada.

⁸⁹ *Ibid.*

Numa outra carta, escrita em 13 de setembro, provavelmente atribuível ao pároco de Costozza, almeja-se que a abertura da escola seja feita o mais tardar no final do mês seguinte, outubro, garantindo que isso acontecerá mesmo que a Itália venha a entrar em guerra. Para tanto, solicita-se que o grupo de trabalho esteja pronto para o período estabelecido. E é assim que no dia 24 de maio de 1940 as Irmãs assumem o ensinamento na escola elementar, sob a responsabilidade dos Irmãos.

Na reunião realizada no dia 2 de junho de 1950⁹⁰ o conselho das Irmãs afronta a questão da escola elementar de Costozza, há dez anos assumida pelos Pobres Servos, que agora decidem retirar-se. Esta é também a decisão tomada pelas Irmãs, dentre as quais, mesmo que haja uma pessoa qualificada para se dedicar ao ensino, não há pessoal suficiente para dar continuidade à colaboração. Faltam, efetivamente, outras Irmãs para constituir uma segunda comunidade dedicada ao serviço à infância, além da que já está atuando. Não obstante o interesse do pároco de Costozza no prosseguimento da colaboração, não há condições para garanti-la; por isso, decide-se avisá-lo através do envio de uma carta registrada.

Casa San Pio V – Primavalle (Roma)

Na Casa de Primavalle as Irmãs estão presentes desde 25 de março de 1943. Elas foram encarregadas de ajudar os sacerdotes da Obra que as precederam no cuidado pastoral daquele bairro.

Nos primeiros dias de 1943 o Pe. Estanislau Pellizzer comunica ao Pe. Pedrollo que *“a Casa Buoni Fanciulli San Pio V será aberta no próximo dia 10 do corrente, festa da Sagrada Família. [...] Por agora irão habitá-la alguns poucos órfãos, acompanhados pelo Pe. Isaías. Os estudantes e as Irmãs, enquanto tudo não estiver pronto, permanecerão em San Filippo. Os trabalhos ainda não foram totalmente completados. Duas Irmãs de San Filippo irão, pela manhã, à Casa Buoni Fanciulli, e depois, à noite, voltarão para a Paróquia (por ora)”*.⁹¹

Para que a presença das Irmãs possa se tornar estável na Casa San Pio V, o Pe. Pellizzer promete, alguns meses depois: *“Escreverei logo à Irmã Serafina em relação*

⁹⁰ *Libro dei Verballi*, 2 giugno 1950, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verballi dal 23 maggio 1948 al 30 dicembre 1951.

⁹¹ PELLIZZER, S. *Lettera a don Pedrollo*, 5 gennaio 1943, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 3, c. 33 corrispondenza a don Pedrollo [1939-1945].

às Irmãs”,⁹² provavelmente para concordar com a presença delas. A questão é retomada numa outra carta, dirigida ao Pe. Pedrollo: “*Está tudo pronto. As Irmãs podem vir logo. Nós as estamos esperando para segunda-feira, sem dúvida nenhuma, mas se elas quiserem podem vir antes. Diga à Madre Serafina que a estamos esperando, e que ela traga a Roma quatro Irmãs; assim, na volta, ela poderá acompanhar para Verona a Irmã Maria Fainelli. Aqui, como o senhor deve ter percebido, precisamos de Irmãs sãs e não doentes, pois o trabalho é muito. [...] À Irmã Serafina transmita o senhor mesmo as ordens; eu não escreverei*”.⁹³

No dia 25 de março de 1943 a Superiora geral, Serafina – Adele Carli, parte para Roma, juntamente com a Irmã Cornelia Zanoni, a Irmã Antonieta Cordioli e a Irmã Dirce Pellegrini, tendo como meta a nova Casa de Primavalle.⁹⁴ Aproximadamente um ano depois de sua chegada elas escrevem: “*No Senhor passamos os nossos dias cheios nestes tristes tempos de grandes sacrifícios; buscamos, todavia, fazer da melhor forma a sua santa vontade. É verdade que em alguns momentos, embora sabemos ser esta a vontade de Deus, a generosidade nos parece faltar*”.⁹⁵

Destas breves linhas pode-se deduzir que não faltam dificuldades, e que a carga de trabalho é pesada, como o confirmam alguns textos enviados de Roma para Verona ao longo do ano de 1945. Pe. Isaías comunica ao Pe. Calábria: “*Precisamos realmente agradecer a Providência que visível e maternalmente nos protegeu e nos ajudou. Sempre tivemos conosco os nossos meninos, em número aproximado de quarenta, aos quais nunca faltou o necessário; aliás, eles sempre tiveram tudo em abundância. O instituto é frequentado também por outros aproximadamente 60 meninos pobres do bairro, aos quais procuramos também fazer o bem oferecendo escola e sobretudo uma educação cristã*”.⁹⁶

Pe. Pellizzer dá notícias ao Pe. Luiz Pedrollo: “*Graças a Deus estamos todos muito bem, exceto a Irmã Irene*”⁹⁷ [...]. *Imagine, também, que o trabalho é enorme. Pe.*

⁹² PELLIZZER, S. *Biglietto a don Calabria*, 4 marzo 1943, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 39, c. 3/1, corrispondenza a don Calabria [1940-1943].

⁹³ PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, 12 marzo 1943, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 3, c. 33 corrispondenza a don Calabria [1939-1945].

⁹⁴ Cf. *Diario della Congregazione*, 25 marzo 1943, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

⁹⁵ SORELLE DI PRIMAVALLE. *Lettera a don Calabria*, 2 aprile 1944, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Pio V, fld. 1, c. 7 corrispondenza a don Calaria (da vari).

⁹⁶ FILIPPI, I. *Lettera a don Calabria*, 7 maggio 1945, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 2, c. 9 corrispondenza a don Calabria [1940-1952].

⁹⁷ Irmã Irene (Maria Busti), pertencente à comunidade de San Pio V, não está bem, como se pode ler na carta que o Superior, Pe Isaías Filippi, envia ao Pe. Calábria no dia 17 de agosto de 1945: “*Creio*

*Piazza e Pe. Gildo estão em Primavalle, atendendo ao colégio e ao bairro, que tem trinta mil almas. Graças a Deus não falta trabalho, mas precisamos de ajuda. [...] Eu confio tudo isso ao senhor, depois de tê-lo confiado ao coração de Jesus. A Irmã Irene continua na mesma situação, ainda internada no hospital. Esperamos poder transferi-la logo para Verona. Se o senhor pudesse fazer uma visitinha a Roma poderia resolver muitas coisas”.*⁹⁸ E numa outra carta, esta ao Pe. Calábria: “*Em Primavalle mais de seiscentos meninos recebem todos os dias o duplo pão, por meio dos Pobres Servos*”.⁹⁹

Em 1951 foi erigida a Paróquia Santa Maria Assunta e San Giuseppe,¹⁰⁰ confiada ao cuidado pastoral do Pe. Isaías Filippi, sucedido nos anos sessenta pelo Pe. José Favarin, que se depara com algumas dificuldades quando pede às Irmãs de San Pio V¹⁰¹ uma colaboração para as colônias de férias.

Não foram encontrados outros documentos referentes à presença das Irmãs na Casa de Primavalle. Elas seguem prestando o seu serviço de modo ininterrupto até os últimos meses de 1973. Numa carta, subscrita por seis religiosos da comunidade da Casa San Pio V, datada de 24 de agosto de 1973, apreende-se sobre a improvisa decisão do conselho geral de retirar as Irmãs da Casa.¹⁰² Em sua imediata reação, os Irmãos respondem que aceitam “*com profunda dor e grande pena que as nossas Irmãs nos deixem*”.¹⁰³ Partilhando do sofrimento pelo qual passam os interessados em consequência desta deliberação, explicando o seu desconcerto e lamento, com força afirmam: “*Queremos realmente o bem das Irmãs*”.¹⁰⁴

Ronco all’Adige

também ser meu dever dizer-lhe que uma religiosa de San Pio V ficou doente e no momento está internada. As irmãs, com a concordância da Madre geral, estão pensando, assim que ela melhora e que haja um meio de transporte adequado, de reconduzi-la para Verona (FILIPPI, I. Lettera a don Calabria, 17 agosto 1945, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 2, c. 9 corrispondenza a don Calabria [1940-1952].

⁹⁸ PELLIZZER, S. *Lettera a don Pedrollo*, non datata, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Filippo Neri, fld. 3, c. 34 corrispondenza a don Pedrollo [non datata].

⁹⁹ PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, 16 marzo 1946, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 39, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [1944-1954].

¹⁰⁰ FOFFANO, O. A. *Lettera a don Pedrollo*, 23 aprile 1951, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma Primavalle, fld. 1. c. 6.

¹⁰¹ Cf. G. FAVARIN. *Lettere a don Pedrollo*, 21 giugno e 23 luglio 1961, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma Primavalle, fld. 1. c. 4 corrispondenza a don Pedrollo [1959-1961].

¹⁰² FRATELLI DI SAN PIO V. *Lettera a Sor. Tibaldo*, 24 agosto 1937, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Pio V, fld. 2, c. 14.

¹⁰³ Ibid.

¹⁰⁴ Ibid.

Desde 25 de janeiro de 1943¹⁰⁵ as Irmãs estão presentes em Ronco all'Adige com os meninos que foram retirados de Madonna di Campagna para fugir das incursões aéreas. Foram acolhidos de modo familiar pela população local, como é testemunhado num artigo publicado em "L'Amico dei Buoni Fanciulli": "*Os habitantes de Ronco ficaram bem contentes de que finalmente um setor da Casa tenha se instalado naquele município; e deram prova de um afeto prático e singular aos nossos juvenzinhos, aos pobrezinhos do Senhor, com uma caridade tão especial que realmente honra a cidade. O desejo comum, de fato, é de que a Casa... não seja mais retirada de Ronco*".¹⁰⁶

Na crônica histórica da congregação está anotado, em data de 7 de abril de 1945, que "*a mestra de noviças deve ir até Ronco all'Adige para substituir a Superiora, a qual precisou ser internada ao hospital de San Bonifacio para tratamento. [...]*

A Irmã ficou em Ronco durante um mês. Era o período tumultuado dos últimos dias de guerra. Todos pensavam que iriam morrer; contínuos tiros de metralhadora. Na casa, haviam alemães".¹⁰⁷ Com efeito, entre 23 e 25 de abril de 1945, chegaram grupos de soldados alemães armados querendo alimentos e um leito para dormir. Vendo nos quartos as camas ocupadas pelos meninos, aceitaram o pão que lhes foi oferecido e se satisfizeram em repousar sobre a palha. Quando lhes foi explicada a finalidade da Casa, um outro grupo acabou deixando uma oferta para os pequenos. De qualquer modo, a Casa não foi atingida pelo incêndio que destruiu tudo ao redor e saiu ilesa dos bombardeios aéreos e de várias incursões de militares alemães que, de armas em punho, tentavam entrar.¹⁰⁸

Na ata do conselho da Obra, realizada em 7 de março de 1952, lê-se: "*Irmão João comunica que no dia 22 de janeiro de 1952 a senhorita Justa Meneguzzi, proprietária da Casa de Ronco, na qual pelo período em que durou a guerra os nossos meninos ficaram hospedados, assinou o ato de doação daquela Casa à congregação. Além da Casa, foram doados também sete mil metros quadrados a serem usados como pátio. A doação foi considerada pelos conselheiros um tanto onerosa, porque a Casa precisa de urgentes e custosas reformas, tendo uma servidão de passagem. Além disso, no ato de doação manifesta-se explicitamente a condição de que lá seja mantida uma*

¹⁰⁵ Essa data se encontra no *Elenco Case e note*, senza data, AHPSaDP, fld. Case. De fato, pode-se considerar que se trate de um erro de transcrição várias vezes repetido na documentação disponível, já que a data em questão, pelo contrário, pode referir-se ao ano de 1944 (PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1933-1949)*, AHPSaDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 12.

¹⁰⁶ ADAMI, L. Echi dell'Aprile I - Ronco. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 7, p. 38-39, 1945.

¹⁰⁷ *Cronistoria della Congregazione*, 7 aprile 1945, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹⁰⁸ Cf. Echi dell'Aprile I - Ronco. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 7, p. 38-39, 1945.

*obra de bem, o que parece excluir o direito de venda para obtenção de lucro. Irmão Próspero propõe: os Superiores decidam aquilo que deve ser feito. Depois disso, poderá ser elaborado um bom projeto de reforma, com o respectivo orçamento, começando-se os trabalhos”.*¹⁰⁹

A presença, na Casa, continua até setembro de 1956, quando o conselho das Irmãs decide transferir a “*Irmã Luisa Rizzi que vem embora da Casa de Ronco all’Adige, fechada pelos Buoni Fanciulli*”.¹¹⁰ As atividades cessam definitivamente no dia 22 de setembro de 1956.

Roverchiaretta

Duas senhoras de idade, Lina e Adelia Zopellari, doaram à Obra uma casa de sua propriedade em Roverchiaretta, no município de Roverchiara, na província de Verona. Elas tinham se transferido para lá durante a Segunda Guerra Mundial por medo dos bombardeios e estavam com intenção de abrir uma escola para crianças. Em novembro de 1943 lá se encontram duas Irmãs, Gabriela – Aida Soster e Maria Assunta Contin,¹¹¹ que um ano depois foi substituída por Angelina Centa.¹¹² A breve permanência continua até 31 de maio de 1945, quando todas retornam para a Casa-Mãe.¹¹³

Durante aquele período, no auge das incursões aéreas devastadoras da guerra, com grande temor a Irmã Angelina dirige-se ao Pe. Calábria revelando todo o seu medo na seguinte carta: “*Perdoe se desta vez venho incomodá-lo para pedir-lhe uma grande caridade, a caridade de uma santa paterna bênção, porque agora fui tomada por um grande susto; é que aqui também quase toda hora temos os aviões, especialmente de noite, e de vez em quando deixam cair aqui e acolá algumas bombas. Aliás, ontem passaram bem perto da nossa casinha bombas grandes, que acabaram caindo sobre algumas casas em Bonavigo; a Igreja, porém, e a casa canônica, ficaram em pé; e nós agradecemos ao Senhor porque ainda estamos vivas, juntamente com as pessoas das*

¹⁰⁹ *Verbali del Consiglio Generale (1949-1954)*, 7 marzo 1952, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 3.

¹¹⁰ *Libro dei Verbali*, 20 settembre 1956, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958.

¹¹¹ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, novembre 1943, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹¹² Cf. *ibid.*

¹¹³ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 31 maggio 1945, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

*caravanas, que vieram desesperadas se refugiar aqui, sob as asas da Providência, até que passe o perigo. Por isso lhe pedimos que se lembre de nós de modo especial”.*¹¹⁴

Alguns meses depois, no dia 16 de novembro de 1945, o pároco de Roverchiaretta, Pe. Ângelo Grappoli, em carta endereçada à direção da Casa Buoni Fanciulli, solicitou que fosse criada uma escola elementar, pedido que lhe havia sido feito insistentemente pelo povo do lugar. E reforça: *“Mais de uma vez falei sobre isso com esta direção e pedi a outros que também falassem. Venho novamente bater à porta para ver se é possível chegar a uma conclusão. Esse é o meu projeto, que os senhores já conhecem. De imediato eu poderia conceder uma boa sala, anexa à casa canônica, que pode servir muito bem para a escola. Poderíamos ver se na casa onde agora se hospedam as senhoras Zopellari haveria a possibilidade de colocar pelo menos duas irmãs para morar. Das necessidades das Irmãs se ocuparia um comitê ad hoc,¹¹⁵ o qual poderia recolher no bairro tudo aquilo que fosse preciso para a manutenção das irmãs, e agora estou convencido de que, como já disse, isso poderia ser feito com muita facilidade, dada a grande necessidade que todos sentem por esta escola infantil.*

Se esta Casa pudesse nos fornecer as irmãs, seria ótimo; do contrário, eu tentaria consegui-las em algum convento, e creio que assim poderíamos levar adiante o projeto. [...]

Com o tempo, ou seja, à medida que as coisas forem andando, poderíamos pensar em construir um edifício apropriado para este objetivo, ao lado da igreja, caso obtenhamos o beneplácito desta direção. No entanto, dado o grande bem que seria feito com a escolinha infantil a tantas pequenas almas, estou certíssimo de que esta Casa, que tende apenas a fazer o bem especialmente à juventude, de bom grado virá ao encontro dos meus desejos e dos desejos de todos os meus paroquianos.

*Por agora preciso apenas do apoio desta direção para poder alojar, com o consentimento também das senhoras Zopellari, as irmãs na casa atualmente por elas habitada, o que me parece bem viável”.*¹¹⁶

A proposta obtém a adesão das Pobres Servas, já que em 26 de abril de 1946 *“a Superiora dirige-se a Roverchiaretta, acompanhada pela Irmã Rosa Madella, para saber algo sobre a escolinha infantil que querem abrir”.*¹¹⁷

¹¹⁴ CENTA, A. *Lettera a don Calabria*, 22 febbraio 1945, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 6, c. 17.

¹¹⁵ A expressão latina “ad hoc” significa “específico”.

¹¹⁶ GRAPPOLI, A. *Lettera alla Direzione della Casa Buoni Fanciulli*, 16 novembre 1945, AHPSaDP, fld. Case, c. Roverchiaretta.

Dificuldades, porém, não faltam, como se pode ver na carta enviada no dia 16 de maio de 1946 à Madre geral pelo pároco, que lembra: “Desde outubro passado, em meu encontro em Negrar com o Pe. João, falei-lhe que era preciso referir o andamento do projeto ao nosso bispo, porque Sua Excelência dá muita importância a este obrigatório ato. Várias vezes ele escreveu e repetiu isso também falando ao Próspero, isto é, que era preciso informar de tudo Sua Excelência. Vinte dias atrás, no convento de Santa Toscana, juntamente com o Pe. Olivati, de San Nazaro, falei disso também com a senhora, Superiora. E agora, só dois dias antes do dia estabelecido para a vinda das Irmãs, sou informado de que a visita precisa ser adiada porque não temos o consentimento de Sua Excelência o senhor bispo?... Seria extremamente grave que, depois de ter sido anunciada na igreja a vinda das Irmãs logo após a partida das Zopellari, ou seja, lá pelo final de março, e depois para o começo de abril, e novamente para o final de abril... E enfim para a metade de maio, tendo-se finalmente fixado o dia 18 de maio e avisado os paroquianos para que preparassem uma pequena recepção no vilarejo, que está esperando por esse momento com tanta ansiedade, precisemos adiar tudo outra vez. Seria, repito, simplesmente grave.

*E então eu sugiro fazer da seguinte forma. Dar à vinda um caráter provisório. Quando Sua Excelência estiver melhor, será informado do projeto de fundar aqui uma nova escolinha infantil e se pedirá o seu beneplácito. Não há outra alternativa. Mas adiar mais uma vez, impossível. Digo absolutamente impossível, porque não se deve brincar com o sentimento da boa gente, que estima e ainda acredita no seu pároco. Por isso, infalivelmente, tudo marcado para sábado à noite, dia 18 do corrente. Espero a chegada das irmãs com o ônibus que sai de Verona às 18h30. Quanto às eleições, será providenciado”.*¹¹⁸

E no dia 18 de maio de 1946 foi aberta a escola elementar de Roverchiaretta com a presença das Irmãs Josefina Centa e Rosa Madella, professoras na escola de Maguzzano, e a Irmã Maria Perini, na qualidade de Superiora.¹¹⁹

A chegada delas em Roverchiaretta foi assim descrita na carta enviada à Superiora: “Quando elas entraram no vilarejo, os sinos começaram a tocar em festa; houve uma correria: um bando de crianças, meninos e meninas, rapazes e moças,

¹¹⁷ *Diario della Congregazione*, 26 aprile 1946, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

¹¹⁸ GRAPPOLI, A. *Lettera alla Madre Superiora*, 16 maggio 1946, AHPSaDP, fld. Case, c. Roverchiaretta.

¹¹⁹ Cf. *Diario della Congregazione*, 18 maggio 1946, AHPSaDP, fld. Diari dall’inizio al 29 aprile 1955.

acompanhados das mães e das irmãs maiores de idade, todos indistintamente, com ramos e maços de flores, corriam para entregá-los às Irmãs!’

Uma exclamação: ‘Ó, as Irmãs! Finalmente!’ Essas as exclamações que irrompiam de cada lábio. Os meninos eram levantados e aproximados dos nossos rostos: ‘Dá um beijinho na irmã!’ e todos queriam se aproximar de nós. Os rostos das boas mulheres e de tantos homens estavam radiantes de alegria. ‘Esta é uma verdadeira caridade’, diziam.

Em meio a uma grande onda de pessoas, e quase pisoteando as flores, chegamos diante da praça da igreja. Veio ao nosso encontro o Reverendíssimo senhor cônego, que obsequiamos. Pediu-nos que nos dirigíssemos à igreja para a recepção solene.

Enquanto isso os sinos tocavam; até um cachorro, coitadinho, que não se sabe como conseguiu se infiltrar no meio da multidão, aproximou-se de nós. Entramos na igreja. Um banco ornado com veludo vermelho (aquele normalmente usado nos casamentos) havia sido preparado para as Pobres Servas. O Reverendíssimo cônego nos faz sinal para sentarmos lá. Depois dirige-se ao altar de Nossa Senhora, e rezamos o terço. Antes das ladainhas, vai até o altar principal, de onde nos dirige uma saudação, apresenta o programa de trabalho, faz o agradecimento e manifesta todo o seu reconhecimento e o de todo o povo de Roverchiarretta às Irmãs que acabaram de chegar. A sua voz era muito comovida. Dirigiu também um convite aos paroquianos para que ajudem no sustento das Irmãs. Depois da bênção, viemos para casa.

A nossa janta foi preparada pela cozinheira do pároco; à mesa, fomos servidas pela irmã do pároco e por uma locatária da casa. Serviram-nos (perdoe se lhe descrevo também isso) talharim ao molho e carne à jardineira. À meia-noite fomos dormir. E aqui devo dizer-lhe que são necessárias cobertas de lã, porque aquelas que temos não bastam; à noite ficamos com frio. [...]

*Superiora, embora sentindo, todas nós, o evidente distanciamento da nossa amada Casa, ao mesmo tempo nosso coração estava cheio de alegria e transbordante de amor pelas almas necessitadas da pobre obra das esposas de Jesus”.*¹²⁰

A creche parece não estar ainda suficientemente equipada, já que o pároco de Roverchiarretta, Pe. Ângelo Grappoli, em carta enviada em 14 de junho de 1947 à

¹²⁰ VACCA, D. *Lettera a Sor. Carli*, senza data, AHPSaDP, fld. Case, c. Roverchiarretta. No final da carta a noviça Dolores faz uma lista daquilo que está faltando na nova Casa: “Precisaríamos de um pouco de detergente, água sanitária, pregos, alicates e martelo, como também prendedores para cartazes e blocos de anotação. Por caridade, mandem-nos também pão, pois sem as carteirinhas não podemos ir retirá-lo. Ou então nos mandem um pouco de fermento, pois tendo a farinha podemos fazê-lo em casa”.

direção da Casa Buoni Fanciulli, pede que seja encontrado um espaço adequado para a creche com o seu respectivo mobiliário: “*Já escrevi há uns 15 dias por duas vezes [...] para manifestar a nossa necessidade de ter uma sala para a creche. Ainda não vi nenhuma resposta à promessa feita pelo Irmão Próspero, de que isso teria sido providenciado quanto antes.*”

*Pedi também que me informassem o preço das carteiras escolares e já encomendei 50. Ainda não sei se eles mesmos os fabricariam. Peço a esta direção que me dê uma resposta, qualquer que seja, de modo que eu a possa dar ao comitê da creche, que cheio de boa vontade quer trabalhar por esta obra tão benéfica”.*¹²¹

E novamente algumas semanas depois, no dia 27 de junho de 1947: “*Fui encarregado pelo comitê da creche infantil de me interessar junto a esta direção para ver como se pode providenciar uma sala que sirva de escola para os nossos meninos.*”

Já escrevi três vezes, [...] recomendei-me também às senhoras Zopellari. Passaram-se mais de dois meses e eu não vejo ainda nenhum sinal de resposta. Não estou sendo bem visto diante do comitê, pois parece que eu não fiz aquilo que eles esperavam de mim. É preciso realmente dizer que, ao contrário daquilo que pensávamos, a Providência não está do nosso lado.

*Deveríamos abandonar a ideia? Não estamos exibindo direitos, não temos pretensões, exigências; apenas expusemos respeitosamente o nosso projeto. Se mais adiante, a longo prazo, quiserem nos dar alguma resposta, seremos sempre muito gratos. Não creio que o fato de ir adiando possa nos trazer alguma vantagem”.*¹²²

Foi vendido um terreno em Roverchiaretta, medindo 70 campos veroneses,¹²³ com casas coloniais, de propriedade da senhora Lina Zopellari, no qual encontra-se a escola elementar, mas esta é excluída do negócio, juntamente com uma outra faixa de terra com duas pequenas casas coloniais, terreno que pode ser vendido futuramente para outras edificações. Sobre essa venda, cuja soma chega a 28 milhões, o Ir. Próspero faz um relatório durante a reunião do conselho da Obra realizada em 13 de julho de 1954.¹²⁴ Desde 1953 a senhora Zopellari vinha manifestando o desejo de que aquele terreno fosse vendido para ser usado nas urgentes necessidades da Casa de Negrar e da Obra

¹²¹ GRAPPOLI, A. *Lettera alla Direzione della Casa Buoni Fanciulli*, 14 giugno 1947, AHPSaDP, fld. Case, c. Roverchiaretta.

¹²² GRAPPOLI, A. *Lettera alla Direzione della Casa Buoni Fanciulli*, 27 giugno 1947, AHPSaDP, fld. Case, c. Roverchiaretta.

¹²³ Um campo veronês corresponde a pouco mais de 3.000 metros quadrados.

¹²⁴ *Verbali del Consiglio Generale (1949-1954)*, 13 luglio 1954, AHPSaDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale (Verbali), fld. 1, c. 3.

dos sacerdotes. Sobre isso ela escrevera uma carta ao Pe. Luiz Pedrollo, que havia encarregado o Ir. Próspero de se ocupar da venda. Foi preciso algum tempo para concretizar o negócio, pois se pretendia fazer uma venda vantajosa mas sem desagradar os atuais arrendatários, que reivindicavam a preferência. Finalmente conseguiu-se levar a termo a operação.

Interessante, a este propósito, uma carta da Irmã Serafina – Adele Carli enviada ao Pe. Calábria, na qual exprime-se o espírito que anima a comunidade: “*As Irmãs de Roverchiaretta estão contentes em poder fazer pelas almas tudo aquilo que o Senhor lhes apresenta, e estas, por sua vez, parecem estar muito contentes, procurando corresponder; materialmente posso lhe dizer que a Providência é suficiente e que as Irmãs não se queixam de nada*”.¹²⁵

As Irmãs dedicam-se a cuidar das crianças morando numa casinha próxima à Igreja, com espaços totalmente inadequados, ao passo que em fevereiro de 1963 a escola é transferida para uma construção nova. A atividade delas é dirigida primeiro pelo pároco, Pe. Ângelo Grappoli, e depois pelo Pe. Moserle, na qualidade de presidente do comitê gestor, que efetivamente não existia até o final de 1970, quando foi constituído. Presidido pelo senhor Hélio Facchetti, nomeado pelo município de Roverchiara, tal comitê é composto de dez membros. Esse organismo é o ponto de referência das Irmãs no desenvolvimento das atividades educativas.¹²⁶

Ao longo do ano de 1977 surge a necessidade de decidir entre o fechamento dessa escola elementar ou da escola de Madonna di Campagna. Para tomar tal decisão, a Superiora geral pede conselho ao bispo José Carraro, o qual, mesmo contrariado, sugere que as Irmãs deixem a escola de Roverchiaretta, o que elas fazem em 31 de julho de 1977, apesar das tentativas dos paroquianos em convencê-las a rever sua decisão. A motivação dessa saída está ligada ao fato de que, com a falta de vocações, preferiu-se manter o compromisso missionário já assumido há alguns anos.¹²⁷

Casa San Benedetto

¹²⁵ CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). *Lettera a don Calabria*, non datata, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 6, c. 14.

¹²⁶ Cf. *Cronaca Sorelle*, AHPSaDP, fld. Case, c. Roverchiaretta.

¹²⁷ Cf. *Libro dei Verbali*, AHPSaDP, fld. V Capitolo Generale 1981, c. Verbali dal 30 luglio 1975 al 21 luglio 1981 e também *Diario della Congregazione*, 31 luglio 1977, AHPSaDP, fld. Diari dall'1 gennaio 1971 al 27 agosto 1978.

Muitos escassos os documentos referentes à presença das Irmãs nos anos posteriores a fevereiro de 1920, data da saída delas de San Benedetto, assim descrita na crônica histórica da Casa Buoni Fanciulli: “*Na terça-feira, 9 de fevereiro, partiram definitivamente as Irmãs para Este, e com elas os últimos meninos. Aqui, para o serviço da Casa, ficaram só cinco ou seis, dentre as quais a Irmã Fannio e a Irmã Angelina, a primeira de todas... No dia 15 os estudantes da Casa começam a limpeza, a remoção e a reforma do mobiliário de San Benedetto, e no dia 17, último de carnaval, irão dormir lá pela primeira vez. De agora em diante a Casa é toda deles; cumpriu-se um antigo desejo do Pe. João*”.¹²⁸

Na crônica histórica da congregação está anotado que na Casa San Benedetto, de 5 a 11 de agosto de 1928, o cônego Pe. Bovo ministra um curso de exercícios espirituais para as Irmãs,¹²⁹ enquanto que no diário se lê que no dia 2 de julho de 1931 a Irmã Imelda foi enviada de San Michele para San Benedetto, Casa dos aspirantes, para dar início à cozinha. Este fato é anotado também pelo Pe. Pedrollo: “*17 de junho de 1931, festa da Visitação – Peregrinação dos aspirantes até o Santuário de Madonna di Campagna. As Irmãs vêm a San Benedetto, Irmã Fannio*”.¹³⁰

De 9 a 15 de setembro de 1932 o cônego Pe. José Girelli prega um curso de exercícios espirituais.

Nos dias 30 e 31 de janeiro de 1934 o cônego de San Fermo, Pe. Mazzoni, conduz um retiro. Um pequeno bilhete natalino enviado pelas Irmãs ao Pe. Calábria no Natal de 1937 é assinado pelas “*Irmãs de San Benedetto cozinha*”.¹³¹

Em 12 junho de 1943, na reunião do conselho geral dos Irmãos presidida pelo Pe. Calábria, foi tomada a decisão de iniciar, nesta Casa, “*um setor de jovenzinhos bons, que devem ser guiados ao estudo, e cultivados seja para o elemento Irmãos, seja para qualquer outro objetivo bom*”.¹³²

Nos primeiros dias de março de 1946 as Irmãs retomam o serviço de cozinha, fato comentado pelo Pe. Luiz com estas palavras: “*Em San Benedetto retoma-se a cozinha; é uma outra vida. Há duas Irmãs: Irmã Teresinha Soga e Irmã Dirce*

¹²⁸ MARINI, A. *Cronistoria studentato (1916-1930)*, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona San Benedetto, fld. 7/1 Cronistoria (1917-1922).

¹²⁹ *Cronistoria della Congregazione*, agosto 1928, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹³⁰ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume I (1929-1942)*, 17 giugno 1931, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 1.

¹³¹ SORELLE DI SAN BENEDETTO. *Biglietto a don Calabria*, Natale 1937, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 5, c. 60.

¹³² *Verbali del Consiglio Generale (1932-1949)*, 12 giugno 1943, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale: Verbali, fld. 1, c. 2.

[Pellegrini]. Deo gratias! *Depois de anos, os queridos aspirantes sofreram: [alimento] quase sempre frio, mal feito, mas tudo foi oferecido ao Senhor, e hoje, primeiro sábado do mês, sob o olhar de Maria, com a sua materna proteção, recomeçamos*.¹³³

Desde os primeiros meses de 1957 a comunidade das Irmãs não é mais residente, já que “*a Irmã Teresinha Soga, tendo sido fechada a Casa de San Benedetto*”,¹³⁴ foi transferida para Madonna di Campagna.

Registra-se a falta de continuidade das Irmãs no serviço devido à proximidade da comunidade de San Zeno in Monte. Em base aos documentos à disposição, deduz-se: o retorno das Irmãs a San Benedetto para o serviço de recepção da Casa no dia 24 de dezembro de 1930; o retiro temporário do dia 21 de março de 1957; e o final da presença no dia 25 de março de 1958.¹³⁵

Borgata Gordiani (Roma)

No dia 10 de dezembro de 1948¹³⁶ duas Irmãs, Josefina Centa e Carolina Savietto,¹³⁷ chegam ao bairro romano dos Gordiani para prestar sua assistência aos Irmãos.

As Irmãs, indubitavelmente, representam um auxílio muito válido para o Pe. Orlandi, Superior da comunidade e pároco que, ao tomar conhecimento sobre uma possível transferência delas escreve alarmado à Superiora geral, Irmã Serafina – Adele Carli, no dia 7 de novembro de 1949: “*As Irmãs recém conseguiram se ambientar bem e nos dão uma grande ajuda também no campo da assistência; estão bem entre elas, têm as qualidades necessárias neste difícil ambiente, por isso não me parece o caso de transferi-las tão depressa. Peço-lhe encarecidamente que não me cause esse desprazer, pois já tenho muitos. Há quase dois meses estamos aqui em apenas dois sacerdotes da Casa, com dois bairros, sem Irmãos, o pessoal daqui mudou completamente; por isso, pelo menos para este ano, peço que a senhora não transfira as Irmãs, nenhuma das duas, caso estivesse pensando em fazê-lo. Digo-lhe com sinceridade que eu*

¹³³ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 2 marzo 1946, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2.

¹³⁴ *Libro dei Verballi*, 18 dicembre 1956, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verballi dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958.

¹³⁵ Cf. *Cronistoria della Congregazione [1930-1958]*, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹³⁶ Essa data se encontra no *Elenco Case e note*, senza data, AHPSaDP, fld. Case.

¹³⁷ Cf. SORELLE BORGATA GORDIANI. *Lettera a don Calabria*, 25 dicembre 1948, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 4, c. 45.

*consideraria isso uma afronta, depois de eu ter feito o sacrifício de lhe mandar a Antonietta e não ter recebido a ajuda prometida”.*¹³⁸

No dia 26 de agosto de 1951 a Irmã Inês Cogo dirige-se ao Pe. Calábria para pedir-lhe conselho sobre o que fazer com aquela comunidade, não tendo à sua disposição nenhuma possibilidade de substituição. De fato, *“A Superiora de Borgata Gordiani deverá certamente ser internada num sanatório porque, além de outros males, foram atacados os seus dois pulmões. À dor pela Irmã enferma, temos também a tristeza por não poder substituí-la com outras Irmãs. Como naquela Casa encontram-se apenas duas, não podemos deixar uma sozinha, seja porque não é prudente e conveniente, seja pela grande quantidade de trabalho lá existente. [...]*

*Mas o que posso fazer? Deveria enviar às Casas não só as noviças, mas também as postulantes? Destas, as mais velhas já estão fora”.*¹³⁹

Com efeito, provavelmente as Irmãs conseguiram garantir a sua presença, como se pode deduzir de uma outra carta enviada quase um ano depois pela Irmã Inês Cogo ao Pe. Calábria. Nesta acena-se ao fato de que ela havia acompanhado à Borgata Gordiani uma Irmã. Além disso, relata também o encontro com o Santo Padre, do qual em particular lembra que *“o Vigário de Cristo congratulou-se, dizendo que agora nós realmente podemos começar a trabalhar. Eu lhe pedi uma bênção especial”.*¹⁴⁰

San Mattia

Na ata da reunião do conselho da Obra realizada no dia 18 de fevereiro de 1949, no ponto 6, lê-se: *“Irmão Próspero relata que, em relação às práticas burocráticas para abrir um patronato em favor dos juvenzinhos que precisam de acompanhamento, o Advogado Ederle estaria disposto a ceder uma das suas propriedades, temporariamente, perto do forte San Mattia. Aprova-se a devida sistematização, encarregando-se o Irmão Próspero de concretizá-la”.*¹⁴¹ O edifício, circundado por um pequeno parque com caminhos de ciprestes, encontra-se na área de colinas que circunda Verona e precisa de adaptações.

¹³⁸ ORLANDI, G. *Lettera a Sor. Carli*, 7 novembre 1949, AHPSaDP, fld. Case, c. Gordiani.

¹³⁹ COGO, A. *Lettera a don Calabria*, 26 agosto 1951, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 20.

¹⁴⁰ COGO, A. *Lettera a don Calabria*, 13 giugno 1952, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 20.

¹⁴¹ *Verbali del Consiglio Generale (1949-1954)*, 18 febbraio 1949, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale: Verbali, fld. 1, c. 2.

O Adv. Ederle envia ao Pe. Calábria estas linhas: “*A casa ‘ciprestal’ está à sua completa disposição para acolher os jovens que assim poderão, com a ajuda dos Irmãos, endireitar-se no caminho da vida [...].*”

*Como eu disse ao Irmão Próspero, estou muito feliz em poder hospedar uma iniciativa tão providencial neste primeiro momento em que um pequeno ambiente pode melhor se prestar ao objetivo, sem deixar de trabalhar com ele para encontrar um ambiente mais adequado para dar conta dos garantidos desenvolvimentos futuros daquela obra, da qual tanto se sente a necessidade”.*¹⁴²

Ao pedido de permissão feito pelo Pe. Calábria para abrir uma nova casa da congregação em Verona no território da paróquia San Mattia para destiná-la a uma obra de reeducação de menores transviados, o bispo de Verona, Dom Jerônimo Cardinale, respondeu dando “*de todo coração o solicitado consentimento para a abertura da dita Casa religiosa*”.¹⁴³

Ao longo do encontro do conselho da Obra realizado no dia 19 de julho de 1949 o Pe. Pedrollo comunica a iminente abertura da Casa de San Mattia para a reeducação de rapazes a serem acompanhados em idade compreendida entre os 8 e os 15 anos. Nessa comunidade, no dia 15 de agosto de 1949 estabelecem-se três Irmãs para desempenhar os trabalhos de cuidado feminino, em particular cozinha e rouparia. Lá estão um diretor, um sacerdote, um assistente e dois leigos: um professor e um vigia; colaboram, além destes, dois Irmãos externos: um advogado e um médico. Todo o pessoal desenvolve atividade qualificada de forma gratuita.

O objetivo específico da Casa de San Mattia é oferecer aos menores um ambiente que permita uma ação de reeducação, a fim de superar distúrbios de personalidade e problemáticas relativas ao caráter e à dimensão relacional, que impedem uma correta inserção social. Por esta razão são acolhidos no máximo vinte rapazes, na convicção de que este número permita uma relação personalizada e mais estreita com os operadores, como também a partilha da vida quotidiana. Não é praticado nenhum castigo corporal; o castigo maior, que consiste em excluir do refeitório o punido, é transformado, pelo contrário, no abandono do refeitório por parte do diretor. O principal objetivo educativo consiste em desenvolver nos rapazes a lealdade e a

¹⁴² EDERLE, G. *Lettera a don Calabria*, 1 novembre 1948, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Roma San Mattia, fld. 1, c. 3 corrispondenza a don Calabria [da vari].

¹⁴³ CARDINALE, G. *Decreto di erezione*, 16 luglio 1949, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona San Mattia, fld. 1, c. 11 Rapporti con l'autorità ecclesiastica.

sinceridade, através do diálogo amigável, da persuasão que convida a agir e do contínuo incentivo a ser corajosos.

Não são raros os casos de sujeitos que depois de apenas alguns meses são transferidos para outro instituto destinado a jovens normais, a título de experiência, e não se verificam casos de regressão. Concluída a permanência na Casa San Mattia e atingida a idade dos 15 anos, prosseguem os estudos ou o aprendizado em outras Casas da congregação.¹⁴⁴

É interessante constatar que o Pe. Estanislau Pellizzer, numa carta sem data, mas presumivelmente anterior à abertura da Casa, enviada ao Pe. Calábria, manifesta a sua disponibilidade para assumir a direção, especificando que deseja contar com a presença de algumas Irmãs.¹⁴⁵

A ação educativa desenvolvida pela Casa é reconhecida pelos próprios jovens, como transparece naquilo que eles mesmos escrevem ao Pe. Calábria por ocasião do seu onomástico de 1953: *“Estamos nos dando conta de que se não fosse pela sua ação nós estaríamos ainda na rua, fazendo o mal; mas a Providência de Deus o inspirou a abrir a Casa de San Mattia para nós”*.¹⁴⁶ E ainda: *“Nós vamos rezar sempre pelo senhor, como o senhor mesmo nos pede; todos nós sentimos esse dever de reconhecimento por ter escutado a piedosa inspiração, por ter fundado essa pequena mas grande Obra [...]. Obra recuperadora de muitos jovens desviados ou transviados”*.¹⁴⁷

Na Casa de San Mattia as Irmãs envolvem-se no serviço educativo. Pela escassa documentação à disposição, nota-se que em 1954, na Casa de San Mattia, estão presentes 22 pessoas entre religiosos, hóspedes e três Irmãs: Irmã Clara Savietto, Irmã Teresa Nalato e Irmã Gabriela – Aida Soster.¹⁴⁸

A intenção de fechar a Casa emerge na reunião do conselho da Obra de 18 de dezembro de 1956: *“Prece que [...] os Superiores estão querendo fechar aquela Casa. Com as duas Irmãs que lá se encontram não dá para contar muito, porque a Irmã Nalato, anciã, está doente do coração, enquanto que a Irmã Clara, mesmo sendo*

¹⁴⁴ Cf. *Storia della Casa di San Mattia*, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona San Mattia, fld. 1, c. 15 Storia.

¹⁴⁵ PELLIZZER, S. *Lettera a don Calabria*, non datata, AHPSDP, f. Religiosi defunti, fld. 39, c. 3/2 corrispondenza a don Calabria [non datata/2].

¹⁴⁶ BUONI FANCIULLI DI SAN MATTIA. *Lettera a don Calabria*, 24 giugno 1953, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona San Mattia, fld. 1, c. 1. Corrispondenza a don Calabria (da Buoni Fanciulli).

¹⁴⁷ *Ibid.*, 8 ottobre 1954.

¹⁴⁸ *Elenco personale presente*, 1954, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona San Mattia, fld. 1, c. 7 Elenchi.

*jovem, justamente pela questão da precariedade das suas condições de saúde não suportaria um encargo numa casa grande”.*¹⁴⁹

Na carta enviada às Irmãs no dia 27 de dezembro de 1958 o Pe. Ottorino Foffano comunica que o Superior da Casa Buoni Fanciulli de Grottaferrata (Roma) solicitou a presença das Irmãs para a cozinha e para a rouparia, em substituição às Filhas de Jesus, que se retiraram. A aceitação da proposta de assumir o trabalho na Casa romana, na esperança fundamentada de que possa se tornar um pequeno viveiro de vocações, comporta a decisão, em consideração do fato de que as forças são exíguas, de retirar as Irmãs da Casa de San Mattia, que tem mais facilidade e melhores condições de prover às suas necessidades.¹⁵⁰ De qualquer forma, as Irmãs permanecem naquela Casa até o fechamento, ocorrido em 18 de agosto de 1959,¹⁵¹ depois que os jovens foram transferidos para um setor da Casa-Mãe de San Zeno in Monte.

Casa Santa Toscana

Em 14 de setembro de 1942 dez famílias do bairro de Santa Toscana subscrevem o pedido dirigido ao diretor da Casa Buoni Fanciulli de Verona para abrir uma escolinha infantil dedicada a meninos que ainda não completaram os 6 anos de idade.¹⁵²

Quanto à construção da igreja, no dia 22 de junho de 1946 o conselho da Obra analisa o projeto apresentado e, mesmo reconhecendo a sua necessidade, todos manifestam restrições quanto às medidas, consideradas muito reduzidas. Portanto, decide-se que o Irmão Próspero fale a este respeito com o senhor Adami.¹⁵³

Graças a uma herança através do desejo expresso em testamento por uma senhora no ano de 1949, é possível completar os trabalhos da Casa e assim dar início à construção da escolinha infantil. Em 21 de abril de 1949 o Eng. Ubaldo Bertelè e sua irmã Dolores, juntamente com o outro irmão deles, que é perito, além de um arquiteto e do Irmão Próspero, dirigem-se ao Pe. Calábria para expor-lhe o projeto de construção da escolinha. As despesas seriam assumidas pelas Irmãs, no que se refere à escolinha, enquanto que da complementação dos trabalhos se ocuparia o engenheiro, para

¹⁴⁹ *Verbali del Consiglio Generale (1955-1961)*, 18 dicembre 1956, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale: Verbali, fld. 2, c. 10.

¹⁵⁰ Cf. O. FOFFANO. *Lettera alle Sorlle*, 27 dicembre 1958, AHPSaDP, fld. Assistente don Foffano.

¹⁵¹ *Cronistoria della Congregazione*, 18 agosto 1959, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹⁵² *Cronistoria della Congregazione*, 14 settembre 1942, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹⁵³ Cf. *Verbali del Consiglio Generale (1932-1949)*, 22 giugno 1946, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale: Verbali, fld. 1, c. 2.

satisfazer o desejo da sua falecida mãe que queria oferecer uma soma com o objetivo de que se introduza a adoração eucarística perpétua. A Superiora mostra o projeto já elaborado para a conclusão do edifício. O engenheiro, acompanhado dos demais, visita toda a Casa de Santa Toscana, faz algumas modificações ao desenho e conclui que até setembro a obra estará executada.¹⁵⁴

Na ata da reunião do conselho das Pobres Servas, realizada no dia 10 de junho de 1949, lê-se: *“Advertidas por um Superior maior, parece que será executado o projeto da adoração. É um privilégio que o Senhor quer conceder a esta Casa-Mãe; por enquanto, rezemos.*

*Como foi falado informalmente que pretendíamos fazer, para os exercícios, um quarto grande que servisse de dormitório para as Irmãs, o Senhor suscitou um benfeitor, um Irmão externo da Casa, o qual não só fará isso, mas completará o edifício, cuja construção havia sido suspensa. Por desejo do venerado Pai será preciso abrir também uma creche, seguindo o modelo froebeliano”.*¹⁵⁵

Num outro encontro do conselho, realizado no dia 11 de fevereiro de 1951, o Superior comunica: *“Outra obra que também será confiada às nossas Irmãs é a de uma Casa de oração. A Irmã externa, senhora Dolores Bertelè, é a promotora dessa iniciativa. ... Nesta Casa de oração poderão ser as primeiras as Irmãs anciãs, e alguma daquelas mais tendentes à contemplação”.*¹⁵⁶

Alguns dias depois, numa carta de 13 de fevereiro, Madre Inês Cogo escreve: *“Uma coisa que agradará muito as Irmãs será saber que está sendo planejada uma Casa de oração”.*¹⁵⁷ Finalmente, em 27 de junho de 1951 foi *“aceita, pelos senhores Bertelè, a proposta acerca do edifício”.*¹⁵⁸

Os trabalhos são iniciados, mas os tempos se alongam, embora não falem sinais de encorajamento para prosseguir em vista da sua conclusão. Irmã Inês Cogo confia ao Pe. Calábria, numa carta: *“O nosso sofrimento e preocupação, porém, é acompanhado por uma grande confiança em Deus, porque, se de forma extraordinária vem em nosso auxílio com o edifício, que está justamente posto sobre a rocha da Providência, do que mais poderíamos duvidar, se ele já prepara o lugar para receber as almas para servir*

¹⁵⁴ *Cronistoria della Congregazione*, 21 aprile 1949, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹⁵⁵ *Libro dei Verbali*, 10 giugno 1949, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 23 maggio 1948 al 30 dicembre 1951.

¹⁵⁶ *Libro dei Verbali*, 11 febbraio 1951, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 23 maggio 1948 al 30 dicembre 1951.

¹⁵⁷ COGO, A. *Circolare alle Sorlle*, 13 febbraio 1951, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Circolari.

¹⁵⁸ *Cronistoria della Congregazione*, 27 giugno 1951, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

ao Senhor nesta sua grande Obra? Imagine, ainda nem terminamos de construir o prédio no qual funcionará a creche e já um avô quis ter a satisfação de fazer a reserva por primeiro para o seu netinho. Se o Senhor apresenta os pequenos, como se poderá duvidar que Ele não tenha já prontas, para este lugar, quem deverá educá-los?”¹⁵⁹

No dia 9 de abril de 1954 “parece que o benfeitor queira terminar a creche logo de modo que, na abertura do novo ano escolar, já possa começar a funcionar. Também quanto a isso, grande espírito de fé, pois não sabemos quem colocar”.¹⁶⁰ E um ano depois, no dia 20 de março de 1955, o conselho das Pobres Servas decide que “na abertura da creche em Santa Toscana será colocada a Irmã Rosa Madella”.¹⁶¹ No dia 1º de outubro de 1955 é inaugurada a escola materna “Pe. João Calábria”, que acolhe em torno de cinquenta crianças.¹⁶² No diário da congregação são registrados os nomes: “A primeira menina matriculada, Franca Chiarenzi, e o primeiro menino, Marco Zanolini”.¹⁶³ Sobre a nova instituição pode-se ler num artigo publicado na revista “L’Amico dei Buoni Fanciulli”: “Mesmo na modéstia conforme ao espírito da Obra, aqui há também aquela moderada riqueza que tanto contribui para o bom andamento de uma escola desse tipo”.¹⁶⁴ “A escola é frequentada com amor e interesse pelos menores e com grande satisfação pelas famílias. Além do lugar e do ambiente, isso deve-se ao comprometimento com a missão em meio à infância por parte da Irmã professora”.¹⁶⁵

¹⁵⁹ COGO, A. *Lettera a don Calabria*, 4 agosto 1951, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 20.

¹⁶⁰ *Libro dei Verbali*, 9 aprile 1954, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958.

¹⁶¹ *Libro dei Verbali*, 20 marzo 1955, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958.

¹⁶² Essas notícias são deduzidas da *Conferência* proferida pelo arcebispo de Verona no dia 8 de maio de 1956: AHPSDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Circolari.

¹⁶³ *Cronistoria della Congregazione*, 1 ottobre 1955, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

¹⁶⁴ *Attività delle Sorelle. L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 8, p. 200, 1955.

¹⁶⁵ *Relazione della Congregazione dal 25/4/1952 all’8/2/1958*, 2 febbraio 1958, AHPSaDP, fld. I e II Capitolo Generale, c. I Capitolo.

No início dos anos sessenta a Casa encontrava-se inadequada também para as Irmãs anciãs e enfermas, pois não tinha aquecimento. Para instalá-lo era preciso fazer o alicerce e o piso de quase toda a Casa que, na parte velha, estava ficando perigosa. Foram acrescentados os seguintes locais: lavanderia, cantina e depósito; mais tarde foi complementado com um salão, para colocação de armários, com um terraço na parte superior. O jardim foi protegido por um muro com parapeito, por estar bem de frente a um precipício, constituindo-se num perigo permanente. Foi construída uma garagem, logo após terem recebido de presente do Pe. Pedrollo um carro.

Providenciou-se uma van para transportar as crianças da escolinha infantil, atendendo repetidos pedidos feitos pelos pais.

No verão de 196 foi executada a pavimentação dos jardins externos, com cubinhos de pórfiro.

São adquiridos uma lavadora automática, uma nova cozinha econômica com os respectivos móveis, armários para a rouparia etc.

Em 1969 surge a necessidade urgente de consertar o telhado e o teto. Além disso, foram demolidas algumas paredes muito frágeis, ampliou-se a canalização de água, a fiação elétrica foi inserida nas paredes, foram refeitos pisos e executados novos serviços. Após essas reformas a casa se tornou mais acolhedora e funcional. Foi feito o pedido para obter a propriedade do jardim da escolinha infantil, com o acréscimo de um pedacinho de terra limítrofe.

Desde 1971 foi instalada uma câmara fria na cozinha; nos primeiros meses de 1972 foi feito o teto do refeitório e dos locais adjacentes.

O RECONHECIMENTO DIOCESANO**Fase preparatória da aprovação canônica**

Com o final da visita apostólica do Abade Caronti, em março de 1948 começa um novo período no qual são levados adiante os procedimentos referentes ao pedido de aprovação diocesana da congregação. A iniciativa foi tomada pelo bispo de Verona, Dom Jerônimo Cardinale, que desde março de 1946 havia comunicado ao Pe. Calábria a intenção de dar início aos trâmites necessários para a aprovação do Instituto das Irmãs, mas por causa de compromissos pastorais inadiáveis não havia conseguido concretizar nada, como ele mesmo reconhece.¹

Em outubro de 1948, quando estão em curso os procedimentos necessários para a aprovação pontifícia da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, o bispo decide escrever ao Pe. Arcádio Larraona, subsecretário da Sagrada Congregação dos Religiosos, a fim de solicitar sua ajuda para finalmente dar andamento à aprovação canônica diocesana das Irmãs: *“Agora, tornando-se urgente a questão por causa da minha idade e da minha saúde, pensei em dirigir-me ao senhor, que eu sei ser muito benévolo com o Pe. Calábria. Eu lhe pediria, portanto, a caridade de fazer de certa forma a minha parte revendo as Constituições que foram propostas, sugerindo-me e preparando-me todos os trâmites exigidos, a começar pelo consenso a ser solicitado à Sagrada Congregação dos Religiosos”*.²

O bispo deve ter anexado ao pedido o texto das *Constituições* elaboradas anteriormente pelo Pe. Pedrollo, porque no dia 3 de dezembro seguinte o Pe. Larraona, em resposta, comunica-lhe ter concluído a análise das *Constituições*. Solicita-lhe, entretanto, a possibilidade de enviar num outro momento as observações referentes às duas possíveis opções: religiosas com votos perpétuos ou com votos temporários.³

Além disso, em seu comunicado o Pe. Larraona informa o bispo acerca dos documentos a serem enviados à Sagrada Congregação dos Religiosos para obter a

¹ Cf. G. CARDINALE. *Lettera a P. Arcadio Larraona*, 9 ottobre 1948, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 11, c. 111/1: *“Há muitos anos eu desejo erigir formalmente aquela Congregação; mas sempre adiei, porque dificilmente encontrei o tempo necessário para me ocupar da documentação com a diligência requerida...”*.

² Ibid.

³ LARRAONA, A. *Lettera a mons. G. Cardinale*, 3 dicembre 1948, Sacra Congregazione dei Religiosi. Prot. 11536/48, AHPSaDP, fld. Approvazione diocesana 1952, c. Documenti 1.

faculdade de erigir uma congregação de direito diocesano. Dentre os documentos a serem providenciados estão também as “*cartas de recomendação dos bispos responsáveis pelos territórios nos quais estas [as Irmãs] tenham casas*”.⁴

O bispo transmitiu imediatamente tais pedidos à direção da Obra para que deles se ocupasse, requerendo em janeiro de 1949 as “cartas de recomendação” do bispo de Vicenza, onde duas comunidades de Irmãs estão presentes em Costozza e em Roncà. O delegado episcopal para as religiosas daquela diocese sustenta, porém, que as cartas não são necessárias; e a questão se estende até junho de 1950, quando o procurador geral da congregação dos Pobres Servos, Pe. Ottorino Foffano, com o fim de poder dispor de um instrumento que convencesse a cúria vicentina, repassa um texto impresso “Ex segreteria Sacrae Congregationis de Religiosis” no qual se afirma claramente que estas são necessárias.

No mesmo mês, o Pe. Pedrollo as requer seja ao bispo de Vicenza, Dom Zinato, seja ao cardeal vigário de Roma, Dom Marchetti Selvaggiani, já que na sua diocese existem três comunidades de Irmãs: na Paróquia São Filipe na Pinetta Sacchetti, no bairro de Primavalle e no dos Gordiani. Na metade daquele mês, Pe. Pedrollo recebe a notícia de que a documentação proveniente de Vicenza está pronta: “*Finalmente ontem à noite Sua Excelência o bispo assinou a carta de recomendação (elogiosa) exigida pelo senhor para os trâmites que Lhe interessam*”.⁵

Para obter uma resposta do vicariato de Roma foi preciso enviar para lá a Irmã Antonieta Cordioli; assim, com data de 11 de outubro de 1950, a Superiora geral, Serafina – Adele Carli, fez o pedido da carta de recomendação ao Papa.⁶

Na diocese de Verona as comunidades das Irmãs são sete, das quais quatro na cidade e três fora: em Maguzzano, em Ronco e em Roverchiaretta. A carta de recomendação, neste caso, é de competência do bispo de Verona, que é o mesmo bispo chamado a erigir canonicamente o instituto religioso.

⁴ Ibid.

⁵ PIEROPAN, G. *Lettera a don Pedrollo*, 18 giugno 1950, AHPSaDP, fld. Approvazione diocesana 1952, c. Documenti 1.

⁶ Desta carta é sem dúvida interessante uma passagem: “... *com o fim principal de acudir, nas Casas dos Pobres Servos da Divina providência, aos ofícios próprios da mulher: cozinha, lavanderia, rouparia etc. Mas, além disso, o nosso Instituto pode assumir outras atividades, como creches, hospitais, assistência e meninas pobres e abandonadas, para dar-lhes uma conveniente instrução, inclusive profissional, bem como uma educação profundamente cristã. Tudo e sempre com um programa de filial abandono em Deus e à sua Providência, segundo o nosso programa: ‘Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e o resto vos será dado em acréscimo’...*” (CARLI, A. (Sor. Serafina di Gesù). *Beatissimo Padre*, 11 ottobre 1950, AHPSaDP, fld. Approvazione diocesana 1952, c. Documenti 1).

As Irmãs também, nas comunidades, participaram do atormentado percurso para obter a tão almejada aprovação e frequentemente deixam transparecer o seu desejo: *“Reverendíssimo Pe. Luiz, com muita alegria recebemos as disposições dadas pelos Reverendos Superiores! Do ano canônico que começarão a fazer as noviças, etc., esperamos também boas novas em relação ao espírito, ao incremento e à sistematização da nossa amada família religiosa”*.⁷

Em outubro de 1950 já encontram-se cumpridas todas as exigências para que a Sagrada Congregação dos Religiosos conceda ao bispo de Verona a autorização para erigir a congregação religiosa das Pobres Servas da Divina Providência. Os meses passam e nada acontece.

Irmã Inês Cogo, Superiora geral

Em carta às Irmãs, datada de 21 de janeiro de 1951, o Pe. Luiz Pedrollo, ao qual o Pe. Calábria por escrito havia confiado a tarefa de guiar a Obra durante o seu período de enfermidade, escreveu que o Pe. João há tempos está pensando em renovar os encargos maiores das Irmãs considerando que essa operação não possa *“mais ser adiada, em vista também da aprovação que esperamos, a esta altura, não esteja muito distante”*.⁸

Prosegue o Pe. Pedrollo: *“Para favorecer essa renovação de espírito pensamos, à luz de Deus, que justamente muito contribuiria a mudança pelo menos dos cargos maiores, e é isso que eu venho anunciar-lhes com a presente carta.*

*A Superiora, Irmã Serafina, que por tantos anos esteve à frente da administração das Irmãs com benevolência realmente materna, deixa o seu posto... É chamada a sucedê-la a Irmã Inês, por todas estimada e benquista, pela sua compreensão e firmeza. Sim, também pela firmeza; neste delicado momento, nesta ansiosa vigília à espera da aprovação, é preciso também esse dote em quem ocupa a direção; firmeza, no entanto, não desacompanhada daquela bondade materna que sabe conciliar os ânimos de todos, mesmo quando é necessário exigir um sacrifício ou apresentar uma recusa....”*⁹

⁷ FAINELLI, M. (Sor. Maria di Gesù). *Lettera a don Pedrollo*, 6 ottobre 1950, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 38.

⁸ PEDROLLO, L. *Lettera alle Sorelle*, 21 gennaio 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

⁹ Ibid.

Pe. Pedrollo propõe para a Irmã Serafina um tríplice encargo, a ser exercido em Roma: Superiora de Primavalle (San Pio V), visitadora das Casas de Roma e procuradora junto à Santa Sé.¹⁰

No dia 27 de janeiro, o Pe. Pedrollo enviou uma carta a todas as comunidades das Irmãs com a qual pretendia predispor os ânimos para acolher positivamente as novas responsáveis pela congregação e a se preparar para o evento com uma novena a Nossa Senhora de Lourdes. Como motivação para a mudança, ele cita a práxis eclesial “*da renovação dos cargos maiores, ainda mais que sua duração é superior a uma década; e vocês sabem que faz parte das sábias normas da Igreja a sua periódica alternância, do qual fazem eco por sua vez as Constituições de todas as ordens e institutos religiosos, tanto masculinos quanto femininos...*”.¹¹

No dia 11 de fevereiro de 1951 a Irmã Serafina Carli, Superiora geral desde 2 de setembro de 1941, é substituída pela Irmã Inês Cogo. Naquele mesmo dia, às 11h, com a bênção do Pe. Calábria, o Pe. Pedrollo dirige-se a Santa Toscana. Depois do discurso de ocasião e do canto do *Veni Creator*, com a assistência do Diác. Dionísio Griso e do clérigo Guilherme Momi, fez-se a leitura da comunicação referente à nomeação da nova Superiora e das novas conselheiras gerais. A seguir, cantou-se o *Te Deum*. Escreve em sua crônica histórica o Pe. Pedrollo: “*No dia 11 de fevereiro, festa de Nossa Senhora de Lourdes, houve a troca de guarda para as ‘Irmãs’. Pe. João tinha isso em mente ainda desde o final de 1949. Depois adoeceu, mas ficou a ideia de fazê-la. Irmã Serafina é materna, mas não toma posição; de certa forma todas fazem aquilo que bem entendem*”.¹²

No dia seguinte foi realizado o primeiro conselho geral por parte das novas responsáveis pelas Irmãs. Na mesma reunião, a Irmã Dolores recebeu o encargo de mestra de noviças, enquanto que a Irmã Pierina Cogo foi eleita secretária geral e a Irmã Antonietta Cordioli tornou-se ecônoma geral.

Em carta datada de 13 de fevereiro de 1951 e enviada às Irmãs na qualidade de Madre geral, a Irmã Inês Cogo confessa: “*Este encargo, digo-o sinceramente, está acima das minhas forças e do meu engenho; todavia, apoiada sobre a obediência,*

¹⁰ Uma carta da Irmã Serafina endereçada ao Pe. Pedrollo com data de 19 de abril de 1951 e enviada à comunidade de Maguzzano leva a crer que outros acontecimentos não documentados impelem os Superiores a propor-lhe outro encargo. Cf. A. CARLI (Sor. Serafina di Gesù). *Lettera a don Pedrollo*, 19 aprile 1951, AHPSDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 6, c. 15.

¹¹ PEDROLLO, L. *Lettera alle Sorelle*, 21 gennaio 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

¹² PEDROLLO, L. *Cronistoria volume V (1950-1952)*, 11 febbraio 1951, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 5.

repito as palavras da grande Mãe de Deus e Mãe nossa: 'Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo o seu querer'.

O Senhor, estou certa, me ajudará, e, como eu disse às Irmãs Superiores da nossa singular família religiosa (assim o venerado Pai gostaria que nos chamássemos), vendo o meu nada, tenho certeza de que Ele sozinho fará tudo.

Este meu primeiro texto é para levar a todas a minha materna saudação, depois do outro dado a alguma Irmã doente e às falecidas.

Acompanhada de algumas Irmãs do conselho, naquele dia fomos até o nosso venerado Pai e o encontramos sofrendo muito; as suas palavras foram: 'Madre nova, vida nova; orem mais do que de costume por mim e, se fizerem bem, o Senhor cumprirá os grandes desígnios que tem também sobre a Obra das Irmãs'.

As palavras do amado Fundador desceram até à nossa alma e a tocaram profundamente. Ele parecia suplicar.

'Vida nova'! Como poderá haver 'vida nova' a não ser estudando a Regra? Esta é realmente o reflexo do Evangelho; uma simples frase, uma observação deste pequeno livro contém um princípio de ação, toda uma orientação profunda.

O elogio da Regra é cantado no céu pelas multidões de santos, que os conduziu à mais íntima união com Deus.

Vamos nos empenhar, façamos de modo que o Senhor aprove plenamente a nossa vida para poder depois obter a suspirada aprovação.

Repito as palavras que o nosso Reverendo Superior geral disse na manhã do dia onze: 'Para melhor conseguir ver e julgar com espírito de fé o anúncio da nova eleita, digam logo: Eis a eleita do Senhor. Eis aquela que de agora em diante representará Jesus para vocês, por meio da qual Jesus lhes falará, as guiará, dará ordens e estabelecerá disposições'.

Todavia, faça-se como recomenda o nosso venerado Pai: 'Precisamos, diz ele, olhar para os Superiores dois dedos acima da sua cabeça'.¹³

Na espera de um reconhecimento da congregação por parte da Igreja, a Superiora geral dá início a um período de cuidadoso estudo, animado pela seguinte intencionalidade: "Nós, que temos a graça de estar entre as primeiras (estando ainda em vida o Fundador), precisamos nos sentir impulsionadas por verdadeiro espírito de fé, de generosidade, de sacrifício e de renúncia, a fim de que a semente que

¹³ COGO, A. *Circolare alle Sorelle*, 13 febbraio 1951, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. *Circolari*.

parcialmente ora lançamos possa, no futuro, florescer em verdadeiro espírito puro e genuíno da Obra. Ó, do céu, depois, nós gozaremos!

*Sabemos quanto fruto já deram os sofrimentos do nosso venerado Pai; agora o Senhor lhe deu a consolação de ver-nos reconhecidas pela Igreja. A nós, portanto, o compromisso de fazê-las reviver; para tanto, não nos custe ter que abraçar inteiramente aquilo que as santas Regras nos impõem”.*¹⁴

Aperfeiçoamento do texto das *Constituições*

No dia 9 de março de 1951 o Pe. Ottorino Foffano, na qualidade de procurador geral da congregação dos Pobres Servos, impulsionado também pelas precárias condições de saúde do Pe. Calábria, quis encontrar-se com Dom Giovanni Scapinelli, subsecretário da Sagrada Congregação, para verificar em que ponto se encontrava a documentação referente às Irmãs. Pe. Foffano relata a seguir ao Pe. Pedrollo aquilo que Dom Scapinelli lhe confia no encontro: “*Os trâmites estão bem encaminhados. Pedi-me uma carta endereçada a Ele, solicitando-lhe que se interesse a fim de apressar o mais possível a conclusão favorável do processo*”.¹⁵ O procurador dos Pobres Servos não perde tempo e no dia seguinte, sábado, 10 de março, já se apresentou pessoalmente a Dom Scapinelli para entregar-lhe o que ele havia pedido.¹⁶

No dia 5 de abril de 1951 a Sagrada Congregação dos Religiosos, com a assinatura do seu secretário, Pe. Larraona, enviou ao bispo de Verona o “nada obsta” para a ereção do instituto e as faculdades necessárias para a nomeação da Superiora geral e do conselho geral, que há pouco havia sido renovado. O secretário, além disso, encarrega o bispo de providenciar a complementação e a correção do exemplar das *Constituições*, que havia sido enviado a Roma, levando-se em conta as numerosas observações feitas pelo consultor da Sagrada Congregação dos Religiosos.¹⁷ A obra de

¹⁴ COGO, A. *Circolare alle Sorelle*, Festa della Santa Trinità 1951, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. *Circolari*. A circular é assinada por todo o conselho geral.

¹⁵ FOFFANO, O. *Lettera a don Pedrollo*, 12 marzo 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

¹⁶ FOFFANO, O. *Lettera a monsignor Scapinelli*, 10 marzo 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

¹⁷ EX SECRETARIA SACRAE CONGREGATIONIS DE RELIGIOSIS. *Lettera all’Ordinario di Verona*, 5 aprile 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

revisão e aperfeiçoamento das *Constituições* começa justamente pela revisão “*juxta animadversiones Rev.mi Consultoris*”.¹⁸

No dia 20 de abril o Pe. Pedrollo leva materialmente o documento da Sagrada Congregação dos Religiosos ao senhor bispo, Dom Cardinale, “*que ficou contente. Ele quer o texto das Constituições para avaliar as correções; vamos prepará-lo*”.¹⁹ No dia seguinte a nova Superiora geral, Inês Cogo, acompanhada da Irmã Dolores Vacca, primeira assistente e mestra de noviças, dirigem-se ao bispo para agradecê-lo e são acolhidas paternalmente.

Mais do que apenas observações, essas anotações vão desde a linguagem²⁰ até a correção de vários artigos e o acréscimo de outros. O consultor está evidentemente preocupado com aspectos disciplinares que contribuem para homologar a Congregação das Pobres Servas aos demais institutos religiosos femininos. Um exemplo: a ordem de precedência das Irmãs, que será copiada, tal e qual, no artigo 12, capítulo II, das *Constituições* que serão aprovadas em 25 de março de 1952.

O consultor reordena o artigo 3 referente ao “fim especial” da Congregação, que se torna o artigo 2 das *Constituições* na aprovação posterior, atribuindo ao instituto como finalidade “as obras de caridade”, “as obras de assistência”, “as obras de apostolado” e, enfim, também a assistência “às Casas e instituições dos Pobres Servos da Divina Providência”.

Quando, no capítulo VI, artigo 54, ele examina os artigos referentes à “profissão religiosa”, considera definido que as religiosas emitam a profissão perpétua depois da profissão anual renovada por três vezes e a profissão bienal renovada por uma vez. Pelo contrário, nesse ponto, segundo o Pe. Calábria, a Congregação das Pobres Servas deve diferenciar-se das demais, analogamente ao que aconteceu na aprovação da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência.

Por ocasião da festa de Pentecostes de 1951 o Pe. Luiz Pedrollo envia a cada Irmã uma cópia das *Constituições* para que tome consciência dos vínculos e dos compromissos a serem assumidos na próxima profissão religiosa. Na carta que acompanha o documento, ele especifica: “*Uma só coisa é absolutamente necessária: que aquelas que se sentem em condições de fazer a profissão estejam também lealmente*

¹⁸ A expressão latina significa “em conformidade com as observações do Reverendíssimo Consultor”.

¹⁹ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume V (1950-1952)*, 21 aprile 1951, AHPSPD, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 5.

²⁰ Nas “*Observações gerais*” está prescrito: “...dizer ‘Congregação’ ao invés de Instituto, ‘Casa-Geral’ em lugar de Casa-mãe, ‘religiosas’ em lugar de Irmãs”.

dispostas a observar todas as Regras e cada um dos pontos que as compõem, sem exceção de nenhum tipo.

Portanto, depois de ter tomado consciência das santas Constituições, as Irmãs que quiserem restar-lhes fiéis para sempre escrevam à Madre pedindo-lhe para serem admitidas à profissão e manifestando-lhe, em tal circunstância, os seus sentimentos para o presente e para o futuro”.²¹

Pe. Pedrollo, em 20 de maio de 1951, enviando ao procurador geral Pe. Foffano um esboço das *Constituições* revisadas, pede-lhe se não é possível intervir junto à Sagrada Congregação dos Religiosos para obter os votos temporários ao invés dos votos perpétuos “*por triênios, ao invés de perpétuos, pois isso representaria melhor o pensamento do Pai*”.²²

No dia 2 de julho seguinte ele volta a tratar do assunto com o Pe. Foffano: “*Eu gostaria encarecidamente de te pedir que tu obtenhas informações acerca das Constituições das nossas Irmãs. Tu sabes quanto é importante para o nosso venerado Pai que os votos dos religiosos não sejam perpétuos, mas temporários. Assim como no nosso caso, que depois de três anos de votos anuais os renovamos por triênios.*

Análoga disposição havia sido proposta para as Irmãs; agora, no entanto, tal regra foi mudada: votos anuais por um biênio, depois profissão perpétua (artigo 59).

Não se poderia modificar e manter as profissões por triênios, para melhor aderir aos desejos do venerado Pai?”²³

Dez dias depois o Pe. Foffano respondeu que já havia falado com Dom Sposetti, da Sagrada Congregação dos Religiosos, e que ele “*havia desaconselhado pedir a revisão para votos temporários citando razões de experiência, dizendo que os votos temporários não dão aquela tranquilidade que é dada pelos votos perpétuos, especialmente às Irmãs*”.²⁴ Declarava, entretanto, que estaria disposto a ir até o secretário da Sagrada Congregação dos Religiosos para tratar com ele do problema.

De fato, o Pe. Foffano dirige-se ao secretário da Congregação dos Religiosos, Pe. Larraona, no dia 18 de julho daquele mesmo ano, relatando por carta, no dia seguinte, o resultado do encontro: “*Expus-lhe os desejos do Pai acerca dos votos das*

²¹ PEDROLLO, L. *Lettera alle Sorelle*, Ottava della Pentecoste 1951, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Circolari.

²² PEDROLLO, L. *Lettera a don Foffano*, 20 maggio 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

²³ PEDROLLO, L. *Lettera a don Foffano*, 2 luglio 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

²⁴ FOFFANO, O. *Lettera a don Pedrollo*, 12 luglio 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

*Irmãs. Ele disse não ter nenhuma dificuldade para aceitar, pessoalmente, dado que também o Código contempla tais casos, e que nós também já adotamos tal modus vivendi.*²⁵ *Ele, todavia, quis ficar com o texto das Constituições para pedir à comissão o motivo daquela redação, e me pediu que lhe telefonasse dentro de alguns dias*”.²⁶

No final de julho, o Pe. Pedrollo pede que a Sagrada Congregação, nomeadamente Dom Sposetti, proceda à correção das *Constituições* quanto à duração dos votos das Irmãs, pois havia a previsão de que o bispo viesse a erigir o Instituto no dia 15 de agosto de 1951.²⁷

Neste ínterim o Pe. Calábria, que tinha se restabelecido de sua doença, no domingo de Pentecostes, dia 13 de maio de 1951, retoma o seu papel de “Casante” da Obra e pede para examinar pessoalmente as *Constituições* antes que estas sejam aprovadas,²⁸ um texto finalizado pelo Pe. Pedrollo depois de ter ouvido os oficiais da Sagrada Congregação dos Religiosos.

Estando em curso essa análise chega de Roma a notícia segundo a qual a Sagrada Congregação dos Religiosos aceita que sejam feitas correções ao texto das *Constituições* já examinadas: “*Ontem, afinal, acabei indo falar sobre as Irmãs com Dom Sposetti. Ele me disse que nós mesmos devemos preparar as correções, no que diz respeito ao artigo dos votos, que depois ele as inserirá nas Constituições, já que ele não dispõe de tempo para fazê-lo. Isso vale também para outros pontos, disse-me ele, caso haja outras correções a serem feitas*”.²⁹

Pe. Calábria foi informado da importante concessão³⁰ obtida pelos seus colaboradores, mas está sempre mais convicto de ter que examinar ele pessoalmente as *Constituições* das Irmãs. Para tanto, pede conselho ao Abade Dom Emanuel Caronti, o

²⁵ A expressão latina significa “modo de viver”.

²⁶ FOFFANO, O. *Lettera a don Pedrollo*, 19 luglio 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

²⁷ PEDROLLO, L. *Lettera a don Foffano*, 27 luglio 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

²⁸ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume V (1950-1952)*, 1 agosto 1951, AHPSaDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 5: “*1º de agosto de 1951, quarta-feira. À tarde fizemos um passeio curto (quarta-feira). Falamos das Constituições para as Irmãs, da perpetuidade dos votos e do costume de ter os votos temporários. Costume que já se consagrou: as Irmãs também terão os votos temporários. Ele está contente com isso, porque a perpetuidade constitui, para Ele, uma opressão. Acrescentou-se que as Irmãs devem existir para o serviço dos Irmãos. Tempos novos e coisas novas. Ele deseja ver as Constituições*”.

²⁹ FOFFANO, O. *Lettera a don Pedrollo*, 7 settembre 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 2.

³⁰ A possibilidade de transformar, nas *Constituições* das Irmãs, os votos perpétuos em votos temporários.

qual, mesmo não sendo mais Visitador Apostólico, continua a ser considerado “segundo Casante” da Obra.

Revisões do Pe. Calábria

Graves foram as motivações que impeliram o Pe. Calábria a bloquear o andamento da aprovação do Instituto, como se pode ler no corpo da carta reproduzida integralmente: *“Durante o ano passado, no qual estive praticamente ausente devido às minhas graves condições de saúde, a Providência predispôs no sentido de um bom encaminhamento da questão. Por consequência, o Pe. Luiz Pedrollo preparou o projeto das Constituições a partir da prática de vida de tantos anos das próprias Irmãs. Comigo ele tem falado, certamente, mas sempre de um modo geral, já que eu não estava em condições de entrar nos particulares. O texto, elaborado em concordância com o bispo, foi enviado à Sagrada Congregação segundo as normas em vigor. Pouco tempo faz a Sagrada Congregação comunicou, desde que haja algumas modificações, que se pode proceder à aprovação por parte do bispo.*

Tendo eu retornado, por grande misericórdia do Senhor, a melhores condições de saúde a ponto de poder retomar o meu trabalho pela Obra, sou informado desta boa notícia. Disso eu agradeço ao Senhor, mas ao mesmo tempo me encontro numa grande perplexidade: não me sinto de deixar essa questão ir adiante e de assumir a paternidade e a responsabilidade de um texto que eu não pude examinar minuciosamente à luz de Deus. Algumas coisas, sim, estavam de acordo com o meu sentimento, mas não me parece prudente contentar-me com isso. Eu não ficaria tranquilo com minha consciência se eu não tivesse examinado, com mente calma, cada uma das Regras, para ver se correspondem ao plano de Deus, se eu não tivesse a exata visão daquilo que outros fizeram. Estamos em tempos difíceis; é preciso se adequar a eles. Hoje são necessárias coisas novas sobre fundamentos velhos.

*Portanto, eu seria da opinião de que é preciso adiar a aprovação definitiva; esperar que eu examine, pessoalmente, as Regras, que eu faça alguma modificação que me parecer oportuna, segundo o que sugere o Espírito Santo; depois disso, reenviar o projeto à Sagrada Congregação, acompanhado da minha pessoal paternidade e responsabilidade”.*³¹

³¹ CALABRIA, G. *Lettera all'abate Caronti*, 11 settembre 1951, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere a Caronti, fld. 2, c. 13, b. 04946.

Em sua crônica histórica da Obra, o Pe. Pedrollo, no mesmo dia, anota com uma certa amargura: “Agora, que já temos o nada obsta, é preciso parar; e poderia se pensar que estávamos fazendo sem Ele. A Providência, todavia, intervém; tendo sido feita uma correção acerca dos votos, Dom Sposetti disse que eventuais outras modificações poderiam ser feitas...”

*Pe. Calábria fala em sancionar, eventualmente, até mesmo coisas contrárias à práxis mantida pela Igreja até o presente. Claro, se for necessário. Quero, disse ele, celebrar a santa missa do Espírito Santo na igreja das Irmãs e orar ao Espírito Santo para que dê os lumes necessários”.*³²

Não há, porém, qualquer contestação da parte do Pe. Pedrollo, que no dia seguinte escreve ao Pe. Foffano com grande magnanimidade: “Somos muito gratos a Dom Sposetti pela faculdade que nos concedeu de fazermos também eventuais correções às Constituições das Irmãs. Acho que isso é realmente providencial, já que o amado Pai Pe. João deseja repassá-las totalmente, artigo por artigo, aproveitando da boa saúde que o Senhor lhe concede. Será preciso algum tempo, e veja você mesmo se é o caso de falar sobre isso com os Reverendíssimos Superiores da Sagrada Congregação. Tudo seja feito para a maior glória do Senhor e para o bem da Obra das Irmãs”.

³³

À carta com a qual o Pe. Calábria pedia conselho, o Abade Caronti respondeu no dia 20 de outubro seguinte desta forma: “Dadas as circunstâncias nas quais aconteceu todo o trabalho preparatório, considero que não existam dificuldades sérias para que se possa aderir ao seu desejo, que substancialmente visa apenas a dar uma estrutura mais exata e correspondente ao escopo das Irmãs”.

³⁴ Sugere também três possíveis caminhos para obter a suspensão provisória do andamento da aprovação. Dentre estes, o primeiro consiste em pedir ao bispo que adie, temporariamente, a aprovação do Instituto e que permita um novo exame das *Constituições*.

Algumas observações do Fundador encontram-se codificadas respectivamente nos artigos 3 e 6 das *Constituições* aprovadas em 1952. O artigo 127, na versão aprovada pelo bispo, disciplina o acesso dos confessores externos segundo os desejos do Pai Pe. Calábria.

³² PEDROLLO, L. *Cronistoria volume V (1950-1952)*, 11 settembre 1951, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 5.

³³ PEDROLLO, L. *Lettera a don Foffano*, 12 settembre 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 2.

³⁴ CARONTI, E. *Lettera a don Calabria*, 20 ottobre 1951, AHPSDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 78, c. 197/21.

No dia 11 de dezembro o Pe. Pedrollo envia ao Pe. Foffano as observações feitas pelo Pe. Calábria às *Constituições*, juntamente, pelo que é possível entender, com uma carta do bispo de Verona que ainda alimenta algumas perplexidades em aprovar o artigo 125 referente aos confessores que devem ser escolhidos dentre os Pobres Servos. Pe. Pedrollo, porém, ressalta ao Pe. Foffano que as dificuldades apresentadas pelo bispo poderiam ser superadas com uma simples precaução: “Ao Pe. Calábria seria suficiente a disposição de que os confessores sejam escolhidos entre os sacerdotes que conhecem bem o espírito da Obra, já que a isso ele dá grande importância”.³⁵

O subsecretário da Sagrada Congregação dos Religiosos envia ao bispo de Verona no dia 25 de fevereiro de 1952 uma lista de emendas aprovadas por um consultor da Sagrada Congregação, que podem ser introduzidas no texto definitivo das *Constituições*.

A esta altura parece estar tudo no seu devido lugar, e o bispo então poderia proceder legitimamente à aprovação. Só que sexta-feira, dia 21 de março de 1952, quatro dias antes da planejada ereção canônica do Instituto, o bispo apresenta ao Pe. Calábria, que tinha ido encontrá-lo para organizar a cerimônia, um novo problema: parece-lhe perceber, no artigo 298, tal como este se apresenta no texto das *Constituições*, uma disputa que deve ser absolutamente resolvida: “Não posso aprová-lo assim incerto”.³⁶

Pe. Pedrollo, por isso, vê-se obrigado a telefonar para Roma, para o procurador geral, a fim de que este interpele a respeito a Sagrada Congregação dos Religiosos. Pe. Foffano, no dia seguinte, dirige-se ao dicastério da Santa Sé, que não vê nenhum problema em cancelar a frase do artigo que está criando problemas, autorizando o bispo a fazer a mesma coisa. Pe. Foffano envia imediatamente uma carta urgente a Verona, que no domingo, dia 23 de março, o Pe. Pedrollo entrega pessoalmente ao bispo, o qual “viu a correspondência e ficou contente”.³⁷

Ereção do Instituto e aprovação das *Constituições*

³⁵ PEDROLLO, L. *Lettera a don Foffano*, 11 dicembre 1951, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 2. A carta reproduz algumas palavras autógrafas do Pe. Calábria, escritas no verso.

³⁶ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume V (1950-1952)*, 24 marzo 1952, AHPSaDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 5.

³⁷ Cf. *ibid.*; e cf. O. FOFFANO. *Lettera a don Pedrollo*, 22 marzo 1952, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 2.

Inicialmente o desejo era obter a aprovação do Instituto das Irmãs para o dia 11 de fevereiro de 1952, no vigésimo aniversário da aprovação diocesana da Congregação dos Pobres Servos da Divina Providência. Mas depois, visto que naquela data Roma não havia ainda aprovado as correções ao texto das *Constituições*, opta-se pela festa litúrgica da Anunciação, celebrada no dia 25 de março.

Segunda-feira, dia 24, véspera do acontecimento, Pe. Pedrollo dirige-se ao bispo, que realmente não está bem,³⁸ e lhe pergunta: “*Conseguiremos preparar tudo para amanhã? São necessários dois decretos, para os quais ele pede a nossa colaboração. Nós os prepararemos e depois os apresentaremos. E quanto às Constituições, pergunta ele, estarão prontas para amanhã? Eu lhe prometo que faremos todo o esforço possível. Então fica mesmo marcado para amanhã, com os detalhes sendo combinados amanhã de manhã*”.³⁹

Voltando para San Zeno, Pe. Pedrollo logo comunica tudo ao Pe. Calábria, o qual, por sua vez, mesmo não estando bem, comunica à Superiora geral a decisão do bispo de aprovar o Instituto no dia seguinte: “*É uma aprovação que, enquanto se cumpre na terra, é consagrada no céu. Procurem viver como Jesus as quer...*”.⁴⁰ Algumas horas mais tarde o próprio Pe. Pedrollo dirige-se a Santa Toscana para organizar a cerimônia juntamente com as Irmãs. No mesmo dia, começa a preparar o texto dos dois decretos cuja redação deveria posteriormente ser submetida ao bispo para eventuais correções ou complementações. Em torno das 22h15 ele se dirige à igreja para a adoração eucarística, que dura até à meia-noite. Na gráfica, enquanto isso, prosseguem os trabalhos durante a noite toda para conseguir imprimir para o dia seguinte as *Constituições* que o bispo deverá aprovar.

Pe. Pedrollo intitula significativamente o diário detalhado do dia seguinte: “*25 de março de 1952 – A Anunciação – Festa pela aprovação das Irmãs*”.⁴¹

Como o Pe. Calábria estava em Negrar, é o próprio Pe. Pedrollo quem preside a missa solene em Santa Toscana. Depois do Evangelho, dirige a sua palavra à Superiora geral e às Superiores das várias Casas, convocadas para o acontecimento: “*Haec dies*

³⁸ CALABRIA, G. *Diario 9° Quaderno “Mio Diario”* [1947-1953], 25 marzo 1952, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 9, b. N 02614. “*Por graça de Deus, hoje, festa da Anunciação, foi lida pelo secretário do bispo, na sua presença, mas que não estava bem de saúde, o Decreto de aprovação da Obra dos Pobres Servas. Deo gratias. Deo gratias*”.

³⁹ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume V (1950-1952)*, 24 marzo 1952 AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 5.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume V (1950-1952)*, 25 marzo 1952 AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 5.

quam fecit Dominus...⁴² *uma nova estrela no céu da Igreja... Não é preciso fazer coisas humanamente grandes para isso, olhem a grande luz que desceu e se irradiou sobre Belém, sobre Nazaré, etc.*”.⁴³ No final da celebração eucarística, ele lê a carta do Pe. Calábria escrita para a ocasião às Irmãs.

Mas eis a crônica do dia, tal como foi redigida pelo Pe. Pedrollo: “*A seguir, o restante da manhã foi gasto na preparação dos dois decretos. Eu os mostrei ao bispo, que sugeriu algumas correções. Ficaram prontos às 13h30. Irmão Vitorino os levou (ele conhece muito bem o bispo), e novamente o convidou a vir. Pois ele havia dito que não viria, já que não estava bem. De fato, acabou se decidindo por fazer uma visita breve, sem falar. Os decretos teriam sido lidos por Dom Falzoni.*

Chegou às 15h45, e nós o recebemos com todos os estudantes e aspirantes.

Dirigimo-nos à igreja em procissão, cantando em gregoriano: Sacerdos et Pontifex. Cantou-se o Veni Creator, o bispo leu o Oremus. Depois sentou-se no presbitério, voltado para a igreja, para as Irmãs. A seguir, Dom Falzoni leu os decretos. Concluída a leitura, deu a bênção pastoral: Sit nomen Domini benedictum etc. Logo entoou-se o Te Deum... Dom Falzoni deu a bênção eucarística e concluiu-se com a cançãozinha a Nossa Senhora (Nome Dulcíssimo...).

*As Irmãs ofereceram o café, e um belíssimo conjunto para missa. O bispo (isso foi confirmado pelo Irmão Vitorino, que o acompanhou de carro) ficou comovido e aliviado em seu próprio sofrimento”.*⁴⁴

Pe. Calábria não pôde estar presente ao evento porque não estava bem de saúde. No dia seguinte ele escreveu, de próprio punho, uma carta comovente ao bispo: “*Eu, na minha pobreza, carrego-O sempre na mente e no coração como o bispo da Providência, que o Senhor escolheu para dar desenvolvimento e bênção à Obra.*

Nesta ocasião solene da aprovação das nossas Irmãs eu gostaria muito de estar presente na cerimônia; mas as minhas condições físicas não me permitem fazê-lo; asseguro-lhe, todavia, que em espírito me faço presente, bem de perto, bem pertinho, escutando dos seus lábios as palavras do decreto que terá um eco no céu.

De todo coração eu lhe agradeço, Excelência, por este novo dom que nos faz; o Senhor o recompensará abundantemente, como bem merece pelo bem que quer à Obra,

⁴² A frase em latim “Haec dies quam fecit Dominus” significa “Este é o dia que o Senhor fez”.

⁴³ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume V (1950-1952)*, 25 marzo 1952, AHPSPD, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 5.

⁴⁴ Ibid.

e a mim, pobrezinho, último dos seus filhos, mas não último no afeto e na veneração que lhe tenho”.⁴⁵

O secretário do bispo leu publicamente os dois decretos, ambos datados de 25 de março de 1952.

O primeiro, intitulado *Decreto de ereção da congregação das Pobres Servas da Divina Providência*, é essencial: contém as instâncias para a aprovação do Pe. Calábria e a autorização concedida por Roma. Além disso, recorda-se o fim específico da nova congregação e se acena ao discurso do hábito e dos santos protetores do Instituto. O mais significativo, no entanto, é o próêmio: “*Na paterna vigilância sobre a diocese que o nosso ofício pastoral comporta, fomos atraídos pelo perfume de virtude que há longos anos é difundido pelas Casas das Pobres Servas da Divina Providência... sobretudo pelo espírito de fé em Deus e de filial abandono à divina Providência, pelo humilde escondimento e pelo espírito de sacrifício no cumprimento do difícil dever quotidiano...*”.⁴⁶

O segundo, intitulado *Aprovação das Constituições do Instituto Pobres Servas da Divina Providência*, como o próprio título afirma, aprova as *Constituições*. Esta é a passagem mais significativa do Decreto: “*Temos examinado com grande atenção a estruturação das Constituições, que a nós foi apresentada pela Congregação das Pobres Servas da Divina Providência... E temos julgado que tais Constituições, depois dos oportunos retoques e emendas feitos segundo as diretivas da Superior autoridade eclesiástica, correspondem verdadeiramente ao espírito do qual quer ser animada a nova congregação...*”.⁴⁷

O carimbo e a assinatura do bispo foram colocados sobre alguns dos exemplares das *Constituições*, impressas durante a noite.

Uma vez entregues às Irmãs, a Superiora geral as convida a amá-las com estes pensamentos: “*Com a novena da Imaculada começa também o Advento, tempo santo de preparação à vinda do Redentor. Qual poderia ser a mais bela [coisa] senão amar, estudar e consultar as santas Constituições? Estas são a expressão da vontade de Deus, portanto, o código da santidade. Sejam-nos caras tanto quanto o crucifixo e o terço. Mudando de casa, sejam as primeiras a levá-las consigo; deixemos tudo, não as santas*

⁴⁵ CALABRIA, G. *Lettera a mons. Cardinale*, 24 marzo 1952, AHPSDP, f. Don Calabria/Lettere ad Autorità, fld. 1, c. 8, b. 00770.

⁴⁶ CARDINALE, G. *Decreto di erezione della Congregazione delle Povere Serve della Divina Provvidenza*, 25 marzo 1952, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 4.

⁴⁷ CARDINALE, G. *Approvazione delle Costituzione delle Povere Serve della Divina Provvidenza*, 25 marzo 1952, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 4.

Regras. [...] *A observância das santas Regras [...] é sem dúvida, de todas as penitências, a mais meritória, a mais sincera e a mais fácil. A mais meritória porque nos retira a própria liberdade e nos coloca na feliz condição de fazer sempre a vontade de Deus; a mais segura porque, não sendo essencialmente de nossa escolha, está ao reparo de toda ilusão; a mais fácil porque exige, a cada instante, apenas um pouco de boa vontade, tornando mais fácil a mais perfeita abnegação.*

Esta espécie de penitência não enfraquece o físico e dá maiores energias espirituais que nos ajudam a manter a união com Deus e cultivar a vida interior, portanto, avançar na perfeição.

*Procuremos compreender todo o valor da doce segurança de fazer a vontade de Deus, não colocando limite algum ao amor pelas nossas santas Regras”.*⁴⁸

O texto das *Constituições* aprovadas

O livrinho das *Constituições*,⁴⁹ cuja impressão foi concluída durante a noite entre 24 e 25 de março de 1952, em sua parte introdutória reproduz integralmente três documentos fundamentais: o decreto de ereção canônica do Instituto emanado pelo bispo, o decreto de aprovação das *Constituições* e um importantíssimo texto do Pe. Calábria, datado de 11 de fevereiro de 1945, que traz o significativo título: *Princípios fundamentais para a Obra das Irmãs*.

O corpo do livrinho é constituído pelos 210 artigos, distribuídos em 21 capítulos da primeira parte (*Da vida íntima da congregação*), e pelos 113 artigos que formam os dez capítulos da segunda parte (*Do governo da congregação*).

Do texto vale a pena examinar pelo menos os aspectos mais relevantes.

Confrontando o artigo 2 com o artigo 1 das *Constituições* de 1935 nota-se uma inesperada diferença na apresentação do fim especial da congregação das Pobres Servas da Divina Providência. Na edição de 1935 afirma-se: “*Ao lado da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, composta por sacerdotes e Irmãos religiosos, surgiu a comunidade das Irmãs, formadas no mesmo espírito e animadas pelo mesmo programa de reavivar no mundo a maior confiança na divina Providência, mediante a*

⁴⁸ COGO, A. *Circolare alle Sorelle*, 25 novembre 1952, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. *Circolari*.

⁴⁹ *Constituzioni della Congregazione delle Povere Serve della Divina Provvidenza*. Verona: Scuola Tipografica Vescovile, Casa Buoni Fanciulli, 1952. pp. XVI + 156. O formato da publicação é de 10,9x15,6cm.

busca do reino de Deus e o abandono nEle em tudo o que se refere ao necessário para a vida". Em 1952 isso é formalizado no cumprimento de algumas atividades: "*Fim especial da congregação são: 1. As obras de caridade... 2. As obras de assistência... 3. As obras de apostolado... A assistência nas casas dos Pobres Servos...*".

Da confiança e abandono na divina Providência, no texto de 1952, se fala nos artigos 5 e 6. A vivência de tudo isso é apresentada como *Princípio fundamental* da congregação das Irmãs. Entretanto, o enfoque dos anos cinquenta aparece menos claro do que o precedente, e do que um análogo artigo presente na edição das *Constituições* (1949) da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência, onde, precisamente, faz-se uma distinção clara entre o fim especial da congregação e os meios dos quais se pretende lançar mão para atingi-lo.

Se o artigo 2 pode ser pouco compreensível, o artigo 125 de 1952, pelo contrário, é muito belo, sempre referindo-se à espiritualidade, à confiança e ao abandono na divina Providência: "*Vivam a vida da fé e do abandono em Deus, sintam-se seguras dEle e da sua proteção, tudo recebam das suas paternas mãos.*

Aos três votos, as Irmãs acrescentem privadamente um sincero propósito de viver abandonadas à divina Providência, segundo o espírito particular da congregação".⁵⁰

Quem redigiu o artigo, evidentemente, lembra que na prática, desde o início, Irmãos e Irmãs emitiam o voto de abandono à divina Providência juntamente com os demais votos de castidade, pobreza e obediência.

O artigo 3 de 1952 se reporta idealmente à experiência vivida pelas Irmãs em Este e retoma a principal finalidade que se quer atribuir às "Servas dos Pobres" nas *Constituições* de 1922, elaboradas pelo Pe. Battisti. Com toda a probabilidade, a ideia de que as Irmãs se dediquem também à adoração eucarística é do Pe. Calábria; Pe. Battisti apenas a tinha concretizado, enfatizando-a. Deve-se também reconhecer que as Irmãs a tinham assumido como uma dimensão central da sua espiritualidade.

A paridade de direitos e deveres entre os membros do Instituto, um dos aspectos fundamentais do Pe. Calábria referentes à vida religiosa como ele a quer estruturar nas suas fundações, é reafirmada no artigo 10: "*A congregação consta de uma única classe de religiosas, que entre elas se chamarão com o doce nome de Irmãs, e como tais se amarão todas com um amor santo e sincero, de modo tal a formar um só coração e uma*

⁵⁰ Ibid., p. 56.

só alma, tendo compaixão e ajudando-se mutuamente".⁵¹ O tema do amor mútuo entre Irmãs é retomado e ampliado os artigos 105 a 114, inclusos, do capítulo X (*Do modo de viver na congregação*), onde se explica como realizar na vida quotidiana o ponto 9 dos *Princípios fundamentais para a Obra das Irmãs*.⁵²

Do hábito religioso se fala, por sua vez, no capítulo dedicado ao postulado, no artigo 34. De fato, quando as postulantes são admitidas ao noviciado, depois de oito dias de exercícios espirituais, deixam a sua *"veste secular... modestíssima (artigo 31)"*, e vestem *"Não... um hábito religioso propriamente dito, mas um uniforme simples e modesto, lembrando que o seu próprio distintivo deve ser a virtude sólida, que as tornará semelhantes a Nosso Senhor Jesus Cristo (artigo 34)"*.

Torna-se muito respeitoso para com a liberdade de escolha das Irmãs durante toda a duração de sua vida religiosa o fato de que o artigo 26 proíba *"gastar ou alienar, de qualquer modo ou por qualquer razão, a herança, antes da morte da religiosa que o recebeu; nem mesmo para construir uma casa ou para saldar uma dívida. Mas a congregação resgate irrevogavelmente a herança na morte da religiosa"*.

No que se refere aos *Princípios fundamentais para a Obra das Irmãs*,⁵³ elaborados pelo Pe. Calábria e antepostos às *Constituições* na edição de 1952, o terceiro sanciona, para além dos vínculos jurídicos, uma ligação de caráter carismático entre a Obra das Irmãs e o Casante, Superior geral da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência. Eis o pensamento do Pe. Calábria: *"Parece-me ser esta a precisa vontade de Deus, que a Obra das Irmãs, mesmo conformando-se às exigências e prescrições dos sacros cânones, não deve ser considerada em tudo a si mesma, separada e diferente da Obra dos Irmãos; de fato, também as Irmãs têm o mesmo fundador que é Deus, o mesmo Pai que o representa como vigia e Casante de toda a Obra, o mesmo espírito, análogas finalidades e regras de vida, igual programa"*.⁵⁴

O respeito dos espaços reservados

⁵¹ Ibid., p. 11.

⁵² Ibid., p. XV: *"Característica das Irmãs sejam a caridade e a união dos corações. Amem-se mutuamente no Senhor, sejam uma coisa só entre elas e com os Superiores, de forma a edificar as almas que se lhes aproximam, merecendo o louvor que era dado aos primeiros Cristãos: 'Vede como eles se amam!'"*

⁵³ Ibid., pp. XII-XVI.

⁵⁴ Ibid., p. XIII.

Nas *Constituições* de 1952 o capítulo 14 é dedicado à clausura. Entendida como separação dos demais membros da sociedade civil e religiosa, ao longo da história foi justificada por duas principais motivações: a “*da oração, ou, em outras palavras, a necessidade de favorecer o contínuo recolhimento; e uma consideração deste tipo certamente não falta na antiguidade. Mas a esta acrescenta-se bem depressa uma outra razão, que acabou por se tornar predominante e em alguns casos exclusiva: a de proteger a castidade tanto das monjas quanto dos homens dos quais elas eventualmente viessem a se aproximar*”.⁵⁵

Depois do Concílio Vaticano II o Papa Paulo VI, no motu proprio *Ecclesiae Sanctae*, apresenta o valor da clausura do ponto de vista espiritual. No número 30 dá-se uma definição que, mesmo referindo propriamente às claustrais, pode ajudar a entender o sentido da presença dessa modalidade também nas congregações femininas de vida ativa: “*A clausura papal dos mosteiros deve ser considerada como uma instituição ascética singularmente coerente com a vocação particular das monjas, e como o sinal, a proteção e a forma especial do seu retiro do mundo*”.⁵⁶

Pe. Calábria mostra-se sempre muito rígido na aplicação da clausura; todavia, é problemático tentar separar quanto desta sua atitude se deve à inspiração, sendo por isso mesmo funcional ao carisma, quanto, pelo contrário, nada mais é do que uma adequação às disposições do Código de Direito Canônico então vigente,⁵⁷ e quanto se ressentia da cultura daquele tempo, que se reflete também no campo eclesial, no qual vigora, e este é apenas um exemplo, uma clara separação física entre homens e mulheres no âmbito das celebrações litúrgicas.

No artigo 156 das *Constituições*⁵⁸ prevê-se que nas Casas dos Buoni Fanciulli hajam setores claramente separados para as Irmãs, que possuem alguns quartos, um refeitório e até mesmo um lugar específico na igreja da Casa. A cozinha e a rouparia, onde elas trabalham, são separadas dos demais ambientes utilizados pelos Irmãos e pelos meninos; os contatos acontecem através de um grande cilindro lúneo, vazio em seu interior, com uma abertura adequada para poder inserir os pratos ou a roupa, dependendo de cada caso; é a assim chamada “roda conventual”. Esta particularidade,

⁵⁵ LECLERCQ, J. *Clausura*. In: PELLICCIA, G.; ROCCA, G. C. (Org.). *Dizionario degli Istituti di Perfezione*. v. II. Roma, 1975. pp. 1166-1174.

⁵⁶ *Ecclesiae Sanctae*, 30.

⁵⁷ *Código de Direito Canônico*, 1917, cânones 597-607.

⁵⁸ *Costituzioni della Congregazione delle Povere Serve della Divina Provvidenza*, op. cit., p. 70.

embora não prevista nas *Constituições*, pode ser efetivamente encontrada em todas as Casas da Obra onde estão presentes as Irmãs.

Se excluirmos o Pe. Calábria, que visita paternalmente as Irmãs que residem nas Casas Buoni Fanciulli, mas também nas suas próprias Casas, como “Casetta Giusti”, Madonna di Campagna, Casa Santa Toscana e outras, nos ambientes reservados a elas entra apenas, e só por necessidade, o Superior da Casa ou o Irmão encarregado do economato. Aos demais religiosos ou meninos é proibido o acesso a tais ambientes, bem como às Irmãs não é permitido entrar nos ambientes dos Irmãos e dos meninos.

Ao longo de toda a sua vida o Pe. Calábria se mostra sempre muito sensível a esta questão da clausura. Isso pode ser confirmado pelo episódio narrado na crônica redigida pelo Pe. Pedrollo: “*Em San Zeno encontramos o clérigo Favarin que estava levando algumas plantinhas para Santa Toscana. Pe. Calábria não gostou disso. Encarregou-me de indagar e de advertir... Acabou de receber a vestição, um bonezinho em cruz... absolutamente não quero. E além disso, com as Irmãs... nenhuma relação. Fui verificar, e ele havia sido mandado por [...]. Preciso adverti-lo. Mandei o Favarin falar com o Pe. João, que resolveu tudo. Mas fica o ensinamento*”.⁵⁹

Sessenta anos depois de sua morte e depois das mudanças culturais próprias da época (provocadas ou apoiadas pela Igreja do Concílio Vaticano II, pelo movimento feminista cristão e pela carta apostólica *Mulieris dignitatem*, de João Paulo II etc.), Pe. Calábria, neste aspecto, precisa certamente ser contextualizado, mas fica o espírito.

Esclarecimentos jurídicos e primeiras profissões religiosas

Erigido o Instituto e aprovadas as *Constituições*, restam duas outras incumbências a serem formalizadas pelo bispo de Verona: nomear, ele diretamente, pela primeira vez, o governo do novo Instituto; permitir às Irmãs, mediante dispensa do noviciado,⁶⁰ que emitam os votos, tanto trienais quanto anuais.

O bispo, por tranquilidade de sua consciência, quer apresentar, através do Pe. Pedrollo e do Pe. Foffano, três quesitos à Sagrada Congregação dos Religiosos. Os primeiros dois referem-se à faculdade de nomear a Superiora geral, as conselheiras, a

⁵⁹ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 2 marzo 1946, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2.

⁶⁰ Cf. Parte primeira, c. V das *Constituições* de 1952. Todas as Irmãs, antes disso, tinham efetivamente feito o noviciado; todavia, como não havia sido ainda aprovado o Instituto, tal período configurava-se como um fato estritamente privado.

secretária e a ecônoma; e à possibilidade de dispensar do noviciado as Irmãs que devem emitir os votos em base às *Constituições* recém aprovadas. O terceiro pedido de esclarecimento é de caráter econômico e se refere aos bens temporais a serem atribuídos à congregação que acabou de ser criada.

No dia 31 de março de 1952 o Pe. Pedrollo os transmite ao Pe. Foffano para que os submeta à apreciação da Sagrada Congregação dos Religiosos.⁶¹ No dia 6 de abril seguinte o Pe. Foffano dirige-se ao secretário daquela Congregação, o Pe. Larraona, que responde positivamente às demandas feitas pelo bispo de Verona.⁶²

Com um decreto específico de 25 de abril de 1952,⁶³ o bispo, a pedido do Pe. Calábria, nomeia Superiora geral a Irmã Inês Cogo e conselheiras gerais a Irmã Dolores Vacca (assistente geral), a Irmã Beatriz – Ângela de Mori, a Irmã Oliva Mascalzoni e a Irmã Antonieta Cordioli, enquanto Irmã Gertrude – Maria Meneghetti e Irmã Pierina Cogo se tornam, respectivamente, secretária geral e ecônoma geral.

Com outro decreto, também com data de 25 de abril de 1952,⁶⁴ o bispo dispensou do noviciado as Irmãs e as admitiu à primeira profissão religiosa, anual ou trienal. O bispo aceitou a ideia do Pe. Pedrollo, e talvez do próprio Pe. Calábria, de admitir à profissão trienal as Irmãs que se encontravam no Instituto há mais de cinco anos; de admitir aos votos anuais (por um ano) e depois aos votos trienais as Irmãs que se encontravam no instituto há pelo menos quatro anos; de admitir aos votos anuais (por dois anos) e depois aos votos trienais as Irmãs que se encontravam na Casa há pelo menos três anos. Todas as demais foram admitidas aos votos anuais.

A profissão religiosa trienal foi emitida por um grupo de Irmãs no dia 25 de abril e por um outro grupo no dia 8 de maio de 1952, enquanto que as Irmãs que emitiram a sua profissão anual a subscreveram todas no dia 8 de maio de 1952.⁶⁵

Entre os dias 15 e 16 de maio de 1952 o bispo erigiu canonicamente cada uma das Casas religiosas das Irmãs presentes na Diocese de Verona. O mesmo foi feito pelo bispo de Vicenza e pelo Cardeal Schuster, de Milão.⁶⁶

⁶¹ PEDROLLO, L. *Lettera a don Foffano*, 31 marzo 1952, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 2.

⁶² Cf. O. FOFFANO. *Lettera a don Pedrollo*, 8 aprile 1952, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

⁶³ CARDINALE, G. *Nomina delle prime Superiora della Congregazione Povere Serve della Divina Provvidenza*, 25 aprile 1952, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 1.

⁶⁴ CARDINALE, G. *Dispensa dal Noviziato e ammissione alla prima Professione Religiosa*, 25 aprile 1952, AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 4.

⁶⁵ *Registro delle Professioni*, AHPSaDP, fld. Registri.

⁶⁶ Os respectivos documentos (do Prot. 52.124 dv ao Prot. 52.132 dv, da cúria diocesana de Verona, são conservados no AHPSaDP, fld. Approvazione Diocesana 1952, c. Documenti 4.

UMA EXPERIÊNCIA NOVA NO CAMPO EDUCACIONAL

O Instituto “Pie Fanciulle”

Desde 1909, aconselhadas pelo Card. Bartolomeu Bacilieri, bispo de Verona, as irmãs solteiras Olimpia¹ e Delfina² Faggian criam uma obra de assistência para meninas na Rua Antonio Badile, no bairro Borgo Venezia, em Verona. No começo são atendidas apenas externas; mas depois, diante de casos piedosos surgidos, começa-se também a acolher algumas meninas. Com o conselho e a ajuda do Pe. Pedro Fritz, reitor da Igreja de São José Fora dos Muros e posteriormente pároco da paróquia que leva o mesmo nome, bem como com o financiamento da benfeitora condessa Bice Perez Cavazzocca, as irmãs Faggian fundam em 1917, no mesmo bairro, um orfanato feminino denominado “Pie Fanciulle” (“Piedosas Meninas”), cujo número vai aos poucos aumentando até chegar, no imediato segundo pós-guerra, a quase cem órfãs.

Depois da morte de uma das irmãs, Delfina, no ano de 1940, a obra é levada adiante por Olimpia; é ela que, no dia 21 de setembro de 1946, pede ao Pe. Calábria que o instituto seja assumido pela Obra, garantindo-lhe que todas as colaboradoras ficariam contentes com essa união. Pe. Calábria lhe responde que não vê qualquer dificuldade nisso, desde que o bispo não seja contrário. A diretora parecer ter a intenção de deixar tudo em herança ao Pe. Luiz Pedrollo para que, em caso de morte, possa ele mesmo dar continuidade àquela obra caritativa por ela iniciada. Tudo isso é confirmado pela anotação feita pelo Pe. Pedrollo em sua crônica com data de 1º de janeiro de 1947: “*O primeiro ato de caridade fora de casa: dirigir-me à diretora do instituto Pie Fanciulle, no Borgo Venezia, que está enferma. Ela gostaria de confiar e de agregar a nós o seu instituto*”.³

As disposições das últimas vontades foram assim expressas pela senhorita Faggian em 13 de fevereiro de 1947: “*O meu pensamento se volta, neste momento para o instituto Pie Fanciulle, com a ajuda de Deus e a caridade dos bons por mim iniciado anos atrás e dirigido até hoje.*”

¹ Olimpia Faggian nasceu em 27 de fevereiro de 1869 e faleceu em 28 de janeiro de 1949.

² Delfina Faggian nasceu em 22 de novembro de 1876 e faleceu em 11 de novembro de 1940.

³ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 10 aprile 1946, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2.

E já que incumbe a mim o dever de levar a termo a sua sistematização de modo que possam ter continuidade as obras de caridade e de bem, escopo do próprio instituto, caso tal sistematização não pudesse ser aperfeiçoada antes da minha morte, peço em caridade ao Pe. Luiz Pedrollo que queira continuar a minha obra segundo as minhas intenções por ele bem conhecidas.

*Instituo, por conseguinte, o próprio muito Reverendo Pe. Luiz Pedrollo herdeiro universal de tudo o que possuo, tanto móvel quanto imóvel, e em particular o instituto herdeiro do direito de propriedade sobre imóveis de propriedade do instituto Pie Fanciulle, imóveis por mim exclusivamente adquiridos e construídos, deixando a ele reivindicar e regulamentar tal direito no modo que ele considerar mais equânime e oportuno”.*⁴

Ainda em 1946, com a morte do Pe. Pedro Fritz, surge a questão se o orfanato deve ser entendido como uma obra paroquial ou como uma entidade distinta daquela igreja. O novo pároco, Pe. Emilio Cláudio, recorre a Roma, a fim de que seja reconhecida a propriedade dos bens à Paróquia São José.

Na carta endereçada ao Pe. Pedrollo, o administrador do instituto Pie Fanciulle, o Adv. Pedro Barbieri,⁵ acena aos tempos longos que, em sua opinião, vão ser necessários para a definição daquele contencioso por parte da Sagrada Congregação do Concílio.⁶

Desta ao bispo de Verona, Dom Jerônimo Cardinale, um rescrito, datado de 6 de julho de 1949, em que se esclarece a pendência. Estabelece-se que o instituto Pie Fanciulle “*pode ser considerado como uma entidade de fato, e os bens imóveis*

⁴ *L’Istituto Povere Fanciulle di Verona, cenni storici e significato educativo*. Tesi di laurea, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Tesi di laurea, pp. 177-178. Não há outros dados identificadores desse texto.

⁵ O Adv. Pedro Barbieri é oficialmente nomeado administrador do instituto Pie (Povere) Fanciulle em base ao mandado geral de 24 de agosto de 1950, n.º 14.287, assinado pelo Escrivão Previtali.

⁶ 14.287, assinado pelo Escrivão Previtali.

⁶ Cf. P. BARBIERI. *Lettera a don Pedrollo*, 20 maggio 1948, AHPSDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 85, c. 216: *Caro Pe. Luiz, me escreveram do instituto Pie Fanciulle pedindo que eu solicite de Roma a definição do famoso contencioso. Eu não estou certo de que Roma se decida muito em breve, até porque não sei se Sua Excelência o bispo enviou o seu relatório. De qualquer forma, manter-me-ei em contato com Dom Scanagatta e estou trabalhando na redação da segunda memória, só que com muito esforço. [...] De todo modo, devo dizer que o Senhor me assiste, e estou me recuperando, de tal forma que espero levar a termo relativamente logo também o trabalho pelas Pie Fanciulle.*

Em todo caso e para qualquer necessidade, tens sempre à mão o testamento da Faggian, não é verdade?

Eu vou escrever algumas linhas também ao instituto e tu, quando tiveres oportunidade, explica-lhes que não se pode esperar de Roma uma decisão a curto prazo, porque as Sagradas congregações romanas costumam ter tempos longos para tratar da documentação que lhes é enviada”.

entregues para o seu funcionamento, embora estejam em nome da Igreja São José, pertencem ao instituto e devem ser administrados separadamente dos bens daquela Igreja, estando submissos à autoridade eclesiástica diocesana".⁷ Portanto, com a decisão de mérito sobre a propriedade dos bens, a Sagrada Congregação reconhece que estes devem ser atribuídos ao instituto, enquanto que os bens originalmente de propriedade da Igreja São José devem ser administrados em separado dos que foram entregues à própria Igreja em decorrência das doações feitas pelo Pe. Fritz e pelo Pe. Bertoni. O referido rescrito, a seguir, afirma: "*Com o fim de regulamentar o funcionamento da pia obra, de modo que possa consolidar-se sempre mais e alcançar os objetivos almejados pelo falecido pároco Pe. Pedro Fritz e pelos piedosos benfeitores, bem como para o proveito religioso da numerosa Paróquia de São José, Vossa Excelência mesmo elaborará um especial estatuto e regulamento, que enviará a esta Sagrada Congregação antes da aprovação, e nomeará um conselho diretivo de cinco membros dentre os quais deverá estar o pároco pro-tempore de São José, que será membro de direito*".⁸

Em sua crônica, o Pe. Luiz Pedrollo anota no dia 27 de julho de 1949: "*Hoje estive com o bispo, a convite dele. [...] Falou-me do instituto Pie Fanciulle, de Borgo Veneza. Chegou a resposta de Roma, que reconhece a Paróquia apenas como provedora fiduciária dos bens do instituto, que devem servir ao exercício e ao desenvolvimento das atividades daquele instituto. Ele precisa, no entanto, nomear uma comissão, para administrá-lo, de cinco pessoas: bispo, um canônico, o administrador, um representante do nosso instituto e o pároco pro-tempore*".⁹

No dia 31 de agosto de 1949 Pe. Calábria envia uma carta ao bispo de Verona após o convite que lhe foi dirigido para assumir o instituto Pie Fanciulle. Ao que parece tal carta nunca foi enviada, mas é preciso levá-la em consideração para compreender a evolução do caso. Especifica-se que "*a falecida piedosa fundadora, senhora Olimpia Faggian, no dia 21 de setembro de 1946, nos pediu que assumíssemos o instituto, por não se sentir mais em condições de dirigi-lo devido à idade e aos achaques dos quais sofria, e esperava ver atendido seu pedido seja porque o instituto é muito próximo ao*

⁷ *L'Istituto Povere Fanciulle di Verona, cenni storici e significato educativo*. Tesi di laurea, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Tesi di laurea, pp. 173-174.

⁸ Ibid.

⁹ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume III (1947-1949)*, 27 luglio 1947, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 3.

espírito e à finalidade dos Pobres Servos, seja porque as suas colaboradoras ficariam muito felizes com esse encaminhamento.

Nós apresentamos, na época, duas condições: que Vossa Excelência nos fizesse o convite e que fosse resolvida antecedentemente a controvérsia envolvendo a paróquia e o instituto acerca da propriedade dos bens imóveis atualmente ocupados por aquela instituição.

Resolvida favoravelmente a controvérsia, mediante o venerado rescrito da Sagrada Congregação do Concílio, surge uma outra dificuldade constituída pela existência de um conselho de administração desejado por aquela Congregação, porquanto nos parece que dele possam derivar interferências e conflitos que não favoreceriam o bom funcionamento do instituto.

Todavia, em obséquio a Vossa Excelência, pela veneração que conservamos pelo falecido Pe. Pedro Fritz, a fim de corresponder à confiança em nós depositada pela falecida piedosa fundadora, levando-se em conta também os escopos e o modo de viver plenamente conformes ao nosso espírito, para não deixar morrer um instituto que custou tantos sacrifícios e que tanto bem fez em quarenta anos de existência, estamos dispostos a assumi-lo nas seguintes condições:

- 1. Que nos seja dada plena liberdade de ação no desenvolvimento da atividade interna;*
- 2. Que nos seja reconhecida a liberdade de dispor como melhor acharmos oportuno das ofertas que de qualquer fonte chegarem ao instituto;*
- 3. Que nos seja garantida a continuidade da Obra”.*¹⁰

*Pe. Calábria não deixa de ressaltar que “certamente não somos movidos por impulsos humanas, pois não nos sorri a esperança de qualquer ganho material; pelo contrário, temos diante de nós a perspectiva de sacrifício, de fadigas, de trabalho, que todavia temos confiança tornarão mais merecedor o nosso humilde apostolado”.*¹¹

Alguns meses depois o Adv. Barbieri esclarece e atualiza as coisas para o Pe. Pedrollo: “Falei ontem à noite um tanto longamente com o Irmão Próspero para convencê-lo a procurar um imóvel a fim de solucionar as várias questões que dizem respeito ao instituto Pie Fanciulle, e ele me apresentou duas dificuldades. A primeira constituída pela penúria das construções, penúria que leva a concluir pela quase

¹⁰ CALABRIA, G. *Lettera al vescovo monsignor Cardinale*, 31 agosto 1949, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, Documenti.

¹¹ Ibid.

impossibilidade de encontrar um ambiente adequado; a segunda pelo alto preço do aluguel que, encontrado o imóvel, deveríamos pagar. E não te escondo que esta última eventualidade faz realmente pensar, pois poderia colocar o instituto em sérios problemas.

Portanto, sem abandonar o projeto, eu sugeriria:

- I. Que tu te desses ao trabalho de pôr Sua Excelência na necessidade de colocar na direção do instituto um sacerdote – do qual o Irmão Próspero indicou-me inclusive o nome –, e isso como primeiro passo na direção da criação de um ente moral;*
- II. Deverias, por consequência, aconselhar as Irmãs da Misericórdia a declinar a oferta;*
- III. Em todo caso, porém, debes insistir para que tu pessoalmente, ou outro de tua confiança por ti designado, seja chamado a fazer parte da famosa comissão dos cinco.*

*Caso tu não te sintas em condições de orientar as Irmãs da Misericórdia na direção da renúncia, faze com que atrasem o máximo possível a sua resposta de modo que ganhemos tempo para pensar mais um pouco e eventualmente para poder entrar em acordo com elas, tratando, eu e tu, o modus vivendi,¹² a fim de proteger as Irmãzinhas e a vida do instituto. Confirmo-te que estou muito preocupado tanto com o instituto quanto com as Irmãzinhas, e por isso te peço que atues com prudência e caridade, sim, mas também com energia, porque no fundo se trata de um dever de consciência”.*¹³

Na falta de outra documentação, em base a estas linhas pode-se intuir que tenha sido oferecida também à Congregação das Irmãs da Misericórdia a possibilidade de administrar o instituto ou de assumir a propriedade do imóvel. Os tempos da definição da questão podem ser longos.¹⁴

¹² A expressão “modus vivendi” latina indica o “modo de viver”.

¹³ BARBIERI, P. *Lettera a don Pedrollo*, 17 ottobre 1949, AHPSDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 85, c. 216.

¹⁴ Prova disso pode ser encontrada na carta de uma Irmãzinha do Instituto Pie (Povere) Fanciulle: “*Eu vivo sempre com a esperança de uma sistematização do nosso instituto; também da parte de algumas Irmãs ouve-se este desejo e lamento. Entendo que tenham achado tantos problemas. Para a natureza seria muito melhor viver assim, tranquilos, com a liberdade de fazer o que se quer; no fundo, porém, eu sinto que não é justo, que gostaríamos de tender mais à perfeição nós mesmas e de ir colocando aos poucos nas almas que o Senhor nos confiou que não só de pão vive o homem. Seria muito necessário mesmo um Superior que nos orientasse, nos guiasse, nos desse Regras, nos desse Constituições; às vezes ouvimos falar disso em algumas palestras, mas nunca as vimos; é por isso que a nossa venerada diretora, nos seus últimos anos de vida, pediu para nos unir ao Instituto do Reverendo*

Uma reviravolta parece delinear-se durante o mês de fevereiro, quando o Pe. Pedrollo acena com a possibilidade de que “*as Irmãs assumam o instituto Povere Fanciulle de Borgo Venezia*”.¹⁵

A nova diretora do instituto, Serafina Sgreva, que assumiu em fevereiro de 1949 após a morte de Olimpia Faggian,¹⁶ pede ao Pe. Calábria que tome uma decisão a este respeito endereçando-lhe estas linhas: “*Já se passaram trinta meses desde que faleceu a nossa tão querida fundadora, e ela me dizia que tudo estaria bem com o nosso instituto; entretanto, não sei como isso será resolvido.*

*Agora estou muito preocupada, porque ninguém toma a frente. Estamos sozinhas! Parece que ninguém mais está interessado. O que devo fazer?”*¹⁷

A possibilidade de começar uma atividade própria

No dia 25 de dezembro de 1951 Pe. Calábria comunica à Superiora geral das Pobres Servas que considera ter chegado o momento, para as Irmãs, caso aceitem, de assumir o instituto Pie Fanciulle.¹⁸ Sugere que o conselho seja reunido para tratar do assunto e ver como se pode superar as dificuldades e decidir, pois ele a considera uma obra totalmente apropriada para elas. Apresenta a hipótese, no momento, de um período de experiência de aproximadamente três anos.

Alguns dias depois a Superiora geral informa o Pe. Calábria que o conselho considera a assunção do instituto Pie Fanciulle “*como um sinal particular da Providência, na vigília da aprovação, o começo de um ramo totalmente das Irmãs e*

Pai Pe. Calábria; e via em alguma de nós um certo relaxamento, sofrendo com isso, sentindo-se sem forças e sem energia” (TOMASINI, A. *Lettera a don Pedrollo*, 10 dicembre 1950, AHPSDP, f. Congregazione/corrispondenti, fld. 307, c. 8666, Suore istituto Pie (Povere) Fanciulle).

¹⁵ Na ata do dia 11 de fevereiro de 1951, o novo conselho das Pobres Servas se reúne na presença do Pe. Luiz Pedrollo, o qual dá algumas comunicações: “*Há previsão de que as nossas Irmãs assumam o Instituto ‘delle Povere Fanciulle di Borgo Venezia’*” (*Libro dei Verbali*, 29 gennaio 1949, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958).

¹⁶ Eis o que o Pe. Luiz anota: “*29 de janeiro de 1949.*

Morre a diretora do Instituto ‘Pie Fanciulle Borgo Venezia’ (às 23h30).

Alma verdadeiramente querida por Deus.

Uma pena que ainda não haja uma decisão acerca dos bens do Instituto.

No bilhete, há a participação fúnebre, bem como no jornal. A segunda parece ter sido feita pelo Pe. Claudio.

Funerais no dia 31.

Pe. Calábria não gostaria que houvesse um testamento em meu favor” (PEDROLLO, L. *Cronistoria volume III (1947-1949)*, 29 gennaio 1949, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 3).

¹⁷ SGREVA, S. *Lettera a don Calabria*, 18 luglio 1951, AHPSDP, f. Congregazione/corrispondenti, fld. 307, c. 8666, Suore istituto Pie (Povere) Fanciulle.

¹⁸ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 25 dicembre 1951, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

próprio das Irmãs".¹⁹ De fato o instituto Pie Fanciulle tem um escopo unicamente caritativo e o espírito é semelhante ao da Obra.

Pe. Pedrollo apresenta ao conselho das Irmãs, numa breve síntese, a história do instituto, acenando para o fato de que o bispo havia tentado confiá-lo também a outras congregações. A discussão foi assim sintetizada: *"Agora, entre nós e o bispo que está entrando, será preciso fazer um acordo.*

O Reverendo Superior nos lembra que a administração será assumida pelas Pobres Servas.

Desejo do nosso venerado Pai teria sido aceitar sem assinar um acordo, mas o vigário e Sua Excelência, o senhor bispo, dizem que é preciso fazê-lo por três anos. Isso, num primeiro momento. Depois, tudo será levado para Roma.

Por aquilo que a Providência nos apresenta, a decisão deve ser nossa, diz o venerado Pai, porque, não entrando de forma nenhuma a parte masculina, a discussão e a decisão devem depender de nós, Irmãs, que depois deveremos escrever comunicando-o. Assumindo o instituto Pie Fanciulle será necessário também, inclusive para contentar o Reverendo pároco, dedicar-se às obras externas. Não se trata de algo que não entre nas nossas Constituições, pois está incluído. [...]

As presentes concordam; portanto, decide-se escrever uma carta ao venerado Pai expondo-lhe que aceitamos assumir, pedindo a sua bênção".²⁰

O acordo foi estipulado e no dia 27 de agosto de 1953 o bispo de Verona pede à Sagrada Congregação do Concílio a permissão para confiar o instituto Pie Fanciulle às Pobres Servas da Divina Providência.²¹ No dia 12 de março de 1954 o Pe. Pedrollo comunica que, com decreto da Santa Sé, oficialmente o instituto Pie Fanciulle é incorporado às Pobres Servas.²²

Na reunião do dia 9 de abril de 1954 o conselho das Pobres Servas avalia como pessoa apta para a direção a Irmã Pierina Cogo, Superiora da Casa Madonna di Campagna, já que ela tem alguma experiência em atividades com a juventude, obteve experiência trabalhando em escola profissional e adquiriu muita desenvoltura no

¹⁹ COGO, A. *Lettera a don Calabria*, 29 dicembre 1951, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

²⁰ *Libro dei Verbali*, 30 dicembre 1951, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 23 maggio 1948 al 30 dicembre 1951.

²¹ Cf. *Reiscritto della Sacra Congregatio Concilii*, 27 agosto 1953, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

²² Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 12 marzo 1954, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1. O vigário geral, Dom Albrigi, dá esse anúncio ao Pe. Pedrollo, fazendo-o ler o decreto da Santa Sé datado de 27 de agosto de 1953.

ensinamento de corte e costura, no qual é diplomada. Ela poderia ser coadjuvada pela Irmã Carmelina Turrini, que também pertencia àquela comunidade. Busca-se agora uma terceira Irmã que trabalhe na cozinha, e para tanto avalia-se a alternativa de fechar a Casa de Milão. A questão não é tão simples, tanto que “a Reverenda Madre, que já havia previsto essa situação, afirma que se não for assim será preciso renunciar àquilo que a Igreja agora nos oferece: o instituto Pie Fanciulle”.²³

Enquanto isso, trabalha-se para tornar concretas as cláusulas do acordo²⁴ com o instituto Pie Fanciulle, o que se torna muito complicado e pode ser testemunhado por aquilo que escreve o Adv. Barbieri na carta ao Pe. Luiz Pedrollo: “Aquilo que me preocupa, no entanto, é o fato de que esteja faltando no acordo uma referência aos precedentes e precisos pactos referentes ao patrimônio do instituto, seja em vista daquilo que já havia por ocasião da morte da senhora Faggian, seja por aquilo que existe atualmente e que poderá haver no futuro. E isso ainda mais porque não se pode recorrer ao artigo 6 que, por ser muito vago, não regulamenta sequer a matéria relativa à gestão ordinária. Todavia trata-se de uma matéria absolutamente fundamental, tanto pela sua importância quanto pelos interesses que envolve”.²⁵

Em 11 de agosto de 1954 Serafina Sgreva²⁶ vem a falecer, e alguns dias depois, precisamente no dia 13 de agosto, as onze Irmãzinhas do instituto Pie Fanciulle, reunidas a fim de adotar as medidas necessárias, elegem unanimemente como diretora do instituto a Irmã Pierina Cogo; enquanto ela não puder assumir, ocupará interinamente a direção Rosa Tornella; como secretária do instituto, nomeiam Graziella Cometti; enfim, confirmam na direção de Pescantina, Angelina Tommasini.²⁷

²³ *Libro dei Verbali*, 9 aprile 1954, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958.

²⁴ É o que se pode ver nas anotações do Pe. Luiz Pedrollo, que lembra também ter-se dirigido à cúria na sexta-feira anterior, dia 7 de maio, para falar com o Pe. Peruzzi, acompanhado pelo Irmão Próspero. Cf. L. PEDROLLO. *Cronistoria volume VI (1952-1954)*, 9 maggio 1954, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 6.

²⁵ BARBIERI, P. *Lettera a don Pedrollo*, 16 maggio 1954, AHPSDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 85, c. 216.

²⁶ “*Soube com bondade, mas também com firmeza, manter no instituto o seu ritmo de vida e de desenvolvimento, fielmente seguindo a orientação deixada pelas fundadoras*”: é o que se encontra in *Ricordino in morte di Serafina Sgreva*, 11 settembre 1954, AHPSDP, f. Congregazione/corrispondenti, fld. 307, c. 8666, Suore istituto Pie (Povere) Fanciulle. Pe. Luiz Pedrollo escreve, no dia 11 de agosto de 1954: “*Faleceu às 0h30, irmã Serafina Sgreva, das Pie Fanciulle. Adoeceu gravemente de uma hora para outra; depois de uns dez dias acamada, foi internada no hospital. Pensa-se que tenha sido um tumor na cabeça.*”

Será levada sexta-feira pela manhã ao instituto, realizando-se a seguir os funerais, na paróquia” (PEDROLLO, L. *Cronistoria volume VI (1952-1954)*, 9 maggio 1954, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 6).

²⁷ Cf. *Verbale della riunione delle Sorelline dell'istituto Pie Fanciulle*, 16 settembre 1954, AHPSaDP, fld. fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

Sobre o estado de definição do acordo encontramos mais uma referência na carta do Adv. Barbieri enviada ao Pe. Luiz Pedrollo: *“Vou estudar agora, como combinamos, o famoso acordo, e procurarei ajustá-lo de tal modo que possa responder ao seu escopo, que deve ser o seguinte: garantir a continuidade do instituto; dar uma certa posição no instituto às Irmãzinhas e, para o caso de alguma eventualidade, uma digna sistematização; uma pacífica e fecunda sucessão para as Pobres Servas da Divina Providência. É um trabalho delicado ao qual me dedico imediatamente, pensando, estudando e rezando, e que procurarei acabar, de modo compatível com os meus múltiplos e inadiáveis compromissos, o mais depressa possível”*.²⁸ Em referência à escolha de confiar a direção à Irmã Pierina Cogo, o advogado observa que as Irmãzinhas dirigiram ao Pe. Calábria *“o mais insistente pedido para que a envie, quanto antes, para assumir o seu ofício, eventualmente até de forma provisória ou de simples experiência. Ao pedido das Irmãzinhas acrescento o meu pessoal, que eu acho que deveria, além de tudo, ser aceito como um sábio e desinteressado conselho.*

O acolhimento, sob uma ou outra forma, do pedido das Irmãzinhas, facilitaria indubitavelmente a solução, sem contar que daria também a ti elementos de juízo que hoje não tens. Por outro lado é justo também dar a estas filhinhas, das quais se poderia conseguir uma renúncia em branco, alguma satisfação, para demonstrar que, pelo menos, a decisão delas foi analisada”.²⁹

Finalmente no dia 27 de novembro de 1954 chega-se à assinatura do acordo entre o instituto Pie Fanciulle³⁰ e as Pobres Servas da Divina Providência, à qual é confiada a direção e a administração. A Congregação se compromete: *“a) a conduzir o instituto segundo a orientação, em caráter familiar, que lhe foi dada pelas fundadoras, as irmãs Olimpia e Delfina Faggian, e pelo Pe. Pedro Fritz: acolhendo e educando cristãmente juvenzinhas pobres, órfãs ou abandonadas;*

b) a desenvolver uma atividade específica em favor da Paróquia de São José Fora dos Muros com a abertura de uma escola de trabalho ou uma escolinha para atendimento de meninas pobres da paróquia, no horário inverso ao das aulas; e

²⁸ BARBIERI, P. *Lettera a don Pedrollo*, 7 settembre 1954, AHPSDP, f. Congregazione/Corrispondenti, fld. 85, c. 216.

²⁹ Ibid.

³⁰ As Irmãzinhas são: Maria Bosio, Graziella Cometti, Agostina Aurelia Molinarolli, Ermete Anamaria Peloso, Maria Inês Peloso, Luisa Isabela Reinsk, Rosa Luisa Tognella, Rosa ou Rosetta Corelli, Ema Adele Corradini, Maria Piazzola e Maria Ângela Tomasini.

reservando um determinado número de lugares para o acolhimento de meninas necessitadas da mesma paróquia".³¹

Em 3 de dezembro de 1954 o acordo, firmado por ambas as partes, foi levado para a cúria.³² No dia 8 de dezembro de 1954 foi publicado o decreto episcopal entregando o instituto Pie Fanciulle à Congregação das Pobres Servas. Tal decreto prevê a criação de uma comissão encarregada de controlar a execução do acordo e principalmente vigiar sobre a conservação do instituto nas linhas diretivas atuais; além deste, tem também o encargo de analisar os balanços e de apresentar propostas para os eventuais atos excedentes à ordinária administração. Dessa comissão fazem parte: como presidente, o vigário geral da Catedral; como membros, o pároco *pro-tempore* de São José Fora dos Muros e o Superior da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência.³³

A Superiora geral das Pobres Servas comunica o fato à congregação através de uma carta enviada a todas as Irmãs em 13 de dezembro de 1954, ressaltando que o bispo confia às Irmãs o instituto Povere Fanciulle: "*Trata-se do bem das almas de muitas jovens; colaboremos todas com a oração e o oferecimento de sacrifícios*".³⁴

Em 4 de março de 1955, encerrados os ritos de passagem,³⁵ algumas Irmãs chegam ao instituto Pie Fanciulle para iniciar a colaboração. Esse momento é assim lembrado pelo Pe. Pedrollo: "*A Providência dispõe que o instituto Pie Fanciulle seja confiado às nossas Irmãs. O ato da entrega foi realizado nesta tarde, na presença de Dom Lenotti e do Pe. Mário Peruzzi*".³⁶

Durante a reunião do conselho das Pobres Servas realizada no dia 20 de março, a Madre informou a respeito da instalação das Irmãs junto ao instituto Pie Fanciulle.

³¹ *Convenzione*, 27 dicembre 1954, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

³² Cf. L. PEDROLLO. *Cronistoria volume VII (1954-1956)*, 3 dicembre 1954, AHPSaDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 7.

³³ Cf. *Decreto*, 8 dicembre 1954, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti. Da carta da cúria para a convocação da comissão de vigilância, datada de 10 de janeiro (cf. *Lettere del Cancelliere Vescovile*, 10 gennaio 1955, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti), podem ser extraídos os nomes dos componentes da comissão: Dom José Lenotti, decano da Catedral e vigário geral da diocese – presidente da comissão de vigilância para o instituto Povere Fanciulle; Pe. Luiz Pedrollo, assistente geral da congregação Pobres Servos da Divina Providência – membro da comissão; Pe. Emilio Claudio, cônego de São José Fora dos Muros – membro da comissão; Irmã Inês Cogo, Superiora geral da congregação Pobres Servas da Divina Providência – Irmã diretora do instituto Povere Fanciulle.

³⁴ COGO, A. *Circolare alle Sorelle*, 13 dicembre 1954, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

³⁵ Cf. *Lettere del Cancelliere Vescovile*, 2 marzo 1955, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

³⁶ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume VII (1954-1956)*, 14 marzo 1955, AHPSaDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 7.

Sublinha-se que o instituto precisa da presença de cinco Irmãs; depois de vários deslocamentos, decide-se que a Irmã Mariangela Piubel seja transferida de San Zeno in Monte para aquela atividade.³⁷

Também o Pe. Luiz Pedrollo foi envolvido nas novas atividades. Ele anota, de fato, que no dia 11 de abril “*um grupo de Pie Fanciulle vieram para prestar homenagem ao Pai*”; no dia 13 de maio, ele está “*nas Pie Fanciulle*”; no dia 6 de julho, “*à tarde, o Pai dirige-se ao instituto Pie Fanciulle*”; e, no dia 28 de julho, “*reunião para as Pie Fanciulle, na presença de Dom Lenotti*”.³⁸

O difícil serviço educativo

Dificuldades não faltam, e apenas alguns meses depois, no final de setembro de 1955, a Irmã Pierina Cogo expressa-se assim junto ao vigário geral da Diocese: “*Sinto a necessidade de manifestar-lhe, também por escrito, o andamento do instituto, a fim de que o Reverendíssimo possa manifestar-nos a vontade do Senhor chegando a uma decisão, dado que a nossa presença aqui se tornou insuportável.*

Peço-lhe esta caridade não para subtrair-nos do sofrimento, mas para o bem das almas. Sinto-me obrigada, para evitar rupturas relevantes, a atender vontades que estão um tanto fora da normalidade, encaminhamentos que sempre acabam sendo em desfavor das meninas.

Já há alguns dias venho constatando dolorosamente algumas desordens morais entre as órfãs. Não cheguei a me escandalizar, pois a miséria humana é grande, ainda mais se pensarmos nas origens destas filhinhas, mas estou muito preocupada por aquele senso de impossibilidade de ação, que nestas ocasiões faz-se tão necessária. Nada posso eu fazer, tendo muitas vezes dirigentes que se opõem a mim e que cumprem uma obra de demolição não só no instituto, mas também fora dele, junto ao povo, tachando-nos como pessoas que não lhes dão o necessário para viver, rejeitando aquilo que seria uma vantagem para o instituto, ou seja, ‘o trabalho’.

³⁷ Cf. *Libro dei Verbali*, 20 marzo 1955, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958.

³⁸ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume VII (1954-1956)*, aprile-luglio 1955, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 7.

*A situação é muito difícil, e vivo sempre com uma grande pena na alma pela impossibilidade de dispor até mesmo dos mais indispensáveis remédios”.*³⁹

A Superiora geral faz o seguinte relatório a respeito da presença das Irmãs no instituto Pie Fanciulle: *“Escopo único da nossa vinda era o da educação, concebida substancialmente como educação cristã, e com o nosso espírito de Pobres Servas, tendendo por isso mesmo a criar aquele ambiente de família que dá serenidade e paz.*

Um obstáculo já previsto e que de imediato se apresentou é a coexistência, no mesmo nível, de dois grupos heterogêneos. A fusão poderia ter sido efetuada apenas com a subordinação à direção, que ficaria sendo a plena responsável por todo o andamento.

Tal fusão logo se apresentou tão difícil a ponto de beirar a impossibilidade moral, pois os elementos que formavam o grupo das ‘Irmãzinhas’ tinham uma forma de vida, adquirida das meninas do instituto, que não podia concordar com a forma de vida das religiosas, apesar da inicial boa vontade de ambas as partes.

A consequência disso é que o senso de desconfiança, de mal suportada vigilância, acabaria se transformando em rebelião aberta ou dissimulada. E assim foi.

É claro que tal situação de divisão no âmbito administrativo deveria acabar produzindo seus efeitos no campo direto.

Deixando de lado os particulares, uma conclusão aos poucos ia tomando forma: ao invés do auxílio na educação das menores, nós deveríamos assumir o peso da responsabilidade de uma demolição que partia do outro grupo. [...]

Julgar insustentável a situação, de nossa parte, é algo evidente. Acordos não nos parecem mais possíveis, pois já passou muito tempo.

*O ato de apresentação da realidade está sendo feito agora unicamente pela consideração da nossa total inutilidade em sustentar uma situação desagradável e em nada construtiva em relação às meninas”.*⁴⁰

Depois de numerosos relatórios apresentados à cúria, com a autorização da Santa Sé, o bispo decidiu em 11 de novembro de 1955 nomear visitador o Pe. Pio Ziliott, Superior geral do instituto dos surdos-mudos,⁴¹ o qual passou a interrogar Irmãzinhas, Irmãs Pobres Servas e meninas.

³⁹ COGO, A. *Lettera al vicario generale*, 26 settembre 1955, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

⁴⁰ [COGO, A]. *Presentiamo la situazione*, senza data, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

⁴¹ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 11 novembre 1955, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

Por ocasião dos votos natalinos, a Superiora geral pede ao arcebispo de Verona, Dom Giovanni Urbani, “*a permissão para retirar as [...] Irmãs do instituto Pie Fanciulle porque a presença delas naquele local é nula, devido à situação que é do seu conhecimento através do relatório apresentado; e não só por isso, mas também porque a considero prejudicial às religiosas.*”

Sinto muito, Excelência, ter que chegar a este ponto, já que pela primeira vez havia sido a nós confiado um trabalho de apostolado entre as órfãs, que por nós fora aceito como dom da Providência e no qual nos empenhamos com grande boa vontade”.⁴²

Em 5 de janeiro de 1956 o Pe. Pedrollo informou as Irmãs que o relatório do visitador sobre o instituto Pie Fanciulle havia sido enviado a Roma.⁴³ Em resposta, a Sagrada Congregação atribuiu ao bispo a faculdade de ação. No dia 2 de abril seguinte novamente o Pe. Pedrollo adverte as Pobres Servas de que no próximo dia 5 de abril o arcebispo irá ao instituto Pie Fanciulle para definir a situação, que para as Irmãs se tornara difícil afrontar de forma razoável, dada a hostilidade da precedente direção.⁴⁴ No encontro, o arcebispo Dom Urbani lembra também o pedido feito nos seis meses precedentes pela Madre geral de poder retirar as Irmãs para engajá-las em outras atividades da Obra; Pe. Pedrollo também havia referido a necessidade de religiosas nas comunidades dos Pobres Servos. O arcebispo continua a sua intervenção exprimindo-se deste modo: “*Vista a doença deste instituto, uma ‘arteriosclerose’, que aos poucos conduz à paralisia e conseqüentemente à morte, pensei em assumir e tomar em mãos eu mesmo o instituto.*”

Nós agradecemos as boas Irmãs por aquilo que fizeram durante este tempo (um ano e cinco dias) e, como não poderei estar aqui o tempo todo, coloco uma senhora ‘da minha confiança’, a Prof. Elma Ederle, e a assistente social Ermenegilda Perosini, que será aqui a minha representante, a qual me fornecerá relatórios a cada quinze ou vinte dias.

Esta experiência irá durar seis meses, no mais tardar um ano, depois da qual, se não houver uma total submissão, o instituto será fechado. Os bens passarão à Igreja;

⁴² COGO, A. *Lettera al Vescovo*, Natale 1955, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

⁴³ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 15 gennaio 1956, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

⁴⁴ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 2 aprile 1956, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

*as meninas serão colocadas em outros institutos e as Irmãzinhas serão demitidas e receberão o que lhes é devido legalmente”.*⁴⁵

Com uma comunicação do vigário geral de Verona foi formalizada a retirada das Pobres Servas que, tendo considerado aquela uma experiência que não deu certo, renunciaram à gestão do instituto e no dia 5 de abril de 1956 o abandonam definitivamente.⁴⁶

Algumas recordações

Em relação à presença das Pobres Servas da Divina Providência no instituto Pie Fanciulle é significativo o testemunho da Irmã Carmelina Turrini, que lembra: *“As meninas enviadas pelos serviços sociais dedicados aos distúrbios familiares estudavam e trabalhavam, mesmo internamente, fabricando acessórios para uma empresa de calçados... A Irmãzinha Rita tinha aprendido como fazer. Além disso, eram chamadas para os funerais... [...].*

As Irmãzinhas, com dificuldades que acabaram se tornando insuperáveis, não nos aceitaram.

Era celebrada a santa missa por um sacerdote dos frades capuchinhos de Barana; às vezes era o Pe. Pancrácio.

Lembro que a Irmã Pierina Cogo, responsável, no mês de maio, convidou para falar às meninas o Pe. Mário Bissi, Pobre Servo.

⁴⁵ Cf. *Cronistoria della Congregazione*, 5 aprile 1956, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1. A descrição prossegue com a prestação de contas das passagens econômicas e com referências às “Pie Fanciulle”: *“As meninas, quando se deram conta de que lá havia estado Sua Excelência o arcebispo e imaginando que a saída das irmãs era iminente, começaram a chorar, a gritar e a obstruir a porta, pois não queriam que elas fossem embora. [...] No local destinado a direção se cumprimentam, fazendo votos às Irmãzinhas de que a Obra possa continuar segundo os desejos da fundadora.*

As meninas, antes disso, já haviam se colocado todas na salinha da entrada, não querendo que ninguém saísse.

A cena é estupefacente e dolorosa; enfim, conseguimos sair. Uma das maiores foge e nos alcança. [...] Uma Irmãzinha e as senhoritas conseguem alcançar a fugitiva (que se pode dizer desesperada) e voltam para junto das demais, enquanto nós retornamos para Santa Toscana”. O que se encontra registrado na *Cronistoria* testemunha a ligação de apego das meninas às Pobres Servas, sinal do afeto recebido pelas Pie Fanciulle.

⁴⁶ Cf. *Comunicazione del Vicario Generale*, 24 aprile 1956, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti. A retirada das Pobres Servas do Instituto Pie (Povere) Fanciulle está documentada na ata da reunião do conselho realizada no dia 13 de abril de 1956. Cf. ponto 2 da ordem do dia: *“Retirada do Instituto Pie Fanciulle, em forma de diário, e no arquivo encontra-se um relatório detalhado”.* In: *Libro dei Verbali*, 13 aprile 1956, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verbali dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958 e também *Diario*, 5 aprile 1956, AHPSaDP, fld. 2, dall’1 maggio 1955 al 31 dicembre 1970.

Havia também meninas bem pequenas, da escola maternal; por isso, a Madre geral mandou uma outra Irmã, a quarta, Mariangela Piubel, para se ocupar delas como uma mãe.

Em Pescantina havia uma outra comunidade de meninas, cuja diretora se chamava Angelina, ajudada pela Irmãzinha Ana Maria. [...]

Na Rua Badile, as construções eram duas; eu dormia no setor das adolescentes.

Por algum tempo veio ajudar-nos uma quinta Irmã, Teresa Melotto.

Quando as nossas Superiores, em vista das dificuldades, chegaram à decisão de retirar nós Irmãs, algumas jovens fugiram, pulando o muro.

O cardeal dissolveu a pia união. E algumas Irmãzinhas passaram para os Camilianos em Quinzano (Iolanda), para as Irmãs Campostrini em Olivè (Isabella), para o instituto do Pe. Silvestrelli (Angelina, a diretora de Pescantina, que também foi Superiora). Com algumas meninas conseguimos manter contato: Rosa Maria, que se casou com um fotógrafo que tem estúdio e mora em Bardolino, onde mora também a Rita, que se casou com um açougueiro.

Juntamente com a Irmã Carmela Perlini as visitamos, e elas se mantêm em contato conosco.

Lembro-me de uma outra jovem, com uma dolorosa história: ela era filha de uma prostituta, que depois se casou em Sommacampagna e teve uma filha. Ela se separou do marido porque era espancada, e a sua filha acabou indo para as Irmãs Ursulinas de Castagnè. De vez em quando vinha nos visitar. Tentamos ajudá-la”.⁴⁷

⁴⁷ Turrini, N. C. *Testimonianza scritta*, senza data, AHPSaDP, fld. Istituto Pie (Povere) Fanciulle, c. Documenti.

PRIMEIROS PASSOS APÓS A APROVAÇÃO

Novas aberturas e atividades

Em 6 de junho de 1950 as Irmãs chegam ao patronato Buoni Fanciulli de Corso Porta Nuova, onde as escolas profissionais surgidas para ensinar aos jovens o trabalho de marceneiro, serralheiro e mecânico haviam sido inauguradas algum tempo antes, no dia 7 de fevereiro de 1948.¹

A primeira referência à atividade do patronato Buoni Fanciulli encontra-se no anexo à carta que o Pe. Pedrollo envia, com data de 19 de setembro de 1949, ao Pe. Calábria, na qual se lê: “*Na discussão realizada no conselho sobre a questão do patronato, surgiu a necessidade de prover pessoal novo: Irmãs na cozinha, um Irmão na tipografia, e sobretudo um Irmão ecônomo e um diretor que assuma plenamente a causa do patronato*”.²

Da ata da reunião do conselho das Irmãs reunido em 11 de novembro de 1949 consta: “*A Superiora imediatamente passou a apresentar a questão da abertura da Casa no patronato. Dos Reverendos Superiores maiores se deseja que sejam mandadas quanto antes as Irmãs. A instalação e abertura da Casa está marcada para o dia 15 do corrente, se Deus quiser. Serão para lá destinadas a Irmã Oliva Mascalzoni e a Irmã Bruna Governo*”.³

Durante o ano de 1956 o pessoal que está trabalhando no patronato é composto por um porteiro, um encarregado da limpeza, quatro mulheres para cozinha e refeitório, quinze instrutores e operários, dezoito professores, oito religiosos e três religiosas, todos comprometidos em garantir a assistência dos 320 menores.⁴

Outra pequena comunidade de Irmãs foi instalada em Milão. Depois de um encontro da Superiora geral, Irmã Inês Cogo, com o Card. Ildefonso Schuster,⁵ daquela

¹ Cf. *Elenco Case e note*, sem data, AHPSaDP, fld. Case.

² PEDROLLO, L. *Per il patronato Buoni Fanciulli*, 18 settembre 1949, anexado a *Lettera a don Calabria*, 19 settembre 1949, AHPSDP, f. Pedrollo/Corrispondenza a don Calabria, fld. 3 [1949-1951], c. 16.

³ *Libro dei Verballi*, 11 novembre 1949, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verballi dal 23 maggio 1948 al 30 dicembre 1951.

⁴ *Documento quadro del personale*, 1956, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Verona Patronato Porta Nuova, fld. 2, c. 10 Scuola Professionale.

⁵ Pe. Luiz Pedrollo lembra assim do fato que lhe foi contado pelo Pe. Del Corno: “*Por iniciativa do Pe. Del Corno elas foram recebidas pelo senhor cardeal, que as tratou com muita benevolência. Nós,*

cidade, nas atas do conselho foi transcrito o pedido feito: “*Para a abertura da nova Casa, pelo menos três Irmãs [...] deverão ficar encarregadas da cozinha, da rouparia e da lavanderia. No começo é melhor que trabalhem sozinhas. No colóquio com o cardeal estava presente também a Irmã que ficará na direção: Irmã Oliva Mascalcioni. As outras duas que deverão auxiliá-la: Irmã Teresinha Soga e Irmã Regina Padovani*”.⁶

Na crônica histórica da comunidade dos Pobres Servos o Superior, Pe. Grigolato, anota no dia 31 de outubro de 1950: “*Chegaram, depois de uma longa espera, as Irmãs provenientes de Verona. São três: Irmã Oliva, Superiora, Irmã Regina e Irmã Soga*”.⁷ E no dia 2 de dezembro: “*Primeiro santo retiro mensal. À tarde, pregação do Pe. José. Estamos presentes nós, as nossas Irmãs, o Pe. José e o Pe. Carlos*”.⁸

Nesta Casa também o trabalho é muito intenso; pode-se deduzir isso pelo número de meninos que a frequentam no final de fevereiro de 1952: “*Em Cimiano [...] os religiosos mantêm há dois anos uma escola elementar para 160 meninos, aberta das 8h30 às 16h, suprimindo assim à insuficiência dos ambientes escolares públicos*”.⁹ Para as Irmãs multiplica-se o trabalho, tanto que o Pe. Grigolato, em seu diário da comunidade, deixa bem claro: *No dia hoje teve início o fornecimento da refeição. Os alunos participantes ficam também na parte da tarde para o pós-escola. Este ano, um progresso: toalhas nas mesas e louça de barro cozido. Os refeitórios, organizados*

disse a Superiora, somos poucas, pequenas... (expressões, enfim, de humildade). O senhor cardeal narrou-lhes um episódio: Um santo fundador (as Irmãs não lembram o nome), quando foi enviar irmãs do seu grupo para abrir uma nova casa, a uma certa altura disse: ‘Eu gostaria de presentear-las com uma coisa, gostaria de dar-lhes um presente. E doou-lhes o seu manto, cobrindo com este a cabeça daquela que iria ser a superiora. Cubra-as o meu manto, e ele as cobrirá enquanto vocês forem pequenas. Se vocês se tornarem grandes, o meu manto não as cobrirá’.

E aplicou o episódio a elas, dizendo-lhes: ‘Enquanto vocês tiverem o espírito do Pai estarão revestidas dele e farão grandes coisas; mas se começarem a achar que são grande coisa ou a fazer de tudo para aparecer diante do mundo, Deus e o Espírito Santo não estarão com vocês. O meu manto, nesse caso, não poderá protegê-las, mas as protegerá se vocês se mantiverem pequenas...’ E o Pe. Luiz acrescenta, entre parênteses, um tanto amargurado: “*Pe. Del Corno não imaginava com certeza que esta nada mais era do que uma visita informal, não oficial; ele a tornou tal, paciência!*” (PEDROLLO, L. *Cronistoria volume V (1950-1952)*, 26 ottobre 1950, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 5). Pe. Pedrollo revela intuir que as palavras do cardeal têm um profundo significado simbólico para o futuro das Irmãs. A este respeito, vejam-se as nn. 91 e 92 do presente Capítulo.

⁶ *Libro dei Verballi*, 22 ottobre 1950, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verballi dal 23 maggio 1948 al 30 dicembre 1951.

⁷ [GRIGOLATO, I.]. *Cronistoria*, 31 ottobre 1950, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Milano Centro Professionale, fld. 3, c. 25, Cronistoria [1950/3].

⁸ *Ibid.*, 2 dicembre 1950.

⁹ *Convenzione*, 28 febbraio 1952, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Milano Centro Professionale, fld. 5, c. 48, Storia del Centro (A-D).

elegantemente. Disso os meninos se dão conta, pois o comportamento deles é melhor do que no passado".¹⁰

Diante das novas oportunidades de trabalho que vão se apresentando para as Irmãs, de fato, nem sempre é possível responder positivamente. A evidente carência de forças parece crônica, e inevitavelmente as Irmãs sofrem ao constatar os seus limites, a inadequação da possível resposta diante das novas necessidades que vão progressivamente emergindo. Prova disso é o que consta na ata da reunião do conselho de 15 de maio de 1952, na qual registra-se: "*A Superiora da Casa de Milão diz que o Superior gostaria de estender as obras paroquiais, mas é impossível aceitar devido à falta de pessoal*".¹¹

A consequência disso é que as Irmãs se encontram tão comprometidas que não lhes sobra tempo para nada. É o que transparece nas palavras da Irmã Teresinha Soga, que depois de sua transferência de Milão para Verona, Casa San Giuseppe, escreve em carta nos primeiros dias de novembro de 1963: "*Há algumas semanas vim para o noviciado; agora me ambientei, e estou bem. Continuo no trabalho diário da cozinha (não com aquele exagero de Milão), mas na pobreza da Casinha de Nazaré. O lugar é ideal; aqui encontrei aquela paz que eu tanto buscava, graças a Deus*".¹²

No que se refere a Madonna di Campagna, a presença das Irmãs se enriquece de novas atividades com a abertura da escola infantil em outubro de 1950 e da escola profissional e de corte e costura nos anos seguintes.

Uma nova Casa foi aberta em Ferrara. Nos anos do pós-guerra o bispo local, Dom Bovelli, várias vezes pedira ao Pe. Calábria a presença dos seus religiosos para desenvolver uma atividade em favor da juventude da arquidiocese. A resposta positiva a este pedido conduz à abertura, em Ferrara, de uma Casa Buoni Fanciulli: a Casa San Giorgio, onde as Irmãs iniciam a sua colaboração com os Irmãos no dia 8 de maio de 1951.¹³ Menos de um ano depois o Casante e seus conselheiros, numa reunião do conselho geral dos Pobres Servos, tratou, dentre outros assuntos, do tema da Casa de Ferrara, que tomará o nome de Santa Mônica. Durante a reunião, o Pe. Pedro Murari faz o resumo da situação dos últimos meses em relação à Casa localizada naquela cidade,

¹⁰ [GRIGOLATO, I.]. *Cronistoria*, 19 novembre 1951, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Milano Centro Professionale, fld. 3, c. 25, Cronistoria [1950/3].

¹¹ *Libro dei Verballi*, 15 maggio 1952, AHPSaDP, fld. Madre Agnese Cogo/gestione 1951/1958, c. Verballi dal 15 maggio 1952 al 7 febbraio 1958.

¹² SOGA, T. *Lettera a don Zecchin*, 4 novembre 1963, AHPSDP, f. Congregazione/Casa Milano Centro Professionale, fld. 2, c. 23, Corrispondenza da Povere Serve.

¹³ Cf. *Elenco Case e note*, senza data, AHPSaDP, fld. Case.

na qual estão hospedados aproximadamente 140 jovens, refugiados de uma enchente na região do Polesine. Atualiza também a respeito da situação da Casa dell'Aguscello, onde foram acolhidos outros jovens, vítimas de enchente. Quanto a esta última Casa, o Pe. Pedro observa que fazem-se necessários trabalhos urgentes porque é preciso preparar também um espaço adequado para as Irmãs.¹⁴

Nos anos seguintes, a partir de 22 de agosto de 1958, as Irmãs prestam a sua obra também junto ao patronato Santa Mônica.¹⁵

A direção do Pe. Luiz Pedrollo

Luiz Silvestro Pedrollo nasceu em San Gregorio de Veronella, província de Verona e diocese de Vicenza, no dia 31 de dezembro de 1888, quinto de dez filhos. Seu pai, Andrea, moleiro, administrava um moinho movido a água, alugado, que ficava perto da cidadezinha de Zimella; a mãe, Ângela Clementina Brun, dona de casa, era uma mulher de muita fé. Luiz, com 14 anos, entrou em 1902 no seminário de Vicenza.

Desde 1910 manteve uma intensa correspondência epistolar com o Pe. Calábria. Em 1912 foi ordenado sacerdote e nomeado pela cúria como capelão-mestre. O bispo, que o estava preparando para o serviço de educação e docência na diocese, com desprazer lhe permitiu, depois de dois anos de ensino, passar a fazer parte da Casa Buoni Fanciulli de San Zeno in Monte, onde ele entrou em 24 de agosto de 1914.

Logo depois adoeceu com tuberculose, mas conseguiu curar-se, e o Pe. Calábria lhe confiou a direção da Casa de Costozza, a primeira filial vicentina da Obra; mais tarde, em 1929, chamou-o para Verona, a fim de que o ajudasse na elaboração das *Constituições* do Instituto em vista da aprovação eclesiástica diocesana. Tornou-se assim o braço direito do Pe. Calábria,¹⁶ que o considerava um ponto de referência insubstituível, tanto que em 1950, já ancião e enfermo, delegou-lhe os poderes de Superior geral da congregação dos Pobres Servos da Divina Providência.

Três meses depois da morte do Pe. Calábria, em 3 de março de 1955, foi confirmado Superior geral e dirigiu a obra até 1967, quando pediu para não ser eleito por ter superado os 75 anos de idade. Durante os seus dois mandatos de Superior geral a

¹⁴ Cf. *Verbali del Consiglio Generale (1949-1954)*, 7 marzo 1952, AHPSDP, f. Congregazione/Atti del Consiglio Generale: Verbali, fld. 1, c. 3.

¹⁵ Cf. *Elenco Case e note*, senza data, AHPSaDP, fld. Case.

¹⁶ A este propósito, veja-se o livro editado por D. FILIPPO, *Fama di santità del servo di Dio Don Giovanni Calabria: La mia testimonianza sul servo di Dio Don Giovanni Calabria*. v. IV. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità Calabrianiana, 2012.

Obra continuou a crescer no sulco traçado pelo Fundador e a difundir-se no mundo, iniciando a atividade missionária em 1959 com o envio dos primeiros seis Pobres Servos para Salto, no Uruguai, na América Latina, e vendo nascer a Pia União das Missionárias dos Pobres. Mesmo não sendo mais tão jovem, dispõe de energia para fazer duas viagens pastorais nas missões sul-americanas da Obra, realizadas em 1962 e 1966. Além disso, promoveu a ampliação do Hospital de Negrar, inaugurado em 1958.

Nos últimos anos da sua longa vida dedicou-se à direção espiritual seja de religiosos Irmãos como de leigos externos à Obra. Morreu aos 97 anos de idade no dia 16 de fevereiro de 1986, em San Zenone in Monte. Nos 73 anos de sacerdócio, dos quais 71 como Pobre Servo, gozou da estima e da confiança incondicionada, tanto que por 40 anos foi fiel e íntimo colaborador, bem como *alter ego*, do Pe. Calábria, sendo também por 25 anos seu vigário. Discípulo fidelíssimo, é intérprete autêntico e genuíno do pensamento do Fundador, que ele soube guardar e transmitir; além disso, é capaz de desempenhar a difícil tarefa de continuar desenvolvendo o carisma, dando-lhe substância e concretude na realização da Obra, a ponto de “*a sua influência e o seu papel no Instituto Pe. Calábria, de 1914 a 1986, ocupa o segundo lugar, vindo depois apenas do Fundador*”.¹⁷

No que diz respeito ao relacionamento com as Irmãs, deve-se dizer que o Pe. Pedrollo as acompanha de perto, encorajando-as e apoiando-as no seu caminho espiritual. Quando foi iniciado o percurso em vista do seu reconhecimento diocesano, ele se envolve como principal colaborador na preparação e formulação das *Constituições*, das quais se ocupou com paciência de monge e com grande sabedoria, pondo à disposição o seu profundo conhecimento do carisma da Obra. Depois da morte do Pe. Calábria, quando se tornou o seu primeiro sucessor com a eleição a Superior geral, exerce esse encargo não apenas em relação aos Irmãos, mas também em relação às Irmãs, assumindo de fato o papel de guia de toda a Obra. A sua relação com as Irmãs sempre foi marcada por tons muito afetuosos e paternos, o que também transparece nas cartas por ele enviadas pessoalmente a cada Irmã, bem como nos escritos endereçados a toda a Congregação. O carinho habitual sempre foi acompanhado pela constante preocupação referente ao crescimento em santidade das “suas” filhas, segundo o espírito do Pe. Calábria. As numerosas cartas enviadas às Irmãs em várias circunstâncias dão prova de uma estreita relação, muito profunda e intensa, e além disso testemunham a

¹⁷ GADILI, M. *San Giovanni Calabria*. 2a. ed. Cinisello Balsamo (Milano): Edizioni San Paolo, 2001. p. 211.

sua sensibilidade delicada, uma proximidade que nunca deixa de exprimir palavras de apoio, encorajamento, partilha, conselho e agradecimento. Em todos os casos é central a dimensão espiritual: mesmo breves frases num bilhete ou poucas e simples linhas de agradecimento são a ocasião para instigar as Irmãs a se elevarem a Deus e buscarem a santidade.

Particularmente significativas são as recomendações que o Pe. Pedrollo se sente inspirado, durante a oração, a escrever por ocasião dos exercícios espirituais de maio de 1955, os primeiros após a morte do Pe. Calábria. Convida as Irmãs a manter elevado o espírito de abandono, a serem fiéis ao carisma comunicado pelo Pai de muitas formas. Eis as palavras do Pe. Pedrollo: *“Mas uma outra coisa eu preciso dizer-lhes, e lhes digo com aquela confiança que as relações entre pai e filhos certamente permitem. Numa destas noites, orando diante do sacrário aberto para a adoração, tive a impressão de ouvir uma voz, ou melhor, de perceber interiormente uma luz que acabou me dando muita paz. Nessa luz me pareceu que a voz me dissesse: Diga às Irmãs que quanto mais eu estiver com elas mais elas serão fiéis aos princípios fundamentais sobre os quais se sustenta e pousa a sua Obra. Para tanto, repita-lhes com santa franqueza e paterna coragem que com a morte do Pai nada mudou; que, aliás, com o sacrifício da sua vida, tudo foi fixado e, num certo sentido, consagrado!”*¹⁸

Um nome todo para ser vivido

A escolha de um nome para as Irmãs é documentada nos escritos do Pe. Battisti desde o ano de 1917, o qual lhes atribui o nome de *“Servas dos Pobres”*.¹⁹ Assim lê-se na lembrança impressa por ocasião da vestição, realizada no dia 6 de janeiro de 1921, e posteriormente reproduzida nas *Constituições* redigidas pelo mesmo Pe. Battisti. *“Servas dos Pobres”* certamente não é um jogo de palavras, mas um nome significativo por indicar a identidade das Irmãs, que pretendem colocar-se a serviço dos pobres. Nestes elas reconhecem o rosto refletido de Cristo, que motiva a escolha pessoal de cada Irmã consagrada e, numa visão mais geral, a missão da congregação.

Só um documento testemunha que esse título foi utilizado pelo Pe. Calábria: um envelope, escrito à mão, endereçado à *“Irmã Imelda Madre Superiora geral das Servas*

¹⁸ PEDROLLO, L. *Lettera alle Sorelle*, 8 maggio 1955, AHPsADP, fld. Don Luigi Pedrollo 1.

¹⁹ O documento encontra-se no AHPsADP, f. Congregazione/Religiose, fld. 11, c. 120 Povere Serve, Immagini ricordo/1.

dos Pobres”, contendo uma carta não holográfica, mas a ele atribuível, datada de 12 de julho de 1924.²⁰ Depois dos acontecimentos de Este o Pe. Calábria não retoma mais esse nome, preferindo usar outras expressões.

No *Regulamento* de 1928 aparece o nome “*Pobres Servas da Divina Providência*”.²¹

Em 13 de novembro de 1931 assim o Pe. Calábria confia ao seu diário acerca do nome para o grupo das Irmãs: “*Que tenham um nome próprio: Irmãs de Maria Rainha dos Corações [e no rodapé:] (Ou melhor. “Filhas de Maria Rainha dos Corações”; melhor ainda, “Criadas de Maria”). Que todas sejam escravas de Nossa Senhora, e que por fim primeiro tenham o escopo de orar, sofrer pelos sacerdotes da Obra em particular, e por todos os sacerdotes e religiosos em geral, tendo em vista a sua santificação e a união das Igrejas. Esta me parece ser a vontade de Deus. Por secundário, tudo aquilo que se referir a obras de caridade, especialmente [em relação às criaturas] mais miseráveis e abandonadas*”.²² Essas linhas demonstram novamente uma certa incerteza quanto ao nome: primeiro as chama Irmãs, depois Filhas, depois Criadas, depois Escravas, títulos que indicam claramente que as suas religiosas devem ser caracterizadas por um marcado timbre mariano: Irmãs de Maria, Filhas de Maria, Criadas de Maria.

Pela primeira vez as Irmãs são chamadas pelo nome de “*Pobres Servas da Divina Providência*” no *Regulamento* de 1935, onde se lê que “*os membros do Instituto se dizem Pobres Servas da Divina Providência e se chamam todas com o doce nome de Irmãs*”.²³

Nas cartas destinadas a elas, o Pe. Calábria usa inúmeros títulos: dirige-se normalmente com as simples expressões “*Irmãs*”,²⁴ e especificamente, de modo mais

²⁰ CALABRIA, G. *Busta indirizzata a Sor. Imelda*, [12 luglio 1924], AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01946/C. Contém uma importante recomendação sobre viver a caridade.

²¹ *Regolamento*, prima stesura 1928, AHPSaDP, fld. Costituzioni 2, c. Regolamento 1928. Esse nome aparece pela primeira vez num cartão postal endereçado exatamente às “*Reverendas Pobres Servas da Divina Providência – Casa de Saúde – Pilastroni, Brescia*”. No endereço escrito pelo Pe. Luiz Pedrollo, segue o texto da missiva holografada pelo Pe. Calábria, que se encontra em G. Calabria. *Cartolina postale alle Sorelle*, 21 ottobre 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01995/A.

²² CALABRIA, G. *Diario V Quaderno “Rendiconto Diario”* [1930-1935], 13 novembre 1931, AHPSDP, f. Don Calabria/Diario, fld. 1, c. 5, b. N 02810.

²³ *Regolamento delle Povere Serve della Divina Provvidenza*, 1935, AHPSaDP, fld. Costituzioni 2, c. Regolamento 1935, p. 7.

²⁴ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 28 febbraio 1921, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01974/B.

frequente, “*Irmãs em Cristo*”,²⁵ “*Boas Irmãs*”,²⁶ e “*Pobres Irmãs*”,²⁷ “*Veneráveis Irmãs*”,²⁸ “*Diletas Irmãs*”.²⁹ Mas também, em relação à Obra e aos seus membros: “*Irmãs dos Buoni Fanciulli*”,³⁰ “*Irmãs da Casa de [...]*”,³¹ “*Irmãs da Casa Buoni Fanciulli*”,³² “*Boas Irmãs dos Pobres Servos*”,³³ “*Irmãs dos Pobres Servos*”,³⁴ e “*Família das Irmãs dos Pobres Servos*”.³⁵

Pe. Calábria dirige-se às Irmãs da comunidade de Roma chamando-as “*Pobres Servas Romanas*”.³⁶

Interessante é a carta de 16 de setembro de 1939, na qual ele abençoa toda a “*Venerável comunidade das Criadas dos Pobres Servos, vulgo*³⁷ *Irmãs dos Buoni Fanciulli*”.³⁸ A Superiora geral, Irmã Gabriela, ao responder essa carta assina “*devotíssimas humilíssimas Criadas dos Pobres Servos (como o senhor nos chamou)*”.³⁹ Ao retomar a expressão usada pelo Pai sua intenção é ressaltar o novo nome atribuído às Irmãs.

A lápide de mármore colocada em 1941 na Casa Santa Toscana contém a seguinte expressão: “*Componentes – Pobres Servas*”.⁴⁰

²⁵ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 15 febbraio 1911, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. 03905.

²⁶ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 3 febbraio 1924, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01946.

²⁷ CALABRIA, G. *Cartolina postale alle Sorelle*, 21 ottobre 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01995/A.

²⁸ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 2 luglio 1948, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. 01959.

²⁹ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 24 maggio 1952, AHPSaDP, fld. 5 Lettere alle Sorelle dal 1952 al 1954, b. 01967.

³⁰ CALABRIA, G. *Lettera a Sor. Meneghetti*, 10 maggio 1925, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 02409/L.

³¹ CALABRIA, G. *Cartolina postale alle Sorelle*, 1 dicembre 1938, AHPSaDP, fld. 2 Lettere alle Sorelle dal 1926 al 1938, b. N 01951/B.

³² CALABRIA, G. *Cartolina postale alle Sorelle*, 24 luglio 1934, AHPSaDP, fld. 2 Lettere alle Sorelle dal 1926 al 1938, b. N 01976/A.

³³ CALABRIA, G. *Lettere alle Sorelle*, 5 gennaio 1932, AHPSaDP, fld. 2 Lettere alle Sorelle dal 1926 al 1938, b. N 01975/A.

³⁴ CALABRIA, G. *Lettere alle Sorelle*, 23 novembre 1939, AHPSaDP, fld. 3 Lettere alle Sorelle dal 1939 al 1944, b. 01998.

³⁵ CALABRIA, G. *Lettere alle Sorelle*, 20 aprile 1947, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1945 al 1951, b. N 01984.

³⁶ CALABRIA, G. *Lettere alle Sorelle*, 4 aprile 1935, AHPSaDP, fld. 2 Lettere alle Sorelle dal 1926 al 1938.

³⁷ O termo “vulgo” está indicando como eram comumente conhecidas as Irmãs.

³⁸ CALABRIA, G. *Lettere alle Sorelle*, 16 settembre 1939, AHPSaDP, fld. 3 Lettere alle Sorelle dal 1939 al 1944, b. 01979.

³⁹ SOSTER, A. (Sor. Gabriella di Gesù). *Lettera a don Calabria*, 18 settembre 1939, AHPSaDP, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 9, c. 91.

⁴⁰ *Cronistoria della Congregazione*, luglio 1941, AHPSaDP, fld. Cronistoria, c. 1.

Somente nos *Princípios fundamentais para a Obra das Irmãs*, documento não datado, mas lido, relido e subscrito⁴¹ pelo Pe. Calábria no dia 11 de fevereiro de 1945, no ponto 6, está claramente indicado: “*Chamem-se, em analogia aos Irmãos, ‘Pobres Servas da Divina Providência’; e procurem fazer com que seu nome seja praticamente vivido, no exercício das virtudes nele compendiadas: pobreza, humildade, modéstia, discrição, laboriosidade, espírito de sacrifício, como trapos, sem cabeça, toquinha e covinha,*⁴² *espírito de abandono em Deus e à sua paterna Providência*”.⁴³

Para o Pe. Calábria não é tão importante que as Irmãs tenham um nome, mas que vivam o nome que levam; que não sejam só de nome Pobres Servas, mas sejam “*na prática verdadeiras Pobres Servas da Divina Providência*”.⁴⁴ E ainda ressalta isso nas seguintes expressões: “*Pouco importaria o nome, se vocês não vivessem as virtudes indicadas no próprio nome e nele quase compendiadas*”.⁴⁵ Tanto é verdade, para o Pe. Calábria, que as Pobres Servas são chamadas a viver concretamente as virtudes indicadas no nome que levam, que durante os exercícios espirituais de outubro de 1946 lhes recomenda: “*Ai de vocês se perdessem de vista a finalidade e o escopo primeiro e essencial pelo qual nasceram na Obra; seria a sua ruína; a Obra de vocês não teria mais razão de ser, deixaria de existir, e vocês teriam que mudar o nome glorioso de ‘Pobres Servas da Divina Providência’*”.⁴⁶

E escrevendo ao Pe. Pedrollo a respeito da família religiosa das Irmãs o Pe. Calábria refere-se a elas deste modo: “*Obra das Pobres Servas*”.⁴⁷

Com a carta de 8 de dezembro de 1951 o Pe. Calábria retorna à única forma de denominação para a congregação que logo adiante obterá o reconhecimento da aprovação diocesana, como se pode ver no longo texto escrito às “*Irmãs Pobres Servas da Divina Providência*”, no âmbito do qual ele evoca o período da origem: “*O nome as*

⁴¹ Assim o Pe. Calábria mesmo ratifica os *Princípios* acrescentando, de próprio punho, uma anotação ao texto datilografado: “*Lida e relida a presente, com todas as minhas forças recomendo sua exata observância, reflexo da santa vontade de Deus e segura válvula de salvação da Obra das Pobres Servas. Recomendo-me à caridade das orações*” (CALABRIA, G. *Principi fondamentali per l’Opera delle Sorelle*, 11 febbraio 1945, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1944 al 1951, b. N 01941).

⁴² “Buseta e taneta” é a expressão dialetal que o Pe. Calábria usa para indicar uma vida de escondimento.

⁴³ CALABRIA, G. *Principi fondamentali per l’Opera delle Sorelle*, 11 febbraio 1945, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1944 al 1951, b. N 01941.

⁴⁴ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 8 dicembre 1951, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1944 al 1951, b. N 01943/B.

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, ottobre 1946, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1944 al 1951, b. N 01942.

⁴⁷ CALABRIA, G. *Lettera a don Pedrollo*, 6 marzo 1946, AHPSaDP, f. Don Calabria/Corrispondenza a Pedrollo, fld. 3, c. 26, b. 02390/A; veja também CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 25 novembre 1949, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1944 al 1951, b. N 01993.

associa à *Obra dos Pobres Servos*; e justamente porque a de vocês e a dos Pobres Servos não são duas Obras, mas uma Obra só”.⁴⁸ Ao concluir a carta, novamente o Pe. Calábria sintetiza: “Para compreender tudo numa palavra, lhes digo: sejam verdadeiras Pobres Servas da Divina Providência”.⁴⁹

E ainda recomenda, em carta que lhes envia em 1952: “Pelo amor de Deus, conservem, guardem com a máxima fidelidade este espírito, que está inclusive resumido no próprio nome que vocês levam: *Pobres Servas da Divina Providência*”.⁵⁰ E novamente reafirma, num pequeno bilhete dirigido à comunidade de Santa Toscana: “Boas Irmãs, lembrem-se que vocês são Pobres Servas”.⁵¹

Confrontando os nomes dados às Irmãs, a expressão “*Servas dos Pobres*” põe em evidência a missão de serviço dirigida aos menores, os menos abastados, aqueles que precisam de cuidados, de afeto, mas também de Deus, do Evangelho e da salvação trazida por Jesus Cristo. O nome pensado e querido pelo Pe. Calábria, “*Pobres Servas da Divina Providência*”, sublinha com maior força a vocação de ser pobres a serviço de Deus que é Pai e que assume o cuidado Ele próprio das suas criaturas, por meio da divina Providência. As Irmãs são instrumentos, ministras e administradoras de uma graça abundante e gratuita, dom do Pai para todos. Quanto mais forem conchas, mais serão canais.

Concluindo, Pe. Calábria se dirige às Irmãs sempre com grande afeto e respeitosa familiaridade, preferindo chamá-las: “*Boas Irmãs*”, mas sobretudo fazendo referência à sua original identidade: “*Irmãs dos Pobres Servos*”, em analogia ao nome atribuído aos Irmãos e no intuito de reforçar a ideia de uma única Obra.

Quanto à relação com os Irmãos

Pe. Calábria recomenda às Irmãs: “*Reine entre vocês a caridade, que é a essência de qualquer Casa religiosa masculina ou feminina. Nisso conhecerão que sois meus seguidores, se vos amardes uns aos outros*”.⁵² O estilo de um relacionamento

⁴⁸ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 8 dicembre 1951, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1944 al 1951, b. N 01943/B.

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 13 aprile 1952, AHPSaDP, fld. 5 Lettere alle Sorelle dal 1952 al 1954, b. N 01967/A.

⁵¹ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 15 giugno 1953, AHPSaDP, fld. 5 Lettere alle Sorelle dal 1952 al 1954, b. N 01972/A.

⁵² CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 12 luglio 1924, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01946/C.

marcado pelo amor e pela caridade caracteriza não apenas as relações entre Irmãs, mas também com qualquer outra pessoa. Em particular, com os Irmãos vivem a dimensão típica da família, como repetidamente o Pai pede. A este respeito, temos um exemplo no seguinte convite: *“Estamos na santa novena em preparação à grande festa de Pentecostes; parece-me sentir com toda certeza que, se todos da pequena mas grande família dos Pobres Servos, Irmãos e Irmãs, vivermos, com grande fé e recolhimento, estes grandes e santos dias, o Espírito Santo, no seu dia, domingo 16, nos renovará a todos no espírito puro e genuíno da Obra, e sairemos do cenáculo como saíram os apóstolos naquele santo dia”*.⁵³

Pe. Calábria garante que as Irmãs poderão gozar da bênção da Providência *“desde que vivam, como até agora pela graça de Deus viveram, no espírito puro e genuíno, que desde o começo o Senhor colocou. Irmãs, correspondam, pelo amor de Deus, a tanta graça; vivam no escondimento, e o Senhor estará sempre com vocês, e nenhuma força poderá se mover contra vocês e contra a Obra”*.⁵⁴

A fidelidade ao espírito originário da Obra, que vê as Irmãs como parte da única família, implica um profundo respeito recíproco entre os seus membros, que vivem em espaços caracterizados por uma clara distinção e por uma inconfundível separação física, partilhando da mesma missão e morando sob o “mesmo teto”. A preocupação em manter um clima de profunda espiritualidade com os necessários momentos de discrição, de silêncio e de oração, unidos à devida autonomia recíproca, mesmo num contexto de estreita e familiar proximidade, faz com que o Pe. Calábria exija, nas suas Casas, a observância da clausura. Sobre este aspecto ele estabelece normas precisas aos Irmãos: *“Recomendo muito a observância escrupulosa da clausura com as Irmãs; sejam tratadas com toda reserva e discrição, não entretendo-se a falar com elas além do estritamente necessário. Em casa e fora todos devem perceber o nosso comportamento, que somos religiosos e religiosas especiais”*.⁵⁵ E com grande escrupulo o Pe. Calábria volta ao tema nesta outra carta: *“Outro ponto muito delicado é a observância da clausura. Os Superiores locais não permitam nem tolerem abusos a este respeito. Como sabiamente prescrevem as nossas santas Constituições, a comunicação com as Irmãs deve dar-se através das rodas e das portinholas. Não se entre nos locais*

⁵³ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 11 maggio 1948, AHPSaDP, fld. 1 Lettere alle Sorelle dal 1911 al 1925, b. N 01987.

⁵⁴ CALABRIA, G. *Lettera alle Sorelle*, 20 luglio 1947, AHPSaDP, fld. 4 Lettere alle Sorelle dal 1944 al 1951, b. N 01984.

⁵⁵ CALABRIA, G. *Lettera ai Religiosi*, 28 dicembre 1951, AHPSaDP, f. Don Calabria/Lettere ai Confratelli, fld. 3, c. 19, b. N 01746.

reservados às Irmãs sem expressa licença, mesmo quando alguém precisasse entrar por questões de trabalho.

*Fale-se com as Irmãs só por razões de ofício, limitando-se também nesses casos ao estritamente necessário; com elas se fale sempre com o máximo respeito, com toda a caridade, mas sem nenhuma afetação. Ninguém fique para comer na cozinha, ninguém entre na rouparia para fazer ou receber incumbências. Pelo amor de Deus, deem o máximo valor a estas importantíssimas recomendações”.*⁵⁶

A distinção entre os espaços acessíveis a todos e os reservados às Irmãs, sempre respeitados de modo muito escrupuloso, não deve levar a deduzir que haja separação entre dois mundos, o da congregação feminina e o da masculina. O profundo respeito por cada uma das especificidades, que se concretiza também na diferenciação física dos locais, é vivido no clima cultural da época, quando isso era considerado um fato normal.

Aquilo que com certeza jamais diminui é o espírito de fraternidade entre os dois ramos da Obra, que sempre vivem o sentido de pertença à mesma família. Os testemunhos orais confirmam um relacionamento recíproco caracterizado por uma profunda atenção e por uma preocupação afetuosa, reflexo da dimensão de maternidade vivida na ordinariedade do quotidiano por parte das Irmãs. Dentre a escassa documentação histórica disponível a este respeito, vale destacar a carta da Irmã Imelda – Maria Fannio que, em 15 de janeiro de 1935, escreve aos Irmãos depois da partida destes para a Índia: *“Quanto sou grata à divina Providência que, antes da partida de vocês, tenha me dado a satisfação de ver o eleito grupinho, a fim de desejar-lhes boa viagem, garantindo-lhes a minha lembrança, as minhas orações! E estas, embora pobres, os acompanharam desde a saída deles daquela Casa bendita, durante toda a viagem e no dia da festa da Apresentação de nossa Mãe celestial, que nos disseram ter sido o da sua chegada; o meu pensamento foi conduzido para esta terra, meta tão suspirada, objeto dos seus ardentes votos, imaginando a alegria deles em poder finalmente lá pôr seus pés, e com eles agradecendo ao Senhor.*

Como gostaríamos de saber alguma coisa sobre os nossos queridos Irmãos missionários! Por agora tivemos as primeiras notícias, motivo para alegrar-se no Senhor e para agradecê-lo de coração, em saber que a viagem deles foi boa e a sua chegada muito feliz, guiados e protegidos pela divina Providência, que veio ao seu encontro maternalmente de muitos modos.

⁵⁶ CALABRIA, G. *Lettera ai Religiosi*, 11 ottobre 1952, AHPSPDP, f. Don Calabria/Lettere ai Confratelli, fld. 3, c. 20, b. N 01751.

Mas depois a revista 'L'Amico', como bom amigo, veio satisfazer esse desejo, com as suas várias reportagens. Com que interesse eu as li, as reli, admirada e reconhecida para com a divina Providência, que tão largamente os favoreceu tanto espiritual quanto materialmente, tratando-os como benjamins.

E realmente aqueles que, sacrificando tudo se oferecem e se consagram à salvação das almas, são os prediletos do Pai celeste. E o doce, solícito e maternal cuidado que demonstrou para com eles desde o início é uma prova disso, o que, ao mesmo tempo, é penhor daquilo que ele está disposto a fazer no futuro. Ó, qual deve ser o nosso reconhecimento ao nosso bom Deus! Qual deve ser o desejo de corresponder à sua bondade, com todo o nosso amor, com fidelidade e generosidade ilimitadas!

Esperamos que a revista 'L'Amico' seja fiel ao falar também no futuro sobre os nossos queridos missionários, cujas notícias são sempre aguardadas com muita ansiedade.

O bom Deus os abençoe, abençoe o seu apostolado, de modo que possam levar Jesus a tantas almas e divulgar o seu reino. Essa é a oração que eu deposito no berço de Jesus Menino, pedindo-lhe de coração que seja generoso com eles dos seus dons, dos seus eleitos favores.

Eu continuarei a orar por eles, e espero que façam a caridade de também rezar por mim e pelas minhas intenções, bem como por toda a família das Irmãs, a fim de que, com a graça de Deus, prospere espiritualmente e se torne apta ao cumprimento dos divinos desígnios sobre ela".⁵⁷

Nestas linhas transparece a afetuosa proximidade aos Irmãos que acabaram de partir da Casa, em particular através da oração não apenas pessoal, mas também evidentemente de toda a comunidade das Irmãs, que os acompanham durante a viagem para chegar à nova destinação, a fim de iniciar a atividade missionária. Na carta da Irmã Imelda transparece também a alegria de poder receber notícias referentes aos Irmãos distantes e constantemente atualizadas graças àquilo que se pode ler na Revista da Obra. Brota, assim, um sentimento de reconhecimento e gratidão pela proteção que lhes é reservada pela divina Providência, juntamente com o forte desejo de corresponder com todo o amor, a fidelidade e a generosidade da qual as Irmãs possam ser capazes, sem qualquer limite. Irmã Imelda – Maria Fannio, também em nome das demais Irmãs, assegura aos Irmãos a oração, para que sejam sustentados no anúncio do reino de Deus e

⁵⁷ FANNIO, M. (Sor. Imelda di Gesù). *Diletti Fratelli*, 15 gennaio 1935, AHPSPD, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7/A, c. 40.

possam receber a ajuda de Jesus. Ao mesmo tempo, na conclusão da carta, pede a eles uma lembrança recíproca na oração, para que as Irmãs possam, com a graça de Deus, prosperar espiritualmente, como também acolher e levar a cumprimento o desígnio que Deus cultiva sobre elas.

A dedicação das Irmãs no serviço dos Irmãos é assim lembrada pelo Pe. Pedrollo: *“Em Costozza eu era encarregado das Irmãs. A Superiora era a Irmã Imelda Fannio. Lembro como, esfregando, ela fazia aquele presbitério se tornar um brilho...*

Lembro da Irmã Irene, da Irmã Cecília, da pequena santinha Irmã Madalena, da Irmã Gaetanina e do seu sacrifício. Ficavam trabalhando às vezes até meia-noite para que nada viesse a faltar aos Irmãos”.⁵⁸

Por ocasião da celebração do quinquagésimo aniversário de fundação das Irmãs o Pe. Pedrollo, na qualidade de Casante, assim manifesta seu apreço e sua gratidão para com elas: *“E da parte nossa sentimos a necessidade e o dever de exprimir antes de mais nada ao Senhor o mais sincero e ardente agradecimento, por ter-nos dado, nas nossas várias atividades apostólicas, a preciosa colaboração das ‘Irmãs’*. [...]

Também a vocês, Irmãs diletas, nós sentimos a necessidade de exprimir o nosso reconhecimento e a nossa admiração. Reconhecimento por tudo aquilo que vocês fizeram e fazem por nós, com tanto espírito de sacrifício, com tanta amorosa presteza, com uma solicitude que eu diria maternal. Admiração pelos exemplos de virtude que as Irmãs sempre nos deram, em muitas circunstâncias, durante estes cinquenta anos”.⁵⁹ A carta continua com uma longa narração referente às primeiras Irmãs, das quais o Pe. Pedrollo testemunha a virtude que ele teve a oportunidade de conhecer pessoalmente. E várias vezes, em outras ocasiões, ele repropõe o seu exemplar modelo de vida.

O Código de Direito Canônico da época não previa a possibilidade de uma única família religiosa com ramos distintos, ao passo que o Pe. Calábria intuiu a Obra, de modo profético, como uma planta só, um único tronco com vários ramos. Assim o Pe. Pedrollo recorda esse fato: *“Também as Irmãs, afirma o Pai, têm o mesmo fundador que é Deus, o mesmo Pai que o representa como guarda e Casante de toda a Obra, o mesmo espírito, análogas finalidades e regras de vida, igual programa”*.⁶⁰ E volta a ressaltar esse ponto por ocasião do quinquagésimo aniversário das Irmãs com estas

⁵⁸ PEDROLLO, L. *Lettera a Sor. Gemma Tibaldo*, 21 gennaio 1976, AHPSaDP, fld. Don Luigi Pedrollo 3.

⁵⁹ PEDROLLO, L. *Lettera nel Cinquantesimo dell’opera delle Sorelle*, 17 aprile 1960, AHPSaDP, fld. Don Luigi Pedrollo 1.

⁶⁰ PEDROLLO, L. *Lettera alle Sorelle*, 8 maggio 1955, AHPSaDP, fld. Don Luigi Pedrollo 1.

palavras: *“As Irmãs não nos são estranhas; elas são o cuidadoso complemento da Obra dos Pobres Servos, viveram seus mais marcantes acontecimentos, choraram e se alegraram com eles, acompanharam seus desenvolvimentos, foram para todos os lugares em que os Pobres Servos foram chamados a exercer o apostolado, como pessoas da mesma família; elas, portanto, não constituem uma Obra à parte”*.⁶¹

Em relação à identidade e à missão das Pobres Servas, o Pe. Pedrollo volta a precisar: *“Vocês nasceram na Obra, não adotadas, ou de qualquer forma tendo passado a fazer parte da Obra por intromissão de outros, mesmo que movidos por retas intenções. Não, não! ‘Vocês nasceram’, e quem nasce do mesmo Pai e da mesma mãe forma a mesma família; os filhos, que vieram depois, não têm menores títulos ou direitos de se chamarem filhos e de se sentirem Irmãos e Irmãs”*.⁶²

Respondendo a uma carta que lhe foi enviada pela Irmã Gemma Tibaldo, em 7 de novembro de 1975, transcrevendo as palavras do Pe. Calábria dirigidas às Irmãs, depois dos exercícios espirituais de outubro de 1946, percorrendo outra vez o caminho do ponto de vista histórico, reafirma muito claramente que desde as origens não constituem uma Obra à parte e que são animadas por um só espírito: *“Assim se formou o ramo das Irmãs, inserido, recordem-no bem, no único tronco da Obra.*

Não, portanto, duas plantas, mas ramo da mesma planta, que cresce e se desenvolve no mesmo terreno, com os mesmos elementos de fecundação; quero dizer, com o mesmo espírito puro e genuíno da Obra, espírito de filial abandono em Deus e à sua Providência, espírito de humildade e de escondimento, de docilidade e de obediência, espírito de sacrifício e de renúncia; ‘sem cabeça’, como digo frequentemente aos Irmãos; ‘toquinha e covinha’; como ‘trapos e argila’.

Esse é o espírito que vocês devem, com todo cuidado e diligência, conservar e transfundir naquelas que as seguirão”.⁶³

Em relação ao fato de que vários institutos religiosos masculinos procuram a colaboração das religiosas, Pe. Pedrollo lembra a experiência familiar: *“Nós temos a sorte de termos as nossas Irmãs, pertencentes à mesma Obra, mesmo seguindo uma especial organização própria, como exigem as sábias disposições da Igreja, a natural*

⁶¹ PEDROLLO, L. *Lettera nel Cinquantesimo dell’opera delle Sorelle*, 17 aprile 1960, AHPSaDP, fld. Don Luigi Pedrollo 1.

⁶² Ibid.

⁶³ PEDROLLO, L. *Lettera a Sor. Gemma Tibaldo*, 21 gennaio 1976, AHPSaDP, fld. Don Luigi Pedrollo 3.

ordem das coisas e aquela extrema delicadeza que o nosso Pai queria nas mútuas relações entre Irmãos e Irmãs”.⁶⁴

“L’Amico” recorda as Irmãs

A consulta à Revista “L’Amico dei Buoni Fanciulli”, que iniciou suas atividades em 1930, oferece tópicos interessantes para compreender como a Obra ou mais em geral os Pobres Servos, a quem pertencem os vários diretores, dão espaço e voz às Irmãs. Folheando as páginas salta imediatamente aos olhos que, depois da primeira década de publicação, ao longo da qual não se encontra sequer um traço, mesmo que seja mínimo, da presença das Irmãs no interior da Obra, nos onze anos seguintes as únicas referências feitas dizem respeito aos necrológicos. São brevemente lembradas: em 1939, Irmã Imelda – Maria Olian Fannio; em 1940, Irmã Domingas – Teresa Martini; no ano seguinte, Irmã Malvina Zamperetti. Durante os anos cinquenta são acrescentadas Irmã Madalena – Giselda Mercoletti (1950), Irmã Maria – Natália Fainelli (1953), Irmã Maria Bianchini (1954) e Irmã Carmela – Silvia Todesco (1956). Nos anos sessenta a Revista propõe um perfil da Irmã Serafina – Adele Carli.

O primeiro breve aceno às Irmãs encontra-se no número especial dedicado ao quadragésimo aniversário da Casa Buoni Fanciulli, celebrado em 1947. Descrevendo a história da Casa San Benedetto as Irmãs são citadas apenas porque, no momento em que foi comprada a Casa, elas foram colocadas lá provisoriamente porque estavam sem casa, tal como a Sagrada Família em Belém.⁶⁵ Na mesma edição da Revista, num outro artigo dedicado às Irmãs, é interessante ler como os próprios jovens, ao saírem e se tornarem ex-alunos da Casa, lembram delas: “*Se merecem louvor os Irmãos porque destacados do mundo e dedicados ao ‘serviço’ dos pobres, mais ainda merecem admiração estas Irmãs, que trabalham da manhã à noite, e até de madrugada, no silêncio, no escondimento, sem aquelas satisfações externas que, mesmo entre fadigas contínuas, podem ter os Pobres Servos*”.⁶⁶

Por ocasião da aprovação diocesana de 1952 encontramos esta apresentação: “*As Pobres Servas – mas creio que possamos chamá-las mais resumidamente ‘as*

⁶⁴ PEDROLLO, L. *Lettera nel Cinquantesimo dell’opera delle Sorelle*, 17 aprile 1960, AHPSaDP, fld. Don Luigi Pedrollo 3.

⁶⁵ Cf. San Benedetto. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, novembre-dicembre, p. 16, 1947.

⁶⁶ Cf. Le Sorelle. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, novembre-dicembre, p. 55, 1947.

Irmãs' – têm uma constituição análoga aos Pobres Servos: tempos novos, métodos novos.

*Não usam hábito especial; não têm votos perpétuos; não contam com meios materiais; estão dispostas a tudo, a qualquer serviço, inclusive a mendigar; entre elas, não há distinção de classes; todas iguais canonicamente, todas iguais no desejo e na aspiração de servir a Deus e salvar almas, com a múltipla assistência nas obras de apostolado”.*⁶⁷

No mesmo artigo, aliás, não assinado, reproduz-se outro testemunho, de autor desconhecido, publicado no dia 4 de abril de 1952 pelo “Corriere del Mattino”: “No escondimento e no espírito de sacrifício, [...] a nova família vem crescendo em anos difíceis. As Irmãs, que não vestem hábitos especiais, porque o seu distintivo, afirma o Pe. Calábria, deve ser a virtude, prodigalizaram-se nas rouparias e nas cozinhas onde a pobreza extrema é rainha, nas várias Casas Buoni Fanciulli, remendando aquilo que humanamente não resistia mais e preparando maternalmente a refeição para milhares de órfãos com os alimentos mais impensados que a Providência fornecia.

*Foram crescendo lentamente, preocupando-se mais com a qualidade do que com o número, esperando com humilde paciência a hora de Deus. E a hora veio. Hoje um vasto campo se abre diante delas. Com o espírito apostólico do seu Pai, eis um elenco das obras que o decreto lhes atribui: cuidado de crianças órfãs e abandonadas, velhos e enfermos em casas de repouso e hospitais, crianças em creches, juventude feminina em escolas e outros estabelecimentos de ensino, ensino do catecismo”.*⁶⁸

“As boas Irmãs sempre viveram e se desenvolveram paralelamente à Obra dos Pobres Servos, trabalhando com assiduidade superior a qualquer elogio, frequentemente com heróica dedicação ao dever nas tarefas próprias à mulher: cozinha e rouparia.

Os nossos ex-alunos podem dar testemunho do espírito de sacrifício que sempre tem caracterizado as Irmãs: espírito que vigora ainda hoje e, esperamos, irá se manter íntegro e genuíno, tal qual o imprimiu o nosso venerado Pai desde os primeiros dias. [...]

Toda Irmã que se dedica à Obra torna sua a palavra de Nossa Senhora: ‘Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra’. Na pia, no fogão, na máquina

⁶⁷ Cf. Le Sorelle. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, novembre-dicembre, p. 68, 1947.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 69.

*de costura, na lavanderia... na cidade ou fora dela, no alto ou embaixo... sempre escondida como uma humilde serva, minha vocação é fazer a vontade do Senhor”.*⁶⁹

Em referência ao espírito que as anima no desenvolvimento de sua ação é muito interessante o testemunho de um ex-aluno que narra o serviço prestado por aquelas Irmãs que agora se encontram na casa de repouso Piccola Betania, em San Vito di Negrar (Verona), depois de ter visitado algumas delas, que, *“já muitos anos antes tinham começado a viver escondidas, trabalhando sete dias por semana, e não no deserto, mas no meio das pessoas, especialmente dos jovens.*

Recordo a Casa San Zenò in Monte dos anos quarenta. Na época, nós jovens não nos dávamos conta do modo de viver das Irmãs, da sua dedicação, do seu serviço. Víamos os sacerdotes, os Irmãos que nos acompanhavam na escola, na oficina, no recreio, na igreja, no dormitório. [...]

Mas a nossa mente não ia além da ‘roda’ (um dispensador automático muito simples, primitivo, mas econômico; não era necessário introduzir moeda alguma).

Do lado de lá daquela roda, [...] estavam as Irmãs que respondiam a todos os chamados. Não sabíamos o seu nome; raramente as víamos passar pelo jardim, que ficava próximo à igreja. Do lado de cá da roda só a voz delas se ouvia, se o barulho dos comensais o permitisse, ou, em certas horas do dia, quando elas recitavam o Terço cantando as Ave-Marias em tom bem alto para superar o tilintar das louças. Nós as chamávamos ‘Irmãs’, embora tivesse sido mais exato chamá-las de mães, mas não no sentido genérico que se usa quando nos referimos às religiosas. De fato, tal como as nossas mães, elas estavam integralmente ao nosso serviço, na cozinha ou no roupeiro. Também o hábito que elas usavam nos passava a ideia das nossas mães de família, simples, incansáveis nas tarefas caseiras, prontas para atender a pedidos fora de hora de pão ou de uma bebida quente para quem estava convalescente, ou então que estivesse com alguma necessidade particular.

Se para nós as Irmãs desapareciam no anonimato, para elas nós tínhamos um nome e um sobrenome precisos, elas nos conheciam, e quando era necessário não nos economizavam as recomendações e, se fosse o caso, as repreensões. [...]

Como ex-aluno da Casa, sou devedor a muitas pessoas, que seguindo os passos do Pe. Calábria sacrificaram a sua vida por mim; dentre estas, certamente não últimas, estão as Pobres Servas da Divina Providência.

⁶⁹ Ibid., p. 68.

Nós, ex-alunos, nos lembramos das Irmãs? Sobretudo, saberíamos concretizar esse reconhecimento tornando-nos, na medida do possível, por nossa vez, dom aos outros?

Muitos eu acho que sim, embora não o digam em voz alta. Obrigado, Irmãs!”⁷⁰

⁷⁰ ZAMMICHELE, G. Grazie, Sorelle! *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 8, p. 24-25, 1979.

Em 1955 foi comunicada a inauguração da escolinha infantil na Casa Santa Toscana.⁷¹

No número dedicado ao quinquagésimo aniversário da Obra, as Irmãs são lembradas com uma breve nota.⁷²

Em 1960, por ocasião do quinquagésimo aniversário do seu início, a Revista dedica às Irmãs uma pequena página,⁷³ que reproduz o telegrama enviado pelo Santo Padre, uma breve crônica da celebração eucarística presidida pelo bispo e a síntese daquilo que fora lembrado pelo Pe. Pedrollo. Ao longo dos anos sessenta é publicado um artigo dedicado à Irmã Maria Galbusera⁷⁴ por ocasião do quinquagésimo aniversário do seu falecimento; comunica-se a nova presença em Imola;⁷⁵ dá-se notícia, numa pequena página, da realização do capítulo especial,⁷⁶ documentado com foto no número seguinte.⁷⁷

Em 1970, num artigo sobre os cinquenta anos da abertura da Casa de Este, as Irmãs são citadas uma só vez num breve mas significativo parágrafo que lembra a transferência delas de Verona: “*Cinquenta anos atrás, no dia 12 de janeiro de 1920, um grupo de meninos, assistidos por algumas heróicas ‘Pobres Servas’, fazia o seu ingresso na Casa de Este*”.⁷⁸

No mesmo ano é dedicado um amplo artigo sobre as origens históricas da congregação que festeja o sexagésimo aniversário;⁷⁹ além disso, reproduz-se aquilo que o Pe. Calábria escreveu, lembrando daquela fase inicial.⁸⁰ A seguir, abre-se espaço às recomendações expressas numa mensagem de 1951 sobre o espírito a ser vivido.⁸¹

⁷¹ Cf. Attività delle Sorelle. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 8, p. 200, 1955.

⁷² Cf. Sorelle. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 9, p. 52, 1957.

⁷³ Cf. Povere Serve della Divina Provvidenza. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 3, p. 2, 1960.

⁷⁴ Cf. A. A., Maria Galbusera è morta cinquanta anni fa. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 4, p. 10-11, 1967.

⁷⁵ Cf. Da Verona a Imola per vie inattese. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 6, p. 2-3, 1968.

⁷⁶ Cf. Le Sorelle a Capitolo. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 7, p. 12, 1969.

⁷⁷ Cf. Il Capitolo delle “Povere Serve”. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 8, p. 2, 1969.

⁷⁸ Este: Cinquantésimo grigio? *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, p. 3-4, 1970.

⁷⁹ Cf. 1910 – 17 aprile – 1970 Gl'inizi del ramo femminile. Le “Povere Serve della Divina Provvidenza. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 3, p. 1, 1970.

⁸⁰ Cf. Il Padre alle Sorelle Povere Serve della Divina Provvidenza. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 3, p. 1, 1970.

⁸¹ Cf. Alle Sorelle Povere Serve della Divina Provvidenza. *L'Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 4, p. 1-2, 1970.

Faz sorrir um pouco a diagramação gráfica de duas páginas dedicadas às *Problemáticas do Pe. Calabria*⁸² onde, sob o título, encontra espaço também uma coluninha dedicada às Irmãs.

É somente a partir de 1974 que a revista começa a publicar uma série de artigos centrados principalmente no compromisso missionário que está sendo iniciado; e o primeiro lembra justamente a partida para o Brasil das primeiras quatro Irmãs.⁸³ Na segunda metade dos anos setenta, além de numerosos artigos e prestações de contas de iniciativas conduzidas em terras de missão, abre-se espaço para o quarto capítulo geral.⁸⁴ Além de interessantes contribuições de caráter histórico, por ocasião dos vinte e cinco anos da aprovação diocesana da congregação, faz-se uma apresentação com referências à atividade desenvolvida pelas Pobres Servas.⁸⁵ Numa série de artigos redigidos pelo Irmão Elviro Dall’Ora, são mencionadas também as origens da congregação.⁸⁶ No centenário de nascimento da Irmã Maria Galbusera⁸⁷ elabora-se um perfil detalhado dela, retomado num outro artigo, quando o corpo é trasladado para a Casa-Mãe,⁸⁸ e faz-se a publicação do livro que recolhe os seus escritos.⁸⁹ É publicada também uma apresentação da Irmã Lavinia Perez.⁹⁰

A partir dessa rápida panorâmica, fica claro que inicialmente as Irmãs dispõem de um espaço bem restrito do ponto de vista quantitativo, em parte reflexo da mentalidade daquele tempo, em vários outros contextos dando-se pouca atenção à presença feminina, e em parte talvez atribuível ao fato de que as Irmãs vivem no escondimento. Mesmo assim, os poucos acenos feitos à ação por elas desenvolvida confirmam o espírito de completa dedicação, que caracteriza o seu serviço no interior da Obra.

⁸² Cf. *Problematiche di don Calabria. L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 4, p. 6-7, 1973.

⁸³ Cf. G. TIBALDO. Le “Sorelle” in Brasile. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 7-8, p. 17, 1974.

⁸⁴ Cf. Le “Sorelle” celebrano il quarto Capitolo generale. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 7, p. 28-29, 1975.

⁸⁵ Cf. Chi siete? Cosa Fate? Nelle nozze d’argento delle Povere Serve. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 5, p. 15-17, 1977.

⁸⁶ Cf. sobretudo a parte final de Irmão E. DALL’ORA. San Zeno in Monte: il miracolo della Provvidenza. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 4, p. 12-15, 1977.

⁸⁷ Cf. E. FORLANI. Suor Maria Galbusera. La donna del “si” a Dio e ai Fratelli. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 7-8, p. 10-16, 1974.

⁸⁸ Cf. G. CAPPELLETTI. “Rimane solo amore”. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, p. 8-9, 1976 e *L’anima di una storia. L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 1, p. 8-11, 1976.

⁸⁹ Cf. C. BOSCAGIN. Il nuovo libro: perché temere? *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 2, p. 16-17, 1977.

⁹⁰ Cf. La contessina. *L’Amico dei Buoni Fanciulli*. Verona, n. 8, p. 20-21, 1978.

Voar alto

Em 1950, as Pobres Servas da Divina Providência dão início a uma nova e pequena comunidade na diocese de Milão. À Superiora, que se mostra hesitante por causa da limitação de forças e de capacitação, o Card. Alfredo Ildefonso Schuster⁹¹ conta o episódio de um santo fundador que, no ato de abrir uma casa das suas irmãs, deseja oferecer-lhes um presente e lhes dá o seu manto. Colocando-o sobre a cabeça daquela que iria dirigir a nova atividade, disse: *“Cubra-as o meu manto, e ele as cobrirá enquanto vocês forem pequenas. Se vocês se tornarem grandes, o meu manto não as cobrirá”*.⁹²

O Cardeal, evocando este fato, aplica-o às Pobres Servas da Divina Providência, acrescentando o seguinte augúrio: *“Enquanto vocês tiverem o Espírito do Pai estarão revestidas dele e farão grandes coisas; mas se começarem a achar que são grande coisa ou a fazer de tudo para aparecer diante do mundo, Deus e o Espírito Santo não estarão com vocês. O meu manto, nesse caso, não poderá protegê-las, mas as protegerá se vocês se mantiverem pequenas...”*.⁹³

E ainda falando às Irmãs, por ocasião da aprovação diocesana, o Card. Schuster dirige também estas outras expressões: *“Voar nas regiões do sobrenatural é algo bastante árduo, mas bem possível com a ajuda de Deus.*

Muitos bem começam, mas depois descem a uma cota modestamente humana!

Procurem fazer com que isso nunca aconteça com a família religiosa de vocês.

Não substituam a Deus pelo homem”.⁹⁴

A este compromisso de fidelidade faz eco aquilo que as Pobres Servas escreveram no dia 7 de dezembro de 1954 num pergaminho, colocado no caixão do Pe. Calábria pouco antes do fechamento: *“Neste momento de filial intimidade, queremos*

⁹¹ Alfredo Ildefonso Schuster nasceu em Roma no dia 18 de janeiro de 1880; tendo se tornado monge beneditino, no dia 19 de março de 1904 foi ordenado sacerdote na Basílica de São João do Latrão. Foram-lhe confiados encargos bastante exigentes, o que manifesta, entretanto, a estima e a confiança de que ele gozava. Com apenas 28 anos torna-se mestre de noviços, depois procurador geral da congregação beneditina, prior claustral e, enfim, abade ordinário de São Paulo Fora dos Muros. O amor pelo estudo não esmoreceu apesar dos compromissos que sempre mais ocupam o seu tempo e o seu ministério. Grande, de fato, é a sua paixão pela arqueologia, pela arte sacra e pela história monástica e litúrgica. Em 15 de julho de 1929 foi nomeado cardeal pelo Papa Pio XI e no dia 21 de julho foi consagrado arcebispo de Milão, onde desempenha o seu ministério até à morte, ocorrida em 30 de agosto de 1954, no seminário de Venegono (Varese), que ele mandou construir como uma abadia sobre uma colina. Foi proclamado Bem-Aventurado pelo Papa João Paulo II no dia 2 de maio de 1996.

⁹² Veja-se a n. 5, onde o encontro é integralmente reproduzido pelo Pe. Pedrollo.

⁹³ Ibid.

⁹⁴ SCHUSTER, I. *Biblietto a Sor. Cogo Superiora generale*, 2 aprile 1952, AHPSaDP, fld. Approvazione diocesana 1952, c. Documenti 1.

*depor nas tuas santas mãos, qual homenagem que mais te agrada, o compromisso solene de sermos trapos e argila, um só coração e uma só alma entre nós, em plena submissão ao Casante, segundo o Teu ensinamento, vivendo assim o espírito puro e genuíno que Jesus desde o começo colocou na Obra”.*⁹⁵

⁹⁵ *Diario della Congregazione*, 7 dicembre 1954, AHPSaDP, fld. Diari dall'inizio al 29 aprile 1955.

APÊNDICES

APÊNDICE I

PERFIS BIOGRÁFICOS

Premissa

Nesta parte serão apresentados os perfis das primeiras nove Irmãs que viveram na “Piccolissima Casetta di Nazareth”, acima do jardim Giusti, por ordem de ingresso na Obra: Angelina De Battisti – Irmã Vincenzina de Jesus; Lavinia Julia Maria Perez; Adele Carli – Irmã Serafina de Jesus; Laura Fossati – Irmã Tarcisia de Jesus; Angelina Dresda; Ida Maria Meneghetti – Irmã Gertrude de Jesus; Maria Olian Fannio – Irmã Imelda de Jesus; Natália Fainelli – Irmã Maria de Jesus; e Maria Galbusera.

A estas acrescentam-se: Rosina Fornasiero – Irmã Inocência de Jesus; Giselda Maria Mercoletti – Irmã Madalena de Jesus; Teresa Martini – Irmã Domingas de Jesus; Vitória Secchieri; Maria Ferrari – Irmã Pia de Jesus, Páscoa Brutti – Irmã Metilde de Jesus; Amália Dal Cengio – Irmã Gaetanina de Jesus; Justina Silvia Todesco – Irmã Carmela de Jesus; Aida Irene Soster – Irmã Gabriela de Jesus; Maria Carolina Busti – Irmã Irene de Jesus; Ângela Elisabete De Mori – Irmã Beatriz de Jesus; e Antonieta Secagno – Irmã Clara de Jesus.

Seguem-se breves informações biográficas de cinco Irmãs falecidas em Este: Ana Bettoni – Irmã Angélica de Jesus; Justina Soave – Irmã Rosália de Jesus; Josefina Anomi; Cesira Ghira – Irmã Melânia de Jesus; e Maria Germin – Irmã Cecília de Jesus.

Por fim, são apresentados os perfis daquelas que entraram na Obra ao longo dos anos vinte, em particular durante o período de Este: Regina Margarida Zabeo; Maria Josefina Teresa Nalato; Malvina Zamperetti; Maria Regina Luisa Bianchini; Maria Gagliardo; Maria Assunta Contin; Josefina Elvira Centa; Angelina Centa; Lia Baesso; Itália (Adélia) Elvira Fantato; e Maria De Lorenzo.

Somente neste Apêndice e no terceiro (Lista das Pobres Servas da Divina Providência defuntas) são reproduzidos os nomes, incluídos também os do segundo, das Irmãs tal como aparecem nos documentos de nascimento e de batismo, respeitando com exatidão toda a sua história, a começar pelo nome recebido. Às vezes deparamo-nos com evidentes discordâncias entre o que consta nos registros e o que está escrito nos documentos. Não nos é dado saber se tal fato deve-se a erros ou a registros feitos em cartório em data posterior à do nascimento.

As notícias referentes a algumas Irmãs reduzem-se, infelizmente, a poucas linhas, pois não foram encontradas outras informações; a cada uma delas, todavia, deve-se reconhecer a fidelidade de uma vida dedicada à Obra, e intui-se, de todo modo, inclusive pela recordação deixada nas Irmãs depois da morte, sua profunda dimensão interior.

De algumas Irmãs reproduzimos aqui alguns escritos pessoais deixados ou encontrados entre a correspondência do Pe. Calábria. Além de complementar o perfil biográfico, trata-se de páginas ricas de espiritualidade. Por essa razão foram transcritos integralmente também os testamentos das primeiras Irmãs que foram conservados. Deve-se ressaltar que algumas deixaram a deliberação específica de que não fossem guardados, enquanto que outras provavelmente os destruíram elas próprias em fidelidade ao espírito de escondimento.

As notas foram reduzidas ao essencial, pois na pasta pessoal de cada uma das Irmãs foram recolhidos diários, pensamentos, reflexões, cartas autografadas, as referências presentes nos escritos do Pe. Calábria ou do Pe. Pedrollo, as numerosas notas escritas pela Irmã Natália – Maria Fainelli, os acenos que podem ser encontrados lendo-se a crônica nos cadernos da Irmã Dolores Vacca, ou os testemunhos manifestados pelas pessoas que conheceram a Irmã pessoalmente. Este material foi preparado com grande cuidado e precisão pela Irmã Ana Maria Cantieri, em vista de um estudo mais aprofundado.

1.1 – PERFIS DAS PRIMEIRAS IRMÃS

Angelina De Battisti – Irmã Vincenzina de Jesus (1861-1929)

Nasce em Verona no dia 9 de julho de 1861. De sua modesta família, especialmente do seu pai, herda em plenitude o amor ao trabalho e à piedade. Recebe uma primeira formação no internato privado feminino Seghetti,¹ onde aprende uma série de noções fundamentais atinentes à economia doméstica, sobretudo de bordado, costura, remendos, corte e confecção de roupas.

¹ Fundado por Dom José Seghetti no final do séc. XIX, o instituto hospeda cerca de 146 jovens, dos quais 19 internos. O ambiente é dirigido por um grupo de agregadas, às quais se requer um espírito de abnegação e de sacrifício próprios da vocação religiosa. Não estão vinculadas pelos votos, por vontade do fundador: “*Para que, sem terem aparência de religiosas, elas pudessem mais livremente operar aquele bem por ele proposto*” (BRUGNOLI, P.; MANARA, A. *Nella città. Nel tempo*. Verona: Cooperativa Novastampa, 1991. pp. 36-37).

A respeito daquele período de sua vida ela mesma escreve em suas recordações, no ano de 1901: *“Os meus anos da adolescência eu os passei friamente; agora, repensando no tempo perdido, sinto uma grande dor por isso e um grande vazio a ser recuperado”*. E ainda: *“Ó, meu Jesus, se eu tivesse pensado bem dos 15 aos 25 anos de quem eu vim, de onde eu vim, por que estou aqui, para onde vou? Qual é o meu fim último? Os mais belos anos da minha juventude, a dizer pouco, eu perdi procurando o amor das criaturas; quanto tempo perdido por essas misérias, quantas lágrimas derramadas inutilmente, sem qualquer satisfação! Como não sou capaz de suportar, de ter compaixão de certos defeitos, mesmo na minha ainda jovem idade, enquanto que, se o imenso amor do meu Esposo não me tivesse, com tantos cuidados, atenções, impulsos, sofrimentos e lumes, chamada, quem sabe, fria como eu era, em que estado eu estaria”*.

Depois do período de formação, para ganhar a vida ela vai trabalhar *“por dia, nas famílias, ocupando-se em lavar e cuidar das roupas”*. Usa o tempo que lhe sobra dos compromissos de roupeira em *“fazer o bem às almas”*, o seu escopo principal. Assim, no final do dia, encontra tempo também para se ocupar das famílias necessitadas da paróquia ou do catecismo para os moços.

Ainda jovem é guiada espiritualmente pelo padre estigmatino Gradinati,² homem de grande espírito e famoso confessor. Sob a direção desse religioso leva uma vida totalmente dedicada a Deus e ao bem do próximo, como o atesta ela mesma nos escritos de 1901: *“Lembro do meu Reverendo pai espiritual Gradinati. Ele me disse: ‘Vive alegremente, que o Senhor te trabalha muito; fico feliz e estou contente, e todas aquelas penas pelas quais estás passando são os efeitos da virgindade, pois esta traz martírio, sendo que o demônio tem inveja da boa sorte que o Senhor te deu; um dia, da vitória que alcançaste, obterás um grande mérito. E se a muitas o bom Jesus não permite provar essas penas é porque a elas não concedeu a graça grande que concedeu a ti. Acredite, ó filha, que nada eu posso fazer por ti sem Deus, e se ele permite que eu parta é sinal de que não sou mais necessário a ti; aliás, permite esta circunstância porque quer que tu confies inteiramente nele, que o ames muito e sejas desapegada de tudo. [...] Tu és como uma pluma, mas as plumas são brancas, voam com a simplicidade de*

² Pe. Paulo Gradinati nasce em Verona (Santo Stefano) em 15 de janeiro de 1855; tendo entrado na congregação dos Estigmatinos em 7 de maio de 1870, emite a profissão perpétua como estigmatino no dia 29 de junho de 1873; é ordenado sacerdote em 19 de janeiro de 1879. Foi professor de italiano e de latim no ginásio-liceu dos Estigmatinos e por dois anos no seminário diocesano. Foi também diretor espiritual e mestre de noviços por vários anos. Dedicou-se à assistência na escola feminina San Fermo Maggiore. Morre no dia 2 de junho de 1907. Foi diretor espiritual também de Elena Da Persico, cf. n. 31 do c. 1.

uma pomba. A tua alma é tão branca que se tu a visses, morrerias. No paraíso cantarás um cântico todo teu pelo santo temor que em ti o Senhor colocou. O Senhor te quer muito bem, e se te mantiveres pequena e humilde, ele fará grandes coisas por ti. O Senhor sempre te amou muito porque te preservou de muitas coisas que, pela tua malícia, terias podido cometer. E também te deu muitas graças. Tu, agora, não as reconheces, mas eu, sim, eu as reconheço. Todas aquelas tentações são todas folhas com as quais enfeitas o lírio da pureza, que está rodeado de espinho, que são as pequenas amarguras que experimentas, e estas serão para ti ocasião de grande mérito, pois é um sofrimento prová-las; pecados não cometes, fica tranquila, não diga nada aos outros e pouco a mim; apenas o que basta para obter [...] conselho. Mantém, como disse São Francisco, os olhos na terra e o coração no céu”.

Durante os exercícios espirituais de 1901 nas Filhas do Sagrado Coração de Brescia, num diálogo entre ela e o Senhor: *“Fui, sim, ingrata, ao viver por longos anos fria do teu amor, perdida nas criaturas, desejosa apenas de agradar a elas. Mas que devo eu fazer, ó meu Esposo, para compensar-te de tanta covardia? Filha, escuto dizer-me ao coração: esquece o passado, porque eu cobri tudo com um véu; pensa só no presente, te preocupa, ó filha, em reparar os ultrajes que eu recebo de tantas criaturas, a frieza com a qual me tratam, o esquecimento no qual colocam a mim e a todas as coisas minhas. Seja fervorosa, seja paciente, seja humilde, sofra, cale, ore e ame. Queres me dar uma grande consolação? ... Salva as almas que eu te indicar, faze guerra ao demônio, que é o teu grande inimigo e continuamente declara guerra a ti porque procuras me amar; coragem, não precisas mais procurar nada; eu te quero no mundo para defender a minha causa; seja a apóstola da tua cidade, das famílias que deves servir, da juventude que eu te entregarei nas mãos, dos teus parentes e sobrinhos. Sim, eu te abençoo, ó filha minha, porque vejo em ti, e isso só pela minha bondade, a disposição de tudo observar. Te abençoa comigo a tua Mãe Maria, que tanto te ama, porque és querida ao meu coração divino. Interceda sempre por ti Santa Ângela Mérici, que te quer a ela associada, para combater com todas as tuas forças a infidelidade dos teus tempos. Sê heroicamente forte, sê de ânimo livre, afronta com amor as zombarias, os desprezos, os contrastes, o sofrer, e uma coroa gloriosa, envolta pela auréola de virgindade e de martírio, te espera lá em cima”.*

Esse diálogo interior com o Senhor revela a inclinação a escolher uma vida dedicada aos outros. Guiada pelo Pe. Gradinati ela se prepara à vida consagrada como

secular. Entra, assim, na Companhia das Filhas de Santa Ângela Merici³ no dia 27 de setembro de 1904, tornando-se ursulina externa.⁴

Na carta enviada à Madre das Filhas de Santa Ângela Merici, com data de 27 de setembro de 1904, escreve: *“Eis chegado o dia, que depois do dia da Primeira Comunhão é o mais belo da minha vida. O que posso lhe dizer num momento tão feliz? Nada mais posso lhe dizer a não ser que sinto o grande desejo de tornar-me santa e de trabalhar pela glória de Deus e pelo bem da nossa querida Companhia. Espero que não se arrependa de ter me escolhido como filha, porque a obediência e a submissão não são pesadas para mim; pelo contrário, na direção destas sinto-me irresistivelmente levada. Ótima Superiora, amanhã de manhã, quando celebrarei as minhas núpcias com Jesus, eu lhe pedirei que o nosso Instituto seja florescente, seja atendido em suas tão*

³ Santa Ângela Mérici nasce em Desenzano (Brescia) em 1475 e morre em 1540, em Brescia. A fim de responder a um chamado interior de consagrar-se como virgem permanecendo no século, passa a pertencer à ordem terceira franciscana; mantém-se em contato com o apostolado dos Irmãos do Divino Amor, de Roma, em vista da reforma da Igreja, com o duque Francisco II Sforza, seu filho espiritual; segue em peregrinação a Roma e à Terra Santa. Está atenta aos pobres, de modo particular às jovens pobres ameaçadas pela sífilis, difundida pelos soldados franceses de Carlos V. Juntamente com Elisabete Prato funda a Companhia de Santa Úrsula, que obtém aprovação episcopal em 1536 e papal em 1544. Elabora uma regra de vida para mulheres que desejam viver como consagradas, mas não em mosteiros de clausura. Assim elas podem continuar a viver em família, protegidas, sem pronunciar votos, mas comprometendo-se a seguir Cristo na virgindade, pobreza e obediência. O ideal é o das virgens cristãs da igreja primitiva e o seu senso do martírio. Deve-se lembrar que naquele tempo, salvo raríssimas exceções, além de viver num estado de espantosa ignorância, a mulher tinha dificuldades para encontrar a sua própria colocação numa sociedade monopolizada pela componente masculina, de tal forma que os únicos papéis reconhecidos a elas eram os de esposa-mãe ou monja. As núbeis e as mulheres que não conseguiam, por várias razões, inserir-se nas classes “esposa” ou “monja” eram relegadas numa espécie de limbo, privadas de qualquer reconhecimento humano. Apesar das atitudes de misoginia no mundo católico, de suspeição e de desconfiança em relação à mulher, Ângela Mérici, animada por um abandono total e místico a Deus, bem como por uma original interpretação da mensagem evangélica, assume para si a tarefa de se ocupar de mulheres que optaram por não se casar nem entrar num convento, ajudando-as a encontrar a sua própria dignidade através de uma nova forma de consagração que consiste em viver do seu próprio trabalho, imersas na oração para a si e pelos outros, servindo ao próximo. No cap. IX da *Regra* coloca-se, como fundamento da virgindade, o *“voluntário sacrifício da Deus do próprio coração”*. No cap. X, em que se fala da pobreza, cita-se Mt 6,25. No cap. V da *Regra* a oração é apresentada como oração mental, porque a jovem deve cumprir o seu trabalho. No cap. VIII fala-se da obediência às regras da santa Igreja, aos pais, ao estado e, enfim, frisa-se: *“Sobretudo obedecer aos conselhos e às aspirações que continuamente são suscitadas pelo Espírito Santo”*. Para um perfil particularmente do ponto de vista pedagógico, veja-se: VIVO, F. DE. *Angela Merici*. In: LAENG, M. (Org.). *Enciclopedia Pedagogica*. v. IV. Brescia: La Scuola, 1990. pp. 7604-7607; além disso, as páginas dedicadas a Ângela Merici em E. BUTTURINI. *Una fede operosa*. Fondatori ed educatori a Verona e dintorni nel secondo Ottocento. Verona: Casa Editrice Mazziana, 1997. pp. 67-78. Destaca-se também: MARGONI, A. *Angela Merici, l'intuizione della spiritualità secolare*. Catanzaro: 2000. pp. 37-76 e 79-85.

⁴ O termo “Companhia” indica a fraternidade de um conjunto de pessoas estreita e livremente unidas no espírito, sem compromisso de vida comunitária. A Companhia de Santa Úrsula, fundada no séc. XVI pela bresciana Ângela Mérici, tem uma gloriosa história e uma evolução pluriforme; duramente atacada pela revolução francesa, na Itália acaba sendo suprimida no ano de 1810 pelas leis napoleônicas. Ao longo do séc. XIX a Companhia registra uma retomada inspirada naquela que se considera a fórmula originária de vida consagrada. O surgimento da Companhia, autorizada com a aprovação da *Regra*, efetivamente confere à mulher núbil uma posição toda própria na Igreja. Esse novo *status* subtrai a mulher da submissão completa na qual esta fora mantida por séculos pelo marido, pelo pai de família ou pela autoridade religiosa no convento.

inadiáveis necessidades, e que nós todas tenhamos o verdadeiro espírito da nossa Santa Mãe, espírito de caridade, de obediência, de humildade, de pobreza e de doçura, a fim de que possamos prestar ajuda e conforto à Igreja e à religião. À senhora, além disso, peço-lhe que reze muito por mim, para que eu consiga combater as minhas más inclinações. Ali eu desejo me tornar santa, e para isso nada negarei ao Senhor, nem aos meus Superiores. Com o auxílio divino nenhum sacrifício me fará voltar atrás! Um simples aceno, daquilo que Deus quer, será suficiente⁵ para prontamente obedecer. Peço-lhe que me perdoe, se não alcancei aquele proveito na virtude que seria desejado; com a ajuda do meu esposo Jesus o conseguirei no futuro. Agradeço-lhe pelo bem que continuamente me faz; Deus bendito a recompense com os seus dons, com a sua bênção. Ele lhe dê o cêntuplo no céu. Enquanto isso, que Ele a conserve muitos anos para o nosso bem, e para o nosso amor, coroando-a depois com uma morte santa”.

Pode-se conjecturar que Ângela, já naqueles anos, conheça o Pe. Calábria por morar na paróquia da catedral. Certamente deve tê-lo encontrado quando, ainda jovem padre, em 1901, acompanhado de sua mãe, de sua irmã Teresa e da filha dela, ele vai morar na Rua Fontanelle, nº 1, onde, depois de algum tempo, veio morar também a senhora Masina,⁶ que fica encarregada de acompanhar os primeiros meninos. Mas o motivo que leva Angelina De Battisti a confiar-se ao Pe. Calábria é a doença do seu pai espiritual, Pe. Gradinati, cujo estado de saúde torna-se cada vez mais frágil,⁷ tanto que um dia ela mesma lhe pede: “Pai, sinto que o senhor logo me abandonará para ir para o Paraíso; e eu, a quem devo confiar-me?” Depois de um momento de reflexão, responde-lhe: “O primeiro nome que o Senhor fizer vir à tua mente será o nome daquele que deverá guiar-te”. Angelina lembra imediatamente do nome do “Pe. Calábria”; e ele, concordando, disse: “Faze tudo o que ele te disser”. Foi assim que aos poucos, depois do falecimento do Pe. Gradinati, Angelina De Battisti coloca-se nas mãos do Pe. João. No ano seguinte, no dia 17 de abril de 1910, abandonando tudo, aos 49 anos, decide colocar-se à disposição do Pai e a serviço dos Buoni Fanciulli, indo morar na pequena casinha de San Giovanni in Valle, que antes havia sido ocupada pelas Irmãs da Misericórdia.

Angelina começa assim um novo capítulo da sua existência pessoal com grande entusiasmo e se doa com plena disponibilidade a Deus, aderindo à sua vontade e

⁵ O termo usado no original é “bastevole”, e significa “será suficiente, bastará”.

⁶ Veja-se a n. 10, c. 2.

⁷ Trata-se de uma tuberculose traqueal, que o leva lentamente à morte.

consagrando-se na Casa Buoni Fanciulli. Em seu testamento espiritual, escrito em 22 de março de 1914, podem-se compreender as motivações que a impeliram a uma escolha tão radical e aparentemente sem futuro, uma loucura aos olhos do mundo.

O Pai procura convencer uma pobre velhinha, Masina, que ficou sozinha em San Benedetto al Monte, depois da morte de sua mãe, a ir morar com a Angelina De Battisti, mas não tem jeito, não quer nem saber. De vez em quando o Pai lhe renova o convite: “*Masina, não queres mesmo vir morar em San Zeno in Monte?*”, ao que ela responde: “*Eu não, meu querido, de jeito nenhum. Eu sob as ordens da Angelina De Battisti? Eu não, querido! E se me levares para cima, eu me rolo para baixo*”.⁸

Nos primeiros tempos, antes da entrada de Maria Galbusera, Angelina De Battisti foi colocada na direção da comunidade das Irmãs. Na casa do Santíssimo Redentor de Este ela se ocupa da recepção, alternando-se com a Irmã Gabriela.

Uma forte espiritualidade, buscada em Santa Ângela Merici, acompanhou-a por toda a sua vida, caracterizada pela humildade e pelo escondimento aos olhos do mundo, para ser fermento e força, tanto que nada a angustia: nem vestir o hábito religioso, nem deixar de usá-lo, pois o importante para ela é cumprir a vontade do Senhor. E é justamente por isso que o Pe. Calábria lhe escreve em 1923, respondendo às suas dúvidas, quando está para ser fechada a Casa de Este: “*Irmã Vincenzina (Ângela De Battisti), recomendo-lhe que continue a amar e servir Jesus, que tanto a ama. Fique tranquila, o hábito você deixou de usar por vontade de Deus, e o hábito atual não tem nenhum valor. Prepare-se, isso sim, com fé, humildade e caridade, para a nova reorganização da Casa; enquanto isso, reze, e reze*”.

A simplicidade de espírito de Angelina De Battisti se traduz também na linguagem, caracterizada por um sabor evangélico e suave, como o recorda o Pe. Pedrollo: “*Aquilo que ressaltava nela era a sua retidão, o zelo pelo bem das almas, a sua pureza realmente angelical*”. De tudo, inclusive daquilo que era mais insignificante, sabia extrair o bem pelas almas; em todos via o Senhor e a todos procurava aproximar à virtude. De fato, quando “*encontrava esta ou aquela pessoa, com toda afabilidade se aproximava e começava a falar: ‘Lembre-se que estamos nos aproximando da santa Páscoa’, ou ‘Estamos na novena de Nossa Senhora’*”. E o efeito

⁸ Eis o convite do Pe. Calábria e a resposta de Masina, na versão original, em dialeto: “*‘Masina, vienla a star a San Zen in Monte?’ – ‘Mi no, caro, che no’ vegno. Mi star soto all’Angelina De Battisti? Mi no, caro! E se te me porti su, mi me rùgolo zò’*”. Provavelmente a resposta baseia-se no fato de que Masina, mesmo tendo grande afeto pelo Pe. Calábria, quer resguardar sua liberdade. Cf. O. FOFFANO. *Don Giovanni Calabria*. Milano: Casa Buoni Fanciulli, 1981. p. 168.

das suas exortações era surpreendente. Lembro ter ouvido de alguém: ‘Deve saber que quando me aproximo daquela doninha me sinto impulsionado a fazer o bem’”.

Manifesta a sua caridade para com Deus e pelo próximo com um insaciável desejo de fazer o bem às almas, a fim de conquistá-las para Deus. *“Ela tinha um modo de agir que conquistava todos e que a levou a operar conversões”*. No tempo em que esteve no Santuário de Madonna di Campagna, saindo para fazer compras, encontrava-se frequentemente com um senhor, morador do local, que todos consideravam não praticante e uma pessoa muito avara. Ela, vindo a saber disso, toda vez que o encontrava o saudava com simplicidade e deferência, e com seu jeitinho lhe dizia: *“Rezei uma Ave-Maria pelo senhor, rezei muito a Nossa Senhora pelo senhor”*. Multiplicando também as orações e as mortificações, consegue conquistá-lo para o Senhor em seu leito de morte.

Fica encarregada de fazer as compras porque consegue trazer para casa tudo o que precisa sem gastar nada. Quando, nas grandes festas, os estudantes vêm cantar, para poder oferecer-lhes algo ela vai para as lojas e volta para casa com chocolates e com outras coisas mais, tendo os meninos como ajudantes para carregar os pacotes.

Tem uma memória de ferro: lembra cada uma das leituras espirituais. Ressaltam nela o espírito de sacrifício, de abandono, a grande humildade, piedade e caridade pelas Irmãs, que ama muito. Observa com fidelidade as santas *Regras*. Devota ao Pai, à cuja obediência cega submete-se escrupulosamente, é assim lembrada pelo Pe. Luiz Pedrollo: *“Deu-nos um exemplo vivo de submissão ao Pai; nEle via o Senhor. Dizia-me: ‘Recomendo-lhe que sempre obedeça ao Pai, que não tenha dúvidas; o senhor vê como tudo o que ele diz acontece’. A fé na Providência era algo de grande”*. Em seu leito de morte dirige-lhe estas palavras: *“Irmã, lembre-se que tudo é nada; sirva ao Senhor sem pensar em nada, pois o Senhor mesmo vai pensar em tudo”*.

Além disso, *“era algo de grandioso o seu amor pela oração; continuamente ela rezava, e não só com a oração vocal, mas se mantinha em contínua comunicação com o Senhor. Todas as coisas, mesmo a mais insignificante, ela sabia conduzi-la para o bem, para a vontade do Senhor”*.

Todos esses dons faziam dela o retrato de uma Pobre Serva realmente exemplar.

Descrevendo o nascimento das Irmãs e fazendo referência à Irmã Vincenzina, o Pe. Calábria lembra: *“Assim a Providência enviou a primeira boa mulher, uma santa mulher, posso dizer, que se doou totalmente à Obra, nada mais pedindo do que*

trabalhar e sacrificar-se, esquecida de si mesma e do seu futuro, inteiramente abandonada em Deus e às suas divinas disposições”.

Ela faleceu na Casa de Madonna di Campanha no dia 8 de setembro de 1929. As pessoas do local tinham veneração por ela, tanto que quiseram que ela fosse sepultada no cemitério de San Michele e não no de Verona.

Em síntese, a sua biografia pode ser assim descrita: *“Angelina De Battisti, com sua fé, soube ver a vontade do Pai celestial através das necessidades dos meninos órfãos e abandonados. Ao ser chamada, pronunciou o seu sim generoso; dedicou-se totalmente aos ofícios mais humildes, ignorando ser ela a ‘semente’ que o espírito de Deus lançava no jardim da Igreja para dela fazer uma planta nova, com ramificações distintas das já existentes.*

*O nosso santo Fundador, revestido pelo carisma do Espírito Santo, precisou fecundar com amargas lágrimas e sofrimentos este novo rebento, brotado do costado de Cristo e chamado a ser um sinal visível, um testemunho de amor do Evangelho no mundo”.*⁹

TESTAMENTO ESPIRITUAL – 22 DE MARÇO DE 1914

“Na divina presença, juntamente com minha querida Mãe Maria, com meu santo Anjo da Guarda e com meus Santos Advogados, ponho-me a escrever minhas últimas vontades.

Desejo morrer como, quando e do modo que Jesus quiser. Feliz em ocupar o último lugar desta santa Casa, que é desconhecida de todos e por todos esquecida, mas rica e adornada por grandes virtudes; e isso para quebrar os chifres do diabo e sufocar¹⁰ o meu amor próprio, que gostaria que fosse exatamente o contrário. Deus meu, quanto preciso rebaixar a mim mesma! Para reparar à minha grande soberba, eu gostaria de morrer (como a minha santa mãe Santa Ângela) sobre uma esteira, bendizendo as minhas dores, os meus sofrimentos e humilhações, que me fazem conquistar tantas pérolas para o céu. Bendizendo a Deus, que imensas graças me concedeu, e a esta Casa, que embora indigna me acolheu, ofereço desde já ao Senhor a minha vida pelas minhas queridas Irmãs, pelos pobres pecadores, pelos sacerdotes,

⁹ TIBALDO, G. *Lettera alle Sorelle*, 12 aprile 1970, AHPSaDP, f. IV Capitolo 1975 A, c. *Circolari I dal 9/7/1969 al 7/3/1973*.

¹⁰ Usa-se, no original, o termo “rintuzzare”, com o significado de “afastar com decisão, sufocar”.

pelo Papa, pelos meus entes queridos, mas acima de tudo por Aquele que Jesus escolheu como instrumento para esta Casa e que tanto me ajudou para que eu pudesse conhecer e cumprir a vontade do Senhor, e também Aquele que me servirá de guia nos meus últimos instantes. Os meus funerais, quero que sejam realizados pobremente. Carro de pobres, sem cortejo, sem flores, sem discursos, sem músicas, a fim de que a alma minha possa experimentar a harmonia divina. Sem lápide, sem epígrafe. Se, todavia, a Casa quiser adquirir uma para reunir todas as Irmãs, remeto-me à vontade dos Superiores.

Agradeço o meu Superior e Pai por tudo aquilo que ele fez e sofreu pela minha pobre alma, e como sempre o lembrei aqui na terra mais ainda intercederei por Ele do céu. Caríssimas Irmãs, a negação da nossa vontade, o rebaixamento de nós mesmas, nos fará caminhar velozmente rumo à perfeição. Pratiquemos, portanto, essas duas virtudes, e a nossa santificação estará garantida.

Em tudo quero que seja feita a santa vontade de Deus. Peço a caridade de avisar os meus entes queridos da minha morte, recomendando-lhes que rezem por mim e que sempre continuem apegados à nossa santa religião.

Recomendo fortemente a minha alma às orações da comunidade. Ó, Casa Santa, que me fazes alcançar a minha eterna felicidade, que sejas abençoada.

Seja louvado Jesus Cristo.

Ângela De Battisti – Irmã da Pequena Casa de Nazaré”.

Lavinia Julia Maria Perez (1863-1918)

Nasce em Verona em 10 de junho de 1863, no Palácio da família dos condes Perez, na Rua Leoncino, 11, sétima de nove filhos.

Recebe sua primeira formação em casa e a seguir no Colégio “Agli Angeli”,¹¹ de Verona, no qual as meninas da nobreza eram educadas conforme os ditames da época. Juntamente com sua irmã Maria, veste-se segundo os últimos modelos da moda francesa, mesmo mantendo uma elegância sóbria, em linha com as suas convicções morais cristãs. Progressivamente torna-se sempre mais participante das atividades de vida pública da família, acompanhada dos seus irmãos e irmãs.

¹¹ Sobre o “Educandato Agli Angeli”, veja-se a n. 1, c. 1.

A formação moral recebida em família se deve aos seus pais, ambos cristãos e fiéis aos ensinamentos do Pe. Paulo Perez,¹² rosminiano, irmão do pai, o conde Antônio,¹³ o qual, em suas numerosas cartas escritas aos familiares, sempre lembra que “*a importância de amar a Deus acima de todas as coisas é o verdadeiro tesouro*”. Como exigem os costumes daquele tempo, os Perez são todos comprometidos em participar das recepções em Verona, dos círculos e das manifestações cívicas, dependendo do grau e da influência. Por escolha, excluem algumas atividades que não consideram em sintonia com os seus próprios princípios de fé, como, por exemplo, os recitais públicos e o teatro. Uma das atividades principais do ramo feminino da família Perez é o de ajudar a tia materna Lavinia Da Lisca¹⁴ em suas obras de caridade na Paróquia dos Santos Apóstolos, cujo pároco é o Pe. Luiz Giacomelli. A condessa Lavinia Da Lisca consegue polarizar ao seu redor os grandes nomes da aristocracia de Verona, enquanto que, com seu ânimo contemplativo, fé profunda e caridade sem limites, influencia profundamente os sobrinhos: Francisco, Lavinia e Maria. Essa sensibilidade pelas várias formas de pobreza permanece sendo uma das características que Francisco aprende e que passa, sem querer, também para a sua irmã Lavinia.

O pai de Lavinia morre em 1890 e, no dia 2 de agosto de 1896, também a mãe vem a falecer. Lavinia e Maria se retiram da vida social cada vez mais, alternando sua vida entre Verona, onde vivem, no térreo do Palácio Pompei Perez, na Rua Cavour, nº 42, e Zevio, onde têm propriedades. Os bens da família são administrados pelo irmão Francisco, que é também assessor da pública beneficência e presidente da Congregação

¹² POMELLO, A. *Paolo Perez prete dell'Ordine della Carità*. Verona: Civelli, 1902. pp. 31, 55 e 72-73. Pe. Paulo Perez (1822-1879), quinto filho de João Batista Perez, foi professor, poeta, escritor e sacerdote rosminiano, dedicando-se à educação dos jovens estudantes e, ao mesmo tempo, sendo muito culto. É assim definido por Carducci: “*Foi grande filósofo católico, refugiando-se das delações e da tirania austríaca e salvando-se na teologia, tendo composto o mais lindo comentário de ciência escolástica e eclesiástica que se conheça na Itália*”. Além disso, Paulo era muito ligado ao seu irmão Antônio, tanto que exerceu grande influência sobre a formação dos seus filhos.

¹³ No interior da sociedade de Verona o pai Antônio desempenhou encargos públicos de primeiro nível: foi prefeito de Zevio (cf. C. BOSCHAGIN. *Una nobiltà a servizio dei poveri Fr. Francesco dei Conti Perez*. Verona: Opera don Calabria, 1980. pp. 89-90); em janeiro de 1871 foi também deputado no parlamento italiano (cf. L. SORMANI MORETTI. *La provincia di Verona: monografia statistica, economica, amministrativa*. v. III. Firenze: Leo S. Olschki ed., 1904. p. 60).

¹⁴ A figura da tia materna, Lavinia Da Lisca, foi assim delineada na homilia proferida no funeral: “*Como da nobreza da sua linhagem extraiu estímulos potentes para fazer o bem, da mesma forma viu na riqueza um meio providencial para voltar-se ao socorro da grande família de infelizes. A sua caridade era guardada no silêncio, alimentada pelo sacrifício... Criada na vigilante sapiência do nosso veneradíssimo cardeal, diretora das pobres Penitentes, trabalhou com afeto generoso e paciente para o incremento moral e material da casa de refúgio às traídas pela famélica miséria e pela suja opulência; jamais deixou de lhes prestar os seus mais destacados serviços a não ser quando a isso foi obrigada pelo peso dos seus oitenta e cinco anos... Ao me encontrar pelo caminho ou acolhendo-me no seu tático quartinho, a sua primeira palavra era esta: como estão as meninas? E a última: saudações às nossas meninas...*” (GIACOMELLI, L. *Omelia di Lavinia Da Lisca*, 29 ottobre 1898).

de Caridade, dentre outras entidades conexas, ao passo que Lavinia e sua irmã Maria por vários anos desempenham funções de inspetoras escolares nas escolas elementares femininas administradas pelo município de Zevio.

Em 1892 chega a Verona o carmelita descalço Pe. Natal de Jesus, que bem depressa se torna o diretor espiritual não só de Francisco, mas de toda a família Perez e Da Lisca. Sob a direção espiritual do Pe. Natal, o irmão Francisco chega à decisão de deixar tudo para dedicar-se totalmente ao serviço dos pobres com o Pe. Calábria, do qual é sempre mais amigo e para junto do qual, em agosto de 1909, se transfere, passando a morar definitivamente em San Zeno in Monte. Essa escolha, para Lavinia, foi como a explosão de um raio em céu sereno. Inicialmente ela ficou enfurecida, e seguida pela irmã Maria acusou-o de trair os sãos princípios da família e de dilapidar os bens herdados. Para evitar que a herança passasse para outras mãos Lavinia e Maria decidiram adquirir elas mesmas os bens postos à venda por Francisco, lamentando que ele não tenha entendido que poderia fazer o bem do mesmo jeito, permanecendo no mundo como elas o fazem.

Lavinia, particularmente, não se dá paz. Francisco é de natureza delicada, de saúde precária e frequentemente está sujeito a gripes ou complicações bronco-pulmonares, das quais havia sofrido em sua juventude. Portanto, ela suplica à senhora Carlotta Fabbro, guardiã do Palácio Perez e à qual o Pe. Calábria professa estima e devoção como a uma mãe, para que faça com que os filhos, Pe. Emilio e Antonio, defendam o retorno de Francisco ao convívio doméstico. Além do mais, ela está convencida de que o seu irmão não chegou espontaneamente àquela decisão, mas que o fez por pressões externas, por um conselho errôneo, por uma sugestão temerária; decisão da qual o Pe. Calábria não pode ser estranho. Enfim, decide ir ela mesma até este último para manifestar toda a sua reprovação e protestar formalmente, em nome de toda a família Perez, contra aquilo que o seu irmão armou, bem como tentar dissuadi-lo. Durante a conversação, ao longo da qual Lavinia manifesta as suas queixas, o Pe. João lhe confia que vê a condessa Perez entrar na Obra, da mesma forma que o seu irmão Francisco. Ela o interrompe prontamente e, quase indignada, reage de forma decidida afirmando que isso jamais acontecerá! Depois disso, com ar cortês mas contido, se despede.¹⁵ O encontro deixa Lavinia muito amargurada; e com o passar do tempo ela se

¹⁵ O episódio é descrito in ADAMI, L. *Don Giovanni Calabria: Vitae editio prior, vitae editio altera*. In: *Fonti calabriane, serie seconda: Scritti editi ed inediti di Poveri Servi della Divina*

torna sempre mais sofrida, até cair num estado de esgotamento físico que ameaça seriamente a sua saúde; então ela se retira para o interior, declinando de todos os convites mundanos que havia recebido. Mostra-se cansada e deprimida na carta que envia à sua amiga no dia 6 de agosto de 1909: *“Caríssima Ana, recebi outro dia em Illasi a tua carta; e como estávamos de partida para Verona, demorei um pouco para te responder. Agradeço-te sobretudo pelos detalhes que me forneces sobre o teu alojamento, te agradeço por teres ido ver o quatinho livre e de ter feito isso para me dar uma descrição precisa, inventariando todos os móveis. Se eu fosse me mudar teria vontade de cair perto de boas criaturas como vocês; mas não penso absolutamente nisso.*

Tenho estado muito na campanha; neste outono vou ficar hospedada em Illasi, de modo que desejo ficar bem tranquila neste mês, na cidade.

Se eu tivesse uma grande energia daria um escapadinha e viria para surpreendê-las em sua vida alpestre. Parece-me que vocês estão em boa companhia. Espero que vocês também estejam bem. Quando vocês estão na cidade fazem muitas coisas lindas: o Senhor as segue com o seu olhar amoroso.

Não tenho visto ninguém, e amanhã, na sala, coisa rara, o teu lugar estará vazio. O tempo refrescou, acho que em Asiago estejam começando as famosas chuvas. Espero que ao menos aí o tempo esteja bom”.

Lavina confia ao seu confessor e diretor espiritual, Pe. Natal de Jesus, que ficou perturbada no encontro com o Pe. Calábria e que não consegue mais encontrar a paz. Visto o estado de esgotamento físico no qual Lavinia se encontra, Pe. Natal lhe sugere passar um período de repouso junto à senhora Ângela De Battisti, na espera de que se manifeste a vontade de Deus. Inicialmente previsto para uma semana, tal período acaba se prolongando por mais de um mês. Em pouco tempo reencontra a serenidade perdida, entende a escolha do irmão Francisco e decide partilhá-la, na certeza de que Deus chama ela também. Um ano depois, no outono de 1910, Lavinia sobe novamente a San Zeno in Monte para se apresentar ao Pe. Calábria e manifestar-lhe o seu pedido: *“Pai, peço para ser acolhida, na caridade, na Obra”*. Pe. Calábria quer uma prova: *“Condessinha, preciso que me faça um favor. Gostaria que a senhora fosse para a Praça Brà comprasse uma vassoura e me trouxesse, passando pela Rua Nova”*. Ressalte-se que a Praça Brà é uma das áreas centrais da vida de Verona. Passar por

Provvidenza (período 1907-1954). v. II-III. Verona: Edizioni Centro di Cultura e Spiritualità Calabriana, 2005. p. 167 e também in FOFFANO, O. *Don Giovanni Calabria*, op. cit., pp. 169-170.

aqueles lugares com uma vassoura debaixo do braço significa expor-se, tornar-se objeto de zombaria e de gozação, ainda mais que Lavinia, por pertencer à nobreza, é conhecida por todos. Acolhendo a vontade de Deus, ela entra na Obra no dia 14 de outubro de 1910, aos 47 anos de idade. Admite *“nunca ter sido tão feliz e ter gozado de tanta saúde como quando entrou na Casa”*.

Lavinia recupera a serenidade, tanto que em 3 de novembro o Pe. Natal lhe responde: *“Condessa, faz tempo que eu a recomendo ao bom Jesus para que ele manifeste a sua divina vontade a respeito do seu futuro; mas fiz isso especialmente nestes dias, no grande sacrifício da missa, e agora lhe manifesto aquilo que sinto que devo lhe dizer no Senhor.*

Nem o Pe. Calábria, nem eu, nem nenhum outro a mandaram para esta Casa da divina Providência, mas para cá¹⁶ a senhora veio voluntariamente, ou melhor, conduzida pela divina graça. A senhora veio aqui por dois ou três dias, porque temia não aguentar, devido à sua precária saúde, e deste modo veio, não para permanecer, para fazer um pouco de exercícios espirituais; e agora já se passou um mês. Apesar de estar privada de todas as comodidades que tinha em casa, aqui, nesta Casa de Deus, não só se encontra bem, mas melhorou sua saúde. Além disso, Jesus começou a fazê-la sentir aquela paz celestial à qual o Apóstolo se refere: ‘Paz de Deus, que supera toda inteligência’.

Essa paz, ademais, que Jesus começou fazê-la degustar, ele sempre mais a aumentará conforme a generosidade com a qual a senhora o seguir, até verificar-se aquilo que afirma o salmista: ‘serão inebriados pela opulência da sua casa, e da torrente das suas delícias lhes darás de beber’”.

E prossegue o Pe. Natal: *“Por tudo isso a senhora pode aplicar a si mesma aquelas palavras consoladoras que Jesus disse aos seus apóstolos: ‘Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi’. Sim, não foi a condessinha Lavinia Perez que escolheu Jesus como esposo da sua alma, mas foi Jesus, que por um traço da sua infinita misericórdia, escolheu a alma da sua Lavinia por sua diletta esposa. Qual graça, qual amor de predileção não é este, que Jesus lhe manifestou! E quanto ao seu futuro, creio que tenha chegado o momento propício, aos pés de Jesus crucificado, que torne sua a oração do salmista: ‘Como são amáveis os teus sacrários, ó Senhor dos exércitos! A minha alma se consome pelo desejo da sua casa. O meu coração e a minha*

¹⁶ No original usa-se, para o significado de “aqui”, o termo “costi”.

carne exultam em Deus vivo. Assim como o pássaro encontra uma casa e a pomba rola um ninho. Felizes aqueles que moram na tua casa, ó Senhor, pois te louvarão eternamente'. E com uma generosa, firme e resoluta vontade, conclua: 'Escolhi ser desprezível na paz pelos séculos; aqui eu habitarei, porque fui escolhida'. E para que seja perseverante no adeus que está por dar ao mundo para sempre e a todas as suas vaidades, bem como na consagração que está por fazer de toda si mesma a Jesus, tudo isso seja unicamente por amor a Deus, excluindo e despojando-se de toda consideração e afeto pelo Pe. João Calábria. Jesus tudo abençoe e com um raio da sua divina graça torne eterna a sua consagração”.

A sobrinha Clara Perez em Sagramoso, escreve: *“Lembro da tia Lavinia, sempre serena, gentil, desenvolta. Comigo muito querida nas brincadeiras e no fazer-me companhia nos longos dias de outono, que costumava passar conosco em Illasi. Muito piedosa, ela ia à santa missa diariamente e todos juntos costumávamos recitar o terço no mês de outubro.*

Fazia frequentemente lindas viagens com as amigas prediletas: a condessa Balladoro e a condessa Cartolari De Senneti. Amava também fazer visitas e tinha uma elegância muito apurada.

Foi para todos uma surpresa a sua decisão de retirar-se do mundo para tomar parte ativa na Casa Buoni Fanciulli”.

Dentre os escritos que remontam aos primeiros tempos transcorridos na Casinha, presumivelmente de 1912, eis as seguintes anotações: *“2 de janeiro. Pequena Casa de Nazaré. Estamos no final do ano – reflexões e propósitos.*

Ter acabado o ano quer dizer ter empregado, para o nosso uso, um bom tempo. Esse foi um grande benefício de Deus, um tempo precioso, porque cada hora é preciosa. Deus meu! Ilumina a minha cegueira, inclusive neste momento! Os momentos de um pouco de luz são raros! Quantas coisas ainda nos restam para ver! Se tivéssemos rezado todo o tempo que o Senhor me deu, como Ele queria, ó, tenho certeza de que haveria luz. É um presente que Ele guarda prontinho para me dar se eu conseguir romper as minhas correntes. Todo dia me fez ouvir a sua voz, às vezes em raros momentos. Toda manhã me faz sentir que o dia é seu, como bom Pai, que precisamos esperar tudo dEle (fico sentida quando não noto esse sentimento pela manhã), depois nos instrui com a meditação. Somos cinco cabecinhas atentas àquilo que o Senhor diz. Também este é um momento em que, agora, me sinto feliz se encontro algo fácil para a

minha mente e que me leva a alguma boa reflexão; mas às vezes me parece ter sepultado tudo no nada, mesmo tendo colocado muita atenção.

Depois o Senhor nos prepara a graça da sua visita, e com esta o perdão, a força para todo o dia; e passam depressa esses momentos, e eu não saberia nem sequer dar-me conta daquilo que eu disse ao Senhor. Começa-se o dia com boa vontade depois desta santa visita; veem-se as ocasiões de mérito; o nosso caminho especial, no qual Ele quer nos fazer progredir; aquele caminho que, se Jesus não quiser e não mereço ouvir, é-me ensinado pelos meus Superiores. Para mim, o senhor sabe, Pai, é o caminho do escondimento. Vejo que é um lindo caminho, este; mas lhe garanto que dele estou longe. Ao Senhor não bastam essas primeiras graças do dia: o diabo me faz estragar o trabalho de tantas pequenas ocasiões; estão aí, prontas, e eu as estrago. O Senhor nos trabalha todo o dia: com a leitura de uma página santa; com o exemplo dos santos; agora nos mantêm preparados um exemplo, um conforto, um pensamento, uma recreação quando dela precisamos. E assim em todos os dias deste ano. E à noite, quando fecho o meu dia, me parece ter sido tão fria com Ele. Desfrutei dos seus benefícios; ele os deu a mim de um modo especial nesta Casa; aqui nos diz que não temamos, porque é Ele quem pensa em nós; que para gozar da verdadeira felicidade é preciso amá-lo. Deveríamos ter dificuldades para entrar neste reino de amor? Para oferecer com amor os nossos pequenos sacrifícios? Quanto sou cega! Deveríamos lamentar muito, no final do dia, tê-lo servido friamente.

Tenho medo que me falte o sentimento da gratidão e da dor. E o ano tem sido um contínuo repetir-se de todos esses dias de benefícios. Retomou-os com bondade todas as manhãs, pronto a esquecer tudo. Quem não teria se cansado de me encontrar tão rebelde, tão pronta a estragar o trabalho da graça que quer operar em mim; caio, e me encoraja. Às vezes me permite fazer o bem com uma facilidade tão grande que não me custa sacrifício algum: e os outros me elevam por esse bem; isso deveria me perturbar; por favor, de que me serve a admiração, ainda que de almas boas, se não sei fazer aquilo que Ele me sugere? E essas almas boas que me invejam eu deveria vê-las premiadas um dia em meu lugar? Bem-aventuradas, bem-aventuradas o mundo nos somos chama, mas serei bem-aventurada quando tiver entrado na estrada da verdadeira correspondência; para mim, na estrada da verdadeira humildade.

Pai, quando as Irmãs me acariciam demais, me escutam demais, sinto uma forte agitação em mim. Fico feliz, mas com inquietude, e depois com remorso se dei ocasião

para esta deferência.¹⁷ Entendo que é preciso desprezar tudo para se aproximar do Senhor!

Assim é que o Senhor me trabalha todos os dias, e isso é o pouco que sinto, e às vezes não sinto nem sequer isso. Se eu estivesse no mundo haveria muitas preocupações, muitos interesses, muito amor próprio que arruinaria ainda mais o trabalho destas graças; humilhar-se entre as Irmãs humildes é um atrativo, mas no mundo a humildade me parecia mais difícil. Me dava pena, vergonha, ver uma criatura um tanto ridícula em meio a um grupo decoroso. É preciso fundi-la bem em nós e entre nós, neste ambiente privilegiado.

Senhor, te agradeço por tanta paciência, te agradeço porque sempre tens novos dons prontos para mim.

Propósitos? Estou bem longe da generosidade que seria necessária com o Senhor; neste momento me parece poder escrever com fadiga, sem energia, sem amor.

Procurarei ser-te fiel. Não quero satisfazer as minhas inclinações; sou cega, me perco. Quero que tu, com as tuas cordas, me mantenas amarrada a Ti.

Quero que tu só sejas meu amigo. Quero deixar-me conduzir e obedecer. Deverei prestar-te contas de cada dia; faz com que cada dia eu me ponha a reparar, a não cair onde caí, onde Tu me fizeste sentir os Teus remorsos, e assim chegar à meta. Não permita, ó bom Deus, que eu arruíne a graça de estar aqui; muda os meus pensamentos, pequenos, leves, em pensamentos e propósitos mais fortes.

Pai, é o senhor que faz tanto pela minha alma; me ajude para que eu tenha condições de corresponder aos dons de Deus, para que, com as Irmãs, com os Irmãos, com todas as almas que o Senhor chamar a esta Casa, possamos ajudá-lo na grande missão que Deus lhe deu.

Peço-lhe perdão, Pai, pelas minhas faltas, desobediências, inércias; quero ser-lhe obediente”.

Num outro texto, Lavinia escreve: “*Nesta Casa do Senhor Deus quer de mim a perfeição: eu deveria tê-la sempre em mente, e se procuro dominar a mim mesma, procurarei, nas tentações, dominar a minha vontade e arrastar-me para fazer aquilo que Deus quer, para não perder a ocasião do sacrifício, para trabalhar essa perfeição, não buscando a compaixão das Irmãs; ser boa com os outros; não recusar-me ao sacrifício, e com a paz dirigir a mim mesma. Devo exercitar-me no sacrifício, na*

¹⁷ Lavinia quer dar a entender que sente remorsos quando se dá conta de ter prestado atenção à consideração que as Irmãs exprimiam por ela.

caridade, desde já: porque, pela nossa vocação, nos são reservadas grandes graças. Os pequenos e os grandes sacrifícios que são oferecidos agora servem para preparar o caminho para a força necessária para aquelas grandes, que encontraremos quando os encargos novos o exigirão; sem sacrifício, não farei nada; com o sacrifício, as almas serão salvas, e muitas; exercitar agora a paciência e a caridade, para exercitá-la mais abundantemente quando Deus quiser.

Espírito de abandono: deixar-se guiar por Deus também nas nossas necessidades físicas; procurar pedir com aquela forma de reconhecimento com a qual reconhecemos que tudo vem de Deus; Deus conhece onde preciso ser trabalhada; e o sei eu também, e as ocasiões que são necessárias para esse trabalho são aquelas que me encontram rebelde; preparar-nos para tais ocasiões com a oração, pensando que seria perigoso para mim encontrar as coisas de outro modo. Desperdiçaria os momentos de Deus; então poderei ser trabalhada por ele, como foram trabalhados os apóstolos.

Fui de ajuda ou de empecilho à Casa do Senhor?

Que bom se eu tivesse feito, com os meus esforços, um pouco de trabalho eu também; posso trabalhar com as pequenas ocasiões de caridade, de obediência, de humildade, de pobreza, recebendo-as com fé, por puro amor de Deus; serão grandes caridades para a Casa.

Se o Senhor me chamasse ao grande juízo, como eu ficaria contente? O que amavam os Santos? O que fiz com aquelas contrariedades que encontrei continuamente? O que fiz com aqueles conselhos iluminados dos meus Superiores? Morri a mim mesma? Ainda ouço o meu eu, que me faz perder o caminho direto? O tempo que me é concedido devo empregá-lo com um trabalho mais santo, santificação”.

Alguns meses depois, Lavinia confessa o vazio em que viveu nos anos passados, ao passo que agora encontrou a verdade e a essência da existência, agora não quer deixar escapar: “Jogar a minha alma.

Para mim, chamada por graça especial a seguir Jesus, na estrada mais perfeita, essa frase deve sugerir pensamentos santos. O mundo cego, que parece não conhecer a importância de salvar a alma, e não se preocupa, e proporciona ao corpo, à vida e aos desejos tantas satisfações, e que nunca está satisfeito, porque a sua sede cresce sempre mais procurando aqui embaixo uma felicidade que o torna inquieto; pois este mundo joga a alma como um bêbado, um irrefletido; joga as moedas e tenta o golpe da sorte, esperando que o resultado seja uma vitória ou uma derrota. Para mim, para nós, jogar

a alma com fé quer dizer salvá-la. Corramos em busca da união com Deus; este encontro, esta paz completa é preciso obtê-la com fadiga. O jogo de salvar a alma deve ser feito com a esperteza dos santos, mas sem ser santas, com os lumes que Deus nos dá: com a graça especial de ter-nos colocado nesta Casa, onde os cuidados de Deus são cuidados especiais e as nossas pequenas fadigas são recompensadas com ajudas especiais; podemos tomar a estrada que conduz à meta feliz.

Atender,¹⁸ cada dia, a este jogo importante; atendê-lo com a intenção reta, que acompanhe as nossas ações.

Passo dias inúteis porque não vejo claro, porque a preocupação comigo mesma me absorve, porque não sinto que posso agradar a Deus trabalhando, calando, rezando; e essas ocupações perdem o seu interesse, e a menor contrariedade me perturba, e quando as coisas vão bem o diabo me faz degustá-las e faz prolongar mais ainda a satisfação interna. Se realmente eu quisesse ganhar no jogo da alma, eu procuraria as humilhações, porque agradam tanto a Deus e me abriam a corrente das suas graças; procuraria mortificação, para vencer os meus erros e porque me ajudaria a servir melhor o Senhor. Pelo contrário, o amor próprio estraga as coisas mais santas. Eu o encontro quando fala, quando acuso as minhas culpas, quando procuro conforto e assim não vou adiante na estrada que deve levar à sorte.

Com a humildade à qual o Senhor me chama, eu poderia obter muitas virtudes que me faltam: zelo pelas almas, lumes ao intelecto, generosidade, fé. É preciso que eu receba bem as ocasiões de humildade. Esqueço-me de que nesta Casa se deve em primeiro lugar servir a Deus. Frequentemente é preciso que haja algum solavanco; deveria ser eu também como as Irmãs: uma vela acesa no servir a Deus; dar importância à oração, à humildade, à caridade. Pai, não sei começar, não sei fazer com energia o ato generoso de oferta de mim mesma, não me sinto feliz no final do dia, não me parecem jornadas de alma religiosa, as minhas; eu teria almas a pedir ao Senhor, mas depois seria necessário que eu contribuísse com a minha pequena parte de correspondência, para o bem desta Casa. Perco até mesmo o pensamento desta Casa e vivo de mim mesma. Acham que eu sou boa, mas realmente não sou generosa. Então significa que eu jogo mal a minha alma, que é tão cara a Deus, de tal modo que arrisco perdê-la, e ao dizer isso não me sinto amedrontada. Se o Senhor tocasse o meu coração

¹⁸ Neste caso usa-se, “attendere”, usado no original, significa “dedicar-se”.

com um golpe decisivo! Eis que, enquanto eu viver assim, obviamente não compreendo a importância de salvar a alma. Pai, me ajude e me abençoe”.

Da vida com as Irmãs, com as quais partilha a pobreza mais austera, reconhece: *“Jamais vivi dias tão felizes”.*

Lembra o Pe. Pedrollo: *“Irmã Lavinia, nos poucos anos que passou entre nós, nos deu o exemplo mais belo de toda eleita virtude; nunca se falará suficientemente bem desta inesquecível Irmã”.*

A sua obediência ao Pe. Calábria não tem limites: sempre pronta às suas ordens, obsequiosa, temerosa de ser-lhe motivo de sofrimento pela sua pouca correspondência.

Quanto ao seu modo de comportar-se, marcadamente senhoril, ela sabe tão bem trabalhar-se que se torna doce, condescendente, afetuosa. *“Amante do desprezo de si mesma e da mortificação, encontrava todas as ocasiões para induzir os outros a mortificá-la”.* *“Também no seu vestir havia o verdadeiro desprezo. Tudo o que existisse de mais pobre, de mais velho, era dela”.* Não é de pouca conta passar da abundância na qual ela viveu e cresceu a roupas remendadas, ou ao fato de ir à Praça Isolo recolher folhas de couve jogadas no lixo para levá-las para casa e pôr na sopa. Aos seus parentes, que deixam de saudá-la acusando-a de humilhar a nobreza da casa e envergonhá-los, responde que está servindo o Senhor.

Deve-se observar que as Irmãs usam, de um modo um tanto cômico, vestimentas que chegaram dos militares: o tecido é tão grosso e rude que não se consegue nem enfiar uma agulha para eventuais bordados ou remendos. Lembra Natália Fainelli: *“Um dia, vendo-a com os cotovelos do corpete rasgados, eu, que estava trabalhando na oficina, lhe disse: ‘Irmã, pode tirar aquele corpete rasgado que eu vou remendá-lo, enquanto isso a senhora pode usar outro’. A querida Irmã Lavinia logo me respondeu: ‘Ó, obrigado, Irmã, mas eu mesma posso remendar, a senhora tem tanta coisa para fazer..., e assim eu também me presto para alguma coisa’; e logo se ajeitou para fazer os remendos; conseguiu-o com muita aplicação e gastando um bom tempo, tanto que eu tinha pena de vê-la, porque ela não tinha prática nenhuma para fazer essas coisas”.* Vai visitar seus parentes vestindo um corpete desbotado e remendado, com um avental também desbotado, sobre o qual realçavam os pedaços novos do remendo.

Fora de casa facilmente ela encontrava pessoas conhecidas. Certo dia, seu tio marquês Da Lisca, encontrando-a, para e, olhando-a de cima abaixo, com um ar de escárnio, comenta: *“Sabes, Lavinia, olhando-te assim mais pareces um antiquário”.*

Quando o tio foi embora, ela confia: *“Estou feliz por ter causado má impressão”*; outras pessoas, vendo-a numa situação tão humilde, choram.

Recebe a visita da sua ex-camareira que, constatando como ela está mal vestida, lhe pede: *“Mas condessinha, o que está fazendo?”*. E ela: *“Faço aqui aquilo que um dia fazias por mim”*.

É tão modesta no vestir que as moças e até as jovencinhas gozam dela, o que ela buscava e com o que se alegrava. O desejo de aniquilamento é tão grande que quando ela se apresenta na portaria para receber alguma visita está num estado tão deplorável que a sua irmã Maria fica envergonhada, não admitindo tanto rebaixamento. Mesmo que os outros zombem dela ou chorem, na realidade ela sabe viver com alegria a sua própria escolha, tanto que o Pe. Calábria lembra: *“Ela me dizia: ‘Pai, eu não vou para o Paraíso, porque sou muito feliz’ (e fazia o gesto), e lá estava ela comendo um pedacinho de polenta. Naquela época não havia tantas comodidades: as janelas eram sem vidros...”*¹⁹ Gosta do alimento mais pobre e mais simples: uma fatia de polenta e um pedacinho de queijo constituem frequentemente o alimento ordinário permitido pelas estreitezas econômicas em meio ao estado de guerra em que se vivia. Sua janta consistia num prato de sopa, sobra do almoço, requentada; quando esse prato era servido por outras Irmãs ela pedia da seguinte forma: *“Por caridade, me dê um pedacinho de nata”*, que ela comia apetitosamente. Lembra Irmã Maria – Natália Fainelli: *“Quando era a minha vez de servir, eu achava que a virtuosa Irmã chamasse a polenta de nata, talvez por confundir a necessidade que ela tinha de um verdadeiro pedacinho de nata, como deve ter comido certamente em sua família, juntamente com outros alimentos delicados, seja pela sua alta condição, seja também pela sua saúde que inspirava cuidados, e que na Casa da divina Providência soube ficar sem, por amor a Jesus”*.

Uma colega dela no Colégio Agli Angeli, Antonietta Ederle, conta que, enquanto *“estava jogando no lixo salames estragados, podres, Lavinia lhe disse: ‘Como jogas fora a Providência? Entregas-os a mim, que nós comemos’; e a colega, admirada: ‘O quê, vocês comem coisas estragadas?’ ‘Ah, se tivéssemos isso!’ , respondeu Lavinia”*.

Escreve a seguinte oração: *“Meu Jesus, diante de Ti Sacramentado, sinto o desejo de prometer e prometo aceitar com espírito de fé qualquer coisa que me deres*

¹⁹ No original, em dialeto: *“La me diseva: ‘Padre, mi non vago in Paradiso, perché son molto contenta’ (e faceva il gesto) e l’era là che la magnava un tochetto de polenta. Allora no ghera tanti comodi: le finestre erano senza vetri...”*.

nas refeições, sem dizer nenhuma palavra para mudá-las, exceto quando houver a permissão do meu confessor, comidas frias, atrasos etc., e isso com a finalidade de me preparar para ser mais virtuosa nos outros exercícios de virtude que eu deverei fazer no restante do dia e para conquistar aquele desapego das coisas materiais que deve fazer com que eu dê também maior importância às coisas de Deus”.

“Quando alguma Irmã lhe dizia: ‘É verdade que este móvel – ou alguma outra coisa... – veio da sua casa?!’ ela respondia: ‘O quê? Ó, é um móvel velho, que o meu pai comprou pagando uma bagatela’. Era assim que ela sempre se comportava com as suas coisas; eu nunca a ouvi dizer: este objeto é meu, este outro... veio da minha casa; enquanto isso, todas as Irmãs desfrutavam do benefício das coisas da família Perez”.

Pe. Calábria a estima muito e lhe atribui o cargo de Superiora, alternando-a com Angelina De Battisti e sucessivamente com Maria Galbusera. Além disso, até 1914 confia-lhe também o cuidado das aspirantes.

Natália Fainelli – Irmã Maria lembra que o Pe. Calábria lhe permitiu ir à casa de campo dos condes Perez para passar alguns dias de descanso. Lá, em agosto de 1912, encontra o administrador da casa que se apressa em oferecer-lhe um cesto de maçãs. Inadvertidamente lhe escapa de pedir-lhe um vidrinho de óleo. Então Maria Galbusera intervém, e Lavinia, com humildade, se desculpa pelo pedido formulado.

De todas as formas ela busca a humilhação, o desprezo de si e a mortificação, evitando tudo aquilo que poderia evidenciá-la diante das Irmãs. Prefere ajudar na cozinha, especialmente na pia. De grande prudência e silêncio, está sempre serena e alegre, jamais desanimada pelas condições adversas, sendo para as Irmãs um apoio. Seu íntimo desejo é uma vida de expiação pelos pobres pecadores e de negação de si mesma.

Dela Maria Galbusera sublinha: *“Irmã Lavinia possui a elevação da piedade e o sentir dos Santos”.*

Fica feliz sobretudo quando pode fazer a adoração noturna; Pe. Calábria e Pe. Natal não lhe permitem muitas práticas de piedade, como ela desejaria, e intervêm para impedir excessivas penitências e sacrifícios, em vista da vida de duro trabalho que ela deve suportar durante o dia e da saúde um tanto frágil, já que ela tem problemas nos brônquios. Grandes são nela a vida interior, a fidelidade à Regra, a caridade.

Um outro traço da obediência de Lavinia Perez é descrito por Natália Fainelli – Irmã Maria: *“Lembro também que o Pai gostava muito de ordenar a alguma Irmã que cantasse sozinha, dando a preferência à Irmã mais desafinada; a seguir o Pai fazia*

sinal de complacência com a cabeça. Esse privilégio tocava na maioria das vezes à Irmã Lavinia”.

“Era seu estudo²⁰ procurar exaltar suas coirmãs, mesmo que fossem jovens, e rebaixar em tudo a si mesma. Irmã Lavinia era como a abelha santamente engenhosa, que ia sugar nas suas amadas Irmãs o néctar das virtudes, e os defeitos os deixava de lado, não lhes dando importância; aliás, creio eu que ela não os visse nas suas Irmãs, tanto as amava e estimava por ser tão humilde.

A nossa Irmã Lavinia era tão profundamente humilde que chegou a considerar-se indigna de ser chamada Irmã, pois certa vez, uma Irmã, tendo-a chamado para alguma coisa, disse: Irmã Lavinia! (que é como devemos nos chamar) [...]; pois ela (isso eu vi), numa atitude modesta, séria, lhe respondeu: ‘Eu, ser chamada Irmã! Não o mereço, não...’ Depois eu fiquei sabendo que esse seu sentimento ela o tinha manifestado também ao Pai dizendo-lhe que não merecia ser chamada com aquele sublime nome. Em síntese, essa nossa amadíssima Irmã, eu a encontrei sempre humilde e mortificada”.

Em outubro de 1918 a mãe de uma Irmã foi atingida pela febre “espanhola”. A obediência lhe impõe de acompanhar a coirmã à sua casa materna. “Ela poderia muito bem ter se recusado a ir, pois naquela manhã estava com febre. Mesmo assim, partiram. Era tempo de guerra, e elas não tinham carteira de identidade, apenas uma declaração. [...] Não estavam totalmente regulares no trem Verona-Zevio; pediram-lhes que se identificassem, mas não acreditaram nelas. O chefe dos carabinieri as ameaçou de prisão e queria levá-las presas para o quartel. Muitas pessoas que se encontravam no trem eram conhecidas da Irmã Lavinia (alguns haviam sido seus empregados), os quais, ouvindo que se tratava da Irmã Lavinia, todos se apressaram em defendê-la e ela foi liberada. Assim, concluído o incidente, prosseguiu para Zevio. Retornou a Verona muito triste, mas feliz por ter dado ao Senhor também o último sacrifício. Precisou ficar acamada. Uma febre altíssima a devorava, e em poucos dias a reduziu em fim de vida. Durante a sua doença, uma Irmã lhe perguntou se ela estava apreensiva com a morte (pois sabia-se que ela tinha muito medo da morte). ‘Ó, não!’, respondeu, ‘me parece ter que fazer uma linda viagenzinha’”.

Falece em San Benedetto no dia 4 de novembro de 1918, dia do armistício que encerrou a Primeira Guerra Mundial. É conhecido o seu último ato de obediência,

²⁰ O termo original “studio”, traduzido aqui por “estudo”, neste caso tem o significado de “empenho”.

cumprido no seu leito de morte. Tendo descido para dar-lhe a última bênção e a última saudação, pois já estava agonizante, não falava mais nem abria os olhos, Pe. Calábria a chama pelo nome, em vão. Ele mesmo conta que quando, num tom decidido, ordena-lhe: *“Em virtude da santa obediência, abra os olhos, com um esforço ela os abriu e logo os fechou novamente”*. No dia seguinte celebrou a santa missa *“pela Irmã Lavinia, ontem falecida, às 6h30. A sua vida resume-se totalmente na prática da humildade e da obediência”*; e por ocasião do seu 30º aniversário de falecimento, anota: *“Pela falecida Irmã Lavinia Perez (30º aniversário de sua morte), 4 de novembro de 1918. Irmã modelo. Reza, reza. Ora pro nobis”*.

A seu respeito escreveu o Pe. Battisti: *“Alma transbordante de caridade e cheia daquela simplicidade segundo a Palavra de Deus: ‘Se não vos tornardes como crianças não entrareis no reino dos céus’. É tão obediente a ponto de não encontrar obstáculos”*. Depois da morte de Lavinia, anota no dia 6 de novembro de 1918: *“Foi a segunda a vir para fazer parte desta santa família feminina, e também a segunda a falecer. Sua virtude principal, sua característica, foi a santa simplicidade, unida à grande caridade, que a levou a imolar-se espontaneamente, com todas as suas coisas, coadjuvada pela gentileza de trato que recebeu em família e mantendo a sua alma em perene e alegre meninice, preciosíssima e admirável”*.

Referindo-se à sua irmã, o irmão Francisco afirma: *“Quando chegou era um lobo, mas agora despojou-se de sua natureza. [...] Minha irmã, que era aquilo que era, foi indo... foi indo... Eu não era assim, mas ela me passou adiante”*.

“Seguindo o exemplo do irmão, reservava para si mesma os mais humildes ofícios; e poderias vê-la na cozinha, em San Zeno in Monte, alternando a sua atividade entre as marmitas e a pia, como uma humilde diarista; nobre vida, gasta a serviço da aristocracia mais aceita pelo Senhor: os pobres, e pobres crianças”.²¹

A mudança radical de sua vida feita pela própria Lavinia pode ser sintetizada nestas linhas: *“2 de janeiro de 1912.*

O Senhor quer que eu o deixe operar, e tem ciúmes de que eu busque outra satisfação fora dEle. Deixá-Lo que me prepare tudo: repouso, trabalho, sacrifícios, deixando-me conduzir por Ele. As minhas misérias não devem me assustar; simplesmente devo deixar que os outros as vejam, como as veem os santos, para depois poder mostrar aquilo que o Senhor pode fazer de mim.

²¹ ADAMI, L. *Don Giovanni Calabria: Vitae editio prior, vitae editio altera*. In: *Fonti calabriane, serie seconda: Scritti editi ed inediti di Poveri Servi della Divina Provvidenza*, op. cit., p. 167.

Pedir que venham em nosso auxílio os anjos da Casa, os santos fundadores das demais Casas, para fazer crescer as pequenas folhas que somos nós e para que correspondamos.

II Retiro

A minha vocação. Eu podia tê-la cultivado com maior energia. O Senhor teria podido tirá-la de mim devido à minha pouca correspondência. Sinto que é o deixar-me imergir na vontade de Deus, para deixá-lo fazer tudo, e sinto tanto a sua falta! Para poder comover as almas à fé, é preciso que eu viva de fé. Há tantos momentos no dia em que eu posso viver de fé! A minha vocação é uma graça grande; eu deveria viver e fazer tudo com mais empenho, por ter sido escolhida para uma vocação santa.

III Retiro

Estou aqui para fazer a vontade de Deus. Esta tem sido a finalidade da minha vinda; eu não tinha nenhum atrativo a não ser a vontade de Deus. Mas aqui precisamos cumprir aquilo que é mais caro a Deus: renunciar em tudo à nossa vontade, com o voto de obediência. Sinto que sou auxiliada nisso pela minha vocação, mas também às vezes me arrasto e quase sempre falto de generosidade interna. O Senhor me dá tanto e me promete um auxílio contínuo, visível, se eu for obediente. Pensa em mim, que eu sempre pensarei em ti; parece-me que essas palavras tenham sido ditas a mim.

Voto de pobreza: aparentemente pareço virtuosa na pobreza, mas reconheço que desperdiço quase todas as ocasiões para exercitar essa virtude; procuro algo mais do que aquilo que o Senhor me destina. Pobreza e mortificação me ajudariam a ser mais unida a Deus.

Castidade. Sou coisa de Deus, sempre, e o espírito deve proteger a mim mesma. Essas virtudes são tão necessárias para mim, para santificar a minha vida, para ser de conforto a Jesus. Deus o vê, e me conceda de pedi-lo com fé.

IV Abandono: virtude especialíssima da Casa, à qual devo chegar para ser mudada; não significa abandonar tudo, mas significa colocar-se nas mãos, na vontade de Deus, certa de que naquelas mãos, naquela vontade, farei aquilo que eu preciso fazer. Se algo de bom acontece, habituar-me a me admirar com isso e acreditar que isso foi feito por Deus. Sem a virtude do abandono, não terei o verdadeiro espírito da Casa.

V Estar sempre ligada a Deus, guiada pelo meu diretor espiritual. Estou segura quando estou com Deus; agir com Deus toda a manhã, dispor-se a agir com Deus depois do almoço; sozinha, com a perspectiva de que não haja nada que eu possa dizer

que me agrada a não ser com Deus, em Deus, por Deus. E essa união, começá-la na Santíssima Comunhão. O que é que me impede isso? As inquietudes, as rebeliões do amor próprio. Eu gostaria de ser mais, ou como as demais Irmãs; quero, pelo contrário, ocupar o meu lugar e não me apresentar: imitar a Irmã mais simples, mais tímida, que não se distingue nunca. Sou mais pobrezinha de todas, pobre sim, mas o Senhor me quer humilde.

Pensa, Lavinia, Deus prostrado ao chão, mais abaixo do que todos, e tu erguida, sobre as demais! – Tenho necessidade de me levantar em direção ao alto e destacar-me da terra. Com a boa vontade obterei infinitas graças de Deus, ao qual bastará o nosso bem querer, para empregar-nos todas de modo extraordinário. Para me preparar à confissão, ficar tranquila, esvaziar a alma do mal, procurar ir adiante por meio desse sacramento e com o conselho do meu confessor.

Servir-nos de tudo para agradar a Deus. Um pensamento que me sugere a tentação, procurarei mudá-lo como Deus quer.

Sede luz do mundo: Deus é a verdadeira luz; recebamo-la, sendo a ele unidas e seguindo os seus exemplos. O que fez? Viveu, escolheu a maior humildade e o Pai pensou em exaltá-lo. Assim, para cumprir coisas santas, para ser verdadeira luz com a palavra com o exemplo, é necessária a santa Comunhão.

Procuremos manter-nos em paz. Na paz há Deus.

Lembre-se: estudar²² para se acostumar a uma vida de recolhimento, para não perder de vista Deus. No recolhimento poderei ouvir os seus conselhos e não me lançarei ao conforto das criaturas.

Viver com Deus: fazer com Ele as nossas ações; assim Ele nos falará.

Por Deus e em Deus: Deus esteja em nós, e não buscar a não ser Ele. Nada temer, mas santa desenvoltura. [...]

Aqueles que deixam tudo e seguem Jesus na humildade, no escondimento, no sacrifício, estarão com Ele no dia do juízo para ser juízes.

Fui colocada aqui para ser daquele número, de modo que²³ se possa ver que a ignorância, o egoísmo, o coração frio, tudo isso que existe em mim de ruim, possa ser mudado. Não há desculpa para não tornar-me santa.

²² O termo usado no original, “studiare”, aqui traduzido por “estudar”, deve ser entendido no sentido de “empenhar-se”.

²³ No original, “onde”, significando “de modo que”.

Estou aqui para servir. Estou aqui para me preparar para o sacrifício de hoje, de amanhã, dia após dia, para cumprir aquela tarefa que Deus me confiou. Se me revolto contra o trabalho de Deus agora, quer dizer que não estou pronta. Mas se agora sou dócil, poderei cumprir o dever com o sacrifício do dia, noite, frio, calor. Então falarei do Senhor e da virtude, e as palavras serão o eco do meu interior; não terei dificuldade para pronunciá-las.

Vim para cumprir a lei, para mostrar a perfeição à qual sou chamada eu também. Aqueles que observam as coisas mínimas terão um grande lugar no céu. Fazer a vontade do Senhor nas pequenas coisas, à mesa, no vestir. Ainda mais que a nossa vitória contribuirá para cumprir aquele trabalho necessário para chamar aquelas almas que estão esperando para entrar aqui. Se nos atrasarmos em nossa formação, eles ficarão de fora, com as suas misérias, com as suas necessidades. O Senhor nos diz: deixai que eles venham”.

Adele Carli – Irmã Serafina de Jesus (1891-1965)

Nascida em San Pietro di Morubio (Verona) no dia 7 de setembro de 1891, aos 10 anos fica órfã de pai e mãe. Aos 11 anos transfere-se para Milão, com o seu tio Gustavo e com a avó Adele, e quando esta última morre, retorna para Verona. Ela tinha vários tios: um deles sabe várias línguas e gira o mundo; do último, Gustavo, que durante a última guerra encontrava-se em Nápoles, não teve mais notícias; um outro, que se tornou sacerdote, foi colega do Pe. Calábria durante os estudos teológicos no seminário.

Entra na Obra com 19 anos de idade no dia 25 de março de 1911, data que ela preferiu ao dia 19 de março, festa de São José, data sugerida pelo Pe. Calábria.

É ela mesmo quem conta: *“O meu primeiro encontro com o Pe. João foi em 1901, agosto, na Praça Brà. Eu estava acompanhada do meu tio, Pe. Maximiliano Carli, ordenado sacerdote junto com o Pe. Calábria, pois os dois haviam sido colegas nas aulas de teologia. Meu tio me apresentou, pedindo para mim uma bênção especial, para que eu crescesse boa. Eu era órfã, e vivia na casa da minha avó. Meu tio tinha grande estima pelo Pe. Calábria; em casa, falava muito dele. Eles se queriam bem, muito bem. Depois de outros fugazes encontros, perdi de vista o Pe. João por algum tempo, até porque nos transferimos para Milão. Quando voltei para Verona, eu o reencontrei algumas vezes nos Descalços e em San Benedetto; o meu confessor, Pe.*

Cicarelli, me falava dele. Àquela altura ele já havia fundado a Casa Buoni Fanciulli e eu sentia no coração o desejo de dedicar-me àquela Casa. O meu confessor aprovou e me fez apresentar o pedido em fevereiro de 1911. No dia 25 de março, fui aceita. Na Casa, já se encontravam a Irmã Ângela De Battisti, a primeira chamada; Irmã Lavinia Perez, ex-condessinha e agora alegre serva dos pobres; a seguir, vieram outras, dentre as quais Maria Galbusera.

Certo dia eu fui tomada por um grande temor de não estar na minha vocação; por acaso o Pai me encontrou, enquanto eu trabalhava na lavanderia; ele, sem preâmbulos e antes que eu lhe falasse, me disse, com voz segura: ‘A senhora só sairá daqui carregada por quatro pessoas! Entendeu?’ Ele se referia aos funerais dos grandes senhores.

Daquele momento em diante a tentação se esvaiu, e aumentou em mim a estima pelo Pai”.

“As duas Irmãs que a precederam eram muito forjadas na virtude. A exuberância devida à jovem idade contrastava tanto a ponto de levantar dúvidas. Calava e mantinha tudo dentro de si. O Pai Pe. Calábria, iluminado, encontrando-a garantiu-lhe e confirmou-lhe que o Senhor a queria ali. Esse foi o ponto de partida, e ela se entregou sem reservas”.

Irmã Serafina é “materna, afabilíssima, delicada”; tem olhos para tudo, uma caridade sem medida, grande sabedoria. A sua é uma vida de sacrifício e de sofrimento incríveis, nem sempre compreendida pelas Irmãs.

O dia 25 de março permanece sendo para ela uma data fundamental, lembrada por ela todo ano. “Aquele dia ela se levantava à meia-noite e recitava o Angelus, enquanto durante o dia rezava mil Ave-Marias”.

Também o Pe. Natal vê nela muitos dotes e se dirige ao Pe. Calábria nestes termos: “Digo-lhe no Senhor: a Irmã Serafina, de minha parte, eu que a conheço desde quando ela entrou, quando estiverem todas numa só comunidade na futura nova casa, creio que seja apta, pela sua caridade e prudência, a formar boas Irmãs no espírito da Casa”.

Trabalha na cozinha, e em Este é a enfermeira que cuida das Irmãs doentes. Torna-se Superiora geral por ordem do Pe. João e do Pe. Natal de 24 de dezembro de 1927 até 2 de agosto de 1931, e depois novamente de 2 de setembro de 1941 até 10 de

fevereiro de 1951. O seu lema, nessa sua nova função, é: “*A Deus a glória, às Irmãs a alegria, a mim o sacrifício!*”²⁴

Durante o período no qual é Superiora, recomenda às Irmãs: “*Procurem viver o espírito puro e genuíno; vocês se tornarão santas. Jesus esteja no meio de vocês inteiro, não mutilado. Que nas suas Casas haja Jesus, mas não Jesus chagado. Recomendo-lhes que vivam as suas Constituições e as suas Regras (e com voz angustiada e suplicante): se não viverem as suas Regras, vocês tornarão Jesus chagado; pelo contrário, se as viverem, vocês terão a chave segura entre as mãos para abrir o paraíso. Assim Jesus não estará com vocês chagado, mas Jesus glorificado. Vocês entenderam?*”. E ainda: “*Esconjuro-as... pelo amor de Deus, vivam o espírito puro e genuíno da Obra*”.

O seu retrato de Superiora geral é pintado pela Irmã Dolores Vacca, que descreve o seu primeiro encontro com ela no dia 21 de dezembro de 1943: “*Vejam, não me parecia estar falando com uma autoridade, mas com uma mãe. Logo fiquei impressionada com o seu semblante: um rosto doce, os olhos que pareciam Jesus na doçura do olhar. Tinha um andar solene natural; nela via-se e lia-se, em seu rosto, uma alma humilde, toda de Deus. Com grande doçura me fez algumas perguntas e fixou o dia do meu ingresso. [...]*

Mas quem teria dito que a Irmã Serafina seria, na Congregação, a alta autoridade? Batiam na porta e lá ia ela abrir; na cozinha, ajudava a Irmã. No exercício do seu alto ofício, nos colóquios com as Irmãs, nenhuma atitude grave; com elas era Irmã, aliás, mãe. Com todas era muito compreensiva e procurava contentar todas. Nenhuma Irmã saía de lá descontente. Não ficava trocando frequentemente as Irmãs de Casa; e quando isso precisava ocorrer ela o fazia com muita delicadeza, quase ouvindo o parecer delas.

Tinha, pelo Pai Fundador, aquela veneração merecida, bem como pelo Pe. Luiz Pedrollo. Os Irmãos, então, os amava como verdadeiros irmãos; e em cada ocasião, ou seja, necessidade, ia ao encontro deles caso precisassem de algo para as roupas, exatamente como uma mãe. [...]

Era uma mulher de oração, e insistia para que todas o fossem”.

Veio a falecer em 29 de novembro de 1965, na Casa de Roncà (Vicenza). No anúncio de morte dado às Irmãs, a Superiora geral, Irmã Maria Rossi, lembra dela assim: “*Segunda-feira de manhã, enquanto eu preparava este texto, fui chamada ao*

²⁴ Veja-se a n. 2, c. 13.

telefone; era o Irmão Nordera, de Roncà, anunciando-me a morte imprevista da Irmã Serafina. Foi como um raio em céu sereno. De fato, eu a tinha visto e falado com ela três dias antes, sem que nada pudesse deixar entrever aquilo que estava por acontecer. Agradei a Providência, sempre admirável, por ter-me inspirado a ir antes que ela viesse a faltar, já que ela me esperava há tempos.

Esta nossa veneranda Irmã era uma operária da primeira hora, tendo ingressado na Casa nos primórdios da Obra. Foi muito benemérita pelos grandes sacrifícios e pelas dificuldades enfrentadas nos muitos anos de vida religiosa; a nós, portanto, cabe satisfazer uma grande dívida de reconhecimento, seja com a oração de sufrágio, seja com o dever da correspondência. Ai de nós se viéssemos a desperdiçar o patrimônio de virtude obtido pelas nossas primeiras Irmãs com os seus sacrifícios heróicos, levando uma vida desleixada! Tenho a esperança de que a Irmã Serafina obtenha do Senhor graças e bênçãos sobre a sua família religiosa, que ela amava e levava em seu coração”.

TESTAMENTO ESCRITO POR OCASIÃO DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE 1964

“Se na vida religiosa eu sofri foi só por causa do meu caráter muito sensível, pouco humilde, pouco generoso no suportar reprovações, contradições, incompreensões etc.; assim, ó Jesus, com essa trouxinha de misérias, refugio-me em ti.

Tu, purifica-me, fazendo desaparecer tantas imperfeições, tantas deficiências.

Estou aqui, no entardecer da vida; enche as minhas mãos vazias de méritos e inflama o meu coração de verdadeira caridade, por aquele breve tempo que a tua bondade quiser me conceder”.

Laura Fossati – Irmã Tarcisia de Jesus (1874-1958)

Nasce em Verona no dia 9 de fevereiro de 1874. Economicamente a sua família está bem.

É professora de curso técnico no Colégio Giacomelli,²⁵ que acolhe meninas órfãs. Certamente conhece Lavinia Perez, que frequentemente, acompanhada de sua tia Lavinia Da Lisca, visitava o Instituto.

²⁵ Dom Luiz Giacomelli (1839-1926) nasce em Sommacampagna em 30 de março de 1839. Durante a primeira guerra da independência, serve missa no campo na presença de Carlos Alberto. Tendo

Conhece o Pe. Calábria por meio do Pe. Giacomelli, que havia sido pároco na Paróquia dos Santos Apóstolos e tinha ajudado o jovem clérigo e a família Calábria nos momentos de necessidade.

Entra na Obra no dia 16 de abril de 1911, aos 37 anos.

Para pôr à prova a sua obediência e humildade, o Pe. Calábria lhe ordena que vista o melhor vestido do seu guarda-roupa e depois, vestida como uma distinta senhora, um tanto desconfortável porque a roupa não lhe servia bem, ordena-lhe que vá a uma loja de atacado para comprar dez centésimos de café de cada tipo. Logo ela obedece, sem qualquer reclamação ou temor de causar má impressão.

No dia 20 de junho de 1917 ela retorna à Casinha Giusti – “Piccolissima Casa di Nazareth” –, onde acompanha, na qualidade de responsável, um grupo de dez acolhidas, com as quais é paciente.

Em Este, cuida da rouparia. É costureira. Bordadeira refinada, trabalha na mesa com fios de seda multicolor e prepara uma cortina para a estátua de Nossa Senhora das Graças, cujo resultado é uma verdadeira obra-prima. Observando o bordado do lado avesso o Pe. Calábria lhe diz: *“O que lhe parece, Irmã, deste bordado? Olhe, nós vemos as coisas daqui de baixo como este lado avesso, mas Deus vê o lado certo, isto é, a nossa reta intenção no agir; algo que muitas vezes os homens e também aqueles que estão próximos de nós, não conseguem ver, porque não são animados pela caridade. Só a caridade sabe ver o bem do nosso próximo”*.

Ela sente dor numa das pernas. É lembrada como uma pessoa muito fina e gentil. A seu respeito a Irmã Dolores Vacca escreve: *“De estatura pequena, rosto sempre sorridente e muito jovial. Viveu na comunidade dando raro exemplo de regular observância da santa Regra, mesmo em idade muito avançada. Era de uma limpidez cristalina. Rezava e cantava não só com a voz, mas também com o coração, mesmo idosa. Era sempre muito ordenada”*.

Este o perfil delineado pela Irmã Serafina – Adele Carli: *“Alma cândida como uma pomba. Rezava cantando, com a voz e com o coração; e, inclusive no dia anterior*

entrado no instituto “Don Nicola Mazza”, frequenta aulas no seminário, sendo ordenado sacerdote no dia 14 de julho de 1864. Depois de um biênio de formação pós-sacerdotal, torna-se professor de Letras no seminário de novembro de 1866 até março de 1880 e, por conseguinte, professor e educador de famílias nobres por um quinquênio, passando depois a dirigir, por 25 anos, a Paróquia dos Santos Apóstolos, durante os quais fundou o instituto “Le nostre bambine”. Tornando-se cônego da catedral em 1910, permanece na direção do instituto por ele fundado até a morte, ocorrida em 24 de maio de 1926. É dotado de uma veia poética, demonstrada em vários eventos realizados no seminário e em numerosos sonetos; é autor de homilias, composições para núpcias e elogios fúnebres, bem como textos para outras ocasiões específicas.

à sua morte, quis, juntamente com as Irmãs, cantar: ‘Bel partir per Iddio, bel morir, morir pel Signore’ (‘Belo partir para Deus, belo morrer, morrer pelo Senhor’). Estava sempre feliz, e costumava repetir: “O céu cantará eternamente com os anjos e os santos as glórias do Senhor!”

Morre em 30 de dezembro de 1958, em Verona.

Irmã Gabriela Soster assim resume a sua vida de Pobre Serva: “Espírito de escondimento e muita caridade”.

TESTAMENTO ESPIRITUAL – 19 DE MARÇO DE 1914

“Da Pequena Casa de Nazaré no dia 19 de março de 1914, aos pés de Jesus crucificado, exponho a minha última vontade.

Eu, Laura Fossati, indigna serva de Jesus Cristo, tendo nascido e vivido pobremente e entrado por graça de Deus nesta santa Casa com vocação especial, e tendo abraçado com grande alegria e também com orgulho a santa pobreza de Jesus Cristo como único amor, quero que o meu corpo seja vestido muito pobremente, fechado num caixão de pobres e levado ao cemitério num carro de caridade; atrás do meu féretro, nenhuma pompa mundana, isto é, nada de flores, nenhum acompanhamento, sepultura em fossa comum, nada de participações ou avisos (somente seja avisada a minha querida irmã, Maria Fossati); não quero epígrafe no meu sepulcro (exponho esta minha vontade apenas para obedecer ao meu Superior, não pretendendo ter vontade livre nem em vida, nem na morte, nem depois da morte).

Enquanto escrevo, estou sã de mente e de corpo; peço humildemente perdão a Deus de todos os meus gravíssimos pecados em todo o tempo da minha vida, mas especialmente nesta sua Casa, e pela pouca correspondência às tantas graças recebidas do Senhor sem meu mérito, mas somente por pura bondade do meu Jesus. Peço perdão ao meu Superior e pai espiritual se por caso eu causei qualquer desgosto, mesmo involuntário, não tendo ouvido os seus ensinamentos. E desde já confio a minha alma ao meu Superior até o ponto extremo da minha morte, a fim de que me assista de modo que eu possa fazer bem a passagem desta para a outra vida. Peço perdão também a toda a Casa e comunidade, especialmente às minhas Coirmãs, pelos incômodos causados, mesmo que involuntários; peço a todos que me perdoem e que rezem muito pela minha alma até o fim desta santa Obra.

Deixo a lembrança a todas as minhas queridas Irmãs de amar-se uma à outra, tendo grande caridade, compreendendo-se em seus defeitos. Enfim, o Senhor abençoe a todos: Superior, Irmãos e Irmãs, e toda a Casa e comunidade, recomendando que correspondam à graça grande que receberam entrando nesta sua santa Casa e tendo um grande amor a Jesus, nosso querido esposo.

Deixo uma minha última recordação às minhas duas queridas irmãs e ao cunhado, recomendando-lhes um grande amor a nosso Jesus e abandono total na divina Providência; e como sempre os lembrei em vida na oração, lembrar-me-ei deles também depois da minha morte rezando ao meu querido esposo Jesus até nos reunirmos no lindo paraíso. Que o Senhor os abençoe, e rezem muito pela minha alma. Meu Jesus, meu esposo crucificado, no final deste pobre texto, e pensando que deverei morrer não sei quando, prometo desde já viver bem, praticando a virtude da humildade, base e fundamento de todas as virtudes, combatendo com todas as minhas forças (e ajudada pela graça de Deus) todas as minhas paixões, totalmente abandonada na divina Providência. Assim seja”.

Angelina Dresda (1885-1919)

Nasce em Verona no dia 11 de agosto de 1885. Era costureira na casa de repouso administrada pelo Instituto das Irmãs da Misericórdia antes de entrar na Obra, no dia 15 de outubro de 1911, aos 26 anos de idade.

Certo dia o Pe. Calábria lhe ordena que vá, juntamente com Lavinia Perez, vestindo as suas mais lindas roupas, à melhor loja atacadista da Rua Nuova, para comprar como amostra três centésimos de café e dois de açúcar. Foram bem acolhidas; todavia, ao ouvir o pedido de Angelina, manifestado com uma voz bem fraca, o vendedor olha para elas com compaixão e não lhes dá nada, respondendo que é um vendedor de atacado, não de varejo. Quando voltaram, o Pe. Calábria se alegrou pela prova dada de obediência e de humildade, mas ficou sentido com o dono da loja que não compreendeu nem atendeu à sua encomenda.

Eis como aquele mesmo episódio foi descrito por Natália Fainelli – Irmã Maria: *“Certo dia o Pai ordenou às Irmãs Angelina Dresda e Lavinia Perez que vestissem suas melhores roupas e fossem, ambas, à droguaria da Rua Nuova (uma das melhores de Verona) para comprar dois centésimos de açúcar e três de café; tal compra devia ser feita pela Irmã Angelina, sendo que a Irmã Lavinia deveria ficar calada.*

As boas Irmãs executaram exatamente a obediência; quando voltaram, falaram do acontecido ao Pai, que disse: ‘Mas o dono lhes deu açúcar e café?’ ‘Não, Pai’. ‘Ó, se ele tivesse dado! Teria sido afortunado, porque a bênção do Senhor teria vindo sobre ele e sobre a sua família!’

Mais tarde a Irmã Angelina nos contou: ‘Entramos na loja, que estava cheia de gente; e nós ficávamos sempre para trás. Quando eu vi que a loja estava se esvaziando, me senti mal; todavia, quando chegou a minha vez, tive que me aproximar do balcão; aí o dono, muito cordialmente, nos perguntou: ‘As senhoras, o que desejam?’ E eu, com voz trêmula e apenas perceptível, pois eu estava sentindo que ia desmaiar, lhe disse: dois centésimos de açúcar e três de... e não fui capaz de proferir a palavra café. Então o dono, com uma atitude compassiva, nos respondeu: ‘Nós, aqui, não vendemos menos de cem gramas’; e eu, imediatamente, junto com a Irmã Lavinia, que lhe fez uma inclinação respeitosa, me retirei, pois eu achava que iria cair, e lentamente saímos e voltamos para casa”.

É lembrado também este episódio, do qual é protagonista. Às vezes, nas visitas às Irmãs, o Pe. Calábria sai com algumas improvisações divertidas: *“Lembrem-se que eu quero saber tudo; (Ele disse) se alguma de vocês chegasse a ver o Senhor, pelo amor de Deus, me diga”*. E com toda simplicidade, sorrindo, todas respondem: *“Sim”*.

Certo dia ele chega um pouco alterado e, olhando para todas elas, uma a uma, diz exclamando: *“Ó, o diabo! Quem de vocês gostaria de vê-lo?”* Angelina ousa responder: *“Eu, Pai”*; e ele responde na hora: *“Pois bem, nesta noite, à meia-noite, vou mandá-lo até você; tem que ser naquela hora, porque o demônio, que é o anjo das trevas, vem de noite, e sempre traz turbamento”*. A pobre Irmã se apressa em retirar imediatamente aquilo que ela tinha dito, pedindo e suplicando ao Pai, pois não tinha noção do que pedira.

Na Obra, ela se ocupa particularmente em confeccionar os paletós dos Irmãos. Vive ao lado de Lavinia, ocupando-se da assistência aos meninos da Casa de San Benedetto, onde vem a falecer no dia 16 de dezembro de 1919.

Irmã Serafina – Adele Carli lembra assim a Irmã Angelina: *“Alma inteligente, amante do sacrifício, generosa no sofrimento, espalhou ao seu redor o perfume de suave virtude. Acolheu com uniformidade à vontade de Deus a doença que a levou à morte, aceitando-a alegremente”*.

TESTAMENTO ESPIRITUAL

“Na presença de Deus, eu, A. D.,²⁶ predisponho por aquilo que diz respeito ao meu pobre cadáver depois da minha morte. Nascida pobre, prometo de hoje em diante manter sempre mais vivo em mim o espírito de pobreza; assim, depois que a minha morte tiver sobre mim pleno direito, peço para ser sepultada pobrementemente, colocada no caixão mais rude, e da forma mais pobre transportada em carro comum, juntamente com outros cadáveres. Se a morte ocorrer num asilo público, que eu seja acompanhada apenas pelo ministro de Cristo; nada de flores, nem tochas, sequer uma pobre cruz de madeira sobre o meu túmulo; a isso renuncio agora, embora me custe, por ser um emblema caríssimo da mais rica pobreza de Cristo.

Ao Pai Superior deixo a minha alma, a ser oferecida a Deus juntamente com a de Jesus no santo sacrifício, e eu, do céu, amor filial, pedirei perenemente ao Esposo celestial o beneplácito por todo o bem que me fez.

Às minhas queridas Irmãs na religião exprimo-lhes o meu sentimento de gratidão e afeto por aquela especial e paciente caridade que me foi usada desde o meu primeiro aparecimento nesta santa Casa, caridade que recompensarei com o afeto do Esposo, pedindo a Ele que nelas se cumpra a sua divina vontade.

Ao Reverendo Pe. Filipe, que com tanta caridade paterna cuidou da minha pobre alma arrastando-a para o caminho do céu com incansável sacrifício, deixarei o mais vivo desejo de que ele me alcance lá em cima, para reinar e gozar plenamente daquele que me ensinou a amar.

Ao meu confessor e pai espiritual, o meu perene reconhecimento que do céu nunca cessará.

À minha boa mãe e irmão deixo o mais vivo desejo de que o cumprimento da divina vontade aqui na terra nos una um dia no céu.

Senhor, Deus meu!... Eis que este miserável ser, que foi o instrumento das vossas misericórdias em vida, peço-vos que nele vos glorifiqueis também na morte, para que todos a vejam como o eterno momento da vossa misericórdia”.

Ida Maria Meneghetti – Irmã Gertrude de Jesus (1891-1981)

²⁶ O testamento não tem data. As letras A. D. correspondem ao nome Angelina e ao sobrenome Dresda.

Nascida em Este (na província de Pádua) em 10 de março de 1891, muito jovem sente-se chamada a ver a vocação religiosa que amadurece assim: *“Eu me correspondia com o Pe. Jose Paccagnella, de Pádua [que há anos se mantinha-se em contato com o Pe. Calábria, pois desejava praticar um sacerdócio evangélico, cheio de caridade pelos pobres e atento aos sinais que Deus lhe dá nas almas que a ele recorrem], sob a direção do Pe. Carlos Riva, pároco do Santuário-Basílica de Santa Maria das Graças de Este [e seu diretor espiritual], ambos admiradores do Pe. Calábria. Os dois sacerdotes concordaram em indicar o lugar onde a sua vocação teria se desenvolvido e aperfeiçoado, isto é, a Casa Buoni Fanciulli”*.

Entra na Obra no dia 25 de agosto de 1912, com 21 anos de idade.

Por ser franzina, costumavam chamá-la de “Mariazinha”. Não goza de boa saúde.

Com a morte de Maria Galbusera, no dia 9 de junho de 1917, ela é escolhida pelo Pe. Calábria como Superiora geral, sendo ainda muito jovem: apenas 26 anos. Sua tarefa não é simples, pois precisa assumir um papel até então desempenhado por uma Irmã com maturidade espiritual. Os anos em que ela foi Superiora, de 1917 até 12 de maio de 1925, talvez estejam entre os mais difíceis, pois coube a ela sustentar, confortar e dirigir as Irmãs dispersas entre Verona, Este, Costozza e Brescia.

Ela é lembrada como uma pessoa *“boa. Jamais uma grosseria, nem qualquer palavra rude. Com as crianças, era uma mãe. Sabia muito ter compaixão”*. A sua vida é caracterizada pela simplicidade, pela pobreza e pelo trabalho absoluto, a fim de servir os meninos pobres e necessitados de tudo, mas especialmente pelo afeto, com muita suavidade e amor, sendo para eles uma mãe. Está sempre disposta a abrandar lágrimas e dar sorriso e conforto com os seus destacados dotes maternos.

As Irmãs que a conheceram de perto contam que ela buscava a perfeição em tudo, nunca satisfeita consigo mesma; quando descobria uma necessidade ou um desejo em quem lhe estava próximo logo dispunha-se a atendê-lo, mesmo que lhe custasse sacrifício.

Na homilia do funeral, Pe. Pedro Murari afirma: *“Para mim, a Irmã Gertrude foi mãe e Irmã por nada menos do que quinze anos! Foi uma autêntica Pobre Serva; não fez barulho ao redor de si mesma, sempre vivendo na humildade e no escondimento; tanto que um meu Coirmão, antes de começar a celebração eucarística, me disse: ‘Fui noviço um ano em Roncà, mas nunca me dei conta de que ela estava lá’,*

tão silenciosa era a sua presença. Sempre foi uma mãe vigilante e atenta. [...] Dos seus olhos de mãe nada escapava. [...] Na vida terrena foi um Evangelho vivo”.

Sobre ela a Irmã Dolores Vacca escreve: *“Alma reta, transparente, de grande fé e espírito de oração. Tinha muita humildade e caridade, não lhe faltando compreensão. Na Casa-Mãe passava muitas horas de joelhos, sempre diante de Jesus, no santo sacrário. Sempre serena, humilde e alegre, viveu em plenitude a sua consagração no abandono total à divina Providência”.*

Morre no dia 9 de março de 1981, na Casa Piccola Betania, em San Vito di Negrar (Verona).

TESTAMENTO ESPIRITUAL – 19 DE MARÇO DE 1914

“O que poderia por acaso dispor sobre os seus restos mortais uma alma vivida no escondimento e no abandono completo em Deus e nos seus Superiores? Mas se isso é para a maior glória de Deus e para o bem da minha alma, afirmo aquilo que eu quero que seja feito com o meu cadáver depois que se extinguir.

Com a luz clara da fé e da razão vejo a graça, eu não diria grande, mas imensa, tanto quanto é imenso o próprio Deus, por ter me arrolado entre o seu povo predileto, onde a riqueza se encontra na pobreza, a alegria está no abandono em Deus, no sacrifício, na imolação da alma e do corpo para a santificação própria e dos demais.

Como vivi uma vida escondida e abandonada em Deus e nos meus Superiores, assim quero ser sepultada com aquela extrema pobreza religiosa que sempre professei e segundo a Regra que comporta o meu Instituto. Não quero nenhum acompanhamento de pessoas, acompanhada com o carro fúnebre dos pobres, não quero nem flores, nem inscrições de nenhuma espécie, nenhuma lápide, nem mesmo uma simples cruz de madeira, quero que assinale sobre a minha pobre fossa.

Deixo aos meus Reverendos Superiores, às minhas queridas Irmãs e àqueles que fazem parte desta Obra, o pedido para que rezem em sufrágio desta pobre alma, para apressar o meu ingresso na glória eterna, que sobre esta terra tanto suspirei”.

Maria Olian Fannio – Irmã Imelda de Jesus (1863-1939)

Nasce em 2 de setembro de 1863 em Verona. O edifício onde ela mora está situado na Estrada San Fermo, de frente à porta lateral da igreja. Seu pai era engenheiro,

nascido em Roma, pessoa de uma virtude incomum, culto e inteligente; desempenha tarefas de grande importância. Seus pais, de origem nobre, eram mais nobres ainda pela virtude e pela piedade; deles recebe aquela educação que a distingue sempre pela fineza no trato, pela caridade especial, por todo um complexo de virtudes e de dotes, que a evidenciam como uma alma superior. A família transferiu-se para Pádua quando ela tinha três anos. Maria era a terceira de cinco filhos. Seu irmão maior, Antonio, casou-se logo; Clelia ficou em casa por um longo tempo acompanhando sua mãe enferma, juntamente com Maria; Camilla, em 1904, ingressa nas Visitandinas de Pádua e toma o nome de Irmã Maria de Sales; Licínio era o irmão menor.

Seguindo o costume da família, ela foi educada no Colégio das Damas do Sagrado Coração, em Pádua. Fez estudos clássicos: falava perfeitamente o francês e escrevia corretamente em latim.

Não se sabe como Maria chegou a conhecer o Pe. Calábria; talvez por meio de um sacerdote paduano. A propósito, sabe-se que *“certo dia uma senhorita de Pádua pediu ao Pe. Calábria para fazer um retiro espiritual, e foi aceita. Permitiu-lhe que se hospedasse na Casinha, juntamente com a Irmã Angelina, com a Irmã Lavinia e outras. Era a vigília do Santo Natal de 1912. Os breves dias do retiro passaram na luz interior e na alegria; sentiu-se tão bem que acabou ficando. Ninguém dos que a conheciam achava que ela iria suportar o tipo de vida por ela escolhido, já que em sua casa ela se encontrava num estado tal de esgotamento que nenhum cuidado servira para aliviá-la; o médico tinha lhe sugerido que cavalgasse para repousar um pouquinho; ela era, de fato, uma ótima amazona. Só que isso também não lhe adiantava muito, pois ela tinha problemas no estômago e vários alimentos lhe causavam enjoo; sequer o repouso lhe dava sossego”*.

Entra na Obra em 24 de dezembro de 1912, aos 49 anos de idade.

No dia 2 de dezembro de 1940 Pe. Calábria contou aos noviços que a condessa havia se apresentado com um chapeuzinho, como se costumava fazer na alta sociedade daquela época. Quando lhe foi perguntado se ela estava disposta a tudo, ela respondeu esperar que sim, com a graça de Deus. Então o Pe. Calábria, para verificar isso na prática, puxou do bolso dez centavos e lhe pediu que descesse para San Giovanni in Valle para comprar lenha por aquele valor. Ela foi, e voltou com dois pedacinhos de madeira debaixo do braço.²⁷

²⁷ Cf. *Il Servo di Dio Don Giovanni Calabria e i suoi Novizi*. Costozza (Vicenza): Tipografia Opera Don Calabria, 1982. p. 69.

Maria Olian Fannio nunca fala da sua linhagem nobre; se cai em sua mão algum objeto trazido da sua casa, jamais diz: “Isso era meu”.

O ideal da santidade que ela pretende seguir transparece destas linhas, escritas por ocasião do seu aniversário, com data de 27 de agosto de 1923, endereçadas ao Pe. Calábria: *“Perdoe se acrescento algumas linhas para falar de mim; nos primeiros dias de setembro, precisamente no dia 2, faço o meu 60º aniversário. Reverendo Pai, faça-me a caridade de rezar, naquele dia, ao Senhor, para que ele perdoe todos os pecados, as faltas de correspondência e as friezas de toda a minha vida, para dar-lhe graças por toda a sua bondade e misericórdia por esta pobre miserável e para pedir-lhe que eu possa começar uma vida nova, totalmente para Ele, segundo os seus desígnios e desejos. É para este fim que lhe peço, Reverendo Pai, uma bênção especial”*.

Dirigindo-se ao Pe. Calábria em 17 de junho de 1935, escreve: *“Mas a oração sozinha não é suficiente para arrancar as graças do coração de Deus; Reverendo Pai, peça-as por mim, santos e fortes desejos, forte e resoluta vontade de tornar-me santa. Faça-me a caridade de pedir isso ao Senhor e a Deus. Conceda-me a sua paterna bênção, que agora lhe peço”*.

Nos primeiros tempos escreve todas as pregações dos exercícios espirituais feitos às Irmãs pelo Pe. Calábria, que tinha por ela grandíssima estima; escolhe-a como Superiora geral de 12 de maio de 1925 a 24 de dezembro de 1927, confiando-lhe a tarefa de traçar um esboço de *Regras* para as Irmãs; além disso, encarrega-a de formar, no espírito da Obra, as novas candidatas.

Sua constante preocupação durante o período em que desempenha o serviço de Superiora geral é o de não criar dificuldades, como se percebe na carta de 30 de setembro de 1925, endereçada ao Pe. Calábria: *“Queira abençoar e rezar ainda pelas outras e por mim, para que não acabe estorvando a Obra do Senhor; esse é um pensamento que me preocupa. Perdoe os incômodos que lhe causei, e mais ainda é motivo de pena que eu os tenha causado ao senhor. Procurarei organizar-me melhor”*. Numa outra carta, de 21 de outubro de 1925, confessa ao Pe. Calábria: *“Não lhe falo de mim, que me acho tão miserável, tão pouca coisa, tão insuficiente para o lugar que ocupo, particularmente pela falta de virtude. Reverendo Pai, assista-me com a sua oração, com a sua bênção e com o seu conselho”*.

Durante o período em que lhe foi confiada a formação das aspirantes ela pediu ao Pe. Luiz Pedrollo no dia 9 de dezembro de 1927: *“Ore para que eu não coloque entraves ao Seu trabalho, mas, pelo contrário, apesar da minha miséria, acabe*

facilitando-lhe, e que, por nenhuma causa, mesmo pequena, se retire muito à glória que lhe é devida”.

No dia 25 de dezembro de 1932 festeja-se o vigésimo aniversário do seu ingresso. *“Foi um dia memorável, grandes demonstrações de simpatia e de afeto pela santa Irmã; as distantes participaram espiritualmente, não lhe deixando faltar os votos escritos!”*

É lembrada assim: *“Alma eleitíssima, de grande perspicácia, cheia de caridade, de bondade, refinada nos modos e na formação espiritual das almas que teve sob sua direção, tendo sido mestra de noviças”.* *“Era de uma humildade admirável, especialmente reservando para si os ofícios mais humildes e escondidos”.* Considerava-se sempre a serva de todas; para si reservava os trabalhos mais pesados, como os da lavanderia, desde que conseguisse aliviar as Irmãs na dura atividade quotidiana. *“Uma Irmã lembra que, quando noviça, na lavanderia [...], ajudava e [...] ficava com as demais quando se tratava de passar a roupa, mesmo no frio do inverno. Em seu encargo de mestra de noviças, como uma mãe, quando todas estavam deitadas passava perto de cada uma delas para ver se estavam bem cobertas, e tinha sempre uma boa palavrinha para dizer”.* É realmente maternal, e prodigaliza-se sobretudo em relação às Irmãs mais fracas. Dedicada ao trabalho, tanto de dia quanto de noite; é sempre zelosa, gentil e pontual para encontrar-se justamente onde houvesse qualquer necessidade. O seu ser Pobre Serva consiste no servir Deus e não no desempenhar “cargos”. De fato, não era muito afeita a *“papéis importantes, porque, nas inevitáveis controvérsias, não dominava, mas preferia humilhar-se e pegar uma vassoura...”*.

“A sua capacidade de considerar-se realmente a última, feliz em desempenhar também os últimos ofícios”, a sua docilidade e o seu escondimento provocam esta expressão no Pai: *“Assim quero as Irmãs”*. Ela corresponde à sua vocação com absoluta fidelidade, a ponto de deixar nas Irmãs que a conheceram um forte senso de admiração.

De saúde bastante delicada, franzina, é provada interiormente e por muitos anos sofre penas grandes, escrúpulos, incertezas, sempre calada; pela sua grande fé e humilde docilidade, uma palavra só bastava para tranquilizá-la. Tem todas as qualidades para ser Superiora e desempenha esse encargo por apenas dois anos porque seus íntimos sofrimentos, agravados pela responsabilidade de governo, obrigam os Superiores a substituí-la.

Este, em síntese, o seu perfil: *“Sentia-se nela uma alma cheia de Deus. A humildade era, para ela, eu diria quase natural: o último lugar era o seu lugar mais*

querido e preferido; os mais humildes ofícios, mesmo quando era Superiora, eram sempre os mais procurados; as roupas mais pobres eram para ela as mais convenientes.

Jamais uma palavra fora do lugar. As finezas da sua caridade tinham algo de excepcionalmente belo e edificante: alcançavam tudo e todos sem qualquer consideração para consigo mesma.

Sabíamos que ela era oprimida por internas penas, mas como as dissimulava! Para si, o sofrimento; para nós, o mais doce sorriso. Quanto me encorajou nas minhas dificuldades, quanto me sustentou nas provações!”²⁸

A sobrinha Ana Maria escreve: “Não lembro tê-la visto uma só vez cometendo uma falta; percebia-se que estava totalmente focada em procurar sempre aquilo que pudesse agradar ao Senhor. Eu notava, sobretudo, uma grande caridade: jamais a ouvi falar (não digo mal) de um modo pouco caridoso do próximo; e se, diante dela, alguém ousasse pronunciar mesmo que fosse uma só uma frase com acentos pouco gentis, ela se sentia mal como se isso houvesse sido feito a ela própria”.

Antonia Ederle lembra: “Certo dia minha sobrinha de Pádua me disse: ‘Sabes que minha cunhada Maria Olian Fannio entrou para as Irmãs do Pe. Calábria? Mas ela não vai ficar lá de jeito nenhum; trata-se de um entusiasmo momentâneo. Sabes como sua saúde é delicada; em sua casa ela sempre precisava de alimentos particulares, pois sofria de distúrbios estomacais. Tinha cavalgado em sua juventude (era o esporte daqueles tempos), mas ela havia cavalgado por conselho do médico e por questões de saúde. Agora me disseram que ela come sempre uma sopa de feijão e batatas, temperada com toucinho, que ela nunca tinha comido em toda a sua vida; está trabalhando na lavanderia, mas nunca tinha lavado sequer um lenço. É uma alma muito piedosa, mas não resistirá, isso não é possível, seria um milagre”.

Este foi o comentário da minha sobrinha. [...]

Daquele dia em diante não pude deixar de ir quase semanalmente saudá-la e levar-lhe a minha pequena oferta. Quando me acompanhava até à porta e me dizia: ‘O Senhor a recompense’, eu não saberia definir qual era o sentimento que eu tinha; e só conseguia responder: ‘Por tão pouco eu não imagino o que o Senhor poderia me dar; a senhora, sim, deu tudo!’ ‘No outro mundo a senhora saberá, não neste’, me respondia. [...]

²⁸ Esse testemunho pode ser lido também em O. FOFFANO. *Don Giovanni Calabria*, op. cit., p. 171.

Certo dia eu lhe disse: ‘Como vocês fazem, em tão poucas, para dar conta da roupa de tantos meninos?’ ‘Nem nós sabemos; de vez em quando o Pe. Calábria vem dar-nos a bênção, e assim nos dá um novo vigor; mas posso lhe dizer que todo sábado cada menino tem a sua roupa limpa e nós, toda segunda-feira, recomeçamos a lavar, remendar, passar’”.

O seu ser Pobre Serva é resumido pelas palavras do Pe. João: *“Alma grande, generosa, que tudo deu ao Senhor e o serviu com uma vida de sacrifício e de espírito verdadeiramente evangélico”.*

Morre em 12 de fevereiro de 1939, em Verona, na Casa Santa Toscana, aos 75 anos. O funeral foi realizado no dia 14, mesmo dia em que, em Roma, foi realizado o do Santo Padre, Pio XI. Primeiramente os seus restos mortais foram expostos em Santa Toscana, numa sala; a seguir, as exéquias foram cantadas na igreja de San Zeno in Monte; enfim, foi acompanhada ao cemitério pelo Pe. Pedrollo, alguns Irmãos, meninos da Casa e pelas Irmãs.

TESTAMENTO ESPIRITUAL – 25 DE MARÇO DE 1914

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; aos pés do meu Redentor crucificado, no dia da solenidade da Anunciação da Santíssima Virgem, dia memorável, esperado com grande amor pelo céu e com grande esperança pela humanidade, em que o Verbo nos foi doado e se doou a nós com caridade infinita, elaboro o meu testamento espiritual.

Acima de tudo o meu coração sente a necessidade de elevar-se ao Senhor com um hino de reconhecimento e de amor por todos os dons, dos quais na sua bondade quis me favorecer, desde o primeiro instante da minha existência, por todas as graças, por aquele imenso acúmulo de graças que ele derramou sobre este pobre ser, por toda a misericórdia sem limites que teve para comigo, por aquele traço de infinito amor do qual quis me favorecer no entardecer da minha pobre vida, chamando-me ao seu seguimento, em particular a esta Obra.

Eu gostaria que a minha voz não só penetrasse os céus, mas chegasse até à extremidade da terra, se estendesse no universo, para que todos os homens, as criaturas todas, pudessem conhecer quanto foi bom o meu Deus e pudessem agradecer-lo por mim, que nem sei, nem podem fazê-lo como eu gostaria e como eu deveria.

Ó, quanto fostes e sois bom comigo, ó meu Deus! E o que poderei eu fazer por Vós, eu, miserável criatura? Como já vos disse, novamente e mais solenemente me dou toda a Vós, a Vós, meu sumo bem, minha alma, meu coração, meu corpo, minha vida, tudo seja vosso; de Vós os tive, a Vós os dou; fizeti aquilo que quiserdes; disponhais a vosso prazer, são vossos. Não queirais permitir que eu retenha nada, nada. Ó, não, a qualquer custo, ó meu Deus; pelo contrário, na vossa infinita bondade, dignai-vos guardar e purificar a oferta, aperfeiçoar e consumir o holocausto.

Agradeço aos meus irmãos e familiares por todo o afeto e compaixão que tiveram por mim, por todas as manifestações concretas que me deram neste sentido, e peço-lhes perdão por todos os meus desgostos e erros de qualquer tipo, que eu lhes possa ter feito, na esperança de que não me queiram negá-lo.

Embora eu os tenha abandonado enquanto pessoa, não os abandonei com o coração; e se em vida rezei e rezarei por eles, quando eu morrer, do lugar do meu repouso continuarei a interceder por eles, a fim de que o Senhor se digne enchê-los aqui embaixo de graças e bênçãos e depois os acolha no Paraíso, onde reunidos nele gozaremos para sempre.

À minha boa irmã Clelia uma palavra de particular afeto e reconhecimento, pelo bem que me quis e por aquilo que fez por mim. O Senhor a recompense largamente.

Uma lembrança especial à irmã Maria de Sales e um agradecimento pela sua afeição e interesse por mim. A graça grandíssima que o Senhor fez a ambas nos promete que nos reencontremos um dia unidas aos pés do trono do Anjo.

Tendo-me Deus, por sua misericordiosa predileção, escolhida para fazer parte desta Obra, e eu, com todo o ímpeto de um coração humildemente agradecido, tendo seguido o divino chamado, segundo o espírito do Instituto, escolhi, por minha única riqueza, a santa pobreza e o abandono à divina Providência, tendo me despojado dos bens temporais que incondicionadamente recebi dos meus pais. Tais bens, empregados para a glória de Deus nesta Obra, se transformarão em outras tantas bênçãos também sobre os meus entes queridos, estejam estes certos.

Tendo abraçado a santa pobreza, como pobre pretendo viver, morrer e ser sepultada. Quero que seja pobre o caixão em que serão colocados os meus restos mortais, que seja o dos pobres o carro que os transportará ao cemitério, e que eu seja colocada numa vala comum. Nada de homenagens, discursos, epígrafes, lápides, nem

flores, absolutamente nenhuma manifestação externa, com exceção apenas daquela puramente religiosa.

Se os meus Reverendos Superiores quiserem plantar uma pobre cruz sobre o meu sepulcro, a fim de proteger com a sua sombra os meus pobres ossos, desde já lhes agradeço; se acharem por bem não fazê-lo, ficarei contente da mesma forma.

Ao meu Reverendo Superior que, em nome do Senhor me acolheu nesta santa Casa, peço humildemente perdão por todos os meus erros, por todas as motivações de desgosto e de pena das quais fui causa, pela minha pouca correspondência aos seus paternos e solícitos cuidados, pelos quais ouse exprimir-lhe o mais profundo reconhecimento.

Se em vida rezei por Ele, no céu, junto ao trono do Senhor, não cessarei de interceder-lhe as mais eleitas graças, as mais copiosas bênçãos e lumes e os auxílios que lhe são necessários para cumprir a sua penosa e difícil carreira, a alta e santa missão que lhe foi confiada, segundo os divinos desígnios. Se nas disposições da divina Providência ele estiver presente na minha passagem, peço-lhe a caridade de dar assistência à minha alma e de apresentá-la ao divino juiz, banhando-a no sangue do Anjo, a fim de que mais pura se apresente ao seu Deus. Ao Reverendo pai espiritual, todo o mais profundo e filial reconhecimento por todos os paternos e solícitos cuidados para com a minha alma. Do céu rezarei para que ele seja largamente recompensado.

Às Irmãs, que com tanta caridade me acolheram, me assistiram, suportaram e tiveram compaixão de mim com tanta caridade, a expressão da mais doce e fraterna dileção e da mais verdadeira gratidão. Peço-lhes perdão por todos os motivos de pena e de desgosto que eu lhes possa ter causado e por todos os maus exemplos que lhes dei. Recomendo à caridade delas sufragar a minha pobre alma, enquanto lhes prometo que junto de Deus rezarei muito para que todas elas me alcancem; e como fomos tão estreitamente unidas em Cristo sobre esta terra, assim todas unidas nos encontremos aos pés do seu trono, nos séculos eternos”.

Natália Fainelli – Irmã Maria de Jesus (1892-1953)

Nasce em Verona no dia 25 de dezembro de 1892.

Em suas lembranças e escritos evoca a figura dos pais e da vida familiar: “*Minhas queridas memórias, 1945. Lembro com prazer quando o meu querido papai gostava de me dizer: ‘Eu, antes que tu viesses à luz, disse: se o Senhor quiser me dar*

uma menina, quero que ela se chame Letícia; mas, tendo querido o Senhor dá-la a mim no dia do Santo Natal, surgiram, entre os familiares, desejos contrários ao meu; então conversamos, e enfim deliberei de colocar-te o nome de Natália, para assim lembrar esse grande dia'. Eu, depois, pedi à minha caríssima mamãe: 'Em que hora o Senhor quis que eu viesse ao mundo?' 'Ah, não à meia-noite, como o Menino Jesus!' 'Teria sido muita honra!'; respondeu a minha mamãe.

Lembro que quando eu era pequenina amava brincar com as cadeiras da casa; eu fazia uma casinha com as cadeiras e me colocava lá dentro; e lá eu rezava ao Senhor, ajoelhada no chão, da forma que a minha mãe sempre nos fazia rezar, isto é, com os joelhos no chão, porque, dizia, assim rezava ao Senhor.

Lembro que a minha mãe tinha me encarregado de cuidar de um pequeno altar no qual havia a imagem de Maria e, se não me engano, de alguns santos. À noite, quando todos nos reuníamos em família para as orações, eu acendia as velas; e às vezes eu colocava tantas quando chegava a festa da Purificação que a minha mãe achava graça. E eu me dava conta disso.

Eu era criança quando morávamos na casa da catedral, isto é, no canonicato, e eu lembro quando Sua Eminência, o Card. Bacilieri, e o seu escrivão, Dom Tomba, saíam para o seu habitual passeio da tarde; no inverno, da minha casa eu ficava atenta, e quando o via passar eu saía correndo e atravessava a praça da catedral para beijar-lhe o anel sagrado; Sua Eminência, eu lembro, gostava muito disso; outras crianças se juntavam a mim, mas eu era sempre a primeira a chegar até Ele.

Quando Sua Eminência me encontrava andando pelo bispado, me abençoava e sorria, bem como quando na creche que ficava ali perto...

Eu ia às sagradas funções que eram realizadas na catedral; na longa celebração da quinta-feira santa eu ia bem cedinho para pegar um lugar na frente, especialmente para ver o lava-pés dos apóstolos; eu ficava muito atenta quando o cardeal se preparava para lavar os pés dos apóstolos, um por um, de todos os doze, e os enxugava. Acabada a função, junto com alguns vizinhos meus, eu ia ao bispado para o almoço, que era numa linda sala; o almoço era servido para os doze apóstolos, e Sua Eminência, com um avental branco, servia aos outros algum prato. Sendo muito pequena, eu não conseguia ver tudo direitinho, porque na minha frente acabavam se colocando pessoas adultas; então eu tentava de alguma forma ir para frente, mas não conseguia. Foi aí que eu vi Sua Eminência abrindo espaços entre as pessoas para vir até onde eu estava e, tomando-me pela mão, me levou diante de todos; depois, me

tomou entre os seus braços e me levantou bem alto do chão e, sorrindo, juntamente com todos os canônicos e os presentes, me disse: ‘Querida menina, vês agora os apóstolos?’ E eu lhe respondi, feliz: ‘Sim’. Depois me colocou no chão, perto dele, e eu vi que ele colocava sobre o chapéu de cada um dos apóstolos um ramalhete de florzinhas. Voltei para casa às duas da tarde. E a minha querida mamãe estava me esperando com a comida bem quentinha, muito contente em me ver feliz.

A minha boa mamãe não queria nunca que eu brincasse com os meninos, dizendo: ‘Meninos e meninas juntas é o diabo no meio’; e eu, quando algum menino se aproximava de mim para brincar, lhe cantava aquelas palavras da minha mãe; assim, ele ia embora. Mas a minha mãe sempre se preocupou, nas várias casas em que fomos morar, de que tivesse um jardim interno para brincar.

Quando cresci, a minha mãe me obrigava a fazer tricô, depois a costurar durante parte do dia e, nas férias da escola, me mandava durante um bom tempo do dia à casa da minha madrinha de Crisma, que era costureira, para aprender aquela profissão. Eu ia sempre às atividades da paróquia e ao catecismo; participei da competição dos cinco exercícios na presença de muitas pessoas, dos meus amados pais e de todos os parentes...

No dia 16 de junho de 1901 a minha mãe (com a devida preparação...) me fez receber o sacramento da santa Crisma; naquela ocasião, numa sala da catedral, eu o recebi de Sua Eminência o Card. Bacilieri. Eu estava muito feliz! Tive por madrinha a senhorita Luisa Berdiani; costureira e instrutora de corte e costura, a ela me levavam para que eu aprendesse a trabalhar, por determinação da minha mãe”.

Trabalha como costureira e mora no mesmo bairro onde reside também o Pe. Calábria, tendo assim a possibilidade de encontrá-lo quando vai à catedral para as celebrações.

O seu primeiro diretor espiritual é o Pe. Carlo Zamparo,²⁹ que a dirige até o ano de 1920, quando vem a falecer. É ele, de fato, que a aconselha a falar com o Pe. Calábria. Entra na Obra no dia 1.º de maio de 1913, aos 20 anos de idade.

Numa imagenzinha está escrito: “*Lembrança do meu Reverendo pai espiritual (Pe. Carlo Zamparo), no beatíssimo dia em que me consagrei inteiramente ao*

²⁹ Carlos Zamparo, nascido em Verona no dia 10 de maio de 1867, primeiro de sete filhos, foi auxiliado nos estudos pelo Pe. Luiz Tosi. Formado em Letras pela Universidade de Pádua, no seminário de Verona primeiro foi diretor espiritual, depois professor do segundo grau e em 1907 tornou-se reitor do Colégio dos Acólitos de Verona, na Paróquia Santa Anastácia. Exerceu em outros institutos o seu ministério sacerdotal, como conhecido confessor e pregador de exercícios espirituais, sendo também diretor espiritual de Elena Da Pérsico. Faleceu em 20 de abril de 1920.

amadíssimo coração do meu Jesus com voto perpétuo de castidade virginal no dia 11 de junho de 1915. Irmã da Casa San Benedetto, Natália Fainelli”.

Tendo amadurecido na Casa Buoni Fanciulli o desejo de se tornar carmelita, ela fala com o Pe. Zamparo sobre esse seu desejo de entrar para um mosteiro de clausura das Carmelitas Descalças. Escreve: *“O senhor Salomão José, cavaleiro da coroa de São Gregório, foi a Paray-le-Monial, ao mosteiro das Irmãs da Visitação, no qual viveu a Bem-Aventurada Margarida Alacoque, e naquele jardim no qual o Senhor apareceu à Santa e esteve com ela em amorosos colóquios colheu estas duas avelãs, que levou de presente para a sua camareira, Maria Eccheli; posteriormente ela foi acolhida nesta Casa da divina Providência, e um dia (21 de janeiro de 1920) me disse que se sentiu inspirada pelo Senhor a presenteá-las a mim”.*

Esse seu desejo de entrar para a clausura se torna sempre mais claro e, numa última tentativa, escreve uma carta ao seu pai espiritual, Pe. Zamparo: *“(Este, março de 1920) Eis que agora me sinto impelida a prestar-lhe contas do meu interior. O fogo dos ardentes desejos se acende sempre mais em mim. Ó, meu Pai, se soubesse quanto sofrendo que não se realiza nada daquilo que eu desejo! As vigílias noturnas não as posso mais fazer da forma que o senhor me permitiu, porque me encontro num dormitório comum e por isso é preciso que eu faça aquilo que eu posso ficando na cama. Ó, Pai, quando será que eu poderei ter um pobre quartinho? Quando será que o meu corpo renunciará ao mórbido leito para obter aquele pouco de repouso sobre um pouco de palha colocada no chão e terá por travesseiro um pedaço de madeira? Quanto suspiro por essa hora! Que necessidade eu sinto em mim de fazer penitência, de me consumir totalmente para o meu amado Jesus!!... Quanto ao alimento, faço como combinamos; e em relação ao que me foi proposto, devo lhe manifestar um anseio íntimo, o qual se acendeu em mim há algum tempo, isto é, de fazer um jejum de 40 dias só de pão e água, se o senhor me permitir. Tenho certeza de que consigo resistir, não tema, Pai; o único obstáculo que eu vejo seria o seguinte: como eu vivo em comunidade, minha preocupação é onde vai acabar o escondimento? Entretanto, se o meu Reverendo Superior me concedesse de viver sozinha num miserável quartinho, então se poderia fazer tudo no máximo escondimento; não lhe parece? Que felicidade!! Queira o senhor, meu Pai, fazer-me a grande caridade de dizer-lhe uma palavrinha em favor desta sua filhinha, pois estou certa de que o senhor é capaz de fazê-lo sentir compaixão, já que, no fim das contas, a mim ele nada mais diz a não ser que eu devo cultivar esses desejos; e eu há alguns anos cumpro essa obediência; e de tanto cultivá-los, esses desejos,*

também com a ajuda do divino jardineiro, cresceu em mim uma árvore tão grande que agora não sou mais capaz de contê-la em mim mesma. Portanto, espero que o senhor consiga fazer com que o meu Reverendo Superior se apiede de mim vindo o estado em que me encontro e assim acabe atendendo pelo menos algum dos meus desejos.

Jesus o quer, Jesus espera, não o deixemos esperando!... Quanta necessidade eu sinto de viver uma vida eremítica na pobreza extrema, em união com o meu Deus e com Jesus Sacramentado! Ah! Quantos desejos sinto agudamente no meu coração!... Passo algumas horas, especialmente durante a noite, deliciando-me só em pensar que os desígnios que Deus tem sobre mim irão se cumprir como o senhor, Pai, me disse. Ó, meu Reverendo Pai! Que os meus desejos não sejam estéreis!...”.

Esse desejo continua a se manter vivo na Irmã Maria tanto que dele encontramos traços numa carta escrita no dia 17 de julho de 1923 ao Pe. Calábria, escrita por um sacerdote com o qual ela havia falado: “*Reverendíssimo Pai, na esperança de que o senhor, Pai, na sua paterna bondade, terá compaixão de mim e me perdoará, encontro a coragem para incomodá-lo mais uma vez. Nesta comunidade de Este encontra-se a irmã Maria (Natália Fainelli) que continuamente demonstra um ardente desejo de vida contemplativa. Quanto lhe custa esse desejo; e já há muito tempo é um desejo conhecido também pelo senhor, Pai. Ela, aliás, desejaria abraçar, mais especificamente, a Regra das Carmelitas Descalças, se o senhor julgasse in Domino por bem apoiar esse seu desejo e inclinação; pelo tempo em que pude conhecer a irmã Maria, eu não teria nada contra as tendências e predisposições para esse tipo de vida”.*

Menos de um mês depois, não tendo recebido nenhuma resposta, a Irmã Maria escreveu diretamente ao Pe. Calábria de Este, no dia 14 de agosto de 1923: “*‘Abra a tua boca, e eu atenderei os teus votos’ (Sagrada Escritura). Meu muito Reverendo Pai Superior: depois de ter sacrificado por dez anos a minha vocação – como o senhor sabe muito bem – e de ter por isso mesmo vivido um indizível martírio, agora saiba, ó meu Reverendíssimo Pai, que o bom Deus interveio manifestando expressamente a sua adorável vontade sobre mim, por meio do meu atual confessor, o qual me disse com certeza que Deus me chama para a vida contemplativa e que deve-se procurar santificar a minha alma, na vontade do Senhor. Por isso, ele me aconselha (tal como me disse ter-lhe escrito) entrar na comunidade das Carmelitas Descalças, o que eu sempre aspirei. Depois pediu-me para dizer-Lhe, venerado Superior, que o confessor dá todo o seu consenso para isso. De resto, devo referir-lhe, Pai Reverendíssimo, que também todos os outros meus antecedentes diretores espirituais me disseram que eu sou*

uma alma contemplativa e que Deus me deu esse dom; a eles acrescenta-se também o Reverendo Pe. Battisti, o qual me disse claramente que eu sou mesmo chamada pelo Senhor à vida contemplativa, sugerindo-me de rezar muito para que se dignasse cumprir a Sua vontade sobre mim.

Creia, Pai meu Reverendo, que eu aqui, de modo especial atualmente, me sinto como um peixe fora d'água, e por isso, ao invés de ir adiante... estou indo para trás, porque não me encontro naquela vida que o Senhor me quer, da qual a alma minha sente extrema necessidade, isto é, a vida solitária e de absoluto esquecimento de todas as criaturas, de união íntima com Deus, mais de oração do que de trabalho manual, de grande silêncio, numa palavra, viver abandonada exclusivamente ao amor e aos louvores do meu Deus!!

Ó, meu Pai! É verdade que eu não mereço tão grande graça, porque me sinto muito má e cheia até o limite de defeitos, confesso-o ao senhor com toda sinceridade; mas, a partir deste momento jurei ao Senhor, com lágrimas nos olhos, de querer a todo custo usar uma acurada diligência para não mais cometer aquelas faltas nas quais tenho caído, e de procurar, com zelosa solicitude, amar e servir o meu Deus mais fielmente. E se me for dado receber d'Ele esse imerecido favor sinto-me segura, Pai, que caminharei em direção ao céu a passos de gigante. Verá, me tornarei santa, garantindo-lhe que rezarei muito pelo senhor, Reverendo Superior, e por toda a Obra, cooperando com esta muito mais do que no presente. O senhor mesmo, certamente deve lembrar-se disso, três anos depois que eu havia entrado nesta santa Casa me propôs ingressar entre as Carmelitas em Modena, se o meu confessor (Pe. Zamparo) estivesse de acordo, dizendo que o senhor iria se ocupar desse meu ingresso, e que eu poderia da mesma forma cooperar com a Obra. Portanto, eu espero que aquilo que não foi feito naquela época porque ainda não era o momento do Senhor possa ser feito agora, dando-me certeza de que também o senhor reconhecerá a vontade de Deus a meu respeito, manifestada no juízo e no conselho daquele que guia a minha alma. O Senhor agora me dá todas as disposições, inclusive físicas, para abraçar esta tão suspirada vida de clausura... Quanto a mim, sinto estar seguindo tranquilamente o conselho do meu confessor, esperando que tal conselho também seja o seu”.

A esses seus pedidos não sabemos o que o Pe. Calábria respondeu, o qual, com toda delicadeza, os confia ao Pe. Pedrollo e à Irmã Fannio, Superiora em Costozza, para onde a envia. Neste ínterim, ela adoece por um longo período, o que a impede de satisfazer o seu mais profundo desejo de entrar no Carmelo. Sua saúde não melhora, a

ponto de precisar ser internada com problemas nos pulmões. No dia 27 de junho de 1927 ela é enviada para a casa do seu confessor, o Pe. Filipe Bardellini, que lhe diz: *“Eis, tu és a Superiora destas Irmãs”*; num outro dia, na presença de todas: *“Tu deves desligar-te da Casa do Pe. Calábria... teu coração está lá em cima, mas, pelo contrário, deves mantê-lo aqui...”*. Um mês depois ela adoece e precisa ser levada para o Sanatório de Ponton, onde fica por aproximadamente quatro meses, até 16 de novembro de 1927.

Pe. Calábria tem grande consideração pela espiritualidade da Irmã Maria, tanto que a torna Superiora geral de 2 de agosto de 1931 até 7 de fevereiro de 1934. O seu desejo de vida contemplativa e de adoração pela santificação do clero, preocupação dela durante toda a existência, encontra sua resposta nos últimos anos de vida, quando o Pe. Calábria a envia para Maguzzano, na casa de oração, onde é Superiora de 1948 até 1952.

São muito numerosos os textos, a maioria dos quais de caráter espiritual, bem como cartas a familiares e amigas, que mereceriam um estudo particular justamente porque testemunham a profundidade da sua busca interior.

“Amava muito a congregação e ansiava por vê-la aprovada, tendo a graça de festejar isso. Rezava muito pelos sacerdotes, para que fossem todos santos. Amava e venerava muito o Pai Fundador”.

Irmã Serafina – Adele Carli lembra dela assim: *“Foi alma ardente, de grandes desejos para a glória de Deus e o bem das almas... O intenso fervor de espírito tem sido, pode-se dizer, a característica da sua vida. Dotada de ótimas qualidades de governo, desempenhou por alguns anos também o encargo de Superiora geral, precedendo sempre com o exemplo, procurando ser mais mãe do que Superiora”*.

Pe. Pedrollo anota: *“Pe. João foi visitar as Irmãs e a Irmã Fainelli, que havia sido operada de um câncer. Por problemas de circulação ela tinha limitação no uso das pernas, não conseguindo ficar de pé; sofria muito com isso, até porque precisava da ajuda de alguém para todas as suas necessidades”*.

Morre no dia 12 de novembro de 1953 em Verona, na Casa de Santa Toscana, como o descreve o Pe. Pedrollo: *“Faleceu nas primeiras horas do dia (às 3h30) a [...] Irmã Maria (Natália) Fainelli*.

Ó, com que serenidade foi ao encontro do Esposo! Sorria para as Irmãs que a visitavam.

Administrei-lhe a União dos Enfermos dias atrás. E recomendei a sua alma. Ela estava muito lúcida e respondia. Ontem lhe dei a bênção papal. Ela ficou muito contente.

Ontem à noite telefonei: nada de novo. Prometi que teria voltado no dia seguinte. No entanto, encontrei-a morta”.

TESTAMENTO ESPIRITUAL

*“Eu, Natália Fainelli,
colocando-me na presença da Santíssima Trindade, da Virgem Imaculada, dos meus protetores e de toda a corte celestial, exprimo os meus últimos desejos, aliás, a minha expressa vontade.*

Gloriando-me de ter abraçado este estado de vida, muito pobre, da mesma forma quero que, também depois de morta, os meus pobres restos mortais sejam cobertos miseravelmente, fechados num caixão muito pobre, com carro fúnebre de pobreza, nada de flores, nem anúncios e discursos, e o cortejo conforme o espírito da santa Casa, fossa comum e sem qualquer sinal externo em minha memória.

Deixo um vivo e santo reconhecimento aos meus Reverendíssimos Superiores, ao meu Reverendíssimo pai espiritual, por aquilo que fez e sofreu para o maior proveito da minha alma, suplicando-lhe humildemente que queira perdoar-me pelos desgostos e desprazeres que, mesmo involuntariamente, eu possa ter-lhe causado. Peço perdão, além disso, às minhas diletíssimas Irmãs por todas as faltas de caridade e pelos maus exemplos, esperando, aliás, tendo certeza, na sua bondade e caridade, de ser indignamente atendida.

Agora resta-me um último desejo, isto é, de deixar às minhas amadíssimas Irmãs estas poucas recordações, que contêm toda a vida de uma religiosa que quis absolutamente tornar-se santa: amor e abnegação.

Sim, Irmãs queridas, amem muito, muito mesmo, o bom Jesus; cuidem para que tudo aquilo que vocês fizerem seja movido pela chamazinha da caridade; amem-se mutuamente, para assim formar um só coração e uma só alma; amem todo o seu próximo e, de modo especial, os pobres pecadores. Imolem, ó Irmãs, a cada instante, a sua vontade, esqueçam a si mesmas pela salvação da alma dos outros, esqueçam a si mesmas nas humilhações, na aridez, nos sofrimentos, também físicos, em síntese, esqueçam a si mesmas em tudo e sempre, pois esse é o segredo para encontrar a

verdadeira paz e felicidade aqui na terra, gozando depois eternamente do fruto dos seus sofrimentos”.

Maria Galbusera (1874-1917)

Nasce em Milão no dia 2 de novembro de 1874, décima segunda de dezesseis filhos, de pais piíssimos e ricos. Do pai, Carlos,³⁰ herda grande parte do seu temperamento, enquanto que da mãe, Teodora Dal Corso,³¹ lhe vem sua inteligência aguda e vivaz e suas capacidades artísticas. Além disso, os ensinamentos, sobretudo maternos, aproximam-na das grandes verdades da fé. Vive os anos juvenis num ambiente profundamente religioso, que favorece seu amadurecimento espiritual.

Possui uma capacidade intuitiva especial tanto que, segundo sua irmã Camila, ainda criança de poucos anos já compreendia as aulas de teologia de Dom Brera, na Catedral de Milão. Gosta de ler; estuda sem esforço, mas sua saúde é delicada. Frequenta escolas públicas e o ensino superior no colégio Alessandro Manzoni,³² onde é oferecida a educação às jovens dos ambientes mais refinados de Milão. Ela vai à escola acompanhada por uma doméstica. Aprende, assim, o francês, como era costume naquele

³⁰ Seu pai, Carlos, é um empresário da construção civil de Ceresco Lombardone, em Brianza, que pelas suas qualidades de construtor foi nomeado arquiteto “honoris causa”. Construiu uma ponte importante em Oneglia, que estava para ser feita por uma empresa francesa, já que nenhuma empresa italiana queria assumir o compromisso de executá-la. As dificuldades não o assustam. Dirige pessoalmente os trabalhos da construção da Pontebbana. Falando do progresso e da técnica com alguns engenheiros austríacos que trabalham com ele na construção de uma ferrovia, saiu-se com esta expressão: “*Não passará muito tempo que cada família terá o seu espetáculo em casa*”. Os austríacos reagiram com vivacidade: “*Estes italianos estão sempre com vontade de brincar*”. Inteligente e genial, é também um bom cristão, servindo-se da direção espiritual dos jesuítas; todo dia vai à missa e, na medida do possível, faz uma hora de meditação quotidiana. É muito devoto da Sagrada Face. Com certa ingenuidade, dá confiança demais a um sócio, que o leva à falência. A família passa da riqueza a condições precárias, tornado-se ele desempregado. Mas não desanima; pelo contrário, diz aos seus: “*Quando acontece uma desgraça é preciso agradecer ao Senhor*”. Essas palavras representam uma porção difícil de digerir para alguns dos seus familiares, mas revela a sua envergadura espiritual. Possui um curioso sistema de educação: rígido no exigir, deixa, todavia, muita liberdade. Por exemplo, nunca abre uma correspondência dos seus filhos, algo de grande destaque para aqueles tempos; entretanto, lhes faz longos sermões, pois afirma que, quando crescerem, não os ouvirão mais.

³¹ Apesar de ser austera como o marido, Teodora Dal Corso tem uma índole boa e doce, e inspiração artística. Sabe música e canta muito bem. Assume para si a tarefa de equilibrar o rigor paterno. No entanto, os filhos devem ir à missa bem cedo e cada um pode sentar-se, sozinho, em bancos diferentes.

³² A partir de 6 de maio de 1861 o conselho municipal de Milão discute o projeto de uma escola superior feminina inspirada na grande modernidade de intentos e voltada a conferir um novo papel à mulher numa cidade na qual o alto teor de sensibilidade e a profunda tradição cultural fazem emergir exigências ainda adormecidas em outros lugares. Na ausência de providências estatais que, em matéria de instrução feminina limitam-se à última série do ensino fundamental, no dia 4 de junho de 1861 o conselho comunal aprova a instituição de uma escola que prepare meninas em condições de contribuir para o progresso social. Começa, assim, a instituição “Alessandro Manzoni”, hoje escola linguística em nível de segundo grau.

tempo nas famílias respeitáveis; mas os Galbusera não gostavam da vida mundana e não iam nem ao teatro. No ambiente escolar, exercita-se no apostolado em favor das amigas.

No dia 20 de outubro de 1893 obtém o certificado de professora elementar de grau superior com uma avaliação que lhe permite encontrar emprego logo, não sendo assim um peso para a família que passa por um momento de instabilidade financeira. De fato, como professora, ensina por mais de dez anos em várias escolas: primeiro em Broglio, perto de Lecco, depois em Brianza, e enfim no instituto Grimm. A seguir, retorna à escola superior Alessandro Manzoni, agora na qualidade de assistente, onde seu trabalho era muito apreciado.

Sua carga humana lhe dá condições de estabelecer boas relações de amizade, preciosos para as alunas; muitas cartas escritas mais tarde são dirigidas a meninas que ela conheceu naquele ambiente e que depois acompanhou ao longo de sua vida. Acaba se tornando difícil, no entanto, trabalhar com a diretora, terrivelmente rígida. Pelo seu destacado sentido de exatidão, quase teutônico, herdado do seu pai, ela tem grande capacidade para manter a disciplina em sala de aula, o que alguns professores não conseguem; basta, nestes casos, a sua presença, bem como alguns sinais, para recolocar no binário certo a vivacidade das alunas, vigiadas por ela também durante a recreação.

Dedica-se a ajudar as jovens; como educadora, sente toda a paixão de doar-se àquelas que lhe são confiadas: *“Ó, as minhas cinquenta aluninhas, lindas, boas, ordenadas! Eram como que sonhos surgindo para me confortar diante das enormes pilhas de cadernos e de livros e dos frios muros da escola; quem sabe a consciência de ter cumprido o meu dever não me dê pelo menos alguma rosa a ser colhida entre os espinhos!”*

Interessantes são os seguintes pensamentos de caráter educativo, escritos antes de entrar na Obra, os quais denotam a grande sensibilidade amadurecida graças também à sua experiência como professora: *“De tantas ciências didáticas e pedagógicas para a educação das crianças talvez o melhor tratado seja este: de um amor verdadeiro, extraído do coração de Cristo e derramado, em sua plenitude, no coração desses inocentes”* (4 de novembro de 1907). *“Tenho a certeza de que Deus supre todas as minhas lentidões e fraquezas e que vigia sobre mim. Isso me conforta”* (5 de junho de 1908). *“Dia após dia fico tão feliz com aquilo que o bom Deus predispõe. E os meus sacrifícios são tão pouca coisa que é preciso que eu não deixe fugir pelo menos estes que o Amor meu me coloca ao longo do caminho”* (16 de junho de 1910). *“Os meninos todos tiveram um bom crescimento moral, intelectual, físico. Eu os olho, os amo, e*

penso nas palavras de João Batista: ‘Oportet me minui, Illum autem crescere’.³³ É preciso que eu me torne pequena, e que eles cresçam. Cresçam, como crescem os brotos ao redor de uma velha planta, que ficará sem sol depois do seu crescimento, mas feliz em dar tudo, em dar sempre, em dar até o fim” (12 de janeiro de 1909).

Diante de momentos de desconforto, encoraja alguma amiga: *“Faze de tudo para abrir-te este caminho. Cria-me: isso vale uma vida inteira; nunca, nunca como agora entendi a divina missão do educar”.*

No final da primeira década de ensino, todavia, Maria começa a ouvir o chamado rumo a uma entrega total a Deus na vida consagrada. Fala disso às suas irmãs. Para Ida, religiosa no Sagrado Monte de Varese com o nome de Irmã Ângela, escreve no dia 15 de novembro de 1902: *“Ida, quando o Senhor nos faz ouvir assim a sua voz e o seu chamado, o que nos resta a fazer senão responder chorando de alegria? Enquanto isso é preciso ter paciência e rezar... porque os seus caminhos não são os nossos caminhos. Irmã Teresa [do Menino Jesus] guia nós três, tenho certeza, e muito fez junto a Jesus por nós! Porque Jesus respondeu: sim, sim; serão também elas todas minhas!”* E a outra irmã, religiosa, irmã Elisabete, Filha da Caridade e Superiora de um instituto em Massa Carrara, no dia 7 de agosto de 1903 confia: *“Já faz tempo que eu estou adiando; mas quantas vezes, em meio ao ofuscamento de luz e de felicidade, sou tomada improvisamente pela dúvida, pela tristeza, por uma espessa escuridão e por toda aquela misteriosa dor que sacode a minha alma e a põe à prova, depois da sublime doçura do chamado divino. No entanto, Elisa, Ele me chama entre as Filhas da Caridade; e foi dom do seu coração e o dia da sua festa esse chamado... Acho que já perdi grande parte da minha vida, talvez os anos mais lindos. Sabe-se lá se me aceitarão; sabe-se lá se saberei responder; sabe-se lá se terei condições de ocupar pelo menos o último lugar entre vocês!”*

Em 1903 vai para Verona visitar os seus irmãos Alessandro³⁴ e Eduardo, ativos no movimento católico local e, seguindo o exemplo do pai, comprometidos em concretizar princípios éticos e cristãos de solidariedade e justiça. Aos 29 anos ela parece já estar decidida a entrar para as Filhas da Caridade; mas quando o seu irmão Eduardo

³³ A expressão latina significa “Importa que eu diminua e que ele cresça”.

³⁴ Alessandro Galbusera, nascido em Verona em 16 de dezembro de 1858, irmão mais velho de Maria, é um dos primeiríssimos firmatários dentre aqueles que na Igreja de Santa Eufêmia fundam, no dia 27 de fevereiro de 1896, juntamente com o Pe. José Manzini, a Sociedade Católica de Seguros, uma companhia que opera como uma cooperativa. Atua, durante aqueles anos, apenas nas regiões da Itália setentrional. Em 1901, Alessandro é um dos principais diretores e peritos responsáveis da Companhia em Verona. Morre no dia 7 de agosto de 1925 deixando a sua obra ao seu filho Tiago.

fica viúvo, com quatro filhos de tenra idade, ela se sente inspirada a assumir o lugar da mãe que partiu. Este é um dos motivos que a impulsionam a escolher um caminho distinto da vida religiosa, levando-a a estabelecer-se em Verona. Tal decisão não lhe foi imposta por ninguém; aliás, a sua própria mãe tentou dissuadi-la: *“Olha, Maria, se estás aqui por amor a Deus e te sacrificas por Deus, tudo bem; mas não vá fazer isso nem por mim, nem pelos filhos”*. Maria responde: *“Eu escolho o pior”*. Referindo-se à decisão da filha, eis o que diz sua mãe: *“Ou é louca, ou é santa”*. No fim das contas, porém, deixa que ela faça o que quer.

Em Verona toda a família tem como confessor o Pe. Natal,³⁵ dos Carmelitas Descalços, que guia também Maria a comprometer-se com obras de caridade. Com efeito, muitas vezes ela vai visitar os doentes nos hospitais e as presas, prodigalizando-se, inclusive com auxílios materiais, em favor das meninas transviadas. Nos cárceres e junto às “arrepentidas”, ela dá palestras, motivando as pessoas a procurar sua recuperação humana e cristã. Revela-se cheia de caridade e de zelo apostólico, de grande espírito de oração e de mortificação. Sente grande compaixão pelos meninos e pelas meninas abandonados e tendentes ao mal; mais de uma vez reduz seu armário a zero para socorrer o próximo necessitado. Ora sobre o piso frio, priva-se do repouso; suporta a sede e, *“para acostumar-se a tudo”*, frequentemente se alimenta apenas daquilo que sobra das crianças. Proíbe-se também a distração de tocar piano, que ela toca muito bem.

Os autores espirituais por ela preferidos são Santa Teresa de Jesus e São João da Cruz; e, tal como seu pai, tem uma devoção particular pela Sagrada Face. Muitas vezes dorme sobre os livros, depois de ter feito alguns apontamentos. Além disso, com frequência é vista chorando na igreja dos Carmelitas Descalços; mas quando sai, está alegre e desenvolta. Gosta muito de ensinar catecismo às crianças.

Passam-se outros dez anos até que o seu irmão Eduardo manifesta a clara vontade de ser deixado sozinho e livre para educar os seus próprios filhos. Assim, em 4 de outubro de 1913, ela deixa os sobrinhos em férias em Peschiera e volta para Verona. Seguindo conselho do Pe. Natal, decide retirar-se por algum tempo junto ao seu irmão pároco, Pe. Leão, em Monfortano, região de Como. Durante esse período escreve a seguinte oração: *“Diante de ti, adorável face do meu Dileto, hoje, com todas as forças que me restam nesta hora, uma das mais tristes e dolorosas, renovo a declaração,*

³⁵ Sobre o Pe. Natal de Jesus veja-se a n. 5, c. 2.

selando-a com as lágrimas que são o sangue da alma, de jamais querer outra coisa que não seja a tua adorada vontade, pois não tenho sequer um fio de energia nem para querer, nem para fazer, nem para amar, menos ainda para sofrer. Nunca como agora, nunca como nestes dias, vejo faltar tudo ao meu redor, porque se algo conta, conta para que se renuncie a isso, conta para deixar um sulco de dor na alma. Tudo isso é adoravelmente santo e perfeito e, sem nada entender, me abandono cegamente em ti. O teu coração bate no meu coração, e algumas vezes me parece, sim, que estamos em uníssono! Trata-se de uma doçura infinita que logo se esvai por culpa minha. Eu também anseio, sem descanso, pelo teu querer. Sob as ruínas da minha pobre vida, eu levanto a cabeça e estendo as mãos como o moribundo que busca o ar e a luz. Todos os dias eu caio novamente, mas todos os dias protesto, prometo, recomeço... e Tu, doce amor, tens paciência, tens paciência sempre. Ó! Mas levanta-te, levanta-te! E por que não te vingas destas minhas rebeliões, destas minhas fraquezas? Porque és bom! Dize-me, o que queres de mim? Se tu me ajudares, eu o farei. Queres que eu me estenda em silêncio sobre o altar do sacrifício e não me mexa mais, não fale, nem suspire? Como os mortos? Eis aqui, eis aqui, deixa que eu repita milhares e milhares de vezes com os teus sacerdotes: eis a minha carne, eis o santo madeiro. Eis aqui a minha alma, o meu coração, o meu espírito, a minha inteligência, a minha vontade, tudo aquilo que me deste e que eu sou... eis aqui, logo, consome. No coração, nos colocaste muitas cordas vibrantes: quebra-as todas, uma a uma; na alma nos colocaste muitos perfumes... consome-os e dispersa-os; no espírito está escondida de nós, nas profundidades do cárcere e do exílio, uma luz misteriosa, um batimento regular que louva. O espírito que geme... Queres?... Quereis me abandonar, ó divinas pessoas? Ó Pai, ao qual estendo os braços há tanto tempo pelos filhos meus, ó Filho, em quem vivo e do qual me nutro, ó Espírito, que és a minha oração perene, a minha palavra gemente, o Amor que me anima... rompei-me, pobre ser que treme sob o horror, a agonia de um abandono de vida, de um colapso completo no espírito e na carne! Eu quereirei tudo aquilo que Jesus quiser, e como ele quiser. Prometo começar neste momento uma adoração silente que não cesse nunca mais por toda a eternidade. Uno-me a todos os santos sacrifícios e ofereço sem cessar no coração adorável de Jesus todos os sacerdotes da terra em cada ato de amor. Ofereço-me... vítima! Eu não deveria ousá-lo, mas me afundo na alma agonizante de Jesus no Getsêmani e sobre a cruz. Meu Deus! Meu Deus! Há quanto tempo grito em silêncio a Ti! Não me rechaces! Eu sei: quando tiver consumado tudo,

‘Sou sempre servo inútil’. Por isso não me rechaces. Torna fecunda a estéril, abre os braços para os teus filhos, os teus eleitos!’

Nos dias da dor e do abandono, enquanto ela está com o seu irmão pároco, no dia 7 de outubro de 1913 escreve à sua irmã religiosa, irmã Elisabete, uma carta, na qual pede para ser acolhida entre as Filhas da Caridade: *“Espero, de hora em hora, o que devo fazer no caminho do Senhor”*. Sua irmã lhe responde logo, convidando-a novamente a entrar na sua congregação, mas a carta, inexplicavelmente, chega um mês depois. Quando ela volta para Verona, não tendo recebido resposta, ela se dirige ao Pe. Natal para aconselhar-se e ele lhe propõe que entre em contato com as Irmãs Ursulinas externas, o que ela faz. No dia seguinte, ela retorna ao Pe. Natal, mas este mudara de ideia e agora lhe propõe que se apresente ao Pe. Calábria.

Ela mesma lhe envia as seguintes linhas: *“Coloco e me abandono totalmente no segredo da vontade de Deus, e digo ao senhor e ao Pe. Natal: façam vocês o que Deus inspira para a minha salvação. Eu não conheço de forma alguma a sua Casa; os poucos particulares que chegam ao meu conhecimento fazem tremer a carne, que nunca se dobra, mas fazem exultar o espírito de uma mística alegria. O meu diretor o sabe: sou um pobre morto que não abre mais a boca nem para pedir o almejado perdão por tantas faltas; nem para dizer a Jesus quanto o amo...”*.

Ela se apresenta ao Pai, que logo quer colocá-la à prova pedindo-lhe que vá a San Giovanni in Valle para comprar cinco centésimos de lenha. E ela vai, com simplicidade e naturalidade, voltando com uns pedacinhos de lenha debaixo do braço. De modo que, aos 39 anos, Maria Galbusera entra na “Casa di Nazareth” no dia 9 de outubro de 1913.

Quinze dias depois ela escreve à sua irmã Mercedes: *“Ah, minha irmã! Eu estou tão feliz por ter feito aquilo que eu fiz, mas sobretudo porque cumpriu-se a sua vontade, aliás, posso dizer-te que sou feliz unicamente por essa razão... Deus tem a minha alma nas suas mãos e cem vezes ao dia a vira e a revira para o sol ou para a sombra, como lhe apraz... Encontrei uma família e Irmãs que sabem ter compaixão de mim, a ponto de me deixarem confusa. Eu sempre tenho medo quando a bondade por mim é muita...”*.

Em 31 de março de 1914 envia à sua mãe estas linhas: *“Jamais como agora tenho estado tão bem sob todos os aspectos. Não digo em confronto com as tempestades passadas: seria pouco, muito pouco; mas em confronto com tudo aquilo de sereno que se pode desejar aqui embaixo...”*.

Embora viva dias de provação, de dores ao estômago e insônias profundas que a afligem continuamente, não perde nunca a serenidade chegando até a brincar sobre os seus próprios males.

De caráter aberto, franco, jovial e decidido, é inteligente e culta, de coração sensibílíssimo. Percebendo a sua profundidade espiritual e os seus grandes dotes humanos, e vendo “*uma alma viril de apóstolo, culta e generosa*”, Pe. Calábria a designa Superiora da comunidade das Irmãs na pequena Casa de Nazaré. Estabelece, com efeito: “*Nas dúvidas, ou para qualquer orientação, por enquanto recorra-se à Irmã Galbusera, à qual dou o mérito da santa obediência...*”. Além disso, lhe dá o encargo de elaborar algumas normas de vida para as Irmãs, fixando-lhes assim o espírito e a orientação.

A humildade autêntica a faz afirmar: “*Dizem que eu sou a Superiora. Eu sorrio amargamente. É como uma ironia: não há nada em mim que corresponda a essa divina missão, nada*”. Eis como ela vive o serviço: “*Esta boa Superiora ia para a cozinha de San Zeno para prestar o seu auxílio, e lembro que entre nós ela frequentemente estava com a vassoura na mão... Dedicava-se aos trabalhos mais humildes... Dormia pouco à noite, e aquele pouco repouso de que dispunha eu sei que acontecia sobre uma cadeira; comia pouco, e eu nunca a vi jantar à mesa com as Irmãs*”. “*As Irmãs que viviam com ela a encontravam serena e sorridente, cheia de caridade e de compreensão, profundamente humilde não só em relação aos Superiores, mas também em relação aos súditos*”.

Não quer uma santidade de falações místicas, mas religiosas fortes como Santa Teresa.

Ensina catequese aos meninos da Casa San Benedetto encantando-os e passa boa parte do dia na cozinha de San Zeno in Monte.

Não dá importância a uma leve infecção no lábio superior, contraída comendo carne estragada doada à Casa por um quartel, cujos soldados haviam sido transferidos improvisamente de Verona. Bem depressa manifestou-se violentamente a erisipela;³⁶ de nada serviram os cuidados. Faleceu no Hospital de Verona, no domingo de Ramos, no dia 1º de abril de 1917. As Irmãs a envolveram em cândidos linhos, puseram-lhe na cabeça uma coroa de rosas e entre as mãos um ramo de oliveira.

³⁶ A erisipela é uma infecção da pele, causada por bactérias.

Pe. Calábria escreve: “1º de abril de 1917. [...] *Ontem morreu, em pouco tempo, a Irmã Maria Galbusera. Jesus, ofereço, com a ajuda da vossa graça, tudo em penitência pelos meus pecados, para a vossa glória, pelas almas. Jesus, ajudai-me*”.

No dia 2 de fevereiro de 1928, por ocasião da exumação dos ossos, Pe. Calábria anotou no seu diário: “*Hoje também ocorreu o transporte dos ossos da Irmã Galbusera, falecida em 1º de abril de 1917, num lóculo,³⁷ por beneficência de uma piedosa senhora. Ó, se vos aprouver, glorificai a vossa serva*”. Do cemitério de Verona ela foi trasladada para a capela da Casa de Santa Toscana no dia 11 de novembro de 1975.

Logo depois da sua morte, a pedido do Pe. Natal, Pe. João pediu às Irmãs que recolhessem alguns escritos de Maria Galbusera, posteriormente reunidos num livro do Pe. Battisti com o título “*Siate perfetti*”, ainda no ano de 1918.³⁸

TESTAMENTO ESPIRITUAL

“O nosso tempo é sombra que passa e, quando acabar, não se volta ao começo: um selo é colocado e ninguém volta mais atrás.

Eu, Maria Galbusera, na presença de Deus onipotente, aos pés de Jesus crucificado, pretendo hoje dar as minhas últimas disposições no que se refere aos meus restos mortais.

Se uma pobre cruz de madeira pudesse estender a sua sombra piedosa sobre a breve terra que cobre, ‘exultaria esta em seu sepulcro e transbordaria de alegria’. Mas já no século, restrita pelo santo voto de pobreza àquele que desta é o divino modelo, renuncio a tudo; vivo pobremente e muito pobremente quero ser sepultada, sem flor nem discursos, com o carro fúnebre dos pobres, na fossa comum, no mais pobre caixão.

Quando eu falecer, seja anunciada a minha morte a um dos membros da família que eu sempre amei ternamente e da qual recebi um longo retorno de afeto; mas ninguém chore sobre o meu caixão, a não ser por eu ter descansado de carregar a cruz, que foi a única e verdadeira alegria e a força da minha vida, sempre no rastro da divina vontade.

³⁷ O termo indica o lóculo.

³⁸ Veja-se, a propósito, o tópico *Siate perfetti* na antologia de escritos espirituais da Irmã Maria Galbusera, c. 3, pp. 115-117.

Aos meus quatro filhos adotivos e ao pai deles, a mais querida e materna bênção; junto deles reencontrei a pérola preciosa e a estrada para o céu; lá em cima serão a minha coroa.

Ao confessor a expressão de um reconhecimento filial inexaurível, que tem suas profundas raízes no coração do Esposo ao qual me consagrou, pelo qual me guardou com cuidado zeloso e junto ao qual o espero no gáudio eterno.

A Mercedes, caso não tenha me precedido no encontro com o Esposo, deixo o infinito desejo, a sede infinita de chegar ao divino Mestre, e a mais expressiva ternura que uma alma de amiga jamais tenha tido pela amiga com a qual vivi em íntima união de espírito e em contínua imolação sobre o altar do amor e da espera paciente.

Às Irmãs na religião, nova família infinitamente querida, onde o Esposo me colocou por sua expressa vontade, para trazer-me ao reparo da tempestade da minha pobre vida, às queridas, doces Irmãs, uma só palavra, uma só recordação: deixem-no agir! E façam sempre aquilo que a Ele agradar. O resto não conta nada.

Do céu continuarei a vigiar com amor materno, pois são as ovelhas prediletas do seu rebanho, bem como para recompensá-las em Deus pela imensa retribuição de caridade paciente além da medida que por mim tiveram desde o primeiro momento em que as conheci.

Ao Reverendíssimo Superior, a alma, a fim de que seja imersa no cálice do sacrifício para ser apresentada a Deus com o selo todo próprio do povo eleito desta Obra.

E agora, ó Senhor, não entre em juízo com o teu servo! Eis aqui a minha alma, ei-la nas minhas mãos: eu a elevo em Tua direção; usa de misericórdia para comigo. Este tribunal é tão tremendo, que mesmo me socorrendo alguma legítima defesa, eu calaria e me limitaria a suplicar ao meu juiz.

Todavia, no final da vida, afirma São João da Cruz, seremos julgados segundo o amor. Que eu possa dizer, nesta última hora: Meu Deus, eu, longa e pacientemente, te amei!

Espere também o meu cadáver, no qual estão semeados os germes da ressurreição, espere no silêncio do caixão a hora do eterno despertar.

Mas a alma! Está escrito no Apocalipse: ‘O Espírito ordena que os mortos se repousem das suas fadigas’.

Ó meu Deus, julgai-me, portanto, segundo o amor e abri-me os braços para que eu repouse, ó eterno repouso dos santos! Que neste amplexo, aguardado o dia e a noite,

da aurora ao pôr do sol e novamente à aurora, em cada hora, em cada minuto, ao preço de todas as imolações sem reserva, nem alguma, nem nunca, por vias desertas, tanto na escuridão quanto nos esplendores da luz, nesse amplexo prossigam finalmente as bodas eternas!”

1.2 – PERFIS DE OUTRAS IRMÃS

Rosina Fornasiero – Irmã Inocência de Jesus (1878-1930)

Nascida em Este no dia 30 de março de 1878, foi diarista, posteriormente doméstica e, enfim, dona de casa.

Direcionada pelo Pe. José Paccagnella, entra como acolhida no dia 10 de dezembro de 1914 e na Obra no dia 17 de abril de 1915, aos 37 anos de idade.

Eis como é retratada pela Irmã Dolores Vacca: *“Ela era uma pessoa não muito alta, gordinha, mas sempre modesta. Tinha lindos traços. Seu rosto bem avermelhado. Com o seu caráter jovial e cortês, aproximava-se de todos com grande desenvoltura para poder fazer-lhes um pouco de bem com a palavra que era sempre a da bondade e paternidade de Deus”*.

Desde o seu ingresso na Obra dedica-se *“a dar assistência aos meninos. Era, pode-se dizer, o reflexo da inocência deles. Talvez por isso o Senhor a presenteou com um nome tão belo, a ela muito apropriado. Horas e horas de vigilância e assistência, sem ninguém com quem alternar-se, de dia e de noite. No entanto, estava sempre serena, sempre igual; ela os amava, os seus meninos, como uma mãe; não era nenhum esforço para ela ficar com eles; era, aliás, uma necessidade do seu coração, considerando-o um prêmio. Francamente é preciso heroísmo, e todo heroísmo, por razões sobrenaturais, é santidade”*.

Tendo adoecido, fica cega, vindo a falecer no dia 30 de agosto de 1930, em Verona.

Giselda Maria Mercoletti – Irmã Madalena de Jesus (1893-1950)

Nasce em 15 de março de 1893 em Garda, de pais desconhecidos. Morando em Arzignano, na província de Vicenza, trabalha numa fiação.

Entra para a Obra em 4 de julho de 1915, com a idade de 22 anos.

Grande trabalhadora, primeiramente trabalha na cozinha e a seguir, por mais de vinte anos, atua em Costozza, onde leva adiante sozinha todo o serviço de lavanderia; e quando era necessário ajudava também na cozinha.

“Entendeu que é bom rezar³⁹, mas muito mais agir, e assim fez do trabalho, oração”, “‘consumando’ o mais e o melhor da sua via em Costozza. Passava o dia inteiro na lavanderia. Não haviam, naquela época, equipamentos modernos, presentes agora em todas as Casas e que reduzem em muito a força física. Quem jamais a ouviu lamentar-se de que estava cansada? Pelo contrário! Estava sempre pronta, sempre sorridente, sempre serviçal; quando lhe pediam algum favor, nada a detinha”.

“Era a Irmã da companhia, com ela a gente sempre ficava bem. Nas recreações, era ela que mantinha alegre a comunidade com as suas gracinhas... e por mais que se divertissem às custas dela, jamais se ofendia; pelo contrário, estava sempre de bom humor e ficava feliz em ver suas colegas se divertindo”.

No meio das Irmãs, distinguia-se por *“uma caridade sem medida: uma caridade de santos”*.

No último ano de sua vida enfrentou a doença acolhendo o sofrimento com serenidade e uniformidade à divina vontade. *“No ano passado, aqui na Casa-Mãe, ela foi de grande exemplo e para todos um ímã de graças. Caminhava com dificuldade, e para colocá-la na cama era preciso carregá-la. Não falava mais”*.

Morre em 12 de dezembro de 1950, em Verona, na Casa de Santa Toscana.

Dela restam textos de caráter espiritual, em parte de difícil leitura por causa de sua caligrafia, que mereceriam ser analisados.

Teresa Martini – Irmã Domingas de Jesus (1876-1940)

Nascida em Cavallo (Verona) no dia 30 de abril de 1876, trabalha como doméstica junto a uma família que a tratava como filha.

Tendo entrado na Obra no dia 28 de agosto de 1915 na idade de 39 anos, é lembrada como pessoa *“boa, humilde e laboriosa”*; segundo o Pe. Pedrollo *“ela era uma mãe para as Irmãs de Costozza”*. E o é também para os meninos que sabe educar. *“Em Este, ela era responsável pela vigilância durante a noite [...]. Muitas noites era ela que ficava vigiando, porque era [...] capaz de conter os maiores, os mais exaltados, que*

³⁹ No original, usa-se o termo “orare”.

a obedeciam. [...] Irmã Domingas era capaz de controlá-los, e aos mais agitados, que não dormiam, lhes dava algum trabalho: varrer ou moer café”.

Morre em 4 de janeiro de 1940, no Hospital Civil de Verona.

Vitória Secchieri (1862-1945)

Nascida em 19 de dezembro de 1862 em Feltre, entra na Obra no dia 27 de dezembro de 1915, aos 53 anos de idade.

Famoso é o seguinte episódio, do qual ela é protagonista: no dia 13 de julho de 1944, durante um bombardeio, ela se encontrava na capelinha da Casa Santa Toscana; sendo surda, não se deu conta de nada. Ela estava saindo, mas, diante do deslocamento de ar e com o pó que estava entrando na capela, ela teve a ideia de segurar a porta com a mão para que a poeira não sujasse as toalhas do altar.

Morre em 26 de maio de 1945, em Verona. No dia seguinte, Pe. Calábria, ao rezar sobre o seu caixão, dirige-se às Irmãs com estas palavras: *“Procurem corresponder à graça do Senhor e viver o verdadeiro espírito da Obra! Ai de quem não corresponder! Melhor que vá embora; do contrário, o Senhor mesmo se preocupará em mandá-la embora. O Senhor fez cessar o terrível flagelo, mas ainda há alguma coisa que preocupa e pesa. Tudo depende de nós, cristãos, religiosos e religiosas. Precisamos ter humildade, caridade, união e mortificação; só assim agradaremos ao Senhor”.* Depois, dirigindo-se à Superiora: *“Não é à quantidade que precisa olhar, mas à qualidade das Irmãs. Uma Irmã só pode fazer por cem, se assim for. Olhem a Irmã Vitória; esta foi uma verdadeira Irmã, uma Irmã de ouro, uma Irmã santa! Por cerca de trinta anos serviu o Senhor, e agora goza o prêmio no paraíso”.*

É uma *“alma simples, incansável no trabalho, alma santa, alma de oração. A oração era ininterrupta sobre os seus lábios. Mesmo as horas de repouso ela sacrificava para unir-se ao Senhor na oração”.*

Tudo isso é confirmado pelo seu testamento espiritual, no qual escreve: *“O meu único desejo seria que os meus respeitáveis Superiores e Irmãs [ofereçam] algum sufrágio pela minha pobre alma; se a misericórdia de Deus me conceder de ir repousar no paraíso, não me esquecerei dos meus ótimos Superiores e do confessor, que muito fadigaram por mim para guiar-me à reta vereda, no caminho da virtude”.*

Assim Pe. Pedrollo a recorda: *“Ela trabalhou muito; veio já idosa, consumiu-se em San Zenó; no delírio, ela ainda sonhava com as meias, com o fio para remendá-las, preocupada em não conseguir [...] chegar a tempo.*

*Uma daquelas almas que, sem ter essa pretensão, tornam-se pedras fundamentais que traçam o espírito, a quem também as que virão depois olharão para edificação e normatização”.*⁴⁰

Maria Ferrari – Irmã Pia de Jesus (1890-1928)

Nascida em Albaredo d’Adige (Verona) no dia 19 de abril de 1890, entra como acolhida no dia 28 de fevereiro de 1916; na Obra, em 30 de maio de 1916; no dia 26 de julho volta para a família, retornando à Obra em 17 de setembro de 1916, onde fica até o dia 10 de dezembro de 1923.

Numa carta escrita ao Pe. Calábria nos primeiros dias de outubro de 1923 a Irmã Imelda – Maria Fannio acena a problemas de saúde que a Irmã Pia apresenta e que requerem cuidados e assistência.

Em 18 de abril de 1927 entra para o hospital – Pequena Casa das Pequenas Irmãs da Sagrada Família, em Castelletto del Brenzone. Ao sair, em 16 de maio de 1927, registrada com o nome de irmã Maria Conceta Coração de Jesus, é internada no setor “Coração de Jesus”, onde são acolhidas as irmãs enfermas e as de outras congregações que o solicitam.

Morre em 21 de abril de 1928, na Pequena Casa.

A seu respeito escreve o Pe. Battisti: *“Visito a Irmã Maria Ferrari, internada desde maio de 1919 no Hospital Civil de Verona. Alma linda, esta, provada nos anos anteriores por grandíssimas penas espirituais, a qual dá agora a melhor prova de si no abandono em Deus e na divina Providência”.*

⁴⁰ PEDROLLO, L. *Cronistoria volume II (1942-1947)*, 25 maggio 1945, AHPSDP, f. Pedrollo/Cronistoria, fld. 2.

Páscoa Brutti – Irmã Metilde de Jesus (1872-1928)

Nascida em Cerro Veronese (Verona) no dia 8 de março de 1872, trabalha na agricultura.

Deseja entrar para a clausura, mas os seus familiares lhe sugerem casar-se. Depois da morte do marido e também dos dois filhos, aos 44 anos de idade entra na Obra no dia 28 de maio de 1916.

“Foi verdadeiramente o Senhor que a chamou a esta Casa para poder servi-los nos seus prediletos: os pequenos, dos quais foi realmente mãe de sacrifício”. De fato, sua tarefa era cuidar dos menorzinhos; ela se preocupava com eles *“dia e noite, os vestia, os lavava e ia lavar a roupa deles num açude, porque na casa não havia água”*.

Morre no dia 27 de fevereiro de 1928, em Madonna di Campagna (Verona).

Amália Dal Cengio – Irmã Gaetanina de Jesus (1893-1924)

Nascida em Altissimo (Vicenza) no dia 19 de novembro de 1893, transfere-se com sua família para Verona, onde trabalha numa malharia.

Desde criança conhece o Pe. Calábria porque a *“sua mãe era uma daquelas primeiras mulheres que ajudavam o Pai, ainda antes que entrasse a Irmã Vincenzina”*.

Sob a direção espiritual do Pe. Felipe Bardellini decide tornar ainda mais completa a atividade iniciada pela sua mãe entrando na Obra no dia 15 de julho de 1916, aos 22 anos de idade.

Na vida religiosa, ela dá muita importância *“à vida espiritual, mortificando-se. Dormia com uma pedra sob a cabeça”*, sem por isso descuidar do seu trabalho na rouparia. *“Quando encontrava-se em Costozza trabalhava até às onze (vinte e três horas) e às vezes até à meia-noite passando os lenços, os colarinhos das camisas dos Irmãos, e eu a repreendia para que não o fizesse. Eu sentia muito que ela tivesse que ficar lá até àquela hora, mas era um tanto incorrigível”*.

Morre no dia 15 de fevereiro de 1924, em Madonna di Campagna (Verona).

Justina Silvia Todesco – Irmã Carmela de Jesus (1891-1956)

Nascida em Colognola ai Colli (Verona) no dia 25 de janeiro de 1891, mora em Verona, onde é professora no Colégio Giacomelli.

Tendo entrado na Obra no dia 14 de novembro de 1916 aos 25 anos de idade, passa longas horas de contemplação diante da Eucaristia; porque, como ela mesma escreve, “*o santo sacrário é o centro de todos os meus afetos, onde passo os mais lindos momentos da minha vida... As horas me parecem minutos!*”

Quero, a qualquer custo, tornar-me santa; sem que ninguém o saiba, quero vencer a mim mesma em tudo e sempre, no máximo escondimento. Pelo contrário, colocarei à vista de todos os meus defeitos, para que de todos se tornem conhecidos; os atos de virtude em mim pareçam defeitos, os próprios esforços para vencer a mim mesma, imperfeições.

O segredo para viver bem, tranquilos e felizes, em comunidade, é amar a Deus num grau superior.

Quero, Jesus, degustar os sofrimentos, saboreá-los muito bem, sem nenhum conforto humano.

A coisa mais importante é amar Jesus e deixá-lo agir.

Sem sofrimento, não posso e não poderei nunca amadurecer frutos verdadeiros e duradouros de santidade e de bem.

Que a minha vida seja um contínuo agradecimento e uma chama perene de amor eterno”.

Assim ela é lembrada: “*Como apoiava! Tinha uma fé! Como apoiava até mesmo com a sua presença. Dava inclusive um pedacinho de pão. Tinha um desapego perfeito de si, tinha o desapego total de si, das suas comodidades, das suas ideias; sujeitava-se, dava tudo, tudo o que se dizia era bom para ela... infundia coragem, estimulava ao sacrifício”.*

Pe. Pedrollo confirma que a Irmã Carmela “*atingiu um ponto muito elevado de ‘santidade’*”.

Morre aos 3 de julho de 1956, no Hospital de Negrar (Verona), poucas horas depois de ter chegado de Roma, onde desejava morrer, tendo consagrado a sua vida ao Santo Padre.

Aida Irene Soster – Irmã Gabriela de Jesus (1898-1984)

Nascida em Gênova no dia 6 de novembro de 1898, para ajudar a família trabalha na Pastifício Cazzola, junto à Ponte Pignolo, em Verona. Veio a conhecer as obras de caridade do Pe. Calábria e do Pe. Bardellini porque ambos iam comprar no seu

local de trabalho, onde eram confeccionados os pacotes de massa que os senhores doavam aos dois piedosos sacerdotes.

Conhece Adele Carli – Irmã Serafina e Irmã Maria Galbusera, a qual, antes de seu ingresso, lhe recomenda: *“Procure estar sempre unida a Jesus; agarre-se ao seu braço e não tenha medo de nada”*. Seu diretor espiritual era o Pe. Natal, que a ajuda, com a colaboração do Pe. Bardellini, a entrar na Obra no dia 15 de agosto de 1917, aos 19 anos de idade.

Auxilia a Irmã Lavinia Perez a cuidar dos meninos recolhidos na Casa de San Benedetto, onde permanece até o ano de 1920; depois disso, em Este, partilha com a Irmã Inocência, com a Irmã Beatriz, com a Irmã Melania e com as demais a assistência dos pequenos, que a amam muito pela sua doçura.

Por ter ótima predisposição para a música, foi-lhe confiado o encargo de tocar e ensinar a cantar as crianças e as Irmãs. Magníficas, para não dizer triunfais, são as várias celebrações religiosas animadas por coros em várias vozes, admirados por toda Este.

Quando na Casa não havia mais nada para comer e na cidade não havia mais onde encontrar comida por causa das lutas entre as facções políticas, no inverno de 1921-22, ela sugere que seja enviado um menino à capela para rezar a Coroazinha da Providência; logo depois chega um caminhão do exército trazendo o *“rancho”* quente e fumegante.

Para transmitir alegria às Irmãs ela costuma brincar; e quando elas menos esperam leva-lhes de presente uma rã saltitante, uma borboleta ou um inseto zumbindo.

Corajosa, à noite faz a guarda da Casa frequentemente contra possíveis curiosos e também... ladrões, o que efetivamente aconteceu, mas ela os pôs em fuga.

É Superiora geral de 7 de fevereiro de 1934 a 2 de setembro de 1941. Sob a sua direção, o grupo das Irmãs recebe novo vigor no espírito puro e genuíno do Pai Fundador, que ela tanto venera.

Morre em 24 de junho de 1984, na Casa Piccola Betania, em San Vito di Negrar (Verona).

Maria Carolina Busti – Irmã Irene de Jesus (1896-1946)

Nascida em Cogollo di Tregnago (Verona) no dia 4 de novembro de 1896, mora em Tregnago, onde trabalha como doméstica.

Seu diretor espiritual é o Pe. Felipe Bardellini e é através desse sacerdote que ela chega a conhecer o Pe. Calábria. Entra na Obra no dia 21 de junho de 1918, com a idade de 21 anos.

“Lembro de quando ela veio se apresentar. Eu a vi no parlatório; tinha um sendo de pudor, não tinha sequer a coragem de olhar no rosto das pessoas de tão humilde”. A humildade do primeiro dia não a abandonou nunca, tanto que o Pe. Pedrollo afirma: “Eu penso que certas almas humildes e generosas como ela sejam modelos de santidade. E ter tais almas entre os membros da nossa família religiosa, que riqueza, que auspício de eleitas bênçãos, que penhor de perene proteção”.

Com espírito de sacrifício, trabalha na cozinha; é uma ótima cozinheira. Figura angelical, reservada, é sempre a primeira a pedir perdão e se desculpar.

Afronta de modo heróico a tuberculose, causa de sua morte no dia 15 de março de 1946, em Ponton (Verona).

Em relação ao período transcorrido no Hospital, eis o seguinte testemunho: *Quando o médico passou para atendê-la eu estava lá, e ele lhe disse: ‘Estamos indo bem, os pulmões estão bem, a tosse se foi’; e ela, sorrindo, lhe respondeu: ‘Sim, a tosse se foi porque os pulmões também já se foram’. E o médico: ‘Será que o Pe. João não teria podido fazer um milagre?’ E a Irmã Irene: ‘Pe. João obtém do Senhor os milagres que são necessários; eu não sou necessária’.*

Desculpava também as irmãs; no período em que ela ficou internada no hospital [...], em torno de um mês, ela tinha ficado sem uma injeção que o médico lhe havia prescrito. [...] Lembro que eu lhe perguntei: ‘Mas não lhe fazem nada mesmo aqui?’ E a Irmã Irene: ‘É, deviam me dar uma injeção, mas elas tem tanta coisa para fazer que até se esquecem!’”

Ângela Elisabete De Mori – Irmã Beatriz de Jesus (1889-1974)

Nasce em 22 de junho de 1889 em San Pietro di Morubio (Verona), e lá reside.

Tendo entrado na Obra no dia 6 de dezembro de 1919, aos 30 anos de idade, morre no dia 6 de abril de 1974, no Hospital de Negrar (Verona).

Foi assim descrita: *“Alma piedosa, amante da oração e do escondimento, inteligente e dotada de uma memória de ferro. Cheia de vida, e de humor sempre alegre.*

Venerava muito o Pai Fundador e amava, sem exceção, todos os componentes.

Como Irmã o seu espírito se aperfeiçoou na leitura dos livros sagrados e procurando conformar-se ao santo Evangelho, que ela praticamente sabia de cor, por amor do seu Senhor Jesus.

Era uma alma ardente, cheia de amor de Deus. Nela refulgiram as virtudes da caridade e da obediência. Aos 80 anos recebeu a obediência de ir para Ferrara. Não pôs obstáculos”.

Antonieta Secagno – Irmã Clara de Jesus (1885-1962)

Nasce em 6 de janeiro de 1885 numa família abastada, talvez de origem siciliana. Em 1903 frequenta a escola superior “Alessandro Manzoni”, de Milão, onde encontra Maria Galbusera, com a qual em maio de 1904 começa a se corresponder, provavelmente encorajada pela amiga Maria Pancieri, a qual, por sua vez, estando em contato epistolar com Maria Galbusera, lhe faz ler as respostas dela recebidas. A própria Antonieta lembra que essa troca de cartas contribui para intensificar a relação a ponto de ela ter sido chamada por Maria Galbusera de “*sua filha única*”.

Nos primeiros meses do ano de 1914 a mãe de Antonieta pede, por carta, ao irmão de Maria Galbusera que dissuada a sua irmã de escrever à sua própria filha. A seguir dirige-se diretamente para Maria Galbusera, à qual Antonieta pede conselho acerca da decisão de tornar-se monja, desejo evidentemente não partilhado pela mãe.

No mesmo período Antonieta hospeda-se em Verona, na Casinha das Irmãs, o que provavelmente já havia feito antes; como ela não tinha ainda voltado para casa no dia 2 de abril de 1914, seu irmão a convida a voltar para a família pelo menos por ocasião da Santa Páscoa.

Depois da morte de Maria Galbusera, ocorrida no dia 5 de abril de 1917, Antonieta escreve que à Casa Buoni Fanciulli ela “*por ora pertence com o coração*”. Desse momento em diante inicia-se uma intensa correspondência com o Pe. Battisti, ao qual ela propõe a publicação das cartas de Maria Galbusera, declarando-se disposta a enviar-lhe os originais que possui.

Evidentemente vai amadurecendo a decisão de entrar na Obra, como se pode deduzir pelo que ela escreve à Irmã Imelda – Maria Fannio, que lhe responde por solicitação do Pe. Calábria: “*Ficamos felizes em saber que você se mantém unida a nós pelo menos no coração. Nós também a recordamos com carinho, e quando Jesus quiser que você se una a nós também pessoalmente ficaremos muito contentes!*”

A partir da primavera de 1918 as cartas que o Pe. Battisti envia a Antonietta assumem o caráter de um acompanhamento de tipo vocacional. Além disso, pede-lhe que indique livros de meditação, que traduza do francês um texto de caráter espiritual e que lhe traga de Nápoles uma lâmpada ardente, um pedaço de tela para tapete, incenso, mirra e cartões postais artísticos de quadros clássicos de arte sacra, para a escola de arte. Em cada ocasião Antonietta vai à procura do material que lhe fora solicitado com cuidado para enviá-lo ao Pe. Battisti, que lhe envia folhetos do domingo e vários impressos de caráter religioso.

A escolha de se consagrar a Deus faz com que ela peça conselho a várias pessoas que nela reconhecem a vocação, enquanto que o Pe. Battisti lhe pede que obtenha uma avaliação do seu confessor, porque *“assim também todos os seus parentes poderão persuadir-se de que não somos fáceis em admitir, como é justo que seja, e que aqui não se entra se não houver uma vocação experimentada”*. A mãe de Antonietta, um tanto contrária ao ingresso da sua filha na Obra, não apresenta o seu consenso escrito expressamente solicitado pelo Pe. Battisti, porque considera suficiente que o filho mais velho a acompanhe até a Casa de Este, onde ela finalmente chega no dia 19 de abril de 1920. Pe. Battisti tem a intenção de lhe confiar a instrução escolar dos meninos.

A senhora Secagno, ao ficar sabendo do fato de que na casa de Este foram pronunciados os votos e foi realizada a vestição, pede diretamente ao Pe. Calábria informações acerca do hábito religioso e da *Regra*.

Em setembro de 1923 Antonietta, que tomou o nome de Clara de Jesus, é transferida para Costozza e no final de dezembro para a Casa de Saúde Fatebenefratelli – Villa Pilastroni, em Brescia. Alguns meses depois, no final de abril de 1924, Pe. Calábria pede que ela retorne para Verona, de onde mais tarde ela volta novamente para a Casa de Costozza. Nada é documentado acerca da motivação para tais deslocamentos, embora provavelmente Irmã Clara apresente alguns problemas de saúde; tanto é verdade que, no final de maio, ela volta para a sua família em Nápoles por algum tempo, de onde, por causa da persistência de sua fraqueza física, adia o retorno a Costozza para os primeiros dias de julho e posteriormente para o final daquele mês.

No tempo que ela passou em Nápoles firma-se na Irmã Clara a ideia de abrir uma escola para meninas que abandonam o colégio para trabalhar como costureiras; além disso, surge a possibilidade de assumir a direção do instituto “Casa Bianca”, onde são atendidas aproximadamente oitenta meninas dos 7 aos 16 anos, que improvisamente ficou sem diretor. As irmãs que administram aquele estabelecimento pretendem sair, e a

cúria está disposta a apoiar tal mudança, defendida também pela autoridade civil. Esses projetos, todavia, não se concretizam. A partir da documentação de que dispomos pode-se deduzir que entre o final de outubro e os primeiros dias de dezembro de 1924, recuperada dos seus problemas de saúde, a Irmã Clara encontra-se em Costozza, ao passo que depois da metade do mês de março de 1925 ela está novamente em Nápoles, de onde parece ter intenção de retornar para a Casa durante o mês de julho.

Ao longo do Ano Santo de 1925, graças a revistas, livros, visitas e peregrinações, amadurece a ideia de dar vida a uma formação laical-religiosa e interessa-se pela regularização das Irmãs. Concentra-se no estudo das *Regras* de Santa Clara e de Santa Teresa, bem como as da Ordem Terceira, e está pensando também num novo modelo de hábito religioso.

É evidente que pelo menos desde junho de 1925 a Irmã Clara encontra-se junto à sua família, em Nápoles, enquanto que em setembro faz-se presente em Costozza, provavelmente para uma visita ou para passar um breve período.

Pelos poucos acenos presentes nas cartas deduz-se que ela passa longos meses de sofrimento; ela se debate entre a escolha de um compromisso social, por exemplo, numa entidade para órfãs, e o retorno entre as Irmãs, às quais sente-se ligada, mas não deixa de pedir-lhes informações acerca do reconhecimento em nível eclesial, provavelmente pressionada, nesse aspecto, pela família.

No ano seguinte, em carta de 10 de maio de 1926, comunica a decisão à qual chegou: *“Eu não creio que deva continuar numa situação que prejudique o meu espírito. Por isso, naquilo que eu puder ajudar, ao Instituto e a cada um dos seus membros, estarei sempre pronta, na caridade de Cristo. Todavia, quanto à minha submissão, a partir deste momento entendo estar dispensada”*. E continua solicitando a restituição dos seus documentos, tais como as certidões de nascimento e de Batismo, os atestados de boa conduta, a carteira de professora e tudo aquilo que ela entregara quando entrou em abril de 1920, bem como os testamentos escritos em agosto de 1921 e em fevereiro de 1924. Além disso, faz uma lista de outros objetos, livros e roupas por ela trazidos de Este, que lhe são entregues num pacote enviado de Costozza. Disso ela agradece ao Pe. Calábria em carta do dia 30 de julho, na qual assina *“Irmã Clara de Jesus, da Ordem Terceira de São Francisco”*.

Mantém-se em contato epistolar com a Irmã Gabriela, a quem ela pede notícias acerca do estado de saúde das Irmãs e também sobre o andamento da congregação.

Várias vezes manifesta a vontade de ir visitar Santa Toscana, onde se hospeda, até exprimir o desejo de retornar à Casa, como escreve ao Pe. Calábria em março de 1937.

Propõe a presença das Irmãs em Nápoles com a abertura de uma Casa. Depois sugere o início de uma pequena comunidade, com duas Irmãs; para tanto, ela colocaria à disposição um apartamento com bastante sol, de sua propriedade, no primeiro andar de uma casa recém construída nos Parioli, em Roma, perto da Igreja Sagrado Coração de Maria, que está sendo erigida. E ainda, para as Irmãs, preocupa-se em encontrar uma casinha ou um apartamento com pelo menos seis cômodos na Pinetta Sacchetti, em Roma, sem obter êxito.

No dia 5 de dezembro de 1946 ela envia à Irmã Serafina – Adele Carli uma longa reflexão sobre a dimensão sacerdotal da Obra; trata-se de um texto interessante, sobretudo na primeira página, também no que diz respeito à relação entre as Irmãs e os Irmãos. É difícil distinguir, no entanto, aquilo que é fruto do pensamento pessoal da Irmã Clara e aquilo que representa a realidade vivida na prática quotidiana daquela época.

Da carta de 10 de maio de 1947 depreende-se que ela passa alguns dias em Verona; além disso, exprime uma série de pensamentos referentes ao fato de que a Obra toda é eminentemente sacerdotal, voltada à amorosa assistência maternal dos sacerdotes, e afronta a questão da aprovação diocesana.

Com certeza ela cultiva uma forte ligação com a Obra durante toda a sua vida, continuando a manter contato com as Irmãs junto às quais periodicamente passa algum tempo por ocasiões das suas visitas. A elas doa repetidamente somas consistentes: contribui para a aquisição do terreno onde surge a Casa Santa Toscana e oferece dinheiro para o início dos trabalhos de construção da igreja.

Nos anos trinta escreve *“Una gemma preziosa, ossia Compendio Biografico della Serva di Dio Isabella Chimienti”* (“Uma pérola preciosa, ou seja, Compendio Biográfico da Serva de Deus Isabela Chimienti”). Provavelmente esse texto tem por objetivo tornar conhecida essa pessoa, nascida em Sannicandro (Bari) em 20 de setembro de 1883 e falecida com fama de santidade no dia 15 de março de 1903, cujo processo pela beatificação é aberto na Diocese de Bari-Bitonto em 7 de novembro de 1942.

É autora do livrinho *“Piccolo mese di maggio”* (“Pequeno mês de maio”), publicado pela Editora Giardini, de Pisa, no ano de 1962. Trata-se de um pequeno

fascículo destinado inicialmente às jovens do povo, às quais ela propõe meditações diárias sobre a vida de Maria contendo referências aos seus pais, a São José, à sua vida familiar e à de Jesus. Sugere algumas orientações a serem seguidas: depois da leitura, alguns minutos de pausa; a seguir, a jaculatória e a escolha de um dos sacrifícios propostos, a serem feitos com exatidão, por amor a Nossa Senhora.

Passa os seus últimos anos de vida retirada num pensionato em Roma, onde morre no dia 3 de março de 1962. Sobre a sua lápide, na capela da família no Cemitério de Verano, encontra-se a seguinte inscrição: “*Antonietta Secagno – Irmã Clara de Jesus*”.

1.3 PERFIS DAS IRMÃS FALECIDAS EM ESTE

Ana Bettoni – Irmã Angélica de Jesus (1843-1922)

Nascida em Veneza no dia 27 de janeiro de 1843, mora em Verona e trabalha como dama de companhia nas famílias aristocráticas. Conhece bem o Pe. Natal Fada.

Tendo entrado na Obra em 23 de abril de 1915, aos 72 anos de idade, é lembrada como “*uma pessoa educada, bem conservada, tanto que quando a conduziram ao Pai ele lhe havia dado uns 50 anos. Ele não lhe pediu a idade e a aceitou. Quando ela desceu até a Irmã Galbusera, esta telefonou lá em cima, para o Pe. Calábria... ‘Realmente me enganei’, disse o Pe. João; e acrescentou: ‘Mas se vê que o Senhor a quis’*”.

Apesar da idade, “*trouxe com ela o espírito juvenil e festivo. Confortava todas as Irmãs*”; de fato, “*aos 70 anos adaptou-se à vida comunitária como uma noviça. Vida comunitária como todas nós jovens, nada de diferente*”.

Distingue-se não só pela capacidade de adaptação, mas também pela sua vida interior: “*Era tão unida ao Senhor que era algo incrível*”. Dava um valor particular à adoração eucarística.

Ainda vigorosa quanto às forças físicas, mas sobretudo cheia de experiência, doa o melhor de si, sem poupar-se, dia e noite. Ocupa-se principalmente das assistidas, e “*precisava ter visto o desespero das acolhidas porque tinha morrido a Irmã delas*”.

Morre no dia 27 de fevereiro de 1922 em Este, aos 79 anos de idade.

Justina Soave – Irmã Rosália de Jesus (1898-1922)

Nascida em 27 de dezembro de 1898 em Ronco all'Adige (Verona), filha de agricultores, entra como hóspede no dia 4 de outubro de 1915 e na Obra em 27 de dezembro de 1915, aos 17 anos de idade.

Em San Benedetto é a encarregada dos meninos pequenos, enquanto que em Este trabalha na lavanderia e na rouparia; além disso, é a encarregada do jardim e das flores da igreja.

Morre no dia 25 de agosto de 1922, em Este, devido a uma infecção interna.

Assim é lembrada: *“Foi acolhida jovem no jardim do Senhor, onde foi sempre flor perfumada. Alma ardente, cheia de energias, que todas gastou na Casa do Senhor, nos poucos anos em que viveu. Amou a Obra intensamente, bem como o sacrifício e o trabalho. Ofereceu-se vítima pelo bem de uma alma a ela querida; o Senhor a encontrou digna e a aceitou”*.

Josefina Anomi⁴¹ (1872-1923)

Nascida em Caprino Veronese (Verona) no dia 8 de março de 1872, de pais desconhecidos, *“pertenceu sempre ao hospício expostos de Verona”*.

Entrou na Obra em 18 de maio de 1916, aos 44 anos de idade, tendo morrido de problemas no coração no dia 5 de julho de 1923, em Este, com 51 anos.

Dela lembra-se: *“Que espírito de sacrifício... Em Este ela ia fazer compras; pediam para que ela fosse à cidade umas cem vezes ao dia... Era humilde e generosa, fazia tudo aquilo que podia”*.

“Nunca vestiu o hábito das Servas dos Pobres: 1 – Porque no tempo da vestição ela se encontrava na Casa de Verona; 2 – Porque era filha de pais desconhecidos; 3 – Porque pequena e muito disforme; os votos, ela os tinha emitido antes desse acontecimento”.

Cesira Ghira – Irmã Melania de Jesus (1886-1925)

⁴¹Em alguns documentos da congregação o sobrenome Anomi é grafado na forma Annoni.

Nascida em Roma no dia 29 de março de 1886, mora em Pádua e trabalha primeiro no Hospital Militar durante a Primeira Guerra Mundial e depois no orfanato de Pádua.

Entra na Obra em 18 de fevereiro de 1918 aos 31 anos de idade; é fina e distinta, sem qualquer ostentação; inteligente, serviçal, exuberante no serviço de assistência aos numerosos meninos que em Este ela dividia com a Irmã Inocência. Ensina catecismo aos maiores preparando-os para receber os sacramentos da Confissão e da Primeira Comunhão. Muito paciente, com um sorriso encorajador sabia aplacar as pequenas animosidades que diariamente surgiam entre os pequenos, com os quais ela estabelece uma relação pessoal.

Assim é descrita: “*Sendo de natureza mais contemplativa, ela era vista sempre silenciosa e recolhida; parecia que a sua alma estivesse absorta nas coisas lá de cima... espírito de penitência e de mortificação eram a sua característica*”. Além disso, “*a vida de união e de intimidade com o Senhor a levava a viver a verdadeira perfeição, que ela buscava em tudo. Amou a Obra e por esta muito se prodigalizou*”.

De ânimo generoso, sabia sacrificar-se de modo extraordinário; afrontou com serenidade a doença física, que durou vários anos. Faleceu em Este em 8 de julho de 1925, aos 39 anos de idade.

Alguns meses antes, provada pela tosse e por outros distúrbios, na última carta enviada de Este à Irmã Imelda – Maria Fannio em 12 de dezembro de 1924, por ocasião dos votos natalinos, ela escreve: “*Sim, todo coração humano se enternece nestes santos dias em que nos lembramos do amor imenso do nosso dulcíssimo Redentor. Possa Jesus Menino acomodar-se no berço do coração de cada Irmã, a fim de transformá-la nEle.*

Eis o augúrio que faço a cada uma delas, ó boas e queridas Irmãs. Que mais podem querer?

Sim, ó boa Irmã Imelda, estamos sempre próximas do Sagrado Coração de Jesus; é a única coisa que pode nos consolar e amar.

A senhora não faz ideia de quanto fiquei feliz com a sua última carta, e com profundo reconhecimento lhe agradeço sentidamente. Foi de grande consolação para mim ouvir que na comunidade me lembram na oração, e fiquei comovida. Ah! Olhe só, eu disse a mim mesma que agora a cruz se torna leve. [...]

Ajudemo-nos a nos tornar santas; é este o escopo principal da nossa vocação. Felizes delas que tem ainda tempo para fazer grandes aquisições para a eternidade. Para mim já resta pouco, estou sempre suspensa entre os distúrbios que frequentemente

tenho no coração, e aquilo que me resta de tempo passa tão velozmente que parece quase esteja gozando de mim, tal a rapidez. Mas confio-me totalmente ao meu Redentor, e enquanto eu viver, jamais, jamais mesmo, eu vou desesperar do seu infinito amor”.

Na carta enviada a todas as Irmãs, em data de 17 de março de 1925, a Irmã Imelda – Maria Fannio faz menção ao estado de saúde da Irmã Melânia: *“Dias atrás nos chegou uma cartinha da Irmã Melânia, à qual de vez em quando escrevemos; ela agradeceu muito, aquela boa Irmã! No seu isolamento, em meio a tantos sofrimentos, serve-lhe de conforto saber que está sendo lembrada e ter notícias das demais Irmãs. É realmente um ato de caridade escrever-lhe, e isso se faz por um duplo prazer. Em sua última carta ela dizia ter piorado e estar sofrendo muito no cérebro e no estômago. Pobrezinha! Oremos para que ela tenha paciência! Certamente o Senhor a ama muito e naquele estado pode verdadeiramente tornar-se santa!”*

Em outra carta, de julho de 1925, a Irmã Imelda – Maria Fannio descreve como ela transcorreu os seus últimos dias de vida: *“Alguns dias atrás fui até Este para ver a boa Irmã Melânia, cujo estado de saúde havia se agravado, e ao voltar tinha a intenção de lhes escrever para informá-las e recomendar-lhes aquela querida Irmã às suas orações. Eu, aliás, estava para fazer isso quando recebi a notícia da sua passagem! Boa Irmã! Enfim o seu exílio acabou! Enfim chegou à Pátria, ao amplexo do Esposo! Enfim cinge a coroa, trabalhada com tantos sofrimentos, com tanta generosidade e paciência!*

Também o nosso Reverendo Superior foi ainda em junho visitá-la, e ficou edificado pela sua generosidade, pela sua paciência. Ele ficou muito consolado com o que viu!

A querida Irmã sofria muito, da cabeça aos pés, e sofrimentos fortíssimos; além disso, tinha um agudo tormento na boca e na garganta, causado por úlceras; a cada pouco vomitava, o que, além de lhe causar incômodos, a deixava totalmente extenuada; em síntese, sofria muito, muito... O seu desejo era morrer, e se ela se dava conta de que isso estava próximo de acontecer a felicidade transparecia do seu rosto, sua fisionomia se transformava de tal forma que ela ficava radiante. Prometeu-me que, assim que ela tivesse chegado ao céu, teria nos ajudado, e eu conto com a sua promessa. Ó, aquele leito é, para nós, uma grande escola! Aquele corpo sem vida, uma grande professora”.

Maria Germin – Irmã Cecília de Jesus (1893-1923)

Nascida em Treviso no dia 24 de novembro de 1893, morava em Verona, onde trabalhava como camareira junto aos marqueses Canossa. Seu diretor espiritual é o Pe. Natal Fada.

Tendo entrado na Obra em fevereiro de 1920 com 26 anos de idade, passou a exercer o serviço de cozinheira na Casa de Costozza. Afirma sobre ela mesma: *“Eis aqui o eco, sou um pobre eco. Sou o eco, eu não sou nada. Isso, enquanto o Senhor me mantiver no mundo; depois, cantarei no céu; cantarei quando estiver perto do Senhor”*.

É doce, trabalhadora e piedosa; caridosa, extremamente paciente, sempre sorridente. *“É de uma doçura tal que parece o ser mais pacífico; entretanto, era de uma natureza...! Todavia, ela se cuidou muito, a ponto de se tornar de uma mansidão só... Tanto que o Pe. Luiz Pedrollo a chamava de ‘Irmã Maria Pacífica’”*. De fato, ele a conheceu sobretudo nos seus dois últimos anos de vida transcorridos em Costozza, descrevendo-a como uma pessoa que irradia serenidade, paz e confiança, em resumo, uma pequena santa: *“Lembro dela naquele período inicial muito difícil da Casa de Costozza, o primeiro ramo saído do tronco de San Zeno in Monte. Dos mais antigos são conhecidas as limitações dos aprovisionamentos por causa da guerra que havia acabado pouco antes.*

Num local relativamente pequeno veio inserir-se uma família composta de quase uma centena de pessoas; apesar das boas disposições dos representantes da administração pública, era difícil conseguir prover o estritamente necessário, dia a dia. A Irmã Cecília era a encarregada da cozinha.

‘O que vai preparar hoje, Irmã?’

‘Não sei. Ainda não chegou nada. A Providência vai pensar nisso’.

E ao meio-dia, na hora do almoço, alguma coisa tinha, a Providência havia providenciado, e providenciado com a largueza materna. Mesmo sem pensar em milagre, era de todo modo evidente uma extraordinária assistência do Senhor, que assim premiava a santidade da sua Serva.

No envelope de uma carta que pertencia a ela, revejo, com o pensamento, uma anotação escrita pelo venerado Pai: Irmã falecida em conceito de santidade”.

Tendo adoecido de tuberculose pulmonar no final de maio de 1922, morre no dia 1º de janeiro de 1923, em Este, aos 29 anos de idade, enquanto as Irmãs encontravam-se fazendo os exercícios espirituais em preparação à renovação dos votos.

Pe. Calábria escreve: *“A Irmã Cecília foi uma linda alma, e certamente está no Paraíso. Feliz dela!”*

1.4 – PERFIS DAS IRMÃS QUE ENTRARAM EM ESTE

Regina Margarida Zabeo (1902-1995)

Nasce em 16 de maio de 1902, em Pádua.

Em referência à entrada na Obra no dia 2 de julho de 1920, ela escreve: *“Tu me tocaste, ó meu Deus, e floresci na tua paz. A bondade de Deus espalha flores pelo caminho mais áspero e arriscado. O essencial da nossa vida é que brote de todos os lados a flor da bondade”*.

Ela está empenhada no trabalho de cozinha e da rouparia. Mesmo exprimindo-se franca e firmemente, é muito delicada, laboriosa e caridosa.

Passa os seus últimos anos de vida na Casa Piccola Betania, em San Vito di Negrar (Verona), onde as demais Irmãs anciãs a lembram assim: *“Era uma alma de oração, e por isso amava o silêncio, retirando-se em seu quarto ou na capela para encontrar o seu Senhor. Mas também aqui, enquanto a sua saúde lhe permitiu, foi como a ‘mulher forte’ dos Provérbios, pois com o trabalho das suas mãos, remendando meias, podia ainda servir àqueles ‘irmãos mais pequenos do Evangelho’, hóspedes da Casa Perez. Estava sempre viva nela a tensão em oferecer tudo ao Senhor, trabalho, oração e sofrimento, invocando sobretudo a santidade dos sacerdotes. A paz e a serenidade do seu coração, ainda que sobrecarregada pelos anos, haviam conservado nela aquele seu caráter hilário, brincalhão, mas que tinha sempre uma palavra boa e sábia a qualquer pessoa que dela se aproximasse. Muitos jovens daquela época, agora na plena maturidade, ainda conservam no coração o bem que dela receberam e a lembram como uma mãe”*.

Faleceu no dia 23 de agosto de 1995.

Maria Josefina Teresa Nalato (1886-1971)

Nascida em Pádua no dia 3 de janeiro de 1886, desde a infância ela foi provada nos afetos familiares e assim conheceu logo o sofrimento e a fadiga do trabalho numa tapeçaria, que ela desenvolve com precisão e honestidade, gozando de estima e

confiança. De caráter vivaz, é mantida sob controle pela mãe, mulher muito cristã e cheia de caridade; ao seu lado ela transcorre a juventude, e no período da Primeira Guerra Mundial é exilada com a tia.

No dia 2 de julho de 1920 entra na Obra, onde é chamada de Irmã Teresa.

Mantém sempre um ânimo simples e alegre. De temperamento jovial e sociável, com o seu bom humor sabe dar uma contribuição serena às Irmãs, mesmo em meio às dificuldades. Inexauríveis são a sua laboriosidade e o seu espírito de oração.

Morre no dia 29 de maio de 1971, na Casa Piccola Betania, em San Vito di Negrar (Verona).

Malvina Zamperetti (1868-1941)

Nascida em Cornedo (Vicenza) no dia 3 de janeiro de 1868, com aproximadamente 14 anos torna-se aspirante na Pia União das Filhas de Maria, que posteriormente dirigirá por 26 anos; está inscrita no Rosário Perpétuo; é ativa no ensino da doutrina cristã. Referente a este período da sua vida ficou o seguinte testemunho: *“Quanto cuidado pelas colegas Filhas de Maria! Quantas lágrimas quando alguma descuidada deixava de obedecer à Regra participando dos bailes! Chorava, mortificava-se, orava por essa pessoa e dizia às companheiras: ‘Oremos por aquela pobrezinha, porque se ela falhou, que pelo menos seja humilde e faça o ato de reparação’. Se alguma outra tivesse miseravelmente caído, queria que todas as Coirmãs, diante da Virgem, oferecessem atos de reparação, e precisava chorar com ela, tanto era viva e sentida a sua dor”*.

Se há alguma pessoa doente ou necessitada, com todo cuidado ela organiza o atendimento, correndo prontamente para auxiliar. Se adocece alguma outra distante de Deus, primeiro ela reza e depois se aproxima do seu leito para mediar o contato com o sacerdote.

Sobre a entrada na Obra no dia 3 de agosto de 1920, aos 52 anos de idade, está documentado que *“várias vezes ela sentiu o chamado de Deus, mas, diante da repetida negação dos seus pais, inclinou a cabeça, silenciosamente, soluçando, todavia reconhecendo a vontade de Deus na vontade dos familiares. [...] Chegou, no entanto, a hora fixada por Deus, e os seus pais morreram; àquela altura ela tinha passado dos cinquenta anos. Sempre mais ardente ela sentiu o desejo de se dar inteiramente a Deus.*

Bateu à porta, que logo lhe foi aberta, malgrado a idade. Sei com certeza que, na primeira visita que Malvina fez ao Reverendo Pai Pe. Calábria, ele a conduziu diante do sacrário, e assim que saiu da igreja lhe disse: ‘Venha, venha logo, o mais rápido possível’.

A voz de Deus certamente lhe havia revelado que anjo de criatura era aquele que estava na sua frente. E assim ela foi aceita na Casa Buoni Fanciulli, em Verona”.

As Irmãs a lembram *“heróica pelo seu espírito de sacrifício e pela sua piedade”* profundamente humilde e doce; nela estão refletidas todas as virtudes.

Morre no dia 13 de junho de 1941, em Verona, aos 73 anos de idade.

Maria Regina Luisa Bianchini (1874-1954)

Nasce em Veneza no dia 20 de abril de 1874. Fisicamente é alta e magra.

Consegue um bom salário, porque é uma ótima costureira de roupas masculinas, tanto que ela não faz comida, pois lhe trazem aquilo que ela quer do hotel que fica na frente da loja de sua propriedade. Com a idade de 46 anos, vende tudo e entra na Obra no dia 3 de setembro de 1920.

Distingue-se pelo amor ao trabalho e pelo espírito de sacrifício. Veste todos os meninos, confeccionando-lhes todos os tipos de roupa, que depois conserta.

“Ela fez um mar de bem porque o pároco, quando tinha alguma menina ‘assim assim’, mandava-a para a casa da Bianchini até que ela a endireitasse”.

Devota de Nossa Senhora de Lourdes, faleceu na vigília da sua festa, no dia 10 de fevereiro de 1954.

Maria Gagliardo (1893-1981)

Nasce aos 19 de janeiro de 1893⁴² em Vighizzolo d’Este (Pádua). Seu pai é ferroviário, sua mãe pertence à nobreza.

Entra no dia 1º de outubro de 1920 na Casa do Santíssimo Redentor, em Este. Como ela mesma narra, o seu confessor, Pe. José Paccagnella, que já havia direcionado à Obra Maria Meneghetti – Irmã Geltrude e Rosina Fornasiero – Irmã Inocência, indica-

⁴² A partir dos documentos de nascimento e de Batismo emitidos pela paróquia e pela certidão de nascimento emitida pelo Município de Vighizzolo deduz-se que ela nasceu nessa data. Por outro lado, na ficha descritiva da religiosa, encontra-se escrito que ela nasceu no dia 13 de dezembro de 1892. Com toda probabilidade o seu nascimento foi registrado posteriormente.

lhe: *“Aquele é o teu lugar”*. Ela gostaria de ir para a clausura, mas, dada a sua saúde frágil, conclui: *“‘Vou para onde o Senhor quiser’. E o Senhor me abriu essa porta. Não tem nada de meu nisso. Sempre estive contente e agradeço ao Senhor”*.

Desejosa de se consagrar a Deus, ela deixa as faturas da família por uma vida de muita pobreza e trabalho, aceitando com alegria privações, provações e incômodos. Por sua índole ela tende à contemplação; em sua juventude, de fato, ela queria entrar para um convento de clausura.

Sempre com um sorriso nos lábios, ela se torna uma mãe para muitos Buoni Fanciulli; é exemplo de humildade, discrição, prudência e profunda vida interior e laboriosidade. Os seus olhos, sempre luminosos, semeiam alegria e deixam em quem ela encontra o desejo de viver na simplicidade e na autenticidade.

Transcorre os seus últimos anos de vida na Casa Piccola Betania, em San Vito di Negrar (Verona). Morre em Negrar no dia 1º de março de 1981.

Maria Assunta Contin (1896-1971)

Nascida no Brasil no dia 14 de setembro de 1896, transfere-se para Casale de Scodosia (Pádua).

Ela mesma lembra que o seu confessor, Pe. Sebastião, foi muito claro: *“Eu a coloco lá, mas as Irmãs são vestidas como boas mulheres. [...] Lembre-se que lá elas não tem hábito. E então eu disse: Não me importo com o hábito; o que me importa é ir para uma casa de religião”*.

Entra na Obra em 20 de novembro de 1920.

De caráter um tanto duro, mas bom, tem grande paciência.

Fazendo um balanço de sua vida, ela escreve: *“Eu fui recebida nesta santa Casa pelo nosso veneradíssimo Pai, Pe. Calábria, 45 anos atrás, por graça totalmente gratuita do Senhor, e sempre tive a convicção de que se tratava do lugar que Ele havia me designado, pois nunca passou pela minha mente ter errado o caminho. E afirmo, sem medo de não dizer a verdade, que eu fui a mais feliz do mundo porque Ele se contentou com a minha boa vontade, com os meus pequenos esforços, para me plenificar com as suas graças espirituais; por isso, no meu coração, não posso nutrir nada mais do que amor e reconhecimento pelo Senhor. [...]*

E se eu, a última dentre todas, pudesse fazer uma exortação a todas as minhas Coirmãs, presentes e futuras, lhes diria que vivendo o espírito puro e genuíno que o

*nosso santo Pai colocou na Congregação das Pobres Servas da Divina Providência se pode ser feliz também nesta terra, porque estaremos seguras de fazer a santa vontade de Deus. E esse é também o meu sincero augúrio, para todas e para sempre, acompanhado da oração”.*⁴³

Morre no dia 8 de outubro de 1871, na Casa Piccola Betania, em San Vito di Negrar (Verona).

Josefina Elvira Centa (1896-1975)

Nascida em Nemezzio (Belluno) no dia 30 de abril de 1896, entra na Obra em 7 de dezembro de 1920.

Gentil e delicada, passa muitos anos no sofrimento físico aceito com o sorriso e afrontado com serenidade e fé. Esta a sua frequente oração: “*Vem, Senhor Jesus!*”

Morre no dia 5 de dezembro de 1975, no Hospital de Negrar (Verona).

Angelina Centa (1899-1987)

Nascida em Nemezzio (Belluno) aos 19 de junho de 1899, entra na Obra em Este no dia 7 de dezembro de 1920, juntamente com sua irmã três anos mais velha, Josefina. Desta, pessoa sábia e madura, recebe uma ajuda determinante para o seu crescimento na vida consagrada.

Sua tarefa fica entre a cozinha e a rouparia.

Em 1970, devido ao seu estado de saúde comprometido, é enviada para dar uma mão às Irmãs mais fracas na Casa Piccola Betania, em San Vito di Negrar (Verona).

De ânimo simples, delicado, piedoso, não lhe falta uma veia de sutileza, mas sempre com modos respeitosos.

Morre no dia 28 de dezembro de 1987.

Lia Baesso (1899-1982)

Nascida em Piombino Dese (Treviso) aos 6 de novembro de 1899, entra na Obra no dia 1º de fevereiro de 1921.

⁴³ CONTIN, M. A. *Lettera a Don Pedrollo*, 30 maggio 1965, AHPSPD, f. Congregazione/Religiose: Povere Serve, fld. 7, c. 27.

Silenciosa e escondida, sempre serena, desenvolve a humilde atividade de cozinheira. A sua vida é um crescer amoroso de dedicação e alegre disponibilidade, sempre sorridente e acolhedora com todos, sem jamais se lamentar pelo grande volume de trabalho.

Pe. Pedro Murari lembra que ela serviu todos os noviços por mais de onze anos com um coração de mãe. Narra, além disso, o seguinte episódio, ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, quando os alemães, por represália, queimam os vilarejos do vale dell'Alpone, no qual está localizada a Casa do noviciado em Roncà (Verona). Durante aquele período de limitações e de carteirinha para receber gêneros alimentícios, foi recebido de presente um garrafão de óleo. Pe. Pedro Murari dirige-se à Irmã Lia: *“Adivinhe, Irmã, o que eu lhe trouxe’. E ela prontamente: ‘Me trouxe o óleo’. ‘Mas como é que a senhora sabe?’, digo eu, desconsertado. ‘Eu sei: há vários dias estou rezando a ‘coroazinha da divina Providência’ para obter o óleo, e estava esperando a resposta do Senhor!’”*

Morre no dia 29 de março de 1982.

Itália Elvira (Adélia) Fantato (1863-1964)

Nascida em Lendinara (Rovigo) aos 6 de abril de 1893, muito provada nos afetos familiares, entra no dia 8 de maio de 1921 na Obra, onde passa a se chamar Irmã Adélia.

Simples, mas profundamente intuitiva, é muito sensível e esquiva de todo formalismo.

Na Casa Madonna di Campagna, ela cuida do altar. Confecciona batinas brancas para os Pobres Servos que devem ir para as terras de missão.

Morre no dia 12 de abril de 1964.

Maria De Lorenzo (1895-1928)

Nascida em Pieve di Cadore aos 6 de setembro de 1895, entra na Obra no dia 22 de agosto de 1921.

De caráter forte, vive a doença com serenidade. Em 28 de janeiro de 1927 entra no hospital em Verona.

Dela restam poucas cartas dirigidas ao Pe. Calábria. Na primeira, não datada, ela escreve: *“Muito Reverendo Pai, o meu coração de filha não pode permanecer indiferente diante de tanta amargura do Pai amadíssimo, sem dizer pelo menos uma palavra de união com ele no sofrimento. Pai, eu sei, eu o sinto, somos nós que costumamos ao senhor tanta amargura, tanta dor, com a nossa pouca correspondência e com nada de abandono à divina vontade. Sim, nós não somos capazes de suportar o menor sacrifício sem lamento, somos cheias de amor próprio, e a menor humilhação nos pesa. Ó, como somos frágeis na provação; não compreendemos ainda os frutos amorosos de Deus bendito, e enquanto isso, com o nosso ir adiante assim, fazemos sofrer quem tanto nos quer bem e que tanto cuidado tem para conosco. Perdoe-nos, Pai; em caridade, Lhe prometo, Pai, que daqui em diante serei mais vigilante sobre mim mesma, procurarei corresponder com mais generosidade à santa vocação que o bom Jesus me colocou no coração, e procurarei uniformizar-me acima de tudo no santo abandono. Neste momento, Pai, digo-lhe que partilho com o senhor o amargo cálice que está bebendo. Neste momento me prostro, se não com o corpo, pelo menos no espírito, aos pés de Jesus Sacramentado, e com toda a efusão do meu ânimo digo a Jesus que me dê a graça de me tornar melhor, mais generosa no sacrifício; e então, da minha generosidade virá o seu alívio, Pai amadíssimo. Sim, rezarei muito, muito pelo senhor, a fim de que o Senhor lhe dê força para sustentar com generosidade de ânimo o peso da cruz.*

Mas Pai, não estou dizendo que o senhor é que deve ir em busca da cruz; não, eu faria mal. Parece-me estar vendo Jesus bendito que se compraz em vê-lo, Pai, em tanta amargura, e como fica feliz em ver o seu servo fiel em contínua agonia; parece estar brincando, ora se escondendo, ora se mostrando. Ó, como o Senhor o ama ternamente, Pai, estou certíssima disso. Ó, como é bom o Senhor e como são justos os seus desígnios.

Pai, adoremos a divina vontade, deponhamos o amargo cálice aos pés da santa cruz, joguemo-nos no coração do amor e escondamo-nos ali dentro para de lá não mais sair. Perdoe se escrevo mal; nesta noite não consigo dormir antes de registrar estas linhas unindo-me com o senhor na dor; me perdoe, mas o meu coração não sabe calar; ainda mais que Jesus me diz: estou feliz em fazer sofrer o teu Pai, porque o quero no paraíso comigo, e justamente por isso eu quero que ele venha atrás de mim”.

Envia outra carta ao Pe. Calábria por ocasião do Santo Natal de 1927, poucos meses antes de morrer. *“Aceite na caridade estas pobres linhas para garantir-lhe que,*

também neste ano, estou unida sempre, embora distante, à minha dileta Casa dos Buoni Fanciulli na solenidade de Natal.

Eu também, se não com o corpo que jaz neste leito mas com o espírito, sempre unida participo a tudo aquilo que se faz de louvor, de honra, de agradecimento ao recém-nascido Menino na nossa Casa.

Eu também me prostrarei perto de Jesus Menino e com a confiança de filha que se abandona nos braços maternos rezarei muito e muito segundo as intenções pelas quais rezarão todos na Casa e especialmente pelo senhor, Pai, e pelas suas intenções; e acima de tudo para que lhe conceda longos anos ao afeto e recordação de nós seus filhinhos, que temos extrema necessidade.

Eu, no lugar da oração, colocarei dores e sofrimentos de todos os dias; com exceção da cabeça, que está sempre bem, todo o restante do corpo, creia-me, Pai, sofre forte continuamente; mas lhe asseguro também que, unida ao Senhor, tudo é nada, estou sempre alegre e feliz, tanto que os demais nem imaginam o meu mal. [...]

Perdoe os meus rabiscos; pode ser que sejam os últimos, porque o sofrimento é muito grande. Mas nós não podemos perscrutar a vontade do Senhor; quando Ele quiser, aquilo que Ele dispuser; com certeza, enquanto estivermos aqui, tudo é dom de Deus. Sempre temos tempo para descontar e ganhar; portanto, é melhor aproveitar do tempo que nos é dado, que é nada diante da eternidade”.

Assim a Irmã Serafina – Adele Carli lembra dela: “Na Casa foi de grande bom exemplo e nos anos de hospital exerceu o apostolado do sofrimento. Morreu santamente”.

Morre no dia 16 de março de 1928.

APÊNDICE II

AS PRIMEIRAS IRMÃS (QUE ENTRARAM ENTRE 1910 E 1921)

NOME E SOBRENOME	IDADE	PROFISSÃO	DIREÇÃO ESPIRITUAL	INGRESSO	MORTE
1. Ângela De Battisti <i>Irmã Vincenzina</i>	49	Trabalha junto às famílias, roupeira	Sacerdote estigmatino, Paulo Gradinati, ursulina externa	17 de abril de 1910	1929
2. Lavinia Perez	47	Condessa. Frequentava o real Colégio “Agli Angeli”	Sacerdote carmelita descalço, Natal Fada	14 de outubro	1918
3. Adele Carli <i>Irmã Serafina</i>	19	Órfã de pai e mãe	O tio sacerdote havia sido ordenado com o Pe. Calábria	25 de março de 1911	1965
4. Laura Fossati <i>Irmã Tarcisia</i>	37	Professora de ensino técnico no Instituto Giacomelli		16 de abril	1958
5. Angelina Dresda	26	Costureira na Pia Casa	Pe. Filipe Bardellini	15 de outubro	1919
6. Maria Meneghetti <i>Irmã Gertrude</i>	21		Pe. José Paganella Pe. Carlos Riva	25 de agosto de 1912	1981
7. Maria Olian Fannio <i>Irmã Imelda</i>	49	Nobre. Frequentava o Colégio das Damas Francesas da Bem-Aventurada Barat	Talvez através de um sacerdote paduano	24 de dezembro	1939
8. Natália Fainelli <i>Irmã Maria</i>	20	Costureira	O confessor, Pe. Carlos Zamparo, a aconselha o Pe. Calábria	1º de maio de 1913	1953
9. Maria Galbusera	39	Professora com formação superior	Sacerdote carmelita descalço, Pe. Natal Fada	9 de outubro	1917
10. Rosina Fornasiero <i>Irmã Inocência</i>	37	Doméstica	Pe. José Paccagnella	17 de abril de 1915	1930
11. Ana Bettoni <i>Irmã Angélica</i>	72	Dama de companhia	Conhece bem o sacerdote carmelita descalço, Natal Fada	23 de abril	1922 Este
12. Giselda Mercoletti <i>Irmã Madalena</i>	22	Filha de pais desconhecidos. Tecerã		4 de julho	1950
13. Teresa Martini <i>Irmã Domingas</i>	39	Doméstica		28 de agosto	1940
14. Justina Soave <i>Irmã Rosália</i>	17	Agricultora		27 de dezembro	1922 Este
15. Vitória Secchieri	53			27 de dezembro	1945
16. Josefina Anomi	44	Filha de pais desconhecidos “sempre pertenceu ao Hospício Esposti, de Verona”		18 de maio de 1916	1923 Este
17. Páscoa Brutti	44	Agricultora – viúva		28 de maio	1928

<i>Irmã Metilde</i>					
18. Maria Ferrari <i>Irmã Pia</i>	26			30 de maio	Sai no final de 1923
19. Amália Dal Cengio <i>Irmã Gaetanina</i>	22	Trabalha numa malharia – a mãe ajuda o Pe. Calábria antes de 1910	Pe. Filipe Bardellini	15 de julho	1924
20. Sílvia Todesco <i>Irmã Carmela</i>	25	Professora no Colégio Giacomelli		14 de novembro	1956
21. Aida Irene Soster <i>Irmã Gabriela</i>	19	Trabalha no Pastifício Cazzola, onde compram o Pe. Calábria e o Pe. Bardellini para seus institutos. Conhece Adele Carli, depois Irmã Serafina e Maria Galbusera	Sacerdote carmelita descalço Natal Fada Pe. Filipe Bardellini	15 de agosto de 1917	1984
22. Cesira Ghira <i>Irmã Melânia</i>	31	Trabalha no Hospital Militar		18 de fevereiro de 1918	1925 Este
23. Maria Carolina Busti <i>Irmã Irene</i>	21	Doméstica		21 de junho	1946
24. Ângela Elisabete de Mori <i>Irmã Beatriz</i>	30			6 de dezembro de 1919	1974
25. Maria Germin <i>Irmã Cecília</i>	26	Camareira nos Marqueses Canossa	Sacerdote carmelita descalço Natal Fada	Fevereiro de 1920	1923 Este
26. Antonietta Seccagno <i>Irmã Clara</i>	35	De família abastada. Frequenta a escola superior Alessandro Manzoni, em Milão	Em correspondência epistolar com Maria Galbusera	19 de abril	10 de maio de 1926
27. Regina Margarida Zabeo	18			2 de julho	1995
28. Maria Josefina Teresa Nalato	34	Tecelã		2 de julho	1971
29. Malvina Zamperetti	52		Dirige, na paróquia, a Pia União das Filhas de Maria	3 de agosto	1941
30. Maria Regina Luisa Bianchini	46	Ótima costureira de roupas masculinas, com bom salário		3 de setembro	1954
31. Maria Gagliardo	27	O pai é ferroviário, a mãe pertence à nobreza	Pe. José Paccagnella	1º de outubro	1981
32. Maria Assunta Contin	24		Pe. Sebastião	20 de novembro	1971
33. Josefina Elvira Centa	24			7 de dezembro	1975
34. Angelina Centa	21			7 de dezembro	1987
35. Lia Basso	21			1º de fevereiro de 1921	1982

36. Itália Elvira Fantato <i>Irmã Adélia</i>	28			8 de maio	1964
37. Maria De Lorenzo	26	Morre ainda noviça		22 de agosto	1928

APÊNDICE III

ELENCO DAS POBRES SERVAS DA DIVINA PROVIDÊNCIA FALECIDAS¹

Nº	NOME E SOBRENOME	DATA DE NASCIMENTO	DATA DA MORTE
1.	Ir. Maria Galbusera	02.11.1874	01.04.1917
2.	Ir. Lavinia Julia Maria Perez	10.06.1863	04.11.1918
3.	Ir. Angelina Dresda	11.08.1885	16.12.1919
4.	Ir. Angélica – Ana Bettoni	27.01.1843	27.02.1922
5.	Ir. Rosália – Justina Soave	27.12.1898	25.08.1922
6.	Ir. Cecília – Maria Germin	24.11.1893	01.01.1923
7.	Ir. Josefina Anomi	08.03.1872	05.07.1923
8.	Ir. Gaetanina – Amália Dal Cengio	19.11.1893	15.02.1924
9.	Ir. Melânia – Cesira Ghira	29.03.1886	08.07.1925
10.	Ir. Metilde – Páscoa Brutti	08.03.1872	27.02.1928
11.	Nov. Maria De Lorenzo	06.09.1895	16.03.1928
12.	Ir. Pia – Maria Ferrari	19.04.1890	21.04.1928
13.	Ir. Vincenzina – Angelina De Battisti	09.07.1861	08.09.1929
14.	Ir. Inocência – Rosina Fornasiero	30.03.1878	30.08.1930
15.	Ir. Imelda – Maria Olian Fannio	02.09.1863	12.02.1939
16.	Ir. Domingas – Teresa Martini	30.04.1876	14.01.1940
17.	Ir. Malvina Zamperetti	03.01.1868	13.06.1941
18.	Ir. Vitória Secchieri	19.12.1862	26.05.1945
19.	Ir. Irene – Maria Carolina Busti	04.11.1896	15.03.1946
20.	Ir. Madalena – Giselda Maria Mercoletti	15.03.1893	12.12.1950
21.	Ir. Maria – Natália Fainelli	25.12.1892	12.11.1953
22.	Ir. Maria Regina Luisa Bianchini	20.04.1874	10.02.1954
23.	Ir. Carmela – Justina Silvia Todesco	25.01.1891	03.07.1956
24.	Ir. Tarcisia – Laura Fossati	09.02.1874	30.12.1958
25.	Ir. Maria Amabile Perini	05.08.1899	08.10.1960
26.	Ir. Amélia Rosa Moretto	19.01.1896	27.06.1961
27.	Ir. Clara – Antonieta Seccagno	06.01.1885	03.03.1962
28.	Ir. Adélia – Itália Elvira Fantato	06.04.1893	12.04.1964

¹ Para facilitar a consulta, a lista de todas as Irmãs falecidas até à data da publicação do presente texto foi organizada segundo a ordem de falecimento. Além disso indica-se, primeiramente, o novo nome assumido por ocasião da profissão.

29.	Ir. Maria Emilia Alberoni	25.10.1900	17.12.1964
30.	Ir. Elisabete Prati	09.06.1908	18.12.1964
31.	Ir. Serafina – Adele Carli	07.09.1891	29.11.1965
32.	Ir. Teresa – Maria Josefina Nalato	03.01.1886	29.05.1971
33.	Ir. Maria Assunta Contin	14.09.1896	08.10.1971
34.	Ir. Luisa Zorzi	03.07.1888	30.11.1973
35.	Ir. Beatriz – Ângela Elisabete De Mori	22.06.1889	06.04.1974
36.	Ir. Zelinda Golinelli	08.10.1891	05.08.1974
37.	Ir. Maria Orlandi	26.08.1885	16.01.1975
38.	Ir. Josefina Elvira Centa	30.04.1896	05.12.1975
39.	Ir. Lúcia Santa Cogo	28.10.1914	06.06.1977
40.	Ir. Maria Gagliardo	19.01.1893	01.03.1981
41.	Ir. Gertrude – Ida Maria Meneghetti	10.03.1891	09.03.1981
42.	Ir. Lia Baesso	06.11.1899	29.03.1982
43.	Ir. Margarida Begnini	21.12.1904	30.06.1983
44.	Ir. Rosa Luisa Palladin	03.05.1928	12.03.1984
45.	Ir. Rosina Domingas Tonezzer	19.01.1905	09.06.1984
46.	Ir. Gabriela – Aida Irene Soster	06.11.1898	24.06.1984
47.	Ir. Erminia Dal Tiglio	17.04.1899	30.04.1985
48.	Ir. Maria Guilhermina Gottardi	21.02.1909	08.05.1986
49.	Ir. Amabile Vanzani	24.07.1907	14.06.1987
50.	Ir. Carolina Maria Savietto	24.04.1897	12.08.1987
51.	Ir. Ângela Savietto	12.07.1902	18.09.1987
52.	Ir. Bruna Elisabete Governo	12.05.1926	08.11.1987
53.	Ir. Angelina Centa	19.06.1899	28.12.1987
54.	Ir. Cornelia Zanoni	06.05.1903	04.12.1988
55.	Ir. Dolores Vacca	03.12.1897	06.12.1988
56.	Ir. Maria Dani	17.04.1916	27.06.1989
57.	Ir. Inês Cogo	13.07.1907	12.08.1989
58.	Ir. Teresa Maria Soga	08.11.1900	15.08.1989
59.	Ir. Oliva Angelina Mascalzoni	20.08.1897	11.01.1990
60.	Ir. Regina Padovani	30.01.1904	14.01.1990
61.	Ir. Rosina Ana Magon	26.07.1898	21.05.1990
62.	Ir. Jacomina Pertile	12.09.1907	30.09.1990
63.	Ir. Dileta Dal Corso	27.05.1916	08.10.1991

64.	Ir. Rina Teresa Scarpolini	21.08.1915	23.01.1992
65.	Ir. Silvia CheccoZZo	21.06.1916	17.11.1992
66.	Ir. Amália Prati	12.09.1912	30.07.1993
67.	Ir. Rosa Catarina Madella	26.10.1909	18.04.1994
68.	Ir. Raimunda Tonellato	01.09.1916	14.01.1995
69.	Ir. Regina Margarida Zabeo	16.05.1902	23.08.1995
70.	Ir. Maria Luisa Cremonese	09.12.1907	16.02.1996
71.	Ir. Dirce Pellegrini	08.10.1992	05.06.1996
72.	Ir. Maria Elvira Zardini	30.12.1911	16.12.1996
73.	Ir. Benvenuta Maria Antonini	16.11.1912	08.05.1997
74.	Ir. Elisa Canteri	23.03.1922	11.06.1997
75.	Ir. Pierina Regina Cogo	28.06.1911	24.07.1997
76.	Ir. Maria Ângela Piccoli	09.08.1907	23.12.1997
77.	Ir. Ana Corsini	04.07.1913	13.01.1998
78.	Ir. Maria Livia Gastaldello	01.05.1914	27.06.1998
79.	Ir. Eleonora Massignan	23.03.1914	03.11.1998
80.	Ir. Maria Inês Rossi	21.01.1913	29.05.2001
81.	Ir. Antonieta Cordioli	04.04.1912	26.08.2001
82.	Ir. Rosália Lapo	23.10.1910	07.02.2002
83.	Ir. Luisa Rizzi	24.03.1907	09.06.2003
84.	Ir. Zaira Maria Pomini	22.01.1907	03.10.2003
85.	Ir. Olga Verardo	26.01.1915	01.02.2004
86.	Ir. Pierina Teresa Mantese	04.03.1916	25.02.2004
87.	Ir. Clelia Pellegrini	30.05.1914	12.07.2004
88.	Ir. Maria Massignani	20.04.1924	05.02.2005
89.	Ir. Clara Savietto	11.12.1913	03.08.2006
90.	Ir. Ida Moiola	05.08.1925	12.06.2007
91.	Ir. Claudia Maria Rodrigues Silva	10.02.1972	13.08.2007
92.	Ir. Maria Frigo	18.10.1914	05.03.2008
93.	Ir. Lucia Carmela Perlini	12.12.1921	16.02.2010
94.	Ir. Teresa Melotto	13.11.1923	28.04.2012
95.	Ir. Maria (Ângela) Luisa Piubel	16.08.1920	01.07.2012
96.	Ir. Aida Maria Brazzoli	05.09.1913	05.11.2012

APÊNDICE IV
CRONOLOGIA DAS MADRES GERAIS,
ASSISTENTES ESPIRITUAIS E CASANTES

Ir. Maria Galbusera	22.11.1913 - 01.04.1917	Pe. Giambattista Battisti	Pe. João Calábria	17.04.1910 - 04.12.1954
Maria Meneghetti <i>Ir. Gertrude</i>	09.06.1917 - 12.05.1925	08.12.1914 - 07.12.1926		
Maria Olian Fannio <i>Ir. Imelda</i>	12.05.1925 - 24.12.1927			
Adele Carli <i>Ir. Serafina</i>	24.12.1927 - 02.08.1931	Pe. Albano Bussinello		
Natália Fainelli <i>Ir. Maria</i>	02.08.1931 - 07.02.1934	07.12.1926 - 02.09.1941		
Aida Soster <i>Ir. Gabriela</i>	07.02.1934 - 02.09.1941			
Adele Carli <i>Ir. Serafina</i>	02.09.1941 - 10.01.1951	Pe. Luiz Adami Pe. Luiz		
Ir. Inês Cogo	10.01.1951 - 11.02.1958	Pedrollo 02.09.1941 - 06.05.1958		
Ir. Maria Rossi	11.02.1958 - 08.02.1964 08.02.1964 - 03.07.1969	Pe. Ottorino Foffano 06.05.1958 - 15.01.1960	Pe. Luiz Pedrollo	05.03.1955 - 01.03.1961 01.03.1961 - 01.05.1967
Ir. Gemma Tibaldo	03.07.1969 - 18.07.1975 18.07.1975 - 26.07.1981 26.07.1981 - 22.07.1987		Pe. José Bistaffa Pe. Adélio Tomasin	01.05.1967 - 07.08.1972 07.08.1972 - 18.07.1978 18.07.1978 - 12.07.1984
Ir. Elisa Canteri	22.07.1987 - 29.07.1993		Pe. Pedro Cunegatti	12.07.1984 - 25.07.1990

	29.07.1993 11.06.1997			25.07.1990 - 22.07.1996
Ir. Maria Sponda	26.09.1997 - 23.07.2003		Pe. Waldemar Longo	22.07.1996 - 22.07.2002 22.07.2002 - 11.04.2008
Ir. Maria Chiara Grigolini	23.07.2003 - 14.07.2009 14.07.2009 -		Pe. Miguel Tofful	11.04.2008 -